

TRILOGIA DAS JOIAS NEGRAS – LIVRO UM

A FILHA DO SANGUE



ANNE
BISHOP



Era poder demais. Nem os
Sangue estavam destinados
a deter tal poder. Nem a
Feiticeira jamais controlara
todo esse poder. A verdade é
que esta menina controlava.
Esta jovem Rainha.

A filha da sua alma. Com
esforço, Saetan estabilizou a
respiração. Poderia aceitá-la.
Poderia amá-la. Ou poderia
temê-la. A decisão cabia
a ele, e o que quer que
decidisse aqui e agora seria
uma decisão com a qual
teria de viver.



manifesto da coleção bang!

Este é o nosso compromisso com você:

*Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.*

*Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.*

*Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.*

Queremos mexer com a sua cabeça.

Mas um click não basta.

É preciso um Bang!

a filha do sangue
trilogia das joias negras / livro um
Anne Bishop

Tradução de Cristina Correia





SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Star Books Digital

TÍTULO: *A Filha do Sangue / nº 5 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Anne Bishop*

EDITOR: *Luís Corte Real*

© 2014 por *Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.*

Daughter of the Blood © 1998 *Anne Bishop. Publicado originalmente nos EUA por Penguin Putnam Inc., 1998*

TRADUÇÃO: *Cristina Correia*

ADAPTAÇÃO: *Diogo Henriques*

REVISÃO: *Rebeca Bolite*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

FOTOGRAFIA DA CAPA: *Artist Partners*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

PRODUÇÃO DIGITAL: *SBNigri Artes e Textos Ltda.*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B527f

Bishop, Anne

A Filha do Sangue [recurso eletrônico] / Anne Bishop [tradução de Cristina Correia]; Rio de Janeiro: Saída de Emergência, 2014.

recurso digital Tradução de: *Daughter of the blood* Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-67296-11-1 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Fantasia. 3. Livros eletrônicos. I. Correia, Cristina. II. Título.

14-
08360

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil,
por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.
Rua Luiz Câmara, 443
Suplementar: Rua Felizardo Fortes, 420 – Ramos
21031-160 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100
www.sdebrasil.com.br

CARTADO EDITOR

“Há algumas perguntas que não devem ser feitas até que uma pessoa tenha maturidade suficiente para apreciar as respostas.”

— Anne Bishop, *A Filha do Sangue*

A *Filha do Sangue* é uma viagem inesquecível num mundo estranho e assombroso dominado pela magia. Essa magia é proveniente de joias que são atribuídas a cada indivíduo em complexas cerimônias, e é em torno delas que existem os Sangue.

Eles vivem para honrar as Trevas. São o produto de uma sociedade dividida por castas que se tornou cruel. No início, eles eram os protetores do Reino, mas com o tempo a essência dos Sangue foi corrompida. Agora os machos são brutalizados desde a infância e se tornam escravos dos caprichos de rainhas maquiavélicas.

Durante muito tempo as Trevas tiveram um Príncipe, mas a chegada de uma Feiticeira com um poder inimaginável foi profetizada. É então que nos é apresentada Jaenelle, o centro do universo negro e sensual criado por Anne Bishop. Ela ainda é jovem, vulnerável, inocente, sujeita a influências corruptas. Quem a controlar terá domínio sobre as Trevas. Cabe a três homens — três príncipes do Sangue que carregam o sobrenome SaDiablo — protegê-la: são eles Saetan, Senhor Supremo do Inferno, e seus filhos, Daemon e Lucivar.

Esses três homens são muito diferentes entre si, mas partilham algumas características: muito poderosos, são profundamente atormentados, e as suas vidas serão alteradas para sempre por Jaenelle. O mais velho, Saetan, sabe que ela é a filha que lhe foi prometida em visões e terá que protegê-la contra a violência das castas. Daemon tem grande fama por sua beleza, mas sua elegância e sensualidade são manchadas por seu enorme cinismo e frieza. Trata-se de um príncipe de imenso poder, mas ele é usado como mero escravo de prazer. Incapaz de se subjugar à tirania das rainhas, Lucivar não consegue controlar sua raiva e é condenado a um encarceramento cruel.

No universo de Anne Bishop, há uma intensidade e ousadia que não deixam ninguém indiferente. As relações entre os personagens constituem alguns dos melhores momentos da obra, e todos eles sofrem com as escolhas que têm que fazer e cujas consequências são quase dolorosas demais para suportar.

Apesar do enredo arrebatador e complexo do universo das Joias Negras, *A Filha do Sangue* é, no fundo, uma bela história de amor em que uma mulher é quase destruída por um mundo cruel, até o momento em que é salva (será mesmo?) por homens com almas desfiguradas pelo passado. Em Jaenelle está concentrada a força que permite aos três SaDiablo combater seus demônios interiores. Mas que preço cada um deles está disposto a pagar para realizar seu desejo mais profundo?

Venha descobrir as Trevas que habitam a mente tortuosa e criativa de Anne Bishop. E, mais do que uma boa leitura, desejo a todos os que se atreverem uma inesquecível viagem

Luís Corte Real

PREFÁCIO

Esta história faz parte da minha vida há 25 anos. Ao escrevê-la, os personagens que eu criava iam se tornando pessoas importantes para mim na época — como são até hoje.

Primeiro foi Daemon Sadi, com sua elegância, frieza e convicção de estar predestinado ao amor da Feiticeira, o mito vivo. Depois veio Lucivar Yaslana, com sua visão mundana da vida e suas asas gloriosas. Por último, o Senhor do Inferno, um homem de grande poder e sabedoria adquirida a duras penas, mas arrependido pelo passado. O vínculo entre os três é Jaenelle Angelline, uma criança admirável que poderá se tornar uma poderosa Rainha — se sobreviver.

À medida que eu acrescentava e suprimia ideias sobre o clã constituído pelos Sangue, começaram a se formar uma cultura e um código de honra em torno dos personagens criados. Brinquei com as expectativas de todos nós, tecendo uma narrativa imagística, de sombras, na qual apresento a trajetória de um pai e seus dois filhos distantes, de um mundo que deu errado, de uma cultura a caminho da destruição, de um sonho que, feito carne, modificou a vida de homens poderosos, transformando tudo.

Uma história de amor e traição, de magia e mistério, de honra e paixão — o preço de um sonho.

Quando comecei a escrever *A Filha do Sangue* e os dois outros livros que compõem a Trilogia das Joias Negras, eu o fazia para mim mesma. Ao longo dos anos, a história foi lida por pessoas do mundo inteiro. Hoje, é com grande orgulho que a compartilho com você.

Bem-vindo aos Reinos dos Sangue.

Anne Bishop

Para Blair Boone e Charles de Lint

RESUMODE PERSONAGENS

PROTAGONISTAS

Jaenelle Angelline é a personagem principal, uma menina de doze anos destinada a se tornar a Rainha das Trevas, também conhecida simplesmente como “Feiticeira”.

Daemon Sadi (SaDiablo) é filho de Saetan e Tersa. Assim como o pai e o irmão, é um Príncipe dos Senhores da Guerra. Escravo sexual nas cortes de Dorothea e de rainhas corrompidas por ela, também é conhecido como “Sádico”. É o macho mais forte na história dos Sangue.

Saetan Daemon SaDiablo é o Senhor Supremo do Inferno, Sacerdote Supremo da Ampulheta e Príncipe da Guerra de Dhemlan. É pai de Daemon e Lucivar. Depois de Daemon, é o macho mais forte dos Sangue.

Lucivar Yaslana (SaDiablo) é filho de Saetan e Luthvian, uma eyriena. Assim como o irmão, Daemon, foi escravizado quando adolescente e forçado a servir nas cortes de Dorothea e suas seguidoras. Por conta do temperamento explosivo, é enviado para as minas de sal de Pruul. É o terceiro macho mais forte dos reinos.

Surreal SaDiablo é uma prostituta assassina, filha de Titian.

Dorothea SaDiablo é a incestuosa Sacerdotisa Suprema de Hayll. Faz parte da assembleia da Ampulheta, formada por Viúvas Negras.

Kartane SaDiablo é filho de Dorothea SaDiablo. Em outros tempos, foi amigo íntimo de Daemon, seu primo.

Hekatah, instigadora das guerras entre Kaeleer e Terreille, é uma demônia-morta que se autoproclama Sacerdotisa Suprema do Inferno. É ex-mulher de Saetan SaDiablo e mãe de Mephis e Peyton.

Robert Benedict alega ser o pai de Jaenelle Angeline. Dirige o hospital conhecido como Briarwood. É ainda um membro influente do conselho dos machos de Chaillot.

JOIAS

Branca Amarela Olho de Tigre Rosa
Azul-Celeste Violeta Opala*
Verde
Azul-Safira Vermelha Cinza
Cinza-Ébano Negra

Ao fazer a Oferenda às Trevas, uma pessoa pode descer no máximo três categorias em relação à sua Joia de Direito por Progenitura.

Exemplo: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até a Rosa.

* Opala é a linha divisória entre Joias mais claras e escuras, uma vez que pode ser ambas.

H I E R A R Q U I A D O S S A N G U E / C A S T A S

MACHOS

PLEBEUS — em qualquer raça, os que não fazem parte dos Sangue.

MACHO DOS SANGUE — termo geral para todos os machos dos Sangue; designa também os machos dos Sangue que não usam Joias.

SENHOR DA GUERRA — macho que usa Joias, de status equivalente ao de feiticeira.

PRÍNCIPE — macho que usa Joias, de status equivalente ao de Sacerdotisa ou Curandeira.

PRÍNCIPE DOS SENHORES DA GUERRA — macho que usa Joias, perigoso e extremamente agressivo; na hierarquia, está ligeiramente abaixo da Rainha.

FÊMEAS

PLEBEIAS — em qualquer raça, as que não fazem parte dos Sangue.

FÊMEA DOS SANGUE — termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; designa também as fêmeas dos Sangue que não usam Joias.

FEITICEIRA — fêmea dos Sangue que usa Joias mas não se encontra em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Joias.

CURANDEIRA — feiticeira que cura ferimentos e doenças físicas, de status equivalente ao de Sacerdotisa e Príncipe.

SACERDOTISA — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testemunha juras e casamentos; faz oferendas; de status equivalente ao de Curandeira e Príncipe.

VIÚVA NEGRA — feiticeira que cura as mentes; tece as teias emaranhadas de sonhos e visões; é versada em ilusões e venenos.

RAINHA — feiticeira que rege os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; logo, é o ponto central da sociedade.

PRÓLOGO

Terreille

Sou Tersa, a Tecelã, Tersa, a Mentirosa, Tersa, a Louca.

Sempre que os Senhores e Senhoras dos Sangue com Joias dão um banquete, sou a diversão que vem depois que os músicos tocaram, os rapazes e moças dançaram e os Senhores já beberam vinho demais e exigem que a sorte lhes seja lida. “Conte-nos uma história, Tecelã”, gritam, enquanto tocam as coxas das moças que os servem e as Senhoras observam os jovens, a decidir quais deles terão o doloroso prazer de servi-las à noite, na cama.

Houve um tempo em que fui parte deles, tão Sangue quanto eles.

Não, não é verdade. Eu *não era* Sangue como eles. Por isso fui quebrada pela lança de um Senhor da Guerra, tornando-me vidro estilhaçado que reflete apenas o que poderia ter sido.

É difícil quebrar um macho com Joias dos Sangue, mas a vida de uma Feiticeira está suspensa pelo fio himenal, e o que acontece na sua Noite da Virgem determina se ela permanecerá intacta para exercer a Arte ou se irá se tornar um receptáculo partido, restando-lhe o sofrimento eterno pela parte de si mesma que se esvaeceu. Ah, alguma magia permanece, o suficiente para a vida do dia a dia e truques de salão, mas não a Arte, o sangue da vida para a nossa espécie.

A Arte, porém, pode ser recuperada — caso se esteja disposto a pagar o preço.

Na minha juventude, lutei contra esse último declive que leva ao Reino Distorcido. É melhor ser quebrada e continuar sã do que ser quebrada e enlouquecer. É melhor olhar para o mundo e reconhecer uma árvore como uma árvore, uma flor como uma flor, do que olhar através de uma névoa para formas cinzentas e fantasmagóricas, vislumbrando claramente apenas os fragmentos de si mesmo.

Pelo menos era o que eu pensava na época.

Enquanto me arrasto para o pequeno banco, luto para me manter nos limites do Reino Distorcido e para ver, uma última vez, o mundo físico. Com cuidado, coloco na pequena mesa junto ao banquinho a estrutura de madeira que segura a minha teia emaranhada, a teia de sonhos e visões.

Os Senhores e Senhoras esperam que eu lhes leia a sorte, e isso eu sempre fiz, não através de mágica, mas mantendo os olhos e ouvidos atentos, e então lhes dizendo o que querem ouvir.

Simples. Sem mágica.

Mas hoje é diferente.

Já faz alguns dias que venho ouvindo um tipo estranho de trovão, um chamado distante. Ontem à noite, rendi-me à loucura para poder recuperar minha Arte de Viúva Negra, uma feiticeira das assembleias da Ampulheta. Ontem à noite, teci uma teia emaranhada para ver os sonhos e visões.

Hoje, os destinos não serão revelados. Só tenho forças para dizer isto uma única vez. Mas, antes de falar, preciso ter certeza de que aqueles que precisam ouvir estão na sala.

Aguardo. Não reparam. Os copos se enchem e voltam a se encher enquanto luto para me manter nos limites do Reino Distorcido.

Ah, ali está ele. Daemon Sadi, do Território denominado Hayll. É lindo, frio, cruel. Tem um sorriso sedutor e um corpo que as mulheres desejam tocar e pelo qual desejam ser acariciadas, mas é dominado por uma raiva fria e insaciável. Quando falam sobre o seu desempenho no quarto, as palavras que as Senhoras murmuram são “prazer excruciante”. Não duvido que seja sádico o suficiente para misturar dor e prazer em partes iguais, mas foi sempre gentil comigo, e esta noite lhe envio um pequeno raio de esperança. Mais do que qualquer um jamais ofereceu a ele.

Os Senhores e Senhoras estão inquietos. Não costumo demorar tanto para começar a falar. A agitação e o aborrecimento estão instalados, mas eu aguardo. Depois desta noite, não fará qualquer diferença.

Ali está o outro, no canto oposto da sala. Lucivar Yaslana, o mestiço eyrieno do Território denominado Askavi.

Hayll não tem qualquer afeto por Askavi, nem Askavi por Hayll, mas Daemon e Lucivar são atraídos um pelo outro sem compreenderem o motivo, tão enredadas estão as suas vidas que não podem se separar. Amigos inquietos, combateram batalhas lendárias e destruíram tantas cortes que os Sangue ficam receosos quando estão juntos, não importa por quanto tempo.

Levanto as mãos e deixo-as cair no colo. Daemon me observa. Não mudou nada, mas sei que aguarda e ouve. E, uma vez que ele ouve, Lucivar também ouve.

— Ela está chegando.

A princípio, não percebem que falei. Quando entendem as palavras, começam os sussurros irritados.

— Vagabunda estúpida — grita alguém. — Diga-me quem irei amar esta noite.

— O que importa? — respondo. — Ela está chegando. O Reino de Terreille será dilacerado por sua própria e estúpida ganância. Os que sobreviverem irão se tornar servos, mas serão poucos.

Estou me afastando dos limites. Pelo meu rosto escorrem lágrimas de frustração. Ainda não, doces Trevas, ainda não. Tenho que dizer isso.

Daemon ajoelha-se a meu lado, suas mãos sobre as minhas. Dirijo-me a ele, somente a ele, e, através dele, a Lucivar.

— Os Sangue de Terreille corrompem as antigas tradições, zombam de tudo o que somos. — Com um gesto, indico aqueles atualmente no poder. — Distorcem os fatos como lhes convém. Vestem-se de maneira elegante e fingem. Enfeitam-se com Joias dos Sangue, mas não compreendem o que significa ser Sangue. Dizem que honram as Trevas, mas não é verdade. Não honram nada, a não ser as próprias ambições. Os Sangue foram criados para servir como protetores dos Reinos. Por isso recebemos o nosso poder. Por isso descendemos dos povos de todos os Territórios, ainda que deles estejamos separados. A corrupção da nossa essência não pode continuar. Chegará o dia em que a dívida será cobrada e os Sangue terão de responder por aquilo que se tornaram.

— São estes Sangue que reinam, Tersa — diz Daemon com tristeza. — Quem resta para cobrar a dívida? Escravos bastardos como eu?

Estou me afastando rapidamente. Minhas unhas se cravam nas mãos de Daemon até tirar

sangue, mas ele não me repele. Baixo a voz. Ele se esforça para me ouvir.

— Há muito, muito tempo as Trevas têm um Príncipe. Agora, a Rainha está a caminho. Pode levar décadas, até séculos, mas está a caminho. — Com o queixo, aponto os Senhores e Senhoras sentados às mesas. — Quando isso acontecer, eles já serão pó, mas você e o eyrieno estarão aqui para servir.

Seus olhos dourados enchem-se de frustração.

— Que Rainha? Quem está a caminho?

— O mito vivo — murmuro. — Os sonhos tornados realidade.

O choque é substituído por um desejo intenso.

— Tem certeza?

A sala é um turbilhão de névoa. Só Daemon continua nítido a meus olhos. Mas ele é a única coisa de que preciso.

— Eu a vi na teia emaranhada, Daemon. Eu a vi.

Estou cansada demais para me manter no mundo real, mas, obstinadamente, continuo agarrando as suas mãos para uma última revelação:

— O eyrieno, Daemon.

Ele olha de relance para Lucivar.

— O que é que tem?

— É seu irmão. Vocês são filhos do mesmo pai.

Não conseguindo mais aguentar, mergulho na loucura apelidada de Reino Distorcido. Vou caindo por entre os fragmentos de mim mesma. O mundo rodopia e se desfaz em estilhaços. Nos seus fragmentos, vislumbro aquelas que foram minhas Irmãs precipitando-se das mesas, aterrorizadas e decididas, e a mão de Daemon estendida, casualmente, destruindo o frágil fio de seda de aranha de minha teia emaranhada.

Não é possível reconstruir uma teia emaranhada. As Viúvas Negras de Terreille podem passar anos assustadores tentando, mas será em vão. A teia não será a mesma e não conseguirão ver o que vi.

No mundo cinza, lá em cima, posso me ouvir uivando, numa gargalhada. Muito abaixo de mim, no abismo psíquico que faz parte das Trevas, ouço um outro uivo, repleto de alegria e de dor, de raiva e de celebração.

Não é mais uma feiticeira que está a caminho, minhas tolas Irmãs, é a Feiticeira.



PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO UM

1 / Terreille

Lucivar Yaslana, o mestiço eyrieno, observava os guardas que arrastavam o homem em soluços para o barco. Não sentia qualquer compaixão pelo condenado que comandara a fracassada revolta de escravos. No Território denominado Pruul, a compaixão era um luxo a que nenhum escravo podia aspirar.

Tinha se recusado a participar da revolta. Os líderes eram homens bons, mas não possuíam a força, a determinação ou a coragem para fazer o que era necessário. Não gostavam de ver derramamento de sangue.

Ele não tinha participado. Apesar disso, Zuultah, a Rainha de Pruul, o castigara.

Os pesados grilhões em volta do pescoço e dos pulsos já tinham deixado sua pele em carne viva, e as costas latejavam com a dor causada pelo chicote. Ele abriu as asas negras, membranosas, numa tentativa de diminuir a dor que sentia.

Na mesma hora, um guarda o acertou com um porrete, recuando logo em seguida, amedrontado pelo débil silvo de raiva emitido por Lucivar.

Ao contrário dos outros escravos, incapazes de ocultar a aflição ou o medo, os olhos dourados de Lucivar não demonstravam qualquer expressão, nenhuma pista psíquica de emoções com as quais os guardas poderiam jogar enquanto forçavam o homem em soluços a entrar no velho barco, com espaço somente para um homem. Sem condições de navegar, a embarcação apresentava grandes buracos na madeira apodrecida, o que, dado o seu propósito atual, apenas a valorizava.

O condenado era pequeno e subnutrido. Contudo, foram necessários seis guardas para metê-lo no barco. Cinco deles agarraram-lhe a cabeça, os braços e as pernas. O sexto untou os órgãos genitais do homem com gordura de bacon antes de pôr sobre o barco uma tampa de madeira, que se encaixou perfeitamente. Tinha orifícios talhados para a cabeça e as mãos. Assim que as mãos do homem foram agrilhoadas a argolas de ferro na parte exterior do barco, a tampa foi fechada de modo que ninguém, a não ser os guardas, a pudesse remover.

Um dos guardas escrutinou o homem aprisionado e balançou a cabeça, com uma falsa consternação. Dirigiu-se aos outros: — Deveríamos lhe dar uma última refeição antes de jogá-lo ao mar.

Os guardas riram. O homem gritou, suplicando por ajuda.

Um a um, os guardas foram enfiando comida, zelosamente, na boca do homem, encaminhando depois os outros escravos, como um rebanho, para os estábulos onde estavam instalados.

— Hoje à noite terão diversão, rapazes — gritou um guarda, às gargalhadas. — Lembrem-se disso da próxima vez que decidirem deixar de servir a Senhora Zuultah.

Lucivar olhou por cima do ombro para, logo em seguida, desviar o olhar.

Atraídas pelo cheiro da comida, as ratazanas enfiaram-se pelos buracos abertos na embarcação. O homem no barco gritou.

As nuvens deslocavam-se rapidamente sobre a lua, mantos cinzentos que ocultavam o luar. O homem no barco não se moveu. Seus joelhos eram feridas abertas, e sangravam devido aos chutes que dava sem parar na cobertura do barco, num esforço para manter as ratazanas à distância. Suas cordas vocais ficaram destruídas de tanto gritar.

Lucivar ajoelhou-se atrás do barco, com movimentos cuidadosos para abafar o som das correntes.

— Não revelei nada a eles, Yasi — disse o homem, com a voz rouca. — Tentaram me obrigar a falar, mas não falei. Restava-me um pouco de honra.

Lucivar levou uma taça aos lábios do homem.

— Beba — disse, a sua voz não mais do que um murmúrio, misturando-se na noite.

— Não — gemeu o homem. — Não. — Começou a chorar, um som seco e gutural arrancado à sua garganta arruinada.

— Vamos, depressa. Depressa. Vai ajudar. — Apoando a cabeça do homem, Lucivar levou a taça aos lábios inchados. Depois de dois goles, Lucivar pousou a taça e afagou a cabeça do homem suavemente com as pontas dos dedos. — Vai ajudar — sussurrou.

— Sou um Senhor da Guerra dos Sangue. — Lucivar ofereceu-lhe novamente a taça e o homem bebeu mais um gole. À medida que sua voz se tornava mais forte, as palavras começaram a perder clareza. — Você é um Príncipe dos Senhores da Guerra. Por que fazem isso com a gente, Yasi?

— Porque neles não existe qualquer honra. Porque neles não existe qualquer lembrança do que é ser Sangue. A influência da Sacerdotisa Suprema de Hayll é uma praga que vem se espalhando pelo Reino durante séculos, consumindo lentamente todos os Territórios que toca.

— Então, talvez os plebeus tenham razão. Talvez os Sangue sejam o mal.

Lucivar continuou a afagar a testa e as têmporas do homem.

— Não. Somos o que somos. Nem mais, nem menos. O bem e o mal existem em todos os povos. Atualmente, quem domina é o mal que existe entre nós.

— E onde estão os bons entre nós? — perguntou o homem, com sonolência.

Lucivar beijou-o na cabeça.

— Foram destruídos ou escravizados. — Ofereceu a taça. — Beba até o fim, Irmãozinho, e estará tudo terminado.

Assim que o homem sorveu o último gole, Lucivar usou a Arte para fazer desaparecer a taça.

O homem no barco riu.

— Me sinto bastante corajoso, Yasi.

— Você é muito corajoso.

— As ratazanas... Já não tenho culhões.

— Eu sei.

— Chorei, Yasi. Perante todos eles, chorei.

— Não importa.

— Sou um Senhor da Guerra. Não deveria ter chorado.

— Não revelou nada a eles. Teve coragem quando foi necessário.
— De qualquer maneira, Zuultah matou os outros.
— Irá pagar por isso, Irmãozinho. Um dia, ela e os outros como ela irão pagar por tudo. —
Lucivar massageou suavemente o pescoço do homem.

— Yasi. Eu...

Foi um movimento repentino, acompanhado de um som agudo.

Lucivar recostou com cuidado a cabeça desfalecida e levantou lentamente. Poderia ter dito a eles que o plano não daria certo, que o Anel de Obediência poderia ser ajustado o suficiente para alertar seu possuidor de um chamado interior de força e resolução. Poderia ter dito a eles que as garras malignas que os mantinham escravizados já se haviam alastrado a territórios demasiado longínquos e que, para libertá-los, seria necessária uma selvageria mais apurada do que aquela de que o homem é capaz. Poderia ter dito a eles que, para manter um homem obediente, existiam armas mais cruéis do que o Anel, que a sua preocupação uns com os outros seria a sua destruição, que a única forma de escapar, mesmo que por pouco tempo, era não se preocupar com ninguém, estar sozinho.

Poderia ter dito a eles.

Entretanto, quando se aproximaram dele, tímidos, cautelosos, ansiosos por questionar um homem que ao longo dos séculos tinha se libertado repetidas vezes mas continuava escravizado, tudo o que disse foi: — Sacrifiquem tudo.

Eles foram embora, desapontados, incapazes de compreender que ele estava falando a sério. Sacrifiquem tudo. Mas havia uma coisa que ele não podia — não queria — sacrificar.

Quantas vezes, depois de rendido e novamente aprisionado por aquele implacável anel de ouro em torno do seu órgão, Daemon o tinha encontrado e encostado na parede, irado, chamando-o de louco e covarde por ter se entregado?

Mentiroso. Mentiroso melífluo e experiente nos assuntos da corte.

Certa vez, Dorothea SaDiablo procurou Daemon Sadi desesperadamente depois de ele ter desaparecido de uma corte sem deixar rastros. Para encontrá-lo foram necessários cem anos, e dois mil Senhores da Guerra pereceram ao tentar recapturá-lo. Ele poderia ter usado aquele pequeno e selvagem Território sob seu domínio e conquistado metade do Reino de Terreille, poderia ter se tornado uma ameaça tangível a usurpação e absorção que Hayll provocava em todos que tocava. Em vez disso, leu uma carta enviada por Dorothea, que lhe chegou pelas mãos de um mensageiro. Leu-a e entregou-se.

A carta dizia apenas: “Entregue-se até a lua nova. Cada dia que passar além disso, arrancarei um pedaço do corpo de seu irmão como pagamento por sua arrogância.”

Lucivar sacudiu-se, tentando expulsar os pensamentos indesejáveis. De certa forma, as memórias revelavam-se piores do que o chicote, uma vez que o faziam pensar em Askavi, com suas montanhas altaneiras a cortar o céu e vales repletos de cidades, fazendas e florestas. No entanto, Askavi já não era tão fértil como antes, pois fora pilhada durante séculos por aqueles que a esgotaram mas nunca retribuíram com o que quer que fosse. Ainda assim, era a sua terra, e os séculos de exílio em escravidão provocavam um desejo ardente pelo cheiro do ar puro da montanha, pelo sabor de um riacho fresco e doce, pelo silêncio dos bosques e, acima de tudo, pelas montanhas sobrevoadas pela raça eyriena.

No entanto, encontrava-se em Pruul, aquela terra árida, quente, deserta e estéril, a serviço da devassa Zuultah, por não conseguir ocultar a aversão que sentia por Prythian, a Sacerdotisa

Suprema de Askavi, por não conseguir domar o temperamento enquanto servia feiticeiras que desprezava.

Entre os Sangue, os machos deveriam servir, não dominar. Lucivar jamais tinha desafiado essa ordem, apesar das várias feiticeiras que matara ao longo dos séculos. Tinha feito isso pois seria um insulto servi-las; ele era um Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra que usava Joias Cinza-Ébano e se recusava a acreditar que servir e ser servil eram sinônimos. Sendo um bastardo mestiço, não acalentava qualquer esperança de atingir posições de autoridade numa corte, apesar da categoria de suas Joias. Sendo um guerreiro eyrieno experiente e dono de um temperamento explosivo mesmo para um Príncipe dos Senhores da Guerra, tinha ainda menos esperanças de que lhe fosse permitido viver fora das correntes sociais de uma corte.

E fora capturado da mesma forma que todos os machos dos Sangue são capturados. Havia algo no seu interior que os fazia ansiar ardentemente por servir, que os impelia a se interligar, de alguma forma, a fêmeas ornadas com Joias dos Sangue.

Lucivar contraiu o ombro e inspirou através dos dentes no preciso momento em que uma ferida infligida pelo chicote voltou a se abrir. Ao tocar com cuidado na ferida, sua mão ficou encharcada em sangue fresco.

Sorriu amargamente, revelando os dentes. Como era aquele velho ditado? Um desejo, ofertado com sangue, é uma prece às Trevas.

Fechou os olhos, ergueu a mão em direção ao negro do céu e iniciou a interiorização, descendo ao abismo psíquico na profundidade das suas Joias Cinza-Ébano para que o desejo se mantivesse secreto, para que ninguém na corte de Zuultah pudesse ouvir a transmissão de seu pensamento.

Ainda que uma única vez, gostaria de servir uma Rainha que respeitasse, alguém em quem realmente pudesse acreditar. Uma Rainha poderosa que não temesse a minha força. Uma Rainha a quem pudesse também chamar amiga.

Friamente divertido pela própria tolice, Lucivar limpou a mão na calça larga de algodão e suspirou. Era uma pena que a declaração de Tersa, enunciada setecentos anos antes, não tivesse passado de simples e louca ilusão. Por algum tempo, foi a sua fonte de esperança. Demorou muito até que ele percebesse que a esperança é amarga.

Olá!

Lucivar olhou em direção aos estábulos onde se alojavam os escravos. Logo os guardas fariam a ronda noturna. Ainda que pairasse no ar um cheiro quente e poeirento, ele desfrutaria da aragem da noite por mais um minuto, antes de regressar à cela imunda com a cama feita de palha, suja e infestada de bichos, antes de regressar ao fedor do medo, de corpos sujos e dejetos humanos.

Olá!

Lucivar voltou-se lentamente, desenhando um círculo, os sentidos físicos alertas, a mente investigando a origem daquele pensamento. A comunicação psíquica podia ser difundida a todos numa determinada área — como gritar num quarto cheio de gente — ou restringida a uma única categoria de Joias — ou, mais ainda, a uma única mente. Aquele pensamento parecia dirigido diretamente a ele.

Não existia nada ali para além do que seria de esperar. O que quer que fosse, tinha desaparecido.

Lucivar balançou a cabeça. Estava ficando tão assustado como os plebeus — aqueles que, qualquer que seja a raça, não fazem parte dos Sangue —, com suas superstições sobre o mal que espregueira durante a noite.

— Olá!

Lucivar girou sobre si próprio, as asas negras abertas para manter o equilíbrio enquanto colocava os pés em posição de combate.

Sentiu-se ridículo ao ver a menina que o fitava, de olhos arregalados.

Não passava de uma coisinha magra, com cerca de sete anos. Descrevê-la como comum seria bondade. Contudo, mesmo ao luar, possuía olhos extraordinários, que faziam-no lembrar do céu ao crepúsculo ou um lago profundo da montanha. Suas roupas eram de boa qualidade, certamente melhores do que as que usaria um pedinte. Os cabelos louros tinham cachos que indicavam carinho e cuidado, mesmo que parecessem ridículos em seu rostinho pontiagudo.

— O que está fazendo aqui? — perguntou abruptamente.

Ela entrelaçou os dedos e encolheu os ombros.

— Eu... ouvi você. Você queria uma amiga.

— *Me ouviu?* — Lucivar olhou-a fixamente. Mas como diabo o tinha ouvido? De fato, tinha transmitido esse desejo para o exterior, mas por um fio Cinza-Ébano. Era o único Cinza-Ébano no Reino de Terreille. A única Joia mais escura que a sua era a Negra, e a única pessoa que usava *essa* Joia era Daemon Sadi. A não ser...

Não. Não podia ser.

Nesse preciso momento, os olhos da menina saltaram de Lucivar para o homem morto no barco e de volta para ele.

— Preciso ir — murmurou, afastando-se.

— Não, não precisa. — Foi até ela sem fazer barulho, como um caçador no encalço de sua presa.

A menina se esquivou.

Em segundos, a tinha apanhado, indiferente ao barulho dos grilhões. Enrolando uma corrente em volta dela, envolveu-lhe a cintura com um braço e levantou-a do chão, soltando um gemido quando ela lhe bateu com o calcanhar no joelho. Ignorou suas tentativas de arranhá-lo, e os pontapés. Embora o machucassem, não tinham o mesmo efeito de um pontapé dado no lugar certo. Quando começou a gritar, tapou-lhe a boca com uma das mãos.

Na mesma hora, ela cravou os dentes em seu dedo.

Lucivar engoliu um grito e praguejou baixinho. Caiu de joelhos, levando a menina com ele.

— Não faça barulho — murmurou, furioso. — Quer que os guardas nos apanhem? — Provavelmente era o que ela queria, e Lucivar esperava que a menina lutasse com alento ainda maior sabendo que a ajuda estava por perto.

Em vez disso, ficou petrificada.

Lucivar encostou sua face à cabeça da menina e inspirou.

— Você é uma menina danada — afirmou com serenidade, lutando para manter o riso longe da voz.

— Por que você o matou?

Estaria imaginando coisas ou a voz dela tinha mudado? Continuava parecendo a voz de uma menininha, mas nela havia trovões, cavernas e céus de meia-noite.

— Estava sofrendo.

— Não podia tê-lo levado a uma Curandeira?

— As Curandeiras não se interessam pelos escravos — vociferou. — Além do mais, as ratazanas deixaram pouco para curar. — Encostou-a com mais força ao seu peito, na esperança

de que, ao aquecê-la com seu corpo, ela parasse de tremer. Parecia pálida demais contra a pele castanho-clara de Lucivar, e ele sabia que não era simplesmente porque tinha a pele clara. — Desculpa. Isso foi cruel.

Quando a menina começou a lutar contra o seu abraço, levantou os braços para que pudesse deslizar sob a corrente entre os seus pulsos. Ela correu atabalhoadamente para longe do alcance de Lucivar, girou sobre si mesma e caiu de joelhos.

Analisaram-se.

— Qual é o seu nome? — perguntou finalmente.

— Me chamo Yasi. — Riu ao vê-la torcer o nariz. — Não me culpe por isso. Não fui eu que escolhi.

— É uma palavra ridícula para alguém como você. Qual é o seu nome verdadeiro?

Lucivar hesitou. Os eyrienos eram umas das raças de longevidade prolongada. Ao longo de 1.700 anos, ele tinha adquirido a reputação de ser depravado e violento. Se ela tivesse ouvido alguma das histórias sobre ele...

Respirou fundo e deixou sair lentamente:

— Lucivar Yaslana.

Não houve qualquer reação, exceto por um tímido sorriso aprovativo.

— Qual é o seu nome, Gata?

— Jaenelle.

Ele esboçou um largo sorriso.

— É um nome bonito, mas acho que Gata também lhe cai bem.

Ela rosnou.

— Está vendo? — Lucivar hesitou, mas tinha de perguntar. A diferença entre Zuultah supor que ele tinha matado aquele escravo e ter certeza absoluta disso seria determinante quando estivesse esticado entre os postes onde seria vergastado. — A sua família veio visitar a Senhora Zuultah?

Jaenelle franziu a testa.

— Quem?

De fato, parecia uma gatinha tentando calcular a forma de atacar um bicho grande e saltitante.

— Zuultah. A Rainha de Pruul.

— O que é Pruul?

— Aqui é Pruul. — Lucivar gesticulou com a mão, indicando a terra em volta deles, praguejando em eyrieno quando as correntes chocalharam. Engoliu o último palavrão ao reparar no olhar intenso e interessado de Jaenelle. — Já que você não é de Pruul e sua família não está de visita, de onde você é? — Ao vê-la hesitar, inclinou a cabeça em direção ao barco. — Sei guardar segredo.

— Sou de Chaillot.

— Chai... — Lucivar engoliu outro palavrão. — Você entende eyrieno?

— Não. — Jaenelle sorriu ironicamente. — Mas agora já sei algumas palavras.

Deveria rir ou estrangulá-la?

— Como chegou aqui?

Ela passou a mão nos cabelos e estreitou os olhos ao contemplar o chão rochoso entre eles. Por fim, encolheu os ombros.

— Da mesma forma que me desloco para outros lugares.

— Viaja pelos Ventos? — guinchou.

Jaenelle ergueu um dedo para testar o ar.

— Não estou falando de brisas ou lufadas de ar. — Lucivar rangeu os dentes. — Os Ventos. As Teias. Os caminhos psíquicos das Trevas.

Jaenelle animou-se.

— É isso que são?

Ele conseguiu interromper um palavrão que já se formava.

Jaenelle inclinou-se para a frente.

— Você é sempre assim tão cretino?

— A maioria das pessoas me considera cretino, é verdade.

— O que isso quer dizer?

— Não importa. — Escolheu uma pedra afiada e desenhou um círculo no chão entre eles. — Este é o Reino de Terreille. — Colocou uma pedra redonda no círculo. — Esta é a Montanha Negra, Ebon Askavi, onde os Ventos se juntam. — Desenhou linhas retas da pedra redonda até a circunferência do círculo. — Estas são as linhas de orientação. — Desenhou círculos menores dentro do círculo original. — Estas são as radiais. Os Ventos são como uma teia de aranha. É possível viajar nas linhas de orientação ou nas radiais, mudando de direção onde se cruzam. Existe uma Teia para cada categoria das Joias de Sangue. Quanto mais escura for a Teia, maior a quantidade de linhas de orientação e radiais e mais rápido é o Vento. Você pode viajar numa Teia da sua categoria ou numa mais clara, mas não pode viajar numa Teia mais escura do que a sua categoria de Joia, a menos que esteja numa Carruagem conduzida por alguém suficientemente forte para se deslocar nessa Teia ou que esteja sendo protegida por alguém que possa. Se tentar fazer isso, provavelmente não vai sobreviver. Entendeu?

Jaenelle mordiscou o lábio inferior e apontou para um espaço entre os filamentos.

— E se eu quiser ir ali?

Lucivar balançou a cabeça.

— No ponto mais próximo, teria de abandonar a Teia de volta ao Reino e viajar de alguma outra forma.

— Não foi assim que cheguei aqui — protestou.

Lucivar estremeceu. Não existiam filamentos de Teia alguma ao redor do complexo de Zuultah. Sua corte estava deliberadamente instalada num desses espaços em branco. Para chegar ali diretamente pelos Ventos, a única forma era abandonar a Teia e deslizar às cegas pelas Trevas, o que, até para os melhores e mais fortes, era algo muito arriscado. A não ser...

— Venha aqui, Gata — chamou com delicadeza. Quando ela se deixou cair à sua frente, Lucivar colocou as mãos em seus magros ombros. — Costuma vagar com frequência?

Jaenelle assentiu lentamente.

— As pessoas me chamam. Assim como você fez.

Como ele fez. Mãe Noite!

— Gata, escute o que eu digo. As crianças são vulneráveis a muitos perigos.

Havia uma expressão estranha nos olhos dela.

— Sim, eu sei.

— Às vezes, um inimigo pode usar a máscara de um amigo até ser tarde demais para escapar.

— Sim — sussurrou.

Lucivar balançou-a gentilmente, forçando-a a olhar para ele.

— Terreille é um lugar perigoso para gatinhas. Por favor, volte para casa e não perambule de novo. Não... Não responda àqueles que chamam.

— Mas desse jeito não vou ver você de novo.

Lucivar fechou os olhos dourados. Uma faca cravada no coração não seria tão dolorosa.

— Eu sei. Mas seremos sempre amigos. E não será para sempre. Quando crescer, irei procurá-la, ou você virá me procurar.

Jaenelle mordiscou o lábio.

— Com que idade se é crescido?

Ontem. Amanhã.

— Digamos, dezessete. Parece uma eternidade, eu sei, mas não é tanto tempo assim. — Nem Sadi inventaria uma mentira melhor do que esta. — Promete não vagar?

Jaenelle suspirou.

— Prometo não vagar em Terreille.

Lucivar ajudou-a a se levantar e virou-a.

— Há uma coisa que quero ensinar a você antes que vá embora. Vai funcionar bem se um homem alguma vez tentar agarrá-la por trás.

Após repetirem a demonstração até que ele tivesse certeza de que ela sabia o que fazer, Lucivar beijou-a na testa e afastou-se.

— Agora vá. A qualquer momento, os guardas vão chegar para a ronda. E lembre-se: uma Rainha nunca quebra a promessa que fez a um Príncipe dos Senhores da Guerra.

— Me lembrarei disso. — Hesitou. — Lucivar? Vou ficar diferente quando crescer. Como vai me reconhecer?

Lucivar sorriu. Dez anos ou cem não fariam nenhuma diferença. Sempre reconheceria aqueles extraordinários olhos cor de safira.

— Eu saberei. Adeus, Gata. Que as Trevas te envolvam.

Jaenelle sorriu e desapareceu.

Lucivar fitou o espaço vazio. Teria sido uma tolice o que lhe havia dito? Provavelmente.

O barulho de um portão despertou sua atenção. Rapidamente, apagou o desenho dos Ventos e deslizou de sombra em sombra até alcançar os estábulos. Atravessou a parede exterior e instalou-se em sua cela no momento em que o guarda abriu o postigo gradeado da porta.

Zuultah era suficientemente arrogante para acreditar que seus feitiços dominadores impediam os escravos de fazer uso da Arte para atravessar as paredes das celas. Era desconfortável atravessar uma parede enfeitada, mas, para Lucivar, não era impossível.

A vagabunda que imaginasse. Quando os guardas encontrassem o escravo no barco, ela suspeitaria que Lucivar lhe tinha partido o pescoço. Desconfiava dele sempre que *qualquer coisa* de errado acontecia em sua corte — e tinha boas razões para tal.

Talvez oferecesse alguma resistência quando os guardas tentassem amarrá-lo aos postes. O alvoroço feroz a manteria distraída, e as emoções violentas cobririam o rastro psíquico que ainda perdurasse da menina.

Ah, sim, conseguiria manter a Senhora Zuultah tão entretida que ela *já* perceberia que a Feiticeira já caminhava no Reino.

2 / Terreille

A Senhora Maris voltou a cabeça na direção do grande espelho de pé.

— Pode ir agora.

Daemon Sadi deslizou da cama e começou a se vestir lentamente, zombeteiro, ciente de que a Senhora Maris o observava pelo espelho. Sempre contemplava o espelho quando ele a servia. Talvez um certo *voyeurismo* em relação a si mesma? Fingiria que o homem refletido no espelho sentia realmente algo por ela, que seu clímax o excitava?

Vagabunda estúpida.

Maris espreguiçou-se e suspirou de prazer.

— Você me lembra um gato selvagem, com essa pele sedosa e músculos ondulantes.

Daemon vestiu a camisa branca de seda. Um predador selvagem? Era uma descrição bastante justa. Se alguma vez o irritasse para além da sua limitada tolerância ao gênero feminino, teria muito gosto em lhe mostrar as garras. Em particular, uma minúscula.

Maris suspirou uma vez mais.

— É tão bonito.

Sim, era lindo. Seu rosto era uma dádiva da sua misteriosa herança, aristocrático e moldado de forma tão harmoniosa que não poderia ser simplesmente caracterizado como belo.

Ele era alto e tinha ombros largos. Mantinha o corpo tonificado e musculoso o suficiente para agradar. Sua voz era profunda e culta, com uma ponta sedutora de rouquidão que enevoava a visão das mulheres. Os olhos dourados e os densos cabelos negros eram típicos das três raças de longevidade prolongada de Terreille, embora sua pele castanho-dourada, de tons quentes, fosse mais clara do que a dos aristocratas hayllianos — mais parecida à da raça Dhemlan.

Seu corpo era uma arma e ele mantinha suas armas bem afiadas.

Enfiou o casaco preto. Suas roupas também eram armas, desde a roupa de baixo até os ternos perfeitamente cortados. Néctar que seduzia os incautos à perdição.

Abanando-se com a mão, Maris olhou diretamente para Daemon.

— Mesmo com este calor, você sequer transpirou.

Aquilo soou como uma queixa, o que de fato era.

Daemon sorriu, zombeteiro.

— Por que deveria?

Maris se sentou, cobrindo-se com o lençol.

— Bastardo cruel e insensível.

Daemon ergueu uma sobancelha perfeitamente desenhada.

— Me acha cruel? Tem razão, é claro. Sou especialista em crueldade.

— E tem orgulho disso, não é? — Maris reteve as lágrimas. Seu rosto contraiu-se, deixando transparecer todas as rugas petulantes provocadas pelo passar dos anos. — É verdade tudo o que dizem sobre você. Até mesmo isso. — Apontou para a sua genitália.

— Isso? — perguntou, sabendo exatamente ao que ela se referia. Ela, e todas as mulheres como ela, perdoariam qualquer maldade que fizesse se conseguissem seduzi-lo até a ereção.

— Você não é um homem autêntico. Nunca foi.

— Também nisso tem toda a razão. — Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça. — Pessoalmente, acho que foi o desconforto provocado pelo Anel de Obediência que causou o problema. — O

sorriso frio e zombeteiro estava de volta. — Talvez se você o tirasse...

Maris ficou tão pálida que Daemon julgou que fosse desmaiar. Tinha dúvidas de que desejasse tão ardentemente assim testar sua teoria a ponto de remover o círculo dourado que envolvia seu órgão. Melhor assim. Ela não sobreviveria nem um minuto depois que ele estivesse livre.

Em todo caso, a maioria das feiticeiras que havia servido não sobrevivera.

Daemon sorriu, o habitual sorriso frio e brutal, enfiando-se na cama a seu lado.

— Então você acha que sou cruel. — Os olhos de Maris já estavam vidrados devido às gavinhas de sedução psíquica que ele tecia à sua volta.

— Sim — sussurrou Maris, fixando os lábios dele.

Daemon inclinou-se, entretido pela rapidez com que Maris entreabriu a boca para receber o beijo. A língua dela brincou avidamente com a dele, e quando finalmente Daemon levantou a cabeça, Maris tentou puxá-lo para cima dela.

— Quer mesmo saber por que não transpiro? — perguntou, com uma gentileza exagerada.

Ela hesitou, desejo e curiosidade guerreando entre si.

— Por quê?

Daemon sorriu.

— Porque, minha querida Senhora Maris, sua pretensa inteligência me aborrece até as lágrimas, e esse corpo que você julga tão elegante e enfeitado sempre que possível, seja onde for, nem aos abutres interessa.

O lábio inferior de Maris estremeceu.

— Você... é um bruto sádico!

Daemon deslizou da cama.

— Como sabe? — perguntou agradavelmente. — O jogo ainda nem começou.

— Saia. SAIA!

Ele saiu rapidamente do quarto, ficando por um momento à porta. O lamento de dor de Maris era o contraponto perfeito a seu riso zombeteiro.

Uma leve brisa desalinhou os cabelos de Daemon enquanto ele seguia por uma trilha de cascalho que cruzava os jardins dos fundos. Desabotoando a camisa, sorriu com prazer ao sentir a brisa acariciar-lhe a pele nua. Tirou um cigarro preto e fino do estojo dourado, acendeu-o e suspirou, deixando o fumo sair lentamente pela boca e pelas narinas, anulando o fedor de Maris.

A luz do quarto de Maris apagou-se.

Vagabunda estúpida. Não compreendia o jogo que ela própria jogava. Não — não compreendia o jogo que *ele* jogava. Com 1.700 anos, estava agora no apogeu. Usava um Anel de Obediência controlado por Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll, desde que se lembrava. Tinha sido criado na sua corte como o filho bastardo dos primos de Dorothea, tinha sido instruído e treinado para servir as Viúvas Negras de Hayll. Ou seja, aprendera o suficiente da Arte para servir aquelas feiticeiras vagabundas do jeito que elas queriam ser servidas. Tinha se substituído em cortes há muito reduzidas a pó enquanto o povo de Maris começava a construir cidades. Tinha destruído feiticeiras superiores a ela e também poderia destruí-la. Tinha derrubado cortes, devastado cidades, provocado pequenas guerras como vingança por jogos de alcova.

Dorothea castigava-o, feria-o, vendia-o para prestar serviços em sucessivas cortes, mas, afinal, Maris e sua espécie eram dispensáveis. Ele não. Sua criação tivera um preço bastante elevado para Dorothea e as outras Viúvas Negras de Hayll, e, o que quer que tivessem feito, não poderiam voltar a fazê-lo.

Os Sangue de Hayll estavam enfraquecidos. Na sua geração, eram poucos os que usavam as Joias mais escuras, o que não chegava a surpreender, uma vez que Dorothea fora bastante meticulosa na eliminação das feiticeiras mais fortes, que poderiam ter desafiado seu poder depois que ela se tornou Sacerdotisa Suprema, mantendo suas seguidoras nas Cem Famílias de Hayll — feiticeiras de joias mais claras, sem qualquer posição social — e as fêmeas dos Sangue de pouco poder como as únicas capazes de acasalar com um macho dos Sangue e de gerar crianças dos Sangue saudáveis.

Agora, precisava de uma linhagem de sangue negro para acasalar com suas Irmãs Viúvas Negras. Assim, embora o humilhasse e torturasse com prazer, não o destruía — se houvesse oportunidade, desejava sua prestativa semente nos corpos das Irmãs, e utilizaria tolas como Maris para desgastá-lo até que estivesse pronto a se submeter.

Ele jamais se submeteria.

Setecentos anos antes, Tersa tinha lhe dito que o mito vivo estava a caminho. Setecentos anos de espera, observando e procurando, esperançoso. Setecentos dilacerantes e extenuantes anos. Recusava-se a desistir, recusava-se a sequer pensar que ela poderia ter se enganado, recusava-se porque seu coração ansiava demais por essa criatura estranha, maravilhosa e aterrorizante chamada Feiticeira.

No fundo da sua alma, ele a conhecia. Em sonhos, ele a via. Nunca materializou um rosto. Ficava embaçado sempre que o tentava focar. Mas podia vê-la com um vestido negro e transparente, fabricado em seda de aranha, um vestido que lhe escorregava dos ombros quando ela se movimentava, um vestido que abria e fechava quando ela andava, revelando a pele nua e fresca como a noite. E haveria no ar um aroma que era o dela, um perfume com o qual acordaria, enterrando o rosto na almofada dela, que já estaria de pé e cuidando de próprios assuntos.

Não era luxúria — o fogo do corpo empalidecia em comparação ao abraço entre mentes —, embora o prazer físico estivesse presente. Queria tocá-la, sentir a textura de sua pele, saborear seu calor. Queria acariciá-la até ambos estarem em brasa. Queria entrelaçar a vida na dela até que fosse impossível saber onde começava uma e terminava a outra. Queria colocar os braços à sua volta, fortes e protetores, e sentir-se, também ele, protegido; possuí-la e ser possuído; dominá-la e ser dominado. Queria a Outra, a sombra ao longo da sua vida, que o fazia sofrer a cada fôlego, enquanto ia tropeçando nessas frágeis mulheres que nada significavam para ele e nunca poderiam significar.

Simplesmente, acreditava ter nascido para ser seu amante.

Daemon acendeu outro cigarro e dobrou o dedo anelar da mão direita. O dente de serpente deslizou para fora do canal e deteve-se na parte inferior de sua unha longa e pintada de preto. Sorriu. Maris perguntava-se se ele tinha garras. Bem, esta queridinha iria impressioná-la. Não por muito tempo, uma vez que o veneno na bolsa embaixo da unha era extremamente potente.

Tinha sorte por ter atingido a maturidade sexual um pouco mais tarde do que a maioria dos hayllianos. O dente de serpente tinha surgido com o resto das alterações físicas, uma surpresa chocante, pois julgava impossível que um macho pudesse ser uma Viúva Negra natural. Durante esse tempo, estivera servindo numa corte onde era sinal de elegância os homens usarem as unhas

compridas, bem como pintá-las, então ninguém estranhou quando aderiu à moda, e ninguém jamais questionou por que continuou a usar as unhas daquela maneira.

Nem mesmo Dorothea. Uma vez que as feiticeiras das assembleias da Ampulheta eram especialistas em venenos e nos aspectos mais obscuros da Arte, bem como em sonhos e visões, sempre achou estranho que Dorothea nunca tivesse adivinhado o que ele era. Se isso tivesse acontecido, ela sem dúvida teria tentado mutilá-lo, deixando-o irreconhecível. Poderia ter êxito antes que ele fizesse a Oferenda às Trevas para determinar o poder que lhe seria atribuído como adulto, quando ainda usava a Joia Vermelha que lhe tinha sido oferecida na Cerimônia de Direito de Progenitura. Se tentasse atacá-lo agora, mesmo com o apoio da assembleia, isso lhe custaria caro. Mesmo Anelado, um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra seria um inimigo formidável para uma Sacerdotisa de Joia Vermelha.

Por essa razão, seus caminhos raramente se cruzavam, e ela o mantinha afastado de Hayll e de sua corte. No entanto, dispunha de um trunfo que o mantinha submisso, e ambos sabiam disso. Se a vida de Lucivar não estivesse em perigo, nem mesmo a dor infligida pelo Anel de Obediência poderia detê-lo. Lucivar... e a carta mais valiosa que Tersa tinha juntado ao jogo de submissão e controle. A carta cuja existência Dorothea desconhecia. A carta que poria um fim ao seu domínio sobre Terreille.

Houve uma época em que os Sangue governaram honradamente e bem. As aldeias de Sangue de cada Distrito protegiam e tratavam de maneira justa as aldeias de plebeus com quem tinham relação. As Rainhas dos Distritos serviam na corte da Rainha da Província. As Rainhas das Províncias, por sua vez, serviam a Rainha do Território, que era escolhida pela maioria dos Sangue que usavam as Joias mais escuras, machos e fêmeas, uma vez que era a melhor e a mais forte.

Nesse tempo, não era necessário recorrer à escravidão para controlar os machos fortes. Seus corações os levavam na direção da Rainha que julgavam adequada. Entregavam suas vidas de boa vontade. Serviam em liberdade.

Nesse tempo, o complicado triângulo da condição dos Sangue não se apoiava tanto na categoria social. A categoria das joias e a casta pesavam da mesma forma ou até mais. O que significava que o controle dessa sociedade era uma dança fluida, cuja condução se alterava constantemente, dependendo dos bailarinos. Mas no centro dessa dança estava sempre uma Rainha.

Essas tinham sido a genialidade e a imperfeição dos expurgos de Dorothea. Sem Rainhas poderosas que desafiassem sua ascensão ao poder, sua expectativa fora a de que os machos se entregassem a ela, uma Sacerdotisa, da mesma forma que se entregariam a uma Rainha. Mas isso não aconteceu. Começou então um tipo diferente de expurgo, e, ao final dele, Dorothea possuía as armas mais afiadas de todas — machos apavorados que roubavam o poder de qualquer fêmea mais fraca para se sentirem poderosos e fêmeas apavoradas que colocavam Anéis em machos potencialmente fortes antes que eles se tornassem uma ameaça.

O resultado foi uma perversão em espiral da sociedade que se centrava em Dorothea não só como o instrumento da destruição mas também como o único refúgio seguro.

E então ela se espalhou para o exterior, para os outros Territórios. Ele tinha visto essas outras terras e também pessoas desmoronando lentamente, esmagadas sob a perversão implacável e sussurrada de Hayll nos hábitos dos Sangue. Tinha visto as poderosas Rainhas, iniciadas cedo demais, regressando da Noite da Virgem quebradas e imprestáveis.

Tinha visto e lamentado tudo isso, furioso e frustrado por não poder fazer muito para deter os acontecimentos. Um bastardo não tem posição social. Um escravo menos ainda, não importa a casta a que pertence por nascimento ou as Joias que usa. Por isso, enquanto Dorothea encenava o seu jogo de poder, Daemon encenava o seu próprio. Ela destruía os Sangue que se opunham a ela. Ele destruía os Sangue que a apoiavam.

No final, Dorothea iria vencer. Daemon sabia disso. Eram escassos os territórios que não viviam à sombra de Hayll. Havia séculos que Askavi tinha aberto as pernas para Hayll. Dhemlan era o único território na parte oriental do Reino que ainda lutava com as últimas forças para se manter livre da influência de Dorothea. Havia também alguns territórios distantes a oeste ainda não completamente subjugados.

Em um século, dois no máximo, Dorothea atingiria sua ambição. A sombra de Hayll cobriria todo o Reino e ela se tornaria a Sacerdotisa Suprema, a soberana absoluta de Terreille, outrora conhecido como Reino da Luz.

Daemon fez desaparecer o cigarro e abotoou a camisa. Ainda tinha de servir Marissa, filha de Maris, antes de poder dormir um pouco.

Não tinha dado mais do que alguns passos quando uma mente roçou a sua, exigindo atenção. Afastou-se da casa e seguiu o puxão mental. Não havia como errar: o odor psíquico, os pensamentos emaranhados e as imagens desordenadas.

O que ela estava fazendo aqui?

O puxão cessou ao chegar ao pequeno bosque na extremidade dos jardins.

— Tersa? — chamou suavemente.

Os arbustos a seu lado agitaram-se e uma mão ossuda agarrou-o pelo pulso.

— Por aqui — disse Tersa, puxando-o ao longo de uma trilha. — A teia é frágil.

— Tersa... — Daemon tentou se esquivar de um ramo baixo que o atingiu no rosto e lhe valeu um puxão no braço. — Tersa...

— Silêncio, garoto — disse furiosamente, arrastando-o.

Concentrou a atenção em se esquivar de ramos e evitar raízes que tentavam fazê-lo tropeçar. Rangendo os dentes, esforçou-se por ignorar o vestido esfarrapado que cobria o corpo subnutrido de Tersa. Sendo uma criança do Reino Distorcido, Tersa era meio selvagem, vislumbrando o mundo como fantasmas acinzentados através dos fragmentos do que tinha sido. A experiência lhe havia ensinado que, quando Tersa estava absorvida por suas visões, era inútil falar com ela sobre coisas mundanas, como comida, roupa e camas quentes e seguras.

Alcançaram uma clareira no bosque onde uma placa de pedra repousava sobre outras duas. Daemon se perguntou se seria natural ou se Tersa a teria construído para servir como altar em miniatura.

Sobre a placa havia apenas uma estrutura de madeira que sustentava a teia emaranhada de uma Viúva Negra.

Apreensivo, Daemon esfregou o punho e aguardou.

— Veja — ordenou Tersa.

Estalou a unha do polegar da mão esquerda na unha do dedo indicador, que se transformou numa ponta aguda. Picou o dedo médio da mão direita e deixou que uma gota de sangue caísse em cada uma das quatro linhas de ligação que seguravam a teia à estrutura. O sangue escorreu pelas linhas de cima e subiu pelas linhas de baixo. Ao unirem-se no meio, os fios de seda de aranha da teia iluminaram-se.

Surgiu diante da estrutura uma névoa em turbilhão, que se transformou num cálice de cristal.

O cálice era simples. Muitos diriam até modesto. Daemon achou-o elegante e bonito. No entanto, aquilo que o atraiu para o altar improvisado era o que o cálice continha.

A névoa negra e riscada de relâmpagos no cálice continha poder que deslizava pelos seus nervos, serpenteava em volta da sua coluna e buscava a libertação no fogo repentino do seu ventre. Era uma força em fusão, de uma intensidade catastrófica, selvagem, para além da compreensão humana... e Daemon queria-a com todo o seu ser.

— Olhe — disse Tersa, apontando para a borda do cálice.

Abriu-se uma minúscula rachadura de uma fenda na borda do cálice até a base. Sob o olhar atento de Daemon, a rachadura tornou-se mais profunda.

A névoa rodopiou dentro do cálice. Uma gavinha passou através do vidro no fundo até a base.

Frágil demais, pensou, à medida que surgiam cada vez mais rachaduras. O cálice era frágil demais para conter aquele tipo de poder.

Aproximou-se dele.

As rachaduras começavam no exterior e dirigiam-se para o interior, e não o contrário. Assim, o próprio cálice estava ameaçado por algo que o ultrapassava.

Daemon estremeceu ao ver mais névoa fluir para a base. Era uma visão. Não podia fazer absolutamente nada para alterar uma visão. Mas todo o seu ser gritava para que *fizesse* algo, para que envolvesse o cálice com a sua força e o estimasse, protegesse e mantivesse a salvo.

Mesmo sabendo que não iria alterar nada do que acontecia aqui e agora, ainda assim estendeu a mão para alcançar o cálice.

Ele se estilhaçou antes que pudesse tocá-lo, espalhando fragmentos de cristal pelo altar improvisado.

Tersa ergueu o que sobrou do cálice estilhaçado. No fundo do copo de bordas irregulares, rodopiava ainda uma réstia de névoa, a maior parte aprisionada na base.

Olhou-o tristemente.

— A teia interior pode ser quebrada sem estilhaçar o cálice. O cálice pode ser estilhaçado sem quebrar a teia interior. Não podem alcançar a teia interior, já o cálice...

Daemon umedeceu os lábios. Não conseguia parar de tremer.

— Eu sei que a teia interior é outra denominação para o nosso âmago, o Eu que pode extrair o poder que existe em nós mesmos. Mas ignoro o significado do cálice.

A mão dela tremeu um pouco.

— Tersa é um cálice estilhaçado.

Daemon fechou os olhos. Um cálice estilhaçado. Uma mente estilhaçada. Falava sobre loucura.

— Me dê a sua mão — pediu Tersa.

Desalentado demais para questioná-la, Daemon estendeu a mão esquerda.

Tersa agarrou-a, puxou-a para a frente e cortou-lhe o pulso com o cálice partido.

Daemon pressionou o pulso com a mão e fitou-a, atordoado.

— Para que nunca se esqueça desta noite — disse Tersa com a voz trêmula. — Essa cicatriz jamais desaparecerá.

Daemon atou um lenço em volta do pulso.

— E que importa uma cicatriz?

— Já lhe disse. Para que não se esqueça. — Tersa cortou os fios da teia emaranhada com o cálice partido. Ao cortar o último fio, o cálice e a teia desapareceram. — Não sei se isso vai

acontecer ou se pode acontecer. Não consegui ver muitos fios na teia. Que as Trevas lhe concedam coragem, se dela precisar, quando dela precisar.

— Coragem para quê?

Tersa afastou-se.

— Tersa!

Tersa voltou-se e olhou para ele, proferiu duas palavras e desapareceu.

As pernas de Daemon cederam. No chão, ele encolheu-se, respirando com dificuldade, seu corpo estremecendo devido ao medo que lhe despedaçava as entranhas.

O que uma coisa tinha a ver com a outra? Nada. *Nada!* Estaria lá como protetor, como escudo. *Estaria lá!*

Mas onde?

Forçou-se a respirar calmamente. Era essa a questão. Onde.

Com certeza não seria na corte de Maris.

A manhã já chegava ao fim quando voltou para casa, dolorido e sujo. Sua pulsação estava acelerada, e a cabeça latejava impiedosamente. Mal chegou ao terraço, a filha de Maris, Marissa, saltou do quarto do jardim e pôs-se à sua frente, as mãos nos quadris, com uma expressão que misturava irritação e desejo.

— Você devia ter vindo ao meu quarto ontem à noite e não apareceu. Onde estava? Está imundo. — Deu de ombros, olhando-o através das pestanas. — Você se portou mal. Tem de vir ao meu quarto se explicar.

Daemon afastou-a para passar.

— Estou cansado. Vou para a cama.

— Vai fazer o que estou mandando! — Marissa mergulhou a mão entre as pernas de Daemon.

A mão de Daemon envolveu seu pulso tão depressa e com tanta força que ela caiu de joelhos chorando de dor antes de perceber o que tinha acontecido. Ele continuou a lhe apertar o pulso até sentir que os ossos ameaçavam despedaçar-se. Daemon então sorriu, aquele sorriso frio, familiar e brutal.

— Não me “porte mal”. Os menininhos é que se portam mal. — Empurrou-a e passou por cima dela, que estava estendida no chão de pedra. — E se voltar a me tocar desse jeito, arranco-lhe a mão.

Caminhou ao longo dos corredores até seu quarto, ciente de que os criados se afastavam à sua passagem, de que uma centelha de violência pairava no ar ao seu redor.

Não se importava. Entrou no quarto, despiu-se, deitou-se e fixou o teto, receoso de fechar os olhos, pois sempre que o fazia via um cálice de cristal estilhaçado.

Duas palavras.

Ela chegou.

3 / Inferno

Antigamente, tinha sido o Sedutor, o Carrasco, o Sacerdote Supremo da Ampulheta, o Príncipe das Trevas, o Senhor Supremo do Inferno.

Antigamente, fora Consorte de Cassandra, a grande Rainha Viúva Negra de Joia Negra, a última Feiticeira a caminhar pelos Reinos.

Antigamente, tinha sido o único Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra na história dos Sangue, temido por sua índole e grande poder.

Antigamente, fora o único macho que era Viúva Negra.

Antigamente, governara o Território Dhemlan no Reino de Terreille e o Território irmão em Kaeleer, o Reino das Sombras. Tinha sido o único macho a governar sem ter de responder a uma Rainha e, à exceção da Feiticeira, o único membro dos Sangue a governar Territórios em dois Reinos.

Antigamente, tinha sido casado com Hekatah, uma Sacerdotisa Viúva Negra da aristocracia, originária de uma das Cem Famílias de Hayll.

Antigamente, criara dois filhos, Mephis e Peyton. Tinha brincado com eles, tinha lhes contado histórias, tinha lido para eles, tinha-lhes curado os joelhos esfolados e os corações partidos, tinha-lhes ensinado a Arte e a Lei dos Sangue, tinha-os inundado com o amor que nutria pela terra bem como pela música, pela arte e pela literatura, tinha-os encorajado a olhar com um desejo ardente para tudo o que os Reinos tivessem a oferecer — não para conquistar mas para aprender. Tinha-os ensinado a dançar em eventos sociais e a dançar pela glória da Feiticeira. Tinha-os ensinado a ser Sangue.

Mas tudo isso fora há muito, muito tempo.

Saetan, o Senhor Supremo do Inferno, estava calmamente sentado à lareira, um cobertor sobre as pernas, folheando um livro que não tinha interesse em ler. Bebeu um gole de yarbarah, o vinho de sangue, sem saborear seu gosto ou sentir seu calor.

Na última década, tinha sido um inválido tranquilo que não saía de seu escritório privado, localizado bem abaixo do Paço. Durante mais de 50 mil anos antes desse período, tinha sido o soberano e o guardião do Reino das Trevas, o Senhor Supremo incontestado.

Já não se interessava pelo Inferno. Já não se interessava pela família e pelos amigos demônios-mortos que permaneciam com ele, nem com os outros demônios-mortos e cidadãos espectrais desse Reino, os Sangue que ainda possuíam uma tal força que os impedia de regressar às Trevas, mesmo após a morte dos seus corpos.

Estava velho e cansado, a solidão que carregara dentro de si a vida toda tornou-se pesada demais. Já não queria ser um Guardião, um dos mortos-vivos. Já não queria a meia-vida pela qual um punhado de Sangue tinha optado a fim de prolongar sua existência por anos além da imaginação. Queria paz, queria esvaecer serenamente de volta às Trevas.

O que o impedia de procurar ativamente essa libertação era a promessa que fizera a Cassandra.

Saetan juntou as unhas longas e pintadas de preto de ambas as mãos e pousou os olhos dourados no retrato pendurado na parede oposta, entre duas estantes.

Ela o fez prometer que se tornaria Guardião para que sua meia-vida prolongada lhe permitisse caminhar entre os vivos quando do nascimento de sua filha. Não uma filha saída do seu ventre,

mas a filha da sua alma. A filha que Cassandra tinha vislumbrado numa teia emaranhada.

Ele tinha feito a promessa porque o que Cassandra lhe disse agitara seus nervos como linhas de orientação numa tempestade, porque esse era o preço do treinamento que faria dele uma Viúva Negra, porque, já nessa época, as Trevas lhe cantavam, o que não acontecia com outros machos dos Sangue.

Tinha mantido a promessa. Mas a filha nunca chegou.

O bater insistente na porta do escritório privado despertou-o dos seus pensamentos.

— Entre — disse, a voz profunda não mais do que um sussurro cansado, um fantasma do que fora.

Mephis SaDiablo entrou, colocando-se ao lado da cadeira, em silêncio.

— O que você quer, Mephis? — perguntou Saetan ao filho mais velho, demônio-morto desde a longínqua guerra entre Terreille e Kaeleer.

Mephis hesitou.

— Tem alguma coisa estranha acontecendo.

O olhar contemplativo de Saetan vagueou de volta para o fogo.

— Que outro se ocupe do assunto, se o desejar. Sua mãe pode tratar disso. Hekatah sempre desejou o poder sem a minha interferência.

— Não — exclamou Mephis, desconfortável.

Saetan examinou o rosto do filho e percebeu que estava com dificuldade para engolir.

— Os seus... irmãos? — perguntou finalmente, incapaz de ocultar a dor provocada pela pergunta.

Tinha sido um tolo vaidoso ao lançar o feitiço que lhe devolveu, temporariamente, a semente da vida. Não lamentava a existência de Daemon e de Lucivar, mas, durante séculos, tinha se torturado com os relatos do que acontecia a eles.

Mephis balançou a cabeça e olhou fixamente para a lareira de mármore vermelho-escuro.

— Na ilha das *cildru dyathe*.

Saetan estremeceu. Nunca temera o que quer que fosse no Inferno, mas sempre sentira um desespero agonizante pelas *cildru dyathe*, os demônios-mortos crianças. No Inferno, os mortos mantinham a forma da última hora de vida. Esse Reino frio e maldito nunca fora um lugar simpático, mas olhar para aquelas crianças, ver o que lhes tinha sido infligido pelas mãos de terceiros, por não existir escapatória possível daquelas feridas ostensivas... Era demais para suportar. Elas mantinham-se na ilha, relutantes em travar qualquer contato com os adultos. Saetan nunca impôs sua presença, pois Char, o líder escolhido, visitava-o de vez em quando para devolver os livros, os jogos e o que quer que encontrasse que pudesse ocupar suas jovens mentes e ajudá-las a passar os inexoráveis anos.

— As *cildru dyathe* sabem cuidar de si mesmas — afirmou Saetan, ajeitando o cobertor. — Você sabe disso.

— Mas... de vez em quando, nas últimas semanas, há outra presença ali. Nunca fica por muito tempo, mas eu a senti, bem como Prothvar, quando sobrevoou a ilha.

— Deixe-os em paz — disse Saetan, bruscamente, devolvendo alguma força à voz com a irritação. — Talvez tenham encontrado um cachorro órfão.

Mephis respirou fundo.

— Hekatah já discutiu o assunto com Char. Por causa disso, as crianças se escondem de qualquer um que se aproxime. Se ela tivesse autoridade para...

Antes que Saetan pudesse responder à breve batida, a porta se abriu. Andulvar Yaslana, outrora o Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra de Askavi, irrompeu pela sala. Atrás dele vinha o seu neto, Prothvar, carregando um grande globo coberto por um pano preto.

— SaDiablo, há algo que precisa ver — disse Andulvar. — Prothvar trouxe isto da ilha das *cildru dyathe*.

Por educação, Saetan simulou uma expressão de interesse. Quando eram jovens, ele e Andulvar tinham se tornado amigos improváveis e servido juntos em várias cortes. Nem mesmo Hekatah destruía essa amizade quando passou a carregar alegremente uma criança que não era dele — a criança de Andulvar. Isto não o virou contra o único homem a quem um dia chamou de amigo — quem poderia culpar um homem por se deixar enredar num dos esquemas de Hekatah? —, mas tinha destruído o seu tempestuoso casamento.

Saetan olhou para cada um dos homens e verificou a mesma intranquilidade em três pares de olhos dourados. Mephis era um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Cinza e praticamente inabalável. Prothvar era um Senhor da Guerra Eyrieno de Joia Vermelha, um guerreiro criado e treinado. Andulvar era um Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra que usava a Cinza-Ébano, a segunda Joia mais escura. Todos eram homens poderosos que não se assustavam com facilidade — mas agora *estavam* amedrontados.

Saetan inclinou-se para a frente, o medo dos outros três homens aguilhoando a bolha de indiferença na qual se tinha fechado há uma década. Seu corpo estava enfraquecido e ele precisava se apoiar numa bengala para caminhar, mas a mente ainda estava aguçada, as Joias Negras ainda vibravam, a destreza na Arte estava bem apurada.

Subitamente, soube que necessitaria de toda essa força e destreza para lidar com o que quer que estivesse acontecendo na ilha das *cildru dyathe*.

Andulvar puxou o pano do globo. Saetan limitou-se a olhar fixamente, o rosto repleto de espanto e descrença.

Uma borboleta. Não, não era uma simples borboleta. Era uma enorme criatura fantástica que batia as asas delicadamente dentro do globo que a confinava. Porém, foram as cores que atordoaram Saetan. O Inferno era um Reino que estava sempre na penumbra, um Reino que empalidecia as cores até elas quase deixarem de existir. A criatura dentro do globo era tudo menos pálida. Seu corpo era alaranjado, suas asas, de uma mistura improvável de azul-celeste, amarelo-dourado e verde-relva. Enquanto olhava, a borboleta perdeu a forma e as cores se misturaram como num desenho a giz sob a chuva.

Alguém na ilha das *cildru dyathe* tinha criado aquele glorioso fragmento de magia, tinha conseguido manter as cores dos Reinos dos vivos num lugar que desbotava a vitalidade, a vibração da vida.

— Prothvar conseguiu prender esta num globo escudado — explicou Andulvar.

— Elas se dissolvem quase de imediato — disse Prothvar, como que se desculpando, encolhendo as asas negras e membranosas para junto do corpo.

Saetan endireitou-se na cadeira.

— Traga Char à minha presença, Senhor Yaslana. — A sua voz assemelhava-se a um suave trovão, acariciadora e dominante.

— Não virá de bom grado — disse Prothvar.

Saetan fixou o Senhor da Guerra demônio-morto.

— Traga Char à minha presença.

— Sim, Senhor Supremo.

O Senhor Supremo do Inferno estava calmamente sentado à lareira, os dedos finos encostados uns aos outros, as longas unhas de um preto brilhante. O anel de Joia Negra em sua mão direita cintilava devido a um fogo interior.

O garoto estava à sua frente, com os olhos no chão, esforçando-se para não se mostrar assustado.

Saetan observou-o com os olhos semicerrados. Já havia mil anos que Char era o líder das *cildru dyathe*. Tinha doze, talvez treze anos, quando alguém o empalou e ateou fogo nele. A vontade de viver tinha sido mais forte do que o corpo, e foi cambaleando que ele passou por um dos Portões, indo parar no Reino das Trevas. O corpo estava de tal forma queimado que era impossível dizer de que raça provinha. Não obstante, este garoto demônio tinha reunido as outras crianças mutiladas e criado um refúgio, a ilha das *cildru dyathe*.

Teria sido um excelente Senhor da Guerra, se lhe tivessem permitido atingir a maioridade, refletiu Saetan indolentemente.

Andulvar, Mephis e Prothvar estavam em pé, formando um semicírculo atrás da cadeira de Char, de maneira a impedir qualquer tentativa de fuga.

— Quem cria as borboletas, Char? — perguntou Saetan, com muito calma.

Os ventos que vêm do norte silvam sobre quilômetros de gelo, reunindo umidade enquanto rasgam o mar gelado, e, ao tocarem por fim num homem, essa umidade fria e cortante infiltra-se em seus ossos e enregela-o em lugares que o fogo mais quente não consegue aquecer. Saetan, quando se encontrava assim tão calmo, tão tranquilo, era como esses ventos.

— Quem cria as borboletas, Char? — repetiu.

Char fixava o chão, as mãos cerradas, o rosto a contorcer-se com as emoções que se espalhavam dentro dele.

— É nossa. — As palavras irromperam da sua boca. — Pertence a nós.

Saetan manteve a calma, embora gelado pela fúria que crescia dentro de si. Até obter uma resposta, não havia tempo para gentilezas.

Char olhou-o também fixamente, aterrorizado mas disposto a resistir.

Todos os cidadãos do Inferno conheciam as sutis nuances da morte — existia a morte e existia a *morte*. Todos os cidadãos do Inferno sabiam que a única pessoa que poderia obliterá-los com um pensamento era o Senhor Supremo. Ainda assim, Char desafiou-o abertamente e aguardou.

De repente, havia alguma outra coisa na sala. Um toque suave. Uma pergunta que circulava num fio psíquico. Char baixou a cabeça, derrotado.

— Ela quer conhecê-lo.

— Então traga-a aqui, Char.

Char endireitou os ombros.

— Amanhã. Trarei-a amanhã.

Saetan examinou o orgulho vacilante nos olhos do rapaz.

— Muito bem, Senhor da Guerra, pode acompanhá-la aqui... amanhã.

4 / Inferno

Saetan folheava um antigo texto da Arte, aberto sobre o apoio de leitura, enquanto as luzes das velas espalhavam uma incandescência suave ao seu redor. Não se virou ao ouvir uma leve pancada na porta do escritório. Uma rápida sondagem psíquica lhe disse quem era.

— Entre. — Continuou a folhear o livro, tentando reprimir seu gênio antes de tratar daquele pequeno demônio insolente. Por fim, fechou o livro e virou-se.

Char estava de pé junto à porta, os ombros orgulhosamente para trás.

— A linguagem é curiosa, Senhor da Guerra — disse Saetan com uma indulgência enganadora.

— Quando você disse “amanhã”, não esperava que se passassem cinco dias.

O medo rastejou até os olhos de Char. Seus ombros caíram. Virou-se para a porta e seu rosto foi invadido por uma estranha mistura de ternura, irritação e resignação.

A menina deslizou pela porta, centrando de imediato a atenção no quadro despojado de Dujae, *Descida aos Infernos*, pendurado sobre a lareira. Os olhos azul-celestes pousaram na grande escrivaninha de madeira escura, ignoraram Saetan educadamente, iluminaram-se quando viram as estantes de livros que iam do chão até o teto e que cobriam quase toda uma parede e detiveram-se no retrato de Cassandra.

Saetan apoiou-se na bengala de ponta prateada, lutando para manter o equilíbrio, ao mesmo tempo que era esmagado por sensações, como numa forte ressaca. Esperava uma *cildru dyathe* dotada, mas esta moça estava *viva*! Devido às habilidades exigidas na criação daquelas borboletas, esperava que estivesse mais perto da adolescência, mas ela não parecia ter mais do que sete anos. Esperava inteligência, mas a expressão nos olhos da menina era meiga e denotava raciocínio lento. O que uma criança viva estava fazendo no Inferno?

Nesse momento, ela se virou e olhou para Saetan. Enquanto ele observava os olhos azul-celestes tornando-se azul-safira, a ressaca o arrebatou.

Olhos antigos. Olhos vorazes. Olhos perturbados, sábios, que *viam*.

Um dedo frio percorreu-lhe sutilmente a coluna no preciso momento em que foi invadido por um desejo ardente e perturbador. O instinto disse-lhe o que ela era. Demorou um pouco mais a reunir coragem para aceitar aquilo.

Não a filha do seu ventre, mas a filha da sua alma. Não somente uma feiticeira dotada, mas a Feiticeira.

Jaenelle baixou os olhos e passou a mão nos cabelos louros cacheados, aparentemente sem ter certeza de ser bem-vinda.

Ele reprimiu o desejo de desfazer aqueles cachos ridículos.

— Você é o Sacerdote? — perguntou ela timidamente, entrelaçando os dedos. — O Sacerdote Supremo da Ampulheta?

Uma sobrancelha negra ergueu-se ligeiramente e um débil e seco sorriso tocou seus lábios.

— Há muito tempo ninguém me chama assim, mas é verdade, sou o Sacerdote. Sou Saetan Daemon SaDiablo. O Senhor Supremo do Inferno.

— Saetan — repetiu, como que experimentando o nome. — Saetan. — Era uma doce carícia, uma carícia sensual e encantadora. — O nome lhe cai bem.

Saetan engoliu uma gargalhada. No passado, seu nome provocara muitas reações, mas nunca desse jeito. Não, nunca desse jeito.

— E você, como se chama?

— Jaenelle.

Aguardou que ela mencionasse o nome de família, mas isso não aconteceu. À medida que o silêncio se prolongava, a sala foi se impregnando de uma prudência repentina, como se Jaenelle aguardasse algum tipo de armadilha. Com um sorriso e um dar de ombros de indiferença para mostrar que aquilo não tinha importância, Saetan gesticulou em direção às cadeiras junto à lareira.

— Quer se sentar e falar comigo, criança-feiticeira? Minha perna não me permite ficar em pé durante muito tempo.

Jaenelle dirigiu-se à cadeira mais perto da porta, Char a segui-la de perto, possessivamente.

Os olhos dourados de Saetan cintilaram de aborrecimento. Fogo do Inferno! Tinha se esquecido do rapaz.

— Obrigado, Senhor da Guerra. Pode ir.

Char ensaiou um protesto. Antes que Saetan pudesse responder, Jaenelle tocou no braço de Char. Não foram proferidas quaisquer palavras, e Saetan não sentiu qualquer fio psíquico. O que quer que tivesse sido transmitido entre as duas crianças foi muito sutil, e não havia dúvidas sobre quem estava no controle. Char fez uma reverência e deixou o escritório, fechando a porta ao sair.

Assim que se instalaram junto à lareira, Jaenelle pregou Saetan à cadeira com seus olhos azuis e intensos.

— Você pode me ensinar a Arte? Cassandra me disse que poderia, se lhe pedisse.

O mundo de Saetan desabou e foi reconstruído no tempo de um batimento de coração, mas ele não permitiu que isso fosse visível em seu rosto. Haveria tempo mais tarde.

— Ensinar-lhe a Arte? Não vejo por que não. Por onde anda Cassandra? Perdemos o contato ao longo dos anos.

— No Altar dela. Em Terreille.

— Muito bem. Venha aqui, criança-feiticeira.

Jaenelle levantou-se obedientemente e colocou-se ao lado da cadeira de Saetan.

Saetan levantou uma das mãos fechada e acariciou suavemente a face de Jaenelle. De imediato, os olhos dela encheram-se de raiva, e, dentro de Saetan, o Negro vibrou subitamente. Ele sustentou o olhar, deixando que seus dedos deslizassem lentamente pelo queixo da menina, tocando levemente seus lábios. Não tentou ocultar a curiosidade, o interesse ou o afeto que sentia pela maioria das fêmeas.

Por fim, juntou os dedos de ambas as mãos à sua frente e aguardou. Passado um momento, a vibração tinha desaparecido, e ele estava novamente no controle de seus pensamentos. Ainda bem, pois não conseguia parar de pensar por que o fato de ser tocada a enraivecera daquela forma.

— Prometo-lhe duas coisas — disse. — Em troca, quero que me prometa uma.

Jaenelle olhou-o desconfiada.

— Prometer o quê?

— Prometo, pelas Joias que uso e por tudo o que sou, que lhe ensinarei o que quer que me pedir, conforme as minhas capacidades. Prometo também que nunca mentirei a você.

Jaenelle refletiu sobre estas palavras.

— E o que eu tenho de prometer?

— Que me manterá informado sobre qualquer lição de Arte que lhe seja transmitida por terceiros. A Arte requer dedicação para ser bem aprendida e disciplina para lidar com as responsabilidades que o poder acarreta. Quero ter certeza de que tudo o que venha a aprender lhe seja transmitido corretamente. Compreende, criança-feiticeira?

— Então você vai me ensinar?

— Tudo o que sei. — Saetan deixou-a refletir. — Combinado?

— Combinado.

— Muito bem. Me dê as suas mãos. — Segurou aquelas pequenas mãos, de pele clara, nas suas mãos morenas. — Vou tocar a sua mente. — Novamente, a raiva. — Não a machucarei, criança-feiticeira.

Com todo o cuidado, Saetan aproximou-se com sua mente até estar diante das barreiras interiores de Jaenelle. Eram os escudos que protegiam os Sangue da sua própria espécie. Como anéis dentro de anéis, quanto mais barreiras são ultrapassadas, mais pessoal se torna a ligação mental. A primeira barreira protege os pensamentos do dia a dia. A última barreira protege o âmago do Eu, a essência de um ser, a teia interior.

Saetan aguardou. Embora desejasse muito obter as respostas, não queria quebrá-la à força. Neste momento, tudo dependia da confiança.

As barreiras tombaram e Saetan prosseguiu.

Não esquadrinhou os pensamentos nem desceu mais profundamente do que o necessário, apesar da curiosidade. Se o tivesse feito, teria sido uma traição ofensiva ao código de honra dos Sangue. Além disso, existia um vazio estranho e profundo na mente dela que o perturbava, uma neutralidade suave que, tinha certeza, escondia algo muito diferente. Depressa encontrou o que procurava — o fio psíquico que vibraria em concordância com um fio da mesma categoria, pelo qual tinha sido puxado, e que lhe diria as Joias que Jaenelle usava ou iria usar após a Cerimônia de Direito por Progenitura. Começou pela Branca, a categoria mais baixa, e continuou, esperando ouvir o zumbido de resposta.

Fogo do Inferno! Nada. Não esperava qualquer resposta até alcançar a Vermelha, mas a essa profundidade já esperaria algo. Ela teria de usar a Vermelha de Direito por Progenitura para que pudesse usar a Negra após realizar a Oferenda às Trevas. A Feiticeira sempre usou a Negra.

Sem pensar, Saetan puxou pelo fio Negro.

O zumbido surgiu.

Saetan largou as mãos da menina, surpreso que as próprias mãos não estivessem tremendo. Engoliu em seco, pois tinha o coração na boca.

— Você já passou pela Cerimônia de Direito por Progenitura?

Jaenelle esmoreceu.

Saetan ergueu-lhe o queixo, com delicadeza.

— Criança-feiticeira?

Os olhos azul-safira da menina encheram-se de angústia. Uma lágrima escorreu-lhe pela face.

— Não passei no tes... teste. Isso significa que tenho de devolver as Joias?

— Não passou no teste... Quais Joias?

Jaenelle enfiou a mão nas pregas do vestido azul, retirando uma bolsa de veludo. Colocou-a na mesa baixa ao lado da cadeira de Saetan com um sorriso de orgulho, embora choroso.

Saetan fechou os olhos, encostou a cabeça ao espaldar da cadeira e esperou sinceramente que a sala parasse de rodopiar. Não precisava olhar para saber o que eram: doze Joias brutas. Branca,

Amarela, Olho de Tigre, Rosa, Azul-Celeste, Violeta, Opala-Sangue, Verde, Azul-Safira, Vermelha, Cinza e Cinza-Ébano.

Não se sabia de onde as Joias vinham. Se alguém estivesse destinado a usar uma Joia, esta simplesmente surgiria no Altar após a Cerimônia de Direito por Progenitura ou após a Oferenda às Trevas. Mesmo na sua juventude, era raro alguém receber uma Joia bruta — uma Joia que nunca tinha sido usada por nenhum Sangue. A sua Joia Vermelha de Direito por Progenitura tinha sido uma Joia bruta. Quando lhe foi oferecida a Negra, também era bruta. Mas receber um conjunto completo de Joias brutas...

Saetan inclinou-se para a frente e tocou com a ponta da unha na Joia Amarela. Cintilou, o fogo no interior a adverti-lo para se afastar. Franziu a testa, intrigado. A Joia identificou-se como fêmea, estando ligada a uma feiticeira e não a um macho dos Sangue, mas dentro dela existia algo de masculino, ainda que frágil.

Jaenelle limpou as lágrimas e fungou.

— As Joias mais claras são para praticar e para as coisas do dia a dia, até eu estar pronta para usar estas aqui. — Puxou outra bolsa de veludo.

A sala girou em todas as direções. As unhas de Saetan trespassaram os braços de couro da cadeira.

Fogo do Inferno, Mãe Noite, e que as Trevas tenham misericórdia!

Treze Joias Negras brutas, Joias que já cintilavam com o fogo interior de uma ligação psíquica. Só o fato de uma criança ter estabelecido ligação com uma Joia Negra sem que sua mente tivesse sido arrastada para as profundezas já era bastante perturbador, mas a força interior necessária para estabelecer ligação e para manter *treze* delas...

Sentiu o medo subindo pela espinha, percorrendo suas veias.

Era poder demais. Nem os Sangue estavam destinados a deter tal poder. Nem a Feiticeira jamais controlara todo esse poder.

A verdade é que esta menina controlava. Esta jovem Rainha. A filha da sua alma.

Com esforço, Saetan estabilizou a respiração. Poderia aceitá-la. Poderia amá-la. Ou poderia temê-la. A decisão cabia a ele, e o que quer que decidisse aqui e agora seria uma decisão com a qual teria de viver.

As Joias Negras iluminaram-se. A Joia Negra do seu anel iluminou-se em resposta. O sangue latejou-lhe nas veias, provocando-lhe dores de cabeça. O poder nessas Joias o aliciava, exigindo reconhecimento.

Descobriu que, afinal, a decisão era fácil de tomar — na verdade, já a tinha tomado há muito, muito tempo.

— Onde conseguiu estas Joias, criança-feiticeira? — perguntou com a voz enrouquecida.

Jaenelle deu os ombros.

— Foi o Lorn.

— L-Lorn? — *Lorn*? Era um nome presente nas lendas mais antigas dos Sangue. Lorn era o último Príncipe dos Dragões, a raça fundadora que criara os Sangue. — Como... Onde conheceu o Lorn?

Jaenelle recolheu-se ainda mais.

Saetan reprimiu o ímpeto de extrair as respostas à força e suspirou dramaticamente.

— Um segredo entre amigos?

Jaenelle anuiu com a cabeça.

Novo suspiro.

— Nesse caso, faça de conta que nunca perguntei. — Bateu levemente com o dedo no nariz de Jaenelle. — O que quer dizer que não poderá contar a ele os *nostros* segredos.

Jaenelle olhou-o com os olhos bem abertos.

— Temos algum?

— Ainda não — resmungou —, mas vou inventar um para que passemos a ter.

Ela soltou uma gargalhada prateada, aveludada, um som extraordinário que deixava transparecer a voz que teria dentro de alguns anos. Assim como seu rosto, por ora exótico e grosseiro demais; mas, doces Trevas, quando esse rosto amadurecesse!

— Muito bem, criança-feiticeira, vamos ao que interessa. Guarde as Joias. Não irá precisar delas por enquanto.

— Ao que interessa? — perguntou, juntando as Joias e enfiando as bolsas nas pregas do vestido.

— A sua primeira lição na Arte básica.

Jaenelle esmoreceu e se empertigou ao mesmo tempo.

Saetan fez um gesto com o dedo. Um peso de papel retangular ergueu-se da escrivaninha de madeira escura e deslizou pelo ar até parar na mesa baixa. O peso de papel era uma pedra polida tirada da mesma pedreira de onde haviam sido tiradas as pedras usadas na construção do Paço neste Reino.

Saetan posicionou Jaenelle em frente da mesa.

— Quero que aponte um dedo para o peso de papel... Assim... E que o desloque pela mesa até onde conseguir.

Jaenelle hesitou, umedeceu os lábios e apontou o dedo.

Saetan sentiu a onda de poder bruto transmitida pela Joia Negra.

O peso de papel não se moveu.

— Tente de novo, criança-feiticeira. Na outra direção.

Voltou a sentir a onda de poder, mas o peso de papel não se moveu.

Saetan coçou o queixo, confuso. Era Arte simples, algo que não deveria apresentar qualquer problema para ela.

Jaenelle esvaeceu.

— Eu tento — disse, a voz abatida. — Eu tento e tento de novo, mas nunca acerto.

Saetan abraçou-a, sentindo uma dor agriçoce no coração quando os braços de Jaenelle lhe envolveram o pescoço.

— Não se preocupe, criança-feiticeira. É preciso tempo para aprender a Arte.

— Por que eu não consigo? Todos os meus amigos conseguem.

Relutante em deixá-la, Saetan forçou-se a afastá-la.

— Talvez tenhamos de começar por algo pessoal. Normalmente é mais fácil. Há alguma coisa com a qual você tenha dificuldades?

Jaenelle passou a mão nos cabelos e franziu a testa.

— Tenho sempre dificuldades em encontrar os meus sapatos.

— Está bem. — Saetan alcançou a bengala. — Coloque um sapato em frente à escrivaninha e depois venha aqui.

Coxeou até o lado mais distante da sala e ficou em pé, de costas para o quadro de Cassandra, estranhamente animado por estar dando a primeira aula da Arte à sua nova Rainha sob os olhos

alertas mas ignorantes da sua última Rainha.

Quando Jaenelle se aproximou, ele disse:

— Muito do trabalho da Arte requer a conversão da ação física em ação mental. Quero que você imagine... A propósito, como *está* a sua imaginação? — Saetan vacilou. Por que se mostrava tão magoada? Sua intenção era apenas gracejar um pouco, uma vez que já tinha visto aquela borboleta. — Imagine-se agarrando o sapato e trazendo-o até aqui. Avance, apanhe-o e traga para mim.

Jaenelle esticou o braço o máximo que pôde, cerrou a mão e puxou.

Aconteceu tudo ao mesmo tempo.

As cadeiras de couro junto à lareira silvaram na direção dele, que contra-atacou a Arte com a Arte, e por um momento se espantou ao ver que nada acontecia, até que uma das cadeiras o derrubou. Caiu sobre a outra e só teve tempo de se encolher antes que a cadeira da escrivaninha de madeira escura batesse contra as costas daquela onde se encontrava, virando-se sobre esta e enjaulando-o. Ouviu os livros encadernados em couro zunindo pela sala como pássaros enlouquecidos antes de caírem no chão com um ruído surdo. Os sapatos de Saetan tamborilavam freneticamente, tentando escapar dos seus pés. E, além disso, Jaenelle gritava: — Parem, parem, parem!

Segundos mais tarde, tudo ficou silencioso.

Jaenelle espreitou pelo espaço entre os braços das cadeiras.

— Saetan? — disse, numa voz baixa e vacilante. — Saetan, você está bem?

Valendo-se da Arte, Saetan enviou a cadeira de cima de volta à escrivaninha.

— Estou bem, criança-feiticeira. — Enfiou os pés nos sapatos e ergueu-se com dificuldade. — Há muitos séculos não ficava tão animado.

— Sério?

Endireitou o casaco preto estilo túnica e passou a mão no cabelo.

— Sim, é sério. — Fosse ou não o Guardião, um homem da sua idade não *deveria* ter o coração galopando daquela forma dentro do peito.

Saetan olhou em volta do escritório e reprimiu um gemido. O livro que antes estivera no apoio de leitura pairava no ar, virado ao contrário. Os demais livros se amontoavam no chão. Na verdade, o único objeto de couro que não tinha respondido ao chamado era o sapato de Jaenelle.

— Desculpe, Saetan.

Saetan cerrou os dentes.

— Leva tempo, criança-feiticeira. — Deixou-se cair na cadeira. Tanto poder bruto e ainda tão vulnerável até ela aprender a usá-lo. Um pensamento percorreu-lhe a mente, provocando um calafrio. — Mais alguém tem conhecimento das Joias que Lorn lhe deu?

— Não. — Sua voz assemelhava-se a um murmúrio da noite. Medo e dor encheram os olhos cor de safira, e algo mais, algo ainda mais forte do que aquelas sensações superficiais. Algo que o fez gelar até o âmago.

Ficou ainda mais gelado pelo medo e pela dor presentes nos olhos da menina.

Mesmo uma criança forte e poderosa dependia dos adultos à sua volta. Se a força dela o enervava, como é que reagiria o seu povo, a sua família, se descobrissem o que aquele pequeno invólucro abrigava? Aceitariam a criança que já era a Rainha mais poderosa da história dos Sangue ou temeriam esse poder? E, se temessem o poder, tentariam separá-los, quebrando-a?

Uma Noite da Virgem levada a cabo com habilidade maléfica poderia despojá-la de seu poder,

deixando o resto intacto. Mas, uma vez que sua teia interior estava tão profundamente localizada no abismo, ela poderia recolher-se para o mais longe possível, o que lhe permitiria suportar a violação física — a não ser que o macho tivesse a capacidade de descer assim tão profundamente pelo abismo de forma a colocá-la em perigo.

Existiria um macho assim tão forte, tão tenebroso, tão perverso?

Existia... um.

Saetan fechou os olhos. Podia mandar chamar Marjong, deixar o Carrasco fazer o necessário. Não, ainda não. Não aquele macho. Não faria isso até que houvesse uma razão para tal.

— Saetan?

Abriu os olhos com relutância e observou, primeiro sentindo-se estúpido, depois cada vez mais chocado, enquanto Jaenelle arregaçava a manga e lhe oferecia o pulso.

— Não há necessidade de um pagamento de sangue — falou.

Ela não baixou o pulso.

— Vai fazer você melhorar.

Aqueles olhos antigos o queimavam, despiam-no por completo de sua carne, por fim fazendo-o tremer, desnudado à frente dela. Ele tentou recusar, mas as palavras não queriam sair. Podia sentir o sangue fresco, a força da vida a bombear através das veias de Jaenelle num ritmo contrário ao do batimento do seu próprio coração.

— Não assim — disse com a voz rouca, puxando-a para si. — Não comigo. — Com a delicadeza de um amante, desabotoou-lhe o vestido e com a unha fez uma incisão na pele sedosa do pescoço. O sangue fluíu, quente e doce. Cerrou a boca sobre a ferida.

O poder de Jaenelle ergueu-se debaixo dele como uma torrente lenta e negra, habilmente controlada, uma torrente que o arrastou, purificou e curou apesar de sua mente estremecer, absorvida por outra tão poderosa e, ao mesmo tempo, tão dócil.

Contou os batimentos do coração de Jaenelle. Ao chegar a cinco, ergueu a cabeça. Ela não parecia chocada ou assustada, as emoções habituais que os vivos sentem ao serem solicitados a oferecer sangue diretamente das veias.

Jaenelle passou um dedo trêmulo pelos lábios de Saetan.

— Se tivesse bebido mais, ficaria completamente curado?

Saetan invocou uma bacia de água morna e lavou o sangue do pescoço de Jaenelle com um pano de linho limpo. Não iria explicar a uma criança o que aqueles dois goles de sangue já estavam provocando nele. Ignorou a pergunta, na esperança de que Jaenelle não o pressionasse a responder, e concentrou-se na Arte necessária à cura da ferida.

— Ficaria? — perguntou, assim que o pano e a bacia desapareceram.

Saetan hesitou. Tinha dado a sua palavra de que não mentiria.

— Seria melhor se a cura fosse feita aos poucos. — Ao menos isso era verdade. — Outra lição, amanhã?

Jaenelle desviou rapidamente o olhar.

Saetan ficou tenso. Ela ficara assustada com o que ele tinha feito?

— Já... Já prometi a Morghann que a visitaria amanhã e a Gabrielle no dia seguinte.

O alívio provocou-lhe tonturas.

— Então, daqui a três dias?

Jaenelle examinou o rosto dele.

— Você não se importa? Não está zangado?

Na verdade se importava, mas aquilo fazia parte da possessibilidade instintiva de um Príncipe dos Senhores da Guerra. Além disso, tinha muito que fazer antes de voltar a vê-la.

— Creio que seus amigos não teriam uma boa impressão do seu novo mentor se este lhe tomasse todo o tempo, não acha?

Ela sorriu abertamente.

— É provável. — O sorriso desapareceu. O olhar magoado regressou aos olhos. — Preciso ir. É verdade, tinha muito que fazer antes de voltar a vê-la.

Jaenelle abriu a porta e parou.

— Acredita em unicórnios?

Saetan sorriu.

— Uma vez os conheci, há muito tempo.

O sorriso de Jaenelle, antes de desaparecer pelo corredor, iluminou a sala, iluminou os recantos mais escuros do coração de Saetan.

— Fogo do Inferno! O que aconteceu, SaDiablo?

Saetan agitava o sapato abandonado de Jaenelle à frente de Andulvar, sorrindo friamente.

— Uma lição de Arte.

— *O quê?*

— Conheci a criadora da borboleta.

Andulvar olhou para a bagunça.

— Foi ela que fez isto? Por quê?

— Não foi intencional, apenas descontrolado. Ela não é *cildru dyathe*. É uma criança viva, uma Rainha, e é a Feiticeira.

Andulvar ficou de boca aberta.

— Feiticeira? Como Cassandra?

Saetan abafou um resmungo.

— Não como Cassandra, mas, sim, Feiticeira.

— Fogo do Inferno! Feiticeira. — Andulvar balançou a cabeça e sorriu.

Saetan fixou os olhos no sapato.

— Andulvar, meu amigo, espero que ainda possua sob o cinto toda a força da qual se gabava, visto que estamos em grandes apuros.

— Por quê? — questionou Andulvar, desconfiado.

— Porque você vai me ajudar a treinar uma Feiticeira de sete anos que, neste momento, já dispõe de um poder bruto capaz de nos reduzir a pó e, no entanto — deixou cair o sapato sobre a cadeira —, é um desastre na Arte básica.

Mephis bateu rapidamente à porta e entrou no escritório, tropeçando numa pilha de livros.

— Um demônio acabou de me contar algo estranhíssimo.

Saetan ajeitou a capa e alcançou a bengala.

— Seja breve, Mephis. Tenho um compromisso e já estou bastante atrasado.

— Disse que viu o Paço deslocar-se alguns centímetros. Todo o Paço. Passados alguns momentos, voltou ao lugar.

Saetan manteve-se em pé, imóvel.

— Mais alguém viu?

— Acho que não, mas...

— Então diga a ele que mantenha a boca fechada, se não quiser perder a língua.

Saetan passou rapidamente por Mephis, deixando o escritório que fora seu lar na última década, deixando para trás o seu preocupado filho demônio-morto.

CAPÍTULO DOIS

1 / Terreille

No crepúsculo outonal, Saetan observou o Santuário, um lugar esquecido e em ruínas, repleto de memórias e pragas que lhe traziam alguma vida. Ainda assim, no interior desse lugar desfeito, havia um Altar das Trevas, um dos treze Portões que ligavam os Reinos de Terreille, de Kaeleer e do Inferno.

O Altar de Cassandra.

Encoberto por um escudo de visão e por um escudo psíquico Negro, Saetan mancou pelos inférteis cômodos externos, margeando poças d'água que haviam se formado após uma tempestade vespertina. Um rato, à procura de comida entre as pedras caídas, não notou a sua presença. A Feiticeira que habitava esse labirinto de cômodos também não o pressentiria. Embora ambos usassem Joias Negras, a força de Saetan era um pouco mais obscura, um pouco mais profunda do que a dela.

Saetan deteve-se à porta de um quarto. As cobertas da cama pareciam relativamente novas, bem como as pesadas cortinas corridas sobre as janelas. Eram necessárias para o descanso da Feiticeira durante o dia.

No início da meia-idade, os corpos dos Guardiões conservam a maior parte das capacidades dos vivos. Ingerem comida como os vivos, bebem sangue como os demônios-mortos e podem caminhar à luz do dia, embora prefiram o lusco-fusco e a noite. Com o passar dos séculos, a necessidade de alimentos diminui até só precisarem do yarbarah, o vinho de sangue. A preferência pela escuridão torna-se necessidade, uma vez que a luz do dia provoca dores físicas debilitantes.

Saetan encontrou-a na cozinha, cantarolando desafinada enquanto tirava uma taça de vinho do armário. O vestido disforme, cor de lama, tinha manchas de sujeira. O longo cabelo trançado, agora reduzido a um vermelho desbotado, estava coberto por teias de aranha. Ao virar-se de frente para a porta, ainda sem se dar conta da presença de Saetan, o reflexo do fogo suavizou a maioria das rugas do seu rosto, as rugas que ele sabia existirem pois estavam no retrato pendurado no seu escritório privado, o retrato que conhecia tão bem. Ela tinha envelhecido desde a morte que não foi morte.

Mas ele também tinha envelhecido.

Deixou cair o escudo de visão bem como o escudo psíquico.

A taça de vinho estilhaçou-se no chão.

— Praticando Arte caseira, Cassandra? — perguntou calmamente, lutando para reprimir um sentimento avassalador de traição.

Ela afastou-se de Saetan.

— Deveria ter percebido que ela contaria a você.

— Sim, deveria. Também deveria saber que eu viria. — Jogou a capa sobre uma cadeira de

madeira, estranhamente animado pela forma como os olhos esmeralda de Cassandra se arregalaram ao perceber quão pesadamente ele se apoiava na bengala. — Estou velho, Senhora. Completamente inofensivo.

— Você nunca foi inofensivo — disse ela, causticamente.

— É verdade, mas você nunca se importou com isso quando eu era útil. — Cassandra não respondeu e Saetan desviou o olhar. — Odiava-me tanto assim?

Cassandra se aproximou.

— Nunca o odiei, Saetan. Eu...

... *Tinha medo de você.*

As palavras pairaram entre eles, não ditas.

Cassandra fez desaparecer a taça de vinho quebrada.

— Aceita uma taça de vinho? Não tenho yarbarah, mas tenho um tinto aceitável.

Saetan acomodou-se numa cadeira junto à mesa de pinho.

— Por que parou de beber yarbarah?

Cassandra pousou uma garrafa e duas taças na mesa.

— Aqui é difícil de adquirir.

— Vou lhe mandar algumas garrafas.

A primeira taça de vinho foi bebida em silêncio.

— Por quê? — perguntou Saetan, por fim.

Cassandra brincava com a taça de vinho.

— As Rainhas de Joia Negra são poucas e muito dispersas. Quando me tornei Feiticeira não existia ninguém para me ajudar, ninguém com quem falar, ninguém que me auxiliasse na preparação para as alterações drásticas que minha vida sofreria após a realização da Oferenda. — Deu um riso sem graça. — Eu não tinha ideia do que significava ser Feiticeira. Não queria que a minha sucessora passasse pela mesma coisa.

— Você podia ter me contado que pretendia se tornar Guardiã em vez de simular a derradeira morte.

— E você permaneceria o Consorte leal e fiel de uma Rainha que já não necessitava de um?

Saetan voltou a encher as taças.

— Eu poderia ter sido um amigo. Ou você poderia ter me dispensado da sua corte, se era isso que pretendia.

— Dispensar você? *Você?* Você era... é... Saetan, o Príncipe das Trevas, Senhor Supremo do Inferno. Ninguém pode dispensar você. Nem mesmo a Feiticeira.

Saetan olhou-a fixamente.

— Maldita seja — disse, com amargura.

Cassandra, aborrecida, afastou uma mecha de cabelo que lhe caía sobre o rosto.

— Está feito, Saetan. Foi há uma eternidade. Agora temos que pensar na criança.

Saetan observou o fogo na lareira. Cassandra tinha direito à própria vida e com certeza não era responsável pela dele, mas não compreendia — ou não queria compreender — o significado que aquela amizade poderia ter tido para ele. Mesmo que nunca mais voltasse a vê-la, saber que ela continuava a existir poderia ter preenchido um pouco do vazio que sentia. Teria ele desposado Hekatah se não se sentisse tão desesperadamente só?

Cassandra entrelaçou os dedos em volta da taça.

— Você a viu?

Saetan pensou em seu escritório e bufou.

— Sim, eu a vi.

— Vai se tornar Feiticeira. Tenho certeza.

— Vai se tornar? — Os olhos dourados de Saetan estreitaram-se. — O que quer dizer com “vai se tornar”? Será que estamos falando da mesma criança? Jaenelle?

— Claro que estamos falando de Jaenelle — retrucou Cassandra.

— Ela não “vai se tornar” Feiticeira, Cassandra. Ela já é Feiticeira.

Cassandra balançou a cabeça energicamente.

— Impossível. A Feiticeira sempre usa as Joias Negras.

— Assim como a filha da minha alma — afirmou Saetan, com uma calma extrema.

Ela levou um momento até perceber. Quando percebeu, ergueu a taça de vinho com as mãos trêmulas e a esvaziou.

— Como é... que você...

— Ela me mostrou as Joias que lhe foram oferecidas. Um conjunto completo de Joias brutas “mais claras”... E esta foi a primeira vez que ouvi alguém referir-se à Cinza-Ébano como uma Joia clara... E treze Negras também brutas.

O rosto de Cassandra ficou cinza. Saetan esfregou-lhe as mãos frias, preocupado com a comoção que vislumbrou em seus olhos. Cassandra tinha sido a primeira a ver a criança na teia emaranhada. Ela lhe contara. Teria Cassandra somente visto a Feiticeira sem compreender o que estava por vir?

Saetan lançou um feitiço de aquecimento sobre a capa, enrolando-a em volta de Cassandra. Em seguida, aqueceu outra taça de vinho sobre uma pequena labareda de fogo encantado. Quando os dentes de Cassandra pararam de tiritar, regressou à sua cadeira.

Os olhos esmeralda de Cassandra fizeram a pergunta que ele não conseguiu verbalizar.

— Lorn — disse calmamente. — Foi Lorn quem lhe deu as Joias.

Cassandra estremeceu.

— Mãe Noite. — Balançou a cabeça. — Não deveria ser assim, Saetan. Como iremos controlá-la?

A mão de Saetan fez um movimento brusco ao encher de novo a taça. O vinho espirrou na mesa.

— Não iremos. Não iremos nem mesmo tentar.

Cassandra bateu com a palma da mão na mesa.

— É uma criança! Jovem demais para compreender tal poder e sem preparo emocional para aceitar as responsabilidades que esse poder acarreta. Nessa idade, está extremamente receptiva a influências.

Por pouco não lhe perguntou quais influências temia, mas o rosto de Hekatah surgiu-lhe de súbito na mente. Encantadora, charmosa, intriguista, maléfica Hekatah, que se casou com Saetan apenas porque julgava que ele a tornaria Sacerdotisa Suprema de Terreille ou, provavelmente, a influência feminina dominante dos três Reinos. Quando ele se recusou a ceder aos seus desejos, Hekatah tentou por si mesma, causando a guerra entre Terreille e Kaeleer, uma guerra que deixou Terreille devastada durante séculos e fora a razão de muitas das raças de Kaeleer terem impedido o acesso de estranhos às suas terras. Nunca mais se ouviu falar ou se voltou a ver essas raças.

Se Hekatah pusesse as mãos em Jaenelle e moldasse a menina à sua imagem ávida e

ambiciosa...

— Você tem que controlá-la, Saetan — afirmou Cassandra, observando-o.

Saetan balançou negativamente a cabeça.

— Mesmo se estivesse disposto a isso, creio que não conseguiria. Em volta dela existe uma névoa suave, uma bruma delicada, fria e obscura. Embora tão jovem, creio que eu não gostaria de descobrir o que há por trás disso sem que ela me convidasse. — Incomodado pela forma como Cassandra continuava a fulminá-lo com o olhar, Saetan observou a cozinha e reparou num desenho primitivo pregado à parede. — Onde foi que conseguiu aquilo?

— O quê? Ah, Jaenelle deixou-o aqui há alguns dias e pediu-me que o guardasse. Parece que estava brincando com uma amiga e não quis levar o desenho para casa. — Ajeitou os cabelos rebeldes que teimavam em sair da trança. — Saetan, você disse que há uma suave névoa em volta dela. Ao redor de Beldon Mor também existe uma bruma.

Saetan franziu a testa. Por que deveria se importar com o tempo que fazia numa cidade qualquer? Aquele desenho continha uma resposta, se ele a conseguisse descobrir.

— Uma bruma psíquica — acrescentou Cassandra, batendo com os nós dos dedos na mesa —, que afasta demônios e Guardiões.

Saetan ficou repentinamente interessado.

— Onde fica Beldon Mor?

— Em Chaillot. É uma ilha a oeste daqui. Você pode vê-la da colina atrás do Santuário. Beldon Mor é a capital. Creio que é ali que Jaenelle vive. Tentei encontrar uma forma de...

Tinha agora toda a atenção de Saetan.

— Está maluca? — Passou os dedos pelo denso cabelo negro. — Se ela se esforçou tanto para preservar a privacidade, por que tenta invadi-la?

— Por causa do que ela é — disse Cassandra, entre dentes. — Achei que seria óbvio.

— Não invada a privacidade dela, Cassandra. Não lhe dê razão para não confiar em você. E a razão para isso também deveria ser óbvia.

Passaram alguns minutos de silêncio tenso.

A atenção de Saetan voltou a centrar-se no desenho. Uma utilização criativa de cores vivas, mesmo que não conseguisse entender o que representavam. Como é que uma criança capaz de criar borboletas, de mover uma estrutura do tamanho do Paço e de construir um escudo psíquico que mantinha afastados somente determinados seres poderia ser tão inábil em Arte básica?

— É tosco — murmurou Saetan, à medida que seus olhos se arregalavam.

Cassandra levantou os olhos, aborrecida.

— É uma criança, Saetan. Não pode esperar que tenha o treinamento ou o controle motor...

Guinchou quando Saetan agarrou seu braço.

— Mas isso! Para Jaenelle, fazer algo que exija um consumo de energia psíquica tão grande é como lhe dar uma enorme folha de papel e lápis de cor. As pequenas coisas, o básico pelo qual habitualmente começamos, porque não exigem tanta força, para ela é como pedir para usar um pincel com um único pelo. Ela ainda não possui o controle físico ou mental para realizá-las. — Deixou-se cair na cadeira, exultante.

— Excelente — exclamou Cassandra, sarcástica. — Não consegue mover móveis num quarto, mas consegue destruir todo um continente.

— Nunca fará isso. Não tem essa índole.

— Como pode ter certeza? Como irá controlá-la?

Voltaram ao mesmo assunto.

Saetan agarrou a capa e colocou-a sobre os ombros.

— Não vou controlá-la, Cassandra. Ela é a Feiticeira. Nenhum macho tem o direito de controlar a Feiticeira.

Cassandra o examinou.

— Então, o que vai fazer?

Saetan alcançou a bengala.

— Amá-la. Terá de ser suficiente.

— E se não for?

— Terá de ser. — Deteve-se à porta da cozinha. — Posso visitá-la de vez em quando?

O sorriso de Cassandra não chegou bem aos olhos.

— É o que os amigos fazem.

Deixou o Santuário extasiado e magoado. Amara Cassandra de todo o coração, mas não tinha qualquer direito de lhe pedir o que quer que fosse, exceto o que o Protocolo estipulava que um Príncipe dos Senhores da Guerra podia pedir a uma Rainha.

Além do mais, Cassandra era o seu passado. Jaenelle, que as Trevas o ajudassem, era o seu futuro.

2 / Inferno

Saindo do Vento Negro, Saetan surgiu num pátio externo que abrigava uma das teias de desembarque oficial da Fortaleza, gravada na pedra com uma Joia clara ao centro. As Joias mais claras serviam como faróis para quem caminhava nos Ventos — uma espécie de vela de boas-vindas na janela — e cada teia de desembarque tinha uma. Nunca conseguiram encontrar qualquer outro uso para elas.

Apoiando-se na bengala, Saetan mancou pelo pátio vazio até as enormes portas de aço entalhadas na montanha, tocou a sineta e aguardou para entrar na Fortaleza, na Montanha Negra, Ebon Askavi, onde os Ventos se reúnem. Ali ficava o arquivo da história dos Sangue bem como um santuário para aqueles com as Joias mais escuras. Era também o covil particular da Feiticeira.

As portas se abriram, em silêncio. Geoffrey, o historiador/bibliotecário da Fortaleza, aguardava-o do outro lado.

— Senhor Supremo.

Geoffrey fez uma pequena saudação como cumprimento. Saetan devolveu a reverência.

— Geoffrey.

— Há muito tempo que não visitava a Fortaleza. Sua ausência foi sentida.

Saetan bufou levemente, os lábios formaram um sorriso sarcástico e ligeiro.

— Em outras palavras, não tenho sido necessário ultimamente.

— Em outras palavras — concordou Geoffrey, sorrindo. Caminhando ao lado de Saetan, seus

olhos negros vislumbraram a bengala do outro. — E agora ei-lo aqui.

— Preciso da sua ajuda. — Saetan olhou para o rosto pálido do Guardião, de um branco puro e perturbador combinado com olhos pretos, vastas sobrancelhas pretas, cabelos negros com ponta saliente em forma de V, túnica e calça preta e os lábios vermelho-sangue mais sensuais que Saetan jamais vira, quer fosse em homem ou em mulher. Geoffrey era o último da sua raça, uma raça desaparecida havia tanto tempo que ninguém mais lembrava quem eram. Já era muito velho quando Saetan chegou à Fortaleza como Consorte de Cassandra. Nessa época, assim como agora, já era o historiador e bibliotecário da Fortaleza. — Preciso pesquisar algumas lendas antigas.

— Lorn, por exemplo?

Saetan parou de súbito.

Geoffrey virou-se, os olhos pretos cautelosamente neutros.

— Você a viu — disse Saetan, uma ponta de ciúmes na voz.

— Nós a vimos.

— Draca também? — Saetan sentiu um aperto no peito ao imaginar Jaenelle enfrentando a Senescal da Fortaleza. Draca já era vigilante e supervisora de Ebon Askavi muito antes de Geoffrey chegar. Ainda era ela que servia a Fortaleza, quem se encarregava de garantir o conforto dos acadêmicos que vinham estudar ali, das Rainhas que procuravam um lugar escuro para repousar. Era de tal forma reservada que se tornava insensível, usando essa insensibilidade como defesa contra aqueles que se arrepiavam ao se deparar com uma figura humana com ascendência reptil inequívoca. A insensibilidade como defesa do coração era algo que Saetan compreendia bem até demais.

— São grandes amigas — disse Geoffrey enquanto caminhavam pelos corredores sinuosos. — Draca ofereceu-lhe um quarto de hóspedes até os aposentos da Rainha estarem prontos. — Abriu a porta da biblioteca. — Saetan, você irá ensiná-la, não é?

Detectando algo estranho na voz de Geoffrey, Saetan voltou-se com muita da sua antiga graciosidade.

— Alguma objeção? — Reprimiu de imediato a rispidez em sua voz ao ver a inquietação nos olhos de Geoffrey.

— Não — sussurrou Geoffrey. — Nenhuma objeção. Estou... aliviado. — Indicou os livros ordenadamente empilhados numa das extremidades da mesa de madeira escura. — Retirei aqueles, já esperando sua visita, mas há outros volumes, alguns são textos muito antigos, que vou retirar da próxima vez. Acho que irá precisar deles.

Saetan acomodou-se numa cadeira de couro junto à mesa de madeira escura e aceitou com gratidão a taça de yarbarah que Geoffrey lhe ofereceu. Sua perna doía. Não estava em condições de andar tanto.

Puxou o primeiro livro da pilha e abriu-o na página com o primeiro marcador. Lorn.

— É, já esperava mesmo.

Geoffrey sentou-se na extremidade oposta da mesa e começou a examinar outros livros.

— Algumas coisas. Nem tudo, certamente. — Trocaram um olhar. — Algo mais que eu possa verificar?

Saetan engoliu o yarbarah de uma só vez.

— Sim. Preciso de informações sobre duas feiticeiras chamadas Morghann e Gabrielle. — Começou a ler a entrada a respeito de Lorn.

— Se usam Joias, estão no registro da Fortaleza.

— Posso dizer com segurança que irá encontrá-las nas categorias mais escuras — disse Saetan, sem levantar os olhos.

Geoffrey afastou a cadeira.

— Em que Territórios?

— Hã? Não faço a mínima ideia. Jaenelle é de Chaillot, então comece pelos Territórios vizinhos onde esses nomes sejam comuns.

— Saetan — disse Geoffrey com certo mau humor —, às vezes você é tão útil quanto um balde furado. Não tem outra informação que me possa servir de ponto de partida?

Interrompido em sua terceira tentativa de ler o mesmo parágrafo, Saetan respondeu secamente:

— Entre seis e oito anos de idade. Agora vai me deixar ler?

Geoffrey respondeu num idioma que Saetan não compreendia, mas não era preciso traduzir.

— Tenho de verificar o registro da Fortaleza de Terreille, então vai levar algum tempo, mesmo que a sua informação esteja vagamente correta. Deixe-me servi-lo mais yarbarah.

As horas passaram rapidamente. Saetan leu a última entrada que Geoffrey tinha assinalado, fechou o livro com cuidado e esfregou os olhos. Quando levantou a vista, encontrou Geoffrey observando-o. Nos olhos pretos do bibliotecário havia uma expressão estranha. Na mesa, havia dois registros.

Saetan apoiou o queixo nos dedos unidos.

— E então?

— Você acertou nomes e idades — disse Geoffrey suavemente.

O dedo gelado deslizou como um murmúrio percorrendo a espinha de Saetan.

— E o que isso quer dizer?

Devagar, quase contra a vontade, Geoffrey abriu o primeiro livro no marcador da página.

— Morghann. Uma Rainha que usa Violeta de Direito por Progenitura. Tem quase sete anos. Vive aldeia de Maghre na Ilha de Scelt, no Reino de Kaeleer.

— *Kaeleer!* — Saetan tentou erguer-se de um pulo. A perna cedeu na mesma hora. — Pelos Infernos, como ela chegou ao Reino das Sombras?

— Provavelmente da mesma forma que chegou ao Reino das Trevas. — Geoffrey abriu o segundo registro, relutante. — Saetan, você vai ensiná-la bem, não é? — Não esperou pela resposta. — Gabrielle. Uma Rainha que usa Opala de Direito por Progenitura. Sete anos. Fortes chances de ser uma Viúva Negra natural. Vive no Reino de Kaeleer, no Território dos Dea al Mon.

Saetan repousou a cabeça nos braços e gemeu. As Crianças da Floresta. Tinha estado com as Crianças da Floresta, a raça mais feroz e mais isolada jamais gerada em Kaeleer.

— Não é possível — disse, esticando os braços na mesa. — Você se enganou.

— Não me enganei, Saetan.

— Ela vive em Terreille, não em Kaeleer. Você se enganou.

— Não me enganei.

Descendo pela coluna, sentiu um murmúrio frio que lhe congelou os nervos, transformando-se numa adaga fria no estômago.

— Não é possível — repetiu Saetan de forma confusa. — Os Dea al Mon jamais permitiram a entrada de alguém no seu Território.

— Parece que abriram uma exceção.

Saetan balançou a cabeça.

— Não é possível.

— Assim como encontrar-se com Lorn — retorquiu Geoffrey bruscamente. — Ou caminhar impunemente por todos os cantos do Inferno. Sim, sabemos disso. Da última vez que nos visitou, Char veio com ela.

— Aquele sacana — resmungou Saetan.

— Você me pediu para encontrar Morghann e Gabrielle. Eu as encontrei. O que vai fazer agora?

Saetan fixou o olhar no teto alto.

— O que quer que eu faça, Geoffrey? Tiramos a menina de casa? Prendemos ela na Fortaleza até atingir a maioridade? — Solto uma risada forçada. — Como se pudéssemos. A única forma de confiná-la seria convencendo-a de que não poderia sair, embrutecendo seus instintos até que já não tivesse certeza de nada. Você quer ser o canalha responsável por esse esquitejamento emocional? Porque eu não farei esse papel. Pelas Trevas, Geoffrey, o mito vivo chegou e é este o preço exigido para que ela caminhe entre nós.

Geoffrey fechou os registros com cuidado.

— Tem razão, claro, mas... não há nada que você possa fazer?

Saetan fechou os olhos.

— Irei ensiná-la. Servi-la. Amá-la. Terá de ser suficiente.

3 / Terreille

Surreal entrou pela porta da frente da casa da Lua Vermelha de Deje em Beldon Mor, lançou um sorriso ao porteiro de casaco vermelho-escuro e prosseguiu pela entrada em mármore, cheia de plantas, até alcançar a recepção. Em seguida, tocou a sineta de bronze sobre o balcão tantas vezes a ponto de irritar o mais dócil dos temperamentos.

Uma porta com a indicação “Privado” abriu-se repentinamente, fazendo surgir uma senhora voluptuosa de meia-idade que chegava apressada. Ao ver Surreal, sua expressão carrancuda desapareceu e seus olhos arregalaram-se numa surpresa maravilhada.

— Você voltou, finalmente. — Deje tirou uma pilha grossa de papéis debaixo do balcão e mostrou-os a Surreal. — Pedidos. Todos dispostos a pagar o preço, e sabemos bem a ladrazinha que você é, e todos pretendendo uma noite inteira.

Sem pegá-los, Surreal folheou os papéis com a ponta do dedo.

— Se fosse atender todos, ficaria aqui durante meses.

Deje inclinou a cabeça.

— Seria tão ruim assim?

Surreal riu, mas seus olhos verde-dourados deixavam transparecer algo mordaz e predatório.

— Eu nunca conseguiria o valor que peço se meus — agitou os dedos em direção aos papéis — amigos pensassem que estou aqui o tempo todo. Isso também iria reduzir sua margem de lucro.

— Isso é bem verdade — disse Deje, rindo.

— Além disso — continuou Surreal, ajeitando os cabelos negros atrás das orelhas delicadamente pontiagudas —, só ficarei aqui algumas semanas e não quero ter uma agenda sobrecarregada. Trabalharei os dias suficientes para pagar o quarto e a alimentação e passarei o resto dos dias passeando e vendo a paisagem.

— Quantos tetos você quer ver? Neste negócio você só vai ver tetos.

— Ora, Deje! — Surreal abanou-se com a mão. — Isso não é verdade, de forma alguma. Às vezes também vejo as estampas dos lençóis de seda.

— Também pode ir montar a cavalo. — Deje voltou a pôr os papéis debaixo do balcão. — Ouvi dizer que há trilhas muito agradáveis logo à saída da cidade.

— Não, obrigada. Quando tiver terminado, não estarei interessada em montar mais nada. Quer que eu comece hoje à noite?

Deje afagou o cabelo escuro e bem penteado.

— Certamente haverá com reserva para hoje que atenderá às expectativas.

Riram-se uma para a outra.

Deje invocou uma pasta fina de couro e tirou de dentro dela um pedaço de pergaminho caro.

— Hmm. Casa cheia. E há sempre um ou dois que aparecem convencidos de que são importantes demais para precisar de reserva.

Surreal apoiou os cotovelos no balcão, o rosto entre as mãos.

— O seu *chef* é excelente. Talvez eles só venham aqui para jantar.

Deje sorriu com malícia.

— Tentarei saciar todos os tipos de apetite.

— Se o prato do dia acabar, há outras opções deliciosas no cardápio.

Deje riu, fazendo tremer o peito, que ameaçava saltar para fora do pequeno vestido.

— Muito bem colocado. Olha. — Indicou um nome na lista. — Lembro-me de você me dizer que não se importa de ficar com ele. Acho que vai estar um pouco esfomeado, mas aprecia as entradas assim como o prato principal.

Surreal assentiu com a cabeça.

— Sim, está ótimo. Um dos quartos do jardim?

— Claro. Fiz algumas pequenas remodelações desde a última vez que estive aqui. Acho que vai gostar. Você aprecia essas coisas. — Deje puxou uma chave de um dos pequenos nichos na parede atrás do balcão. — Este vai servir.

Surreal pegou a chave.

— Acho que vou jantar no quarto. Tem um cardápio lá? Ótimo. Já vou fazer o pedido.

— Como é que você consegue se lembrar das preferências e aversões de todos, ainda mais passando por tantos lugares, com tantos costumes diferentes?

Surreal fingiu estar ofendida.

— Deje. Você costumava andar pelos quartos antes de se tornar ambiciosa. Sabe perfeitamente que é para isso que servem os livrinhos pretos.

Deje enxotou Surreal do balcão.

— Chega de conversa. Tenho trabalho a fazer e você também.

Surreal seguiu pelo amplo corredor, os olhos atentos registrando os quartos de ambos os lados. Era verdade. Deje era ambiciosa. Começando com alguns presentes de clientes satisfeitos, comprou uma mansão e transformou-a na melhor casa da Lua Vermelha do distrito. E, ao

contrário das outras casas, aqui um homem podia encontrar mais do que um corpo quente na cama. Havia uma pequena sala de jantar que servia excelente comida a noite toda; uma sala de recepção na qual aqueles com temperamento artístico habituaram-se a se reunir para debater enquanto petiscavam e bebiam bom vinho; uma sala de bilhar, na qual os politicamente ambiciosos se reuniam para planejar a próxima jogada; uma biblioteca repleta de bons livros e grandes cadeiras de couro; quartos privados, nos quais um homem podia fugir de sua rotina diária e ser servido, o que podia significar apenas um bom jantar, uma massagem dada por especialistas e paz e sossego; e, finalmente, os quartos e as mulheres que podiam satisfazer os apetites carnavais.

Surreal encontrou o quarto, trancou a porta e olhou lentamente à sua volta, assentindo com a cabeça em aprovação. Tapetes grossos e macios; paredes brancas com aquarelas de bom gosto; mobília escura; uma cama de dossel de grandes dimensões, envolvida por um tecido muito leve; esferas musicais sobre um suporte de bronze ornamentado; portas de vidro de correr que davam para um jardim particular murado, com uma pequena fonte e delicados salgueiros, assim como uma variedade de flores que desabrocham à noite e um banheiro com chuveiro e banheira em frente à janela com vista para o jardim.

— Muito bom, Deje — disse Surreal serenamente. — Muito bom mesmo.

Instalou-se rapidamente, invocando as roupas de trabalho e pendurando-as cuidadosamente no guarda-roupa. Nunca carregava muita coisa, só o suficiente para satisfazer os diversos apetites qualquer que fosse o Território onde se encontrasse. A maior parte dos seus bens estava espalhada numa dúzia de esconderijos por todo o Reino de Terreille.

Surreal reprimiu um arrepio. Era melhor não pensar nesses esconderijos. E, certamente, muito melhor não pensar *nele*.

Abriu as portas de vidro para poder ouvir a fonte e instalou-se numa cadeira, sentando-se sobre as pernas. Surgiram à sua frente dois livros pretos de couro. Pegou um deles, folheou-o até chegar à última página, invocou uma caneta e fez uma anotação.

Aquele contrato estava terminado. O tolo não demorou muito a morrer, ao contrário do que Surreal desejaria, mas a dor tinha sido intensa. E o pagamento fora muitíssimo bom.

Fez o livro desaparecer e abriu o outro. Verificou o que precisava, anotou o que pretendia comer e, com um movimento rápido do pulso, enviou o pedido para a cozinha. Após fazer desaparecer o segundo livro, levantou-se e espreguiçou-se. Mais um rápido movimento do pulso e logo sentiu o peso familiar do cabo da faca, experimentando o conforto da lâmina fina e cortante. Virando o pulso para o outro lado, fez a faca desaparecer e bateu palmas. Um só era o suficiente para hoje à noite. Nunca lhe tinha causado qualquer problema. Além do mais — sorriu ao lembrar-se —, fora ela mesma quem o ensinara. Há quanto tempo? Doze, catorze anos?

Tomou uma ducha rápida, penteou os longos cabelos negros de forma a soltá-los facilmente, maquiou-se e colocou um vestido fino dourado-esverdeado que ocultava tanto quanto revelava. Por fim, cerrando os dentes diante do inevitável, dirigiu-se ao espelho de pé e observou o rosto e o corpo que a vida toda tinha odiado.

O rosto era delicadamente esculpido, com maçãs salientes, nariz fino e olhos dourado-esverdeados, um pouco grandes demais, que tudo viam e nada revelavam. O corpo esbelto e elegante parecia ilusoriamente delicado, mas possuía músculos fortes, que Surreal tinha trabalhado ao longo dos anos, o que lhe garantia estar sempre em plena forma para a profissão que escolheu. Porém, era a pele beijada pelo sol, morena-clara, que a fazia resmungar. Pele

haylliana. A pele do seu pai. Poderia passar facilmente por haylliana se usasse o cabelo solto e óculos escuros para ocultar a cor dos olhos. Os olhos a distinguiam como mestiça. As orelhas que formavam uma delicada ponta... Essas eram as orelhas de Titian.

Titian, que descendia de uma raça que Surreal nunca tinha encontrado nas suas viagens por Terreille. Titian, que tinha sido quebrada pela espada de Kartane SaDiablo. Titian, que escapara e se prostituíra para se sustentar e evitar que Kartane a encontrasse e destruísse a criança que carregava. Titian, que um dia foi encontrada com o pescoço cortado e enterrada como indigente.

Todos os assassinatos, todos aqueles homens indo ao encontro da própria morte planejada, eram apenas ensaios gerais para o parricídio. Um dia, ela encontraria Kartane no lugar certo e na hora certa e vingaria Titian.

Surreal virou-se de costas para o espelho e esforçou-se para afastar as memórias. Ao ouvir uma leve batida na porta, pôs-se no centro do quarto para que fosse a primeira visão de seu convidado ao entrar. E, ao vê-lo, ela planejava a noite de acordo.

Usando a Arte, abriu a porta antes de o convidado girar a maçaneta, deixando as gavinhas de sedução emanarem como um perfume exótico. Abriu os braços e sorriu enquanto a porta se trancava atrás dele.

Ele veio até ela com afobação, transbordando carência, a Joia Cinza ao pescoço em chamas. Ela o deteve, colocando as mãos em seu peito e acariciando-o suavemente. Com a respiração ofegante, o convidado abria e fechava as mãos, mas não a tocava.

Satisfeita, Surreal deslizou até a pequena mesa junto às portas envidraçadas e enviou um pensamento para a cozinha. Pouco depois, surgiram dois copos gelados e uma garrafa de vinho. Ela serviu o vinho, ofereceu-lhe um copo e levantou o dela numa saudação.

— Philip.

— Surreal. — A voz soou enrouquecida, dolorida.

Surreal bebericou o vinho.

— O vinho não é do seu agrado?

Philip bebeu metade do copo de um só gole.

Surreal ocultou o sorriso. Quem ele realmente desejaria que não podia possuir? Quem fingiria que ela era quando fechava as cortinas e apagava todas as luzes para satisfazer a luxúria agarrando-se a ilusões?

Surreal continuou a refeição vagorosamente, deixando que Philip a consumisse com os olhos enquanto bebia o vinho e saboreava os petiscos. Como sempre, falava com ela de um modo obscuro e labiríntico, dizendo mais do que se dava conta ou do que pretendia.

Philip Alexander, Príncipe de Joia Cinza. Um homem bonito com cabelo da cor de areia e olhos cinza honestos e inquietos. Meio-irmão de Robert Benedict, um político recente desde que se ligara a Hayll, a... Kartane. Robert usava apenas a Amarela, e quase nem isso, mas era o filho legítimo, com direito aos bens e à fortuna do pai. Philip, dois anos mais novo e nunca reconhecido formalmente, fora criado como um acessório de Robert. Cansado de desempenhar o papel de bastardo agradecido, rompeu com a família, tornando-se acompanhante/consorte de Alexandra Angelline, a Rainha de Chaillot.

Um envenenamento cultural sutil, levado a cabo durante duas gerações, tinha permitido que os machos dos Sangue de Chaillot pervertessem o domínio matriarcal em algo artificial, tendo arrancado das Rainhas o controle do Território, o que tornava Alexandra não mais do que uma testa de ferro, embora ainda fosse a Rainha de Chaillot e usasse uma Joia Opala. Um pouco

estranho. Bem, incomum. Corria o rumor de que ainda mantinha contato com as assembleias da Ampulheta, ainda que as Viúvas Negras tivessem sido banidas pelos machos dos Sangue no poder. Tinha uma filha, Leland, que era esposa de Robert Benedict.

Viviam todos juntos na propriedade dos Angelline em Beldon Mor.

Jantou enquanto pôde antes de passar para a cama. Um Príncipe de Joia Cinza há muito tempo privado de prazer podia ser um companheiro involuntariamente rude, mas isso não a preocupava. Surreal também usava a Cinza, mas nunca neste trabalho. Usava sempre a Verde de Direito por Progenitura ou então nenhuma Joia, permitindo que os clientes sentissem que estavam no controle. Ainda assim, hoje Philip até que gostaria de uma abordagem um pouco grosseira, sendo um dos poucos homens que ela conhecia na sua segunda profissão que realmente queria tanto oferecer quanto receber prazer.

Sim, Philip era uma boa maneira de começar essa estadia.

Surreal apagou as chamas das velas, escurecendo o quarto. Agora Philip não tinha pressa. Tocava, apreciava, saboreava. E Surreal, orientando com sutileza, deixou-o fazer o que tinha vindo fazer.

Já era madrugada quando Philip se vestiu e se despediu, beijando-a.

Surreal fixou o olhar no dossel de tecido fino e transparente. Ele tinha feito valer o dinheiro gasto e ainda mais. E fora uma agradável distração das memórias que ultimamente a assolavam, e que eram a razão pela qual tinha vindo a Chaillot. Memórias de Titian, de Tersa... do Sádico.

Surreal tinha dez anos quando, certa tarde, Titian trouxe Tersa para casa, aconchegando a desmazelada feiticeira na própria cama. Nos poucos dias que a Viúva Negra enlouquecida passou com elas, Titian ficou horas ouvindo a linguagem incompreensível de Tersa entremeada com estranhos gracejos e provérbios enigmáticos.

Uma semana depois de partir, Tersa regressou com o homem mais belo e mais insensível que Surreal já conhecera. Era o primeiro Príncipe dos Senhores da Guerra que ela via. Ele não disse nada, permitindo que Tersa tagarelasse enquanto observava Titian, enquanto queimava com o olhar a criança que tremia ao lado da mãe.

Por fim, Tersa parou de falar e puxou a manga do homem.

— A criança é Sangue e deveria aprender a Arte. Tem o direito de usar as Joias se for suficientemente forte. Por favor, Daemon.

Os olhos dourados de Daemon semicerraram-se quando ele chegou a uma decisão. De uma carteira no bolso interno do casaco, retirou várias notas de cem marcos, pousando-as com cuidado na mesa. Invocou uma folha de papel e uma caneta, escreveu algumas palavras e colocou o papel e uma chave sobre as notas.

— Não é um lugar elegante, mas é quente e limpo. — A voz profunda e sedutora fez com que Surreal sentisse um delicioso arrepio. — Fica apenas a alguns quarteirões daqui, num bairro onde ninguém faz perguntas. Aí estão os nomes de dois possíveis tutores para a moça. São bons

homens que não caíram nas graças dos que detêm o poder. Vocês podem usar o apartamento pelo tempo que quiserem.

— Qual é o preço? — Sentia-se o gelo na voz suave de Titian.

— Que não neguem a Tersa acesso ao local sempre que ela estiver nesta parte do Reino. Não usarei o apartamento enquanto estiverem lá, mas Tersa deve poder usar o refúgio que adquiri para ela.

Assim ficou combinado, e alguns dias mais tarde Surreal e Titian estavam no primeiro lugar decente que a moça já tinha visto. O senhorio, com um ligeiro tremor de medo na voz, informou-as de que o aluguel estava pago. As notas de cem marcos acabaram destinadas a comida e roupas quentes, e Titian ficou grata por nunca mais precisar permitir que um homem atravessasse a sua soleira.

Na primavera seguinte, quando Surreal fazia os primeiros progressos com seus tutores, Tersa regressou e levou Surreal ao Santuário mais próximo para a Cerimônia de Direito por Progenitura. Surreal voltou, exibindo com orgulho uma Verde bruta. Com lágrimas nos olhos, Titian envolveu a Joia zelosamente num tecido macio e guardou-a numa caixa de madeira com estranhos entalhes.

— Uma Joia bruta é rara, Irmãzinha — disse Titian, tirando algo da caixa. — Espere até saber quem você é antes de engastá-la. Assim, ela será mais do que um recipiente para o poder que o seu corpo não consegue reter, será uma afirmação do que você é. Entretanto — enfiou uma corrente de prata pela cabeça de Surreal —, isto vai lhe ajudar a começar. Foi minha, em outros tempos. Você não é uma criança da lua, o ouro combina mais com você. Mas esse é o primeiro passo de uma longa caminhada.

Surreal observou a Joia Verde. A armação de prata estava cinzelada com a forma de dois veados curvados ao redor da Joia, os chifres entrelaçados no topo, ocultando o anel no qual a corrente fechava. Enquanto estudava a Joia, o sangue cantou-lhe nas veias, um chamado débil que não conseguia localizar.

Titian observou-a.

— Se alguma dia você encontrar o meu povo, irão reconhecê-la por essa Joia.

— Por que não podemos ir vê-los?

Titian balançou a cabeça e afastou-se.

Aqueles dois anos foram bons para Surreal. Ela passava os dias com os tutores, um dos quais ensinava-lhe a Arte, e o outro, todas as disciplinas básicas de uma educação geral. À noite, Titian lhe ensinava coisas diferentes. Mesmo sem esperanças, Titian era hábil com a faca e sentia-se nela uma crescente inquietação, como se aguardasse algo que a tornava inflexível na instrução e nos exercícios.

Um dia, quando Surreal tinha doze anos, ao voltar para casa, encontrou a porta entreaberta; Titian jazia no quarto da frente com a garganta cortada, o punhal com cabo de chifre próximo dela. As paredes pulsavam de violência e raiva... e advertiam que corresse, corresse, corresse.

Surreal hesitou por um momento antes de correr para o quarto de Titian e remover do esconderijo a caixa entalhada com a Joia que lhe pertencia. Numa corrida cambaleante, pegou rapidamente o punhal do chão e o fez desaparecer, e fez o mesmo com a caixa, como tinha sido instruída. Foi então que se pôs a correr, deixando para trás Titian e quem quer que as estivesse perseguindo.

Titian tinha acabado de fazer vinte e cinco anos.

Menos de uma semana após a morte da mãe, Surreal foi trespassada por uma lança pela primeira vez. Lutando sem esperança, viu-se cair por um longo e escuro túnel, o seu fio no abismo. Na altura da Verde havia uma teia reluzente que se estendia ao longo do túnel. À medida que caía nessa direção, sem controle, à medida que a dor de ser penetrada inundava as paredes de vermelho, Surreal recordou-se de Tersa, recordou-se de Titian. Se alcançasse sua teia interior em estado de descontrolo, acabaria por despedaçá-la e retornaria ao mundo real como uma sombra de si, para sempre consciente e em constante sofrimento pela perda da Arte e do que poderia ter sido.

A recordação de Titian lhe deu a força para lutar contra as estocadas que pareciam não ter fim, cada golpe impelindo-a para mais próximo da teia interior. Aguentou-se, lutando com todo o coração. Quando os golpes pararam... quando finalmente acabou... Surreal estava praticamente a um palmo da destruição.

Sua mente aninhou-se ali, exausta. Quando o homem saiu, forçou-se a ascender. A dor física era terrível e os lençóis estavam ensopados com seu próprio sangue, mas o mais importante estava intacto. Ainda usava as Joias. Ainda era uma feiticeira.

No espaço de um mês, matou pela primeira vez.

Ele era como todos os outros, levou-a para um quarto vagabundo, utilizou seu corpo e pagou-lhe com um marco de cobre que mal lhe daria para comprar comida suficiente para o dia seguinte. O ódio pelos homens que a usavam, e a Titian antes dela, transformou-se em gelo. Assim, quando os impulsos se tornaram mais intensos, quando arqueou as costas e o peito se ergueu à sua frente, Surreal invocou o punhal de cabo de chifre e apunhalou-o no coração. A força de vida do homem foi bombeada para dentro dela enquanto o sangue da vida se derramava.

Usando a Arte, Surreal empurrou o corpo pesado de cima dela. Este não bateria nela ou se recusaria a pagar. Era divertido.

Durante três anos andou pelas ruas, seu corpo de criança e aspecto incomum servindo como chamariz perfeito para os mais sórdidos. No entanto, sua habilidade com a faca não era desconhecida e todos concordavam que um homem sensato pagaria adiantado a Surreal.

Três anos. Até que um dia, quando tentava passar por um beco que já tinha sondado para se certificar de que estava vazio, sentiu alguém atrás de si. Girou nos calcanhares, o punhal na mão, e encarou Daemon Sadi, que estava encostado à parede, observando-a. Sem pensar duas vezes, desatou a correr pelo beco e esbarrou num escudo psíquico que a reteve até que a mão de Daemon segurou seu pulso. Ele não disse nada. Simplesmente apanhou os Ventos, levando-a com ele. Uma vez que nunca tinha viajado numa dessas teias psíquicas, Surreal agarrou-se a Daemon, desorientada.

Uma hora depois, estava sentada a uma mesa de cozinha num apartamento mobiliado em outra parte do Reino. Tersa pairava sobre ela, encorajando-a a comer, enquanto Daemon bebia vinho e a observava.

Nervosa demais para comer, Surreal cuspiu-lhe as palavras.

— Sou prostituta.

— Não das boas — respondeu Daemon, calmamente.

Encolerizada, Surreal insultou-o com todos os palavrões que conhecia.

— Está vendo o que quero dizer? — perguntou, rindo, quando por fim Surreal se calou.

— Serei o que sou.

— Você é uma criança de sangue misto. Metade sangue haylliano. — Brincou com o copo. —

O povo da sua mãe vive... quanto?... cem, duzentos anos? Você pode chegar a dois mil ou mais. Quer passar esses anos todos comendo restos nos becos e dormindo em quartos nojentos? Existem outras formas de fazer o que faz: quartos melhores, comida melhor, pagamento melhor. Você precisaria começar como aprendiz, é claro, mas conheço um lugar onde será aceita e receberá boa formação.

Daemon passou vários minutos escrevendo uma lista. Quando terminou, empurrou-a para Surreal.

— Uma mulher instruída talvez possa passar mais tempo sentada numa cadeira do que deitada de costas. Uma vantagem razoável, creio.

Surreal olhou fixamente para a lista, apreensiva. Ali estavam as disciplinas esperadas — literatura, línguas, história — e, no final da página, uma lista de habilidades mais apropriadas à faca do que ao sexo pago.

Enquanto Tersi arrumava a mesa, Daemon levantou-se da cadeira e inclinou-se sobre Surreal, o peito roçando-lhe as costas, sua respiração quente provocando-lhe cócegas nas orelhas pontudas.

— Sutileza, Surreal — sussurrou. — A sutileza é uma grande arma. Existem outras formas de cortar a garganta de um homem sem que seja preciso inundar as paredes com o seu sangue. Se você continuar por esse caminho, mais cedo ou mais tarde será descoberta. Um homem pode morrer de variadíssimas formas. — Soltou um riso abafado, deixando transparecer uma maldade profunda. — Alguns homens morrem por falta de amor... outros morrem por causa dele. Pense nisso.

Surreal foi para a casa da Lua Vermelha. A diretora e as outras mulheres ensinaram-lhe as artes da alcova. O restante ela aprendeu por conta própria. Em dez anos, tornou-se a prostituta mais bem paga da casa — e os homens começaram a negociar as suas outras competências.

Viajava por Terreille, oferecendo seus serviços à melhor casa da Lua Vermelha onde quer estivesse e aceitando, cautelosamente, contratos para a sua outra profissão, que achava mais estimulante — e que lhe proporcionava mais prazer. Trazia sempre um conjunto de chaves de casas na cidade, suítes de hotel, apartamentos — alguns deles nas regiões mais caras do local, outros em ruas calmas e isoladas, onde ninguém fazia perguntas. Às vezes, encontrava Tersi e prestava-lhe os cuidados de que necessitava.

E às vezes via-se partilhando um local com Sadi, quando ele conseguia escapar da corte onde estava servindo para passar uma noite tranquila. Foram bons tempos para Surreal. Quando se dispunha a falar, Daemon revelava vastos conhecimentos, e, se Surreal tagarelava, seus olhos dourados sempre transpareciam o regozijo contido de um irmão mais velho.

Ao longo de quase trezentos anos, ficaram à vontade um com o outro. Até a noite em que, já um pouco embriagada, bebeu uma garrafa de vinho enquanto o observava lendo um livro. Daemon estava despreocupadamente instalado numa cadeira, a camisa desabotoada pela metade, os pés descalços apoiados numa almofada, os cabelos pretos atipicamente desgrelhados.

— Eu estava pensando — disse Surreal, lançando-lhe um sorriso tolo.

Daemon levantou os olhos do livro, erguendo uma sobrancelha enquanto um sorriso começava a lhe curvar os cantos da boca.

— Estava pensando?

— Curiosidade profissional, sabe. É que falam de você nas casas da Lua Vermelha.

— Falam?

Surreal não percebeu o súbito resfriamento da sala nem os olhos dourados tornando-se amarelo-escuros e vidrados. Não reconheceu a perigosa delicadeza na sua voz. Limitou-se a sorrir para ele.

— Ora, Sadi, seria realmente um grande trunfo, em termos de carreira. Não há uma prostituta no Reino que saiba em primeira mão o que significa ser satisfeita pelo...

— Tenha cuidado com o que pede. Pode se realizar.

Surreal soltou uma gargalhada e arqueou as costas, os mamilos aparecendo através do fino tecido da blusa. Somente quando Daemon sentou-se ereto na cadeira com uma rapidez de predador e a pressionou contra ele, prendendo suas mãos atrás das costas, é que Surreal percebeu como era perigoso provocá-lo. Puxando-a pelo cabelo até que lágrimas surgissem em seus olhos, forçou-a a levantar a cabeça. Apertou seus pulsos com mais força até Surreal choramingar de dor. E, então, beijou-a.

Esperava um beijo brutal, por isso a ternura, a suavidade com que os lábios de Daemon se encostaram aos dela assustaram-na muito mais. Não sabia o que pensar, o que sentir, pois as mãos dele continuavam a machucá-la deliberadamente enquanto sua boca se revelava tão generosa, tão persuasiva. Quando por fim ele conseguiu que ela abrisse a boca, cada suave carícia de sua língua provocava nela um impulso escaldante entre as pernas. Quando Surreal já não aguentava mais, Daemon levou-a para o quarto.

Despiu-a com uma lentidão exasperante, as suas longas unhas sussurrando sobre a pele trêmula de Surreal, enquanto a beijava e lambia e tirava sua roupa. Era uma doce tortura.

Após despi-la completamente, levou-a para a cama. Cordas psíquicas prenderam seus pulsos e puxaram seus braços sobre a cabeça. Cordas em volta dos tornozelos abriram-lhe as pernas. Daemon manteve-se ao lado da cama e Surreal começou a se dar conta da ira fria e implacável serpenteando à sua volta... E de uma brisa suave e controlada, um vento de primavera, ainda misturado com o frio cortante do inverno, que percorria o seu corpo, acariciando-lhe o peito, a barriga, percorrendo os pelos negros do púbis, entre as pernas, antes de se dividir para percorrer ao mesmo tempo a parte interna das coxas, circundando os pés, subindo pela parte externa das pernas, passando pelas costelas e envolvendo o pescoço para, então, começar de novo.

Isso continuou indefinidamente até que Surreal já não aguentava a provocação, até ficar desesperada por qualquer tipo de toque que a libertasse.

— Por favor — gemeu, tentando livrar-se da impiedosa carícia.

— Por favor o quê? — Daemon despiu lentamente a roupa.

Surreal observou-o com avidez, os olhos vidrados aguardando a visão da prova do prazer de Daemon. O choque ao ver o Anel de Obediência num órgão completamente flácido a fez perceber que a ira que rodopiava à sua volta tinha mudado. O sorriso de Daemon tinha mudado.

Quando Daemon se deitou a seu lado, o calor do seu corpo parecia frio em comparação com o fogo que ardia dentro dela, quando a mão estimulante de Daemon retomou o jogo da mão fantasma, Surreal compreendeu por fim o que pairava no ar, no sorriso dele, nos seus olhos.

Desdém.

Jogava com uma seriedade terrível. Toda vez que as suas mãos ou língua lhe proporcionavam algum sentimento de libertação, os finos véus de sensualidade eram rasgados da sua mente e ela se via forçada a beber cálice após cálice do desdém de Daemon. Quando a fez chegar aos momentos finais, Surreal impeliu os quadris na direção de Daemon ao mesmo tempo que lhe pedia que parasse. O riso frio e penetrante de Daemon comprimiu-lhe as costelas ao ponto de já

não conseguir respirar. No momento em que começava a deslizar para uma libertação doce e apática, parou.

Tudo parou.

À medida que sua cabeça desanuviava, ouviu água correndo no banheiro. Alguns minutos depois, Daemon voltou, totalmente vestido, secando o rosto com uma toalha. Entre as pernas de Surreal havia uma necessidade palpitante que precisava de ser apaziguada, uma única vez. Suplicou-lhe uma pequena consolação.

Daemon sorriu, o sorriso frio e cruel.

— Agora você já sabe como é ir para a cama com o Prostituto de Hayll.

Surreal começou a chorar.

Daemon jogou a toalha sobre uma cadeira.

— Eu não tentaria usar um vibrador se fosse você — disse, num tom agradável. — Pelo menos nos próximos dois dias. Não vai ajudar e pode piorar bastante a situação. — Voltou a sorrir e saiu do apartamento.

Surreal não saberia dizer quanto tempo passou até que as cordas em volta de seus pulsos e tornozelos finalmente desapareceram e ela pôde rolar para o lado, trazendo os joelhos para junto do peito e chorando de vergonha e de raiva.

Passou a temê-lo, receava sentir sua presença ao abrir a porta. Quando se encontravam, Daemon era friamente cortês e raras vezes falava — e nunca mais olhou para Surreal com qualquer tipo de afeto.

Surreal olhou fixamente para o tecido fino do dossel. Aquilo tinha sido há cinquenta anos e ele nunca a perdoara. Agora... sentiu um calafrio. Agora, se os rumores fossem verdadeiros, havia algo de terrivelmente errado com Daemon. Não havia corte, onde quer que fosse, que conseguisse retê-lo por mais do que algumas semanas. Sempre que ele se irritava, muitos Sangue desapareciam e nunca mais se ouvia falar deles.

Daemon tinha razão. Um homem podia morrer de muitas maneiras. Mesmo sendo tão virtuosa, ela ainda precisava de algum esforço para se desfazer de um corpo. O Sádico, contudo, nunca deixava o menor vestígio.

Surreal arrastou-se até a ducha e suspirou ao sentir os músculos da coxa relaxarem sob o jato de água quente. Pelo menos, parecia não haver nenhum perigo de esbarrar nele durante sua estada em Beldon Mor.

4 / Inferno

Nem mesmo os violentos estrondos na porta do escritório conseguiam competir com os palavrões descomedidos de Prothvar e os guinchos de fúria de Jaenelle.

Saetan fechou o livro no púlpito. Houve um tempo, não tão distante assim, em que ninguém desejava abrir aquela porta, quanto mais esmurrá-la até ficar quase em brasa. Apoiando-se a um canto da escrivaninha de madeira escura, cruzou os braços e aguardou.

Andulvar entrou de rompante no escritório, com uma expressão em que se misturava, de forma perturbadora, medo e fúria. Prothvar entrou imediatamente em seguida, arrastando Jaenelle pela parte de trás do vestido. Quando ela tentou se soltar, ele a agarrou por trás e levantou-a do chão.

— Ponha-me no chão, Prothvar! — Jaenelle levantou o joelho e lançou a perna para trás, atingindo diretamente os genitais do demônio-morto.

Prothvar gritou e largou-a.

Em vez de cair, Jaenelle executou uma cambalhota perfeita no ar antes de ficar em pé, ainda trinta centímetros acima do chão, soltando uma sequência de palavrões em mais idiomas do que Saetan era capaz de identificar.

Saetan esforçou-se por mostrar uma autoridade neutra e decidiu, com relutância, que aquele não era o melhor momento para discutir Linguagem Adequada para Senhoritas.

— Criança-feiticeira, acertar as bolas de um homem pode ser uma forma eficaz de lhe chamar atenção, mas não é algo que uma criança deva fazer. — Estremeceu quando Jaenelle centrou nele toda a sua atenção.

— E por que não? — interrogou. — Um amigo me disse que era isso que eu deveria fazer se um macho algum dia me agarrasse por trás. Ele me fez prometer.

Saetan ergueu uma sobrancelha.

— Esse amigo é macho?

Muito interessante.

Antes que pudesse investigar mais o assunto, Andulvar ribombou sinistramente:

— Esse não é o problema, SaDiablo.

— Então qual é o problema? — Na verdade, não queria saber.

Prothvar apontou para Jaenelle.

— Aquela pequena... Ela... Diga a ele!

Jaenelle cerrou os punhos e olhou furiosamente para Prothvar.

— A culpa foi sua. Você riu e não me quis me ensinar. Foi *você* que me derrubou.

Saetan ergueu uma das mãos.

— Devagar. Ensinar o quê?

— Não me ensinou a voar — acusou Jaenelle.

— Você não tem asas! — retorquiu Prothvar.

— Posso voar tão bem quanto você!

— Não, não foi treinada!

— Porque você não quis me ensinar!

— E pode ter certeza de que não farei isso!

Jaenelle lançou sobre ele uma maldição eyriena, fazendo com que os olhos de Prothvar saltassem das órbitas.

O rosto de Andulvar ganhou um perigoso tom azulado antes de ele apontar para a porta e gritar:

— FORA!

Jaenelle saiu do escritório pisando firme, seguida por Prothvar, que mancava.

Saetan tapou a boca com a mão. Queria rir. Doces Trevas, como queria rir, mas o olhar de Andulvar lhe dizia que, se desse um riso abafado que fosse, teriam de resolver a questão numa luta descontrolada.

— Você acha isto divertido — trovejou Andulvar, agitando as asas.

Saetan pigarreou várias vezes.

— Imagino que seja difícil para Prothvar perder uma discussão para uma menina de sete anos. Eu não sabia que o ego de um guerreiro podia ser atingido com tanta facilidade.

A expressão carrancuda de Andulvar não se alterou.

Saetan ficou irritado.

— Seja sensato, Andulvar. Quer dizer então que ela quer aprender a voar. Você viu como ela se equilibra bem no ar.

— Vi muito mais do que isso — retrucou Andulvar.

Saetan rangeu os dentes e contou até dez. Duas vezes.

— Me conte.

Andulvar cruzou os braços musculosos e olhou para o teto.

— A amiga da menina, Katrine, está lhe ensinando como voar, mas Katrine voa como uma borboleta e Jaenelle quer voar como um falcão, como um eyrieno. Por isso pediu a Prothvar que a ensinasse. Ele riu, o que, admito, não foi muito sensato, e ela...

— Irritou-se.

— ... saltou da torre alta do Paço.

Houve um momento de silêncio antes de Saetan explodir.

— *O quê?*

— Você sabe qual é a torre alta, SaDiablo. Foi você que construiu este maldito lugar. Ela escalou até o topo da muralha e saltou. Ainda está achando divertido?

Saetan apoiou as mãos abertas na mesa. Todo o seu corpo estremeceu.

— Então, Prothvar pegou-a quando caiu.

Andulvar bufou.

— Ele quase a matou. Quando ela saltou, ele mergulhou de cabeça, pela lateral, atrás dela. Infelizmente, Jaenelle estava parada *no ar*, a menos de três metros do solo. Quando Prothvar surgiu pelo lado, colidiu com ela a toda velocidade, e quase se espatifaram nas rochas antes que ele conseguisse controlar o mergulho.

— Mãe Noite — murmurou Saetan.

— E que as Trevas tenham misericórdia. Então, o que você vai *fazer*?

— Falar com ela — respondeu Saetan com o semblante rígido, enquanto dirigia um pensamento à porta e a observava se abrindo suave e rapidamente. — Criança-feiticeira.

Jaenelle se aproximou, a raiva agora apaziguada e transformada na determinação obstinada que Saetan já reconhecia.

Lutando para não perder a calma, Saetan observou-a por um momento.

— Andulvar me contou o que aconteceu. Tem algo a dizer?

— Prothvar não tinha nada que rir de mim. Eu não fico rindo dele.

— Em geral, é preciso asas para voar, criança-feiticeira.

— Você não precisa de asas para caminhar nos Ventos. Não é assim tão diferente. E até os eyrienos precisam de um pouco de Arte para voar. Foi Prothvar que disse.

Não sabia o que era pior: Jaenelle fazendo algo chocante ou sendo sensata.

Com um suspiro, Saetan agarrou suas pequenas mãos de aspecto delicado.

— Você o assustou. Como é que ele ia saber que você não se espatifaria no chão?

— Eu teria dito a ele — respondeu, um pouco mais calma.

Saetan fechou os olhos por um momento, pensando furiosamente.

— Muito bem. Andulvar e Prothvar vão lhe ensinar a maneira de voar dos eyrienos. Em troca, você tem de prometer seguir as instruções deles e *realizar o treino na ordem correta*. Sem pular da torre, sem saltar inesperadamente de penhascos... — O olhar de culpa de Jaenelle fez com que o coração de Saetan batesse num ritmo estranho. Terminou com a voz estrangulada — ... sem experiências na Pista dos Sangue... ou em qualquer outra Pista até eles acharem que você está preparada.

Andulvar virou as costas, proferindo uma série de palavrões.

— De acordo? — perguntou Saetan, prendendo a respiração.

Jaenelle anuiu, descontente mas resignada.

Tal como os Portões, as Pistas existiam nos três Reinos. Diferentemente dos Portões, só existiam no Território de Askavi. Em Terreille, eram os campos de treino dos guerreiros eyrienos, desfiladeiros onde os ventos e os Ventos colidiam num teste duro e perigoso de força mental e física. A Pista dos Sangue continha os fios dos Ventos mais claros, do Branco ao Opala. A outra...

Saetan engoliu ruidosamente.

— Já experimentou a Pista dos Sangue?

O rosto de Jaenelle se iluminou.

— Ah, claro, Saetan. É tão divertido. — Seu entusiasmo arrefeceu diante do olhar de Saetan.

Lembre-se de respirar, SaDiablo.

— E Khaldharon?

Jaenelle fixou o olhar no chão.

Andulvar girou-a e sacudiu-a.

— Só alguns dos melhores guerreiros eyrienos ousa, uma vez por ano, enfrentar a Pista de Khaldharon. É o teste definitivo de força e habilidade, não um parque de diversões para meninas que gostam de saltitar de um lugar para outro.

— Eu não saltito!

— Criança-feiticeira — avisou Saetan.

— Só experimentei um pouquinho — disse, entre dentes. — E só no Inferno.

Andulvar ficou boquiaberto.

Saetan fechou os olhos, na esperança de que a súbita e lancinante dor nas têmporas desaparecesse. Já teria sido bastante perigoso se ela tivesse experimentado a Pista de Khaldharon em Terreille, o Reino mais afastado das Trevas e onde os Ventos adquiriam o máximo da força, mas experimentar a Pista no Inferno...

— Você não voltará às Pistas até Andulvar achar que está preparada!

Surpreendida pela veemência de Saetan, Jaenelle observou-o.

— Assustei você.

Saetan circulou pela sala, à procura de algo que pudesse rasgar sem riscos.

— É claro que me assustou.

Ela ajeitou os cabelos e observou-o. Quando Saetan voltou à mesa, Jaenelle fez uma reverência feminina e respeitosa.

— Aceite minhas desculpas, Senhor Supremo. Aceite minhas desculpas, Príncipe Yaslana. Andulvar resmungou.

— Se vou ensiná-la a voar, também posso ensiná-la a usar os bastões, o arco e a faca. Os olhos de Jaenelle cintilaram.

— Sceron está me ensinando a usar a besta e Chaosti está me mostrando como se usa a faca — comentou ela.

— Mais uma razão para você aprender a usar também as armas eyrienas — disse Andulvar, sorrindo sombriamente.

Depois que Jaenelle saiu, Saetan olhou para Andulvar, preocupado.

— Espero que leve em consideração a idade e o sexo dela.

— Vou fazê-la trabalhar duro, SaDiablo. Se vou ensiná-la, e acho que não tenho escolha, farei isso como ela fosse um guerreiro eyrieno. — Sorriu maliciosamente. — Além disso, Prothvar vai adorar ser o adversário dela quando ela aprender a usar os bastões.

Quando Andulvar saiu, Saetan instalou-se na cadeira atrás da mesa, abriu uma das gavetas com uma chave e tirou de dentro dela uma folha de pergaminho caro, preenchida até metade com sua elegante caligrafia. Adicionou três nomes à lista que continuava a aumentar: Katrine, Sceron, Chaosti.

Com o pergaminho novamente trancado e seguro, Saetan recostou-se na cadeira e esfregou as têmporas. Aquela lista perturbava-o, uma vez que desconhecia o seu significado. Crianças, sim. Amigos, certamente. Mas todos de Kaeleer. Jaenelle tinha de se ausentar durante horas para poder percorrer essas distâncias, mesmo no Vento Negro. O que a família dela pensaria desses desaparecimentos? O que diriam? Jaenelle nunca falava de Chaillot, da sua casa, da sua família. Esquivava-se das perguntas que ele lhe fazia, qualquer que fosse a formulação empregada. Do que tinha medo?

Durante muito tempo, Saetan fixou o vazio. Por fim, enviou um pensamento por um fio masculino Cinza-Ébano, de macho para macho.

Ensine-a bem, Andulvar. Ensine-a bem.

5 / Inferno

Saetan saiu do pequeno quarto contíguo ao seu escritório particular secando o cabelo com todo o vigor. Suas narinas dilataram-se de imediato, e a linha entre as sobrancelhas se acentuou enquanto ele fitava a porta do escritório.

As Harpias possuíam um odor psíquico característico, e esta, que aguardava pacientemente que Saetan notasse sua presença, fazia-o sentir-se apreensivo.

De volta ao quarto, vestiu-se depressa mas com cuidado. Depois de se sentar à escrivaninha de madeira escura, abriu as fechaduras físicas e psíquicas da porta e aguardou.

Ela veio em silêncio, deslizante, e rapidamente alcançou a mesa. Era uma mulher esguia, de pele clara, com enormes olhos azuis, orelhas delicadamente pontiagudas e cabelos platinados

compridos e finos. Vestia uma túnica verde-floresta, calça com cinto de couro marrom e botas até o meio da perna. Do cinto pendia uma bainha vazia. Não usava qualquer Joia, e a ferida ao longo do pescoço sinalizava a forma como tinha morrido. Examinou-o enquanto ele a examinava.

A tensão cresceu na sala.

As Harpias eram feiticeiras que tinham morrido pelas mãos de um macho. Qualquer que fosse sua raça, eram mais instáveis e matreiras do que outras feiticeiras demônias-mortas e raramente saíam do seu território, no qual nem mesmo os machos demônios-mortos se aventuravam. Entretanto, aqui estava ela, por livre e espontânea vontade. Uma Viúva Negra e Rainha dos Dea al Mon.

— Sente-se, por favor, Senhora — convidou Saetan, acenando com a cabeça em direção à cadeira em frente à mesa. Sem tirar os olhos de Saetan, ela instalou-se graciosamente na cadeira.
— Como posso ajudar?

Quando ela começou a falar, sua voz parecia um vento sussurante soprando numa clareira. Mas nessa voz também havia relâmpagos.

— Você a serve?

Saetan tentou reprimir o calafrio que aquelas palavras lhe provocaram, mas ela detectou-o e sorriu. Esse sorriso fez com que a irritação de Saetan fervesse.

— Sou o Senhor Supremo, feiticeira. Não sirvo ninguém.

A expressão da Harpia não se alterou, mas seus olhos ficaram frios.

— A Sacerdotisa Suprema do Inferno anda fazendo perguntas. Isso não é bom. Por isso, volto a perguntar, *Senhor Supremo*, você a serve?

— O Inferno não tem Sacerdotisa Suprema.

Ela riu sinistramente.

— Então ninguém informou Hekatah desse pequeno detalhe. Se não a serve, é um amigo ou inimigo?

Saetan fez uma careta, falando ríspidamente.

— Não sirvo Hekatah, e embora tenhamos sido casados, duvido que me considere um amigo.

A Harpia olhou-o com repugnância.

— Hekatah só é importante porque ela ameaça interferir. A criança, Senhor Supremo. Serve a criança? É amigo ou inimigo?

— Que criança? — Um punhal frio golpeou-o no estômago.

A Harpia saltou da cadeira e deu uma volta rápida no escritório. Quando retornou à mesa, a mão direita ia continuamente na direção bainha, como se procurasse a faca que não estava ali.

— Sente-se. — Vendo que ela não se movia, um trovão ribombou na voz de Saetan. — Sente-se. — Hekatah desconfiava de atividades recentes, e os rumores sobre uma estranha feiticeira que aparecia e desaparecia no Reino das Trevas aguçou seu interesse. Mas ele não tinha qualquer controle sobre quem Jaenelle via ou por onde andava. Se as Harpias tinham conhecimento da sua existência, quem mais saberia? Quanto tempo levaria até Jaenelle seguir um fio psíquico que a conduziria diretamente aos braços de Hekatah? E esta Harpia seria uma amiga ou inimiga? — Os Dea al Mon estão cientes da criança — disse Saetan, cautelosamente.

A Harpia acenou com a cabeça.

— É amiga da minha parente Gabrielle.

— E de Chaosti.

Um sorriso cruel e satisfeito apareceu nos lábios dela.

— E de Chaosti. Ele também é meu parente.

— E você, quem é?

O sorriso desapareceu. Um ódio frio inflamou seus olhos.

— Titian. — Olhou Saetan de cima a baixo, recostando-se, em seguida, na cadeira. — Aquele que me quebrou... tem o seu nome de família, mas não a sua linhagem. Eu mal tinha completado doze anos quando fui traída e levada de Kaeleer. Ele me levou para se entreter e me quebrou com a sua lança. Mas tudo tem um preço. Deixei-lhe um legado, a única semente desse homem que jamais irá florescer. Ao final, será a ela que irá pagar a dívida. E quando chegar o momento, ela irá servir a jovem Rainha.

Saetan expirou lentamente.

— Quantos mais sabem da existência da criança?

— Muitos... ou não tantos quanto seria preciso. Depende do jogo.

— Isto não é um jogo! — Ficou imóvel. — Deixe-me entrar.

A repulsa tomou conta do rosto de Titian.

Saetan inclinou-se para a frente.

— Compreendo que ser tocada por um macho lhe cause horror. Mas não peço isso levianamente... ou por mim.

Titian mordeu o lábio. Enterrou as mãos na cadeira.

— Muito bem.

Concentrando os olhos na lareira, Saetan produziu o gesto psíquico, tocou a primeira barreira interna e sentiu a aversão de Titian. Aguardou pacientemente até ela se sentir preparada para abrir as barreiras. Uma vez no seu interior, moveu-se delicadamente, como um convidado educado. Não demorou muito a encontrar o que procurava, logo quebrando a ligação, aliviado.

Eles não sabiam. Titian especulava, estava bem perto de adivinhar. No entanto, ninguém que não fosse da confiança de Saetan sabia ao certo. Uma criança estranha. Uma criança excêntrica. Uma criança misteriosa e intrigante. Aquilo bastava. A sua criança sábia e prudente. Mas Saetan não conseguia não pensar no que teria acontecido para torná-la tão prudente, sendo tão jovem.

Voltou-se para Titian.

— Estou lhe ensinando a Arte. E sirvo-a.

Titian olhou ao redor da sala.

— Aqui?

Saetan sorriu sarcasticamente.

— Você tem razão. Estou cansado deste escritório. Talvez seja hora de lembrar ao Inferno quem está no comando.

— Comando por procuração, você quer dizer — afirmou Titian, com um sorriso predatório. Deixou que as palavras persistissem por um momento. — Ainda bem que está interessado, Senhor Supremo — reconheceu relutantemente. — Ainda bem que ela tem um protetor tão poderoso. É audaciosa, a nossa Irmã. Seria sensato ensinar-lhe a ser prudente. Mas não se deixe iludir. As crianças sabem o que ela é. É um segredo, mas também é amiga deles. Sangue canta para Sangue, e toda Kaeleer está adotando, aos poucos, uma única estrela negra.

— Como sabe sobre as crianças? — perguntou Saetan, desconfiado.

— Já disse. Sou parente de Gabrielle.

— Você está morta, Titian. Os demônios-mortos não se misturam com os vivos. Não

interferem nos assuntos dos Reinos dos vivos.

— É mesmo, Senhor Supremo? Você e sua família ainda dominam Dhemlan, em Kaeleer. — Deu de ombros. — Além disso, os Dea al Mon não se importam de conviver com os que vivem no crepúsculo eterno do Reino das Trevas. — Com alguma hesitação, acrescentou: — E a nossa jovem Irmã não parece compreender a diferença entre vivos e mortos.

Saetan endireitou-se.

— Acha que me conhecer a deixou confusa?

Titian balançou a cabeça, negando.

— Não, a confusão já estava instalada antes que ela soubesse da existência do Inferno ou de conhecer um Guardiã. Ela caminha por uma estranha trilha, Senhor Supremo. Quanto tempo vai levar até começar a caminhar pelas fronteiras do Reino Distorcido?

— Não temos motivos para supor que fará isso — respondeu Saetan com firmeza.

— Não? Ela seguirá a estranha trilha aonde quer que a leve. O que o faz pensar que uma criança que não distingue vivos e mortos irá distinguir entre a sanidade e o Reino Distorcido?

— NÃO! — Saetan pulou da cadeira e pôs-se diante da lareira. Tentou refrear o pensamento de Jaenelle deslizando para a loucura, incapaz de lidar com a sua essência, mas a ansiedade fluíu como ondas num mar agitado. Nenhum outro ser na história dos Sangue tinha usado a Negra como a Joia de Direito por Progenitura. Nenhum outro ser tivera de carregar a responsabilidade, o isolamento, que faziam parte do preço de se usar uma Joia tão escura, sendo ainda tão jovem.

Saetan sabia que Jaenelle já tinha visto coisas que uma criança não deveria ver. Tinha visto os segredos e as sombras nos seus olhos.

— Não há ninguém em Terreille em quem possa confiar para tomar conta dela?

Saetan deixou escapar uma gargalhada angustiada.

— Em quem você confiaria, Titian?

Titian esfregou as mãos nervosamente na calça.

Era jovem quando morreu, pensou Saetan com uma tristeza afetuosa. Tão frágil por baixo de toda aquela força. Como todas as mulheres.

Titian umedeceu os lábios.

— Conheço um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra que de vez em quando toma conta de quem precisa de ajuda. Se o abordarmos, talvez...

— Não — interrompeu Saetan rispidamente, o orgulho em confronto com o medo. Era irônico que Titian considerasse Daemon um protetor adequado. — Ele pertence ao fantoche de Hekatah, Dorothea. Pode ser obrigado a obedecer.

— Não acredito que maltrataria uma criança.

Saetan voltou à mesa.

— Talvez não porque quisesse, mas a dor pode levar um homem a fazer o que não faria por vontade própria.

Os olhos de Titian arregalaram-se ao compreender.

— Você não confia nele. — Refletiu e balançou a cabeça. — Está enganado. Ele é...

— Um espelho. — Saetan sorriu enquanto Titian inspirava com um sibilo. — Sim, Titian. É sangue do meu sangue, semente do meu ventre. Conheço-o bem... e não o conheço. É uma faca de dois gumes capaz de cortar a mão que o ampara tão facilmente como corta o inimigo. — Acompanhou-a à porta. — Agradeço seu conselho e a preocupação. Se tiver notícias, gostaria de ser informado.

Na soleira da porta, Titian virou-se e examinou-o.

— E se ela cantar ao sangue dele tão profundamente como canta ao seu?

— Senhora. — Saetan fechou a porta calmamente na cara de Titian e trancou-a a chave.

De volta à mesa, encheu uma taça de yarbarah e observou a pequena labareda dançando sobre a escrivaninha, aquecendo o vinho de sangue.

Daemon era um excelente Príncipe dos Senhores da Guerra, o que valia dizer que era um perigoso Príncipe dos Senhores da Guerra.

Saetan esvaziou o copo. Ele e Daemon eram um par à altura. Acreditaria mesmo que seu xará representava uma ameaça a Jaenelle ou eram ciúmes por ter de ceder a um possível amante, sobretudo quando esse amante era também seu filho? Não podendo responder com honestidade a essa pergunta, hesitava em dar a ordem para a execução de Daemon.

Por enquanto, não havia qualquer razão para mandar chamar Marjong, o Carrasco. Daemon não estava perto de Chaillot, e, por algum motivo, Jaenelle não vagueava em Terreille como em Kaeleer. Talvez Titian estivesse certa em relação a Daemon, mas não podia correr tal risco. Seu xará tinha a astúcia para iludir uma criança e a força para destruí-la.

Mas se fosse necessário executar Daemon para proteger Jaenelle, ele não seria enviado para a sepultura pelas mãos de um estranho.

Devia isso ao filho.



SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO TRÊS

1 / Kaeleer

Saetan sorriu friamente ao ver seu reflexo. Os cabelos negros estavam mais grisalhos nas têmporas do que há cinco anos, mas as linhas deixadas no seu rosto pela doença e pelo desespero estavam menos marcadas, enquanto as linhas de expressão eram mais visíveis.

Afastando-se do espelho, passeou pela galeria do segundo andar. A perna ruim ficava rígida se andasse demais, mas já não precisava daquela maldita bengala. Riu baixinho. Jaenelle era um tônico revigorante de várias maneiras.

Ao descer as escadas que terminavam na sala de recepção informal, reparou na mulher alta e esguia que o observava com os olhos entreabertos. Reparou também no conjunto de chaves que trazia ao cinto e sentiu-se aliviado por ter sido tão fácil encontrar a atual governanta.

— Boa tarde — saudou, de maneira agradável. — Você é Helene?

— E se for? — Cruzou os braços e bateu com o pé no chão, ritmadamente.

Bem, não esperava uma recepção calorosa, mas ainda assim... Sorriu.

— Considerando que o pessoal há muito tempo não tem a quem servir e o pouco incentivo que receberam, acho que você cuidou muito bem da casa.

Os ombros de Helene endireitaram-se bruscamente e os olhos brilharam de raiva.

— Cuidamos do Paço porque é o Paço. — Os olhos se estreitaram ainda mais. — E quem é você? — interrogou.

Saetan levantou uma sobrancelha.

— Quem você acha que sou?

— Um intruso, é o que eu acho — respondeu Helene com rispidez, pondo as mãos nos quadris. — Um desses que se esgueira por aqui de tempos em tempos para ficar olhando admirado e “embeber-se da atmosfera”.

Saetan soltou uma gargalhada.

— Fariam melhor se não se embebessem muito da atmosfera deste lugar. Se bem que aqui sempre foi mais calmo que em Terreille. Imagino que, após tantos anos ausente, sou uma espécie de intruso, mas... — Ergueu a mão direita. A Joia Negra cintilou no anel e, no mesmo momento, uma resposta ribombante veio das pedras do Paço SaDiablo.

Helene ficou lívida e olhou-o, espantada.

Saetan sorriu.

— Está vendo, minha querida, ainda responde ao meu chamado. E receio estar prestes a provocar estragos na sua rotina.

Helene fez uma reverência desajeitada.

— Senhor Supremo? — balbuciou.

Saetan inclinou a cabeça.

— Vou abrir o Paço.

— Mas...

Saetan endireitou-se.

— Há algum problema?

Havia um brilho débil nos olhos dourados de Helene enquanto ela limpava as mãos no grande avental branco.

— Uma limpeza profunda ajudaria, com certeza, mas... — olhou diretamente para as cortinas.

— ... uma reforma seria bem melhor.

A tensão esvaiu-se de Saetan.

— E dar-lhe algo de que se orgulhe em vez de ter que se contentar com um título vazio?

Helene corou e mordeu o lábio.

Escondendo um sorriso, Saetan fez os panos caídos desaparecerem e analisou a sala.

— Novas cortinas e tecidos finos, sem dúvida. Se encerarmos bem, a mobília de madeira ainda serve, contanto que os feitiços de conservação continuem atuantes e os móveis estejam sólidos. Novos sofás e cadeiras. Plantas junto às janelas. Também alguns novos quadros nas paredes. Papel de parede novo ou tinta? O que acha?

Helene demorou algum tempo para recuperar a voz.

— Quantos cômodos está pensando em reformar?

— Este, a sala formal de recepção do outro lado do corredor, a sala de jantar, meu escritório público, minha suíte, alguns quartos de hóspedes... E uma suíte especial para a minha Senhora.

— Então talvez a sua Senhora queira supervisionar a decoração.

Saetan olhou-a com um ar de divertimento escandalizado.

— Com certeza. No entanto, a minha Senhora fará doze anos daqui a quatro meses e eu prefiro que ela viva num quarto que decorei para ela em vez de eu mesmo viver num Paço decorado com os seus gostos um tanto quanto... ecléticos.

Helene olhou embasbacada por um momento, mas reprimiu o desejo de fazer a pergunta que Saetan via em seus olhos.

— Posso providenciar amostras de tecidos para que possa escolher.

— Excelente ideia, minha querida. Acha que consegue tornar este lugar apresentável em quatro meses?

— A equipe é pequena, Senhor Supremo — informou Helene, hesitante.

— Então contrate quem for preciso. — Saetan caminhou devagar até a porta que dava para o grande corredor. — Voltaremos a nos ver no final da semana. É tempo suficiente?

— Sim, Senhor Supremo. — Fez novamente uma reverência.

Tendo nascido num bairro degradado de Draega, a capital de Hayll, filho de uma prostituta indiferente, não esperava nem queria que os criados rastejassem à sua volta. Não mencionou este fato a Helene pois, se a tinha interpretado corretamente, aquela era a última reverência que jamais receberia.

No final do grande corredor, hesitou antes de abrir a porta de seu escritório público. Passeou pelo cômodo, tocando de leve na mobília coberta, fazendo ligeiras caretas ao ver os dedos sujos de pó.

Antigamente, governara Dhemlan Kaeleer do escritório. Ainda governava, lembrou-se. Tinha oferecido Dhemlan Terreille a Mephis quando este se tornou Guardião, mas não a terra gêmea no Reino das Trevas.

Ah, Kaeleer. Sempre fora um vinho doce para Saetan, com sua magia profunda e os mistérios.

Agora, esses mistérios estavam deixando a bruma novamente, e a magia ainda era poderosa. Fio a fio, Jaenelle estava reconstruindo a teia, convocando todos para a dança.

Esperava que ela ficasse contente em poder usar este lugar. Esperava ser convidado quando Jaenelle estabelecesse a própria corte. Queria ver quem ela escolheria para o Primeiro Círculo, queria ver os rostos por trás daquela lista de nomes. Conheceriam uns aos outros? Ou a ele?

Saetan balançou a cabeça, sorrindo.

Tivesse ou não intenção, a filha de sua alma certamente o havia lançado de volta aos vivos.

2 / Terreille

Subindo as escadas para o apartamento no terceiro andar, Surreal mudou o cesto das compras de uma mão para a outra e tirou as chaves do bolso da calça. Ao chegar ao patamar, vislumbrou a sombra de uma figura encostada à porta, e logo as chaves desapareceram, dando lugar ao seu pequeno punhal preferido.

A mulher afastou os cabelos negros emaranhados do rosto e levantou-se, cambaleando.

— Tersa — murmurou Surreal, fazendo desaparecer o pequeno punhal enquanto corria em direção à mulher claudicante.

— Você precisa dizer a ele — sussurrou Tersa.

Surreal deixou cair o cesto e pôs o braço em volta da cintura de Tersa. Após invocar as chaves e abrir a porta, arrastou a mulher que continuava a murmurar até o sofá, praguejando baixinho sobre o estado de Tersa.

Foi buscar o cesto e trancou a porta antes de voltar para o sofá com um pequeno copo de conhaque.

— Você precisa dizer a ele — murmurou Tersa entre dentes, batendo delicadamente no vidro.

— Beba, irá se sentir melhor — disse Surreal asperamente. — Não o vejo há meses. Já não tenho grande utilidade para ele.

Tersa agarrou Surreal pelos pulsos e disse ferozmente:

— Diga a ele para ter cuidado com o Sacerdote Supremo da Ampulheta. Não é um homem condescendente quando alguém ameaça aquilo que é. Diga a ele para ter cuidado com o Sacerdote.

Respirando fundo, Surreal levantou Tersa e ajudou a mulher mais velha a arrastar-se até o banheiro.

Dizer a ele? Não queria sequer chegar *perto* dele.

O que faria com Tersa? Havia apenas duas camas na casa. Não lhe cederia a sua, por isso Tersa teria de dormir na de Sadi. Porém, fogo do Inferno, ele tinha se tornado tão sensível em relação a ter uma mulher no quarto que era capaz de dizer se uma faxineira diferente tinha vindo, ainda que uma única vez. Merda. Não era provável que aparecesse — doces Trevas, por favor, não permita que ele apareça —, mas se isso acontecesse e ele se opusesse ao fato de Tersa usar a sua cama, poderia pô-la fora.

Surreal tirou as roupas esfarrapadas de Tersa.

— Vamos lá, Tersa. Você precisa de um banho quente, uma refeição decente e uma boa noite de sono.

— Você precisa dizer a ele.

Surreal fechou os olhos. Estava em dívida com ele. Nunca se esqueceu disso.

— Vou dizer a ele. Seja lá como for, vou dizer a ele.

3 / Terreille

Após vários minutos de um silêncio desconfortável, Philip Alexander virou-se no sofá e ficou de frente para a sobrinha. Tentou alcançar sua mão débil, mas ela recuou, evitando o toque.

Frustrado, Philip passou os dedos pelo cabelo e tentou, mais uma vez, ser sensato.

— Jaenelle, não estamos fazendo isto por crueldade. Você é uma garotinha doente e queremos ajudá-la a melhorar.

— Não estou doente — disse Jaenelle com calma, olhando para a frente.

— Sim, está. — Philip manteve a voz firme, mas amável. — Você não sabe distinguir o faz de conta do mundo real.

— Eu sei a diferença.

— Não sabe, não — insistiu Philip. Esfregou a testa. — Esses amigos, esses lugares que você visita... não são reais. *Nunca* foram reais. Você só os vê porque não está bem.

Dor, confusão e dúvida encheram os seus olhos azul-celestes.

— Mas parecem tão reais — murmurou.

Philip puxou-a para junto de si, agradecido por não ser rejeitado. Abraçou-a como se esse gesto fosse a cura que anos de tratamento não conseguiram.

— Sei que eles parecem reais, meu amor. É esse o problema, entende? O Dr. Carvay é o melhor curandeiro para...

Jaenelle contorceu-se para se libertar do abraço.

— Carvay *não* é um curandeiro, é...

— Jaenelle! — Philip respirou fundo. — É exatamente sobre isso que estamos falando. Inventar histórias maldosas sobre o Dr. Carvay não vai ajudar. Inventar histórias sobre criaturas mágicas...

— Eu não falo mais sobre elas.

Philip suspirou, frustrado. Era verdade. Ela tinha sido curada ou ultrapassado aquelas fantasias, mas as histórias que inventava agora eram apenas farinha do mesmo saco. Um tipo de farinha muito mais perigoso.

Philip levantou-se e ajeitou o casaco.

— Talvez... se você se esforçar e deixar que o Dr. Carvay ajude, fique curada e possa voltar logo para casa. A tempo do seu aniversário.

Jaenelle olhou-o de uma forma que ele não conseguiu decifrar.

Philip conduziu-a à porta.

— A carruagem está lá fora. O seu pai e a sua avó irão também e ajudarão você a se instalar.
Ao ver a carruagem desaparecer pela longa estrada, Philip esperou sinceramente que aquela fosse a última vez.

4 / Kaeleer

Saetan estava sentado à escrivaninha de madeira escura em seu escritório público, com uma taça de vinho meio vazia na mão, e olhou em volta para a sala reformada.

Helene tinha usado muito bem a Arte caseira. Terminara a reforma dos cômodos indicados por Saetan bem como a maior parte das salas e toda uma ala de alojamentos. Que tivesse contratado praticamente toda a vila de Halaway para isso... Bem, todos precisavam de um propósito. Até mesmo ele. Especialmente ele.

Uma batida rápida na porta chamou sua atenção.

— Entre — disse, esvaziando a taça de vinho.

Helene olhou em volta do escritório com satisfação antes de se aproximar da mesa, endireitando os ombros.

— A Sra. Beale quer saber por quanto tempo mais vai ter de atrasar o jantar.

— Uma refeição tão boa como a que a Sra. Beale preparou não deve ser desperdiçada. Por que você e os outros não apreciam os esforços dela?

— Então a sua convidada não vem?

— Parece que não.

Helene pôs as mãos nos quadris.

— Uma menina levada, é o que ela é, poderia ao menos enviar desculpas...

— Meça suas palavras, minha senhora. — Saetan rosou suavemente. Não havia como não perceber o tom ameaçador, a irritação.

Helene se encolheu e se afastou da secretária.

— Eu... Peço que me perdoe, Senhor Supremo.

De certa forma aplacado, Saetan inspirou profundamente e expirou devagar.

— Se não pôde vir, teve as suas razões. Não a julgue, Helene. Se ela estiver aqui e você tiver alguma queixa sobre servi-la, fale comigo e farei o que puder para aliviar o problema. Mas não faça julgamentos. — Caminhou lentamente até a porta. — Mantenha pessoal suficiente para servir os hóspedes que porventura cheguem. E mantenha um registro de quem entra e quem sai, especialmente de quem fizer perguntas sobre a Senhora. Ninguém entra sem se identificar previamente. Entendido?

— Sim, Senhor Supremo — respondeu Helene.

— Um bom jantar, minha querida. — E saiu.

Saetan foi pelo longo corredor de pedra em direção a seu escritório privado bem abaixo do Paço, no Reino das Trevas. Tinha abandonado o pequeno quarto adjacente, uma vez que regressara a seu quarto principal vários andares acima, mas, à medida que os dias e semanas iam passando, acabou voltando e ficando. Pelo sim, pelo não.

Uma silhueta franzina surgiu da penumbra junto à porta do escritório. A ansiedade do garoto vinha em ondas enquanto Saetan destrancava a porta, sem pressa, gesticulando para que entrasse. Um olhar de relance às chamas das velas produziu um brilho suave, toldando os contornos da sala e aliviando a sensação de imenso poder que dominava o escritório que tinha ocupado por tanto tempo.

— Me acompanhas numa taça de yarbarah, Char? — Sem esperar resposta, Saetan encheu uma taça em cima da mesa e aqueceu-a com uma pequena labareda. Ofereceu-o a Char.

A mão do rapaz tremia e seus olhos estavam repletos de medo.

Ansioso, Saetan aqueceu uma taça para si e instalou-se na outra cadeira, junto à lareira.

Char bebeu apressadamente, um sorriso fugaz nos lábios ao saborear o último gole. Olhou para o Senhor Supremo, para o rosto que quase nunca demonstrava qualquer vestígio de emoção, e desviou rapidamente o olhar. Tentou falar mas não produziu qualquer som. Pigarreou e voltou a tentar.

— Tem visto ela? — perguntou num sussurro rouco.

Saetan bebeu o vinho de sangue antes de responder.

— Não, Char, não a vejo há três meses. E você?

Char balançou a cabeça, negando.

— Não, mas... tem alguma coisa acontecendo na ilha. Chegaram outros.

Saetan inclinou-se para a frente.

— Outros? Não são crianças?

— Sim, crianças, mas... alguma coisa acontece quando chegam. Não chegam pelos Portões nem encontram a ilha caminhando nos Ventos. Eles vêm... — Char balançou a cabeça, procurando as palavras.

Saetan baixou a voz, transformando-a num canto profundo e relaxante.

— Posso entrar, Char? Posso ver? — O alívio de Char foi tão intenso que provocou em Saetan uma inquietação crescente. Recostando-se na cadeira, ele alcançou a mente do rapaz, encontrou as barreiras já abertas e seguiu Char até a memória do que tinha visto e que tanto o perturbara.

Saetan expirou, soltando um silvo de reconhecimento, e rompeu a ligação o mais depressa que pôde, sem prejudicar o rapaz.

Quando Jaenelle tinha aprendido *aquilo*?

— O que é? — perguntou Char.

— Uma ponte — respondeu Saetan. Esvaziou o copo e voltou a enchê-lo, surpreso por ver a mão firme, uma vez que, por dentro, tremia por inteiro. — É o que chamamos ponte.

— É muito poderosa.

— Não, a ponte em si não tem qualquer poder. — O olhar perturbado de Char encontrou o dele e Saetan permitiu que o rapaz visse a agitação que sentia. — Mas quem a construiu *tem* muito poder. — Pousou o copo e inclinou-se para a frente, os cotovelos sobre os joelhos, os dedos das mãos unidos e coçando o queixo. — De onde essas crianças vêm? Elas dizem de onde vêm?

Char umedeceu os lábios.

— De um lugar chamado Briarwood. Não dizem se é uma aldeia, uma cidade ou um

Território. Comentaram que uma amiga lhes falou da existência da ilha e lhes indicou o caminho. — Hesitou, com uma timidez repentina. — Vamos lá ver? Talvez... você compreenda.

— Podemos ir agora? — Saetan levantou-se, puxando as mangas do casaco.

Char fitou o chão.

— Deve ser um lugar horrível, Briarwood. — Levantou a vista e olhou para Saetan, os olhos inquietos suplicando algum conforto. — Por que ela iria a um lugar tão horrível?

Saetan levantou Char e pôs um braço em volta dos ombros magros do rapaz, sentindo-se mais perturbado do que gostaria de admitir quando Char se encostou a ele, carente. Trancando a porta do escritório, manteve o passo lento e firme enquanto alimentava o rapaz com gotas psíquicas de vigor e sensação de segurança. Quando os ombros de Char voltaram a se endireitar, Saetan deixou o braço cair descontraidamente.

Três meses. Durante três meses, Jaenelle não dera qualquer notícia. E agora crianças estavam viajando por uma ponte até a ilha das *cildru dyathe*.

A nova habilidade de Jaenelle o teria intrigado mais se a pergunta de Char não estivesse retumbando no seu sangue, pulsando em suas têmporas.

Por que ela teria ido a um lugar tão horrível? Por quê? Por quê? Por quê?

E onde?

5 / Terreille

— Briarwood? — Cassandra aqueceu duas taças de yarbarah. — Não, nunca ouvi falar de Briarwood. Onde fica? — Ofereceu uma a Saetan.

— Em Terreille, por isso deve ser em algum lugar em Chaillot. — Bebericou o vinho de sangue. — Talvez uma pequena aldeia ou povoado perto de Beldon Mor. Por acaso você tem um mapa dessa maldita ilha?

Cassandra corou.

— Bem, tenho. Fui a Chaillot. Mas não a Beldon Mor — acrescentou rapidamente. — Saetan, tive de ir porque... Bem, algo estranho vem acontecendo. De vez em quando, há uma sensação nas Teias, quase como se... — emitiu um som de frustração.

— Alguém as estivesse puxando e, em seguida, entrelaçando as vibrações — concluiu Saetan secamente.

Ele e Geoffrey tinham passado horas estudando livros sobre a Arte na biblioteca da Fortaleza para chegar a essa conclusão, mas continuavam sem entender *como* Jaenelle fazia isso.

— Exatamente — disse Cassandra.

Saetan observou-a enquanto invocava um mapa e o estendia sobre a mesa da cozinha.

— O que você vem sentindo é uma ponte que Jaenelle construiu.

Ele apanhou com destreza a taça de yarbarah que caiu da mão de Cassandra. Pousando os dois copos na mesa, Saetan conduziu-a até um banco junto à lareira e abraçou-a, afagando seus cabelos e cantarolando versos monótonos. Após algum tempo, ela parou de tremer e conseguiu

falar de novo.

— Não é assim que se constrói uma ponte — afirmou, categórica.

— Não da forma como eu ou você faríamos... se conseguíssemos.

— Somente os Sangue no apogeu da Arte são capazes de construir uma ponte que cubra uma distância que valha o esforço. Duvido que ainda exista alguém em Terreille com essa capacidade.

— Empurrou-o, resmungando em seguida quando Saetan não a largou. — Você vai ter que falar com ela sobre isso, Saetan. Não pense que não. Ela é nova demais para esse tipo de Arte. E por que construiu uma ponte se pode caminhar nos Ventos?

Saetan continuou afagando seus cabelos, apoiando sua cabeça no ombro. Ela já conhecia Jaenelle há cinco anos e ainda não entendia do que realmente se tratava, ainda não entendia que Jaenelle não era uma jovem Rainha que iria se tornar Feiticeira, mas que já *era* a Feiticeira. Neste momento, porém, Saetan também não tinha certeza de que entendia.

— Ela não viaja pela ponte, Cassandra — disse, cautelosamente. — Envia outros. Os que de outra forma não conseguiriam.

Será que a verdade iria assustá-la tanto como o tinha assustado? Provavelmente não. Ela não tinha visto aquelas crianças.

— De onde vêm? — perguntou, preocupada.

— De Briarwood, onde quer que seja.

— E para onde vão?

Saetan respirou fundo.

— Para a ilha das *cildru dyathe*.

Cassandra libertou-se de Saetan e foi cambaleando até a mesa. Agarrou-se à beirada para manter o corpo reto.

Saetan observou-a, aliviado ao ver que, embora assustada, não perdera o discernimento. Esperou que Cassandra se recompusesse e reparou no momento em que parou para reconsiderar, dando-se conta da Arte necessária para tal feito.

— Construiu uma ponte daqui *para o Inferno*?

— Sim.

Cassandra afastou uma mecha rebelde de cabelo do rosto, a linha vertical entre as sobrancelhas acentuando-se à medida que pensava. Balançou a cabeça de um lado para outro.

— Os Reinos não podem ser atravessados assim.

Saetan pegou a taça e esvaziou-a.

— Obviamente, com esse tipo de ponte, isso *é possível*. — Analisou o mapa, começando pela extremidade sul da ilha e subindo para o norte, em direção a Beldon Mor, região por região. Bateu na mesa com as unhas compridas. — Não está no mapa. Se for uma pequena aldeia perto de Beldon Mor, é provável que não seja considerada importante o suficiente para constar no mapa.

— Se é que é uma aldeia — murmurou Cassandra.

Saetan congelou.

— O que você disse?

— E se for apenas um lugar? Existem muitos lugares aos quais são dados nomes, Saetan.

— Sim — sussurrou, um olhar vago. Mas que tipo de lugar faria aquilo a crianças? — Resmungou frustrado. — Ela está escondendo alguma coisa por trás daquela maldita bruma. É por isso que não quer ninguém do Reino das Trevas nessa cidade. Quem estará protegendo?

— Saetan. — Hesitante, Cassandra pôs a mão no braço de Saetan. — Talvez esteja protegendo a si mesma.

Os olhos dourados de Saetan mudaram instantaneamente para um tom amarelo-escuro. Ele puxou o braço e começou a andar pelo cômodo.

— Eu nunca a machucaria. Ela me conhece bem o suficiente para saber disso.

— Acho que ela sabe que você não a machucaria deliberadamente.

Saetan girou sobre os calcanhares, um movimento gracioso de bailarino.

— Diga de uma vez o que tem a dizer, Cassandra. — A sua voz, embora calma, estava repleta de trovões e de uma fúria crescente.

Cassandra movimentou-se pela sala, deixando a mesa entre os dois. Não que isso fosse um obstáculo para Saetan.

— Não é só você, Saetan. Não entende? — Abriu os braços, implorando. — Também sou eu, Andulvar, Prothvar e Mephis.

— Eles não a machucariam — disse Saetan friamente. — Não posso falar por você.

— Você está me insultando — retrucou, para logo em seguida recuperar o controle, respirando profundamente. — Muito bem. Digamos que esta noite você apareça à porta da família de Jaenelle. E depois? É pouco provável que tenham conhecimento do relacionamento de vocês, que tenham conhecimento de qualquer um de nós. Já pensou no choque que terão ao descobrir o tipo de relação que você tem com ela? E se a abandonarem?

— Ela pode viver comigo — bufou.

— Saetan, seja sensato! Quer que Jeanelle cresça no Inferno, brincando com crianças mortas até já não se lembrar mais como é andar entre os vivos? Por que a obrigaria a esse tipo de vida?

— Poderíamos viver em Kaeleer.

— Por quanto tempo? Lembre-se de quem você é, Saetan. Como aqueles amiguinhos ficarão ansiosos para visitar a casa do Senhor Supremo do Inferno!

— Vagabunda — sussurrou, a voz trêmula de sofrimento. Encheu uma taça de yarbarah, bebeu-o frio e o gosto o fez contorcer o rosto.

Cassandra deixou-se cair numa cadeira à mesa, cansada demais para permanecer de pé.

— Posso ser uma vagabunda, mas o seu amor é um luxo que ela talvez não possa bancar. Ela nos manteve deliberadamente afastados e já não nos visita. Será que isso não lhe diz nada? Você não a viu, ninguém a viu nos últimos três meses. — Deu um sorriso vacilante. — Talvez fôssemos apenas uma fase pela qual estava passando.

Um músculo estremeceu no queixo de Saetan. Nos seus olhos, havia um olhar estranho e letárgico. Quando por fim falou, as palavras foram suaves e cheias de rancor.

— Não sou uma fase, Senhora. Sou a sua âncora, a sua espada e o seu escudo.

— Parece que a serve, pela forma como fala.

— Eu *a sirvo*, Cassandra. A você servi antigamente, e bem, mas não sirvo mais. Sou um Príncipe dos Senhores da Guerra. Conheço as Leis dos Sangue que se aplicam quando servimos e a primeira lei não é servir, é proteger.

— E se ela não desejar a sua proteção?

Saetan sentou-se em frente a Cassandra, os dedos firmemente entrelaçados.

— Quando ela constituir a própria corte, pode chutar o meu traseiro, se quiser. Até lá... — As palavras se perderam.

— Talvez haja outra razão para que a deixe ir. — Cassandra respirou fundo. — Hekatah me

visitou há alguns dias. — Retraiu-se diante do silvo de irritação de Saetan, mas prosseguiu numa voz atrevida: — Em teoria, veio ver o seu novo divertimento.

Saetan encarou-a. Falava de maneira leviana, como se a visita de Hekatah não significasse nada! Não, ela compreendia o perigo. Só não queria enfrentar a sua ira.

— Prossiga — disse, com calma excessiva. Aquele misto de medo e prudência nos olhos de Cassandra era bastante familiar. Tinha testemunhado aquela expressão em todas as mulheres com quem fora para a cama depois de começar a usar a Negra. Até mesmo em Hekatah, embora tivesse dissimulado bem, tendo em vista seus objetivos. Mas Cassandra era a Feiticeira. Usava a Negra. Nesse momento, odiava-a por tê-lo. — Prossiga — repetiu.

— Acho que não se impressionou muito — acrescentou Cassandra precipitadamente —, e duvido que soubesse quem eu era. No entanto, ficou desorientada quando percebeu que eu era uma Guardiã. De qualquer modo, pareceu mais interessada em descobrir se eu tinha conhecimento de uma criança que pudesse ser do seu interesse, um “jovem banquete”, como ela mesma disse.

Saetan praguejou com fúria.

Cassandra estremeceu.

— Hekatah fez um desvio para me falar do seu interesse por carne jovem, provavelmente pensando em acusar ciúme o suficiente para me tornar sua aliada.

— E o que disse a ela?

— Que o seu interesse aqui era a restauração do Altar das Trevas batizado em homenagem à Rainha que você serviu antigamente, e que embora eu ficasse lisonjeada por ela ter pensado que você poderia me achar divertida, infelizmente isso não era verdade.

— Talvez eu devesse retificar essa opinião.

Cassandra sorriu atrevidamente, mas havia pânico nos seus olhos.

— Eu não sou dessas que vai com qualquer um, Príncipe. Quais são as suas referências?

Por despeito, Saetan deu a volta na mesa, ergueu Cassandra e beijou-a suave e demoradamente.

— Minhas referências são as melhores, Senhora — sussurrou quando, finalmente, seus lábios se separaram dos dela. Largou-a, afastou-se e pôs a capa sobre os ombros. — Infelizmente, minha presença é necessária em outro local.

— Por quanto tempo mais irá esperar por ela?

Quanto tempo? Feiticeiras sombrias, feiticeiras fortes, feiticeiras poderosas. Sempre dispostas a receber o que lhes oferecia, na cama e fora dela, mas nunca gostaram dele, nunca confiaram nele, sempre o temeram. E havia Jaenelle. Por quanto tempo esperaria?

— Até que ela volte.

6 / Inferno

Fazia zunir seus nervos, persistente e irritante.

Rosnando durante o sono, Saetan rolou e puxou os cobertores até os ombros.

O zunido continuou. Um chamado. Um apelo.

Ao longo da Negra.

Saetan abriu os olhos no quarto escuro, escutando com os sentidos internos e externos.

Um grito estridente de fúria e desespero inundou-lhe a mente.

— Jaenelle — sussurrou, sentindo um arrepio quando os pés descalços tocaram o chão frio.

Vestindo um roupão, dirigiu-se ao corredor para logo parar, em dúvida sobre o rumo a tomar. Concentrou-se e enviou um chamado pela Negra.

Jaenelle!

Não houve resposta. Apenas o zunido entrelaçado de medo, desespero e fúria.

Ela ainda estava em Terreille. O pensamento rodopiava na cabeça de Saetan enquanto ele percorria os corredores tortuosos do Paço. Não havia tempo para imaginar como ela teria enviado aquela explosão de pensamento entre os Reinos. Não havia tempo para nada. Sua Senhora estava em perigo e inacessível.

Entrou de rompante no grande salão, ignorando a dor lancinante na perna ruim. Um pensamento arrancou as portas da frente do Paço. Correndo, desceu os degraus e circundou o Paço, dirigindo-se ao edifício isolado onde ficava o Altar das Trevas.

Ofegante, arrancou o portão de ferro das dobradiças e entrou no amplo salão. Suas mãos tremiam ao colocar o candelabro de prata e quatro braços no centro da pedra negra e lisa. Respirando fundo para se acalmar, acendeu as três velas negras que representavam os Reinos na ordem adequada para abrir um Portão entre o Inferno e Terreille. Acendeu a vela no centro do triângulo constituído pelas outras três, a vela que representava o Eu, e invocou o poder do Portão, aguardando pacientemente enquanto a parede em pedra atrás do Altar aos poucos dava lugar a uma neblina e se transformava num Portão entre os Reinos.

Saetan atravessou a neblina. Ao quarto passo deixou a névoa e entrou nas ruínas que abrigavam o Altar das Trevas em Terreille. Ao passar pelo Altar, reparou nos cotos de velas negras no candelabro embaçado e se perguntou por que o Altar estaria sendo usado com tanta frequência. Saiu do edifício, já sem tempo para especulações.

Reuniu a força das Joias Negras e enviou um pensamento por um firme fio psíquico.

Jaenelle!

Aguardou por uma resposta, lutando contra o impulso de pegar a Teia Negra e voar até Chaillot. Se estivesse nos Ventos, ficaria incomunicável por várias horas, e talvez já fosse tarde demais.

Jaenelle!

Saetan? Saetan! Do outro lado do Reino, sua voz chegou a Saetan como um débil murmúrio.

Criança-feiticeira! Concentrou sua força naquela frágil conexão.

Saetan, por favor, tenho de... Preciso...

Lute, criança-feiticeira, lute! Você é forte!

Preciso... não sei como... Saetan, por favor.

Até a Negra tinha limites. Rangendo os dentes, Saetan praguejou enquanto suas unhas compridas feriam as palmas das mãos, traçando caminhos de sangue. Se a perdesse agora... Não. *Não a iria perder!* Não importava o que precisaria fazer, encontraria uma forma de lhe enviar aquilo de que ela necessitava.

A ligação entre os dois, porém, era tão delicadamente precária que o menor abalo poderia quebrá-la, e além disso Jaenelle tinha a maior parte da atenção centrada em outro local. Se a ligação se rompesse, Saetan não conseguiria atravessar o Reino e voltar a encontrá-la. Manter a ligação por aquele fio esgotava a Joia Negra numa velocidade impressionante. Nem queria pensar quanto tinha custado a Jaenelle alcançá-lo no Inferno. Se pudesse usar alguém como ponto de transferência, se pudesse entrelaçar sua força com a de outro, por um minuto... Cassandra? Longe demais. Se desviasse força para procurá-la, por mínima que fosse, poderia perder Jaenelle de vez.

Mas precisava da força de mais alguém!

E ali estava. Prudente, irritada, concentrada. Outra mente no fio psíquico Negro, orientada para oeste, para Chaillot.

Outro macho.

Saetan paralisou. Somente outro macho usava as Joias Negras.

Quem é você? Era uma voz profunda e culta, com uma leve e sedutora rouquidão. Uma voz perigosa.

O que poderia dizer? O que se *atreveria* a dizer ao filho que tinha amado por escassos anos antes que fosse obrigado a abandoná-lo? Não havia tempo para resolver as questões entre os dois. Não agora. Por isso optou pelo título que não era usado em Terreille há 1.700 anos.

Sou o Sacerdote Supremo da Ampulheta.

Um tremor atravessou o fio entre os dois. Uma espécie de reconhecimento cauteloso que não era bem reconhecimento. O que significava que Daemon ouvira o título em algum lugar mas não sabia quem o detinha.

Saetan respirou fundo.

Preciso da sua força para manter esta ligação.

Um longo silêncio.

Por quê?

Saetan rangeu os dentes, não se atrevendo a deixar que os pensamentos se dispersassem.

Não posso dar a ela os conhecimentos de que precisa se não amplificar esta ligação, e, se ela não obtiver esses conhecimentos, pode ser destruída. Mesmo sem uma ligação completa entre os dois, Saetan sentiu Daemon ponderar palavras.

Subitamente, um fluxo de poder Negro bruto e quase descontrolado precipitou-se na direção de Saetan, enquanto Daemon disse:

Use quanto precisar.

Saetan extraiu a força de Daemon, drenando-a implacavelmente enquanto enviava um pensamento cortante em direção a Chaillot.

Senhora!

Socorro... Tanto desespero naquela palavra.

Use quanto precisar. Palavras de Protocolo, de serventia, de capitulação.

Saetan derrubou as próprias barreiras internas, proporcionando a ela acesso a tudo o que sabia, a tudo o que era. Caiu de joelhos e segurou a cabeça, certo de que seu crânio iria rachar com a dor provocada pela súbita entrada de Jaenelle, que vasculhava sua mente como se estivesse abrindo armários e lançando todo o seu conteúdo ao chão até encontrar o que procurava. Durou apenas um momento. Pareceu uma eternidade. Em seguida, ela se retirou e a ligação desapareceu.

* Obrigada. * Um débil murmúrio, quase sumido. * Obrigada. *

O segundo “obrigada” não foi dirigido a Saetan.

Pareceram horas e não minutos até suas mãos tombarem sobre as coxas e ele jogar a cabeça para trás a fim de olhar o falso céu da aurora. Levou mais um minuto até perceber que não estava sozinho. Outra mente ainda tocava levemente a sua, com algo mais do que prudência.

Saetan fechou rapidamente as barreiras internas.

* Você se saiu bem, Príncipe. Agradeço-lhe... por ela. * Cautelosamente, começou a se afastar da ligação, incerto de poder vencer um confronto com Daemon.

Daemon, porém, também se retirou, exausto.

Conforme a ligação se extinguia, antes que Saetan ficasse novamente sozinho consigo mesmo, a voz de Daemon chegou-lhe vaga, as palavras como uma ameaça melíflua.

* Não atravesse o meu caminho, Sacerdote. *

Segurando-se a uma das traves da cama de dossel, Daemon pôs-se de pé enquanto a porta se abria e seis guardas entravam cautelosamente no quarto.

Normalmente teriam boas razões para temê-lo, mas não hoje. Mesmo que não tivesse esgotado as suas forças até a exaustão, não teria lutado. Hoje, o que quer que lhe acontecesse, ele estava ganhando tempo, pois ela, onde quer que estivesse, precisava de uma chance de se recuperar.

Os guardas puseram-se à sua volta e o conduziram até o pátio externo bem iluminado.

Ao avistar os dois postes com as correias de couro presas na base e no topo, hesitou por um brevíssimo momento.

A Senhora Cornelia, a última Rainha de estimação a comprar os seus serviços de Dorothea SaDiablo, estava junto aos postes. Seus olhos faiscavam. A voz gotejava de excitação.

— Tirem a roupa dele.

Daemon afastou furiosamente as mãos dos guardas e começou a se despir quando uma descarga de dor proveniente do Anel de Obediência o fez tomar fôlego. Olhou para Cornelia e baixou as mãos.

— Tirem a roupa dele — ordenou Cornelia.

Mãos grosseiras o despiram sem demora e o arrastaram para os postes. Os guardas amarraram seus tornozelos e pulsos aos postes, apertando bem as correias de couro.

Cornelia riu para ele.

— Os escravos estão proibidos de usar Joias. Os escravos não podem fazer nada além de Arte básica, como você bem sabe.

Sim, sabia. Assim como sabia que Cornelia detectaria a libertação daquela enorme quantidade de força negra e o castigaria por isso. Para a maioria dos machos, a ameaça de dor — especialmente a dor que poderia ser produzida pelo Anel de Obediência — era suficiente para mantê-los submissos. Mas Daemon tinha aprendido a encarar a agonia como uma delicada amante e usava-a para alimentar o ódio por Dorothea e por tudo que fosse ligado a ela.

— A punição para esse tipo de desobediência é de cinquenta chibatadas — disse Cornelia. — *Você* mesmo contará. Se se enganar, terá de repetir tudo do início, até fazer corretamente. Se se perder, a contagem recomeça.

Daemon forçou indiferença na voz.

— O que a Senhora SaDiablo dirá sobre o tratamento que você dá à sua propriedade?

— Dadas as circunstâncias, não creio que a Senhora SaDiablo se importe — respondeu Cornelia suavemente. Sua voz transformou-se num estalido de chicote:

— Comecem!

Daemon ouviu o assobio do chicote antes de o golpe o atingir. Por um breve momento, foi percorrido por um estranho arrepio de prazer antes de o corpo reconhecer a dor. Inspirou irregularmente.

— Um.

Tudo tem um preço.

— Dois. — Uma Lei dos Sangue ou parte de um código de honra? — Três. — Nunca tinha ouvido falar do Sacerdote Supremo da Ampulheta até encontrar um dos avisos de Surreal, mas havia algo de familiar naquela outra mente. — Quatro. — Quem *era* o Sacerdote? — Cinco. — Um Príncipe dos Senhores da Guerra... — Seis. — ... como ele mesmo... — Sete. — ... que usava Joias Negras. — Oito. — Tudo tem um preço. — Nove. — Quem lhe ensinara isso? — Dez. — Mais velho. Mais experiente. — Onze. — A leste. — Doze. — E ela estava a oeste. — Treze. — Não sabia quem ela era, mas *sabia*, sim, o *que* ela era. — Catorze. Quinze.

Tudo tem um preço.

Os guardas o arrastaram de volta para o quarto e trancaram a porta.

Daemon caiu de quatro. Apoiando a testa no chão, tentou abrandar a dor lancinante nas costas, nádegas e pernas o tempo suficiente para se levantar. Cinquenta chicotadas, cada uma rasgando-lhe a carne. Cinquenta chicotadas. Nem uma a mais. Não tinha se enganado uma única vez na contagem, apesar das explosões de dor que Cornelia enviara pelo Anel de Obediência para distraí-lo.

Juntando os pés, impulsionou o corpo até ficar quase reto e caminhou penosamente até o banheiro, incapaz de abafar o gemido que acompanhava cada passo.

Ao alcançar o banheiro, apoiou uma das mãos na parede e abriu as torneiras para encher a banheira com água morna. Sua visão saía de foco a todo momento e seu corpo tremia de dor e cansaço. Só na terceira tentativa conseguiu invocar o pequeno estojo de couro com remédios. Depois de abri-lo, levou um minuto até que pudesse ver com nitidez suficiente o frasco que estava procurando.

Misturadas com água, as ervas em pó limpavam feridas, abrandavam a dor e permitiam o início do processo de cura — *se* ele conseguisse manter certa constância na mente, *se* conseguisse se recolher em si mesmo tão profundamente para reunir o poder, a Arte de que precisaria para curar a carne rasgada.

Os lábios de Daemon esboçaram um sorriso sinistro enquanto ele fechava a torneira. Se enviasse um chamado pela Negra, se pedisse ajuda ao Sacerdote, será que a obteria? Era pouco provável. Não era um inimigo. Ainda não. Mas Surreal tinha feito bem em deixar aquelas notas avisando-o sobre o Sacerdote.

Daemon soltou um grito quando o frasco escorregou de suas mãos, espatifando-se no chão do banheiro. Pôs-se de joelhos, soltou um som agudo quando se cortou num pedaço de vidro e ficou olhando fixamente para o pó, com lágrimas de dor e frustração a brotar dos olhos. Sem o pó para

ajudá-lo a curar as feridas, poderia sará-las até certo ponto, poderia estancar a hemorragia... mas as cicatrizes ficariam. Não precisava de um espelho para saber qual seria o seu aspecto.

Não! Não percebeu que havia efetuado um envio. Estava somente tentando aliviar a frustração.

Um minuto depois, ainda de joelhos no chão do banheiro, tremendo e tentando conter o choro que surgia dentro de si, sentiu a mão de alguém a tocar seu ombro.

Daemon girou sobre os calcanhares, dentes à mostra e olhos ferozes.

Não havia ninguém ali. O toque tinha desaparecido. Mas havia uma presença no banheiro. Estranha... ou não.

Daemon perscrutou o recinto e não encontrou nada. Mas ainda estava presente, como algo que se vê pelo canto do olho e que desaparece quando nos viramos. Com a respiração ofegante, Daemon aguardou.

Quando ocorreu de novo, o toque foi hesitante, cauteloso. Daemon sentiu um calafrio percorrendo a espinha suavemente. Sentiu um calafrio porque, junto com o cansaço e o desânimo, o suave toque estava repleto de uma ira fria.

As ervas em pó e o vidro partido desapareceram. Em seguida, uma esfera de bronze, perfurada como um infusor de chá, surgiu sobre a água e afundou. Pequenas mãos fantasmas, dóceis embora fortes, ajudaram-no a entrar no banho.

Daemon espantou-se quando as feridas abertas tocaram a água, mas as mãos empurraram-no para baixo, para baixo, para baixo, até ficar deitado de costas, com a água a cobri-lo. Depois de alguns momentos, deixou de sentir as mãos. Angustiado que a ligação tivesse sido quebrada, esforçou-se para se sentar, mas logo percebeu que alguma coisa o mantinha deitado. Relaxou e aos poucos percebeu que a pele estava dormente do queixo para baixo, que já não sentia dor. Suspirando com gratidão, Daemon apoiou a cabeça na banheira e fechou os olhos.

Uma escuridão doce e estranha fluiu por ele, que gemeu. Mas era um gemido de prazer.

Era estranho como a mente podia ficar à deriva. Ele quase podia sentir o cheiro do mar, o poder das ondas. Depois veio o forte odor da terra após a chuva quente da primavera. E o calor adocicado dos raios de sol numa tarde agradável de verão. O prazer sensual ao deitar-se numa cama com lençóis limpos.

Quando, relutantemente, abriu os olhos, o odor psíquico ainda persistia, mas Daemon sabia que ela já tinha ido embora. Mexeu o pé na água já fria. A esfera de bronze também desaparecera.

Com todo o cuidado, Daemon saiu do banho, destampou o ralo e hesitou, sem saber o que fazer. Pegou uma toalha e esfregou a frente do corpo para absorver a maior parte da água, mas estava relutante em tocar as costas. Cerrando os dentes, voltou as costas para o espelho e olhou por cima do ombro. Era melhor saber qual a gravidade dos ferimentos.

Daemon ficou chocado.

Ali estavam cinquenta linhas brancas, como riscas de giz na pele castanho-dourada. As linhas pareciam frágeis e seriam necessários alguns dias de cuidados antes que se pudesse afirmar que as feridas estavam solidamente fechadas, mas ele estava curado. Se não voltassem a abrir, as linhas desapareceriam. Nenhuma cicatriz.

Daemon foi para a cama com todo o cuidado e deitou-se de bruços, movendo os braços para cima devagar, colocando-os sob a almofada, que usava para apoiar a cabeça. Era difícil permanecer acordado, era difícil deixar de pensar em como uma campina pode parecer tão prateada sob o luar. Difícil...

Alguém estivera tocando suas costas algum tempo antes que ele se desse conta. Daemon resistiu ao impulso de abrir os olhos. Não haveria nada para ver, e, se ela percebesse que ele estava acordado, poderia se afastar.

O seu toque era firme, delicado, conhecedor. Deslocava-se devagar em círculos pelas costas de Daemon. Refrescante, relaxante, confortante.

Onde ela estava? Se não estava perto, como conseguia estabelecer contato? Não sabia. Não se importava. Entregou-se ao prazer daquele toque fantasma, uma mão que um dia seguraria fisicamente.

Quando ela foi embora outra vez, Daemon levou um braço às costas lentamente e tocou-as com cuidado. Olhou admirado para o espesso unguento que ficou em seus dedos e que limpou lençol. Os olhos fecharam-se. Não havia razão para lutar contra o sono de que tanto precisava.

Porém, antes de se entregar a essa necessidade, pensou mais uma vez no tipo de feiticeira que vinha em auxílio de um estranho — exausta devido à própria provação — e curava suas feridas.

— Não atravesse o meu caminho, Sacerdote — murmurou entre dentes e adormeceu.

CAPÍTULO QUATRO

1 / Inferno

Saetan bateu com o livro na mesa e estremeceu de raiva.

Um mês havia se passado desde o apelo de Jaenelle por conhecimento. Um mês de espera por alguma palavra, *alguma* indicação de que estava bem. Tentou entrar em Beldon Mor, mas Cassandra estava certa. A bruma psíquica que rodeava a cidade era uma barreira sentida apenas pelos mortos, uma barreira que mantinha todos no exterior. Jaenelle não corria riscos fosse qual fosse o segredo por trás da bruma, e sua falta de confiança era como uma lâmina entre as costelas de Saetan.

Perdido nos próprios pensamentos, Saetan não se deu conta de outra presença no escritório até ouvir seu nome sendo chamado pela segunda vez.

— Saetan? — Tamanha dor e súplica naquela vozinha cansada. — Por favor, não fique zangado comigo.

A visão embaçou. As unhas cravaram-se na mesa, penetrando na madeira dura como pedra. Queria permitir que todo o medo e toda a raiva que tinha crescido dentro de si desde a última vez que a vira, meses atrás, jorrassem. Queria sacudi-la por se atrever a lhe pedir para reprimir sua fúria. Em vez disso, respirou fundo, serenou o rosto vestindo a máscara mais neutra que conseguiu e virou-se na direção de Jaenelle.

A visão que teve o fez se sentir mal.

Ela estava um esqueleto. Os olhos safira estavam afundados no crânio, quase perdidos nas olheiras escuras. O cabelo louro que Saetan adorava tocar pendia frágil e sem brilho em volta do rosto machucado. Nos tornozelos e pulsos, havia sangue seco e queimaduras provocadas por cordas.

— Venha aqui — disse, a voz esvaziada de emoções. Como Jaenelle não se moveu, deu um passo na sua direção. Jaenelle retraiu-se e recuou. A voz de Saetan adquiriu o tom de um trovão fraco. — Jaenelle, venha aqui.

Um passo. Dois. Três. Olhou fixamente para os pés de Saetan, tremendo.

Ele não a tocou. Não confiava em si mesmo o suficiente para controlar o ciúme e o despeito que o queimavam enquanto olhava para ela. Preferia ficar com a família e ser tratada daquele jeito a ficar com ele, que a amava com todo o seu ser, mas a quem não era confiada a sua proteção pois era um Guardião, era o Senhor Supremo do Inferno.

É melhor brincar com os mortos do que ser um deles, pensou amargamente. No momento, Jaenelle não tinha força suficiente para brigar. Ficaria com ele por uns dias, se curando. Então faria com que o bastardo do pai dele se ajoelhasse à sua frente e renunciasse a todos os seus direitos de paternidade. Faria...

— Não posso abandoná-los, Saetan. — Jaenelle levantou os olhos.

As lágrimas que corriam pelas faces machucadas de Jaenelle apertaram-lhe o coração, mas ele

manteve o rosto como uma pedra e aguardou em silêncio.

— Não há mais ninguém. Não compreende?

— Não, não compreendo. — A sua voz, embora controlada e serena, ribombou na sala. — Ou talvez compreenda. — O olhar frio varreu seu corpo trêmulo. — Você prefere suportar isto e ficar com a sua família a viver comigo e com tudo o que tenho a lhe oferecer.

Jaenelle piscou, surpresa. Perdeu um pouco do ar perturbado e ficou pensativa.

— Viver com você? Está falando sério?

Saetan observou-a, perplexo.

Com pesar, demoradamente, Jaenelle negou com a cabeça.

— Não posso. Gostaria, mas não posso. Ainda não. Sozinha, Rose não iria conseguir.

Saetan se abaixou, apoiando-se num joelho, e segurou as mãos débeis, quase transparentes, de Jaenelle nas suas. Ela estremeceu ao toque de Saetan, mas não as retirou.

— Não precisaria ser no Inferno, criança-feiticeira — disse suavemente. — Abri o Paço em Kaeleer. Poderia viver lá e talvez frequentar a mesma escola dos seus amigos.

Jaenelle deu uma risadinha e, por um momento, seus olhos dançaram com uma expressão de divertimento.

— Escolas, Senhor Supremo? Eles vivem em vários lugares diferentes.

Saetan sorriu com afeto e inclinou a cabeça.

— Escolas. Ou tutores particulares. O que você quiser, criança-feiticeira, eu *posso* providenciar. Os olhos de Jaenelle encheram-se de lágrimas enquanto ela balançava a cabeça em negativa.

— Seria fantástico, sem dúvida, mas... ainda não. Ainda não posso deixá-los.

Saetan deixou de argumentar e suspirou. Ela o tinha procurado em busca de consolo, não para brigar. E uma vez que não poderia servi-la oficialmente até Jaenelle constituir uma corte, não tinha qualquer direito de se colocar entre ela e a família, independentemente do que sentia.

— Está bem. Mas lembre-se, por favor, de que você tem um lugar para ficar. Não precisa permanecer com eles. De qualquer forma... eu estaria disposto a tomar as providências necessárias para que sua família a visitasse ou vivesse com você, sob a minha supervisão, se for esse o seu desejo.

Jaenelle arregalou os olhos.

— Sob a sua supervisão? — repetiu, debilmente. Soltou uma gargalhada semelhante a um gorgolejo, tentando, de imediato, parecer austera. — Você não obrigaria a minha irmã a aprender a usar os bastões com Prothvar, não é?

A voz de Saetan tremeu de divertimento e lágrimas contidas.

— Não, não faria isso. — Com todo o cuidado, puxou-a para os seus braços e envolveu o corpo débil. Lágrimas brotaram dos olhos fechados de Saetan quando Jaenelle pôs os braços em volta do seu pescoço, num abraço apertado. Ele a abraçou, aqueceu, confortou. Quando, por fim, Jaenelle se afastou, pôs-se rapidamente de pé, limpando as lágrimas do rosto.

Jaenelle desviou o olhar.

— Voltarei assim que puder.

Assentindo com a cabeça, Saetan voltou-se em direção à mesa, sem conseguir falar. Não ouviu um único movimento, não ouviu a porta se abrir, porém, quando virou para trás, ela já não estava ali.

2 / Terreille

Surreal estava deitada debaixo do homem que transpirava e grunhia, movendo os quadris no ritmo adequado e gemendo com sensualidade sempre que uma mão gorda apertava seus seios. Olhava fixamente para o teto enquanto as mãos iam para baixo e para cima nas costas suadas, com uma urgência não muito fingida.

Porco estúpido, pensou quando um beijo cheio de baba molhou seu pescoço. Deveria ter cobrado mais pelo serviço — e teria feito isso se soubesse como as coisas seriam desagradáveis na cama. No entanto, ele só teria uma oportunidade, e estava quase no clímax.

Agora o feitiço. Ah, tecer o feitiço.

Voltou a mente para o interior, deslizou das profundidades serenas da Verde para a Cinza ainda mais tranquila, mais profunda, mais silenciosa, tecendo rapidamente o feitiço de morte em volta do homem, entrelaçando-o com os ritmos da cama, com o coração acelerado e a respiração irregular.

A prática a tinha tornado hábil na sua Arte.

O último elo do feitiço era um adiamento. Não amanhã, mas depois de amanhã ou no dia seguinte. Então, assim que o coração disparasse, fosse por causa de uma irritação ou de um desejo carnal, o feitiço faria explodir uma veia, queimaria o cérebro com o poder da Cinza, quebraria a Joia e não restaria nada além de carne em decomposição.

Um comentário ríspido de Sadi é que havia convencido Surreal a ser meticulosa em seus assassinatos. Daemon considerava a hipótese de que os Sangue, sendo mais do que carne, poderiam continuar a usar as Joias após a morte do corpo — e poderiam se lembrar de quem os ajudara a seguir o caminho enevoado até o Inferno. Ele dissera: — O que quer que faça ao corpo, conclua o assassinato. Afinal, quem é que gostaria de um dia, ao virar uma esquina, encontrar um demônio-morto ansioso por retribuir o favor?

Por isso, Surreal sempre concluía o assassinato. Não haveria nenhum rastro, nada que levasse a ela. As Curandeiras que agora exerciam em Terreille, sendo como eram, presumiriam que ele tinha estourado a mente e as Joias tentando salvar o corpo da morte física.

Surreal despertou de seus devaneios quando por um momento os grunhidos e batimentos aumentaram. Então ele caiu, e ela virou a cabeça, tentando não inalar o forte odor do corpo imundo.

Quando ele finalmente virou de costas e começou a roncar, Surreal escapou da cama, vestiu um robe de seda e franziu o nariz. O robe teria de ser lavado antes que voltasse a usá-lo. Prendeu o cabelo atrás das orelhas, foi até a janela e abriu a cortina.

Tinha de decidir para onde ir agora que o serviço estava terminado. Deveria ter tomado essa decisão há vários dias, mas continuava hesitando devido aos sonhos recorrentes que varriam a sua mente como as ondas numa praia. Sonhos sobre Titian e as Joias de Titian. Sonhos sobre a necessidade de estar em algum lugar, sobre a necessidade da *sua presença* em algum lugar.

Mas Titian não podia lhe indicar o local.

Talvez houvesse luzes demais nesta velha e decrépita cidade. Talvez não conseguisse decidir por não conseguir ver as estrelas.

Estrelas. E o mar. Algum lugar limpo, onde pudesse ter uma rotina tranquila que lhe permitesse passar os dias lendo ou caminhando à beira do mar.

Surreal sorriu. Três anos haviam se passado desde a última vez que estivera com Deje. Chaillot tinha praias bonitas e calmas na parte oriental. Num dia claro, era possível ver a Ilha Tacea. E havia um Santuário perto, não? Ou algum tipo de ruína antiga. Piqueniques, caminhadas longas e solitárias. Deje ficaria feliz por vê-la e não a forçaria a trabalhar todas as noites.

Sim. Chaillot.

Surreal se afastou da janela quando o homem roncou e se virou bruscamente de lado. O Sádico tinha razão. Havia muitas formas eficazes de matar um homem sem que fosse necessário espalhar sangue pelas paredes.

Era uma pena que não lhe dessem o mesmo prazer.

3 / Terreille

Lucivar Yaslana ouvia as meias verdades romanceadas que Zuultah vomitava para um círculo de feiticeiras nervosas e de olhos esbugalhados a seu respeito e se perguntava se partir uns pescoços femininos acrescentaria algum colorido às histórias. Com relutância, pôs de lado essa fantasia agradável e perscrutou a sala apinhada em busca de diversão.

Daemon Sadi deslizou à sua frente.

Lucivar reteve a respiração e voltou-se para o círculo de Zuultah. Da última vez que as Rainhas foram pouco cuidadosas em mantê-los separados, ele e Daemon tinham destruído uma corte durante uma briga que começara numa desavença sobre a qualidade do vinho que estava sendo servido: se era apenas medíocre ou, na realidade, mijo de cavalo colorido.

Isso fora há quarenta anos. Era tempo suficiente entre as raças de longevidade reduzida para que as jovens e inquietas Rainhas se convencessem de que o poderiam controlar, bem como a Daemon, ou, melhor ainda, de que eram maravilhosas Rainhas, detentoras de uma tal determinação que conseguiam domar dois Príncipes dos Senhores da Guerra com Joias Negras. Bem, este Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra não era domável — pelo menos não o seria nos próximos cinco anos. Quanto ao Sádico... Qualquer homem que se referisse às próprias habilidades na cama como mel envenenado não era passível de ser domado ou controlado, a não ser por escolha.

Já era tarde quando Lucivar teve oportunidade de escapar para o jardim dos fundos. Daemon tinha saído alguns minutos antes, após um desentendimento abrupto e ríspido com a Senhora Cornelia.

Deslocando-se com a cautela de um predador, Lucivar seguiu o rastro de ar fresco deixado pela passagem de Daemon. Virou uma esquina e parou.

Daemon estava de pé no meio da trilha de cascalho, o rosto voltado para o céu noturno enquanto uma suave brisa agitava seus cabelos negros.

O cascalho sob os pés de Lucivar moveu-se ligeiramente.

Daemon voltou-se em direção ao som

Lucivar hesitou. Sabia bem o que significava aquele olhar letárgico e vidrado de Daemon, lembrava-se com bastante clareza do que tinha acontecido nas cortes onde aquele sorriso terno e assassino tinha permanecido por mais do que um breve segundo. Nada, nem ninguém, estava seguro quando Daemon se encontrava naquele estado de espírito. Porém, fogo do Inferno, era isso que tornava divertida a dança com o Sádico.

Exibindo o próprio sorriso indolente e arrogante, Lucivar avançou e esticou lentamente as asas negras em toda a sua amplitude antes de voltar a fechá-las bem junto ao corpo.

— Olá, Bastardo.

O sorriso de Daemon ficou mais descontraído.

— Olá, Sacana. Quanto tempo!

— É verdade. Tem bebido bons vinhos ultimamente?

— Nenhum que você apreciaria. — Daemon examinou as roupas de Lucivar e franziu a testa.

— Decidiu se tornar um rapaz bem-comportado?

Lucivar bufou.

— Decidi que quero comida decente e uma cama decente para variar, assim como uns dias fora de Pruul, e tudo o que preciso fazer é lambar as botas de Zuultah sempre que ela volta dos estábulos.

— Talvez seja esse o seu problema, Sacana. Não deveria lambar as botas delas, mas beijar-lhe o rabo. — Virou-se e deslizou pela trilha.

Lembrando-se do motivo pelo qual queria falar com Daemon, Lucivar seguiu-o com relutância até um mirante num canto do jardim, de onde não poderiam ser vistos da mansão. Daemon sorriu daquela maneira fria e melíflua e desviou-se para que Lucivar entrasse primeiro.

Nunca permita que um predador sinta o cheiro do medo.

Incomodado com o próprio desconforto, Lucivar voltou-se para observar as folhas luminescentes de um cipreste próximo. Ficou rígido quando Daemon surgiu por trás, quando as longas unhas murmuraram nos seus ombros, brincando com a pele de uma forma apaixonada.

— Você me deseja? — sussurrou Daemon, passando os lábios pelo pescoço de Lucivar.

Lucivar bufou e tentou se afastar, mas a mão que o acariciava rapidamente se tornou um vício.

— Não — disse de forma categórica. — Suportei muito disso em acampamentos de caça dos eyrienos. — Com um sorriso rasgado, voltou-se. — Pensa realmente que o seu toque faz o meu coração disparar?

— E não faz? — sussurrou Daemon, com um estranho olhar.

Lucivar olhou, espantado. A voz de Daemon estava baixa demais, sussurrante demais, perigosamente letárgica. Fogo do Inferno, Lucivar pensou com desespero enquanto os lábios de Daemon tocavam os seus, o que havia de *errado* com ele? Este não era o seu tipo de jogo.

Lucivar tentou recuar. As unhas de Daemon cravaram-se na parte de trás de seu pescoço. As afiadas unhas dos polegares furavam sua garganta. Mantendo os pulsos pressionados contra as coxas, Lucivar fechou os olhos e entregou-se ao beijo.

Não havia qualquer razão para se sentir humilhado e envergonhado. O seu corpo estava reagindo a um estímulo da mesma forma que reagiria ao frio ou à fome. A reação física nada

tinha a ver com sentimentos ou desejo. Nada.

Contudo, Mãe Noite, Daemon poderia incendiar uma pedra!

— Por que está fazendo isto? — Lucivar arquejou. — Pelo menos me diga por quê.

— E por que não? — respondeu Daemon amargamente. — Tenho de me prostituir para todo mundo, por que não para você?

— Por que eu não o desejo. Por que não é isso que você quer. Daemon, isto é uma loucura! Por que está fazendo isto?

Daemon encostou a testa na de Lucivar.

— Se já sabe a resposta, por que me pergunta? — Massageou os ombros de Lucivar. — Já não aguento ser tocado por elas. Desde... Já não suporto o toque, o cheiro, o gosto. Violaram tudo o que sou, até não me restar mais nada de puro a oferecer.

Lucivar agarrou os pulsos de Daemon. A vergonha e a amargura que impregnavam o odor psíquico de Daemon arranharam um nervo que ele tinha se recusado a explorar nos últimos cinco anos. Quando fosse suficientemente crescida para compreender o que significava, *será* que aquela gatinha de olhos azul-safira os desprezaria pela forma como tinham sido forçados a servir? Não teria importância. Lutaria com todas as suas forças pela possibilidade de servi-la. E Daemon faria o mesmo.

— Daemon. — Respirou profundamente. — Daemon, ela chegou.

Daemon recuou.

— Eu sei. Eu a senti. — Enfiou as mãos trêmulas nos bolsos da calça. — Há perturbações em volta dela...

— Que perturbações? — perguntou Lucivar bruscamente.

— ... e não canso de me perguntar se ele consegue, se *irá*, protegê-la.

— Quem? *Daemon!*

Daemon caiu no chão, com as mãos na genitália e gemendo.

Praguejando baixinho, Lucivar abraçou Daemon e aguardou. Não havia nada que se pudesse fazer por um homem sofrendo devido a uma descarga de dor enviada pelo Anel de Obediência.

Quando terminou e Daemon se levantou, seu belo e aristocrático rosto tinha endurecido numa máscara fria e vitrificada pela dor, e sua voz estava vazia de emoções.

— Parece que a Senhora Cornelia solicita minha presença. — Tirou um pequeno galho da manga do casaco. — E pensar que ela já teria aprendido a lição. — Hesitou antes de deixar o mirante. — Cuide-se, Sacana.

Muito depois do som dos passos de Daemon ter desaparecido, Lucivar encostou-se ao mirante. O que teria acontecido entre Daemon e a moça? E o que queria dizer com “Cuide-se, Sacana”? Uma despedida afetuosa... ou um aviso?

— Daemon? — murmurou Lucivar, recordando-se de outro lugar e de outra corte. — Daemon, não. — Correu em direção à mansão. — *Daemon!*

Lucivar entrou de rompante pelas portas de vidro e abriu caminho por entre grupos de mulheres fofas, quase sem dar conta do rosto encolerizado de Zuultah à sua frente. Tinha subido metade dos degraus que levavam aos quartos de hóspedes quando uma descarga de dor proveniente do Anel de Obediência o fez cair de joelhos. Zuultah estava a seu lado, o rosto contorcido de raiva. Lucivar tentou se erguer mas outra onda do Anel de Obediência o fez se dobrar de tal forma que sua testa tocou os degraus.

— Deixe-me ir, Zuultah. — A voz estava alterada pela dor.

— Vou lhe ensinar boas maneiras, arrogante...

Lucivar contorceu-se para conseguir encará-la. — Deixe-me ir, vagabunda estúpida — sibilou.
— Deixe-me ir antes que seja tarde demais.

Demorou um longo minuto até Zuultah perceber que não era dela que Lucivar tinha medo, e demorou outro longo minuto até Lucivar conseguir se levantar.

Com uma das mãos na genitália, Lucivar impulsionou-se escadaria acima e forçou-se a correr de forma atabalhoada, na direção da ala dos hóspedes. Não havia tempo para pensar na multidão que crescia atrás de si, não havia tempo para pensar em mais nada a não ser chegar ao quarto de Cornelia antes de...

Daemon abriu a porta de Cornelia, fechou-a atrás de si, ajeitou os punhos da camisa e, em seguida, bateu violentamente na parede.

Lucivar sentiu a mansão estremecer à medida que o poder da Joia Negra ondulava pela parede. Surgiram rachaduras na parede, abrindo-se em todas as direções, cada vez maiores.

— Daemon?

Daemon ajeitou novamente os punhos da camisa. Quando, por fim, olhou para Lucivar, seus olhos estavam tão frios e vidrados como uma pedra preciosa opaca — já não eram humanos.

Daemon sorriu.

Lucivar tremeu.

— Corra — sussurrou Daemon.

Ao ver a multidão que abarrotava o corredor atrás de Lucivar, virou-se calmamente e caminhou na direção oposta.

A mansão continuava a estremecer. Em algum lugar perto, ouviu-se o som de algo quebrando.

Umedecendo os lábios, Lucivar abriu a porta de Cornelia. Olhou para a cama, para o que estava na cama, e lutou para controlar o estômago. Afastou-se da porta aberta e ficou ali, entorpecido demais para se mover.

Sentiu o cheiro de fumaça, ouviu o crepitar das chamas que consumiam um quarto. Pessoas gritaram. As paredes da mansão retumbaram à medida que se separavam mais e mais. Lucivar olhou à sua volta, confuso, até que uma parte do teto desabou a alguns metros dele.

O medo aclarou seu pensamento, e ele fez a única coisa sensata.

Correu.

4 / Terreille

Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll, percorreu toda a extensão da sala de estar, a capa-casulo que usava sobre um simples vestido negro roçando o chão, ondulando atrás dela. Batia com as pontas dos dedos umas nas outras de vez em quando, observando distraidamente sua prima Hepsabah cada vez mais agitada devido ao silêncio e ao caminhar contínuos.

Hepsabah contorcia-se na cadeira.

— Você não vai trazê-lo de volta, vai? — guinchou devido ao pânico crescente. Tentou acalmar

as mãos, uma vez que Dorothea achava os seus gestos nervosos irritantes, mas elas pareciam pássaros cujas asas tivessem sido cortadas, agitando-se irremediavelmente no seu colo.

Dorothea lançou um olhar penetrante na direção de Hepsabah e continuou a caminhar de um lado para outro.

— Para onde mais o mandaria? — vociferou. — Pode levar *anos* até que alguém queira contratá-lo. E, com as histórias que correm, eu talvez nem consiga oferecer o desgraçado como presente. A maior parte daquele lugar ficou queimada de tal maneira que está irreconhecível... Mas o quarto de Cornelia permaneceu intacto. Muitas pessoas viram o que estava naquela cama. Tem havido conversa demais.

— Mas... ele não está lá e não está aqui. Onde está?

— Fogo do Inferno, como vou saber! Por perto. Escondido em algum lugar. Provavelmente reduzindo outras feiticeiras a ossos e carne.

— Você podia convocá-lo com o Anel.

Dorothea parou de andar e olhou fixamente a prima, os olhos entreabertos. Suas mães tinham sido irmãs. Desse lado, a linhagem era perfeita. E o progenitor de Hepsabah tinha demonstrado potencial. Como era possível duas das Cem Famílias de Hayll terem concebido aquela idiota afetada? A não ser que a sua querida tia tivesse fecundado a si mesma com algum tipo de lixo do esgoto. Pensar que Hepsabah era o melhor de que dispunha para tentar ter algum controle sobre ele. Isso fora um erro. Talvez tivesse sido melhor deixar aquela vagabunda de Dhemlan ficar com ele. Não. Isso traria problemas. A Sacerdotisa das Trevas a tinha avisado. Sem dúvida tinha.

Dorothea sorriu para Hepsabah, satisfeita por vê-la encolher-se cada vez mais na cadeira.

— Acha então que eu deveria chamá-lo? Usar o Anel quando os destroços daquele lugar mal arrefeceram? Está disposta a dar as boas-vindas a ele se o trouxer dessa maneira?

O rosto macio e cuidadosamente maquiado de Hepsabah enrugou-se de medo.

— Eu? — gemeu. — Você não me obrigaria a isso. Não *pode* me obrigar. Ele *não* gosta de mim.

— Mas você é a *mãe* dele, minha querida — ronronou Dorothea.

— Mas você sabe... você sabe...

— Sim, eu sei. — Dorothea continuou andando de um lado para outro, porém num passo mais lento. — Mas vejamos. Ele está em Hayll. Registrou-se esta manhã num dos postos de entrada. Em breve estará aqui. Vamos lhe dar um ou dois dias para descarregar a raiva em quem quer que seja. Mas terei de organizar algum tipo de diversão pedagógica. E terei de pensar no destino dele. A escória haylliana e os plebeus não percebem o que ele é. *Gostam* dele. Aham que a generosidade insignificante que demonstra é como ele é de verdade. Eu deveria ter preservado a imagem do quarto de Cornelia num cristal encantado para mostrar a todos como ele realmente é. Não importa. Não ficará muito tempo. Encontrarei *alguém* suficientemente insensato para ficar com ele.

Hepsabah levantou-se, alisou o vestido dourado sobre o corpo rechonchudo e curvilíneo e afagou os cabelo negros cacheados.

— Bem, vou ver se o quarto está preparado. — Soltou uma risadinha nervosa. — É o dever de uma mãe.

— Não se encoste muito nas traves da cama, querida. Você sabe como ele odeia o perfume almiscarado das mulheres.

Hepsabah pestanejou, engolindo com dificuldade.

— Eu nunca — disse, indignada, aborrecendo-se na mesma hora. — Não é justo.

Dorothea ajeitou um fio de cabelo rebelde nos elegantes caracóis de Hepsabah. — Quando começar a ter esses pensamentos, minha querida, lembre-se de Cornelia.

A pele morena de Hepsabah empalideceu.

— Sim — murmurou entre dentes, enquanto Dorothea a conduziu à porta. — Sim, vou me lembrar disso.

5 / Terreille

Daemon deslizou pela calçada apinhada com passos largos e firmes, sem tomar conhecimento de quem quer que fosse, obrigando as pessoas a se desviarem do seu caminho. Não os via, não ouvia as vozes sussurrantes. Com as mãos nos bolsos da calça, deslizava pela multidão e pelo barulho, inconsciente e indiferente.

Estava em Draega, a capital de Hayll.

Estava em casa.

Nunca tinha gostado de Draega, nunca tinha gostado dos altos edifícios de pedra um ao lado do outro, impedindo a passagem do sol, nunca tinha gostado das estradas e calçadas de concreto com árvores raquíticas e empoeiradas que cresciam em círculos de terra recortados no cimento. Ah, havia mil coisas aqui para fazer: teatros, espetáculos de variedades, museus, lugares onde jantar. Tudo de que um povo de longevidade prolongada, arrogante e inútil necessitava para preencher as horas vazias. Mas Draega... Se pudesse ter certeza de que duas feiticeiras em particular terminariam esmagadas e enterradas nos escombros, destruiria a cidade sem pensar duas vezes.

Virou de repente para a rua, abrindo caminho por entre as carruagens — que tiveram de parar bruscamente — sem se dar conta da ira dos condutores. Um ou dois passageiros puseram a cabeça para fora da janela lateral para gritar com ele, mas, ao verem o seu rosto e reconhecerem quem era, enfiaram rapidamente as cabeças para dentro, na esperança de Daemon não ter reparado.

Desde que chegara, naquela manhã, estava seguindo um fio psíquico que o puxava na direção de um destino desconhecido. Não estava perturbado pelo puxão. As sinuosidades caóticas denunciavam quem estava na outra extremidade. Não sabia por que ela estaria em Draega, justo ali, mas a necessidade dela de vê-lo era forte o suficiente para que o puxasse na sua direção.

Daemon entrou no grande parque no centro da cidade, tomou a via que levava à zona sul e diminuiu a velocidade. Entre as árvores e a grama, com os sons da rua abafados, respirava um pouco melhor. Atravessou uma passarela sobre um riacho que não era mais do que um fio d'água e hesitou por um momento, decidindo tomar a bifurcação à direita na trilha que adentrava o parque ainda mais.

Por fim, chegou a uma pequena seção oval de grama, ao final da qual havia um banco de ferro com detalhes imitando renda. Um semicírculo de ervas-da-fortuna servia de cenário, e pequenas flores azuis com tálamo branco preenchiam os arbustos. Em cada extremidade da seção oval

havia árvores altas e antigas, e seus ramos entrelaçavam-se no alto, permitindo chegar ao solo apenas réstias de luz solar.

O puxão cessou.

Daemon ficou em pé na grama, girando lentamente. Quando estava indo embora, uma risadinha abafada veio dos arbustos.

— Quantos lados tem um triângulo? — questionou uma voz rouca de mulher.

Daemon suspirou e balançou a cabeça. Dessa vez seriam enigmas.

— Quantos lados tem um triângulo? — A voz voltou a perguntar.

— Três — respondeu Daemon.

Os arbustos se abriram. Tersa sacudiu as folhas do casaco esfarrapado e afastou o cabelo negro e emaranhado do rosto.

— Mas como é tolo! Não lhe ensinaram nada?

O sorriso de Daemon era dócil e brincalhão.

— Parece que não.

— Venha dar um beijo em Tersa.

Apoiando as mãos nos ombros magros de Tersa, Daemon beijou-a levemente na face. Perguntou-se quando teria sido a última vez que ela tinha comido, mas decidiu não questioná-la. Ela raramente sabia e tampouco se importava, de modo que perguntar só a faria infeliz.

— Quantos lados tem um triângulo?

Daemon suspirou, resignado.

— Minha querida, um triângulo tem três lados.

Tersa franziu a testa.

— Garoto estúpido. Me dê a sua mão.

Daemon estendeu a mão direita, obedientemente. Tersa agarrou os dedos longos e finos com seus gravetinhos de aspecto frágil e virou a palma da mão para cima. Com o dedo indicador da mão direita, desenhava repetidamente três linhas comunicantes.

— Um triângulo dos Sangue tem quatro lados, tolinho. Como o candelabro no Altar das Trevas. Lembre-se disso.

Repetidamente, até as linhas começarem a emitir um brilho branco na mão morena.

— Pai, irmão, amante. Pai, irmão, amante. O pai veio primeiro.

— Costuma ser assim — disse Daemon, secamente.

Ignorou-o.

— Pai, irmão, amante. O amante é o reflexo do pai. O irmão fica entre os dois. — Parou de desenhar e levantou os olhos. Era uma daquelas vezes em que os olhos de Tersa estavam límpidos e concentrados, e, apesar disso, ela estava olhando para um lugar que não era o mesmo onde se encontrava o seu corpo. — Quantos lados tem um triângulo?

Daemon estudou as três linhas brancas na palma da mão.

— Três.

Tersa inspirou, desesperada.

— Onde está o quarto lado? — falou rapidamente, na esperança de impedir a repetição da pergunta.

Tersa estalou as unhas do polegar e do indicador e em seguida pressionou a unha do indicador, afiada como uma faca, no centro do triângulo na palma da mão de Daemon. Daemon emitiu um silvo quando a unha cortou a carne. Puxou a mão, mas os dedos de Tersa a apertavam com tanta

força que chegavam a machucar.

Daemon observou o sangue brotando na mão. Tersa, que continuava a segurá-la com força, levantou-a lentamente na direção do rosto dele. O mundo tornou-se indistinto, embaçado, envolto numa névoa. A única coisa nítida e dolorosa que Daemon conseguia distinguir era a sua mão, um triângulo branco e o sangue vivo e brilhante.

A voz de Tersa era uma cantilena monótona.

— Pai, irmão, amante. E o centro, o quarto lado, aquele que domina os outros três.

Daemon fechou os olhos quando Tersa levou a mão de Daemon aos lábios dele. O ar estava quente demais, denso demais. Os lábios de Daemon entreabriram-se. Ele lambeu o sangue da palma da mão.

O sangue ferveu na língua, um relâmpago vermelho. Queimou seus nervos, crepitou por todo o seu corpo e concentrou-se no estômago, como uma brasa branca e incandescente à espera de um fôlego, um único toque que transformaria a sua masculinidade inflamada num inferno. A mão se fechou num punho e Daemon cambaleou, cerrando os dentes na tentativa de não implorar por aquele toque.

Quando abriu os olhos, a seção oval de grama estava vazia. Abriu a mão, lentamente. As linhas estavam desaparecendo, o pequeno corte estava curado.

— Tersa?

A voz de Tersa chegou a ele distante e desvanecida.

— O amante é o reflexo do pai. O Sacerdote... Será o seu melhor aliado ou o seu pior inimigo. Mas a escolha será sua.

— Tersa!

Mal se podia ouvir o que ela dizia.

— O cálice está se partindo.

— *Tersa!*

Foi assaltado por uma onda de raiva e terror. Fechando a mão, levantou os braços na altura dos ombros. O choque do seu punho com uma árvore desceu até os calcanhares. Daemon encostou-se na árvore, os olhos fechados, a testa apoiada no tronco.

Quando abriu os olhos, o casaco preto estava coberto de cinzas esverdeadas. Franzindo a testa, olhou para cima. Uma recusa presa no fundo da garganta, a estrangulá-lo. Afastou-se da árvore e sentou-se no banco, o rosto entre as mãos.

Vários minutos mais tarde, forçou-se a olhar para a árvore.

Estava morta, queimada por dentro pela sua fúria. De pé entre todas as coisas verdes e vivas, os ramos cinzentos e esqueléticos ainda se estendiam para alcançar a companheira. Daemon foi até a árvore e pressionou a mão no tronco. Não sabia se haveria um jeito de examiná-la para verificar se a seiva ainda corria no seu interior ou se teria sido completamente cristalizada pelo fogo da sua ira.

— Lamento — sussurrou. Uma poeira cinza-esverdeada continuava a cair dos ramos mais altos. Há alguns minutos essa poeira tinha sido folhas verdes e vivas. — Lamento.

Respirando fundo, Daemon voltou pela trilha por onde tinha vindo, as mãos nos bolsos, cabisbaixo e com os ombros caídos. Um segundo antes de sair do parque, virou-se e olhou para trás. Não conseguia ver a árvore, mas podia senti-la. Balançou a cabeça devagar, um sorriso sinistro nos lábios. Tinha enterrado mais Sangues do que jamais poderiam imaginar, e, no entanto, compadecia-se de uma árvore.

Daemon sacudiu as cinzas do casaco. Teria de se apresentar a Dorothea em breve, no dia seguinte, no máximo. Queria fazer outras duas paradas antes de se apresentar na corte.

6 / Terreille

— Querida, o que você anda fazendo? Está que é pele e osso.

Surreal inclinou-se sobre o balcão da recepção, fez uma careta e inspirou.

— Nada, Deje. Só estou destruída.

— Tem deixado os homens fazerem refeição de você? — Olhou para ela com uma expressão sagaz. — Ou é o seu outro negócio que está acabando com você?

Os olhos verde-dourados de Surreal ficaram perigosamente inexpressivos.

— Que negócio seria esse, Deje?

— Não sou burra, querida — disse Deje, devagar. — Sempre soube que não gosta de verdade desse trabalho. Ainda assim, é a melhor.

— A melhor fêmea — retrucou Surreal, prendendo os longos cabelos negros atrás das orelhas pontudas.

Deje colocou as mãos no balcão e inclinou-se na direção de Surreal, preocupada.

— Ninguém pagou você para dançar com... Bem, você sabe como as notícias voam, e estiveram falando sobre uns problemas.

— Não fiz parte disso, graças às Trevas.

Deje suspirou.

— Fico contente. Aquele nasceu demônio, com certeza.

— Se não é, deveria ser.

— Conhece o Sádico? — perguntou Deje, os olhos atentos.

— Sim — respondeu Surreal, com relutância.

Deje hesitou.

— É tão bom como dizem?

Surreal estremeceu.

— Nem queira saber.

Deje pareceu surpresa, mas logo recobrou a postura profissional.

— Não importa. Não é da minha conta, de qualquer maneira. — Dando a volta no balcão, pôs um braço em torno dos ombros de Surreal e conduziu-a pelo corredor. — Um quarto no jardim, acho. Você pode se sentar lá fora tranquilamente à noite e fazer as refeições no quarto, se preferir. Se alguém perceber que está aqui e solicitar a sua companhia, direi que está no período da lua e precisa descansar. A maioria não consegue notar a diferença.

Surreal sorriu debilmente.

— Bem, essa é a verdade.

Deje balançou a cabeça e estalou a língua em sinal de aborrecimento enquanto abria a porta e conduzia Surreal para o quarto.

— Às vezes você é tão sensata quanto uma criança, fazendo tanto esforço numa época em que as Joias a esgotarão até o osso se tentar usá-las. — Resmungou consigo mesma enquanto puxava a coberta da cama e afofava os travesseiros. — Vista uma camisola bonita e confortável, não um desses trecos justos, e deite-se. À noite teremos uma sopa nutritiva. E tenho alguns romances novos na biblioteca, de leitura leve e agradável. Vou trazer alguns para você escolher. E...

— Deje, você devia ter sido mãe de alguém — Surreal deu uma gargalhada.

Deje pôs as mãos nos quadris largos e tentou parecer ofendida.

— Uma bela coisa para se dizer a alguém no meu ramo. — Gesticulou com as mãos como se estivesse a enxotá-la. — Para a cama e nem mais uma palavra. Querida? Querida, tem alguma coisa errada?

Surreal tombou na cama, as lágrimas caindo silenciosamente pelo rosto.

— Não consigo dormir, Deje. Tenho sonhos que me dizem que deveria estar em algum outro lugar, que deveria fazer alguma coisa. Mas não sei onde nem o quê.

Deje sentou-se na cama e limpou as lágrimas do rosto de Surreal.

— São apenas sonhos, querida. Sim, é verdade. Você está destruída.

— Tenho medo, Deje — murmurou Surreal. — Há alguma coisa errada com ele. Posso sentir. Quando comecei a fugir, na esperança de caminhar na direção oposta, todo o maldito continente não era grande o bastante. Preciso de um lugar limpo por uns tempos. — Surreal olhou para Deje, os grandes olhos repletos de fantasmas. — Preciso de tempo.

Deje afagou o cabelo de Surreal.

— Claro, querida, claro. Todo o tempo de que precisar. Ninguém irá pressioná-la na minha casa. Agora vá, já para a cama. Trarei alguma coisa para você comer e uma coisinha para ajudá-la a dormir. — Beijou-lhe a testa e saiu apressadamente do quarto.

Surreal vestiu uma camisola velha e macia e deitou-se. Era bom estar de volta à casa de Deje, estar de volta a Chaillot. Se o Sádico ficasse longe, talvez conseguisse dormir um pouco.

7 / Terreille

Daemon bateu à porta da cozinha.

Lá dentro, a cantiga alegre que alguém cantava parou.

Aguardando que a porta se abrisse, Daemon olhou ao redor, satisfeito por ver que a casinha estava em bom estado de conservação. O gramado e os canteiros de flores, impecáveis. A colheita de verão estava quase concluída na horta, mas as saudáveis vinhas numa das extremidades prometiam uma boa safra de abóboras.

Ainda era muito cedo para abóboras. Daemon suspirou de mágoa e ficou com água na boca ao se lembrar das tortas de abóbora de Manny.

No fundo do quintal havia duas barracas. A menor delas devia servir como depósito das ferramentas de jardinagem. A maior era a carpintaria de Jo. O velho provavelmente estaria enfiado ali, fazendo uma mesinha elegante com pedaços de madeira, alheio de tudo, exceto ao

trabalho.

A porta da cozinha continuava fechada. O silêncio permaneceu.

Preocupado, Daemon abriu a porta o suficiente para enfiar a cabeça e os ombros e dar uma olhada.

Manny estava de pé junto à mesa, uma das mãos cheia de farinha contra o peito.

Maldição. Deveria ter percebido que a visita de um Príncipe dos Senhores da Guerra iria assustá-la. Tinha mudado bastante desde a última vez que a vira e ela poderia não reconhecer seu odor psíquico.

Com o seu melhor sorriso, disse:

— Querida, se você quer fingir que não está em casa, ao menos deveria fechar as janelas. O cheiro desses bolinhos de avelã atrairá as criaturas mais repugnantes.

Manny deu um grito de alívio e de alegria, contornou a mesa correndo e foi até a porta, as mãos cheias de farinha acenando alegremente.

— Daemon!

Daemon entrou na cozinha, passou o braço em volta da cintura larga da mulher e a rodopiou.

Manny riu e agitou os braços.

— Me ponha no chão. Estou sujando de farinha o seu belo casaco.

— E eu lá quero saber do casaco. — Beijou-a no rosto e devolveu-a cuidadosamente ao chão. Com uma reverência e um floreio do pulso, ofereceu-lhe um ramo de flores. — Para a minha senhora preferida.

Com os olhos turvos devido às lágrimas, Manny inclinou a cabeça para cheirar as flores.

— Vou botá-las na água. — Movendo-se numa grande agitação pela cozinha, encheu uma jarra e passou vários minutos ajeitando as flores. — Vá para a sala de estar que já levo uns bolinhos de avelã e chá.

Manny e Jo tinham servido na corte de SaDiablo quando Daemon era criança. Manny tinha tomado conta dele, praticamente o criara. E continuava tentando educá-lo.

Escondendo um sorriso, Daemon enfiou as mãos nos bolsos e arrastou os sapatos pretos e brilhantes pelo chão da cozinha. Olhou para ela através dos longos cílios negros.

— O que eu fiz? — disse, numa voz de rapazote, triste e ligeiramente mal-humorada. — O que eu fiz para deixar de merecer uma cadeira na cozinha?

Tentando parecer irritada, Manny só conseguia rir.

— De nada adianta tentar educá-lo do jeito certo. Sente-se lá e se comporte. — Daemon riu, despreocupado, sentindo-se um garotinho, caindo graciosamente numa das cadeiras da cozinha. Manny retirou pratos e xícaras. — Embora eu não entenda por que você quer ficar na cozinha.

— Na cozinha é onde fica a comida.

— Parece que há coisas que os garotos nunca podem ficar sem. Toma. — Manny colocou um copo à frente de Daemon.

Daemon olhou para o copo, depois para ela.

— É leite — acrescentou Manny.

— Percebi — disse Daemon, secamente.

— Muito bem. Beba. — Cruzou os braços e bateu o pé. — Sem leite não há bolinhos de avelã.

— Você sempre foi mandona — resmungou Daemon. Pegou o copo, fez uma careta e bebeu tudo de uma vez. Devolveu o copo a ela, sorrindo o melhor sorriso de garotinho de que era capaz.

— E agora, posso comer um bolinho de avelã?

Manny riu, balançando a cabeça.

— Você é inacreditável. — Pôs a chaleira no fogo e começou a passar os bolinhos de avelã para uma bandeja. — O que o traz aqui?

— Vim ver você. — Daemon cruzou as pernas e juntou os dedos das mãos, repousando-os no queixo.

Manny levantou os olhos, suspirou e voltou para os bolinhos.

Intrigado com o olhar atônito de Manny, Daemon observou enquanto ela arranjava a bandeja outra vez. Em busca de um assunto neutro, disse: — A casa está muito bonita. Mantê-la assim não dá muito trabalho?

— Os jovens da aldeia ajudam — disse Manny calmamente.

Daemon franziu a testa.

— Não têm dinheiro suficiente para contratar um faz-tudo e uma faxineira?

— Temos, mas por que iria querer outra mulher andando pela minha casa, me dizendo como lustrar os móveis? — Sorriu manhosamente. — Além disso, as moças estão sempre dispostas a ajudar no trabalho pesado em troca de um dinheirinho, de alguma das minhas receitas especiais ou de uma oportunidade para flertar com os rapazes longe dos olhares dos pais. E os rapazes estão sempre dispostos a ajudar no trabalho lá fora em troca de algumas moedas, de comida ou de uma desculpa para tirar a camisa e mostrar os músculos às moças.

A risada de Daemon encheu a cozinha.

— Manny, você virou a casamenteira da aldeia.

Manny sorriu, satisfeita.

— Agora mesmo, Jo está trabalhando num berço para um desses jovens casais.

— Espero que tenham se casado antes.

— É claro — disse Manny, indignada. Pôs a bandeja de bolinhos de avelã diante de Daemon com grosseria. — Você deveria se envergonhar, zombando de uma velha.

— Ainda posso comer os bolinhos? — perguntou, arrependido.

Em resposta, Manny despenteou o cabelo dele e tirou a chaleira do fogão.

Daemon fixou o olhar no vazio. Tantas perguntas e nenhuma resposta.

— Você está em apuros — disse Manny, enchendo o infusor de chá.

Daemon sacudiu o corpo.

— Estou procurando informações que talvez sejam difíceis de encontrar. Uma amiga me disse para ter cuidado com o Sacerdote.

Manny colocou o infusor no bule.

— Ah, qualquer pessoa com o mínimo de bom senso precisa ter cuidado perto do Sacerdote.

Daemon olhou-a, espantado. Ela conhecia o Sacerdote. Estariam as respostas assim tão perto?

— Manny, por favor, sente-se.

Manny ignorou o pedido e colocou as xícaras na mesa depressa, mantendo-se fora do alcance de Daemon. — O chá está pronto. Vou chamar Jo...

— Quem é o Sacerdote?

— ... ficará feliz em ver você.

Daemon levantou da cadeira, segurou o pulso de Manny e puxou-a para a outra cadeira. Manny olhou espantada para a mão de Daemon, para o dedo anelar sem anel, para as longas unhas tingidas de preto.

— Quem é o Sacerdote?

— Você não deve falar sobre ele. Jamais.

— Quem é o Sacerdote? — A voz tornou-se perigosamente suave.

— O chá — disse, debilmente.

Daemon serviu duas xícaras de chá. De volta à mesa, cruzou as pernas e juntou os dedos das mãos.

— Agora.

Manny levou a xícara aos lábios, mas achou que o chá estava quente demais para beber. Pousou a xícara, girando-a, até que a asa ficasse paralela à borda da mesa. Por fim, deixou cair as mãos no colo e suspirou.

— Nunca deviam ter levado você para longe dele — disse tranquilamente, procurando nas memórias. — Não deveriam ter quebrado o contrato. A assembleia da Ampulheta em Hayll vem enfraquecendo desde então, assim como ele previra. Ninguém quebra um contrato com o Sacerdote e sobrevive.

“Você devia ter ido viver definitivamente com ele nesse dia, o dia em que recebeu a Joia de Direito por Progenitura. Você estava tão orgulhoso com a presença dele, mesmo que a Cerimônia de Direito por Progenitura estivesse sendo realizada à tarde e não à noite, como de costume. Planejaram assim, planejaram fazê-lo vir durante a luz mais intensa do dia, quando suas forças estavam no ponto mais baixo.

“Depois que você recebeu a sua Joia Vermelha de Direito por Progenitura e já estava com a sua mãe, e Dorothea, e todo o séquito de Dorothea, aguardando o sinal para deixar o círculo cerimonial e se dirigir ao lugar onde ele o aguardava para que se ajoelhasse diante dele e oferecesse os seus serviços... Foi aí que aquela mulher, aquela mulher cruel e calculista, disse que você pertencia à Ampulheta, que a paternidade era negada, que ele não podia ter sido o seu progenitor, que ela tinha mandado os guardas para servir a feiticeira de Dhemlan logo em seguida a fim de garantir que fosse fecundada. Era uma tarde quente, mas ficou tão fria, tão terrivelmente fria. Dorothea tinha reunido ali todas as assembleias da Ampulheta, dezenas e dezenas de Viúvas Negras, que o observavam, esperando que caminhasse para o círculo, quebrando assim a honra que devia a elas.

“Mas ele não fez isso. Foi embora.

“Você quase conseguiu se libertar. Quase o alcançou. Chorava, gritava para que esperasse por você, lutando com os dois guardas que o prendiam pelos braços, seus dedos fechados em torno da Joia. De repente, surgiu um raio de luz Vermelha e os guardas foram arremessados para trás. Você se precipitou para a frente, tentando alcançar a beirada do círculo. Ele se virou e aguardou. Um dos guardas segurou você, que já estava a poucos centímetros da beirada. Estou convencida de que se um dedo seu que fosse tivesse ultrapassado aquele círculo, ele o teria arrastado, já não se preocuparia se seria melhor você viver com ele ou sem o seu povo.

“Mas você não conseguiu. Era muito novo e eles eram muito fortes.

“Então ele partiu. Foi até àquela casa que você ainda visita, a casa onde vivia com a sua mãe, e destruiu o escritório. Rasgou os livros, reduziu as cortinas a farrapos, quebrou todos os móveis. Não conseguia abrandar a raiva. Quando finalmente me atrevi a abrir a porta, ele estava ajoelhado no meio da sala, o peito ofegante, o olhar enlouquecido.

“Quando finalmente se levantou, me fez prometer que cuidaria de você e da sua mãe o melhor que pudesse. E eu prometi, porque me preocupava com você e com ela e porque ele sempre tinha sido bom para mim e para Jo.

“Depois disso, desapareceu. Tiraram a sua Joia Vermelha e colocaram o Anel de Obediência em você nessa mesma noite. Você não comia de jeito nenhum. Fui instruída a obrigá-lo a comer. Tinham planos para você e não permitiriam que definhasse. Prenderam Jo numa caixa de metal, colocaram-no num lugar sem sombra e me disseram que só lhe dariam água e comida quando eu conseguisse fazer você comer. Quando eu conseguisse isso por dois dias seguidos, ele seria solto.

“Durante três dias você não quis comer, por mais que eu suplicasse. Acho que nem sequer me ouvia. Eu estava desesperada. À noite, quando saía e me aproximava da caixa o tanto que me permitiam, ouvia Jo choramingando, a pele cheia de bolhas devido ao contato com o metal escaldante. Foi então que fiz uma coisa cruel com você. Certa manhã, arrastei-o para fora e obriguei-o a olhar para a caixa. Disse que você estava matando o meu homem por despeito, que ele estava sendo castigado porque você era um garoto mau que não comia e que, se ele morresse, eu odiaria você para sempre.

“Eu não sabia que Dorothea tinha expulsado a sua mãe. Não sabia que eu era tudo o que lhe restava. Mas você sabia. Sentiu-a partir.

“Você fez o que eu disse. Comeu quando mandei, dormiu quando mandei. Era mais um fantasma do que uma criança. Mas Jo foi libertado.”

Manny limpou as lágrimas do rosto com a ponta do avental. Bebeu um pouco de chá frio.

Daemon fechou os olhos. Antes de vir até a casa de Manny, tinha passado por aquela construção abandonada e em ruínas na qual vivera antigamente, à procura de respostas, como sempre fazia quando estava nesta parte do Reino. As lembranças, tão inapreensíveis e traiçoeiras, sempre o importunavam quando andava pelos quartos. Mas era o escritório destruído que realmente o impelia a voltar. Era ali o lugar onde quase conseguia ouvir uma voz profunda e poderosa como um suave trovão, onde quase conseguia sentir um odor masculino marcante e apimentado, onde quase conseguia se sentir envolto por braços fortes, onde quase conseguia acreditar que, em outros tempos, tinha estado em segurança, protegido e amado.

E agora sabia o porquê.

Daemon passou a mão sobre as mãos de Manny, apertando-as delicadamente.

— Já que chegamos até aqui, conte-me o resto.

Manny negou com a cabeça.

— Fizeram alguma coisa para que você o esquecesse. Disseram que, se algum dia você descobrisse sobre ele, seria morto. — Olhou para ele, suplicante. — Eu não podia deixar que o matassem. Você era o filho que eu e Jo não conseguimos ter.

Uma porta na mente de Daemon, que ele não sabia existir, começou a se abrir.

— Não sou mais um garotinho, Manny — disse Daemon, sereno —, e não me matarão assim tão facilmente. — Preparou outro bule de chá, colocou uma xícara diante de Manny e recostou-se na cadeira. — Como ele... se chamava?

— Tem muitos nomes — murmurou Manny, olhando fixamente para a xícara.

— Manny. — Daemon esforçava-se para não perder a paciência.

— Chamam-lhe o Sedutor, o Carrasco.

Daemon balançou a cabeça, ainda sem entender. Mas a porta se abriu um pouco mais.

— É o Senhor Supremo da Ampulheta.

Um pouco mais.

— Pare de enrolar — vociferou Daemon, fazendo com que a xícara estremecesse no pires. — Qual é o nome do meu pai? Você me deve isso. Sabe muito bem o que tem sido para mim ser um

bastardo. Ele chegou a assinar o registro?

— Ah, sim — apressou-se em dizer. — Mas alteraram essa página. Ele estava tão orgulhoso de você e do garoto eyrieno. Não sabia, entende, que a moça era eyriena. Luthvian, era esse o nome dela. Não tinha asas ou cicatrizes que indicassem a amputação das asas. Ele não soube até o menino nascer. Ela queria cortar as asas dele, criá-lo talvez como um Dhemlan. Mas ele se opôs, na alma o rapaz era eyrieno, e seria melhor matá-lo no berço do que cortar suas asas. Luthvian chorou ao ouvir isso, temendo que ele viesse de fato a matar o menino. E, se ela fizesse o que quer que fosse para danificar as suas asas, acho mesmo que faria isso. Ele construiu uma casinha confortável em Askavi para ela, tomou conta dela e do garoto. Às vezes, trazia-o para visitar. Vocês brincavam juntos... ou lutavam. Era difícil dizer qual das duas coisas. Depois, ela se assustou. Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Askavi, lhe disse que ele apenas queria o rapaz como ração, como um estoque de sangue fresco para bebericar. Por isso, ela o entregou a Prythian para que o escondesse e fugiu. Quando voltou para buscá-lo, Prythian não lhe disse onde ele estava, riu dela e...

— Manny. — A voz de Daemon era suave e fria. — Pela última vez, quem é o meu pai?

— O Príncipe das Trevas.

Um pouco mais.

— *Manny*.

— O Sacerdote é o Senhor Supremo, não percebe? — gritou Manny.

— O nome.

— Não.

— O nome, Manny.

— Sussurrar seu nome seria invocá-lo.

A porta se escancarou e as memórias jorraram.

Daemon olhou espantado para as próprias mãos, para as longas unhas, tingidas de negro.

Mãe Noite.

Engoliu com dificuldade e balançou a cabeça. Não era possível. Por mais que quisesse acreditar, não era possível.

— Saetan — disse calmamente. — Está me dizendo que meu pai é Saetan?

— Quietos, Daemon, quietos!

Daemon levantou-se de um salto, derrubando a cadeira.

— Não, não vou ficar quieto. Ele está morto, Manny. Uma lenda. Um antepassado há muito desaparecido.

— O seu pai.

— *Ele está morto*.

Manny umedeceu os lábios e fechou os olhos.

— É um dos mortos-vivos. Um dos Guardiões.

Daemon endireitou a cadeira e sentou-se. Sentiu-se mal. Não admirava que Dorothea o espancasse quando, para aplacar a dor de se sentir rejeitado, ele fazia de conta que Saetan era seu pai. Afinal de contas, não era faz de conta.

— Tem certeza? — perguntou, por fim.

— Tenho.

Daemon riu com severidade.

— Você está enganada, Manny. Não pode ser. Não imagino o Senhor Supremo do Inferno

indo para a cama com aquela vagabunda da Hepsabah.

Manny contorceu-se.

As memórias continuaram a fluir, peças de um quebra-cabeça flutuando para o lugar certo.

— Hepsabah não — disse, devagar, sentindo-se esmagado pela magnitude das mentiras que compunham a sua vida. Não, Hepsabah não. Uma feiticeira de Dhemlan... que foi expulsa da corte. — Tersa. — Apertou a cabeça entre as mãos. — Quem mais senão Tersa?

Manny estendeu a mão na direção de Daemon, mas não o tocou.

— Agora você já sabe.

As mãos de Daemon tremiam ao acender um cigarro preto. Ele observou a fumaça ascendendo em espiral, abatido demais para fazer qualquer coisa que fosse.

— Agora já sei. — Fechou os olhos e murmurou: — O meu melhor aliado ou o meu pior inimigo. E a escolha será minha. Doces Trevas, por que tinha de ser ele?

— Daemon?

Ele balançou a cabeça e tentou sorrir de maneira tranquilizadora.

Passou mais uma hora com Manny e Jo, que tinha enfim voltado da carpintaria. Entreteve-os com histórias ligeiramente indecentes sobre os aristocratas dos Sangue que servira nas várias cortes, nada lhes dizendo sobre sua própria vida. Ficaria eternamente magoado se Manny algum dia pensasse nele como o Prostituto de Hayll.

Quando finalmente partiu, caminhou durante horas. Não conseguia parar de tremer. A dor de uma vida de mentiras crescia a cada passo, até a raiva ameaçar dilacerar o que restava do seu autocontrole.

Já era madrugada quando apanhou o Vento Vermelho e viajou até Draega.

Pela primeira vez na vida, queria ver Dorothea.

CAPÍTULO CINCO

1 / Terreille

Ao caminhar do quarto para as salas de audiência, Kartane SaDiablo se perguntou se não teria bebido conhaque demais antes de se apresentar diante da mãe e regressar formalmente à sua corte natal. Se não tinha sido isso, toda aquela maldita corte estava se comportando de maneira curiosa. Os aristocratas dos Sangue precipitavam-se pelos corredores em pequenos grupos, olhando ao redor. Os machos da corte normalmente viviam assim, entre cotoveladas e encontrões, até um deles ser empurrado para a frente e oferecido como sacrifício. Ser o objeto da atenção de Dorothea, quer ela estivesse satisfeita ou irritada com um homem, era sempre uma experiência desagradável. Mas que as mulheres também estivessem se comportando daquela forma...

Quando viu um criado de fato sorrindo, ele finalmente entendeu.

Mas já era tarde demais.

Sentiu o frio ao dobrar a esquina e escorregou ao parar em frente a Daemon. Há muito tempo deixara de tentar compreender o que sentia sempre que via Daemon — alívio, medo, irritação, inveja, vergonha. Agora, perguntava-se apenas se Daemon finalmente o mataria.

Kartane recuou para o único artifício emocional que lhe restava. Forçou um sorriso zombeteiro e disse:

— Olá, *primo*.

— Kartane. — A voz inexpressiva de Daemon na corte, repleta de tédio.

— Então foi chamado de volta à corte. Tia Hepsabah estava se sentindo sozinha? — É isso. Lembre-o de quem ele é.

— E Dorothea?

Kartane tentou manter a insolência na voz, tentou manter o sarcasmo, tentou não se lembrar de tudo aquilo que não conseguia esquecer.

— Estava indo me apresentar a Dorothea — disse Daemon calmamente —, mas posso adiar por alguns minutos. Se você precisa vê-la, por que não vai na frente? Ela nunca fica de muito bom humor depois de me ver.

Kartane sentiu-se como se tivesse sido esbofeteado. Daemon odiava-o, odiava-o há séculos pelo que tinha dito, pelo que tinha feito. Mas Daemon também se lembrava, e por isso estendia a sua cortesia e compaixão ao primo mais novo.

Sem se atrever a falar, Kartane assentiu com a cabeça e apressou-se pelo corredor.

Não se dirigiu imediatamente à sala de audiências onde Dorothea o aguardava. Em vez disso, precipitou-se para dentro da primeira sala vazia que encontrou. Encostado à porta trancada, sentiu o ardor das lágrimas nos olhos e sentiu-as correndo pela face, enquanto sussurrava:

— Daemon.

Daemon era o primo cuja posição na família nunca fora muito bem explicada ao pequeno Kartane, que sabia apenas que era delicada e diferente da dele. Kartane era o filho único de Dorothea, mimado e privilegiado, servido por criados, tutores e governantas que estavam sempre correndo para atender os seus menores caprichos. Era também apenas mais uma joia para a mãe, propriedade da qual ela se envaidecia, que ostentava e exibia.

Quando criança, não era para Dorothea ou para os tutores ou governantas que Kartane corria quando esfolava o joelho e precisava ser reconfortado ou quando se sentia sozinho ou queria se gabar sobre a sua mais recente aventura. Não era para eles. Era para Daemon.

Daemon, que sempre tinha tempo para falar e, mais importante, para ouvir. Daemon, que o ensinara a montar, a esgrimir, a nadar, a dançar. Daemon, que sempre lia para ele o mesmo livro, pacientemente, porque era o seu favorito. Daemon, com quem fizera longas caminhadas a esmo. Daemon, que nem uma única vez se mostrara aborrecido por ter um garotinho sempre agarrado às suas pernas. Daemon, que o tinha abraçado, amparado, tranquilizado quando chorava. Daemon, que saqueava a cozinha tarde da noite, mesmo que fosse proibido, para levar a Kartane fruta, pãezinhos, pedaços de carne assada fria — qualquer coisa que satisfizesse a fome insaciável que sentia o tempo todo por não poder comer à vontade sob o olhar alerta da mãe. Daemon, que uma noite foi pego e castigado com uma surra, mas que nunca disse a ninguém que a comida não era para ele.

Daemon, cuja confiança tinha traído, cujo amor tinha perdido com uma única palavra.

Kartane ainda era um menininho desengonçado quando Daemon foi contratado pela primeira vez para outra corte. Ficou extremamente triste por perder a única pessoa que realmente se preocupava com ele na qualidade de ser vivo e pensante. Mas também sabia que havia problemas na corte, problemas que giravam em torno de Daemon, da posição de Daemon na hierarquia da corte. Sabia que Daemon servia Dorothea e Hepsabah e a assembleia de Viúvas Negras de Dorothea, embora não da mesma forma que os consortes e outros homens, quando eram convocados. Sabia da existência do Anel de Obediência e de como ele podia controlar um homem, mesmo que este fosse mais forte e usasse Joias mais escuras. Ficava confuso com a aversão de Daemon ao toque feminino. Ficava confuso com as brigas entre Daemon e Dorothea, discussões inflamadas que faziam as paredes de pedra parecerem feitas de papel e que cada vez eram mais cruéis. Era normal que essas discussões terminassem com Dorothea usando o Anel de Obediência, punindo-o com dores atrozes, até Daemon suplicar por perdão.

Um dia, Daemon se recusou a servir uma feiticeira da assembleia de Dorothea.

Dorothea convocou o Primeiro, o Segundo e o Terceiro Círculos da corte. Ao lado do marido, Lanzo SaDiablo — Lanzo, o bêbado mulherengo cujo único valor residia no sobrenome SaDiablo, transmitido a Dorothea —, deu início ao castigo.

Kartane tinha se escondido atrás de uma cortina, gelado de frio, ao ver Daemon combatendo o Anel, a dor, os guardas que o prendiam para que não atacasse Dorothea. Foi necessária uma hora de sofrimento para que se ajoelhasse, soluçando devido às dores. Foi necessária mais meia hora para obrigá-lo a rastejar até Dorothea e suplicar por piedade. Quando finalmente parou de

transmitir dor pelo Anel, Dorothea não permitiu que Daemon se retirasse para o quarto, onde Manny poderia lhe dar um sedativo e lavar seu corpo frio e suado, para que dormisse enquanto a dor abrandava. Em vez disso, ordenou que atassem seus pés e mãos a um dos pilares e que o amordaçassem para abafar os gemidos de dor — e deixou-o ali, para humilhá-lo, para que servisse de exemplo, enquanto cuidava calmamente de outros assuntos da corte.

Kartane entendeu a lição. Ser Anelado era a forma mais cruel de controle. Se Daemon não conseguia aguentar a dor, como ele poderia? Tornou-se crucial não dar a Dorothea uma razão para lhe colocar um Anel.

Nessa noite, depois de receber permissão para descansar um pouco, Daemon foi informado de que deveria servir a feiticeira que havia recusado.

Essa noite foi a primeira vez que Daemon ficou frio.

Entre os Sangue, existiam dois tipos de raiva. A raiva quente era a ira da emoção, superficial até na própria fúria — a raiva entre amigos, amantes, família, a raiva de todos os dias. A raiva fria era a raiva das Joias — profunda, intocável, a raiva fria que tinha início na essência da pessoa. Implacável, quase sempre irreprimível até o esgotamento de todo o sentimento, a raiva fria não era abrandada pela dor ou pela fome ou pelo cansaço. Emergindo das profundezas, tornava o corpo que a abrigava insignificante.

Nessa primeira noite, ninguém reconheceu a mudança sutil no ar quando Daemon passou a caminho dos aposentos da feiticeira.

Só quando a criada entrou no quarto na manhã seguinte e se deparou com os espelhos e as janelas cobertos de gelo e descobriu a obscenidade deixada na cama, só então Dorothea compreendeu que havia destruído alguma coisa dentro de Daemon durante aquele castigo, que o havia despojado de uma camada de humanidade.

Hekatah, a autoproclamada Sacerdotisa Suprema do Inferno, teria reconhecido o olhar de Daemon se o tivesse testemunhado, teria compreendido quão genuína era a descendência. Dorothea demorou um pouco mais. Quando finalmente compreendeu que Daemon tinha herdado do pai algo muito mais obscuro e muito mais perigoso do que poderia imaginar, ofereceu-o como presente a uma Rainha de estimação que governava uma Província no sul de Hayll.

Dorothea nada disse sobre a matança. Entre os Sangue, não havia qualquer lei contra o assassinato. Também disse muito pouco sobre a reação de Daemon quanto à exigência de se ajoelhar para servir, elogiando seu treinamento como escravo sexual e observando apenas que podia tornar-se um pouco irascível se utilizado de forma excessiva.

Antes do final da semana, Daemon tinha partido.

Pouco tempo depois, Kartane descobriu o que a presença de Daemon lhe havia poupado. O apetite de Dorothea por uma variedade de rostinhos bonitos não era menor do que o de Lanzo, e ela mantinha na corte um conjunto de jovens Senhores da Guerra para agradar não só a si mesma como também à sua assembleia. Até então, Kartane não tinha sido mais do que o filho mimado e gracioso de Dorothea.

Certa noite ela mandou chamar Kartane aos seus aposentos. Enquanto ele ia, nervoso, ao encontro de Dorothea, listava mentalmente o que tinha feito naquele dia, perguntando-se o que poderia tê-la desagradado. Contudo, ela o mimou, acariciou e afagou. Essas carícias, que sempre achara incômodas, agora o assustavam. Ao inclinar-se para ele, disse que seu pai tinha sido leal e que esperava que ele também fosse. Kartane estava ocupado demais tentando entender como o

fato de Lanzo ir para a cama todas as noites com uma jovem criada diferente poderia ser considerado lealdade para se dar conta do objetivo da mãe. Só o percebeu quando sentiu a língua de Dorothea deslizando para a sua boca. Empurrou-a, pulou do sofá e rastejou de costas até a porta, não se atrevendo a desviar os olhos de Dorothea.

Ela ficou furiosa com a rejeição de Kartane. Isso lhe valeu a sua primeira surra.

As feridas ainda doíam quando ela o chamou novamente. Desta vez não se mexeu enquanto ela acariciava seus braços e coxas e explicava a ele, numa voz ronronante, que um Anel talvez o ajudasse a ser mais receptivo. Mas ela não achava que isso fosse necessário. E ele?

Não, ele não achava que aquilo fosse necessário. Sujeitou-se. Fez o que lhe foi ordenado.

Deitado na cama aquela noite, Kartane pensou em Daemon, em como, noite após noite, ano após ano, ele fizera o que Kartane fora forçado. Começou a entender a aversão de Daemon a tocar uma fêmea a menos que fosse obrigado. E perguntou-se que idade teria quando Dorothea o levou pela primeira vez para a cama.

A primeira não foi a última vez. Só terminou anos mais tarde, quando Dorothea o despachou para uma escola particular, já que andava espetando sua lança com tanta crueldade nas jovens criadas que Lanzo e seus companheiros se queixavam que as moças ficavam imprestáveis durante dias.

A escola particular que frequentou, ao lado apenas de rapazes das melhores famílias hayllianas, serviu para dar o polimento final no gosto de Kartane pela crueldade. Achava as casas da Lua Vermelha repulsivas e só conseguia se satisfazer com uma mulher experiente se a machucasse. Depois de ter sua entrada impedida em um par de casas, descobriu que era fácil dominar moças mais novas, assustá-las, levá-las a fazer o que ele quisesse.

Começou a apreciar o prazer que Dorothea sentia em ter poder sobre outro.

No entanto, mesmo a mais jovem prostituta era uma feiticeira que tinha passado pela Noite da Virgem e estava protegida pelas regras da casa. Ele não tinha, como a mãe, poder absoluto sobre em quem montava.

Começou a procurar satisfação em outros lugares, e encontrou, muito acidentalmente, aquilo que tanto desejava.

Certa noite, Kartane e os amigos foram a uma estalagem para beber, jogar, conseguir o néctar gratuitamente. Vinham das melhores famílias, famílias que nenhum estalajadeiro se atreveria a abordar. Os outros divertiam-se com as jovens que serviam cerveja e comida na pequena sala de jantar privada, de que a maior parte das estalagens dispunha para convidados importantes. Mas Kartane estava intrigado com a jovem filha do estalajadeiro. Tinha o rubor inicial da feminilidade, curvas que podiam apenas ser imaginadas. Quando ele a arrastou em direção à porta da sala privada, o estalajadeiro se precipitou, berrando de raiva. Kartane ergueu a mão, enviou uma onda de energia através do anel em seu dedo e fez com que o homem perdesse os sentidos. Em seguida, arrastou a moça para a sala e fechou a porta.

O medo que a paralisava e a fazia tremer dava a ele uma sensação prazerosa. Não possuía o odor almiscarado de mulher, nem o odor psíquico das feiticeiras iniciadas. Deleitou-se com a sua dor, atordoado pelo êxtase e pelo prazer que lhe dava levá-la para além da sua teia interior e quebrá-la.

Quando por fim saiu da sala, com a sensação de que, pela primeira vez em tantos anos, controlava a sua vida, jogou duas notas de marcos de ouro sobre o balcão, reuniu os amigos e desapareceu.

Foi assim que começou.

Dorothea nunca desaprovou o jogo que ele havia escolhido, contanto que sempre a satisfizesse ao regressar e desde que não destroçasse nenhuma das feiticeiras que queria para a sua corte. Durante duzentos anos, Kartane fez seu jogo com Sangue que não eram da aristocracia. Às vezes, mantinha a mesma moça durante várias semanas ou meses, brincando com ela, incitando seu medo, tornando-se cada vez mais depravado em suas exigências, até fecundá-la. Muitas vezes mesmo uma feiticeira quebrada era capaz de provocar um aborto espontâneo, e preferiria isso a carregar a semente de um homem que odiava, embora nunca mais fosse capaz de carregar outra criança no ventre. Às vezes, se uma moça não ficasse completamente entorpecida e se ainda fosse divertido, chamava uma Curandeira corrompida pela fome e pelos tempos difíceis para lhe fornecer a infusão purificadora. A maior parte das vezes simplesmente as expulsava, deixava que voltassem para as famílias ou para uma casa da Lua Vermelha ou para a sarjeta. Para ele, dava no mesmo.

Kartane jogou dessa forma durante duzentos anos. Foi então que, certo dia, solicitado a regressar à corte, encontrou Daemon à sua espera.

Nessa época, Kartane já compreendia por que Daemon era Sadi e não SaDiablo, que essa era a solução de compromisso que a família estava disposta a aceitar. No entanto, ao ver a ira nos olhos de Daemon, Kartane soube que, diferentemente de Dorothea, Daemon nunca aprovaria o que Kartane tinha feito. Ao ouvir um cáustico sermão sobre honra, Kartane atingiu o ponto fraco de Daemon. Disse a Daemon que ele, Kartane, o filho da Sacerdotisa Suprema, não tinha de ouvir sermões de um bastardo.

Um bastardo.

Um bastardo.

Um bastardo.

Jamais se esqueceu do choque e da dor nos olhos de Daemon. Jamais se esqueceu do que sentiu quando a única pessoa que tinha amado e que o tinha amado se recompôs e assumiu aquele ar distante de corte, desculpando-se por suas maneiras inadequadas. Saberá para sempre que, se tivesse corrido atrás de Daemon naquele momento e se desculpado, suplicado por perdão, explicado a dor e o medo que sentia, pedido ajuda... ele a teria conseguido. Daemon teria encontrado uma forma de ajudá-lo.

Mas não fez isso. Deixou que a palavra prevalecesse. Deixou-a se infiltrar cada vez mais, até que a fenda se transformou num abismo e a única coisa que tinham em comum era a raiva um do outro.

Por fim, Dorothea mandou Daemon embora e não soube dele durante cem anos. Quando ele voltou, já tinha feito a Oferenda às Trevas. Corriam rumores de que teria saído da cerimônia com a Joia Negra, mas não se sabia ao certo, pois ninguém a tinha visto.

Não interessava a Kartane que Joias Daemon usava. Já estava assustado o suficiente com aquilo em que Daemon tinha se tornado. Desde então, ambos tinham feito o melhor que podiam para se evitar.

Kartane secou as lágrimas do rosto e endireitou o casaco. Veria Dorothea e deixaria a corte o mais rápido possível. Escaparia dela, da corte... e de Daemon.

2 / Terreille

Daemon deslizou ao longo dos corredores da mansão SaDiablo até alcançar os quartos. Apresentar-se a Dorothea fora desagradável como sempre, mas pelo menos tinha sido breve. Vê-la abalara os seus nervos quase até o limite, e mesmo agora o seu autocontrole ainda era frágil. Precisava de uma hora tranquila antes de se vestir para o jantar e passar a noite agradando Dorothea e sua assembleia.

Entrou na sala de estar e reprimiu um rosnado ao reparar na visita que o aguardava.

Hepsabah virou-se para Daemon com um sorriso tremeluzindo nos lábios, as mãos irrequietas executando uma dança complexa. Abominava o desejo ardente nos olhos de Hepsabah e o seu odor psíquico almiscarado, mas, sendo obrigado a participar do jogo, sorriu e fechou a porta.

— Mãe — disse com uma ironia mal disfarçada.

Baixou a cabeça para beijar sua face. Como sempre, Hepsabah virou a cabeça no momento certo para que os lábios de Daemon roçassem os dela. Os braços de Hepsabah lançaram-se ao pescoço de Daemon, enquanto ela enfiava a língua avidamente na sua boca e o apertava contra si. Normalmente, ele a teria afastado, enojado que a mãe desejasse tal intimidade. Agora estava ali, impassível, sem dar nem tirar, analisando, simplesmente, as mentiras que constituíam a sua vida.

Hepsabah afastou-se dele, fazendo beijo.

— Não está feliz por me ver — acusou.

Daemon limpou a boca com as costas da mão.

— Tão feliz como sempre fico. — Ali estava ela, com um dispendioso vestido de seda, enquanto Tersa, a sua verdadeira mãe, usava um casaco esfarrapado e dormia sabe-se lá onde. Apesar dos esforços de Dorothea e de Hepsabah, Tersa tinha lhe dado todo o amor que podia, do seu jeito despedaçado. De alguma forma, ele iria compensá-la, assim como as faria pagar. — O que você quer?

— Seria *simpático* se demonstrasse um pouco mais de respeito pela sua mãe. — Alisou o vestido, percorrendo com as mãos os seios e a barriga, olhando por baixo dos cílios.

— Tenho grande respeito pela minha mãe — retorquiu maliciosamente.

Aparentando inquietação, ela afagou o ar perto da manga de Daemon e disse com uma frágil jovialidade:

— Preparei o quarto para você. Agradável e confortável. Talvez depois do jantar pudéssemos nos sentar e ter uma boa conversa, hein? — Foi até a porta, balançando os quadris de forma provocante.

Daemon explodiu.

— Você quer dizer que devo ser mais afável ao enfiar a cara entre as suas pernas. — Ignorou o arquejo de espanto de Hepsabah. — Não serei mais afável, *mãe*. Não esta noite. Nunca mais. Nem com você nem com ninguém nesta corte. Se ordenarem que me ajoelhe enquanto estiver aqui, prometo que o que aconteceu a Cornelia não será nada em comparação com o que farei dessa vez. Se acha que o Anel me impedirá, é melhor pensar de novo. Não sou mais um garotinho, Hepsabah, e quero você *morta*.

Hepsabah recuou, afastando-se de Daemon, os olhos arregalados de medo. Agarrou a

maçaneta da porta e precipitou-se para o corredor.

Daemon abriu uma garrafa de conhaque, deteve-se apenas o tempo suficiente para examinar o líquido à procura de sedativos ou outras surpresas desagradáveis que pudessem ter sido adicionadas à bebida, levou a garrafa à boca e jogou a cabeça para trás. O conhaque queimou sua garganta e incendiou seu estômago, mas, apesar disso, ele continuou engolindo até precisar respirar. O quarto girou por um momento, mas logo se estabilizou, uma vez que o seu metabolismo consumia o álcool como se fosse comida. Essa era uma desvantagem de usar Joias mais escuras — era necessária uma imensa quantidade de álcool para se ficar agradavelmente bêbado. Daemon não queria ficar agradavelmente bêbado. Queria entorpecer a raiva e as memórias. Não podia confrontar Dorothea agora. Podia quebrar o Anel e, ao mesmo tempo, Dorothea. Nos últimos anos, chegara a essa certeza. Não tinha certeza dos danos que ela lhe poderia infligir antes que ele a destruísse; não tinha certeza se ficaria mutilado para sempre quando, finalmente, conseguisse tirar o Anel; não tinha certeza sobre que outros danos poderia infligir a si mesmo que o impediriam de voltar a usar a Negra. E havia uma Senhora, em algum lugar, para a qual queria manter-se íntegro. Assim que a encontrasse...

Daemon sorriu friamente. O Sacerdote lhe devia um favor, e duas Joias Negras, mesmo que uma estivesse sujeita ao Anel, deveriam ser suficientes para dar conta de uma Sacerdotisa Suprema de Joia Vermelha.

Rindo, Daemon foi para o quarto e vestiu-se para o jantar.

3 / Terreille

Mordendo o lábio inferior, Kartane dirigiu-se a Daemon, que observava uma porta fechada. Na noite anterior, não haviam sido colocados próximos no jantar e Daemon tinha se recolhido cedo — para alívio de todos —, de modo que esta era a primeira vez, desde o brusco encontro da tarde anterior, que estavam juntos sem a presença de dezenas de pessoas que serviam como barreira.

Kartane não era um homem baixo, e apesar de seus excessos continuava em forma e musculoso, mas ao lado de Daemon sentia-se no corpo de um rapaz. Era mais a amplitude dos ombros de Daemon do que os cinco centímetros de diferença na altura e o rosto amadurecido pela dor e não pela idade que faziam Kartane se sentir pequeno a seu lado. Era também a diferença entre uma juventude amplamente vivida e um macho no seu apogeu.

— Sabe do que se trata? — perguntou Daemon serenamente.

Kartane negou com a cabeça.

— Ela disse apenas que a nossa presença era exigida numa diversão.

Daemon respirou fundo.

— Maldição. — Abriu a porta, pondo-se de lado para deixar Kartane entrar.

Kartane deu alguns passos na sala e sentiu o ar atrás de si ficar gelado à medida que a porta se fechava. Olhou de relance para o rosto de Daemon, para os olhos semicerrados que repentinamente se tornaram amarelo-escuros, e perguntou-se, ao examinar a sala, o que teria

provocado a fúria de Daemon.

Era uma sala austera, mobiliada com várias cadeiras dispostas em semicírculo em frente a duas traves presas ao chão. Ao lado das traves havia uma mesa comprida coberta com um pano branco. Sob as traves e por toda a volta, uma pilha volumosa de lençóis brancos.

Daemon praguejou baixinho.

— Pelo menos, sendo filho privilegiado, você pode ficar descansado que não fará parte da diversão. Só terá de assistir e suportar.

Kartane olhou admirado para as traves.

— Não entendo. O que é?

Nos olhos de Daemon viu-se uma centelha de compaixão antes que seu rosto ficasse impassível e sua voz readquirisse o tom inexpressivo e entediado que sempre usava na corte.

— Nunca viu isto?

— Parece um pouco exagerado se ela vai mandar chicotear alguém — disse, tentando parecer sarcástico para ocultar o medo crescente.

— Chicotear, não — afirmou Daemon amargamente. — Raspar.

O olhar de Daemon fez as entranhas de Kartane derreter.

Daemon não voltou a falar até chegarem à primeira fila de cadeiras.

— Ouça, Kartane, e ouça bem. O que vai acontecer ao desgraçado que Dorothea vai amarrar entre aquelas traves vai depender do mal-estar que você demonstrar. Se você aparentar desinteresse, ela não vai deixar de fazer o que planejou, mas vai ser mais rápida e você terá de aguentar por menos tempo. Entendeu?

— Raspado? — perguntou Kartane com uma voz estrangulada.

— Nunca lhe disseram como são feitos os eunucos? — Daemon enfiou as mãos nos bolsos e afastou-se.

— Mas... — Kartane ficou tenso quando Dorothea e sua assembleia entraram. — Para que isto? — murmurou. — Por que todas estas cadeiras?

Os olhos de Daemon mostravam um olhar preocupado e distante.

— Porque acham divertido, Senhor Kartane. Esta é a diversão vespertina. E, se tivermos sorte, seremos apenas os convidados de honra.

Kartane olhou rapidamente para Daemon e em seguida para as traves. Dorothea não faria isso. *Não podia*. Fora por isso que Daemon o alertara, por não ter certeza se... Não. Não com Daemon. Não com *Daemon*.

Kartane chutou uma cadeira antes de se deixar cair em outra, com os braços cruzados e as pernas estendidas para a frente, parecendo uma criança chateada.

— Tenho maneiras melhores de passar a tarde — resmungou.

Daemon se virou, uma sobranceira arqueada, pensativo. Dorothea dirigiu-se a eles, os olhos dardejando de irritação pelo comportamento de Kartane.

— Ora, meu querido — ronronou —, faremos o nosso melhor para entretê-lo. — Acomodou-se na cadeira ao lado de Kartane e, com um aceno gracioso, indicou que Daemon deveria se sentar à sua esquerda.

Kartane endireitou-se, mas manteve a expressão de tédio. Retraiu-se à medida que as cadeiras atrás de si eram ocupadas, vozes femininas sussurrando como se estivessem numa sala de espetáculos, aguardando o início da peça.

Dorothea bateu palmas e a sala ficou em silêncio. Dois enormes guardas, de aspecto grosseiro,

fizeram uma reverência a Dorothea e deixaram o recinto. Voltaram logo em seguida, trazendo um homem de fraca constituição.

Daemon lançou um olhar rápido e aborrecido ao homem que estava sendo conduzido até as traves, inclinou-se para o lado oposto a Dorothea e apoiou o queixo na mão.

Dorothea silvou baixinho.

Daemon endireitou-se na cadeira, cruzou as pernas e juntou os dedos.

— Não que isso tenha importância — disse, arrastando as palavras —, mas o que foi que ele fez?

Dorothea pousou a mão na coxa de Daemon.

— Curioso? — ronronou.

Daemon deu de ombros, ignorando os dedos que subiam pela sua perna.

Dorothea retirou a mão, incomodada com a expressão de tédio no rosto de Daemon.

— Não fez nada. Tive vontade de raspá-lo. — Sorriu maliciosamente, acenou com a cabeça para os guardas e observou com grande interesse enquanto prendiam a vítima bem esticada nas traves. — É um Senhor da Guerra, mas pajem de profissão. Vem de uma família especializada em servir os Sangue de Joias mais escuras. Mas, depois de hoje, duvido que exista um macho em Hayll que o vá querer por perto. O que acha?

Daemon deu de ombros e, uma vez mais, apoiou o queixo na mão.

Quando o homem já estava bem preso às traves, um dos guardas puxou o pano sobre a mesa. Ouviram-se murmúrios de apreciação da audiência ao serem revelados chicotes, esmagadores de testículos e vários outros instrumentos de tortura. As últimas coisas que o guarda retirou foram as navalhas.

Kartane sentiu-se mal e, ainda assim, esperançoso. Se todas aquelas coisas estavam sendo exibidas, talvez...

* Não *, disse Daemon num fio masculino, de macho para macho. * Ela vai raspá-lo. *

* Você não está certo disso. *

* Não se pode permitir que a diversão termine rápido demais. *

Kartane engoliu com dificuldade.

* Você não está certo disso. *

* Você vai ver. *

Dorothea levantou uma das mãos. O guarda dirigiu-se à extremidade oposta da mesa e ergueu o primeiro chicote.

— O que vai ser hoje, Irmãs? — gritou Dorothea jovialmente. — Vamos chicoteá-lo?

— Sim, sim, sim — berrou uma multidão de vozes femininas.

— Ou...

Ouviram-se aplausos e risos quando o guarda, que agora parecia mais nervoso, ergueu o esmagador de testículos para que o pudessem ver.

— Ou... — Dorothea apontou e o guarda ergueu as navalhas.

Kartane olhava para o chão, tentando não tremer, tentando não se lançar para a porta. Sabia que não poderia se ausentar e perguntou-se, com uma ponta de ressentimento, como Daemon conseguia ficar ali sentado com um ar tão entediado. Talvez porque Sadi não tivesse qualquer utilidade para aqueles órgãos, de qualquer maneira.

— Raspar, raspar, raspar! — A sala ribombou com as vozes da assembleia.

Kartane tinha visto rinhas de cães, de galos e um sem-número de exibições nas quais animais irracionais eram obrigados a lutar. Tinha ouvido o rugir de vozes masculinas torcendo pelo seu favorito. Mas nunca tinha ouvido, em nenhum desses lugares, a satisfação que agora percebia ao ouvir a assembleia exortando a decisão.

Pulou na cadeira quando a mão de Dorothea apertou seu joelho, com um sorriso frio que lhe dizia que estava satisfeita com o medo que sentia.

Dorothea ergueu a mão pedindo silêncio. Quando todas as vozes cessaram, disse, no seu ronronar mais melodioso:

— Raspem-no. — Fez uma longa pausa e, em seguida, sorriu docemente. — Uma raspagem total.

Kartane girou a cabeça de um lado para outro, incrédulo, mas, antes que pudesse dizer o que quer que fosse, Daemon virou a cabeça o suficiente para olhar para ele. O olhar de Daemon era muito mais assustador do que Dorothea, por isso Kartane engoliu as palavras e afundou-se um pouco mais na cadeira.

A Curandeira e o barbeiro entraram na sala e caminharam sem pressa até a mesa. O barbeiro, um homem cadavérico de robe negro de punhos justos, tinha entradas no cabelo, lábios finos e olhos amarelos desprezíveis. Fez uma reverência a Dorothea e em seguida à assembleia.

A Curandeira, uma mulher desinteressante que se ocupava das doenças dos criados, uma vez que não era suficientemente versada na Arte para tratar os aristocratas dos Sangue, invocou uma bacia de água morna e sabão. Segurou a bacia enquanto o barbeiro lavava as mãos.

Então, devagar, o barbeiro ensaboou os testículos da sua vítima.

Por quê? Kartane perguntou num fio masculino.

Assim eles ficam escorregadios respondeu Daemon. *É difícil conseguir um corte completo de primeira.*

O barbeiro pegou uma pequena faca arqueada e ergueu-a para que a audiência visse. Posicionou-se atrás do homem.

Para que todos possam ver explicou Daemon.

Kartane cerrou os punhos e fixou o olhar no soalho.

— Observe, meu amor — ronronou Dorothea —, ou teremos de fazer tudo de novo.

Kartane fixou o olhar numa das traves no momento em que o barbeiro puxou a faca para trás. Logo em seguida, uma pequena massa escura jazia nos lençóis, que rapidamente ficaram vermelhos.

O Senhor da Guerra preso aos postes soltou um grito de agonia, logo cerrando os dentes para abafar o som.

O estômago de Kartane ficou embrulhado quando ouviu o murmúrio de desapontamento que percorreu a sala. Mãe Noite! Esperavam um segundo corte!

O barbeiro colocou a faca ensanguentada em uma bandeja e lavou as mãos enquanto a Curandeira fechava as artérias. Quando se afastou, pegou uma faca de lâmina reta e posicionou-se em frente a uma das traves. Esticou ao máximo o órgão do homem, virou-se para o público, balançou a cabeça com tristeza e disse:

— Há tão pouco aqui, dificilmente fará diferença.

A assembleia riu e aplaudiu. Dorothea sorriu.

Kartane esperava que a amputação fosse rápida. Entretanto, quando o barbeiro encostou a faca no órgão do Senhor da Guerra e começou a serrar vagarosamente através da carne, cada golpe

acompanhado por um grito, Kartane ficou hipnotizado, incapaz de desviar o olhar.

Elas mereciam o que lhes fazia. Eram criaturas sórdidas que só serviam para procriar e dar prazer aos homens. Deviam ser quebradas quando jovens, era *bom* que fossem quebradas enquanto jovens, antes de se tornarem criaturas como as que estavam ali. Quebrar todas elas. Destruir todas elas. Os machos dos Sangue deveriam governar, tinham de governar. Se ao menos conseguisse matá-la. Será que Daemon o ajudaria a livrar Hayll daquela portadora de pragas? Seria preciso matar todas elas, é claro. E depois quebrar todas as jovens e educá-las para servir. Era o único jeito. A único jeito.

O silêncio o fez pestanejar.

Dorothea levantou-se da cadeira, apontando furiosamente para a Curandeira.

— Eu lhe disse para dar a ele algo que o impedisse de perder os sentidos. Olhe para ele! — O dedo de Dorothea agora indicava o homem que pendia nas traves, desmaiado, a cabeça caída sobre o peito.

— Fiz como a senhora ordenou, Sacerdotisa — balbuciou a Curandeira, torcendo as mãos. — Juro pelas Joias.

Seria a sua imaginação ou Daemon estava satisfeito com alguma coisa?

— Não teremos mais divertimentos hoje devido à sua incompetência — gritou Dorothea. Fez um gesto impaciente. — Levem-no. — E saiu impetuosamente da sala, a assembleia logo atrás.

— Eu realmente lhe dei a poção — lamentou-se a Curandeira, seguindo atrás do barbeiro e deixando a sala.

Kartane permaneceu sentado, entorpecido demais para se mexer, até que os guardas jogaram o homem sobre os lençóis cheios de sangue onde estavam os órgãos amputados. Correu então até o banheiro mais próximo e vomitou violentamente.

4 / Terreille

Dorothea andava de um lado para outro, lentamente, na sua sala de estar. O roupão esvoaçante sibilava com o movimento dos quadris, e o corpete decotado favorecia os seios pequenos mas ainda firmes. Ao passar pela mesa, pegou uma pena de escrever. A maioria dos homens se borrava de medo quando ela pegava uma pena. Daemon, contudo, simplesmente a observava, com a expressão fria e entediada de sempre.

Dorothea roçou a pena no queixo ao passar pela cadeira de Daemon.

— Mais uma vez você se comportou mal. Talvez eu devesse mandar chicotear-no.

— Sim — respondeu Daemon afavelmente —, por que não faz isso? Cornelia poderia lhe dizer como esse método é eficaz.

Dorothea vacilou, mas continuou a andar.

— Talvez eu devesse raspá-lo. — Acenou com a pena na direção de Daemon. — Gostaria de fazer parte da irmandade da pena?

— Não.

Ela fingiu-se surpresa.

— Não?

— Não. Prefiro não fazer sujeira na hora de mijar.

O rosto de Dorothea contorceu-se de raiva.

— Que grosseiro, Daemon.

— Devem ser as más companhias.

Dorothea apressou o passo, desacelerando apenas ao reparar no divertimento frio nos olhos de Daemon. *Maldito seja*, pensou, batendo repetidamente com a pena nos lábios. Ele sabia como a perturbava, e gostava disso. Ela não confiava nele, não acreditava que ainda fosse capaz de controlá-lo. Nem o Anel conseguia pará-lo quando ficava frio. E ali estava ele, sentado, tão seguro, tão despreocupado.

— Talvez *devesse* raspá-lo. — O ronronar habitual transformou-se num rosnado. Apontou a pena na direção da genitália de Daemon. — Afinal, você não tem qualquer uso para isso.

— Mas não é lá muito bom para os seus negócios — disse Daemon calmamente. — As Rainhas não pagarão pelos meus serviços se não houver nada para comprar.

— Um pedaço inútil de carne, já que não pode usá-lo.

— Ah, mas elas gostam tanto de olhar para ele.

Dorothea atirou a pena no chão e pisou-a.

— Bastardo!

— Você já me disse isso um monte de vezes. — Daemon fez um gesto irritado. — Chega de encenações. Você não vai me raspar, nem agora nem nunca.

— Me dê uma razão para não fazer isso!

Com um movimento fluido, Daemon pulou da cadeira e prendeu-a contra a mesa. Suas mãos apertaram os braços dela, machucando-a, enquanto sua boca colava-se à dela, ferindo seus lábios com os dentes. Sua língua movia-se com ferocidade controlada, de tal modo que ela não conseguia pensar em mais nada a não ser no toque de Daemon e na súbita umidade quente entre as pernas.

Era sempre assim com ele. Sempre. Era mais do que o corpo. Não eram bem as Joias, não era bem uma ligação. Nunca conseguia tocar seus pensamentos ou sentimentos, nunca o alcançava. No entanto, uma sensação de poder selvagem e controlado, de masculinidade, fluía dele, rodopiava à sua volta. As mãos, a língua... canais para esse fluxo. Condutores sensoriais.

Quando ela achou que não aguentava mais, quando pensou que tinha de afastá-lo ou afogar-se na sensação, Daemon impeliu os quadris para a frente e inclinou-se contra ela. Gemendo, Dorothea pressionou o corpo contra o dele, desejando senti-lo rígido, necessitando que ele a desejasse.

No momento em que levantou os braços para abraçar seu pescoço, Daemon recuou, sorrindo, os olhos dourados ardendo de raiva, não de desejo.

— É por isso que você não vai me raspar, Dorothea. — A voz sedosa encrespou-se de desprezo. — Há sempre uma chance, não é verdade, de que um dia eu pegue fogo, de que a fome se torne tão insuportável que eu venha até você rastejando em busca de qualquer alívio que possa me dar.

— Nunca permitirei que chegue a esse ponto — gritou Dorothea, esticando uma das mãos na direção de Daemon. — Pelas Joias, juro... — Tremendo de raiva, Dorothea esforçou-se para se recompor. Mais uma vez tinha humilhado a si mesma suplicando a ele.

Daemon sorriu aquele sorriso frio e cruel que sempre tinha no rosto quando distorcia o jogo

do amor, usando-o para magoar a mulher que servia. É tão fácil, dizia o sorriso. Vocês todas são tão tolas. Podem castigar o corpo quantas vezes quiserem, quantas vezes se atreverem, mas nunca conseguirão *me* tocar.

— Desgraçado — murmurou Dorothea.

— Você pode sempre me matar — disse Daemon suavemente. — Isso resolveria os nossos problemas, não é verdade? — Deu um passo na direção de Dorothea, que, de imediato voltou a se encostar na mesa, aterrorizada. — Por que não me quer ver morto, Dorothea? O que acontecerá no dia em que eu não caminhar entre os vivos?

— Saia — vociferou ela, tentando não soar tão fraca como de repente se sentia. Por que ele estava dizendo aquilo? O que sabia? Precisava afastá-lo de Hayll, tirá-lo daquele *lugar*, e depressa. Furiosa, lançou-se sobre ele, mas Daemon deslizou para o lado e ela se espatifou no chão. — Saia! — gritou, batendo com os pulsos no chão.

Daemon saiu do quarto, assobiando uma canção desarmônica. Ao cruzar com um Senhor da Guerra rechonchudo que seguia esbaforido para o quarto de Dorothea, virou-se a fim de encará-lo.

— Eu não entraria ali até ela ficar um pouco mais calma — disse animadamente. Piscou para o homem boquiaberto e prosseguiu pelo corredor, rindo.

— Maldita seja a sua alma nas entranhas do Inferno, ande logo com isso! — Kartane gritou para o criado que sempre o servia quando estava na corte. Jogou as camisas dentro de um baú e prendeu as correias.

Depois de fechar os baús, Kartane examinou o quarto, pensando se teria esquecido alguma coisa.

— Senhor Kartane — ofegou o criado.

— Pode deixar que eu cuido disso. Está dispensado. Saia. Saia!

O criado apressou-se a sair do quarto.

Kartane pôs os braços em volta das traves da cama. Precisava desesperadamente descansar, mas sempre que fechava os olhos via os lençóis ensanguentados, ouvia os gritos.

Para longe daqui. E depressa. Antes que Dorothea o chamasse, antes de ser pego. Para algum lugar onde as feiticeiras já estivessem sendo silenciadas. Um lugar na sombra de Hayll, onde bajulariam o filho da Sacerdotisa, mas não totalmente maculado pela decadência da terra antiga. Não exatamente um território virgem, mas uma criada a aprender as profanações de Hayll.

— Chaillot — sussurrou Kartane e sorriu.

O outro lado do Reino. Hayll mantinha ali uma embaixada, portanto ninguém questionaria a sua presença. Robert Benedict era um discípulo astuto. E havia aquele maravilhoso lugar que havia ajudado a construir em Beldon Mor, aquele “hospital” para jovens moças de disposição nervosa das famílias aristocratas dos Sangue, onde homens como o Senhor Benedict podiam se deliciar com aperitivos que não eram oferecidos em nenhuma casa da Lua Vermelha respeitável.

Poderia levar semanas até que Dorothea o descobrisse, especialmente se impressionasse o pessoal da embaixada dizendo que estava ali a fim de conduzir pesquisas para a Sacerdotisa. Ficariam assustados demais com o que poderia dizer sobre eles e dificilmente relatariam a sua presença.

Kartane fez os baús desaparecerem e deslizou do quarto para a teia de aterrissagem. Pegou a Teia Vermelha e seguiu imediatamente para oeste, na direção de Chaillot.

5 / Inferno

Hekatah entrou no salão, o vestido de seda de aranha girando em volta do pequeno corpo, os diamantes costurados ao colarinho alto brilhando como estrelas num céu vermelho-sangue. Tinha se vestido cuidadosamente para este encontro “casual” muito bem planejado. Apesar do cavalheirismo plebeu que o fazia ser cortês com qualquer mulher, fosse bonita ou não, Saetan valorizava as mulheres que se apresentavam de forma favorável, e, embora já não estivesse mais no auge da forma, nunca faltavam homens a Hekatah.

Ele, porém, sendo um bastardo criado nas ruas, olhou-a de relance por cima dos óculos em meia-lua que tinha começado a usar, marcou a página no livro e fez desaparecer os óculos antes de, finalmente, dar a ela toda a sua atenção.

— Hekatah — disse, com agradável prudência.

Reprimindo a fúria, ela passeou pela sala.

— É maravilhoso ver o Paço reformado — disse, a voz infantil repleta da ternura doce que uma vez o tinha levado a se abrir para ela.

— Já estava mesmo na hora.

— Alguma razão especial?

— Estava pensando em dar um baile de demônios — respondeu secamente.

Ela baixou o queixo e levantou os olhos para ele, observando através dos cílios, sem se dar conta de que era uma paródia da jovem feiticeira mal-humorada e sensual que tinha sido muitos séculos antes.

— Você não reformou a torre sul.

— Não havia necessidade. Foi esvaziada e limpa. É tudo.

— Mas os meus aposentos sempre foram na torre sul — protestou.

— Como disse, não havia necessidade.

Hekatah olhou fixamente para as finas cortinas marfim atrás dos cortinados vermelhos afastados para os lados.

— Bem — disse, como se estivesse pensando calmamente no assunto —, acho que posso ocupar um quarto na sua ala.

— Não.

— Mas, Saetan...

— Minha querida, você se esqueceu. Nunca teve aposentos no Paço deste Reino. Nunca viveu em nenhuma das casas que me pertence desde que me divorciei de você e nunca mais viverá.

Hekatah ajoelhou-se ao lado da cadeira de Saetan, satisfeita ao ver como o vestido formava um círculo à sua volta, um pedaço reluzente da manga espalhando-se sobre as pernas dele.

— Sei que tivemos as nossas divergências no passado, mas agora você precisa de uma mulher aqui.

Ela poderia ter gritado vitória quando as sobrancelhas de Saetan se arquearam inquisitoriamente e uma verdadeira faísca de interesse surgiu em seus olhos.

Ele ergueu uma mão e afagou os cabelos dela, ainda negros, caindo soltos e compridos pelas costas.

— Por que precisaria de uma mulher agora, Hekatah? — inquiriu numa voz dócil e enrouquecida.

A voz de amante. A voz que sempre a enfureceu, pois soava tão carinhosa e fraca. Não era a voz de um homem. Não era a voz de seu pai. Seu pai nunca teria adulado. Nunca teria permitido que ela o recusasse. Mas *ele* era um Príncipe Haylliano, membro de uma das Cem Famílias, tão orgulhoso e arrogante como qualquer macho dos Sangue, e não este...

Hekatah baixou os olhos, na esperança de que Saetan não tivesse percebido, novamente, o que pensava dele. Todo aquele poder. Poderiam ter governado todo o Território de Terreille e também Kaeleer, se Saetan tivesse sido minimamente ambicioso. Mesmo que fosse indolente, *ela* poderia tê-lo feito. Quem se *atreveria* a desafiá-la com a Negra a apoiá-la? Mas não. Não a apoiou nem mesmo em Dhemlan, seu próprio Território. Manteve-a presa a Hayll, onde a família de Hekatah possuía bastante influência para transformá-la em Sacerdotisa Suprema. Todo aquele poder desperdiçado numa *coisa* que teve de se decidir pelo próprio nome, uma vez que seu progenitor não achava que valia a pena reclamar a semente. Mas Terreille ainda seria dela, nem que para isso tivesse de usar uma marionete fraca como Dorothea.

— Por que preciso de uma mulher agora? — A voz de Saetan, já não tão dócil, a fez despertar de seus devaneios.

— Por causa da criança, claro — respondeu, virando a cabeça para beijar a palma da mão de Saetan.

— A criança? — Saetan ergueu a mão e juntou os dedos, em contemplação. — Um dos nossos filhos é demônio-morto há 50 mil anos, e você, minha querida, com certeza sabe melhor do que eu onde o outro se encontra.

Hekatah inspirou, silvando, e expirou com um sorriso.

— A garota, Senhor Supremo. O seu bichinho de estimação.

— Não tenho animais de estimação, Sacerdotisa.

Hekatah escondeu os punhos cerrados no colo.

— Todos sabem que está treinando uma garotinha para servi-lo. O que estou tentando dizer é que ela precisa da orientação de uma mulher para satisfazer as suas necessidades.

— E que necessidades são essas?

Hekatah bateu com força no braço da cadeira.

— Não faça joguinhos comigo. Se a garota tem algum talento, deveria ser instruída na Arte pelas Irmãs. O que vai fazer com ela depois é problema seu, mas pelo menos permita que eu a treine para que não se torne motivo de constrangimento.

Saetan levantou-se vagarosamente da cadeira, foi até as janelas compridas e puxou as cortinas de tecido fino para os lados, usufruindo assim de uma vista límpida da paisagem eternamente crepuscular do Inferno.

— Este assunto não lhe diz respeito, Hekatah — disse lentamente, a voz como um trovão sussurrante. — É verdade que aceitei ser o tutor de uma jovem feiticeira. Estou entediado. Isso me diverte. Se for motivo de constrangimento para alguém, não é problema meu. — Virou-se e olhou para Hekatah. — E também não é problema seu. Vamos deixar as coisas como estão. Se insistir em transformá-la em problema seu, muitas das coisas que ignorei no passado passarão a ser minhas.

Saetan deixou cair a cortina, ajeitando-a no devido lugar, e saiu da sala.

Apoiando-se na cadeira, Hekatah levantou-se, dirigiu-se à janela e observou as cortinas finas. Lentamente, ergueu os braços.

Desgraçado egoísta. Havia formas de contorná-lo. Será que ele pensava que depois de todo este tempo ela não sabia qual era o seu ponto fraco? Tinha sido bem divertido vê-lo contorcer-se, o eminente Senhor Supremo acorrentado pela honra, enquanto aqueles dois filhos que ela mesma tinha ajudado Dorothea a criar eram espancados ano após ano, século após século. *Eles agora o odeiam, Senhor Supremo. Que bastardo não odeia o progenitor que não o aceita?*

O mestiço tinha sido um bônus. Quem poderia prever que Saetan tinha ainda tanto ardor e carência? Belos rapazes, bem constituídos, nenhum deles capazes de ser homem. Ao menos o mestiço conseguia levantar o membro, o que era muito mais do que se podia dizer do outro.

Com a ajuda dela, Dorothea tinha conseguido que a linhagem forte e negra dos SaDiablo regressasse a Hayll. Aguardar até a Cerimônia de Direito por Progenitura de Daemon para quebrar o contrato com Saetan fora arriscado, mas é nessa ocasião que a paternidade é formalmente reconhecida ou negada. Até esse momento, um macho pode reclamar a criança como sua, pode fazer tudo o que um pai pode fazer pela sua prole. Todavia, até ser reconhecido formalmente, não tem qualquer direito à criança. Uma vez formalizado esse reconhecimento, uma criança do sexo masculino passa a pertencer ao pai.

E esse fora o problema. Elas queriam a linhagem mas não o homem. Tendo testemunhado a educação de dois filhos por Saetan, Hekatah sabia desde o início que qualquer criança que crescesse sob a proteção dele nunca poderia ser moldada num macho que dedicaria sua força às ambições dela. Ela pensava que, uma vez que ele visitava cada um dos rapazes apenas algumas horas por semana, sua influência sobre eles seria diluída, que a marca que deixaria não seria revelada até que lhe pertencessem e comesasse a treiná-los para valer.

Tinha se enganado. Saetan já incutira marcantemente o seu código de honra na mente dos rapazes, e, quando ela se deu conta disso, já era tarde para levá-los por outro caminho. Sem saber por quê, eles lutavam contra tudo que não se adequasse a esse código de honra, e a luta e a dor e os castigos também os moldaram.

E agora havia a garotinha.

Há cinco anos, tinha sentido um poder estranho e obscuro na ilha das *cildru dyathe*. Desde então, seguira fragmentos sussurrados de conversas, indicações que levavam a nada. A teia emaranhada que criou tinha lhe mostrado somente poder negro num corpo de mulher, o tipo de poder que, se moldado e bem direcionado, poderia facilmente controlar um Reino.

Tinha levado cinco anos para descobrir que Saetan estava treinando a criança, o que a enfureceu. Aquela criança deveria ter lhe pertencido desde o início, deveria ter sido uma ferramenta emocionalmente dependente que realizaria todos os seus sonhos e ambições. Com esse tipo de poder à sua disposição, nada — nem ninguém — a poderia deter.

Mas a verdade é que tinha chegado tarde demais.

Se Saetan estivesse disposto a partilhar a menina, ela poderia ter reconsiderado. Como isso não aconteceu, e ela não deixaria aquela criança crescer para se tornar uma ameaça a seus planos, usaria a arma mais brutal de que dispunha: Daemon Sadi.

Ele não devia sentir nenhum amor pelo pai. Ofereceria a ele dez anos de liberdade controlada — ainda com o Anel, claro, mas sem a obrigação de servir numa corte. Dez anos — não, cem — sem precisar se curvar diante de uma feiticeira. O que representaria a eliminação de uma criança — uma estranha adulada pelo mesmo homem que o abandonara — em comparação com o fato de não precisar servir? E se introduzisse o mestiço no jogo, por garantia? Sadi tinha força para desafiar até mesmo o Senhor Supremo. Possuía a astúcia e a crueldade para iludir uma criança e destruí-la. Mas como fazê-lo chegar perto o suficiente para facilitar o golpe? Teria de pensar nisso. Em algum lugar a oeste de Hayll. Tinha seguido a pista da menina até aí, e depois, nada... Exceto aquela estranha e impenetrável névoa na ilha.

Ah, como Saetan se contorceria, gritaria, pela sua honra, quando Sadi destruísse o seu bichinho de estimação.

Hekatah baixou os braços e sorriu ao ver as cortinas que pendiam esfarrapadas da vara. Fez uma careta ao se desvencilhar de um pouco de tecido que ficara preso numa falha da unha e saiu apressadamente do salão, ansiosa por deixar o Paço e pôr em prática o seu plano.

Saetan trancou a porta da sala de estar com a Negra antes de se dirigir à mesa de canto com as taças e uma garrafa de cristal de yarbarah. Um sorriso de escárnio distorceu os seus lábios quando ele reparou como as mãos tremiam. Ignorando o yarbarah, tirou uma garrafa de conhaque do armário debaixo da mesa. Encheu um copo e bebeu com sofreguidão, ofegando com o ardor pouco familiar. Fazia séculos desde que bebera álcool puro pela última vez. Instalou-se numa cadeira, segurando com cuidado o copo de conhaque nas mãos trêmulas.

Hekatah ficaria extasiada se soubesse como o assustara. Se Jaenelle fosse deturpada pela ambição de Hekatah e seu insaciável desejo de esmagar e dominar... Não, Jaenelle não. Ela deveria ser entrelaçada suave e delicadamente aos Sangue, deveria aceitar as rédeas do Protocolo e da Lei dos Sangue, as únicas coisas que evitavam que todos se matassem. Porque em breve, muito em breve, ela começaria a percorrer estradas que nenhum deles havia percorrido, se distanciaria dos Sangue assim como eles estavam distantes dos plebeus. E o poder. Mãe Noite! Quem conseguiria detê-la?

Quem *faria* isso?

Saetan voltou a encher o copo e fechou os olhos. Não podia negar o que o seu coração sabia bem demais. Serviria a sua Senhora de cabelos louros. O que quer que acontecesse, ele a serviria.

Nos tempos em que tinha governado Dhemlan em Kaeleer e Dhemlan em Terreille, nunca hesitara em reprimir a ambição de Hekatah. Acreditava, nessa época, assim como agora, que era errado usar a força para dominar outra raça. Mas se Jaenelle quisesse dominar... Isso lhe custaria a honra, para não falar a alma, mas poria Terreille de joelhos se isso fosse do gosto de Jaenelle.

A única forma de proteger os Reinos era protegendo Jaenelle de Hekatah e suas ferramentas humanas.

Não importava o preço.

6 / Terreille

Naquela noite, Daemon recolheu-se bem tarde. O vinho e o conhaque consumidos ao longo da noite o tinham entorpecido o suficiente para que mantivesse o sangue-frio apesar das insinuações violentas e fofocas recatadas que fora obrigado a ouvir durante o jantar, apesar dos corpos que se roçavam nele “acidentalmente” durante toda a noite.

Mas ele não estava entorpecido o suficiente para não sentir uma presença feminina em seu quarto. O odor psíquico chegou a ele no momento em que abriu a porta do aposento. Rosnando em silêncio devido à intrusão, Daemon levantou o braço. As chamas das velas ao lado da cama produziram de imediato uma luz tênue.

A jovem feiticeira haylliana estava deitada no centro da cama, o longo cabelo preto espalhado de forma sedutora pelos travesseiros, o lençol aconchegado com recato junto ao queixo saliente. Era nova na corte de Dorothea, uma aprendiz da assembleia da Ampulheta. Tinha-o observado durante todo o serão, mas não se dirigira a ele.

Sorriu para Daemon e abriu a pequena boca carnuda, deslizando a ponta da língua ao longo do lábio superior. Livrando-se lentamente dos lençóis, esticou o corpo nu e abriu as pernas com indolência.

Daemon sorriu.

Sorriu enquanto apanhava as roupas que ela tinha espalhado pelo chão e as lançava pela porta aberta na direção do corredor. Sorriu ao puxar o lençol e as cobertas da cama e atirá-los para junto das roupas. Continuou a sorrir quando levantou a mulher e arremessou-a porta afora com tal força que ela acabou batendo na parede, com um estrondo de ossos se partindo. Em seguida, o colchão também voou, e só não a acertou porque ela tinha se virado para o lado e começado a gritar.

Seguindo o som dos passos em disparada, Dorothea precipitou-se pelos corredores enquanto as paredes da mansão estremeciam com violência incontida. Abriu caminho pelo grupo de guardas que rosnavam até alcançar as criadas pessoais e feiticeiras da assembleia cujo chilreio desassossegado era abafado por gritos que iam aumentando de volume e de tom.

— Em nome do Inferno, o que está acontecendo aqui? — gritou, o ronronar melodioso habitual assemelhando-se agora ao de uma gata no cio.

Daemon saiu do quarto, ajeitando calmamente as mangas da camisa. As paredes do corredor cobriram-se de gelo na mesma hora.

Dorothea estudou o rosto de Daemon. Na verdade, nunca o tinha visto no auge daquela raiva fria, só o presenciara saindo daquele estado, mas percebeu que Daemon estava no centro da tempestade e que uma coisa insignificante, como uma palavra dita com a inflexão errada, seria suficiente para desencadear uma explosão violenta que destruiria a corte.

Estreitou os olhos e tentou não se arrepiar.

Era mais do que a raiva fria, dessa vez. Muito mais.

O rosto dele estava tão despojado de vida que poderia ter sido esculpido num pedaço de boa madeira, no entanto estava cheio de *alguma coisa*. Aparentava uma calma artificial, e os olhos dourados e vítreos fitavam-na com a intensidade própria de um predador.

Alguma coisa o vinha empurrando rumo ao ponto de ruptura emocional, e ele finalmente tinha explodido.

Nas raças de longevidade reduzida, os escravos do prazer tornavam-se emocionalmente instáveis após alguns anos. Nas raças de longevidade prolongada esse processo levava décadas, mas a combinação de afrodisíacos e da constante excitação sem possibilidade de alívio acabava em algum momento deturpando alguma coisa dentro dos machos. Posteriormente, com um tratamento cuidadoso, ainda poderiam realizar alguns serviços, mas já não poderiam mais servir como escravos do prazer.

Daemon tinha sido um escravo do prazer durante a maior parte da vida. Tinha se aproximado desse ponto de ruptura várias vezes no passado, mas sempre conseguira recuar da fronteira. Agora não havia recuo possível.

Daemon falou, por fim. A voz soou monocórdia, mas era possível detectar uma ponta de trovão.

— Voltarei quando removerem completamente o fedor do meu quarto. Até lá, não me chamem. — Deslizou pelo corredor e desapareceu.

Dorothea aguardou, contando os segundos. Passaram-se vários minutos até que a porta da frente bateu com um estrondo tão forte que a mansão balançou e vidros se estilhaçaram por toda parte.

Dorothea se virou para a feiticeira, uma criatura perversa e promissora agora coberta modestamente com o lençol e choramingando de maneira corajosa, queixando-se do tratamento cruel. Queria espetar as unhas naquele lindo rosto.

Não havia como controlar Sadi, não depois do que acontecera. A dor ou o castigo apenas o enfureceriam ainda mais. Precisava afastá-lo de Hayll, enviá-lo para algum lugar irrelevante. A Sacerdotisa das Trevas tinha feito várias sugestões quando ele foi concebido e quando quebraram o contrato para que ficasse com a assembleia da Ampulheta em Hayll. A vagabunda bem que poderia fazer alguma sugestão agora, quando ele estava frio e possivelmente deslizando para o Reino Distorcido.

Endireitando a gola do roupão, Dorothea olhou uma última vez para a jovem feiticeira.

— Esta vagabunda está expulsa da Ampulheta e afastada da minha corte. Quero ela e tudo o que tenha a ver com ela fora da minha casa em uma hora.

Tomando o braço do jovem Senhor da Guerra que aquecia sua cama antes que os gritos comessem, retornou à sua ala da mansão, sorrindo do pranto de desespero que enchia o corredor atrás de si.

Dorothea se apressou pela trilha longa até o Santuário, segurando a capa que o vento tentava arrancar do seu corpo. A velha Sacerdotisa, curvada e um tanto parva, abriu a pesada porta para que Dorothea entrasse, lutando em seguida com o vento para fechá-la.

Ao passar por ela, Dorothea cumprimentou-a imperceptivelmente, desesperada para chegar ao local de encontro.

A câmara interna estava vazia, exceto por duas cadeiras surradas e uma mesa baixa diante de uma lareira acesa. Tirando a capa com uma das mãos, Dorothea colocou com cuidado sobre a mesa a garrafa que tinha mantido junto ao corpo e desabou numa das cadeiras com um gemido.

Apenas dois dias antes, tinha achado um atrevimento pedir ajuda à Sacerdotisa das Trevas, irritara-se com as oferendas que teria de providenciar através da corte ou da Ampulheta de Hayll. Agora estava disposta a suplicar.

Durante dois dias, Sadi tinha percorrido Draega, tentando abrandar a raiva de maneira impaciente e implacável. Nesse período, matara um jovem Senhor da Guerra de uma das Cem Famílias — um jovem exuberante que tentava simplesmente se divertir com a filha de um taberneiro. O homem tivera o atrevimento de protestar pois a filha era virgem e usava uma Joia. O Senhor da Guerra tinha cuidado do pai — não mortalmente — e estava arrastando a moça para um quarto confortável quando surgiu Sadi, que ficou sentido com os gritos aterrorizados da jovem e atacou ferozmente o Senhor da Guerra, despedaçando suas Joias e reduzindo seu cérebro a pó.

O taberneiro agradecido ofereceu a Sadi uma boa refeição e um copo sempre cheio. Pela manhã, a história já tinha se espalhado por Draega, e, a essa altura, não havia taberneiro ou estalajadeiro, Sangue ou plebeu, que não tivesse uma refeição quente, um copo cheio ou uma cama a aguardá-lo se passasse por aquela rua.

Dorothea não tinha certeza se o Anel iria detê-lo dessa vez, não tinha certeza se ele direcionaria a fúria para ela se tentasse controlá-lo. E se ele dominasse a dor...

Dorothea colocou as mãos sobre o rosto e voltou a gemer. Não ouviu a porta se abrindo e fechando.

— Está inquieta, Irmã — disse a voz de menina, cantarolante.

Dorothea ergueu os olhos, tremendo de alívio. Ajoelhou-se de súbito e inclinou a cabeça, numa reverência.

— Preciso da sua ajuda, Sacerdotisa das Trevas.

Hekatah sorriu e olhou avidamente para o conteúdo da garrafa. Com o capuz ocultando o rosto, sentou-se na outra cadeira e, com um movimento gracioso, fez com que a garrafa deslizesse para junto de si.

— Uma oferenda? — perguntou, simulando alegria e surpresa. — Que generosidade, Irmã, lembrar-se de mim. — Com outro movimento da mão, invocou uma taça de vidro negro, encheu-o com o conteúdo da garrafa e bebeu com sofreguidão. Suspirou de prazer. — Como é doce o sangue. Uma jovem e poderosa feiticeira. Mas uma única voz para dar tanto.

Dorothea rastejou de volta para a cadeira e endireitou o vestido. Os lábios se curvaram num sorriso dissimulado.

— Ela insistiu em ser a única, Sacerdotisa, desejando que tivesse o melhor dela. — Era o mínimo que a vagabunda poderia ter feito, tendo causado o problema.

— Você mandou me chamar — disse Hekatah, impaciente, logo baixando a voz para o

cantalorar sereno. — Como posso ajudá-la, Irmã?

Dorothea saltou da cadeira e começou a andar de um lado para outro.

— Sadi enlouqueceu. Já não tenho qualquer controle sobre ele. Se continuar em Hayll por mais tempo, destruirá a todos nós.

— Não pode usar o mestiço para refreá-lo? — Hekatah voltou a encher a taça e bebericou o sangue morno.

Dorothea riu amargamente.

— Acho que nada mais pode refreá-lo.

— Hmm. Sendo assim, tem que enviá-lo para outro lugar.

Dorothea girou, os punhos cerrados junto ao corpo, os lábios abertos revelando os dentes cerrados.

— Para onde? Ninguém o aceitará. A Rainha que o receber sabe que será morta.

— Quanto mais longe, melhor — murmurou Hekatah. — Pruul?

— Zuultah tem o mestiço e você sabe bem que os dois não podem ficar juntos na mesma corte. Além disso, Zuultah tem conseguido mantê-lo sob rédeas curtas e Prythian não quer deslocá-lo.

— Desde quando você se preocupa com o que aquela porca de asas quer? — retrucou Hekatah.

— Pruul fica a oeste, bem a oeste de Hayll, e é basicamente deserta. Um lugar ideal.

Dorothea balançou a cabeça.

— Zuultah é valiosa demais para os nossos planos.

— Ah.

— Ainda estamos cultivando os Territórios ocidentais, não temos tanta influência.

— Mas têm alguma. Com certeza Hayll deve ter feito incursões *em algum lugar* onde nem *todas* as Rainhas sejam tão valiosas. Não há nenhum lugar, Irmã, em que uma Rainha tenha constituído um obstáculo? Algum lugar em que um presente como Sadi poderá revelar-se útil para *você*?

Dorothea se sentou na cadeira, a longa unha do dedo indicador batendo nos dentes.

— Um lugar — disse calmamente. — Aquela Rainha vagabunda vem se opondo a mim a cada oportunidade. Eles precisaram de três gerações para enfraquecer a cultura o suficiente e conseguir criar um conselho autônomo de machos com força o bastante para refazer as leis. Os machos que ajudamos a subir ao poder irão devastar a própria sociedade a fim de prevalecer, e, uma vez que isso aconteça, o Território estará maduro para a colheita. Mas a Rainha continua lutando contra eles e está sempre tentando fechar a minha embaixada e enfraquecer a minha influência. — Dorothea endireitou-se na cadeira, com um brilho nos olhos. — Sadi seria um presente perfeito.

— E se ele perder o controle... — Hekatah riu.

Dorothea riu com ela.

— Mas como fazê-lo chegar lá?

— Faça uma oferenda.

— Ela não aceitaria. — Fez uma pausa. — Mas o genro dela é colega de Kartane e um líder influente no conselho, graças a Hayll. Se o gesto fosse dirigido a *ele*, como poderia recusar?

Hekatah brincou com a taça.

— Esse lugar. É para oeste?

Dorothea sorriu.

— Sim. Ainda mais distante que Pruul. E atrasado o suficiente para irritá-lo. — Dorothea

pegou a capa. — Pode me dar licença, Sacerdotisa? Tenho assuntos a resolver. Quanto mais depressa nos livrarmos dele, melhor.

— Claro, Irmã — Hekatah respondeu docemente. — Que as Trevas acelerem a sua viagem.

Hekatah fixou o olhar no fogo durante vários minutos. Esvaziando a garrafa, admirou o líquido escuro no vidro preto e levantou a taça numa pequena saudação.

— Quanto mais depressa você se livrar dele, melhor. Quanto mais depressa ele for para oeste, melhor ainda.

8 / Inferno

— SaDiablo, há algo que você precisa saber.

Silêncio.

— Você a viu?

— Não. — Uma longa pausa. — Saetan, Dorothea acabou de enviar Daemon Sadi para Chaillot.



TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO SEIS

1 / Terreille

Imediatamente desperta, Surreal perscrutou o quarto escuro e os corredores em busca do que quer que tivesse perturbado seu sono.

Vozes de homens, vozes de mulheres, risos abafados.

Não pressentia qualquer perigo. Ainda assim...

Um vento pesado e frio, vindo do leste, soprava sobre Chaillot.

Surreal aconchegou-se na cama, apertando os cobertores contra o corpo. A noite estava fria, a cama quentinha, e a bebida para dormir que Deje tinha preparado levou-a suavemente de volta ao sono sem sonhos de que havia desfrutado nas últimas noites.

O que quer que fosse, não estava à sua procura.

Kartane bateu a porta do quarto e trancou-a com um movimento violento da mão. Durante uma hora andou de um lado para outro, praguejando baixinho.

Tinha sido uma noite encantadora, passada com uma moça de rosto de porcelana, assustada e satisfatoriamente repugnada com tudo o que tinha de fazer para ele — e com tudo o que ele lhe tinha feito. Ao deixar aquela diversão particular, sentia-se relaxado e saciado, até que Robert Benedict o fez parar à porta e lhe disse como sua família estava satisfeita e *honrada* por receber tal presente da Senhora SaDiablo. Claro que seu irmão bastardo, Philip, cumpria os deveres de consorte com a Senhora Angelline, e é claro que ela não o deixaria *totalmente* de lado por um escravo do prazer, independentemente da sua fama, mas sentiam-se *honrados*.

Kartane praguejou. Tecera a sua teia de mentiras à embaixada de Hayll de maneira a garantir que Dorothea, mesmo que o descobrisse rapidamente, não pudesse chamá-lo de volta sem causar grande constrangimento a si mesma. Isso significava, também, que não podia ir embora de repente, sem responder a algumas perguntas difíceis e indesejadas. Além do mais, estava se divertindo muito e planejava ficar aqui por uns tempos.

Despiu-se e caiu exausto na cama.

Havia tempo. Havia tempo. Daemon não estava aqui.

Por enquanto.

Cassandra estava de pé junto à entrada do Santuário e observava o sol nascendo, incapaz de precisar a causa do nervosismo que sentia. O que quer que fosse, estava chegando junto com o

sol.

Fechando os olhos e expirando devagar e profundamente, desceu às profundezas da Negra, deu um passo mental para o lado, conforme era ensinado às Viúvas Negras, e ficou à beira do Reino Distorcido. Com os olhos enevoados pela paisagem onírica de visões, olhou para o sol que subia acima da linha do horizonte.

Observou durante muito tempo e, em seguida, balançou violentamente a cabeça para desanuviar a vista e encostou o corpo com força à pedra da entrada, procurando apoio. Quando se certificou de que estava completamente fora da paisagem onírica, entrou no Santuário, de costas para o sol.

Foi cambaleando até a cozinha, fechou as cortinas às pressas e sentou-se no banco junto ao fogo fraco, agradecida pela escuridão.

Uma Viúva Negra à beira do Reino Distorcido poderia enxergar o verdadeiro rosto de uma pessoa por trás de qualquer máscara; poderia extrair memórias da madeira e da pedra para desvendar o que acontecera num determinado local; poderia receber avisos sobre o que estava por vir.

O sol, quando Cassandra olhou através da paisagem onírica de visões, era uma esfera dilacerada e cheia de sangue.

Alexandra Angelline examinou o quarto com um olhar crítico. A madeira do soalho brilhava, os tapetes tinham acabado de ser lavados, as janelas cintilavam, a roupa da cama era nova e fresca e o armário estava cheio de roupas limpas e passadas, penduradas em uma vara sobre os sapatos polidos. Respirou profundamente e sentiu o cheiro do ar outonal e da cera de limão.

E de alguma outra coisa.

Com um suspiro irritado, balançou a cabeça e dirigiu-se à governanta.

— Ainda está presente. Suave, mas presente. Limpe de novo.

Lucivar analisou o céu sem nuvens. Já se viam ondas de calor tremeluzindo do Deserto de Arava em Pruul, mas Lucivar sentia calafrios, estava arrepiado até os ossos. Os sentidos não lhe indicaram nada, por isso voltou-se para dentro de si, e, na mesma hora, sentiu a fúria escura e fria. Umedecendo nervosamente os lábios, enviou um pensamento por um fio masculino Cinza-Ébano, para uma única mente.

Bastardo?

O que quer que fosse que viajasse pelos Ventos passou por ele e continuou para oeste.

Bastardo?

O silêncio frio foi sua única resposta.

No Inferno, Saetan estava sentado à mesa de madeira escura em seu escritório privado abaixo do

Paço, olhando fixamente o retrato do outro lado da sala, um retrato que mal conseguia vislumbrar na penumbra. Estava ali sentado havia horas, fitando o semblante de Cassandra, tentando sentir alguma coisa — amor, raiva —, qualquer coisa capaz de aliviar a dor em seu coração.

Sentia apenas amargura e pesar.

Observou Mephis abrindo a porta do escritório e fechando-a atrás de si. Durante um longo momento observou o filho mais velho como se fosse um desconhecido; depois, voltou o olhar para o retrato.

— Príncipe SaDiablo — chamou Saetan, a voz repleta de um suave trovão.

— Senhor Supremo?

Saetan continuou olhando o retrato durante mais alguns minutos. Suspirou amargamente.

— Traga Marjong, o Carrasco, à minha presença.

Numa área privada de uma Carruagem de Teia Amarela, Daemon Sadi estava sentado de frente para dois embaixadores hayllianos nervosos. Atrás de seu rosto, que parecia uma máscara fria, bonita e artificial, a raiva estava controlada mas não diminuída. Ele nada disse aos seus acompanhantes durante a viagem. Na verdade, quase não se mexera desde que partiram de Hayll.

Agora olhava fixamente para uma parede branca, ignorando as vozes baixinhas dos homens. A mão direita continuava a procurar o pulso esquerdo, esfregando com os dedos repetidas vezes, como se precisasse se certificar de que a cicatriz que Tera lhe tinha oferecido ainda estava ali.

2 / Terreille

Daemon olhava pela janela enquanto a carruagem avançava pela estrada plana que levava à propriedade de Angelline, consciente de que o seu acompanhante, o Príncipe Philip Alexander, o observava de maneira dissimulada. Ficava aliviado quando Philip parou de indicar, como forma de defesa, os locais de interesse enquanto percorriam Beldon Mor. Compreendia a atitude defensiva do homem — os embaixadores hayllianos orgulhavam-se de sua capacidade de zombar sutilmente da herança cultural das cidades anfitriãs —, mas estava intrigado demais com o inalcançável quebra-cabeça que roçara a sua mente pouco depois de chegar a Beldon Mor para dar a Philip mais do que respostas secas e educadas.

Algumas décadas atrás, Beldon Mor teria sido, provavelmente, uma bela cidade. Ainda era encantadora, mas Daemon reconheceu a nódoa da influência de Hayll. Dentro de duas gerações, Beldon Mor não seria mais do que uma Draega menor e mais nova.

Mas havia outra corrente por baixo dessa nódoa familiar, *algo* sutil que escapava ao entendimento. Tinha se aproximado sorrateiramente nas horas que ele passara na embaixada de Hayll, como uma bruma que quase conseguimos sentir, mas que não conseguimos vislumbrar.

Nunca vivera uma experiência como essa, ainda que, de alguma forma, lhe parecesse familiar.

— Tudo isto faz parte da propriedade de Angeline — explicou Philip, quebrando o silêncio. — A casa poderá ser avistada depois da próxima curva.

Pondo de lado o quebra-cabeça, Daemon se esforçou por mostrar algum interesse pelo local onde iria viver.

Era um grande solar, que harmonizava graciosamente com a paisagem natural. Esperava que a decoração interior tivesse a mesma elegância serena do exterior. Seria um alívio viver num lugar que não o irritasse.

— É encantadora — elogiou Daemon quando chegaram à casa.

Philip sorriu cautelosamente.

— É verdade.

Ao descer da carruagem e seguir Philip pelos degraus até a porta, os nervos de Daemon zuniram. Os sentidos internos ficaram alertas. No momento em que atravessou a soleira, parou de repente, atordoado.

O odor psíquico quase tinha desaparecido, mas Daemon o reconheceu. Um perfume negro. Um perfume poderoso, terrível, maravilhoso.

Respirou fundo e sua fome de uma vida inteira se intensificou.

Ela esteve aqui. Ela esteve *aqui*!

Queria gritar em triunfo, mas a expressão cautelosa e enigmática nos olhos cinzentos de Philip aguçaram seus instintos predadores. Quando chegou junto de Philip, já tinha pensado em cinco ou seis maneiras de fazer um Príncipe de Joia Cinza desaparecer discretamente.

Daemon sorriu, satisfeito ao ver o calafrio involuntário de Philip.

— Por aqui — indicou Philip secamente, virando-se e dirigindo-se aos fundos da casa. — A Senhora Angeline nos aguarda.

Daemon enfiou as mãos nos bolsos, assumiu a expressão entediada que sempre adotava nas cortes e caminhou ao lado de Philip com uma indiferença elegante. Por mais impaciente que estivesse para conhecer as feiticeiras da família e descobrir aquela que procurava, não seria bom deixar Philip inquieto e defensivo demais.

Tinham quase chegado à porta quando um homem saiu da sala. Era gordo, corado e, no geral, pouco atraente, mas havia semelhanças suficientes entre ele e Philip para que se pudesse classificá-los como irmãos.

— Ora — disse Robert Benedict com um rosnado amigável. — Este é Daemon Sadi. As moças estão excitadíssimas com a sua presença. Excitadíssimas. — Seus olhos desapareceram no rosto gordo ao sorrir maldosamente para Philip, antes de se virar para Daemon. — Leland passou a manhã toda se vestindo para a ocasião. Philip agora é uma espécie de administrador, então não tem tempo para providenciar o conforto das moças da forma como você fará. — Esfregou as mãos num júbilo malicioso. — Podem me dar licença? O dever me chama.

Afastando-se para deixar Robert passar, mantiveram-se em silêncio até a porta da frente se fechar. Philip estava pálido sob o bronzeado de verão, ofegando através dos dentes cerrados, e estremeceu com o esforço de tentar controlar alguma emoção poderosa.

— Estão esperando — disse Daemon baixinho.

Os olhos de Philip estavam repletos de ódio puro. Daemon retribuiu o olhar com serenidade. Um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra nada tinha a temer de um Príncipe de Joia Cinza. Philip, na pior das fúrias, não era páreo para Daemon, e ambos sabiam disso.

— Por aqui — disse Philip bruscamente, conduzindo Daemon para a sala.

Tentando não parecer ansioso demais, Daemon entrou no salão ensolarado com vista para uma vastidão de grama verde e jardins, convencido de que a reconheceria no momento em que a visse.

Segundos depois, engoliu um grito de raiva.

Ali estavam duas mulheres e uma moça com cerca de 14 anos, mas aquela que procurava não estava presente.

Alexandra Angelline, a matriarca da família Angelline e Rainha de Chaillot, era uma bela mulher com longos cabelos negros começando a ficar grisalhos, um rosto oval com uma estrutura óssea delicada e olhos da cor das Joias Violeta. As roupas eram de corte simples mas de boa qualidade. A Opala dos Sangue pendurada ao pescoço estava engastada em ouro de forma modesta. Sentada numa cadeira de espaldar alto, manteve a postura reta e orgulhosa enquanto o examinava.

Daemon examinou-a também. Não era uma Viúva Negra natural, mas algo em volta dela sugeria que tinha passado algum tempo numa assembleia da Ampulheta. No entanto, por que teria iniciado a aprendizagem e interrompido os estudos? A não ser que nessa época Dorothea já tivesse iniciado o purgamento das assembleias da Ampulheta de Chaillot. A eliminação de potenciais rivais era uma das primeiras ações que Dorothea tomava para enfraquecer um Território, e outras Viúvas Negras eram adversárias muito mais perigosas do que as Rainhas, pois praticavam o mesmo tipo de Arte. Não eram necessárias muitas histórias murmuradas na escuridão para transformar a prudência em relação às Viúvas Negras em medo ativo, e, uma vez instalado o medo, começava a matança. Uma vez iniciada a matança, as Viúvas Negras passavam à clandestinidade e as únicas que seriam treinadas na Arte eram as filhas nascidas na Ampulheta.

Visto que era a única herdeira de uma das maiores fortunas de Chaillot e a Rainha mais forte da ilha, sua presença constante numa assembleia da Ampulheta teria sido um grande risco para todos.

Leland Benedict, a filha única de Alexandra e esposa de Robert, era uma versão mais apagada e frívola da mãe. O decote e as mangas franzidas do vestido não eram adequados à sua figura, e o penteado sofisticado demais para a hora do dia a fazia parecer mais matrona do que a mãe. Daemon achou particularmente irritante o seu ar de tímida curiosidade. Aquelas que começavam demonstrando curiosidade tímida tendiam a se tornar as mais cruéis e as mais vingativas ao descobrirem o tipo de prazer que ele podia proporcionar. Ainda assim, teve pena dela. Podia sentir o seu âmagó ainda fundido, ainda desejando algo mais puro, mais enriquecedor, que a satisfizesse mais do que a liberdade engaiolada que possuía. Foi então que pestanejou olhando para ele, o que fez com que tivesse vontade de bater nela.

Por último, a moça, Wilhelmina, única filha do primeiro casamento de Robert. Diferentemente do pai, que tinha tez rosada e cabelo ruivo, ela tinha cabelo negro e brilhante como a asa de um corvo e sua pele era muito clara, com um rubor surpreendente nas faces e olhos azul-acinzentados. Era uma jovem bonita e ficaria ainda mais quando o corpo começasse a se desenvolver e a ganhar curvas. Na verdade, esse era o único defeito que Daemon via na aparência da moça — era tão magra que parecia doente. Perguntou-se — como já fizera em tantos outros lugares — se essas pessoas, Sangue como ele, teriam ideia do que eram, compreenderiam o que implicava usar as Joias... Não só os prazeres e o poder que ela poderia proporcionar, mas também o sofrimento físico e emocional que acarretavam. Se a moça usava

Jóias mais escuras do que as outras mulheres da família, talvez não reconhecessem o que para ela era tão evidente.

Quem quer que usasse as Jóias, especialmente uma criança, ficava com o metabolismo acelerado. Era possível — mais para uma feiticeira devido às exigências físicas do período da lua do que para o seu equivalente masculino — desgastar o próprio corpo numa questão de dias se não houvesse comida suficiente à disposição.

Ajustando o pequeno fragmento de Joia Vermelha oculto por baixo dos rubis nas abotoaduras para gravar a conversa, Daemon deixou a mente vagar enquanto Alexandra o informava sobre a casa e os seus “deveres”. O fragmento de Joia reteria a conversa até que estivesse pronto para retomá-la. Por ora, tinha algo mais importante em que pensar.

Onde estaria ela? *Quem* seria? Uma parente que vinha de visita? Uma convidada que permanecera alguns dias e fora embora recentemente? Não podia perguntar a ninguém. Se não suspeitavam que a Feiticeira havia estado presente, suas indagações, por mais inofensivas que fossem, poderiam colocá-la em perigo. Dorothea já tinha fixado os seus tentáculos cancerosos em Chaillot. Se soubesse que esta Outra tinha tocado a ilha... Não. Não podia perguntar. Até que ela voltasse, faria o que fosse necessário para manter essas mulheres satisfeitas e sem desconfianças. Mas quando ela voltasse...

Por fim, indicaram o seu quarto. Ficava diretamente abaixo dos aposentos de Alexandra e junto a uma escadaria, uma vez que estava ali sobretudo para lhe proporcionar prazer, e já que Leland só precisava de um acompanhante quando Robert não estava disponível e Wilhelmina era jovem demais. Era um quarto simples, com uma cadeira, uma lamparina e uma escrivaninha, bem como uma cama de solteiro, uma cômoda com espelho, um guarda-roupas e, Daemon reparou, agradecido, um banheiro moderno logo ao lado.

Como imaginara, a conversa durante o jantar foi tensa. Alexandra falou sobre as atividades culturais que poderiam ser exploradas em Beldon Mor e Daemon fez as perguntas que esperavam que ele fizesse. Enquanto a conversa de Alexandra era diligentemente impessoal, Leland estava agitada, nervosa e disposta demais a fazer perguntas capciosas que a faziam corar, independentemente da forma delicada como Daemon respondia — se chegasse a tanto. Robert, que regressara sem avisar para jantar, parecia bastante satisfeito com a situação, fazendo comentários maliciosos durante a refeição e se esforçando para, sempre que possível, tocar Leland de forma a enfatizar o direito que tinha sobre ela. Daemon ignorou-o, achando muito mais interessante o desconforto e a raiva crescentes de Philip em relação a Robert.

À medida que o jantar avançava, Daemon desejou que Wilhelmina estivesse presente, visto que era quem mais lhe despertara curiosidade, aquela de quem poderia extrair informações com mais facilidade. Mas ela era considerada nova demais para cear e acompanhar os adultos.

Finalmente liberado para se retirar, mas inquieto demais para dormir, Daemon caminhou pelo quarto de um lado para o outro. Amanhã começaria a investigar a casa. Um quarto onde ela tivesse pernoitado ainda estaria impregnado com o seu odor psíquico, mesmo que tivesse sido limpo. Não havia tempo a perder, mas não podia deixar que o encontrassem perambulando de madrugada na sua primeira noite, não agora, não quando havia a possibilidade de finalmente vê-la, ouvi-la, tocar no que a sua alma ansiara a vida toda. A Lei dos Sangue nada significava para ele. Os Sangue nada significavam para ele. Ela seria Sangue e ao mesmo tempo Outra, uma estrangeira e ainda assim aparentada. Seria espantosamente magnífica.

Enquanto caminhava pelo quarto, despindo-se num lento striptease para ninguém, Daemon

tentou imaginá-la. Nascida em Chaillot? Provavelmente. Residindo em Beldon Mor? Isso explicaria aquela *sensação* tênue que tinha sentido. E se ela nunca se afastasse fisicamente da ilha, isso explicaria por que jamais sentira a sua presença em nenhum local nos últimos anos. Sensata, cautelosa certamente, pois tinha evitado chamar a atenção durante tanto tempo.

Deslizou para a cama, apagou a luz... e gemeu quando lhe surgiu na mente a imagem de uma velha sábia, enrugada e esquelética.

Não, implorou à noite silenciosa. Doces Trevas, ouvi a prece de um dos vossos filhos. Agora que está tão próxima, permiti que seja jovem o suficiente para me querer. Permite que seja suficientemente jovem para necessitar de mim.

A noite não lhe deu resposta e o céu já apresentava uma tonalidade acinzentada que antecipava a aurora quando, finalmente, adormeceu.

3 / Terreille

Durante dois dias, Daemon representou o acompanhante educado e atencioso de uma agitada Leland que se desdobrava numa série interminável de visitas, exibindo o presente da Senhora SaDiablo. Durante duas noites, percorreu a casa, mal controlando os nervos devido à falta de sono e à frustração. Tinha inspecionado todos os cômodos públicos, todos os quartos de hóspedes, até mesmo as dependências dos empregados — e não encontrara nada.

Não exatamente nada. Tinha encontrado a biblioteca escondida no segundo andar da ala das crianças. Não era a biblioteca que os visitantes viam ou a que era usada pela família, mas um pequeno recinto que continha os volumes sobre a Arte e, como tantos outros que vira nas últimas décadas, dava a impressão de quase nunca ser usado.

Quase nunca.

Fechando a porta sem fazer barulho, Daemon caminhou de forma precisa pela sala escura e atravancada, até uma mesa com uma luminária no canto oposto. Tocou-a, acariciando o cristal para diminuir o brilho, encostou-se às estantes embutidas e inclinou a cabeça para trás, deixando-a cair sobre uma prateleira.

O cheiro nessa sala era forte.

Daemon fechou os olhos, inspirou profundamente e franziu a testa. Embora tivesse sido limpa, a sala tinha o cheiro da poeira e do bolor de livros antigos, mas um odor físico não suplantaria um odor psíquico. Esse odor sombrio... Assim como o corpo que o abriga, o odor psíquico de uma feiticeira possui um caráter almiscarado que um macho dos Sangue considera tão excitante quanto o corpo — se não mais. Esse odor sombrio e adocicado estava estranhamente livre desse almiscarado, e, enquanto ele continuava respirando fundo, entregando-se àquilo que era mais forte do que o corpo, sentiu-se angustiado ao constatar a situação.

Afastando-se das prateleiras, Daemon apagou a vela e aguardou que os olhos se adaptassem à escuridão antes de deixar a sala. Ora, ela tinha passado muito tempo nesse cômodo, mas tinha de ter *ficado* em algum lugar. Os olhos de Daemon moveram-se depressa pelo teto enquanto ele

deslizava entre as sombras e subia as escadas silenciosamente. O único lugar que faltava explorar era a ala das crianças, os quartos do terceiro andar, onde Wilhelmina e sua precetora, a Senhora Graff, passavam a maior parte dos dias. Era também o único local do qual Philip lhe pedira com veemência para se manter afastado, uma vez que os seus serviços ali não eram necessários.

Daemon deslizou pelo corredor, identificando os quartos com a mente, ao passar por eles: sala de aulas, sala de música, quarto de brinquedos, sala de estar da Senhora Graff e quarto adjacente (do qual Daemon se afastou de imediato, os lábios delineados numa espécie de rosnar, ao sentir o ligeiro odor de sonhos eróticos), banheiros, dois quartos de hóspedes, o quarto de Wilhelmina. E o quarto do canto que tinha vista para os jardins dos fundos.

Daemon hesitou, relutando repentinamente em invadir ainda mais a privacidade de crianças. Como de hábito, tinha recolhido informações básicas sobre a família antes de se pôr a serviço. O embaixador haylliano, irritado ao ser questionado, tornou-se bastante loquaz quando reparou no olhar frio de Daemon, dizendo nada de interessante, exceto que tinha duas filhas. Daemon tinha conhecido Wilhelmina.

Restava apenas um quarto.

A mão de Daemon tremia enquanto girava a maçaneta e entrava rapidamente no quarto.

As trevas adocicadas o inundaram, mas mesmo aqui o cheiro era fraco, como se alguém tivesse tentado eliminá-lo. Daemon apoiou as costas na porta e pediu perdão em silêncio por aquilo que estava prestes a fazer. Era macho, estava invadindo e, assim como acontecia com ela, levaria apenas alguns minutos para que o próprio odor psíquico negro ficasse gravado no recinto para qualquer um farejar.

Levantando a mão com cuidado, acendeu uma vela junto à cama, mantendo a chama brilhante o suficiente para permitir a visão, mas tênue o bastante para não ser percebida pela fresta da porta se alguém passasse por ali — ou assim esperava. Depois, olhou em volta, a testa enrugada de perplexidade.

Era um quarto de menina: cômoda e guarda-roupas brancos, dossel e cobertor brancos decorados com pequenas flores cor-de-rosa, soalho de madeira brilhante com tapetes felpudos espalhados pelo chão.

Aquilo era totalmente errado.

Abriu todas as gavetas da cômoda e encontrou roupas de menina, mas ao tocá-las era como se tocasse uma minúscula faísca de relâmpago. Também a cama, quando deslizou os dedos levemente sobre a colcha, enviou uma faísca que percorreu seus nervos. No entanto, as bonecas e os bichos de pelúcia só possuíam o odor porque estavam no quarto. Se algum deles estivesse impregnado com aquelas trevas intrigantes, o teria levado para o seu quarto e ficaria agarrado a ele a noite toda. Por fim, abriu o armário.

As roupas eram de criança, os sapatos destinavam-se a pequenos pés. Já havia algum tempo que não eram usados e o odor que emanavam também era leve. Já o armário...

Daemon vasculhou-o, peça por peça, tocando tudo, ficando mais esperançado e mais descontrolado a cada item que deixava para trás. Quando não havia mais nada a inspecionar, seus dedos trêmulos deslizaram pelas paredes internas, e o tato se tornou um condutor para os sentidos interiores.

Ajoelhado, esgotado pelo desapontamento, inclinou-se para a frente até que a mão tocou na parte de trás do guarda-roupas.

Um relâmpago vibrou por Daemon até ele pensar que o seu sangue começaria a ferver.

Intrigado, pôs as mãos em concha e criou uma pequena esfera de luz encantada. Examinou o canto, fez a luz encantada desaparecer e sentou-se sobre os calcanhares, ainda mais intrigado.

Não havia nada ali... porém, havia. Nada que os seus sentidos físicos pudessem captar, mas seus sentidos interiores insistiam que existia algo.

Daemon estendeu novamente a mão e sentiu um calafrio.

O quarto, de repente, ficou extremamente frio.

Seu raciocínio estava lento devido ao cansaço e ele demorou um minuto para entender o significado do frio.

— Desculpe-me — murmurou ao retirar a mão, com cuidado. — Não pretendia invadir seu espaço. Prometo pelas Joias que não voltará a acontecer.

Com as mãos trêmulas, Daemon voltou a colocar as roupas e os sapatos exatamente onde os tinha encontrado, apagou a vela e deslizou em silêncio até o seu quarto. Então, tirou a garrafa de conhaque escondida no seu próprio armário e deu um longo gole.

Não fazia sentido. Podia entender que tivesse encontrado o odor psíquico na biblioteca. Mas no quarto da criança? Não nos brinquedos, mas nas roupas, nas roupas de cama que um adulto poderia tocar diariamente se tomasse conta da criança. Quando fez um comentário inofensivo a respeito da irmã de Wilhelmina, foi comunicado a ele, de maneira brusca, que ela não estava em casa, que estava doente.

Estaria a sua Senhora assumindo os deveres de Curandeira? Teria ela dormido numa cama improvisada no quarto da criança para se manter por perto? Onde estaria ela agora?

Daemon guardou o conhaque, tirou a roupa e enfiou-se na cama. O aviso de Tersa sobre o cálice que estava se partindo acabava com os seus nervos, mas não havia nada que pudesse fazer. Não podia persegui-la como tinha feito em outras cortes. Ela estava por perto e ele não podia se arriscar a ser mandado embora.

Daemon deu um soco no travesseiro e suspirou. Quando a criança voltasse, a sua Senhora também voltaria.

E ele estaria à espera.

4 / Terreille

Surreal inclinou a cabeça para trás, sorrindo com o calor do sol no rosto e o cheiro do ar puro do mar. O período da lua tinha terminado; hoje à noite começaria a trabalhar para ganhar a vida e pagar a Deje pela gentileza. Mas o dia era dela, e, ao ziguezaguear pela trilha que levava ao Altar de Cassandra, desfrutou da paisagem acidentada, do sol nas costas, do vento fresco de outono que brincava com seus longos cabelos pretos.

Ao fazer uma curva e avistar o Santuário, Surreal franziu o nariz e suspirou. Fizera essa caminhada para visitar uma ruína. Embora estivesse no início do que poderia vir a ser uma vida longuíssima, já tinha vivido anos suficientes para verificar que lugares onde às vezes tinha permanecido haviam se transformado em amontoados de pedras quando lá voltava. O que para

tantos era história antiga para ela era memória real. Achou o pensamento deprimente.

Afastando o cabelo do rosto, entrou por uma porta aberta e olhou em volta, reparando nas fendas nas paredes de pedra e nos buracos no telhado. Sentar-se e desfrutar do sol outonal era mais convidativo do que vagar por quartos frios e áridos, por isso resolveu sair, mas, ao chegar à porta de entrada, ouviu passos atrás de si.

A mulher que saiu dos aposentos interiores vestia uma túnica e calça feitas de um material preto-acinzentado e brilhoso. O cabelo ruivo que caía pelos ombros estava preso por uma tiara de prata. Logo acima dos seios, pendia uma Joia Vermelha. O sorriso de boas-vindas era afetuoso, mas não efusivo.

— Como posso lhe servir, Irmã? — perguntou serenamente.

O cabelo desbotado pelo tempo e as rugas no rosto da mulher sinalizavam muitos anos, mas os olhos esmeralda e o porte imponente diziam que essa não era uma feiticeira com a qual se pudesse brincar.

— Minhas desculpas, Senhora. — Surreal encontrou o olhar seguro da outra. — Vim ver o Altar. Não sabia que alguém vivia aqui.

— Ver ou pedir?

Surreal balançou a cabeça, intrigada.

— Quando alguém procura um Altar das Trevas, normalmente é para pedir ajuda que não pode ser obtida em nenhum outro lugar ou para obter respostas para assuntos do coração.

Surreal deu de ombros. Não se sentia tão desconfortável desde o primeiro cliente na primeira casa da Lua Vermelha, quando se deu conta do pouco que tinha aprendido em todos aqueles quartinhos dos fundos pequenos e sujos.

— Eu vim... — As palavras da mulher por fim penetraram. Assuntos do coração. — Gostaria de saber quem era o povo da minha mãe.

Surreal sentiu, de repente, o sussurro de alguma coisa que estivera ali o tempo todo, uma escuridão, uma força com a qual não tinha se sintonizado. Olhando novamente para o Santuário, compreendeu que as coisas construídas ao redor eram insignificantes. O lugar em si continha o poder.

O olhar fixo da mulher não vacilou.

— Tudo tem um preço — disse calmamente. — Está disposta a pagar pelo que pede?

Surreal buscou no bolso e ofereceu uma mão cheia de moedas de ouro.

A mulher negou com a cabeça.

— Aqueles que são o que sou não são pagos nesse tipo de moeda. — Voltou-se em direção à porta pela qual tinha surgido. — Venha. Vou fazer um chá e conversaremos. Talvez possamos ajudar uma à outra. — Entrou na passagem, deixando que Surreal decidisse se ia embora ou se a seguia.

Surreal hesitou por um momento antes de recolocar as moedas no bolso e seguir a mulher. Era em parte a sensação repentina de reverência pelo local, em parte curiosidade sobre que tipo de preço a feiticeira cobraria pelas informações, em parte esperança de, finalmente, obter uma resposta para uma pergunta que a tinha assombrado desde que descobrira como Titian era diferente de todos. Além disso, era exímia com a faca e usava a Cinza. O local talvez lhe transmitisse um profundo respeito, mas não a feiticeira.

A cozinha era acolhedora e arrumada. Surreal sorriu ao notar o contraste entre a sensação nesse cômodo e no resto do Santuário. Também a mulher se assemelhava mais a uma típica e

gentil feiticeira do que a uma Sacerdotisa de Santuário, cantarolando uma melodia alegre enquanto esquentava a água. Surreal sentou-se numa cadeira, apoiou os cotovelos na mesa de pinho e observou em silêncio um prato de bolinhos de avelã, uma pequena taça com manteiga fresca e uma caneca para o chá serem colocados à sua frente.

Quando o chá ficou pronto, a mulher juntou-se a ela à mesa, uma taça de vinho na mão. Subitamente desconfiada, Surreal olhou intencionalmente para o chá, para os bolinhos e para a manteiga.

A mulher riu.

— Na minha idade, tais alimentos estão fora da dieta, infelizmente. Mas se isso a preocupa, pode experimentá-los. Não ficarei ofendida. É melhor que saiba que não tenho intenção de prejudicá-la. De outro modo, como poderíamos conversar honestamente?

Surreal investigou a comida e não encontrou nada além do esperado. Pegou um bolinho de avelã, partiu-o em dois, passou manteiga e começou a comer. Enquanto mastigava, a mulher falou de assuntos genéricos, comentou sobre os Altares das Trevas, que havia treze desses grandiosos locais sombrios de poder espalhados pelo Reino.

A taça de vinho já estava vazia e Surreal bebia a segunda caneca de chá quando a mulher disse:

— Pois então. Você quer saber sobre o povo da sua mãe. Não é? — Levantou-se e debruçou-se na direção de Surreal, as mãos estendidas para tocar o seu rosto.

Surreal se afastou, os longos anos de prudência a tinham tornado desconfiada.

— Shh — murmurou a mulher, tranquilizadamente. — Só quero observar.

Surreal se esforçou para permanecer quieta enquanto as mãos da mulher seguiam as curvas do seu rosto, pescoço e ombros, levantavam o seu longo cabelo e desenhavam a curva da sua orelha até a ponta delicada. Ao terminar a inspeção, a mulher voltou a encher a taça de vinho e por alguns momentos não falou nada, a expressão pensativa e os olhos perdidos em outro lugar.

— Não tenho certeza, mas posso lhe dizer o que penso.

Surreal inclinou-se para a frente, tentando não parecer muito ansiosa, porém prendeu a respiração na expectativa.

O olhar da mulher era desconcertantemente fixo.

— Há, no entanto, a questão do preço. — Brincou com a taça de vinho. — Em geral o preço é acertado entre as partes antes que a ajuda seja prestada. Os contratos deste tipo nunca são quebrados, pois, caso isso aconteça, o pagamento deverá ser feito com sangue. Compreende, Irmã?

Surreal inspirou devagar.

— Qual é o seu preço?

— Primeiro, quero que entenda que não estou lhe pedindo para se arriscar. Não peço que corra quaisquer riscos.

— Está bem.

A mulher colocou a haste da taça de vinho entre as palmas das mãos e rolou-as devagar, para a frente e para trás.

— Um Príncipe dos Senhores da Guerra chegou recentemente a Chaillot, em Beldon Mor ou numa aldeia mais afastada. Preciso saber o seu paradeiro exato, quem está servindo.

Surreal sentiu um desejo de invocar o pequeno punhal, mas manteve o rosto cuidadosamente neutro.

— Este Príncipe tem nome?

— Daemon Sadi.

— Não! — Surreal pulou da cadeira e pôs-se a andar de um lado para outro. — Está louca? Ninguém brinca com o Sádico se quiser se manter do lado de fora da sepultura. — Parou de andar e agarrou as costas da cadeira com força. — Não faço nenhum contrato que envolva Sadi. Pode esquecer.

— Não estou lhe pedindo para fazer nada além de localizá-lo.

— Para enviar outra pessoa para fazer o trabalho? Pode esquecer. Por que não o encontra você mesma?

— Por razões que só dizem respeito a mim, não posso entrar em Beldon Mor.

— E você acabou de me dar uma boa razão para cair fora.

A mulher levantou-se e encarou Surreal.

— É muito importante.

— Por quê?

O silêncio instalou-se entre ambas, exaurindo-as, desgastando-as. Por fim, a mulher suspirou.

— Porque pode ter sido enviado para destruir uma criança muito especial.

— Tem alguma outra coisa para beber além de chá e vinho?

A mulher pareceu angustiada e entretida.

— Serve conhaque?

— Ótimo — assentiu Surreal, deixando-se cair na cadeira. — Traga uma garrafa e uma caneca limpa. — Quando a garrafa e a caneca foram colocadas à sua frente, encheu o recipiente e engoliu um terço do conhaque. — Escute bem, meu amor — disse mordazmente. — Sadi pode ser muitas coisas e só as Trevas sabem tudo o que fez, mas nunca, *nunca* fez mal a uma criança. Insinuar uma coisa...

— E se for forçado a isso? — interrompeu a mulher.

— Forçado? — Surreal guinchou. — *Forçado*? Fogo do inferno, quem será o estúpido que irá forçar o Sádico? Sabe o que ele faz com quem o pressiona? — Surreal esvaziou a caneca e voltou a enchê-la. — Além disso, quem iria querer destruir essa criança?

— Dorothea SaDiablo.

Surreal praguejou até sentir as palavras girando pela cozinha como fumaça. Só parou ao reparar na expressão de divertimento maravilhado da mulher. Bebeu um pouco mais e voltou a praguejar, pois sua raiva tinha queimado o conhaque tão rapidamente que não se sentia nem um pouco embriagada. Batendo com a caneca na mesa, passou as mãos pelos cabelos.

— A Senhora sabe bem como apunhalar uma pessoa no estômago, não é? — Fulminou a mulher com o olhar. Se a feiticeira tivesse devolvido calmamente o olhar furioso, Surreal a teria esfaqueado, mas, ao ver lágrimas e dor — e medo — naqueles olhos cor de esmeralda...

Titian jazia no chão com a garganta cortada e as paredes trovejando a ordem para fugir, fugir, fugir.

— Veja bem. Estou em dívida para com ele. Cuidou da minha mãe e cuidou de mim. Não precisava fazer isso, mas fez. Vou encontrá-lo. Depois disso, veremos. — Surreal levantou-se. — Obrigada pelo chá.

A mulher pareceu perturbada.

— E o povo da sua mãe?

Surreal a olhou fixamente.

— Se eu voltar, trocaremos informações. Mas vou lhe dar alguns conselhos de graça. Não

brinque com o Sádico. Ele tem uma memória excelente e um temperamento perverso. Se tiver motivo, transforma você em pó. Pode deixar que eu saio sozinha.

Surreal saiu do Santuário, pegou um Vento e passou por Chaillot, perseguindo o sol poente para dentro do oceano até se sentir suficientemente cansada para voltar para a casa de Deje e ser educada com quem quer que fosse para a cama com ela essa noite.

5 / Inferno

Saetan entretinha-se com o abridor de cartas de cabo prateado, de costas para o homem à entrada da porta do escritório.

— Está feito?

— Peço perdão, Senhor Supremo — a resposta veio rude e sussurrada. — Não consegui.

Por um trêmulo segundo antes de se voltar para encarar Marjong, o Carrasco, Saetan não conseguiu saber se estava aborrecido ou aliviado. Encostou-se à mesa de madeira escura e examinou o enorme homem. Era impossível interpretar as expressões de Marjong, uma vez que sua cabeça e seus ombros estavam sempre cobertos por um capuz negro.

— Ele está naquela cidade enevoadá, Senhor Supremo — desculpou-se Marjong, mudando o enorme machado de dois gumes de uma mão para a outra. — Não consegui alcançá-lo para executar sua ordem.

Então Daemon estava em Beldon Mor.

— Posso aguardar, Senhor Supremo. Se ele deixar a cidade enevoadá, eu...

— Não. — Saetan respirou devagar e profundamente. — Não. Não faça mais nada a menos que eu lhe dê instruções específicas. Entendido?

Marjong fez uma reverência e saiu do escritório.

Com um suspiro cansado, Saetan deixou-se cair na cadeira e ficou girando lentamente o abridor de cartas. Examinou sua lâmina fina de vidro escuro e o cabo de prata trabalhada.

— Um instrumento impressionante — disse baixinho, equilibrando-o nas pontas dos dedos. — Elegante, eficaz. Mas se não tivermos cuidado... — Pressionou um dedo na ponta e observou uma gota de sangue brotar. — Assim como você, xará. Assim como você. Agora a dança é nossa. Só nossa.

6 / Terreille

A rotina instalou-se nos dias de Daemon. Todas as manhãs acordava cedo, exercitava-se,

tomava banho e partilhava o café da manhã com a Cozinheira na cozinha. Gostava da cozinheira dos Angelline, uma mulher viva e calorosa que o fazia pensar em Manny — e que havia ficado tão chocada quanto Manny teria ficado quando lhe pediu consentimento para tomar a primeira refeição do dia na cozinha em vez de na sala de café da manhã com a família. Ela tinha se compadecido ao perceber que Daemon estava passando fome enquanto não parava de atender aos pedidos nervosos e intermináveis de Leland. Uma vez que acabava se juntando à família de qualquer maneira, Daemon comentou sarcasticamente que seu café da manhã na cozinha costumava ser melhor do que o servido oficialmente no salão.

Depois do café da manhã, reunia-se com Philip no escritório que, contrariado, lhe entregava a lista das atividades agendadas para o dia. Depois disso caminhava durante meia hora pelos jardins com Wilhelmina.

Alexandra decidira que Wilhelmina precisava de algum tipo de exercício rápido antes de iniciar as aulas de Arte com a Senhora Graff, uma mulher terrivelmente rígida com quem Daemon tinha antipatizado de cara — assim como ela em relação a Daemon, mais porque ele tinha ignorado as suas insinuações do que por qualquer outra razão. Leland sugeriu então que Daemon acompanhasse a moça, uma vez que Wilhelmina tinha um medo despropositado dos homens e a presença de um macho Anelado que não representava uma ameaça poderia ajudá-la a abrandar esse sentimento. Assim, sempre que o tempo permitia, Daemon acompanhava Wilhelmina pelos jardins.

Nos primeiros dias, tentou puxar conversa, descobrir os interesses de Wilhelmina, mas ela se esquivava, sem entretanto deixar de ser uma menina bem-educada. Ocorreu-lhe, certa manhã, quando o silêncio tinha se prolongado para além do confortável, que essa era provavelmente uma das raras ocasiões do dia em que Wilhelmina podia se dar ao luxo de se dedicar aos próprios pensamentos. Uma vez que passava a maior parte do tempo na presença da inflexível Graff, não tinha autorização para “devanear” — uma expressão que Daemon tinha ouvido de Graff certo dia, num tom que dava a entender que a repreensão era habitual. Por isso, deixou de tentar falar com ela, permitindo-lhe aquela hora em solidão, enquanto caminhava respeitosamente à sua esquerda, as mãos nos bolsos, desfrutando do mesmo luxo de se dedicar aos seus pensamentos.

Wilhelmina tinha sempre o mesmo destino, embora parecesse nunca alcançá-lo. Quaisquer que fossem os caminhos que tomassem ao longo dos jardins, acabavam sempre numa trilha estreita que dava num denso caramanchão. Ela vacilava ao chegar ao local, e então saía dali às pressas, ofegante, como se estivesse estado correndo. Daemon se perguntava o que teria acontecido ali: algo que a assustara, repugnado e que, apesar de tudo, a atraía.

Certa manhã, quando estava perdido em seus pensamentos, totalmente absorvido pelo quebra-cabeça que sua Senhora havia deixado, percebeu que tinham parado de andar e que Wilhelmina o observava havia algum tempo. Estava perto da trilha estreita.

— Quero entrar ali — disse, desafiadora, os punhos cerrados ao lado do corpo.

Daemon mordeu o lábio por dentro para manter a expressão neutra. Era a primeira faísca de vida que ela demonstrava, e ele não queria apagá-la com um sorriso que poderia ser interpretado como condescendência.

— Está bem.

Ela pareceu surpresa, pois, obviamente, esperava uma discussão. Com um sorriso tímido, conduziu-o pela trilha e através de uma treliça em arco.

O pequeno jardim dentro do jardim estava completamente cercado por teixos enormes que

pareciam não ser podados há vários anos. Um bordo dominava uma das extremidades, cercado por um banco de ferro circular que antigamente fora branco, mas que agora estava descascando. À frente dos teixos estavam os restos de canteiros de flores, emaranhados, cobertos de ervas daninhas, abandonados. Mas o que deixou sua respiração suspensa, o coração acelerado, foi o canteiro de sangues-de-feiticeira na extremidade oposta.

Flor ou erva daninha, o sangue-de-feiticeira era belo, letal e — assim dizia a lenda — indestrutível. As flores vermelho-sangue, com cálices negros e pétalas com as pontas negras, estavam completamente desabrochadas e assim permaneciam desde o primeiro fôlego da primavera até o último suspiro do outono.

Wilhelmina ficou junto ao canteiro, envolvendo o próprio corpo em um abraço e tremendo.

Daemon dirigiu-se ao canteiro, tentando decifrar a dor e a esperança no rosto de Wilhelmina. Os sangues-de-feiticeira supostamente só cresciam em lugares onde tivesse sido derramado, de forma violenta, sangue de uma feiticeira, ou onde estivesse enterrada uma feiticeira assassinada de forma violenta.

Daemon recuou, vacilando.

Mesmo com o ar fresco e outros cheiros do jardim, o odor psíquico negro ali era forte. Doces Trevas, bem forte.

— A minha irmã plantou estas — disse Wilhelmina abruptamente, com a voz trêmula. — Uma para cada. Como recordação. — Mordeu o lábio, os olhos azuis bem abertos e assustados ao observar as flores.

— Está tudo bem — disse Daemon suavemente, tentando acalmar o pânico que crescia em Wilhelmina enquanto combatia o seu. — Eu sei o que é o sangue-de-feiticeira e o que significa. — Procurou palavras que pudessem confortar ambos. — Este é um lugar especial por causa disso.

— Os jardineiros não vêm aqui. Dizem que está assombrado. Acha que está assombrado? Espero que sim.

Daemon refletiu muito cuidadosamente sobre as palavras que diria a seguir.

— Onde está a sua irmã?

Wilhelmina começou a chorar.

— Briarwood. Puseram ela em Briarwood. — Os soluços se transformaram no pranto de um coração destroçado.

Daemon abraçou-a delicadamente enquanto afagava seus cabelos, murmurando as “palavras de doce pesar” no Idioma Antigo, a língua da Feiticeira.

Passado um minuto, Wilhelmina afastou-o, fungando. Daemon estendeu a ela o seu lenço e, sorrindo, tomou-o das mãos da menina ao ver que ela não sabia o que fazer depois de usá-lo.

— Às vezes, ela fala desse jeito — disse Wilhelmina. — É melhor a gente voltar. Saiu do caramanchão e apressou-se pela trilha.

Estarrecido, Daemon seguiu-a de volta para casa.

Daemon entrou na cozinha e deu o seu melhor sorriso à Cozinheira.

— Será que posso tomar uma xícara de café?

A Cozinheira lançou a ele um olhar cáustico e irritado.

— Se quiser.

Confuso com essa súbita demonstração de fúria, Daemon tirou o sobretudo e sentou-se à mesa da cozinha. Enquanto tentava se lembrar do que poderia ter feito para aborrecê-la, a Cozinheira colocou uma caneca de café à sua frente, de maneira brusca, e disse:

— A menina Wilhelmina estava chorando quando voltou do jardim.

Daemon ignorou o café, mais interessado na reação da Cozinheira.

— Havia um caramanchão no jardim que ela queria visitar.

O olhar austero da Cozinheira abrandou de imediato, tornando-se triste.

— Ah, bom. — Cortou duas fatias grossas de pão fresco, recheou-as com carne fria e colocou o sanduíche à frente de Daemon, como pedido de desculpas.

Daemon respirou fundo.

— Cozinheira, o que é Briarwood?

— Um lugar revoltante, se quer saber a minha opinião, mas aqui ninguém está interessado no que penso — disse bruscamente, mas logo lançou um sorrisinho para Daemon.

— O que é?

Com um suspiro, a Cozinheira foi buscar a própria caneca de café e sentou-se diante dele.

— Você não está comendo — disse distraidamente ao bebericar o café.

Daemon, obediente, deu uma dentada no sanduíche e aguardou.

— É um hospital para crianças com distúrbios emocionais — disse a Cozinheira. — Parece que muitas jovens feiticeiras de boas famílias ficam de repente bastante nervosas quando começam a deixar a infância para trás, se é que me entende. Mas a Senhorita Jaenelle vai e vem daquele lugar desde os cinco anos por nenhuma razão especial, pelo menos que eu saiba, exceto por estar sempre inventando histórias fantasiosas sobre unicórnios e dragões e coisas do gênero. — Inclinou a cabeça em direção à entrada da casa. — *Eles* dizem que ela é desequilibrada porque é a única da família que não usa as Joias, e que tenta compensar o fracasso nas aulas da Arte inventando histórias para obter atenção. Se quer saber a minha opinião, a última coisa que a Senhorita Jaenelle quer é atenção. É só porque ela é... diferente. Tem qualquer coisa incomum. Mesmo quando diz barbaridades, coisas que sabemos que não podem ser verdade, de alguma forma... começamos a nos questionar, entende?

Daemon terminou o sanduíche e esvaziou a caneca.

— Há quanto tempo está ausente?

— Desde o início da primavera. Ela colocou uma pulga atrás da orelha de *todo mundo*. É por isso que a mantêm lá tanto tempo.

Daemon fez uma careta de descontentamento.

— O que uma criança poderia dizer que os levaria a mantê-la presa todo este tempo?

— Ela disse... — A Cozinheira parecia nervosa e perturbada. — Disse que o Senhor Benedict não era o seu pai. Disse que o Príncipe Philip...

Daemon deixou escapar um suspiro explosivo. Sim, pelo que tinha observado da dinâmica da família, uma afirmação desse tipo *mergulharia* todos numa violenta fúria. Mas...

A Cozinheira olhou-o demoradamente e voltou a encher as canecas.

— Vou lhe contar sobre a Senhorita Jaenelle.

“Dois anos atrás, o Senhor da Guerra que a minha filha servia decidiu que queria uma criada mais bonita e a demitiu, assim como à criança que ela tinha dado à luz e que era dele. Elas então me procuraram, uma vez que não tinham nenhum outro lugar para onde ir, e a Senhora Alexandra permitiu que ficassem. A minha menina, que na época estava doente, fazia serviços

nos salões e me ajudava na cozinha. A minha neta, Lucy — a coisinha mais fofa que já vi —, ficava a maior parte do tempo comigo na cozinha, embora a Senhorita Jaenelle sempre a incluísse nos jogos quando as meninas brincavam lá fora. Lucy não gostava de ficar lá fora sozinha. Tinha medo dos cães de caça do Senhor Benedict, e os garotos que cuidavam dos cães, sabendo que ela tinha medo, implicavam com ela, aticando os cães e os soltando em seguida para que a perseguissem.

“Um dia, foram longe demais. Os cães tinham sido mal alimentados porque iam sair e estavam mais agressivos do que o normal, e os garotos os aticaram além da conta. O líder da matilha soltou-se da correia, lançou-se atrás da Lucy e a perseguiu até o depósito do material de equitação. Ela tropeçou e o cão caiu sobre ela, abocanhando-lhe violentamente o braço. Quando ouvimos os gritos, eu e minha filha saímos correndo da cozinha, e Andrew, um dos cavaleiros, um bom rapaz, também veio depressa.

“Lucy estava no chão, gritando, com aquele cão agarrado ao braço, e, de repente, ali estava a Senhorita Jaenelle. Ela dirigiu algumas palavras ao cão e na mesma hora ele largou Lucy, esgueirando-se do depósito, com o rabo entre as pernas.

“Lucy estava em frangalhos, o braço todo rasgado, o osso exposto onde o cão havia mordido. A Senhorita Jaenelle disse a Andrew para buscar depressa um balde de água e, ajoelhando-se ao lado de Lucy, começou a falar com ela, de forma serena, e Lucy parou de gritar. Andrew voltou com a água e a Senhorita Jaenelle fez aparecer uma grande bacia oval, que até hoje eu não sei de onde veio. Andrew colocou água na bacia e a Senhorita Jaenelle a segurou por um minuto, só a segurou, e a água começou a ferver como se estivesse no fogo. Em seguida, colocou o braço de Lucy na bacia e tirou do bolso umas folhas e uns pós, que misturou na água. Manteve o braço de Lucy debaixo da água, sempre cantarolando, baixinho. Nós estávamos ali, em pé, olhando. Não valia a pena levar a menina a uma Curandeira, mesmo que conseguíssemos o dinheiro para pagar uma boa. Eu sabia. O braço estava destruído demais. Uma boa Curandeira poderia no máximo amputá-lo. Assim, ficamos olhando, minha filha, Andrew e eu. Não dava para ver muito, porque a água estava ensanguentada.

“Após algum tempo, Jaenelle se afastou e levantou o braço de Lucy da bacia. Tinha um corte grande e profundo do cotovelo ao pulso... e só. A Senhorita Jaenelle olhou cada um de nós nos olhos. Não precisava dizer nada. Não iríamos denunciá-la. Depois ela me entregou um frasco de unguento, já que a minha filha estava perturbada demais para fazer o que quer que fosse. ‘Aplique este unguento três vezes ao dia e enfaixe o braço dela com uma tira de pano não muito apertada durante uma semana. Assim, não ficará cicatriz.’

“Depois virou-se para Lucy e disse: ‘Não se preocupe. Eu falo com eles. Não irão incomodar novamente.’

“O Príncipe Philip, quando descobriu que Lucy tinha se machucado devido à perseguição dos cães, repreendeu duramente os garotos; mas, nessa mesma tarde, vi o Senhor Benedict pondo moedas nas mãos deles, rindo e afirmando que estava muito satisfeito por manterem os cães dele em tão boa forma.

“Seja como for, no verão seguinte, minha filha se casou com um jovem de uma família boa e estável. Vivem num pequeno povoado a cerca de cinquenta quilômetros daqui e vou visitá-los sempre que tenho uma folga.”

Daemon olhou para a caneca vazia.

— Acha que a Senhorita Jaenelle falou com eles?

— Deve ter falado — respondeu a Cozinheira, distraidamente.
— Então os garotos deixaram de implicar com Lucy? — insistiu Daemon.
— Ah, não. Continuaram do mesmo jeito. Não foram castigados por isso, foram? Mas os cães... Depois desse dia, não havia nada que aqueles rapazes fizessem que levasse os cães a perseguir Lucy.

Nessa noite, incapaz de dormir, Daemon voltou ao caramanchão. Acendeu um cigarro preto e olhou fixamente para os sangues-de-feiticeira através da fumaça.

Ela chegou.

Tinha passado a noite analisando repetidamente as informações de que dispunha, como se isso fosse mudá-las. Não gostou da conclusão a que chegou.

A minha irmã plantou estas. Como recordação.

Uma criança. A Feiticeira ainda era uma criança.

Não. Ele devia estar interpretando mal alguma coisa. *Só podia ser.* A Feiticeira usava as Joias Negras.

Talvez tivesse confundido as informações. Talvez Wilhelmina fosse a irmã mais nova. Ainda estava lutando para recobrar o controle emocional quando chegou à embaixada de Hayll em Beldon Mor. Faria mais sentido se Jaenelle estivesse quase na idade de realizar a Oferenda às Trevas. Estaria prestes a se abrir à força madura, às Joias Negras.

Mas o quarto, as roupas. Como poderia conciliar aquelas coisas com o poder que sentiu quando ela curou suas costas depois das chicotadas de Cornelia?

Às vezes, ela fala desse jeito.

Era possível contar nos dedos as pessoas que ainda sabiam algumas frases da língua original dos Sangue. Quem a teria ensinado?

Estremeceu diante da resposta.

É um hospital para crianças com distúrbios emocionais.

Poderia uma criança usar uma Joia tão escura como a Negra sem perder o equilíbrio mental e emocional? Nunca tinha ouvido falar de ninguém a quem tivesse sido atribuída uma Joia de Direito por Progenitura mais escura do que a Vermelha.

O cálice está se partindo.

Parou de pensar e deixou a mente sossegar. Os fatos se encaixavam, a conclusão era inevitável. No entanto, ainda precisou de mais alguns dias antes de conseguir aceitá-la.

7 / Terreille

Depois de deixar Wilhelmina, Daemon vestiu seus trajes de equitação e dirigiu-se aos estábulos. Tinha a manhã livre, a primeira desde que chegara à propriedade dos Angelline, e Alexandra tinha lhe dado permissão para sair com um dos cavalos.

Ao chegar ao pátio da estrebaria, Guinness, o capataz, acenou brevemente para a ele e continuou a dar instruções a um dos cavaleiros.

— Um passeio de cavalo, esta manhã? — perguntou Guinness quando Daemon se aproximou, os modos rudes abrandados por um leve sorriso.

— Se não for um incômodo — respondeu Daemon, sorrindo.

Aqui, como na maior parte dos lugares onde tinha servido, costumava se dar bem com o pessoal. Não tolerava as feiticeiras.

— Tudo bem. — Os olhos de Guinness subiram lentamente pelo corpo de Daemon, a começar pelas botas. — Bom, pernas longas e firmes. Ombros fortes.

Daemon ficou imaginando se Guinness iria verificar seus dentes.

— Como está a sua montaria?

— Eu monto razoavelmente bem — respondeu Daemon com prudência, sem saber se deveria se preocupar com o suave brilho no olhar de Guinness.

Guinness mordeu o interior das bochechas.

— O Garanhão já não sai há alguns dias. Andrew é o único que consegue montá-lo, mas tem um problema na coxa. Não posso deixá-lo sair com a perna fraca. Está disposto a tentar?

Daemon inspirou profundamente, ainda desconfiado.

— Está bem.

— Andrew! Ponha a sela no Demon.

As sobrelhas de Daemon se arquearam praticamente até a linha do cabelo.

— Demon?

Guinness voltou a morder as bochechas, recusando-se a reparar na expressão indignada de Daemon.

— Chama-se Dançarino Negro, mas aqui no estábulo, quando ninguém está ouvindo — lançou um olhar em direção à casa —, o chamamos pelo que é de verdade, Demon, o demônio.

— Fogo do Inferno — resmungou Daemon entre dentes ao atravessar o pátio até o local onde Andrew estava pondo a sela no grande garanhão baio. — Há algo que eu deva saber? — perguntou ao jovem rapaz.

Andrew parecia um pouco preocupado. Por fim, deu de ombros.

— Tem boca mole e cabeça dura. É esperto demais para a maioria dos cavaleiros. Se deixar, leva você de encontro a uma árvore. Mantenha-se em campo aberto, é o melhor. Mas cuidado com o fosso do esgoto na ponta mais distante. É largo demais para a maior parte dos cavalos, mas ele é capaz de cruzá-lo e não se importará de chegar ao outro lado sem o cavaleiro.

— Obrigado — resmungou Daemon.

Andrew deu um sorriso torto e entregou as rédeas a Daemon.

— Vou segurar a cabeça dele enquanto você monta.

Daemon instalou-se na sela.

— Pode soltá-lo.

Demon deixou o estábulo com bastante tranquilidade, acostumando-se às rédeas, avaliando o cavaleiro. Exceto pela ligeira irritação de se encontrar preso para um passeio, portou-se relativamente bem — até chegarem a uma pequena elevação e o caminho virar para a esquerda em direção ao campo aberto.

Demon empinou as orelhas e investiu para a direita, em direção a um velho carvalho solitário, quase atirando Daemon para fora da sela.

A batalha começou.

Por alguma razão perversa que só ele conhecia, Demon estava determinado a alcançar o carvalho. Daemon estava igualmente determinado a fazê-lo voltar em direção ao campo. O cavalo ofegou, deu pinotes na tentativa de derrubar o cavaleiro, se contorceu, andou em círculos, lutou contra as rédeas e o freio. Daemon manteve controle suficiente para não ser atirado da sela, mas, com muito esforço, o garanhão estava chegando à árvore.

Quinze minutos depois, o cavalo desistiu e cambaleou, a cabeça baixa, ofegando e espumando. Daemon suava em bicas e tremia de cansaço, mas estava ligeiramente admirado ao ver que seus braços ainda estavam em boa forma.

Quando Sadi tomou as rédeas novamente, Demon voltou a baixar as orelhas, preparado para o combate seguinte. Curioso para ver o que aconteceria, Daemon os fez voltar em direção à árvore e instigou o cavalo adiante.

As orelhas de Demon ficaram empinadas na mesma hora, o pescoço arqueou-se e o trote tornou-se insolente e enérgico.

Daemon não ofereceu qualquer ajuda, deixando o cavalo fazer o que queria. Demon deu várias voltas na árvore, cheirando o ar, alerta e ouvindo... e ficando cada vez mais transtornado. Por fim, relinchou furiosamente e lançou-se em direção à trilha e ao campo.

Daemon não tentou controlá-lo até chegarem ao fosso. Ganhou por pouco a batalha e quando o cavalo sossegou, cansado demais para voltar a se debater, Daemon virou-o em direção aos estábulos.

Os cavaleiros ficaram de boca aberta quando Daemon entrou no pátio. Andrew correu, atrapalhado, e tomou as rédeas. Guinness balançou a cabeça, atravessou o pátio com passos largos, agarrou firmemente o braço de Daemon enquanto este deslizava penosamente da sela e conduziu-o ao pequeno escritório atrás do depósito.

Retirando copos e uma garrafa da mesa, Guinness serviu-se de dois dedos de bebida e ofereceu um copo a Daemon.

— Beba — disse rudemente, servindo-se também. — Vai devolver a força às pernas.

Daemon, agradecido, bebeu o uísque ao mesmo tempo que massageava os músculos inchados do ombro.

Guinness olhou para a camisa empapada de Daemon e esfregou o queixo peludo com os nós dos dedos.

— Não teve moleza, hein?

— Ele também não.

— Bem, pelo menos amanhã ainda o respeitará.

Daemon engasgou. Quando conseguiu respirar novamente, quase perguntou sobre a árvore, mas pensou melhor. Era Andrew quem montava o Demon.

Depois de Guinness sair para verificar as rações, Daemon atravessou o pátio até o local onde Andrew escovava o cavalo.

Andrew levantou o olhar com um sorriso respeitoso.

— Você conseguiu manter a montaria.

— É, consegui. — Daemon observou os movimentos suaves e calmos do rapaz. — Mas tive dificuldades por causa de certa árvore.

Andrew pareceu perturbado. A mão que escovava o garanhão hesitou por um breve momento antes de retomar o ritmo.

Os olhos de Daemon se estreitaram e sua voz se tornou perigosamente sedosa.

— O que aquela árvore tem de especial, Andrew?

— É só uma árvore. — Andrew olhou de soslaio para os olhos de Daemon e retraiu-se. Mexeu os pés, desconfortável. — Está do outro lado da elevação, entende. O primeiro lugar fora da vista da casa.

— E então?

— Bem... — Andrew olhou para Daemon, suplicante. — Não vai dizer nada a ninguém, vai? — Fez um movimento rápido com a cabeça em direção à casa. — Poderia causar uma série de problemas se descobrissem.

Daemon se esforçou para se controlar.

— Descobrissem o quê?

— Sobre a Senhorita Jaenelle.

Daemon mudou de posição, num movimento tão fluído e predatório que Andrew recuou na mesma hora, mantendo-se junto ao cavalo como se fosse uma proteção.

— O que é que tem a Senhorita Jaenelle? — suspirou.

Andrew mordeu o lábio.

— Na árvore... nós...

Daemon deu um silvo.

Andrew ficou pálido e, em seguida, enrubesceu. Seus olhos brilharam de raiva e os pulsos se fecharam.

— Acha... acha que eu...

— Então o que *fazem* naquela árvore?

Andrew inspirou profundamente.

— Trocamos de lugar.

Daemon franziu a testa.

— Trocam de lugar?

— Trocamos de cavalos. Sou magro, o pônei me aguenta.

— E ela monta...?

Andrew colocou uma mão hesitante no pescoço do garanhão.

Daemon explodiu.

— Filho da mãe, você deixa uma menina montar *isso*?

O garanhão resfolegou em desagrado pela demonstração de fúria.

Bom senso e cascos dançantes impediram que Daemon desse vazão ao desejo de estrangular o cavaliço.

Apanhado entre o garanhão e o furioso Príncipe dos Senhores da Guerra, Andrew contraiu os lábios num sorriso forçado.

— Você deveria vê-la em cima *dele*. E ele também toma conta dela.

Daemon foi embora, a fúria já consumida.

— Mãe Noite — murmurou entre dentes, balançando a cabeça enquanto caminhava em direção à casa e a uma agradável ducha quente. — Mãe Noite.

CAPÍTULO SETE

1 / Terreille

— Já lhe disse — disparou Philip rispidamente. — Não precisaremos dos seus serviços hoje.

— Eu ouvi o que...

Um músculo contraiu-se no queixo de Philip.

— O dia é todo seu. Sei que os hayllianos pensam que somos um povo retrógrado, mas temos museus e galerias de arte e teatros. Deve haver *alguma* coisa que você possa fazer por um dia que não seja indigno da sua pessoa.

Os olhos de Daemon se estreitaram. Durante o café da manhã, Leland havia se mostrado nervosa e estranhamente calada, Alexandra estava tensa sem explicação, Robert não estava presente e agora Philip exibia essa imprevisível raiva, tentando afastá-lo à força de casa durante todo o dia.

— Muito bem.

Conformado com a ríspida rejeição, solicitou uma carruagem para levá-lo ao bairro comercial de Beldon Mor e foi até a cozinha para descobrir se a Cozinheira sabia o que estava acontecendo. Mas ela também sofria de mau humor, e ele recuou antes que o visse, assustando-se quando ela bateu com uma enorme panela no balcão.

Passou a manhã perambulando pelas livrarias, adquirindo uma variedade de romances de autores de Chaillot e quebrando a cabeça sobre o que poderia ter deixado todos os residentes da casa naquele estado. O que quer que fosse, as respostas não estavam na cidade.

Voltou à propriedade de Angeline na hora do almoço e descobriu que toda a família saía numa missão.

Aborrecido por ter sido deixado de lado, Daemon empilhou os livros na escrivaninha, trocou de roupa e foi até o estábulo.

Também ali todos estavam nervosos. Guinness repreendia os cavaleiros que se debatiam para controlar os cavalos extremamente agitados.

— Posso levar o garanhão para passear, se quiser. — ofereceu-se Daemon.

— Cansou de viver? — vociferou Guinness. Respirou fundo e serenou os ânimos. — Ajudaria se ele pudesse sair um pouco do pátio.

— As coisas estão bem tensas por aqui.

— É.

Ao perceber que Guinness não acrescentaria mais nada, Daemon foi até a baia do garanhão e esperou enquanto Andrew o preparava. As mãos do rapaz tremiam ao checar a cilha. Cansado de evasivas, Daemon levou o cavalo para fora do pátio e dirigiu-se ao campo.

Uma vez fora do pátio, o cavalo mostrou-se ansioso, receptivo e eufórico. O que quer que estivesse deixando os humanos nervosos também era sentido pelo garanhão, mas tornava feliz o simples espírito.

Sem vontade para lutar, Daemon guiou-os para a árvore.

Demon parou junto à árvore e ficou olhando para a elevação que tinham acabado de cruzar, aguardando pacientemente. Permaneceu naquela posição durante dez minutos, até que a ansiedade deu lugar ao desalento. Quando Daemon virou o cavalo na direção da trilha, não houve qualquer resistência, e o galope estava desanimado, para dizer o mínimo.

Uma hora depois, Daemon passou as rédeas a Andrew e entrou na casa por uma porta nos fundos. Sentiu-a assim que transpôs a soleira, sendo assolado por uma raiva ardente que subiu pelo seu corpo e explodiu.

Andando pelos corredores com passos largos, Daemon irrompeu no seu quarto, tomou banho e vestiu-se às pressas. Se houvesse encontrado Philip durante aquela breve caminhada até o quarto, o teria assassinado.

Como aquele tolo de Joia Cinza se atrevia a afastá-lo? Como se *atrevia*?

Daemon sabia que seus olhos estavam vidrados de fúria, mas não se importava. Saiu apressadamente do quarto e foi à caça da família.

Dobrou uma esquina e parou de repente.

Wilhelmina estava pálida, mas parecia aliviada. Graff estava mal-humorada. Leland e Alexandra olhavam para ele fixamente, sobressaltadas e tensas. Os ombros de Philip endireitaram-se num óbvio desafio.

Daemon viu tudo isso num instante e ignorou. A outra menina dominava toda a sua atenção.

Parecia fraca, os braços e as pernas não mais do que cambitos. Sua cabeça estava abaixada e madeixas lisas de cabelos louros escondiam grande parte do seu rosto.

— Você se esqueceu das boas maneiras? — Os dedos esqueléticos de Graff cutucaram o ombro da menina.

Ao ser cutucada, a menina ergueu a cabeça de repente e os olhos, aqueles *olhos*, encararam os de Daemon por um breve momento antes que ela baixasse o olhar, fizesse uma reverência desequilibrada e murmurasse:

— Príncipe.

O coração de Daemon disparou e ele ficou com água na boca.

Consciente de estar descontrolado, fez uma pequena mesura e respondeu de maneira seca:

— Senhora. — Assentiu com a cabeça para Philip e para as outras, virou-se e, já fora de vista, saiu correndo para a biblioteca e trancou a porta.

Estava ofegante, as mãos tremiam e, que as Trevas o ajudassem, o corpo ardia.

Não, pensou furiosamente enquanto andava em círculos na biblioteca, à procura de alguma explicação, algum tipo de refúgio. NÃO! Não era como Kartane. *Nunca* tinha desejado o corpo de uma criança. *Não* era como Kartane!

Apoiando-se numa estante, Daemon forçou uma das mãos trêmulas a deslizar até a protuberância entre as pernas, que também tremiam... E chorou de alívio ao sentir que aqueles centímetros de carne continuavam flácidos... ao contrário do resto do corpo, que fervia com um intenso desejo.

Afastando-se da estante, Daemon foi até a janela e encostou a testa no vidro frio. *Pense, desgraçado, pense.*

Fechou os olhos e imaginou a moça, centímetro por centímetro. Enquanto se concentrava para se lembrar do corpo, o fogo diminuiu. Até que ele se lembrou daqueles olhos azul-safira que fitavam os dele.

Daemon riu histericamente enquanto lágrimas rolavam pelo seu rosto.

Já tinha aceitado que a Feiticeira era uma criança, mas não fazia ideia de como reagiria quando finalmente a visse. Podia se confortar com o pensamento de que não desejava o corpo da criança, mas o desejo que sentia pelo que vivia dentro daquele corpo o assustava. A ideia de ser enviado para outra corte e não poder mais vê-la o assustava ainda mais.

No entanto, há décadas não servia numa corte por mais de um ano. O que poderia fazer para que esse baile continuasse até que ela tivesse idade suficiente para aceitar a sua entrega?

E como ele sobreviveria se não ficasse ali?

2 / Terreille

Na manhã seguinte, bem cedo, Daemon cambaleou até a cozinha, com os olhos ardendo e com a sensação de que tinham areia devido a uma noite em claro e ao estômago roncando de fome. Depois de sair da biblioteca na tarde do dia anterior, tinha permanecido no quarto, sem disposição para jantar com a família ou encontrar alguém caso se esgueirasse até a cozinha em busca de algo para comer.

Ao chegar à cozinha, as risadinhas abafadas pararam de imediato e dois pares de olhos azuis bem diferentes o observaram enquanto se aproximava. A Cozinheira, mais feliz do que nunca, saudou-o calorosamente e avisou que o café estava quase pronto.

Movimentando-se com cautela, como se estivesse se aproximando de algo jovem e selvagem, Daemon sentou-se numa das cabeceiras da mesa, à esquerda de Jaenelle. Com uma ponta de arrependimento, olhou para o que restava de um café da manhã formidável e para o último bolinho de avelã que restava no prato.

Passou-se um breve e incômodo momento de silêncio até que Jaenelle debruçou sobre a mesa e sussurrou alguma coisa para Wilhelmina, que, por sua vez, respondeu também sussurrando, e as risadinhas começaram.

Daemon estendeu a mão para o bolinho de avelã, mas, sem olhar, Jaenelle o pegou. Estava quase dando uma dentada nele quando a Cozinheira pousou a caneca de café na mesa e suspirou.

— E agora o que é que vai ser do café da manhã do Príncipe? — reclamou, mas seus olhos brilhavam de orgulho diante dos pratos vazios.

Jaenelle olhou para o bolinho de avelã, devolveu-o relutantemente e empurrou o prato na direção de Daemon.

— Não tem importância — disse Daemon com serenidade, olhando diretamente para a Cozinheira. — Na verdade, não estou com fome.

A Cozinheira abriu a boca de espanto, fechou-a com um bater de dentes e voltou para o balcão da cozinha, balançando a cabeça.

Daemon sentiu um calor no rosto ao proferir aquela mentira inofensiva, ao mesmo tempo que aqueles olhos azuis o analisavam, por isso concentrou-se no café, evitando o olhar que o fitava.

Jaenelle partiu o bolinho em dois, estendeu a ele uma das metades — num gesto que não

deixava de ser uma ordem, apesar de não ter sido pronunciada — e começou a comer a outra.

— É melhor não se empanturrarem muito durante o dia — disse a Cozinheira numa voz agradável enquanto trabalhava no balcão. — Vou fazer pernil para o jantar.

Daemon levantou os olhos, alarmado, ao ver o bolinho que Jaenelle segurava cair na mesa. Nunca tinha visto ninguém ficar tão mortalmente pálido. Os olhos de Jaenelle, enormes lagos, estavam fixos à sua frente. Seu pescoço agitava-se em convulsões.

Daemon afastou a cadeira, preparado para agarrá-la e carregá-la se tivesse que vomitar:

— Não gosta de cordeiro, Senhora? — perguntou suavemente.

Devagar, ela virou a cabeça na direção de Daemon, que se contorceu por dentro e quase gritou ao sentir a dor e o horror que havia naqueles olhos. Jaenelle piscou, lutando para se controlar.

— C-cordeiro?

Daemon pegou com delicadeza numa de suas mãos. O aperto dela era dolorosa e surpreendentemente forte. Os olhos de Jaenelle não se desviaram dos dele e Daemon percebeu que, com a ligação física entre os dois, estava completamente vulnerável. Não poderia haver qualquer dissimulação, qualquer mentira inocente.

— Cordeiro — disse de forma a tranquilizá-la.

Jaenelle soltou a mão, desviando o olhar, e Daemon suspirou discretamente, aliviado.

Jaenelle dirigiu-se a Wilhelmina.

— Tem tempo para um passeio no jardim antes de encontrar Graff?

Os olhos de Wilhelmina dirigiram-se rapidamente a Daemon.

— Sim. Eu passeio quase todas as manhãs.

Jaenelle se levantou, vestiu o casaco e saiu pela porta antes que Wilhelmina tivesse sequer afastado a cadeira.

— Encontro vocês em um minuto — disse Daemon discretamente.

Wilhelmina vestiu o casaco e correu atrás da irmã.

A Cozinheira balançou a cabeça.

— Não entendo. A Senhorita Jaenelle sempre gostou de cordeiro.

Mas você não disse cordeiro, disse perna, pensou Daemon, enquanto vestia o sobretudo. Que outro tipo de perna serviriam naquele hospital que apavoraria tanto uma menina?

— Tome. — A Cozinheira estendeu a ele outra caneca de café e três maçãs. — Pelo menos vai ajudar a acordar. Ponha as maçãs no bolso, e não se esqueça de guardar uma para você.

Daemon enfiou as maçãs no bolso.

— Você é um amor — disse enquanto dava um beijo rápido na bochecha da Cozinheira.

Virou-se para esconder o sorriso e também para que ela pudesse dizer a si mesma — e acreditar — que ele não tinha visto como a deixara agitada e satisfeita.

As moças tinham desaparecido. Despreocupado, Daemon passeou pelas trilhas do jardim, bebericando o café. Sabia onde encontrá-las.

Estavam no caramanchão, sentadas no banco de ferro.

Wilhelmina falava como se as palavras não saíssem tão depressa quanto queria, gesticulando animadamente, num contraste surpreendente com aquela menina calma e séria a que ele estava acostumado. Quando se aproximou, a conversa foi interrompida e dois pares de olhos o observaram.

Daemon limpou duas maçãs na manga do sobretudo e entregou solenemente uma a cada uma das moças. Depois foi até o outro extremo do caramanchão. Não conseguia virar de costas para

elas, não conseguia deixar de olhar para ela. Contudo, pôs no rosto uma expressão branda e começou a comer a maçã. Passado um momento, as meninas fizeram o mesmo.

Dois pares de olhos. O olhar de Wilhelmina possuía incerteza, precaução, hesitação. Mas os olhos de Jaenelle... Quando entrou no caramanchão, aqueles olhos lhe disseram que já havia chegado a alguma decisão em relação a ele. Achava enervante não saber o que era.

E a voz dela. Estava longe o bastante para não conseguir entender as palavras pronunciadas baixinho, mas a cadência era encantadora, melodiosa, como a rebentação das ondas numa praia ao pôr do sol. Franziu a testa, perplexo. Havia também a questão da pronúncia. Existia um idioma comum aos Sangue, embora o Idioma Antigo estivesse quase esquecido, assim como um idioma nativo para cada raça. Dessa forma todos os povos, mesmo falando a mesma língua, possuíam uma pronúncia distintiva — e a dela era diferente da pronúncia geral de Chaillot. Era como um redemoinho, como se tivesse aprendido várias palavras em lugares diferentes e as tivesse amalgamado numa voz que era distintivamente sua. Uma voz encantadora. Uma voz que poderia arrastar um homem e curar profundas feridas do coração.

O silêncio repentino o apanhou desprevenido e Daemon virou-se para elas, uma sobranceira erguida em sinal de dúvida. Wilhelmina olhava para Jaenelle. Jaenelle olhava atentamente na direção da casa.

— Graff está à sua procura — informou Jaenelle. — É melhor ir logo.

Wilhelmina saltou do banco e correu ligeiramente pelo caminho.

Jaenelle mudou de posição e observou o canteiro de sangues-de-feiticeira.

— Sabia que se você cantar a melodia certa elas lhe dizem os nomes das que já morreram? — Os olhos de Jaenelle desviaram-se do canteiro para examinar o rosto de Daemon.

Daemon caminhou lentamente até o local onde Jaenelle estava.

— Não, não sabia.

— Pois bem, é verdade. — Um sorriso amargo vacilou em seus lábios e, por um breve momento, seus olhos ganharam um aspecto selvagem. — Enquanto Chaillot se erguer sobre o mar, aquelas para quem foram plantadas não serão esquecidas. E um dia a dívida de sangue será paga integralmente.

Em seguida ela era de novo uma garotinha e Daemon repetiu para si mesmo, de maneira insistente, que a voz sepulcral que acabara de ouvir era resultado da falta de comida e da privação de sono.

— Venha — convidou Jaenelle, aguardando que ele a acompanhasse.

Caminharam pelas trilhas do jardim, em direção à casa.

— Você tem aulas com a Senhora Graff?

Angústia e triste resignação inundaram o ar à sua volta.

— Não — disse, numa voz cuidadosamente neutra. — Graff diz que não tenho aptidão para a Arte e que não há motivos para atrasar Wilhelmina, uma vez que não consigo aprender nem mesmo as lições mais básicas.

Daemon estreitou os olhos e a examinou. Por um momento não disse nada.

— Então o que você faz enquanto Wilhelmina está em aula?

— Ah, eu... faço outras coisas. — Parou de repente, cabeça erguida, a escutar. — Leland está procurando você.

Daemon emitiu um ruído grosseiro e foi recompensado por um risinho de admiração. A mãozinha pálida e frágil agarrou seu braço, impelindo-o. Seu coração batia descompassado

enquanto Jaenelle o rebocava pelo caminho, rindo. Continuaram a brincadeira durante todo o caminho até a casa. Ela puxava, ele protestava. Por fim, puxou-o para a cozinha, através da cozinha, ignorando o olhar espantado da Cozinheira, e em direção à porta que levava ao corredor.

A meio metro da porta, Daemon parou, opondo resistência. Por ele, Leland podia ir para o Inferno. Queria ficar com Jaenelle.

Jaenelle colocou as mãos nas costas de Daemon e empurrou-o porta adentro.

Ao chegar do outro lado, Daemon girou sobre os calcanhares e se deparou com a porta fechada. Jaenelle não havia tido tempo de fechar a porta. Agora que pensava no assunto, não se lembrava de *nenhuma* porta ali antes.

Daemon ficou olhando por mais um momento, os olhos de um dourado-escuro, os lábios resistindo a se abrir num largo sorriso. Emitiu mais um ruído grosseiro para quem quer que o estivesse ouvindo do outro lado da porta, tirou o sobretudo e foi ver o que Leland queria.

3 / Terreille

Daemon desfez o nó da gravata de seda e afrouxou o colarinho. Após o passeio matinal, fora fazer compras com Leland. Até agora não se preocupara com o que ela vestia, a não ser para confirmar que os vincos das suas roupas e a futilidade da sua personalidade o irritavam. Hoje ele a viu como a mãe de Jaenelle e a elogiou, persuadindo-a a comprar um vestido de seda azul, de corte simples, que tinha bom caimento em seu corpo elegante. Depois desse episódio, Leland parecia diferente, mais à vontade. Até mesmo a sua voz já não lhe dava nos nervos como de costume.

Quando Leland terminou as compras, Daemon ficou com a tarde livre. Em outra corte qualquer, teria usado esse tempo para rever os papéis que seu agente de negócios enviava para uma caixa postal na cidade.

Eles ficariam espantados, pensou com um sorriso frio, se soubessem o quanto daquela pequena ilha lhe pertencia.

Apostar nos negócios era um jogo mental que ele dominava. Com o rendimento anual que obtinha de todos os cantos do Reino, poderia ser o proprietário de todas as tábuas de madeira e de todos os pregos em Beldon Mor — sem contar a meia dúzia de contas em Hayll de que Dorothea tinha conhecimento e que às vezes saqueava, quando seu estilo de vida excedia os próprios rendimentos. Ele sempre mantinha o suficiente nessas contas para que ela acreditasse que aqueles eram todos os seus investimentos. Para ele mesmo... Sem a liberdade de viver de acordo com as suas escolhas, os seus prazeres eram roupas e livros, sendo os livros a aquisição mais pessoal, uma vez que as roupas, tal como o seu corpo, eram usados na manipulação de quem servia.

Em qualquer outra corte, teria dado bom uso a uma tarde livre. Hoje estava aborrecido, aborrecido, aborrecido, irritado por não ter acesso à ala das crianças e ao que quer que estivesse

acontecendo lá.

A noite fora ocupada com o jantar e uma ida ao teatro. De uma hora para outra, Robert tinha decidido acompanhá-los, e Daemon considerou as disputas veladas por lugar no camarote privado e a tensão entre Philip e Robert mais interessantes do que a própria peça.

Então, ao final do dia, ele era incapaz de interromper seu devaneio desassossegado. Passou pela biblioteca de Arte e parou, mas uma tênue luz por baixo da porta lhe chamou a atenção.

No momento em que abriu a porta, a luz se apagou.

Daemon deslizou para dentro da biblioteca e ergueu a mão. A chama da vela no canto mais distante brilhou debilmente, contudo a luz era suficiente.

Os olhos dourados de Daemon cintilaram de prazer ao vaguear pelo cômodo atulhado de móveis até se deterem junto às estantes, observando a cabeça loura que olhava para o chão diligentemente. Os pés descalços apareciam por baixo da camisola.

— Está tarde, minha pequena. — Repreendeu-se pela vibração ronronante e sedutora na voz, mas não havia o que pudesse fazer. — Não devia estar na cama?

Jaenelle levantou os olhos. A desconfiança que eles exprimiam era um tapa na cara. Naquela manhã fora o seu companheiro de brincadeiras. Por que de repente era um estranho e um suspeito?

Tentando pensar em algo para dizer, Daemon reparou num livro na prateleira de cima meio para fora. Conjecturando esperançosamente sobre a razão da súbita desconfiança, puxou o livro da prateleira e leu o título, franzindo a testa com a surpresa. Se essa era a ideia de Jaenelle de leitura para dormir, não admirava que não se interessasse pelas aulas de Arte de Graff. Sem dizer uma palavra, entregou-lhe o livro e esticou-se para ajeitar os outros na prateleira de cima. Quando terminou, o espaço onde o livro havia estado já não existia, e alguém que apenas passasse os olhos jamais daria pela falta do volume.

Então? Ele não a proferiu. Não a enviou. Ainda assim, estava fazendo a pergunta e aguardando uma resposta.

Os lábios de Jaenelle contraíram-se. Por trás da cautela havia divertimento. E ainda mais escondido... talvez um ligeiro vislumbre de confiança?

— Obrigada, Príncipe — disse Jaenelle com o riso na voz.

— De nada. — Hesitou. — Meu nome é Daemon.

— Não seria educado eu chamá-lo assim. Você é mais velho que eu.

Ele rosnou, frustrado.

Rindo, ela fez uma reverência insolente e saiu da biblioteca.

— Fedelha irritante — resmungou ao sair da biblioteca e voltar para o quarto. Mas o sorriso doce e cheio de esperança não lhe saía da cabeça.

Alexandra sentou-se na cama, abraçando as pernas. Uma corda de sino pendia de cada lado da cama. A da esquerda servia para chamar a criada. A da direita — olhou para ela pela sexta vez em quinze minutos — tocaria no quarto logo abaixo.

Pousou a cabeça nos braços e suspirou.

Ele estava tão elegante naqueles trajes de noite, cortados perfeitamente de maneira a realçar aquele corpo magnífico e aquele lindo rosto. Ao falar com ela, sua voz era uma carícia sensual

que lhe causava borboletas no estômago — uma sensação que nenhum homem lhe causara antes. Aquela voz e aquele corpo eram enlouquecedores porque ele parecia desconhecer o efeito que provocava. No teatro, havia mais binóculos dirigidos a ele do que ao palco.

Deveria considerar sua reputação. No entanto, tirando o fato de ser friamente cortês, não havia encontrado nele nenhum outro defeito. Respondia quando era solicitado, executava os deveres de acompanhante com intuição e graça, era sempre delicado sem ser bajulador — e produzia tanto desejo sexual que as mulheres que haviam estado naquele teatro iriam procurar um consorte ou um amante hoje à noite.

Era esse o problema, não era?

Ela não tinha um amante regular desde que pedira a Philip para se encarregar da Noite da Virgem de Leland. Sempre soube do amor ardente de Philip por sua filha. Não seria justo exigir a presença dele na sua cama depois daquela noite.

Embora uma parte de si resistisse à ideia de manter machos somente com objetivos sexuais, seu corpo ainda não tinha desistido de ansiar pelo toque de um homem. A maior parte das vezes, satisfazia esse desejo sempre que era convidada na corte de uma Rainha inferior a ela — ou quando escapava por uma ou duas noites com amigas Viúvas Negras e regalava-se com os machos que serviam a assembleia.

Agora, no quarto logo abaixo, havia um Príncipe dos Senhores da Guerra que acelerava seu pulso, um Príncipe dos Senhores da Guerra que possuía séculos de treino no provimento de prazer sexual, um Príncipe dos Senhores da Guerra que obedecia às suas ordens.

Se ela se atrevesse.

Alexandra puxou a corda do sino do lado direito. Aguardou um minuto e voltou a puxá-la. Como se agia com um escravo do prazer? Não eram considerados da mesma categoria dos consortes ou amantes, isso ela sabia. Mas o que deveria fazer? O que deveria dizer?

Alexandra penteou os cabelos com os dedos. Descobriria. Precisava descobrir. Se não encontrasse algum tipo de alívio essa noite, acabaria enlouquecendo.

Apesar da frustração, quase desistiu e apagou a luz, de certo modo aliviada que Daemon não tivesse obedecido. Então ouviu uma pequena batida na porta.

— Entre.

Sentou-se ereta, tentando manter a dignidade. Suas mãos estavam úmidas da transpiração provocada pelo nervosismo. Corou quando Daemon entrou no quarto e se encostou à porta. Ainda vestia os trajes de noite, mas o cabelo estava um pouco desgrehado e a camisa desabotoada pela metade deixava transparecer seu peito macio e musculoso.

O corpo de Alexandra reagiu à presença física de Daemon, tornando-a incapaz de pensar ou falar. Tinha resistido a esse momento desde a chegada de Daemon, mas agora queria saber como era tê-lo na sua cama.

Durante muito tempo, ele nada disse. Nada fez. Estava encostado à porta, olhando-a fixamente.

E algo perigoso tremeluzia nos seus olhos dourados.

Alexandra aguardou, relutante em mandá-lo embora, assustada demais para exigir.

Por fim, Daemon foi para a cama e mostrou a ela aquilo de que era capaz um escravo do prazer.

4 / Inferno

Saetan ignorou a batida leve na porta do escritório, como tinha ignorado tudo o mais nas últimas semanas. Observou a maçaneta girando, mas a porta estava trancada com a Negra e quem quer que estivesse do outro lado permaneceria ali.

A maçaneta voltou a girar e a porta se abriu.

Com os lábios crispados diante daquela deliberada intrusão, mancou em volta da mesa e ficou paralisado quando Jaenelle entrou, fechando a porta atrás de si. Ali permaneceu, tímida e hesitante.

— Jaenelle — sussurrou. — Jaenelle!

Abriu os braços. Jaenelle atravessou a sala correndo e pulou em cima dele, os seus magros bracinhos apertando tão fortemente o pescoço de Saetan que quase o estrangulavam.

Saetan cambaleou — a perna fraca começava a ceder —, mas conseguiu chegar a uma cadeira junto à lareira. Mergulhou o rosto na curva do pescoço de Jaenelle, os braços bem apertados em torno dela.

— Jaenelle — sussurrou várias vezes, beijando sua testa e seu rosto. — Por onde tem andado?

Passado um momento, Jaenelle colocou as mãos nos ombros de Saetan e se afastou. Examinou o rosto dele e franziu a testa.

— Está mancando novamente — disse com uma voz pesarosa.

— A perna está fraca — respondeu secamente, ignorando a questão.

Jaenelle desabotoou a parte de cima da blusa e afastou o colarinho.

— Não — disse Saetan com firmeza.

— Você precisa do sangue. Voltou a mancar.

— Não. Você esteve doente.

— Não, não estive — protestou rispidamente e, na mesma hora, desviou o olhar.

Os olhos de Saetan ficaram amarelos e ele inspirou com um silvo. *Se não estava doente, criança-feiticeira, o que fizeram com o seu corpo foi deliberado. Não me esqueci da última vez que vi você. Essa sua família tem muito o que explicar.*

— Não doente de verdade — corrigiu Jaenelle.

Parecia suplicar que ele aceitasse. Contudo, fogo do Inferno, como poderia olhar para ela e ainda assim aceitar?

— O sangue é forte, Saetan. — Estava claramente suplicando. — E você precisa do sangue.

— Não quando você precisa de todas as gotas para si mesma — resmungou Saetan. Tentou mudar de posição, mas, com Jaenelle em cima dele, estava realmente preso. Suspirou. Conhecia muito bem aquele olhar determinado. Não sossegaria até que ele tomasse o sangue.

E ocorreu-lhe que ela teria as próprias razões para lhe oferecer o sangue além do fato de ser bom para ele. Ela parecia mais frágil — e não apenas fisicamente. Era como se ao rejeitar o sangue ele confirmasse um medo arraigado que Jaenelle tentava controlar desesperadamente.

Foi isso que o fez se decidir. Com suavidade, encostou a boca no pescoço de Jaenelle.

Levou um enorme tempo para tirar muito pouco, saboreando o contato, na esperança de conseguir enganá-la. Quando, por fim, ergueu a cabeça e pressionou os dedos na ferida para a

cicatrizar, vislumbrou dúvida nos olhos dela. Bem, aquele jogo podia ser jogado por dois.

— Por onde andou, criança-feiticeira? — perguntou tão delicadamente que era como uma exigência.

A pergunta de fato silenciou o seu protesto. Ela o olhou com ternura e inocência.

— Saetan, tem algo para comer?

Um impasse, como tinha calculado.

— Sim — disse friamente. — Acho que podemos providenciar alguma coisa.

Jaenelle recuou lentamente da cadeira e observou Saetan esforçando-se para se levantar. Sem dizer uma palavra, foi buscar a bengala que estava encostada à mesa de madeira escura e entregou a ele.

Saetan fez uma careta, mas aceitou a bengala. Com um dos braços pousado delicadamente em volta dos ombros de Jaenelle, deixaram o escritório e os corredores escavados de maneira grosseira, percorreram o labirinto de entradas e chegaram, finalmente, às portas duplas da frente do edifício. Saetan conduziu-a em torno do Paço até o Santuário que abrigava o Altar das Trevas.

— Existe um Altar das Trevas ao lado do Paço? — perguntou Jaenelle, olhando em volta com interesse.

Saetan soltou um riso abafado enquanto acendia as quatro velas negras na ordem certa.

— Na verdade, criança-feiticeira, o Paço foi construído ao lado do Altar.

Os olhos de Jaenelle arregalaram-se à medida que a parede de pedra atrás do Altar se desvanecia numa névoa.

— Ooohh — murmurou, com uma expressão de espanto que ele nunca tinha visto antes. — Por que está fazendo aquilo?

— É um Portão — respondeu Saetan, perplexo.

— Um Portão?

Ele forçou as palavras a saírem.

— Um Portão entre os Reinos.

— Ooohh!

A mente de Saetan hesitou. Uma vez que Jaenelle viajava entre os Reinos havia alguns anos, presumira que ela soubesse como abrir os Portões. Se ela nem sequer sabia da *existência* dos Portões, como é que, em nome do Inferno, tinha viajado entre Kaeleer e o Inferno durante todo esse tempo?

Não podia perguntar. Não queria perguntar. Se perguntasse, ela responderia e ele teria de estrangulá-la.

Estendeu a mão.

— Siga sempre em frente pela névoa e conte até quatro. Quando terminar, estaremos do outro lado do Portão.

Uma vez do outro lado, caminharam em volta do Paço e pelas portas da frente.

— Onde estamos? — perguntou Jaenelle ao analisar os prismas produzidos pela janela em arco de vitrais sobre as portas.

— No Paço dos SaDiablo — respondeu suavemente.

Jaenelle virou-se devagar e balançou a cabeça.

— Este não é o Paço.

— Ah, é sim, criança-feiticeira. Acabamos de atravessar um Portão, esqueceu? Este é o Paço no Reino das Sombras. Estamos em Kaeleer.

— Então realmente existe um Reino das Sombras — murmurou ao abrir uma porta e espreitar o recinto.

Convencido de que aquelas palavras não eram para os seus ouvidos, não respondeu. Apenas as arquivou junto com as outras perturbadoras questões que envolviam a sua Senhora de cabelos louros. Mas aquilo o deixou duplamente aliviado por ter decidido apresentá-la ao Paço em Kaeleer.

Mesmo antes do seu longo desaparecimento, pretendia afastá-la do Inferno. Sabia que Jaenelle continuaria visitando Char e as outras *cildru dyathe*, continuaria a visitar Titian, mas nos últimos tempos Hekatah estava em evidência excessiva, fomentando maldades com a sua pequena assembleia de feiticeiras demoníacas, maldades planejadas para distraí-lo, chamar sua atenção, embora os sorrisos presunçosos, bem como as desculpas exageradamente pesarosas, o enchessem de um temor que se cristalizava aos poucos em raiva fria. Cada dia que mantinha Jaenelle afastada de Hekatah era mais um dia de segurança para todos.

Jaenelle terminou de inspecionar os cômodos do salão principal e saltitou para junto de Saetan, os olhos reluzentes.

— É maravilhoso, Saetan.

Ele pôs o braço em volta dos ombros dela e beijou o topo de sua cabeça.

— E em algum lugar nestes corredores há uma cozinha e uma excelente cozinha chamada Senhora Beale.

Voltaram os olhos para o estalar de sapatos que vinha deliberadamente do corredor de serviço no final do salão principal na direção deles. Saetan sorriu ao reconhecer o estalar característico. Helene, que vinha ver quem é que estava na “sua” casa. Pensou em informar Jaenelle sobre quem se aproximava, mas ficou atordado demais para falar.

O rosto de Jaenelle era a máscara mais fria, polida e malévola que jamais tinha visto. Os olhos azul-safira estavam transformados em furacões. Seu poder interior não brotava em um espiral que ia aumentando, como aconteceria com qualquer outra feiticeira irritada, e que servia de aviso a quem se aproximasse. Não, estava puxando para dentro, descendo em espiral para o interior dela, a partir do qual Jaenelle o expulsaria para fora, com resultados devastadores. Estava ficando fria, fria, fria, e Saetan não podia detê-la, incapaz de vencer a distância que, de repente e sem qualquer explicação, se abria entre os dois. Ela contraiu os ombros sob o braço de Saetan e, com uma graciosidade que faria inveja a qualquer predador, começou a deslizar à sua frente.

Saetan ergueu os olhos. Helene estava prestes a entrar no salão — e a morrer. Convocou o poder das suas Joias, reuniu todas as suas forças. Tudo dependeria de uma palavra.

Estendeu a mão direita, a Joia Negra a arder, detendo o movimento de Jaenelle.

— Senhora — disse com uma voz imponente.

Jaenelle olhou para ele. Tremeu, mas manteve a mão firme.

— Quando se está seguindo o Protocolo e um Príncipe dos Senhores da Guerra dirige um pedido à sua Rainha, esta deve concordar graciosamente, a menos que não esteja mais interessada em ser servida por ele. Peço que confie no meu julgamento sobre quem nos serve no Paço. Peço permissão para apresentá-la à governanta, que irá se esforçar ao máximo para servi-la adequadamente. Peço que me acompanhe à sala de jantar para comermos.

Ainda não havia ensinado o Protocolo a ela, os controles e equilíbrios sutis de poder entre os Sangue. Partira do princípio que ela teria aprendido o básico com a vivência diária e observação. Pensou que teria tempo para lhe ensinar os delicados pontos de interseção entre Rainhas e

machos de Joias Negras. Nesse momento, era o único freio de que dispunha. Se ela não reagisse... — Por favor, criança-feiticeira — sussurrou no preciso momento em que Helene entrou no salão e parou.

As Trevas rodopiaram em volta de Saetan. Mãe Noite! Nunca tinha sentido nada assim!

Jaenelle examinou a mão direita de Saetan por um longo tempo antes de, devagar, colocar a própria mão sobre a dele, que estremeceu, incapaz de se controlar, ao ver a verdade por um breve momento antes que ela gentilmente o afastasse.

— Esta é a minha governanta, Helene — apresentou Saetan, sem desviando os olhos de Jaenelle. — Helene, esta é a Senhora... — Hesitou, sem saber o que fazer. Dizer “Senhora Jaenelle” era familiar demais.

Jaenelle virou os olhos em turbilhão para Helene, que se encolheu, mas, com o instinto de uma pequena criatura perseguida, não se mexeu.

— Angelline. — A palavra saiu como um sussurro noturno.

— Angelline. — Saetan olhou para Helene, desejando que permanecesse calma. — Minha querida, pode ver o que a Senhora Beale tem para nós hoje?

Helene recordou-se da sua posição e fez uma reverência.

— É claro, Senhor Supremo — respondeu com dignidade.

Voltando-se, deixou o grande salão com passos firmes e compassados que Saetan aplaudiu mentalmente.

Jaenelle afastou-se dele, cabisbaixa, os ombros descaídos.

— Criança-feiticeira? — Saetan interpelou-a docemente.

Os olhos que encontraram os dele estavam perturbados e cheios de dor, repletos de um sofrimento que lhe apertava o coração porque desconhecia sua causa — ou, talvez, porque a conhecesse.

Não tinha estremecido porque, com o toque de Jaenelle, percebera-se diante de um poder tão distante de si como ele mesmo estava em relação à Branca. Não tinha se afastado *dela*. Fora o que vira ali que o tinha horrorizado — durante os meses de ausência, Jaenelle aprendera a única lição que não queria que ela aprendesse.

Tinha aprendido a odiar.

Agora precisava encontrar uma maneira de convencê-la de que não havia se afastado dela devido ao que ela era, devia superar a distância entre os dois, encontrar um modo de trazê-la de volta. Tinha de compreender.

— Criança-feiticeira — disse numa voz com um tom cuidadosamente neutro —, por que ia atacar Helene?

— É uma estranha.

Atingido pela resposta fria, a perna fraca de Saetan cedeu. Na mesma hora, os braços de Jaenelle envolveram a cintura de Saetan, e ele nem sequer sentiu o chão. Um tanto perplexo, olhou para baixo e tocou o soalho com o sapato. Estava suspenso no ar, a cinco milímetros do chão. Se caminhasse normalmente, só um olhar atento perceberia que não caminhava diretamente no chão. Isso e a inexistência de som de passos.

— Vai ajudar você — explicou Jaenelle, com a voz tão impregnada de pesar e preocupação que o braço que ele mantinha em volta de seus ombros puxou-a num forte abraço.

Enquanto caminhavam até a sala de jantar, Saetan usou a perna fraca como desculpa para andarem devagar, dando tempo a si mesmo para pensar. Precisava compreender o que teria

originado aquela ferocidade.

Helene era uma estranha, era verdade. Mas Saetan tinha uma lista de nomes na gaveta da mesa e todos naquele rol um dia tinham sido estranhos. Porque Helene era adulta? Não. Cassandra era adulta. Também Titian, e Prothvar, Andulvar e Mephis. Ele mesmo, inclusive. Porque Helene estava viva? Não, essa também não era a resposta.

Frustrado, repassou mentalmente os últimos minutos, forçando-se a vê-los com distanciamento. O som de passos, a alteração súbita em Jaenelle, o movimento predatório... à sua frente.

Parou de súbito, chocado, mas foi puxado até Jaenelle perceber que não estava tentando caminhar.

Tinha imaginado como seria a reação de Jaenelle quando estivesse com ele em Kaeleer, fora do Reino que ele governava, e agora sabia. Ela se preocupava com ele. Estava disposta a protegê-lo, pois, pelo menos para ela, uma perna fraca poderia torná-lo vulnerável diante de um adversário.

Saetan sorriu, apertou seu ombro e continuou a andar.

Geoffrey tinha razão. Havia uma correia mais poderosa do que o Protocolo para a controlar. Infelizmente, a correia funcionava para os dois lados, por isso, de agora em diante, precisaria ter muito, muito cuidado.

Saetan olhou com crescente consternação para a quantidade de comida sobre a mesa. Além de uma tigela de guisado e de palitinhos de pão de milho, fruta, queijo, bolinhos de avelã, presunto, carnes frias, um frango assado, uma travessa de legumes, pão fresco, manteiga de mel e um jarro de leite compunham a mesa. E só parara por ali pois Saetan não tinha autorizado que o laiaio trouxesse a última bandeja. Toda aquela comida teria desencorajado um macho adulto esfomeado, quanto mais uma jovem menina.

Jaenelle olhou espantada para os pratos dispostos em semicírculo em frente ao seu lugar na mesa.

— Coma o guisado enquanto está quente — sugeriu Saetan docemente, bebericando uma taça de yarbarah.

Jaenelle pegou a colher e começou a comer, mas pousou-a após a primeira colherada, voltando a ficar quieta e hesitante.

Saetan começou a conversar, sem pressa. Uma vez que falava como se não tivesse mais nada para fazer e nenhum lugar para onde ir, e dando a impressão de que permaneceria à mesa por muito tempo, Jaenelle voltou a pegar a colher. Saetan reparou que, sempre que parava de falar, a menina pousava a colher. Por isso, começou a fofocar sobre Mephis, Prothvar, Andulvar, Geoffrey e Draca, mas logo esgotou os assuntos. *Os mortos não fazem muita coisa*, pensou friamente enquanto se lançava num longo discurso sobre o livro que estava lendo, sem se preocupar se aquilo era ou não complexo demais para ela.

Começou a se sentir um pouco desesperado sobre o que dizer em seguida, quando, finalmente, Jaenelle se recostou, as mãos cruzadas sobre uma barriguinha saliente, e exibiu o sorriso meloso e letárgico de uma criança bem alimentada e satisfeita. Saetan levou a taça aos lábios para ocultar o sorriso e olhou de relance para a chacina à sua frente. Talvez tivesse se precipitado ao mandar aquela última bandeja de volta para a cozinha.

— Tenho uma surpresa para você — disse, mordendo a bochecha enquanto Jaenelle lutava para se endireitar na cadeira.

Conduziu-a ao segundo andar da sua ala. As portas do lado direito davam para os seus aposentos. Abriu uma porta do lado esquerdo.

Havia pensado bastante naqueles cômodos. O quarto lembrava uma paisagem marítima com as paredes pintadas em tons suaves, tapetes felpudos cor de areia, cobertor azul-marinho sobre a enorme cama, móveis em tons quentes e almofadas da cor da vegetação das dunas. A sala de estar ao lado pertencia à terra. Os quartos ainda precisavam de um toque pessoal que Saetan tinha deliberadamente negligenciado, para que fosse feminino.

Jaenelle admirou, examinou, exclamou e gritou para Saetan quando viu o banheiro:

— Dá até para nadar nesta banheira!

Quando ela finalmente voltou para junto dele, Saetan perguntou:

— Gostou?

Ela sorriu e fez que sim com a cabeça.

— Fico contente, pois estes são os seus aposentos. — Ignorou o arquejo deliciado de Jaenelle e prosseguiu: — É claro que precisam do seu toque pessoal e de detalhes femininos para ganhar personalidade, e preferi não pendurar quadros nas paredes. Você vai ter de escolhê-los.

— Os meus aposentos?

— Sempre que quiser usá-los, quer eu esteja ou não aqui. Um lugar calmo, só seu.

Observou deliciado enquanto Jaenelle explorava uma vez mais os aposentos, com um brilho nos olhos. O sorriso nos lábios de Saetan não desvaneceu até ela tentar abrir a porta na outra extremidade do quarto. Como estava trancada, virou-se de costas, não se mostrando interessada o suficiente para fazer perguntas.

Quando Jaenelle voltou o banheiro para ponderar as possibilidades da banheira, Saetan observou a porta trancada.

Amava-a de todo o coração, mas não era tolo. Do outro lado daquela porta havia outro apartamento, de menor dimensão, mas não menos bem decorado. Um dia, algum consorte residiria naqueles aposentos, sempre que ela viesse de visita. Por ora, ou pelo menos até ela questionar, não havia razão para lhe explicar o que havia do outro lado daquela porta ou para que serviria seu respectivo ocupante.

— Saetan?

Ele despertou do seu devaneio, encontrando-a a seu lado, as maçãs do rosto um pouco coradas devido à felicidade que sentia.

— Acha que podemos retomar as minhas aulas?

— É claro. — Refletiu um momento. — Sabe como criar luz encantada?

Jaenelle negou com a cabeça.

— É um bom lugar para começar. — Fez uma pausa e prosseguiu descontraidamente: — E que tal se as aulas fossem aqui?

— Aqui?

— Sim, aqui. Assim...

— Mas desse jeito eu não veria Andulvar e Prothvar e Mephis — protestou Jaenelle.

Por um brevíssimo momento, era honesto o bastante para o admitir, sentiu ciúmes por Jaenelle querer vê-los, por não ser exclusivamente dele.

— Mas é claro que poderá vê-los — afirmou calmamente, esforçando-se para não ranger os

dentes. — Não há qualquer razão para que não possam vir aqui.

— Achei que os demônios não saíam do Inferno.

— A maior parte das vezes é mais confortável para os mortos permanecerem entre os seus semelhantes, assim como é mais confortável para os vivos que os mortos se mantenham entre os mortos. Mas todos nós vivemos há tanto tempo atrás... — Deu de ombros. — Além disso, mesmo que tenha sido há muito tempo, Mephis costuma vir aqui e ainda trata de vários dos meus assuntos neste Reino. Acho que gostaria de uma desculpa para sair do Reino das Trevas. Andulvar e Prothvar também. — Esperava não estragar tudo por parecer astuto demais. — E, quando se acabarem as aulas, você pode visitar os seus amigos em Kaeleer mais facilmente.

— Isso é verdade — disse Jaenelle, devagar, ponderando. — Dessa forma, a maioria das vezes só teria de saltar das Teias uma vez, não duas. — Os olhos de Jaenelle se iluminaram e ela estalou os dedos. — Ou posso usar os Portões, se você me ensinar como abri-los.

A mente de Saetan não hesitou. Ele tentou engolir mas a boca estava seca como um deserto.

— Sem dúvida — conseguiu dizer por fim. Definitivamente, tinha que estrangulá-la. Do contrário, se machucaria com as acrobacias mentais necessárias à conversão do impossível em algo razoavelmente verossímil. — As suas aulas — grasniou, esperando, um pouco histericamente, que este fosse um assunto seguro.

Jaenelle sorriu abertamente para Saetan, que suspirou, derrotado.

— Quando começamos?

Jaenelle ponderou a questão.

— Hoje já está tarde. Vão dar pela minha falta se eu não aparecer para o almoço. — Franziu o nariz. — Amanhã queria visitar Lorn. Já faz tempo que não o visito e ele deve estar preocupado.

Lorn preocupado! Saetan reprimiu um resmungo.

— Depois de amanhã? Wilhelmina tem aulas de manhã, por isso ninguém dará pela minha falta até o almoço.

— Combinado.

Beijou-a no topo da cabeça, acompanhou-a até a porta da frente do Salão e viu-a desaparecer enquanto acenava com a mão, em despedida. Ele permaneceu o tempo suficiente para se certificar de que Helene tinha superado qualquer possível choque, deixou instruções específicas sobre o comportamento a adotar sempre que Jaenelle chegasse — especialmente se chegasse na sua companhia — e voltou para seu escritório privado no Reino das Trevas.

Andulvar o encontrou um pouco mais tarde, servindo-se de uma dose extremamente generosa de conhaque. Os olhos do eyrieno se estreitaram quando reparou nas mãos trêmulas de Saetan.

— O que está fazendo?

— Vou me embriagar o quanto puder — respondeu Saetan calmamente, bebendo um logo trago do conhaque. — Me acompanha?

— Os Demônios não bebem álcool puro e, a propósito, nem os Guardiões deveriam fazer isso. Além do mais — Andulvar insistiu enquanto Saetan esvaziava um segundo copo, —, por que quer se embriagar?

— Porque senão vou acabar a estragando.

— A pirralha voltou e você não nos disse nada? — Andulvar pôs as mãos nos quadris e rosnou. — E por que a estrangularia?

Saetan serviu-se, com cuidado, da terceira generosa dose de conhaque. Por que tinha parado de beber conhaque? Uma bebida tão deliciosa. Era como despejar água num ardente fogo mental.

Ou era como despejar azeite? Não importava.

— Sabia que ela salta das Teias?

Andulvar deu de ombros, sem se mostrar surpreso.

— Pelo menos metade dos Sangue com Joias consegue saltar entre as categorias dos Ventos.

— Ela não salta entre as categorias, meu caro Andulvar, ela salta entre os Reinos.

Andulvar engoliu em seco.

— Não é possível — disse, ofegante, agradecido por Saetan estar servindo um segundo copo de conhaque.

— Isso era o que eu pensava. E não vou nem mesmo ponderar sobre o perigo que isso representa. A propósito, é assim que ela tem ido e vindo, durante todos estes anos. Até hoje, não sabia que existiam Portões.

Andulvar fitou a garrafa de conhaque.

— Isso não vai ser suficiente para nos embebedar... partindo do princípio, é claro, de que ainda *é possível* ficarmos bêbados.

— Mas não é só isso.

— Sou todo ouvidos.

Instalaram-se nas cadeiras junto à lareira, dedicados à sua tarefa.

5 / Inferno

— Os Guardiões não devem beber, você sabe bem — disse Geoffrey, animado demais para ser compreensivo.

Saetan fulminou o outro Guardião com o olhar e, em seguida, fechou os olhos, esperando que caíssem, pois assim alguma parte da sua cabeça pararia de doer. Encolheu-se quando Geoffrey arrastou a cadeira pelo chão da biblioteca e se sentou.

— Nomes outra vez? — perguntou Geoffrey, mantendo a voz baixa.

— Um sobrenome, Angelline, provavelmente de Chaillot, e Wilhelmina.

— Um sobrenome e um local para começar. Você é muito gentil, Saetan.

— Quero é que morra. — Saetan assustou-se com o som da própria voz.

— Desejo concedido — respondeu Geoffrey animadamente ao sair para procurar o registro.

A porta da biblioteca se abriu. Draca, a Senescal da Fortaleza, deslizou até a mesa e colocou uma xícara diante de Saetan.

— Isso irá ajudá-lo — disse enquanto se virava para ir embora. — Ainda que você não mereça.

Saetan levou a infusão fumegante à boca e fez uma careta ao prová-la, mas bebeu metade da xícara. Recostou-se na cadeira, as mãos fechadas em volta da caneca, ouvindo Geoffrey virar as páginas do registro com consideração, tentando não fazer barulho. Quando terminou de beber a infusão de Draca, as páginas já tinham parado de virar.

As sobranceiras negras de Geoffrey formavam um V abaixo do saliente bico de viúva. Ele cerrou os sensuais lábios vermelho-sangue.

— Bem — disse por fim. — Existe uma feiticeira em Chaillot chamada Alexandra Angelline, que é a Rainha do Território. Usa a Opala dos Sangue. Sua filha, Leland, usa a Rosa e é casada com um Senhor da Guerra de Joia Amarela chamado Robert Benedict. Não existe qualquer feiticeira chamada Wilhelmina Angelline, mas *existe* uma Wilhelmina Benedict que tem catorze anos, nasceu em Chaillot e usa a Violeta.

Saetan permaneceu imóvel.

— Alguma outra conexão familiar? — perguntou baixinho.

Geoffrey levantou os olhos de forma perspicaz.

— Apenas uma relevante. Um Príncipe de Joia Cinza chamado Philip Alexander partilha uma linhagem paterna com Robert Benedict e serve Alexandra Angelline. Se a linhagem não tiver sido formalmente reconhecida, não é incomum que um bastardo adote um sobrenome que reflita a Rainha que serve.

— Eu sei disso. E sobre Jaenelle?

Geoffrey negou com a cabeça.

— Não está registrada.

Saetan juntou os dedos das mãos.

— Ela disse que se chamava Angelline, o que sugere que pelo menos está dando continuidade à antiga tradição do gênero feminino, seguindo a linhagem matriarcal. Disse que poderia vir de manhã, quando Wilhelmina estivesse em aulas. Da mesma família?

Geoffrey fechou o livro.

— Provavelmente. Terreille tem sido negligente em relação ao registro das famílias dos Sangue. Contudo, se registraram uma criança, por que não fizeram o mesmo com a outra?

— Porque uma das crianças usa a Violeta — respondeu Saetan com um sorriso frio. — Eles nem sequer perceberam que a outra criança usa as Joias.

— Levando em consideração a Senhora de cabelos louros, seria difícil não perceber.

Saetan negou com um gesto de cabeça.

— Não, não seria. Ela nunca usou as Joias com que foi dotada e é um desastre na Arte básica. Se nunca tiver mencionado as formas mais criativas com que faz uso da Arte, eles não teriam como saber que ela é capaz de qualquer coisa. — Sentiu um punho frio imiscuindo-se entre as omoplatas. — A não ser que não tenham acreditado nela — concluiu suavemente, lembrando o que Jaenelle lhe dissera sobre o Reino das Sombras. Arquivou o pensamento para consideração posterior e olhou para a xícara vazia. — Esse negócio tem um gosto horrível, mas está me ajudando com a dor de cabeça. Alguma chance de conseguir outra xícara?

— Há sempre uma chance — disse Geoffrey com uma ponta de riso na voz enquanto puxava a corda do sino. — Especialmente se tiver um gosto horrível.

Saetan esfregou o queixo.

— Geoffrey, você é bibliotecário da Fortaleza há muito, muito tempo, e provavelmente sabe mais sobre os Sangue do que todos nós juntos. Alguma vez ouviu falar de alguém que tenha descido em espiral para alcançar a profundidade das Joias?

— Em espiral? — Geoffrey pensou por um momento e negou com a cabeça. — Não, mas isso não significa que não possa acontecer. Pergunte a Draca. Comparado a ela, você ainda está na creche e eu não sou mais do que um adolescente. — Contraiu os lábios e franziu a testa. — Muito tempo atrás, li algo, acho que fazia parte de um poema, sobre os grandes dragões da lenda. Como é que era? “Descem em espiral até o ébano...”

— “...capturando ass estrelass com ass caudass.” — A xícara à frente de Saetan desapareceu, sendo substituída por uma nova, que Draca pôs sobre a mesa.

— É isso — disse Geoffrey. — Saetan estava se perguntando se é possível alguém descer em espiral até o âmago.

Draca virou a cabeça, num movimento lento e cuidadoso que se devia mais à idade do que à graça, fixando os olhos de réptil em Saetan.

— Deseja compreender isso?

Saetan olhou para dentro daqueles olhos antigos e, relutantemente, assentiu com a cabeça.

— Pegue o livro — Draca dirigiu-se a Geoffrey. Aguardou até que tivesse toda a atenção dos dois. — Não oss Ssangue.

Um reservatório quadrado cheio de água surgiu sobre a mesa, cada lado tão comprido quanto o braço de Saetan e igualmente alto. Retirando lentamente as mãos das longas mangas, Draca abriu o punho ligeiramente cerrado sobre o reservatório. Pequenas contas, do tipo que as mulheres costuram nas roupas para refletir a luz, caíram na água e ficaram flutuando. Eram da mesma cor das Joias.

Na outra mão, Draca segurava uma pedra lisa de formato oval, ligada a um fino cordão de seda.

— Vou demonsstrar como oss Ssangue alcançam a teia interior, o núcleo do Eu. — Lenta e seguramente, baixou a pedra, introduzindo-a na água até ficar a cerca de dois centímetros do fundo do reservatório. Tinha penetrado na água com tal suavidade que não provocara qualquer agitação. As contas flutuavam na superfície calma.

— Quando a descida ao abismo ou a ascensão do abismo é realizada lentamente — disse, puxando a pedra em direção à superfície — é um assunto privado, uma comunhão consigo mesmo. Não perturba quem está em volta. Quando a raiva, o medo ou uma grande necessidade exige uma rápida descida ao âmago para reunir o poder e ascender... — Deixou a pedra cair no reservatório. Mergulhou todo o cordão de seda, detendo-se a cerca de dois centímetros do fundo.

Saetan e Geoffrey observaram em silêncio a pequena ondulação na superfície espalhar-se em direção às extremidades do reservatório, as contas dançando nos anéis.

Draca puxou a mão bruscamente. A pedra disparou para fora do reservatório, arrastando um pequeno esguicho de água. Agitadas de um lado para o outro nas ondas, algumas das contas de cores mais claras afundaram.

Draca esperou que assimilassem o que viam.

— Uma espiral.

A pedra se deslocou em movimentos circulares sobre o reservatório. Ao tocar a superfície, a água movia-se com ela, girando, girando, girando, à medida que a pedra efetuava calmamente a descida. As contas, apanhadas no movimento, seguiram a pedra. A descida em espiral prosseguiu até a pedra ficar a cerca de dois centímetros do fundo. Nesse momento, toda a água estava em movimento, todas as contas enredadas.

— Um redemoinho — sussurrou Geoffrey.

Olhou com inquietação para Saetan, que observava o reservatório, os lábios cerrados, as longas unhas cravadas na mesa.

— Não. — Draca deu um puxão na pedra. A água veio junto com ela, espalhando-se sobre a mesa. As contas, expelidas do reservatório junto com a água, jaziam na mesa como peixinhos mortos. — Um furacão.

Saetan virou as costas.

— Você disse que os Sangue não efetuam espirais.

Draca pousou a mão no braço de Saetan, forçando-o a se virar e a olhar para ela.

— Ela esstá além doss Ssangue. Ela é a Feiticeira.

— Não interessa se é a Feiticeira. Ainda assim é Sangue.

— Ela é Ssangue e ela é a Outra.

— Não. — Saetan afastou-se de Draca. — Ainda assim é Sangue. É uma de nós. Tem de ser. — E era a sua dócil e curiosa Jaenelle, a filha da sua alma. Nada do que dissessem poderia alterar isso.

Mas alguém a tinha ensinado a odiar.

— Ela é a Feiticeira — disse Draca, com uma docilidade que nunca tinha ouvido nela. —irá quase ssempre efetuar esspiraiss, Ssenhor Ssupremo. Não pode alterar a ssua natureza. Não pode impedir ass pequenass esspiraiss, oss momentoss de raiva. Não pode impedi-la de desscer em esspiral até o sseu próprio âmagô. Todoss os Ssangue têm de efetuar a desscida de temposs em temposs. Mass o furação... — Draca enfiou as mãos nas mangas. — Proteja-a, Ssaetan. Proteja-a com a ssua força e o seu amor e talvez isso nunca venha a acontecer.

— E se acontecer? — perguntou Saetan com a voz rouca.

— Sserá o fim doss Ssangue.

CAPÍTULO OITO

1 / Terreille

Daemon embaralhou as cartas enquanto Leland olhava para o relógio — mais uma vez. Estavam jogando cartas há quase duas horas, e, se ela seguisse a rotina, o deixaria sair dentro de dez minutos ou após mais uma jogada, o que viesse primeiro.

Era a terceira noite naquela semana que Leland tinha solicitado a sua companhia ao ir para o quarto. Daemon não se importava de jogar cartas, mas ficava incomodado que ela insistisse em jogar na sala de estar de seus aposentos e não na sala de recepção do andar de baixo. Seus comentários faceiros ao café da manhã, quando o elogiava por tê-la entretido tão bem, o incomodavam ainda mais.

Na manhã seguinte ao primeiro jogo de cartas, Robert tinha ficado vermelho como um pimentão e vociferado enquanto Leland tagarelava, até reparar na raiva silenciosa de Philip. Depois disso, já que um escravo do prazer não era considerado um homem “verdadeiro” e, portanto, não era um rival, Robert tinha acariciado alegremente a mão de Leland e dito a ela que estava satisfeito que Sadi fosse uma companhia tão agradável, uma vez que ele mesmo tinha de se ausentar tantas noites por causa do trabalho.

Philip, por outro lado, tornou-se brutalmente seco, atirando o itinerário do dia para Daemon e cuspidando ordens. Juntou-se também a Sadi e às meninas durante o passeio matinal, colocando-se entre Jaenelle e Wilhelmina e, forçando Daemon a seguir atrás.

Nenhuma das reações masculinas agradava a Daemon, e o fato de Leland fingir não perceber a tensão crescente que se instalava agradava-lhe ainda menos. Ela não era tão superficial ou frívola como a princípio tinha pensado. Quando jogavam cartas sozinhos e Leland se concentrava no jogo, Daemon podia ver a astúcia serena, a perícia na dissimulação para que, pelo menos superficialmente, conseguisse se inserir no círculo social de Robert.

Nada disso explicava por que o usava para provocar. Philip já tinha bastante ciúme devido ao direito do irmão de se deitar na cama de Leland. Ela não precisava exhibir outro macho.

Daemon contornou a impaciência e concentrou-se nas cartas. O motivo que levava Leland a olhar para o relógio não lhe dizia respeito. Tinha as suas próprias razões para desejar que a noite terminasse.

Liberado, por fim, Daemon foi até a biblioteca de Arte. Encontrando-a vazia, reprimiu o desejo de destruí-la devido à frustração que sentia.

Essa era a parte mais irritante da súbita atenção de Leland. Por volta da meia-noite, Jaenelle sempre dava um passeio noturno que terminava na biblioteca, onde Daemon costumava encontrá-la agarrada a algum livro antigo da Arte. As invasões dele eram breves e ele nunca perguntava por que ela perambulava pela casa àquela hora, sendo recompensado com fragmentos de conversa igualmente breves, embora às vezes surpreendentes.

Aqueles fragmentos o fascinavam. Eram uma mistura inquietante de inocência e de percepção

sombria, de ignorância e de sabedoria. Se, durante a conversa, Daemon conseguisse vislumbrar o livro e o capítulo que Jaenelle estava lendo, podia, às vezes, caso se dedicasse, destrinçar um pouco do que ela dizia. Em outros momentos sentia como se tivesse nas mãos um punhado de peças de um quebra-cabeça do tamanho de Chaillot. Era exasperante — e fascinante.

Quase tinha desistido de esperar quando a porta se abriu de repente e Jaenelle entrou às pressas. Desviando os quadris do caminho para que ela não o roçasse abaixo da linha da cintura — situação que Daemon vinha diligentemente evitando, uma vez que não sabia qual seria a sua reação física —, pousou a mão no seu ombro para detê-la e impedir que pulasse assustada quando percebesse que não estava sozinha.

Sentiu um prazer vertiginoso quando Jaenelle não se mostrou surpresa ao vê-lo. Enquanto Daemon fechava a porta e acendia a vela na luminária, a mão direita de Jaenelle ajeitava os cabelos, algo que sempre fazia quando estava pensando.

— Gosta de jogar cartas? — perguntou quando se acomodaram no sofá de couro marrom-escuro, mantendo uma distância discreta.

— Sim, gosto — respondeu cautelosamente.

Não acontecia nada nessa casa de que ela não tivesse conhecimento? A ideia não lhe agradou. Se sabia que ele jogava cartas com Leland, o que sabia, ou compreendia, das visitas solicitadas ao quarto de Alexandra?

Jaenelle passou a mão pelo cabelo.

— Se chover uma manhã dessas e não pudermos sair para passear, talvez você pudesse jogar cartas comigo e com Wilhelmina.

Daemon descontraiu-se um pouco.

— Gostaria muito.

— Por que Leland não diz que jogam cartas? Por que faz isso parecer tão secreto? Ela perde sempre?

— Não, nem sempre. — Daemon tentou não se mostrar nervoso. Por que ela fazia tantas malditas perguntas desagradáveis? — Acho que as senhoras gostam de parecer misteriosas.

— Ou talvez saibam de coisas que precisam permanecer ocultas.

Por um momento, Daemon esqueceu como se respirava. A mão direita agarrou as costas do sofá e ele se retraiu. Maldição. Tinha deixado que se infiltrasse. O veneno do dente de serpente precisava ser extraído, e ele não tinha dedicado tempo algum a encontrar um veneno que fosse fácil de obter e que não o deixasse doente.

Jaenelle olhou atentamente para a mão de Daemon.

Subitamente incomodado, Daemon mudou de posição, deixando a mão cair de maneira descontrída no colo. Tinha mantido o segredo do dente de serpente durante séculos e não o iria revelar agora a uma menina de doze anos.

Não contara com a tenacidade nem com a força de Jaenelle. A mão dela agarrou o seu pulso e o puxou. Ele cerrou o punho para esconder as unhas e opôs resistência, tentando se soltar. Como não conseguiu, rosnou enfurecido. Esse som tinha feito homens fortes recuarem e Rainhas pensarem duas vezes no que haviam ordenado que ele fizesse.

Jaenelle simplesmente o encarou. Daemon afastou o olhar, tremendo ligeiramente ao abrir a mão para que ela a observasse.

O toque de Jaenelle era como o de uma pluma, delicado e conhecedor. Analisou um dedo de cada vez, interessando-se em particular pelo tamanho das unhas, e, por fim, concentrou por um

longo tempo a atenção no anelar.

— Este está mais quente do que os outros — disse, quase para si mesma. — E há algo por baixo.

Daemon saltou, arrastando-a a meio caminho do chão até ela soltar seu pulso.

— Deixe minha mão em paz, Senhora — disse com um tom de voz tenso, colocando as mãos com cuidado nos bolsos.

Com o canto do olho, Daemon viu Jaenelle instalando-se de novo no sofá e estudando as próprias mãos. Parecia fazer um grande esforço para revelar algo e ocorreu-lhe que ela também estava pensando sobre o que poderia ser inadvertidamente revelado.

Por fim disse, timidamente:

— Conheço um pouco da Arte de curar.

— Não estou doente — respondeu Daemon, olhando fixamente para a frente.

— Mas não está bem. — Subitamente, sua voz parecia mais madura.

— Não há nada de errado, Senhora — afirmou Daemon com veemência. — Agradeço a preocupação, mas não tenho qualquer problema.

— Parece que não são só as senhoras que gostam de parecer misteriosas — disse Jaenelle friamente, dirigindo-se à porta. — Mas há algo errado com o seu dedo, Príncipe. Há dor nele.

Sentiu-se encurralado. Se outra pessoa tivesse descoberto o dente de serpente, a essa altura já estaria morta. Mas Jaenelle... Daemon suspirou, virou-se e olhou para ela. De longe, especialmente sob a luz fraca, parecia uma criança frágil e comum, amistosa mas não terrivelmente inteligente. De longe. Estando perto o suficiente para observar aqueles olhos azul-celestes transformando-se em azul-safira, era difícil pensar que se tratava de uma criança, era difícil não sentir um arrepio de apreensão diante da inteligência aguçada e selvagem por baixo da superfície, que tirava as próprias conclusões sobre o mundo.

— Ajudei você uma vez — disse com calma, desafiando-o a negar.

Surpreso demais para responder, Daemon olhou-a fixamente. Desde quando saberia que fora ele a ceder sua força ao Sacerdote na noite em que ela solicitou ajuda, na noite em que Cornelia o açoitou? Ao perceber a resposta, teve vontade de bater com a cabeça na parede por ter sido tão estúpido. Desde quando? Desde a primeira manhã no caramanchão, quando ela chegou a uma decisão em relação a Daemon.

— Eu sei — disse Daemon respeitosamente. — Fiquei muito agradecido, ainda estou, pela cura. Mas neste caso não é uma ferida ou uma doença. Faz parte de quem eu sou. Não há nada que você possa fazer.

Sentiu um arrepio ao ser escrutinado.

Por fim, Jaenelle deu de ombros e saiu da biblioteca.

Daemon apagou a chama da vela e ficou na escuridão bolorenta e reconfortante por alguns instantes antes de voltar ao quarto. Seu segredo estava agora nas mãos de Jaenelle. Não faria nada para se proteger em relação ao que ela poderia dizer ou fazer.

Alguns minutos mais tarde, o sino de Alexandra começou a tocar.

2 / Kaeleer

Saetan levantou os olhos do livro que estava lendo em voz alta e reprimiu um arrepio. Jaenelle estivera estudando atentamente a capa do livro ao longo da última meia hora, com o olhar vago que significava que estava absorvendo a lição, como Saetan queria, mas também considerando as informações de uma forma completamente diferente. Continuou lendo em voz alta, mas sua mente já não estava nas palavras.

Alguns minutos depois, desistiu e pousou o livro na mesa, bem como os óculos em meia-lua. Os olhos de Jaenelle não acompanhavam o livro, como previra. Ela estava concentrada na mão direita de Saetan, a testa enrugada devido à concentração, enquanto passava a mão pelo cabelo.

Ah. Embora fosse difícil saber ao certo até que uma feiticeira atingisse a puberdade, Jaenelle apresentava uma forte propensão para ser uma Viúva Negra natural. Ainda levaria alguns anos até que as provas físicas fossem visíveis, mas o interesse que demonstrava exigia que o treino se iniciasse de imediato.

Erguendo uma sobrancelha com um ar divertido, Saetan estendeu a mão direita.

— Pretende examiná-la de perto, Senhora?

Jaenelle riu para Saetan distraidamente e pegou sua mão.

Saetan observou-a a explorar a mão, que ela mexia de um lado para outro, até que seus dedos pararam na unha do anelar.

— Por que usa unhas compridas? — perguntou com uma voz afável enquanto examinava as unhas pintadas de preto.

— Questão de gosto — respondeu descontraidamente e aguardou para ver o que conseguiria detectar.

Jaenelle olhou-o demoradamente.

— Há alguma coisa por baixo desta. — Passou levemente o dedo pela unha do anelar.

— Sou um Viúva Negra. — Virou a mão para que Jaenelle pudesse ver o que havia por baixo da unha, dobrou o dedo e observou os olhos dela arregalados ao ver o dente de serpente deslizando para fora do seu invólucro. — É um dente de serpente. A minúscula bolsa de veneno à qual está ligado fica sob a unha. Cuidado — avisou, ao ver o dedo de Jaenelle movendo-se para tocá-lo. — O meu veneno agora pode não ser tão forte como era antes, mas ainda é suficientemente potente.

Jaenelle ficou olhando para o dente de serpente por um longo tempo.

— O seu dedo não está quente. O que significa quando o dedo fica quente?

O ar divertido de Saetan desapareceu. Afinal, aquilo não era mera curiosidade.

— Significa problemas, criança-feiticeira. Se o veneno não for usado, tem de ser extraído do dente de serpente a intervalos semanais. Caso contrário, o veneno engrossa e pode até cristalizar. Se ainda for possível fazê-lo sair pelo dente de serpente, seria um procedimento no mínimo doloroso. — Deu de ombros com tristeza. — Se não for possível extrair o veneno, a única forma de parar a dor será removendo o dente e a bolsa.

— Por que alguém deixaria de extrair o veneno?

Saetan voltou a dar de ombros.

— O veneno precisa de veneno. Quando a bolsa de veneno fica cheia, o corpo de uma Viúva Negra anseia por veneno de qualquer espécie. Mas é preciso ter cuidado com o que se introduz

no corpo. O veneno errado pode ser tão fatal para uma Viúva Negra como o veneno é no geral para os outros Sangue. O melhor veneno é o seu. As Viúvas Negras costumam extrair o veneno da bolsa logo antes do período da lua para que, durante os dias em que são obrigadas a repousar, o corpo, estimulado por algumas gotas do próprio veneno, volte a encher lentamente a bolsa, sem sentir qualquer desconforto.

— E se tiver engrossado?

— Não serve. O corpo o rejeita. — Saetan puxou a mão e juntou os dedos. — Criança-feiticeira...

— Se não for possível utilizar o próprio veneno, existe algum veneno que seja seguro?

— Existem alguns venenos que se podem utilizar — disse cautelosamente.

— Posso levar um pouco?

— Para quê?

— Conheço alguém que precisa. — Jaenelle afastou-se de Saetan, subitamente hesitante.

A caixa torácica de Saetan apertou seu coração e seus pulmões. Ele lutou contra o desejo de enfiar as unhas na carne e despedaçá-la.

— Macho ou fêmea? — perguntou suavemente.

— Faz diferença?

— Claro que sim, criança-feiticeira. Se a destilação dos venenos não for realizada levando em consideração o gênero, os efeitos poderão ser desagradáveis.

Jaenelle o examinou com um olhar perturbado.

— Macho.

Saetan ficou imóvel por um longo tempo.

— Tenho algo que posso lhe dar. Por que não vai ver o que a Senhora Beale preparou para o lanche? Vai levar alguns minutos.

Assim que Jaenelle ficou entretida com as guloseimas da Senhora Beale, Saetan voltou ao escritório privado no Reino das Trevas. Trancou a porta e verificou os cômodos adjacentes antes de seguir até a porta secreta no lambri ao lado da lareira. Sua oficina estava trancada com a Cinza, uma precaução sensata que mantinha Hekatah longe mas permitia que Mephis e Andulvar o contactassem. Transmitiu um pensamento para as velas no final do estreito corredor, trancou a porta e seguiu para o seu covil de Viúva.

Era aqui que preparava os venenos e tecia as teias emaranhadas de paisagens oníricas e visões. Caminhando para o balcão que cobria toda uma parede, invocou uma pequena chave e abriu as portas de madeira maciça de um dos grandes armários que ficavam acima.

Os venenos estavam arrumados em fileiras, os frascos de vidro identificados com precisão por uma etiqueta escrita em Idioma Antigo. Mais uma precaução, uma vez que Hekatah nunca dominara o verdadeiro idioma dos Sangue.

Retirou um pequeno frasco com rolha e ergueu o vidro contra a luz. Abriu, cheirou, em seguida mergulhou um dedo na substância e provou-a. Era o que ele mesmo usava. Como não nascera Viúva Negra, seu corpo não era capaz de produzir veneno. Recolocou a rolha no frasco, olhou novamente para o armário e puxou um recipiente contendo minúsculos flocos vermelho-sangue.

Bastaria adicionar à destilação um ou dois flocos de sangue-de-feiticeira desidratado e a dor que Daemon agora sentia seria uma doce carícia comparada à agonia que deve ter sido sua última experiência entre os vivos. Havia quem já tivesse aberto o próprio corpo à faca, arrancando fora

as entranhas, na tentativa de aliviar a dor. Ou então o outro vidro. Uma morte mais suave mas indubitavelmente certa. Porque agora tinha certeza de que Daemon estava perto demais. Jaenelle o estava ajudando, mas de que forma Daemon retribuiria essa amabilidade?

Saetan hesitou. E no entanto...

Enquanto caminhava entre os vivos e criava os seus filhos, Mephis e Peyton, Saetan era uma nota e eles eram outras duas, harmoniosas mas diferentes. Também Lucivar era uma nota distinta, geralmente uma aguda. Saetan soube, desde a primeira vez que Lucivar ficou de pé, as pequenas asas agitando-se no ar para ajudá-lo a manter o equilíbrio, que esse filho seria o tormento do pai ao lançar-se ao mundo com aquele respeito arrogante dos eyrienos por todas as coisas que pertencem ao céu e à terra.

Mas Daemon. Na primeira vez que o segurou, sentiu, em um nível profundo e instintivo, que as Trevas cantariam para esse filho da mesma forma que cantavam para ele, que esse filho seria o espelho do pai. Tinha transmitido a Daemon um legado e um fardo que jamais pretendia transmitir a qualquer um dos filhos.

O nome.

Tinha planejado ensinar Daemon sobre a honra e a responsabilidade de usar Joias tão devastadoras como as Negras. Porém, por causa da honra, não estivera presente. Porque acreditava no Protocolo e na Lei dos Sangue, concordara em mentir quando Dorothea lhe negou a paternidade. E, por ter aceitado a mentira, Daemon tinha sido criado como um bastardo e um escravo, um pária sem lugar na sociedade dos Sangue.

Assim, como poderia condenar Daemon à morte se fora o seu fracasso na proteção da criança que contribuíra para formar o homem? Entretanto, como fazer diferente quando a vida de Jaenelle estava em risco?

Saetan voltou a guardar o sangue-de-feiticeira desidratado e trancou a porta do armário.

Em muitos momentos de sua extensa vida tinha sido obrigado a tomar decisões difíceis, decisões amargas. Seguiu o mesmo critério dessa vez.

Daemon tinha cedido as suas forças para ajudar Jaenelle quando ela precisou.

Não poderia pagar essa dívida com uma garrafa recheada de morte.

A honra o impedia.

Voltou ao Paço de Kaeleer, entregou a destilação a Jaenelle e repetiu as instruções várias vezes até se certificar de que ela tinha entendido perfeitamente.

3 / Terreille

Daemon estava sentado na ponta da cama, a mão direita aninhada no colo, a camisa colada ao corpo, encharcada de suor resultante de febre e dor.

Naquela manhã, tinha tentado extrair o veneno do dente de serpente — que engrossara mais rápido do que o previsto —, mas a única coisa que conseguiu foi inflamar ainda mais a carne já dolorida. Ao longo do dia, conseguira resistir e, logo após o jantar, pediu para ser dispensado,

alegando não se sentir bem, o que era verdade. Como Philip tinha ido jantar em algum lugar e ainda não voltara e Robert estava ocupado com os seus habituais afazeres noturnos, Alexandra e Leland foram compreensivas o suficiente para não fazer exigências adicionais a Daemon.

Agora, à medida que a meia-noite se aproximava e que a dor era uma linha aguda e fina que percorria o dedo, subindo até o cotovelo e escalando devagar em direção ao ombro, Daemon imaginou vagamente o que Leland e Alexandra fariam quando o encontrassem. Poderia perder o dedo ou a mão, talvez até mesmo o braço. Se pudesse escolher, preferiria morrer de dor. Seria melhor do que o que Dorothea lhe infligiria após tomar conhecimento do dente de serpente, especialmente porque duvidava que ele fosse capaz de se proteger.

A porta do quarto se abriu e se fechou.

Jaenelle estava diante dele, solene e serena.

— Deixe-me ver a sua mão — disse, estendendo a dela.

Daemon balançou a cabeça e fechou os olhos.

Jaenelle tocou seu ombro. Seus dedos seguiram infalivelmente a linha de dor do ombro até o cotovelo, do cotovelo ao pulso, do pulso ao dedo.

Daemon abriu os olhos devagar. Jaenelle segurou a sua mão, mas Daemon não a sentia, não tinha qualquer sensação no braço. Tentou falar, mas foi silenciado pelo olhar sombrio que Jaenelle lhe dirigiu. Posicionando a pequena taça que ele utilizava para extrair o veneno do dente de serpente embaixo de sua mão, Jaenelle deu pequenas pancadas no dedo, da articulação até a ponta da unha. Ele não sentiu qualquer dor, somente uma pressão crescente na ponta do dedo.

Então, um som fraco, como se um grão de sal tivesse caído na taça. Depois outro, e outro mais, e mais um, antes de Jaenelle espremer do dente um fio fino e contínuo de veneno espesso.

— Posso recitar a lição que aprendi hoje? — perguntou Jaenelle baixinho enquanto batia no dedo. — Vai me ajudar a lembrar.

— Se quiser — respondeu Daemon, devagar.

Era difícil raciocinar, manter a concentração, enquanto olhava espantado para a pequena espiral de veneno no fundo da taça, para os pequenos grãos cristalizados que tanta dor haviam provocado.

Quando Jaenelle começou a falar, a cabeça de Daemon desanuviou o suficiente para que pudesse ouvir e compreender. Ela falou sobre o dente de serpente e sobre o veneno, sobre como uma Viúva Negra usa quatro gotas do próprio veneno misturadas com uma bebida quente para repor o equilíbrio do veneno de que o corpo necessita após a extração, sobre os perigos de deixar que o veneno engrossasse e assim por diante. Durante o tempo que levou extraíndo totalmente o veneno do dente, tinha lhe ensinado mais do que ele mesmo conseguira reunir em séculos de esforços. O fato de as palavras de Jaenelle contrariarem grande parte do que tinha aprendido não o surpreendeu. Dorothea e a sua assembleia haviam se esforçado para educar suas Irmãs em outros Territórios, uma educação a que elas não faziam justiça. O que explicava por que tantas potenciais rivais morriam em agonia.

Por fim, terminou.

— Pronto — disse Jaenelle satisfeita. Afofou os travesseiros. — Agora você precisa deitar e descansar. — Fez cara feia ao olhar para a camisa dele.

Daemon sentiu a mente perdendo o foco. Jaenelle já tinha tirado metade da sua camisa quando ele percebeu o que estava acontecendo e fez um esforço desajeitado para ajudá-la. Segurando o tecido encharcado com a ponta dos dedos, ela torceu o nariz e fez a camisa desaparecer. Entrou

na banheiro com a taça, voltou com uma toalha, secou o corpo dele e o encostou nos travesseiros.

Daemon fechou os olhos. Sentia-se leve, tonto e vazio até a medula. Sentiu também um desejo intenso por veneno, tão violento que quase teria ficado agradecido se a dor voltasse.

Ouviu água correndo na banheiro e depois parando. Abriu os olhos e se deparou com Jaenelle junto à sua cama, segurando uma das canecas da Cozinha.

— Beba isto.

Daemon aceitou a caneca desajeitadamente com a mão esquerda e provou, obediente. Seu corpo vibrou. Bebeu, agradecido, aliviado ao perceber que o desejo intenso começava a sumir.

— O que é isto? — perguntou por fim.

— Uma destilação de venenos seguros para você.

— Onde...

— Beba. — Jaenelle precipitou-se de novo para a banheiro.

Ele terminou a bebida antes que ela voltasse. Jaenelle colocou a taça limpa na mesinha de cabeceira, pegou a caneca vazia e a fez desaparecer.

— Agora você precisa dormir. — Descalçou os sapatos dele e estendeu a mão em direção ao cinto.

— Consigo me despir sozinho — rosnou, envergonhado pelo tom áspero da voz, depois de tudo que ela havia feito para o ajudar.

Jaenelle recuou.

— Você ficou envergonhado.

Daemon examinou-a. Não estava sendo dissimulada.

— Eu não tiro a roupa na frente de jovens senhoritas.

Jaenelle olhou para ele de forma estranha e pensativa.

— Muito bem. O dente de serpente ainda não se retraiu para o invólucro, por isso tenha cuidado para que não fique preso. — Virou-se e dirigiu-se à porta.

Doía ouvi-la usando aquele tom de voz neutro e formal.

— Senhora — chamou ternamente. Quando ela chegou junto à cama, Daemon pegou sua mão e levou-a aos lábios num leve beijo. — Obrigado. Sempre que quiser recitar uma lição para ajudá-la a se lembrar, ficarei contente em ouvi-la.

Jaenelle sorriu. Ele adormeceu antes que ela saísse do quarto.

4 / Terreille

Surreal tentou mover os quadris para uma posição mais confortável, mas o braço que a envolvia apertou ainda mais e a mão no seu braço agarrou-a com uma força que machucava.

Philip Alexander tinha providenciado essa noite com ela de manhã bem cedo. Fora sua única ação previsível. Não houve jantar calmo, conversa, luzes apagadas, preliminares suaves antes que ele a cobrisse. Possuiu-a violentamente, sob o brilho intenso das luzes das velas, para que não houvesse qualquer ilusão sobre quem estava debaixo dele. Quando terminou, rolou de cima dela,

devorou o jantar já frio, bebeu quase todo o vinho e voltou a possuí-la. Agora olhava fixamente para o dossel sobre a cama, comprimindo os dedos no braço dolorido de Surreal.

Poderia tê-lo detido, Cinza contra Cinza. A Verde a tinha protegido um pouco, mas não o suficiente para evitar que ficasse machucada. A Cinza era a sua surpresa, e não pretendia utilizá-la a menos que fosse absolutamente necessário. Depois da segunda vez, não fez mais nada além de abraçá-la com firmeza, mas Surreal sentia a raiva dentro dele, observou as Joias brilhando enquanto absorviam a energia.

— Mataria aquele bastardo se pudesse — disse Philip entre dentes. — Age como se não estivesse acontecendo nada, enquanto ela...

— Quem? — Surreal tentou erguer a cabeça. — Quem é um bastardo? — Se tivesse *alguma* ideia do que o teria levado a agir daquela maneira, talvez conseguisse suportar o resto da noite.

— O “presente” que Dorothea SaDiablo enviou a Alexandra. Uma geleira é menos fria do que ele, e, apesar disso, Leland...

Surreal sentiu cheiro de sangue. Virou a cabeça apenas um pouco. Philip, em sua fúria, tinha mordido o lábio.

Já tinha adivinhado que a ligação de Philip com a corte de Angelline tinha mais a ver com a filha do que com a mãe. Não era isso que significava o quarto completamente às escuras, poder fingir que estava fazendo amor calmamente com Leland? Será que havia acasalamentos apressados quando Robert Benedict não estava, acasalamentos tão dominados pelo medo de serem descobertos que não ofereciam qualquer prazer? Agora Sadi estava lá e Leland podia ser fisicamente satisfeita por outro macho sob o olhar aprovador e alerta de Robert.

Surreal estremeceu, recordando-se vividamente de como era ser satisfeita pelo Sádico.

— Frio? — perguntou Philip, a voz agora um pouco mais dócil.

Surreal deixou que Philip puxasse a colcha e os cobrisse. Agora que sabia onde procurar, não seria difícil chegar a Sadi — se quisesse. No entanto, havia aquela feiticeira ruiva no Altar de Cassandra que o procurava, e ela estava em dívida com ele.

Surreal levantou-se, apoiando-se num cotovelo, lutando contra a mão de Philip que a prendia. Afastou os cabelos do rosto, deixando-os cair como uma longa cortina negra sobre os ombros e as costas.

— Philip, por que acha que Sadi está servindo a Senhora Benedict?

— Ela o convoca publicamente ao seu quarto para que toda a família e a maior parte dos criados saibam que ele está com ela — rosou Philip. A raiva fazia com que seus olhos cinzentos parecessem fixos e frios. — E durante o café da manhã, põe-se a tagarelar sobre como ele a entreteve.

— Ela diz mesmo que ele a entreteve? — Surreal atirou-se para trás, rindo. Maldição. Leland era mais esperta do que pensava.

Philip atirou-se a ela, prendendo-a à cama.

— Acha engraçado? — vociferou. — Acha que é divertido?

— Ah, meu doce — disse Surreal, contendo o riso. — Por tudo que sei sobre Sadi, ele pode ser *muito* interessante fora da cama, mas raramente o é *na* cama.

O aperto de Philip afrouxou um pouco. Ele franziu a testa, intrigado.

— Ela não é a primeira, sabe — disse Surreal, com um sorriso.

— A primeira o quê?

— A primeira mulher a chamar atenção de maneira tão ostensiva sobre um escravo do prazer.

Abafou o riso. Philip ainda não tinha entendido.

— Por quê...

— Para que as pessoas passem a achar essa situação normal e as criadas parem de fofocar sobre a roupa de cama amassada, já que isso não é mais nenhuma novidade. Aí o escravo pode ser dispensado discretamente e o amante da senhora pode passar algumas horas com ela, sem pressa, sem levantar suspeitas. — Surreal olhou-o nos olhos. — E a Senhora Benedict tem um amante, não tem?

Philip olhou-a fixamente durante alguns momentos. Começou a desenhar um sorriso, mas retraiu-se ao repuxar o lábio cortado.

Surreal empurrou-o de maneira brincalhona, rolou para fora da cama e seguiu descontraidamente até o banheiro. Acendeu a luz e observou o seu reflexo. Tinha contusões nos braços e ombros, infligidas pelas mãos de Philip, e machucados no pescoço, provocados pelos dentes do homem. Estremeceu devido à dor entre as pernas. Deje não poderia contar com os seus serviços por alguns dias.

Quando voltou ao quarto, Philip tinha arrumado a cama e estava deitado de costas, com as mãos sob a cabeça. A Joia Cinza brilhou suavemente quando afastou o cobertor para deixá-la entrar na cama. Examinou as nódoas negras, acariciando-as delicadamente com os dedos.

— Machuquei você. Desculpa.

— Ossos do ofício — retorqui Surreal, com uma doçura venenosa. Philip merecia uma pequena faca espetada nas costelas.

Philip trouxe a cabeça de Surreal para o seu ombro e voltou a puxar os cobertores. Surreal sabia que ele estava tentando encontrar uma forma de voltar a um terreno familiar, de desfazer a dor que tinha causado. Deixou que o silêncio se prolongasse quase até o intolerável, sem fazer qualquer esforço para ajudá-lo. Era prostituta, pois sabia ser essa a maneira mais fácil de se aproximar dos machos, aprender os seus hábitos e matá-los. Uma vez que Philip estava presente em apenas um dos seus dois cadernos, não sendo provável que viesse a constar do outro, não se importaria se ele nunca mais voltasse.

Sadi era um problema diferente. Precisava pensar num jeito de encontrá-lo sem levantar suspeitas. No entanto, poderia pensar nisso depois de dormir um pouco.

— Você não comeu nada — disse Philip baixinho.

Surreal deixou o coração bater algumas vezes antes de aceitar a oferta de paz.

— Verdade, e estou morrendo de fome.

Enviou um pedido à cozinha: duas boas costelas com tudo a que tinha direito e mais uma garrafa de vinho. A pesada conta que Deje lhe apresentaria o deixaria desconcertado, mas, ao mesmo tempo, iria aliviá-lo de um pouco da culpa por tê-la machucado.

— Eu não me preocuparia com Sadi — disse Surreal ao sair da cama e enrolar um roupão em volta do elegante corpo. — Se bem que — como era agradável ver aquele brilhoso imediato de preocupação nos olhos de Philip — uma amante que peça a sua descrição e participação silenciosa faria bem em compreender que Sadi lembra os favores da mesma maneira que lembra as desconsiderações.

Sorriu ao ouvir tocar o obelisco e as duas refeições surgiram em cima da mesa. *Deixe que rumine sobre o assunto*, pensou, ao cortar a costela.

5 / Terreille

Daemon deslizou para a sala do café da manhã, mas parou na soleira ao ver Leland e Philip concentrados em uma conversa tranquila. As costas de Philip estavam voltadas para a porta, e, conforme falava, sua mão movia-se suavemente para cima e para baixo ao longo do braço de Leland. Os olhos dela, enquanto o ouvia, estavam iluminados pelo fogo de uma mulher apaixonada.

Ela vestia os trajes de equitação, os cabelos presos para trás de forma simples e apropriada. Sim, por baixo roupas espalhafatosas que usava diante das senhoras da sociedade batia o coração de uma feiticeira.

Ao sorrir de algo que Philip dizia, Leland olhou por cima do ombro dele e viu Daemon. Seus olhos gelaram. Afastando-se de Philip, foi até a mesa do bufê e começou a se servir.

O olhar de Philip endureceu ao reparar em Daemon, mas ele conseguiu produzir um sorriso e uma saudação respeitosa.

Ora, ora, ora, pensou Daemon ao servir-se também. Havia algo no ar. Deveria montar com Leland naquela manhã, mas reparou que Philip também usava trajes de montaria.

Só quando o café da manhã terminou e Leland já tinha saído para o estábulo é que Philip falou diretamente com Daemon. Parecia um anfitrião educado que se dirigia a um hóspede não muito bem-vindo.

— Não há razão para sair, a menos que assim o deseje, é claro. Como eu tinha planejado montar esta manhã, a Senhora Benedict não precisa de outro acompanhante.

Nem de um alcoviteiro, Daemon pensou enquanto bebericava o café. De um dia para o outro a atitude de Philip tinha se alterado, passando de seca e ciumenta para esse esforço de boa educação. Por quê? Não importava. Sabia perfeitamente o que fazer com uma manhã livre — e seria realmente livre com Leland e Philip fora de casa. Alexandra estava visitando uma amiga e só voltaria depois de almoço, e Robert, sempre muito ocupado com os “negócios”, passava o mínimo de tempo possível na propriedade.

Na verdade, à medida que aquele delicioso odor negro se infiltrava novamente nas paredes da mansão dos Angelline, Robert parecia cada vez mais desconfortável em permanecer ali. Chegara ao ponto em que Daemon sempre sabia quando Robert tinha voltado, ainda que não o tivesse visto, pois no saguão de entrada e nas escadas que levavam aos aposentos da família pairava sempre o ligeiro fedor do medo.

Daemon voltou a se servir de café e deu de ombros em resposta à sugestão de Philip.

— Não me importo de não montar esta manhã — disse com o seu tom de voz entediado. — Você provavelmente é um cavaleiro mais entusiasmado, portanto uma companhia mais adequada.

Os olhos de Philip se estreitaram, mas não havia nada na voz entediada e suave de Daemon que sugerisse um duplo sentido.

Daemon sorriu e alcançou outra torrada.

— É melhor não fazer a senhora esperar, Príncipe Alexander.

À porta, Philip hesitou. Daemon passava manteiga na torrada com movimentos lentos e

sensuais, ciente de que Philip o observava e imaginava inquieto algo diferente de uma torrada sob a sua mão. Ora, se Philip realmente acreditava que uma mulher como Leland poderia fazer palpar o coração de um Senhor da Guerra de Joia Negra, merecia sentir-se aterrorizado pela própria tolice.

Assim que Philip saiu, Daemon foi até o quarto e trocou rapidamente de roupa. Wilhelmina estava em aula com Graff; a Cozinheira, na cozinha, bebendo uma xícara de chá e cuidando do cardápio do almoço, e os criados andavam atarefados de um lado para outro, ocupados com suas tarefas. Só restava uma pessoa.

Daemon assobiava uma melodia alegre enquanto seguia até o caramanchão privado a fim de passar uma manhã agradável com a sua Senhora.

Tinha vasculhado os jardins, a casa, entrado e saído do estábulo, verificado a biblioteca de Arte, e agora estava na ala das crianças, frustrado e preocupado. Não conseguia encontrá-la. Tinha até verificado o quarto de Jaenelle, batendo levemente à porta para o caso de ela estar descansando ou querendo alguma privacidade. Como não houve resposta, esgueirara-se para dentro do quarto e dera uma rápida olhada.

Daemon mordeu o lábio inferior ao ouvir Graff dando uma bronca em Wilhelmina. Tinha se perguntado por que aquela mulher severa e não exatamente bem instruída ensinava Arte a uma jovem feiticeira de uma família tão poderosa, até saber que fora contratada por Robert Benedict. Uma vez que Wilhelmina não tinha parentesco direto com Leland e Alexandra, a preferência de Robert prevalecera sobre as objeções das duas. Daemon admitiu que Graff era uma boa escolha se a intenção fosse destroçar as sensibildades de uma menina quanto ao que era e ao poder que continha, de tal maneira que nunca viria a sentir qualquer alegria na Arte ou em si mesmo. Sim, Graff fora uma escolha excelente para esmagar o ego de uma menina e torná-la sensível a uma brutalidade mais íntima quando fosse um pouco mais velha.

Daemon aproximou-se da sala de aulas para verificar se Jaenelle estaria ali e ouviu Graff berrando:

— Esta manhã você está imprestável. Completamente imprestável. Chama isso de Arte? Vá. A aula acabou. Vá fazer alguma coisa útil. *Algo* que você consiga. VÁ!

Wilhelmina saiu correndo porta afora, esbarrando em Daemon, que a segurou pelos ombros. Ela sorriu debilmente em agradecimento.

— Então está livre — disse Daemon sorrindo também. — Onde está...

— Ah, que bom que você está aqui — disse Wilhelmina, a voz alta e com um tom autoritário.

— Me ajude a praticar o meu dueto. — Dirigiu-se à sala de música.

— Primeiro diga-me onde...

Wilhelmina recuou e deu um pisão forte no pé de Daemon. Ele grunhiu de dor, mas não disse nada, pois agora Graff estava de pé junto à porta, observando-os com atenção.

Wilhelmina deu um passo para o lado.

— Ah, desculpe-me. Machucou? — Sem aguardar a resposta, arrastou-o para a sala de música.

— Venha, quero praticar.

Ao chegarem à sala de música, Wilhelmina sentou ao piano e começou a procurar a partitura do dueto que estava aprendendo.

— Você pode tocar a parte grave — disse colocando as mãos nas teclas.

Daemon cambaleou até o banco e sentou-se.

— Senhorita Wil...

Wilhelmina começou a tocar, abafando a voz de Daemon. Continuou durante alguns compassos e, em seguida, virou-se para ele, num tom acusatório:

— Você não está tocando.

Tinha sido uma imitação tão perfeita da voz de repreensão de Graff que os lábios de Daemon se crisparam para produzir um rosnado enquanto se virava para encará-la, mas, ao olhar para ela, viu que o seu rosto suplicava por compreensão e que seus olhos estavam vidrados de medo. Rangendo os dentes, colocou as mãos nas teclas.

— Um, dois, três, quatro. — Começaram a tocar.

Ela estava bastante assustada e tinha algo a ver com ele. Enquanto avançavam tropeçadamente pelo dueto, reparou que Graff estava à porta da sala de música, ouvindo, observando, espiando. Terminaram o dueto e voltaram ao início. Quanto mais tocavam e quanto mais Graff os observava, mais Wilhelmina deturpava a música, até que Daemon começou a se questionar se estavam tocando a mesma composição. Sem dúvida a partitura que estava lendo não tinha nada a ver com o que estava ouvindo, e ele estremecia ao ouvir os sons que eram produzidos.

Quando Wilhelmina recomeçou o dueto, obstinadamente, pela terceira vez, Graff retirou-se com uma careta e Daemon sentiu uma inveja amarga da habilidade de Graff para ir embora. Porém, assim que ela saiu, Wilhelmina começou a tocar mais suave e calmamente.

— Jamais pergunte por Jaenelle — disse, tão baixinho que Daemon teve de se inclinar para ouvi-la. — Se não a encontrar, não deve perguntar a ninguém por ela.

— Por quê?

Wilhelmina olhou fixamente em frente. Seu pescoço agitava-se convulsivamente, como se estivesse engasgando com as palavras.

— Porque, se descobrirem, ela pode ter problemas, e eu não quero que ela tenha problemas. Não quero que volte para Briarwood. — Parou de tocar e virou-se para ele, os olhos cheios de lágrimas. — Você quer?

Daemon afastou os cabelos do rosto da menina e acariciou levemente a sua face.

— Não, não quero que volte para lá. Wilhelmina... Onde ela está?

Wilhelmina recomeçou a tocar, mas baixinho.

— Ela agora tem aulas de manhã. Às vezes sai para ver amigos.

Daemon franziu a testa, intrigado.

— Se está tendo aulas, com certeza o seu pai ou Alexandra ou Leland...

— Não.

— Mas uma criada deve acompanhá-la e...

— Não.

Ao ponderar a questão, os punhos de Daemon cerraram-se devagar.

— Ela vai sozinha? — disse por fim, mantendo a voz cuidadosamente neutra.

— Sim.

— E a sua família não sabe de nada?

— Não, não podem saber.

— E você não sabe aonde ela vai ou quem lhe dá essas aulas?

— Não.

— Mas se a sua família descobrisse sobre as aulas ou quem a está ensinando, poderiam levá-la de novo para o hospital?

O queixo de Wilhelmina tremeu.

— Sim.

— Compreendo.

Ah, sim, compreendia. Cuidado com o Sacerdote. Ela pertence ao Sacerdote. Tinha sido negligente ao se esquecer de um rival tão formidável. Mas ela tinha uma maneira inocente de deslumbrar um homem. Esquecera-se do Sacerdote. Estaria com ele nesse momento? O que Saetan, um dos mortos-vivos, poderia oferecer que fosse preferível ao que ele, um homem vivo, poderia lhe oferecer? No entanto, ela ainda não estava preparada para o que um homem podia oferecer. Tentaria Saetan mantê-la longe dele? Se a família de Jaenelle algum dia descobrisse sobre o Senhor Supremo...

Havia divergências demais nessa família, segredos demais. Alexandra lutava para se equilibrar no gume de uma faca política, tentando manter o domínio sobre Chaillot ao mesmo tempo que a posição de Robert no conselho dos machos que se opunha constantemente a ela enfraquecia a confiança que as outras Rainhas de Chaillot lhe dedicavam. A rivalidade entre Robert e Philip era um segredo às claras entre a aristocracia dos Sangue em Beldon Mor e a inaptidão de Alexandra para governar a própria família estava levantando dúvidas sobre a sua capacidade de governar o Território. Além disso, havia o constrangimento social de ter uma neta que desde os cinco anos volta e meia era internada num hospital para crianças com distúrbios emocionais.

Isso para não falar que essa mesma criança admitia que o Senhor Supremo do Inferno, o Príncipe das Trevas, o Príncipe dos Senhores da Guerra mais poderoso e mais perigoso da história dos Sangue, estava lhe ensinando a Arte.

Ainda que eles pensassem que era só mais uma história, a trancariam de vez para que não a contasse a alguém que lhe desse atenção. E se, pelo contrário, acreditassem nela, o que poderiam fazer para que perdesse o interesse pelo Senhor Supremo, mantendo-se seguros? E Daemon tinha certeza de que aconteciam coisas em Beldon Mor que Saetan não estava disposto a deixar passar ou a perdoar.

Daemon levantou os olhos e suspirou de alívio.

Jaenelle estava à porta, vestida em seus trajes de equitação. O cabelo louro estava trançado e ela usava um chapéu inclinado sobre a orelha.

— Vou montar. Quer vir?

— Ah, claro! — exclamou Wilhelmina alegremente. — Já terminei o ensaio.

Ao ver Wilhelmina correndo para fora da sala, Daemon sentiu um gosto amargo na boca. As cinzas de um sonho. No fim das contas, era o Prostituto de Hayll, um escravo do prazer, um divertimento para as senhoras de qualquer idade, um passatempo. Fechou a partitura e fingiu endireitar a pilha de folhas. Por que esperaria que Jaenelle sentisse algo por ele? Por que se sentia magoado como uma criança que não foi chamada para brincar?

Daemon virou-se. Jaenelle estava junto ao piano, a examiná-lo, um olhar intrigado enrugando sua testa.

— Não monta a cavalo, Príncipe?

— Sim, monto.

— Ah. — Ela ponderou a questão. — Não quer vir?

Daemon piscou. Fitou os olhos azul-safira de Jaenelle, límpidos e belos. Não passara em

nenhum momento pela cabeça dela excluí-lo. Daemon sorriu, puxando de forma descontraída a trança de Janelle.

— Sim, gostaria muito.

Voltou a examiná-lo.

— Não tem outras roupas?

Daemon engasgou.

— Perdão?

— Está sempre vestido desse jeito.

Daemon olhou para o terno preto perfeitamente cortado e para a camisa de seda branca, surpreso.

— O que tem de errado no jeito como me visto?

— Nada. Mas se usar essa roupa, vai ficar todo amarrotado.

Daemon começou a tossir e bateu no peito para conseguir engolir o riso.

— Tenho algumas roupas de equitação — arquejou.

— Ah, ótimo. — Os olhos de Jaenelle cintilaram, animados.

Diabinha. Sabe por que me engasguei, não é? Criaturazinha impiedosa, escarnecendo da vaidade de um homem.

Jaenelle saltitou para a porta.

— Anda logo, Príncipe. Encontramos você no estábulo.

— O meu nome é Daemon — resmungou suavemente.

Jaenelle girou sobre os calcanhares, fez uma reverência insolente e riu antes de apressar-se pelo corredor.

Daemon dirigiu-se ao quarto tão depressa quanto permitiam os seus dedos dos pés, ainda doloridos. Chamava-se Daemon e não Príncipe, resmungou para si mesmo enquanto trocava de roupa. Quando o chamava de Príncipe, parecia que estava chamando um maldito cão, ainda que estivesse seguindo as regras do Protocolo. Não seria errado se o tratasse pelo nome, mas não fazia isso porque ele era mais velho.

Daemon parou de calçar as botas por um momento. Começou a rir. Se *ele* era mais velho, o que ela pensava do Sacerdote?

Quando Daemon chegou ao estábulo, encontrou dois pôneis selados, bem como uma égua cinza e o Dançarino Negro. Sem saber que cavalo montaria, aproximou-se de Andrew. O cavaliarço deu um sorriso vacilante para Daemon antes de se baixar e voltar a verificar a sela do Dançarino.

— Tenha cuidado — disse Andrew baixinho. — Hoje ele está agitado.

— Comparado a quê? — perguntou Daemon friamente.

Andrew encolheu os ombros.

Os olhos de Daemon se estreitaram.

— Há algum motivo para esta agitação?

Os ombros encolheram-se um pouco mais.

Sentindo a tensão percorrendo o pátio, Daemon olhou em volta.

Jaenelle conversava calmamente com um dos pôneis. Wilhelmina estava por perto, aguardando que alguém a ajudasse a montar. Suas bochechas estavam coradas devido ao ar frio

de outono e à excitação de cavalgar, mas ela continuava a olhar de relance na direção de Daemon recusando-se a lhe pedir ajuda.

— Mãe Noite — murmurou ele entre dentes, dirigindo-se a Wilhelmina para ajudá-la.

Em seguida, Daemon virou-se para auxiliar Jaenelle, mas ela já estava no seu pônei, sorrindo abertamente para ele.

— É melhor irmos — disse Andrew nervosamente.

Quando Daemon se voltou para ele a fim de responder, olhou de relance para o pátio. Todos os cavaleiros estavam completamente imóveis, observando-o. Todos sabem, pensou ao montar o Dançarino Negro. Era o precioso segredo de todos eles.

Guinness saiu do escritório e dirigiu-se a eles com a cabeça baixa e os ombros curvados, como se estivesse caminhando contra uma forte ventania. Ao chegar mais perto, mordeu as bochechas durante um minuto, pigarreou algumas vezes e levantou os olhos sem olhar diretamente para ninguém. Voltou a pigarrear.

— Já faz algum tempo que as senhoras não saem, por isso quero que deem um passeio calmo e agradável. Nada de cavalgar por terrenos acidentados, nada daqueles grandes saltos. Nada mais que meio-galope. E o Da... Dançarino Negro ali também não tem saído muito — olhou com um ar culpado para Daemon —, por isso não permitam que ele faça o que quiser senão vai acabar se machucando. Entendido?

— Entendemos, Guinness — disse Jaenelle calmamente. Sua voz parecia séria, mas seus lábios estremeciam e seus olhos cintilavam.

— A Senhora Benedict e o Príncipe Alexander ainda estão cavalgando, por isso prestem atenção, ouviram? — Guinness mordeu a bochecha. Acenou com uma das mãos e disse bruscamente:

— Agora podem ir.

As moças tomaram a dianteira, conduzindo os pôneis com tranquilidade pelo pátio e ao longo do caminho, enquanto Daemon e Andrew seguiam atrás.

— Não me lembro do Guinness chamando este cavalo pelo nome antes — disse Daemon.

Andrew encolheu os ombros e sorriu.

— A Senhorita Jaenelle não gosta quando o chamamos de Demon. Diz que ele fica triste.

— Sabe, Andrew — disse Daemon com uma voz calma e suave —, se este cavalo quebrar o pescoço dela, eu quebro o seu.

Andrew soltou um riso abafado. Daemon levantou uma sobrancelha.

— Espere só até vê-los juntos. Vale a pena ver — disse Andrew. — Quando chegarmos à árvore, pode ficar com a égua. Acho que o pônei não conseguirá aguentá-lo.

— Muito atencioso da sua parte — disse Daemon secamente.

Mantiveram o passo lento até a árvore. Quando Andrew e Daemon chegaram, Jaenelle já tinha desmontado e os aguardava. O coração de Daemon começou a bater descompassado diante do olhar afável e cintilante de Jaenelle, para logo se sentir esmagado por uma mão com garras ao perceber que não era dirigido a ele.

O garanhão relinchou baixinho e impeliu a cabeça para a frente.

— Olá, Dançarino — disse Jaenelle, cuja voz era uma carícia meiga e sensual.

Doces Trevas, daria a sua alma se a voz de Jaenelle soasse daquele jeito quando falava com ele, pensou Daemon ao desmontar. Ajustou os estribos para ela.

— Precisa de ajuda para montar?

Andrew balançou a cabeça, como se a pergunta fosse completamente despropositada. Talvez fosse. Daemon tinha a sensação de que Jaenelle não precisava de ajuda, mas o que não admitiria a ninguém era que queria — precisava — tocá-la de maneira inocente, mesmo que fosse apenas para sentir nas suas mãos em concha o pequeno pé dentro da bota.

Os olhos de Jaenelle encontraram os seus e sustentaram o olhar. Ele caiu naquelas piscinas cor de safira e soube que ela tinha visto o que ele não queria admitir.

— Obrigada... Daemon. — A voz de Jaenelle era uma carícia leve, como uma pena que descia pelas costas de Daemon, incendiando-o e apacando-o.

Um pouco zozinho, Daemon pôs as mãos em concha e se curvou. Por um brevíssimo instante, Jaenelle colocou o pé nas suas mãos. Depois, ergueu-o ligeiramente e impulsionou-se para a sela.

Daemon ficou olhando espantado para as mãos vazias, endireitando-se devagar. Os olhos que o fitavam tinham um ar divertido, mas não eram os de uma criança.

— Vamos? — perguntou Jaenelle serenamente.

Enquanto Daemon montava a égua, Jaenelle fez o chapéu desaparecer e desfez a trança, deixando que os cabelos flutuassem como uma onda dourada. Partiram em direção ao campo, Jaenelle cavalcando à frente, sua voz sussurrante fluindo na brisa.

Aliviado por não avistar Philip e Leland no campo, Daemon levou algum tempo até perceber que o Dançarino Negro trotava bem distante deles, passando a um galope veloz.

— Estão indo na direção do fosso! — No momento em que Daemon começava a instigar a égua para cortar caminho pelo campo e interceptar o garanhão, Andrew agarrou-o pelo braço.

— Veja — disse Andrew.

Daemon cerrou os dentes e manteve a égua parada.

O Dançarino Negro estava alcançando rapidamente o fosso, sua cauda negra e os cabelos dourados de Jaenelle esvoaçando atrás deles como bandeiras de glória. Quando estavam próximos da vala, reduziu a velocidade e fez uma curva pronunciada e tranquila de volta ao centro do campo onde estavam os pequenos obstáculos. Saltou-os como se fossem paredes de tijolo, elevando-se e exibindo-se, e, ao trotar em direção a eles, Daemon pôde ouvir o riso prateado e aveludado de deleite produzido por Jaenelle.

Jaenelle virou o garanhão para circundar novamente o campo. Daemon instigou a égua e eles começaram a andar num passo calmo, lado a lado, seguidos por Wilhelmina e Andrew.

Quando completaram um círculo, Jaenelle fez o Dançarino seguir a passo lento.

— Não é maravilhoso? — Afagou o pescoço suado do animal.

— Estava um pouco mais ambicioso quando o montei — disse Daemon secamente.

Jaenelle franziu a testa.

— Ambicioso?

— Ahã. Queria me ensinar a voar.

Jaenelle riu. O som vibrou no sangue de Daemon. Em seguida, ela se voltou para ele. Sob aquela boa disposição, seu olhar estava perturbado e triste.

— Talvez gostasse mais de você se falasse com ele. E ouvisse.

Daemon queria dizer algo leve e animado para afastar aquela expressão dos olhos de Jaenelle, mas algo na maneira como o garanhão estremeceu repentinamente as orelhas, parecendo escutá-los, instigou seus nervos.

— As pessoas falam com ele o tempo todo. Provavelmente sabe mais segredos dos cavaleiros do que qualquer outro ser vivo.

— Sim, mas não o ouvem, não é?

Daemon manteve-se sereno, tentando estabilizar a respiração.

— Ele é Sangue, Daemon, ainda que pouco. Não o suficiente para ser aparentado, mas bastante para ser... — Fez um pequeno gesto com a mão que abarcava a égua e os pôneis.

Daemon umedeceu os lábios, mas a boca estava seca. Lembrou-se da história da Cozinheira sobre os cães.

— O que quer dizer com aparentado?

— Sangue, mas de um jeito diferente. Sangue, mas não humano. Aparentado é... parecido, mas diferente.

Daemon olhou para cima. Nuvens fofas deslizavam no céu profundamente azul de outono e o sol brilhava com seus últimos raios de calor. Não, o clima não tinha mudado. Não era isso que lhe causava arrepios.

— É híbrido — disse por fim, relutante em admitir a verdade. — Metade Sangue, metade plebeu, para sempre preso entre esses dois mundos.

— Sim.

— Mas você consegue entendê-lo, falar com ele?

— Consigo ouvi-lo — Jaenelle fez o Dançarino trotar.

Daemon não deixou que a égua os seguisse e ficou observando a moça e o cavalo dando a volta no campo.

— Maldição.

Doía. O Dançarino Negro era um Irmão, e saber disso era mais doloroso do que ter conhecimento dos mestiços humanos que Daemon vira ao longo dos anos e que eram fortes demais, determinados demais, machucados demais por uma necessidade irresponsável de se adequar à vida de um povoado plebeu e que, apesar disso, estavam do outro lado da grande ravina psíquica junto com os elementos mais fracos dos Sangue que não eram suficientemente fortes para atravessar. No entanto, os humanos podiam conversar uns com os outros. Quem este Irmão quadrúpede tinha? Não admirava que fosse tão cuidadoso com Jaenelle.

De súbito, Jaenelle e o Dançarino precipitaram-se em direção a Andrew enquanto este saltava do pônei e ajustava freneticamente os estribos. Daemon bateu na égua com os calcanhares e galopou para se juntar a eles.

— Andrew...

— Depressa! Baixe os estribos do Dançarino!

Daemon largou as rédeas da égua e correu para o garanhão.

— Calma, Dançarino — disse, afagando o pescoço do cavalo antes de baixar os estribos.

— Senhorita Jaenelle. — Andrew pegou-a pela cintura e atirou-a em cima do pônei. Girou sobre os calcanhares, os olhos a perscrutarem o terreno. — O seu chapéu. Maldição, o seu chapéu.

— Aqui está. — Jaenelle segurou o chapéu e o pôs na cabeça. O cabelo caía pelas costas, emaranhado por causa da montaria.

Wilhelmina olhou de relance para Jaenelle, completamente pálida.

— Graff vai ficar louca quando vir o seu cabelo.

— Graff é uma vagabunda — vociferou Jaenelle, com os olhos fixos numa trilha que fazia uma curva no meio de algumas árvores.

Os pôneis devem ser fêmeas, pensou Daemon ao ajustar os estribos. Todos os machos tinham

se retraído ao som daquela voz lancinante.

— Está bom assim — disse Andrew, deslizando por baixo do pescoço do Dançarino. — Fique na égua. Não há mais tempo. — Montou, segurou as rédeas e começou a andar. O garanhão estava furioso e o demonstrava, mas continuou indo em direção à trilha. Wilhelmina seguia atrás de Andrew, tentando acalmar o pônei nervoso, acabando por perturbá-lo ainda mais.

Daemon montou e avançou, mas logo se deteve. Jaenelle estava completamente petrificada, os olhos pregados na curva do caminho. Dor e raiva enchiam aqueles olhos, uma mágoa tão profunda que Daemon sabia não possuir a magia para ajudá-la. Sob as feições de criança havia um rosto antigo que o queimava, enregelava, que envolvia seu coração em correntes de seda.

Piscou para afastar as lágrimas e ali estava a Senhorita Jaenelle com seu rosto infantil e seus olhos azul-celestes, não muito inteligentes. Sorriu para ele como uma menininha e começou a trotar no preciso momento em que Philip e Leland dobraram a curva e pararam.

Do outro lado do campo, Philip olhou primeiro para Daemon e em seguida para Jaenelle. Não disse nada quando alcançaram o grupo, mas manobrou o cavalo para que Jaenelle cavalgasse a seu lado durante todo o caminho de volta ao estábulo.

Daemon prendeu a abotoadura de rubi na camisa e pegou o paletó. Não tivera um momento para si mesmo desde que deixara o estábulo pela manhã. Primeiro, Leland tinha precisado de um acompanhante para uma prolongada ida às compras em que não chegou a adquirir nada, depois Alexandra decidiu visitar uma galeria de arte e, por fim, Philip tinha insistido que precisavam conferir cada convite enfadonho recebido relativo a funções sociais às quais Daemon poderia ter de acompanhar Leland ou Alexandra.

Essa manhã, alguma coisa no campo os tinha deixado nervosos, alguma coisa que rodopiara e estalara como a neblina e os relâmpagos. Queriam culpá-lo, queriam acreditar que tinha feito alguma coisa para transtornar as moças, queriam acreditar que o odor da violência reprimida era, na origem, masculino e não feminino. Mais do que isso, queriam acreditar que não eram a causa, e isso só seria possível se Daemon fosse a origem.

As senhoras gostam de parecer misteriosas.

Mas não a Senhora Jaenelle Benedict. Ela não se esforçava para ser misteriosa, simplesmente era. Caminhava sob o sol do meio-dia envolta numa névoa de meia-noite que rodopiava à sua volta, ocultando, revelando, encantando, assustando. Sua honestidade tinha sido contida pelo castigo. Talvez fosse o melhor. Ela era boa na dissimulação, de alguma maneira sabia como a família reagiria se descobrisse algumas das verdades sobre ela, e, ainda assim, não conseguia ser suficientemente dissimulada porque se preocupava.

Quantas pessoas sabiam da sua existência? Daemon perguntou-se ao escovar o cabelo. Quantas pessoas a considerariam o seu segredo?

Todos os cavaleiros, assim como Guinness, sabiam que ela montava o Dançarino Negro.

Philip, Alexandra, Leland, Robert e Graff, porém, não sabiam.

A Cozinheira tinha ciência da sua capacidade de curar. Andrew também. Assim como uma jovem criada que tivera o lábio aberto por um lacaio mais velho ao recusar suas investidas amorosas. Daemon a vira naquela manhã com o lábio ainda jorrando sangue. Uma hora mais tarde ela passara por ele no corredor, com o lábio ligeiramente inchado mas não mais ferido, e uma expressão de espanto e medo nos olhos. Isso para não falar de um dos velhos jardineiros,

que agora dispunha de um unguento para os joelhos doloridos. E também ele mesmo, Daemon. Philip, Alexandra, Leland, Robert e Graff, porém, não sabiam.

Wilhelmina estava ciente de que a irmã desaparecia por horas a fio para visitar amigos e um mentor anônimos e do sangue-de-feiticeira que crescia no caramanchão.

Daemon sabia das suas perambulações noturnas e das leituras secretas dos textos de Arte antigos, sabia que havia algo terrível e belo sob o casulo da criança que, quando atingisse a maturidade e finalmente emergisse, já não poderia viver com estas pessoas.

Philip, Alexandra, Leland, Robert e Graff, porém, não sabiam. Viam uma criança que não conseguia aprender Arte básica, uma criança excêntrica, estranha e cheia de fantasias, uma criança disposta a proferir as verdades brutais que nunca seriam proferidas pelos adultos e das quais estes não queriam tomar conhecimento, uma criança que não conseguiam amar o suficiente para aceitar, uma criança que era como um alfinete escondido numa peça de roupa, ferindo constantemente a pele mas impossível de ser localizado.

Quantos outros fora de Chaillot saberiam o que ela era?

Não Philip, nem Alexandra, nem Leland, nem Robert, nem Graff. Não as pessoas que deveriam protegê-la, mantê-la segura. Era deles que Jaenelle não estava protegida. Eram eles que podiam magoá-la, interná-la, destruí-la. Eles, os que deveriam mantê-la em segurança, eram os seus inimigos.

E, logo, também os inimigos de Daemon.

Ele examinou o seu reflexo insensível uma última vez para se certificar de que não havia nada fora de lugar e, em seguida, juntou-se à família para jantar.

6 / Terreille

Leland sorria com um ar nervoso, olhando para o relógio na sala de estar bem iluminada. Em vez de cartas, havia sobre a mesa uma garrafa de vinho fresco e duas taças. A porta do quarto estava ligeiramente aberta, deixando escapar uma luz fraca.

O estômago de Daemon se contraiu e acolheu com prazer o frio familiar que começava a gelar suas veias.

— Solicitou a minha presença, Senhora Benedict?

O sorriso de Leland escapou.

— Hum... sim... bem... você parece cansado. Quer dizer, deixamos você tão ocupado nos últimos dias e, bem... talvez devesse se recolher para o seu quarto e desfrutar uma boa noite de sono. Sim. Parece realmente cansado. Por que não vai para o seu quarto? *Irá* para o seu quarto, não é? Quer dizer...

Daemon sorriu.

Leland olhou de relance para a porta do quarto e empalideceu.

— É que... Sinto-me um pouco indisposta esta noite. Não tenho vontade de jogar cartas.

— Nem eu. — Daemon pegou a garrafa de vinho e o abridor.

— Não precisa fazer isso.

Daemon estreitou os olhos, examinando-a.

Leland colocou-se precipitadamente atrás de uma cadeira.

Ele pousou a garrafa e o abridor e enfiou as mãos nos bolsos.

— Tem razão, Senhora. Estou realmente cansado. Com a sua amável permissão, vou me retirar agora.

Mas não para o quarto. Ainda não.

Leland sorriu debilmente, ainda atrás da cadeira.

Daemon saiu do quarto, desceu o corredor, fez uma curva e parou. Contou até dez e recuou dois passos.

Philip estava à porta de Leland, petrificado pelo surgimento de Daemon no final do corredor. Entreolharam-se durante oito batidas de coração até Daemon acenar com a cabeça num cumprimento cortês, desaparecendo de vista. Parou e escutou. Após uma longa pausa, a porta de Leland abriu-se silenciosamente, fechou-se e foi trancada.

Daemon sorriu. Então era esse o jogo deles. Era uma pena que não tivesse começado mais cedo. Teriam-no poupado daquelas horas intermináveis jogando cartas com Leland. Ainda assim, nunca se opusera a usar os conhecimentos que reunia sobre as pessoas que servia, e esta era justamente a margem de manobra silenciosa de que precisava para manter Philip fora do seu caminho. Ah, ele seria um magnífico parceiro silencioso no jogo deles. Sempre fora um parceiro magnífico, compreensivo e prestativo — a menos que alguém o enfurecesse. Nesse caso... Bem, não era à toa que era chamado de Sádico.

Sentiu-se extremamente envaidecido com o fato de ela não levantar os olhos quando ele entrou na biblioteca e trancou a porta. Estava sentada de pernas cruzadas no sofá, absorta no livro sobre o colo, a mão direita ajeitando os cabelos enquanto lia.

Daemon contornou os móveis, o sorriso mais caloroso a cada passo. Quando chegou ao sofá, fez uma reverência formal.

— Senhora Benedict.

— Angeline — respondeu Jaenelle, distraidamente.

Daemon não disse nada. Tinha descoberto que, ao manter a voz calma e neutra quando Jaenelle estava distraída com alguma coisa, ela geralmente falava sem ponderar as palavras, respondendo com uma honestidade simples e brutal que sempre o fazia sentir como se o chão estivesse se abrindo debaixo dos seus pés.

— A feiticeira segue a linhagem matriarcal — disse Jaenelle, virando uma página. — Além disso, tio Bobby não é o meu pai.

— Então quem é o seu pai?

— Philip. Mas ele não me reconhece. — Jaenelle virou outra página. — Também é o pai de Wilhelmina, mas estava numa teia de sonhos quando a fecundou, por isso não sabe.

Daemon sentou-se no sofá, tão perto que o braço de Jaenelle roçou nele.

— Como sabe que ele é o pai de Wilhelmina?

— Adria me disse. — Virou mais uma página.

— Quem é a Adria?

— A mãe de Wilhelmina. Foi ela que me disse.

Daemon pesou as palavras seguintes com muito cuidado.

— Achei que a mãe de Wilhelmina tinha morrido quando ela ainda era bebê.

— Sim, é verdade.

O que significava que Adria era uma demônia-morta.

— Era uma Viúva Negra, mas foi quebrada logo antes de concluir o treinamento — prosseguiu Jaenelle. — No entanto, já sabia tecer teias de sonhos e não queria que Bobby a fecundasse.

Daemon respirou fundo. Ao expirar, o ar saiu estremeado. Com um esforço, pôs de lado o que Jaenelle tinha acabado de lhe revelar. Não estava aqui para falar de Adria.

— Como foi a sua aula hoje de manhã?

Jaenelle ficou imóvel.

Daemon fechou os olhos por um momento. Tinha medo do que ela pudesse dizer se respondesse, mas tinha mais medo ainda do que poderia acontecer se não o fizesse. Se o afastasse agora...

— Foi tudo bem — disse, hesitante.

— Aprendeu alguma coisa interessante? — Daemon pousou o braço nas costas do sofá, tentando parecer descontraído e ocioso. Por dentro, sentia-se como se tivesse engolido pedaços de vidro. — Infelizmente, a minha educação foi irregular. Invejo você por ter um mentor tão erudito.

Jaenelle fechou o livro e olhou fixamente em frente.

Daemon engoliu com dificuldade, mas prosseguiu.

— Por que não recebe suas lições aqui? É mais comum que o tutor venha até os alunos, e não o contrário. — Não podia enganá-la e sabia disso.

— Ele não pode vir aqui — disse Jaenelle calmamente. — Não deve vir aqui. Não pode descobrir que... — Jaenelle cerrou os lábios.

— Por que não? — Não permita que pare de falar, não permita que pare de falar. Se ela o afastasse agora, poderia afastá-lo para sempre.

— A alma dele pertence à noite.

Daemon precisou reunir todo o seu autocontrole para permanecer sentado, descontraído e levemente interessado.

Jaenelle fez uma pausa.

— E acho que ele não aprovaria.

— Quer dizer que Philip não aprovaria que ele ensinasse você?

— Não. *Ele* não aprovaria Philip. — Balançou a cabeça. — Não aprovaria mesmo.

Nem eu, minha Senhora. Nem eu. Enquanto pensava sobre o pouco que sabia sobre Guardiões e sobre as histórias que ouvira ou lera sobre o Senhor Supremo do Inferno, reparou no movimento do pescoço de Jaenelle e sentiu um aperto no próprio pescoço. Guardiões. Os mortos-vivos. Bebiã...

— Ele não machuca você, machuca? — perguntou ríspidamente, arrependendo-se na mesma hora.

Jaenelle se virou para encará-lo, os olhos com um toque de raiva fria.

Daemon recuou de imediato, tentando encontrar uma forma de suavizar o que acabara de dizer.

— Quer dizer... repreende você se não aprende direito a lição? Como Graff?

A raiva abandonou os seus olhos, mas ela se manteve circunspecta.

— Não, não me repreende. — Mudou de posição, sentando-se sobre os calcanhares. — Bem, geralmente não. Só me repreendeu uma vez, mas foi porque eu os assustei. Na verdade foi culpa do Prothvar, porque pedi a ele para me ensinar e ele não me ensinou, só ficou rindo e dizendo que eu não conseguia, mas eu sabia que conseguia, por isso mostrei a ele, mas ele não sabia que eu conseguia e se assustou e todo mundo ficou zangado, e foi por isso que fui repreendida. Mas, na verdade, foi culpa do Prothvar. — Os olhos de Jaenelle suplicavam para que Daemon ficasse do seu lado.

Daemon sentiu-se desorientado com a explicação, agarrando-se à única coisa que conseguiu extrair.

— Quem é Prothvar?

— O neto de Andulvar.

Daemon estava ficando com dor de cabeça. Tinha passado noites demais em discussões acaloradas mas amigáveis com Lucivar sobre quem era o Príncipe dos Senhores da Guerra mais poderoso da história dos Sangue para não saber quem era Andulvar. Mãe Noite, pensou enquanto esfregava sub-repticiamente a têmpora dolorida, quantos mortos ela conheceria?

— Concordo — disse decididamente. — Acho que Prothvar estava errado.

Jaenelle piscou. Sorriu abertamente.

— Também acho. — Torceu o nariz. — Prothvar acha que não. Até hoje.

Daemon encolheu os ombros.

— É eyrieno. Os eyrienos são teimosos.

Jaenelle deu uma risadinha e aconchegou-se a Daemon, que, lentamente, baixou o braço até sua mão acariciar com delicadeza o ombro de Jaenelle. Suspirou, satisfeito.

Tinha de fazer as pazes com o Sacerdote. Não se afastaria, mas não queria ver Jaenelle no meio daquele tipo de rivalidade. De resto, o Senhor Supremo era apenas um rival, não um inimigo. E talvez Jaenelle precisasse dele.

— O seu mentor é chamado de Sacerdote, não é? — perguntou Daemon com uma voz letárgica e sedosa.

Jaenelle ficou tensa, mas não se afastou. Por fim assentiu com a cabeça.

— Quando estiver com ele de novo, pode enviar os meus cumprimentos?

A cabeça de Jaenelle ergueu-se com tamanha rapidez que os dentes de Daemon se fecharam com um estalido, quase ferindo a língua.

— Conhece o Sacerdote?

— Estivemos juntos por um breve período... há muito tempo — explicou Daemon enquanto emaranhava os dedos no cabelo de Jaenelle.

Jaenelle aninhou-se ainda mais, escondendo um enorme bocejo com as mãos.

— Vou me lembrar disso — prometeu, sonolenta.

Daemon beijou o topo da cabeça da menina, fez com que ficasse de pé, relutantemente, colocou o livro na prateleira e conduziu-a para fora da biblioteca. Indicou-lhe o caminho das escadas que a levariam para o quarto no andar de cima.

— Vá para a cama, e durma. — Esforçou-se para parecer severo, mas soou apenas ternamente exasperado.

— Às vezes, você se parece com ele — resmungou Jaenelle.

Subiu as escadas e desapareceu.

Daemon fechou os olhos. Mentiroso. Mentiroso educado na corte. Não queria atenuar uma rivalidade. Não fora por isso que tinha enviado a mensagem. Queria — *a posteriori* e somente por um minuto — forçar Saetan a reconhecer o filho.

Mas como responderia o Sacerdote, caso se desse o trabalho?

7 / Terreille

Greer estava de pé, diante das duas mulheres sentadas junto à lareira, as mãos atrás das costas. Era o servo de maior confiança da Sacerdotisa Suprema de Hayll, o seu assassino favorito, aquele que tratava dos detalhes indiscretos e confusos. Essa missão era uma fina recompensa pela sua lealdade.

— Entende o que precisa fazer?

Greer virou-se ligeiramente em direção àquela a quem chamavam Sacerdotisa das Trevas. Até essa noite, nunca tinha compreendido por que sua poderosa Sacerdotisa se sentia tão compelida a fazer concessões à “conselheira” misteriosa. Agora compreendia. À sua volta pairava o odor de cemitério, e a sua profunda malevolência o atemorizava e o excitava. Também estava ciente de que o “vinho” que ela bebia era proveniente de uma espécie diferente de vinhedo.

— Entendo e sinto-me honrado por ter me escolhido para a missão.

Embora Dorothea tivesse determinado quem executaria a missão, logo ficou evidente que a ordem foi dada por outra pessoa. Era algo de que se recordaria no futuro.

— Ele não ficará relutante por ser você a lhe explicar os termos do acordo? — inquiriu Dorothea, olhando de soslaio para o braço direito de Greer. — A aversão que lhe tem é forte.

Greer sorriu para Dorothea maliciosamente e centrou toda a sua atenção na Sacerdotisa das Trevas. Pois então. Nem mesmo a escolha da pessoa tinha sido feita pela Sacerdotisa Suprema de Hayll.

— Terá mais razões ainda para me escutar, sobretudo se eu não estiver muito contente em lhe oferecer condições tão generosas. Além disso, se decidir mentir sobre o que sabe, poderei detectá-lo muito melhor do que um dos embaixadores que — colocou a mão esquerda sobre o peito como expressão da sua sinceridade —, embora mais qualificados para as missões de praxe, mostram-se lamentavelmente relutantes em lidar com Sadi, exceto das formas mais rotineiras.

— Você não tem medo de Sadi? — questionou a Sacerdotisa das Trevas.

A voz infantil da Sacerdotisa aborrecia Greer, pois não combinava com o rosto deliberadamente oculto e com a atitude de alguém dotado de uma força negra e poderosa. Não importava. Hoje, finalmente, tinha compreendido quem de fato controlava Hayll.

— Não tenho medo de Sadi — disse, sorrindo —, e terei imenso prazer em vê-lo sujar as mãos com o sangue de uma criança. — Imenso prazer.

— Muito bem. Quando pode partir?

— Amanhã. Farei com que a viagem pareça casual para que passe despercebida. Enquanto estiver lá, aproveitarei para dar uma olhada naquela cidadezinha pitoresca. Quem sabe o que

poderei encontrar de valor para as Senhoras?

— Kartane está em Beldon Mor — disse Dorothea enchendo novamente o copo. — Sem dúvida poderá poupar muito trabalho. Fale com ele quando estiver lá.

Greer sorriu novamente de forma maliciosa, fez uma reverência a ambas e saiu.

— Não me parece satisfeita com a escolha, Irmã — disse Hekatah ao esvaziar o copo e levantar-se para sair.

Dorothea deu de ombros.

— Ele foi escolha sua. Lembre-se disso, se não der certo. — Não ergueu o olhar quando Hekatah levantou as mãos e afastou o capuz do rosto.

— Olhe para mim — silvou Hekatah. — Lembre-se do que sou.

Dorothea sempre tinha ficado maravilhada com o fato de os demônios-mortos não parecerem nada diferentes dos vivos. A única distinção era um vago cheiro de carne no início do processo de decomposição.

— Nunca me esqueço do que você é — disse Dorothea, sorrindo. Os olhos de Hekatah lançavam faíscas de raiva, mas Dorothea não desviou o olhar. — E você deve se lembrar a quem Sadi pertence e que é graças à minha generosidade e à minha influência sobre Prythian que o seu joguinho de vingança está se tornando possível.

Hekatah voltou a colocar o capuz e fez um movimento súbito com a mão. A porta abriu-se com um estrondo, enterrando a maçaneta de bronze na parede de pedra. Outro silvo de raiva e ela desapareceu.

Dorothea voltou a encher a taça de vinho. Tinha reparado na ligeira expressão de desprezo, na alteração nos olhos de Greer depois de ver a Sacerdotisa das Trevas. Mas o que era ela, em todo o caso? Um saco de ossos que não sabia o suficiente para se transformar em pó. Uma sanguessuga. Uma harpiazinha intrigueira que continuava tentando voltar para um homem que não queria saber de Terreille. Não mesmo. Não sabia se acreditava nessa história do Sacerdote estar perdido de amores por uma criança, não sabia que diferença faria se isso fosse verdade. Que ele ficasse com o seu brinquedo. Ela havia lançado jovens suficientes ao covil da Sacerdotisa das Trevas. Agora a carcaça ambulante queria que ela abrisse mão de Sadi por cem anos, e, em sinal de gratidão pela boa vontade de Dorothea em assumir tal compromisso, estava tentando manipular o seu melhor servo e torná-lo desleal.

Muito bem. Que Greer rastejasse. Chegaria o dia em que se daria conta do erro que havia cometido — e pagaria por ele.

Greer estava sentado em uma cabine num canto escuro, bebendo a segunda caneca de cerveja e observando os rostos abatidos e cansados dos homens nas outras mesas. Poderia ter ido a uma taberna onde o jantar seria melhor e a cerveja não deixaria na boca um gosto de detergente, mas teria de sorrir e bajular os aristocratas dos Sangue que lotavam tais lugares. Aqui, como tinham medo dele, podia escolher a mesa, recebia a melhor peça de carne e tinha privacidade.

Greer esvaziou a caneca e levantou um dedo para a garçonete, que se apressou a voltar a enchê-la. Greer sorriu. Também isso, nesse lugar, podia ter no momento em que pedisse.

Quando teve certeza de que todos estavam preocupados, ergueu a mão direita e colocou-a sobre a mesa.

Até hoje não sabia por que Sadi tinha feito aquilo com ele, o que provocara o Sádico até aquele grau de destruição calculada. Greer estava sentado tranquilamente numa taberna não muito diferente dessa, explorando a luxúria de uma prostituta, quando Sadi foi até a sua mesa e esticou a mão direita. Uma vez que Sadi não dissera nada, uma vez que via apenas aquele rosto inexpressivo e entediado a olhá-lo de cima, Greer estendeu a própria mão direita, julgando que Sadi tinha vindo implorar algum favor. No momento em que a mão de Sadi se fechou sobre a sua, tudo mudou. Num momento era apenas um aperto de mão firme, mas logo em seguida sentiu os ossos sendo esmagados, os dedos estalando, como que aprisionado num torno mental, sem poder sequer se dar ao luxo de desmaiar como forma de fugir. Quando o torno finalmente permitiu que escapasse...

Seu primeiro pensamento foi o de procurar rapidamente uma Curandeira, encontrar alguém que pudesse remodelar aquela massa mole que antes fora uma ferramenta valiosa. Mas alguém já tinha feito uma cura. Alguém tinha moldado suavemente sua mão numa garra distorcida e sarado os ossos o suficiente para que uma Curandeira tivesse de voltar a parti-los a fim de conseguir endireitar a mão, mas até mesmo Greer sabia que uma segunda cura poderia apenas melhorar o formato da mão, que no entanto jamais poderia voltar a ser utilizável.

Sadi tinha feito a cura, ciente do resultado. Sadi, que depois disso nunca deixava de cumprimentá-lo com cortesia, escárnio e ódio sempre que estavam de serviço na corte de Dorothea. Sadi, que agora massacraria uma criança pela ilusão de liberdade.

Greer esvaziou a caneca uma última vez e lançou algumas moedas sobre a mesa. Havia uma Carruagem da Teia partindo para oeste dentro de uma hora. Queria ter aguardado, parecer casual, mas, na verdade, mal podia esperar para apresentar a proposta.

CAPÍTULO NOVE

1 / Kaeleer

Saetan estava sentado numa cadeira confortável na chamada sala da “família” no Paço em Kaeleer, com as pernas cruzadas, os dedos entrelaçados e pousados no queixo. Observava Jaenelle tecendo alegremente fitas de cores claras ao longo de uma fina placa de madeira.

As aulas já não eram privadas e Saetan se ressentia por passar tão pouco tempo sozinho com Jaenelle, mas ela era uma bola viva de luz encantada que atraía os machos da família; ele mesmo, que compreendia tão bem o que provocava essa atração, não conseguia encontrar forças para afastá-los.

Hoje, Prothvar e Mephis jogavam xadrez descontraidamente, enquanto Andulvar descansava numa cadeira com os olhos semicerrados. Jaenelle estava sentada no chão em frente à cadeira de Saetan, com gravetos de cores brilhantes, cartas de baralho e fitas espalhados à sua volta.

As lições estavam melhorando, pensou Saetan friamente enquanto observava Jaenelle tecendo outra fita ao longo da madeira. Tudo de que ele precisava se lembrar era de começar pelo fim e ir até o início.

A aula de hoje, supostamente, era sobre como passar um objeto físico através de outro. A ideia era que, uma vez que aprendesse isso, uma feiticeira poderia, finalmente, aprender a passar matéria viva através de matéria morta, conseguindo assim passar através de uma porta ou parede. De qualquer modo, era essa a ideia.

Ele a tinha explicado de todos os modos de que era capaz, fazendo repetidas demonstrações. Ela simplesmente não entendia. Por fim, após uma hora de frustração, dissera de forma ríspida:

— Se quisesse passar o braço através daquela madeira, o que você faria?

Jaenelle ficou quieta por um breve momento, enfiou o braço através da madeira e agitou os dedos do outro lado.

— Assim?

Andulvar murmurara entre dentes algo que parecia um “Mãe Noite”. Mephis e Prothvar tinham derrubado a mesa de jogos, espalhando as peças de xadrez pelo chão. Os olhos de Saetan ficaram vidrados ao observar os dedos que se agitavam.

— Assim — disse, por fim, engasgando.

Retroceder ao que ela já sabia deixava-o nauseado — nunca se esquecera do jovem e arrogante Senhor da Guerra que desprezava as lições e entrara em pânico no meio da passagem —, mas tinha levado apenas alguns minutos para converter carne e madeira em fitas e madeira, e tinha sido tão agradável observar a faísca nos olhos de Jaenelle, quase ouvir um estalido quando ela juntava as peças e compreendia.

Pois agora ela estava tecendo fitas alegremente ao longo de um pedaço de madeira sólida com uma facilidade que faria inveja a qualquer tecelã.

— Ah, já ia me esquecendo — disse Jaenelle ao pegar outra fita. — O Príncipe me pediu para

enviar seus cumprimentos.

Os olhos de Andulvar abriram-se de repente e, de imediato, voltaram a se fechar. A mão de Mephis ficou paralisada sobre a peça que estava prestes a mover. A cabeça de Prothvar virou-se repentinamente para logo voltar à posição inicial. Saetan, sentado diante de Jaenelle, foi o único que não demonstrou qualquer reação.

— O Príncipe? — perguntou languidamente.

— Ahã. Agora temos um Príncipe Haylliano dos Senhores da Guerra morando com a gente. É uma espécie de parceiro de jogos de Leland e Alexandra. — Parou de tecer, franzindo a testa. — Acho que ele não gosta muito. Não parece feliz quando está com elas. Mas não se importa de jogar comigo e com Wilhelmina.

— E o que ele joga com vocês? — perguntou Saetan suavemente. Reparou no olhar penetrante de Andulvar, mas ignorou-o. Daemon não estava apenas em Beldon Mor, estava dentro da maldita casa!

Jaenelle animou-se.

— Muitas coisas. Saímos para passear, e ele monta muito bem, e sabe uma porção de histórias, e toca piano com Wilhelmina, e lê para nós, e não é como a maioria dos adultos, que acha os nossos jogos ridículos. — Pegou duas fitas e trançou-as ao longo da madeira. — É como você, de várias maneiras. — Inclinou a cabeça e examinou o rosto de Saetan. — E de certa forma se parece com você.

O sangue de Saetan rugiu em seus ouvidos. Ele baixou as mãos e pressionou uma delas contra a barriga.

— Como assim, criança-feiticeira?

— Ah, o jeito como às vezes os seus olhos adquirem aquele olhar esquisito, como se você estivesse com dor de barriga e quisesse rir mas soubesse que iria doer. — Jaenelle olhou para a mão, agora cerrada, com que ele apertava a barriga. — Há alguma coisa errada com a sua barriga?

— Ainda não.

Andulvar encontrou um súbito interesse no teto. Prothvar e Mephis tinham os olhos colados nas costas de Jaenelle. Saetan rangeu os dentes.

— Ele é mesmo muito simpático, Saetan — afirmou Jaenelle, intrigada pelas estranhas correntes emocionais. — Um dia, quando estava chovendo, jogou peixinho com a gente durante hora.

— Peixinho? — perguntou com a voz estrangulada.

Jaenelle engastou a Rainha de Copas na madeira.

— É um jogo de cartas. As regras são um pouco complicadas e o Príncipe nunca conseguia se lembrar direito e acabava perdendo.

— É mesmo? — Saetan mordeu a bochecha. Era difícil acreditar que Daemon pudesse achar as regras de um jogo “complicadas”, qualquer que fosse o jogo.

— Ahã. Eu não queria que ele se sentisse mal, por isso... bem, eu estava dando as cartas e o ajudei a ganhar uma partida.

O teto acima de Andulvar era *extremamente* interessante. Mephis começou a tossir. Prothvar achou fascinante o tecido das cortinas.

Saetan pigarreou e pressionou o punho ainda mais contra a barriga.

— O... O Príncipe disse alguma coisa?

Jaenelle torceu o nariz.

— Disse que ficaria feliz em me ensinar pôquer se não tivesse de apostar contra mim. O que quis dizer com isso, Saetan?

Mephis e Prothvar voltaram-se repentinamente para o tabuleiro e deram uma cabeçada. Andulvar começou a tremer e agarrou os braços da cadeira, como se fossem a única coisa capaz de mantê-lo em terra firme.

Saetan sentiu que, se não começasse a rir, suas entranhas seriam desfeitas pela pressão.

— Acho... que ele quis dizer... que teria gostado... de ganhar sozinho. Jaenelle ponderou a questão e balançou a cabeça.

— Não, não acho que foi isso que ele quis dizer.

Ouviram-se um *he he he* abafado enquanto Prothvar se debatia desesperadamente para conter o riso, mas o som funcionou como gatilho e os quatro explodiram, impotentes.

O corpo de Saetan parecia feito de gelatina. Ele deslizou da cadeira, aterrissou no chão com um baque surdo, tombou para o lado e uivou.

Jaenelle olhava para eles, sorrindo, como se tivesse vontade de se juntar se alguém lhe explicasse a piada. Passado um minuto, levantou-se, ajeitou o vestido com o orgulho e a dignidade de uma jovem Rainha, passou por cima das pernas de Saetan e foi até a porta.

Saetan parou na mesma hora. Apoiando-se num cotovelo, disse:

— Criança-feiticeira? Aonde vai? — Os outros três homens aguardaram, em silêncio, uma resposta.

Jaenelle virou-se e olhou para Saetan.

— Vou ao banheiro. Depois, vou ver se a Senhora Beale tem alguma coisa para comer. — Caminhou em direção à porta, obstinada. A última coisa que ouviram antes que ela saísse foi:

— Machos.

Por mais um momento reinou o silêncio, depois irromperam as risadas, até que nenhum deles conseguisse mais aguentar.

— Ainda bem que estou morto — disse Andulvar enquanto que limpava as lágrimas.

Saetan, deitado de costas, inclinou a cabeça para olhar para o amigo.

— Por quê?

— Porque, de outra forma, ela seria a minha morte!

— Ah, Andulvar, mas que forma gloriosa de morrer.

Andulvar se recompôs.

— O que vai fazer agora? Ele cometeu um erro ao informá-lo do seu paradeiro. Um desafio?

Saetan levantou-se devagar, ajeitou a roupa e alisou o cabelo.

— Acha que ele é assim tão negligente?

— Talvez seja arrogância.

Saetan refletiu e negou com um gesto de cabeça.

— Não, não acho que seja arrogância, mas é um desafio. — Virou-se para Andulvar. — Dirigido a mim. Pode acreditar nas minhas intenções tão pouco quanto eu acredito nas dele. Talvez precisemos confiar um pouco... um no outro.

— Então o que irá fazer?

Saetan suspirou.

— Enviar-lhe também os meus cumprimentos.

2 / Terreille

Enquanto olhava pelas janelas da embaixada para a cidade chamada Beldon Mor, Greer ouviu a porta se abrindo e se fechando silenciosamente. Perscrutou a sala atrás de si, esperando se deparar com um embaixador que viria apertar sua mão e informá-lo de que a reunião tinha sido adiada. Em vez disso, sentiu apenas um leve arrepio de frio. Os tolos que aqui serviam recebiam uma boa ajuda de custo. O mínimo que podiam fazer era aquecer o lugar. Talvez o hipócrita tivesse entrado e, ao vê-lo, saído às pressas, sem dizer uma palavra.

Sorrindo desdenhosamente, Greer voltou as costas para as janelas e deu um passo involuntário para trás.

Daemon Sadi estava junto à porta fechada, as mãos nos bolsos da calça, o rosto com a já familiar máscara fria e entediada.

— Senhor Greer — disse num sussurro suave.

— Sadi — respondeu Greer, com desprezo. — A Sacerdotisa Suprema enviou-me para lhe fazer uma oferta.

— Ah? — exclamou Daemon, erguendo uma sobrancelha. — Desde quando a Dorothea envia o seu favorito como garoto de recados?

— A ideia não partiu de mim — vociferou Greer, mudando imediatamente de estratégia. — Sigo ordens, como você. Por favor. — Gesticulou com a mão esquerda indicando duas cadeiras. — Pelo menos fiquemos confortáveis.

Greer enrijeceu quando Sadi deslizou por ele e se instalou graciosamente em uma das cadeiras. A maneira como se movimentava abalou seus nervos. Havia algo de felino naquele movimento, algo que não era somente humano. Greer sentou-se na outra cadeira, de costas para o sol, a fim de poder observar com facilidade o rosto de Sadi.

— Tenho uma oferta para lhe fazer — repetiu Greer. — Não me agrada ser o portador.

— É o que você diz.

Greer cerrou os lábios. Não havia sequer uma faísca de interesse no rosto do bastardo.

— A oferta é a seguinte: cem anos sem servir numa corte, vivendo onde quiser e fazendo o que tiver vontade, passando o tempo na sociedade que preferir. — Greer fez uma pausa para criar um efeito dramático. — E o mesmo valeria para o mestiço eyrieno. Perdão... o seu irmão.

— O eyrieno foi Anelado pela Sacerdotisa Suprema de Askavi. Dorothea não pode decidir o que fazer com ele.

Era mentira, como bem sabia Sadi, mas Greer estava incomodado com a ausência de perguntas ou alterações sutis em sua voz ou expressão. As coisas teriam mudado? Já não se interessaria por Yaslana?

— É uma oferta generosa — disse Greer, lutando para conter o desejo de violência e forçar Sadi a reagir.

— Sim, fico até sem palavras.

A mão esquerda de Greer agarrou a cadeira. Ele respirou profundamente.

— E quais seriam as condições desta oferta generosa? — perguntou Sadi com um sorriso selvagem.

Greer sentiu um arrepio de frio. Malditos fossem aqueles idiotas. Quando terminasse, mostraria a eles como aquecer uma sala! Tinha de apresentar sua oferta de forma correta, e era difícil pensar com a sala tão gelada.

— Uma boa amiga da Sacerdotisa Suprema descobriu que seu consorte vem se entretendo com uma jovem feiticeira. Na verdade, está obcecado por ela. Ela gostaria de fazer alguma coisa para acabar com isso, mas, devido a sensibilidades políticas, não pode cuidar do assunto ela mesma.

— Hum. Acho que se ela quisesse que o consorte fosse discretamente enterrado, você estaria mais apto a tratar disso do que eu.

— Não é o consorte que ela quer ver enterrado. — Fogo do Inferno, estava frio mesmo!

— Ah. Compreendo. — Sadi cruzou as pernas e entrelaçou os dedos das mãos, pousando as longas unhas no queixo. — No entanto, minha disponibilidade para viajar está seriamente limitada pelos desejos da Rainha que agora sirvo. Uma excursão inexplicada não seria fácil.

— Nem necessária. É por isso que a oferta está sendo feita a você.

— Como?

— A amiga da Sacerdotisa Suprema tem razões para pensar que sua arqui-inimiga está aqui em Beldon Mor. — Os pés de Greer estavam dormentes. Queria esfregar as mãos para aquecê-las, mas Sadi parecia não se dar conta do frio, portanto era melhor não mostrar qualquer sinal de fraqueza.

Sadi franziu a testa, a primeira alteração no rosto desde o início da conversa.

— E que idade tem esta arqui-inimiga? Como se parece?

— É difícil dizer ao certo. Você sabe como é difícil avaliar essas raças de vida curta. Jovem, pelo menos na aparência. Cabelo louro. Essa é a única característica precisa. Provavelmente possui uma aura estranha...

Sadi deu uma gargalhada, produzindo um som enervante. Parecia extremamente entretido, mas havia algo estranho no brilho do seu olhar.

— Meu caro Senhor Greer, você está falando de metade das mulheres que vivem neste lado. Aura estranha? Comparada ao quê? A excentricidade nervosa é aqui uma epidemia da pré-adolescência. Não encontrará uma única família aristocrata em toda esta maldita ilha que não tenha pelo menos uma filha com uma “aura estranha”. O que espera que eu faça? Que aborde cada uma delas e lhes pergunte se estão indo para a cama com um haylliano de uma das Cem Famílias? — Deu outra gargalhada.

Greer rangeu os dentes.

— Então está recusando a oferta?

— Não, Greer, estou apenas lhe dizendo que, sem informações mais detalhadas, o consorte da amiga de Dorothea continuará se divertindo com o seu brinquedo por muito tempo. Então, a menos que você possa me dizer um pouco mais do que isso, não vale a pena o esforço. — Sadi levantou-se e puxou as mangas do casaco sobre os punhos. — De qualquer maneira, a oferta é intrigante, e, se eu esbarrar em alguma moça louca com certo gosto por hayllianos, irei observá-la com muita atenção. Agora, se não se importa, estou atrasado para um compromisso no alfaiate, onde minhas opiniões de bom gosto são aguardadas. — Fez uma reverência zombeteira e saiu.

Greer contou até dez antes de saltar da cadeira e mancar até a porta, devido aos pés dormentes. Agarrou a maçaneta, tão gelada que quase se colou à sua pele. Conseguiu, por fim, abrir a porta e sair para o corredor — apoiando-se na parede.

O corredor parecia um forno.

Daemon olhava fixamente para o canteiro de sangues-de-feiticeira no caramanchão. Sem conseguir dormir, saíra para dar um passeio e acabara parando ali. O ar noturno era fresco e ele tinha se esquecido de trazer o casaco, mas era bom ser entorpecido por um frio que não vinha de dentro de si.

Dorothea estava à procura de Jaenelle. Pouco importava se a procurava por razões próprias ou seguindo ordens de terceiros. Dorothea sempre tentava destruir as feiticeiras jovens e fortes que pudessem vir, um dia, a competir pelo seu poder. Assim que descobrisse quem e o que era Jaenelle, faria uso de todas as armas ao seu dispor para destruí-la.

Greer estava farejando informações, o que significava que Dorothea não estava certa de que Jaenelle vivia em Beldon Mor. No entanto, ele não tinha razões para crer que a visita de Greer seria breve, e, se permanecesse na cidade por algum tempo, mais cedo ou mais tarde ouviria alguém falando sobre a filha loura e excêntrica de Leland Benedict. E depois?

Ensinou-a a matar, Sacerdote? Poderá ensinar-lhe tal coisa? É tão sábia na sua inocência, tão inocente na sua sabedoria.

Deveria ter matado Greer em vez de simplesmente aleijar a mão que tinha aberto o pescoço de Titian. Mas o momento não era dos melhores, e, mesmo sem ter qualquer prova, Dorothea suspeitaria dele. Um lapso que ainda não poderia corrigir sem atrair atenção demais para a casa. Não havia um lugar suficientemente seguro onde pudesse esconder Jaenelle, dada a sua tendência para vagar, e ainda não estava disposto a cedê-la ao Sacerdote, mesmo que ela tivesse de ir e manter-se longe. Ainda não.

Daemon balançou a cabeça. A noite avançava e desde que chegara ao caramanchão sabia o que precisava fazer. Se a oferta tivesse sido feita unicamente a ele, não haveria qualquer dúvida quanto à sua resposta. Mas não fora feita unicamente a Daemon. Respirou fundo e enviou um fio masculino pela Cinza-Ébano.

* Sacana? Sacana, está me ouvindo? *

Surgiu, de repente, a consciência de alguém acordando de um sono leve.

* Bastardo? * Uma agitação, uma concentração. * Bastardo, o que... *

* Ouça. Não temos muito tempo. Hoje, Greer me fez uma proposta. *

* Greer? * Uma cautela fria. * Por quê? *

* Uma amiga de Dorothea quer que lhe façam um favor. * Daemon engoliu com dificuldade e cerrou os olhos. * Cem anos sem prestar serviço nas cortes... para nós dois... se eu assassinar uma criança. *

As palavras que se seguiram deslizaram na mente de Daemon, venenosamente adocicadas.

* Qualquer criança? Ou alguma em particular? *

Daemon baixou os olhos. A mão direita friccionava a cicatriz do pulso esquerdo.

* Uma criança muito especial. Uma criança extraordinária. *

* E o que você respondeu? *

* Já disse a você. A proposta não foi dirigida apenas a... *

* Onde você está? *

* Chaillot. *

Um silvo enfurecido.

* Ouça-me bem, seu filho da mãe: se aceitar essa proposta por minha causa, a primeira coisa que farei será matá-lo.*

A primeira coisa que eu faria seria deixá-lo. Daemon caiu de joelhos, tremendo de alívio.

* Obrigado.*

* O quê?* As ondas de fúria que fluíam pelo fio cessaram.

* Obrigado. Eu... esperava... que essa fosse a sua resposta, mas precisava lhe perguntar.*
Daemon respirou fundo. * Há mais uma coisa que você deve...*

* A vagabunda acordou. Não há tempo. Tome conta dela, Bastardo. Nem que para isso tenha de sangrar todos os outros até a última gota, mas tome conta dela.*

Lucivar desapareceu.

Daemon pôs-se de pé, lentamente. Tinha corrido um risco enorme ao contactar Lucivar. Se fossem flagrados comunicando-se, o chicote seria o menor dos castigos. Não estava preocupado por si. Estava longe demais de Hayll para ser detectado por Dorothea através do anel principal de controle e confiava na sua capacidade de se esgueirar de Alexandra, que possuía o anel de controle secundário. Mas Zuultah não era Alexandra e Lucivar nem sempre era cauteloso.

Tenha cuidado, Sacana, pensou Daemon, caminhando devagar de volta para casa. *Tenha cuidado.* Dentro de poucos anos, Jaenelle atingiria a maioridade. Então serviriam o tipo de Rainha com que sempre tinham sonhado.

Poderia seguir o fio masculino Cinza-Ébano novamente até Lucivar para descobrir se Zuultah teria detectado a comunicação, mas não o fez porque não queria saber se Zuultah estaria mesmo usando o Anel. Não queria saber que Lucivar estava sofrendo.

Daemon olhou para cima em direção às janelas da ala das crianças. Nem um vislumbre de luz. Queria subir as escadas, esgueirar-se para aquela pequena cama e enroscar-se nela, confortado por saber que Jaenelle estava viva e em segurança. Porque, se Lucivar estivesse em sofrimento...

Daemon entrou em casa e dirigiu-se ao seu quarto. Despiu-se rapidamente e foi para a cama. O quarto estava repleto de sombras, e, à medida que o céu se aclarava com o despontar do dia, Daemon continuava pensando no que o sol estaria testemunhando em Pruul.

3 / Terreille

Surreal desabotoou o casaco enquanto ziguezagueava por um caminho nos jardins públicos dos Angelline, uma parte da propriedade que Alexandra Angelline tinha cedido para utilização pública. Os jardins eram um dos poucos lugares em Beldon Mor em que ainda se podia caminhar sobre a relva ou se sentar debaixo de uma árvore, e parecia que todos os aristocratas dos Sangue estavam concentrados ali, desfrutando de um dos últimos dias quentes de outono.

Há vinte anos, quando Surreal viera à cidade emprestar sua reputação a Deje na abertura da casa da Lua Vermelha, os gramados e as árvores eram abundantes. Hoje, Beldon Mor não passava

de uma versão mais recente e mais limpa de Draega, graças à habilidade dos embaixadores hayllianos em prostituir a cidade e sugar a força dos Sangue.

Mais do que os plebeus de cada raça, os Sangue precisavam permanecer em contato com a terra. Sem esse contato, era fácil esquecer que, de acordo com as lendas mais antigas, tinham sido criados para serem vigilantes. Era muito fácil deixarem-se enredar nos próprios egos.

Surreal caminhava pelas trilhas do jardim, entretida com a reação à sua presença. Os jovens rapazes empertigados a observavam com calculado interesse; os jovens a cortejar Senhoras olhavam para ela de maneira dissimulada, corando, enquanto suas acompanhantes os puxavam em outra direção; os homens que faziam aparições públicas obrigatórias ao lado das esposas miravam-na fixamente, enquanto as esposas olhavam de Surreal para os rostos pálidos e taciturnos dos maridos e de novo para Surreal. Ela ignorou todos eles, para alívio profundo dos clientes. Bem, quase todos. Na verdade, sorriu de forma bastante sugestiva para um Senhor da Guerra que algumas noites antes tratara com grosseria uma jovem prostituta, e acenou com os dedos na sua direção em sinal de cumprimento antes de ir embora, rindo discretamente e desejando poder ouvir suas bravatas a título de explicação.

Mas chegava de diversão. Era hora de trabalhar.

Surreal continuou vagando pelo caminho, aproximando-se cada vez mais da cerca de ferro batido que separava os jardins privados dos públicos. Sob a blusa usava a Joia Cinza engastada numa estrutura de ouro que era uma réplica exata da Joia Verde de Titian. Desde que entrara nos jardins sondava com a Cinza, esperando não obter uma resposta vacilante porque isto significaria que Philip estava por perto — e não era Philip que estava procurando.

Ao se aproximar da cerca, enviou o sinal privado que Daemon tinha lhe ensinado muitos anos atrás, o sinal que o informava que Surreal precisava dele. Em seguida se afastou e voltou a explorar as trilhas mais estreitas do jardim.

Talvez ele não estivesse em casa. Talvez estivesse, mas não pudesse se ausentar. Talvez não respondesse ao sinal. Não tinha se atrevido a usá-lo desde aquela noite em que o pressionou a lhe mostrar o Prostituto de Hayll.

Sentiu a presença de Daemon antes mesmo de vê-lo se aproximando por uma trilha atrás dela. Caminhou na sua direção, parando aqui e ali para admirar uma flor que desabrochava tardiamente. A trilha era uma ramificação de outra maior, e portanto as chances de que alguém os visse era menor. Mas, ainda assim, Surreal não queria ninguém fazendo perguntas. Ao passar por ele, fingiu tropeçar e torcer o pé.

— Maldição — exclamou, enquanto Daemon a segurava pelo braço para ampará-la. — Pode esperar um minuto, querido? — Pousou uma das mãos no ombro de Daemon, inclinou-se para ele e mexeu no sapato. — Há alguém à sua procura. — Sentiu que ele estava tenso e reparou no pequeno círculo de gelo em volta dos pés.

— É? Por quê?

Ainda às voltas com o sapato, Surreal não conseguia ver o rosto de Daemon, mas sabia que não revelaria senão uma expressão entediada e ligeiramente cansada, apesar do frio na voz.

— Ela acha que você está interessado numa criança aqui. Parece que é uma criança de grande importância para ela, uma criança que Dorothea quer tirar do caminho. Se eu fosse você, teria cuidado. Ela não me contratou para nenhum serviço, mas isso não quer dizer que não esteja entrevistando outros possíveis candidatos. — Pôs o pé no chão e girou o tornozelo, como se estivesse a testá-lo.

— Sabe quem é ela?

Surreal franziu a testa e negou com a cabeça, ainda examinando o sapato.

— Uma feiticeira que está no Altar de Cassandra. Não dá para dizer há quanto tempo está lá. Alguns cômodos foram arrumados. E é isso. Já estive em lugares piores.

Daemon manteve a cabeça virada para o outro lado.

— Agradeço por me avisar. Agora, se me dá licen...

— Príncipe? Príncipe, você precisa ver isso.

Surreal virou-se na direção da voz de menina. Tinha o som da seda, pensou, enquanto a garotinha magra e de cabelos louros apareceu saltitando e parou diante deles, com um sorriso caloroso e olhos — olhos que pareciam mudar de cor conforme a luz do sol penetrava através das folhas — repletos de boa disposição e curiosidade.

— Olá — cumprimentou a menina, examinando o rosto de Surreal.

— Senhora — respondeu Surreal, tentando soar reverente e digna, mas ao ouvir o suspiro desesperado de Sadi ficou com vontade de rir.

— É melhor voltarmos — disse Daemon, colocando-se ao lado da menina, tentando virá-la em direção aos jardins privados.

Surreal estava quase escapulindo quando ouviu Daemon dizer:

— Senhora. — O tom de lisonja e de súplica na sua voz paralisou-a. Nunca o tinha ouvido falar daquela forma. Olhou para a moça, que cravara os pés no chão e se recusava a ser virada.

— Jaenelle — disse ele, um pouco em desespero.

Jaenelle o ignorou e continuou a estudar o rosto e o peito de Surreal.

Foi então que Surreal percebeu que a Joia Cinza tinha escapulido para fora da blusa quando ela se dobrou para examinar o sapato. Olhou para Daemon, perguntando, em silêncio, o que fazer.

Quando Daemon apertou delicadamente o ombro de Jaenelle, a fim de chamar sua atenção, a menina disse:

— Você é a Surreal? — Como Surreal não respondeu, Jaenelle virou a cabeça a fim de consultar Daemon. — Ela é a Surreal?

O rosto de Daemon tinha uma expressão alerta e encurralada. Ele respirou fundo, expirando lentamente.

— Sim, esta é Surreal.

Jaenelle entrelaçou as mãos à sua frente e sorriu cheia de felicidade para Surreal.

— Tenho uma mensagem para você.

Surreal piscou, completamente perplexa.

— Uma mensagem?

— Senhora, transmita-lhe então a mensagem. Precisamos ir — orientou Daemon, tentando colocar alguma firmeza na voz.

Jaenelle olhou para Daemon de cara feia, obviamente intrigada pela falta de cortesia, mas obedeceu.

— Titian diz que está com muitas saudades.

As pernas de Surreal cederam no momento em que Daemon a amparou.

— Acha isso engraçado? — murmurou Surreal ferozmente, escondendo o rosto no peito de Daemon.

— Que as Trevas me ajudem, Surreal, não é brincadeira.

Surreal ergueu a cabeça para olhar para ele. O medo era também uma das coisas que nunca

tinha ouvido naquela voz. Recompôs-se, afastando-se de Daemon.

— Titian morreu — disse com firmeza.

Jaenelle pareceu ainda mais intrigada.

— Sim, eu sei.

— Como é que conhece Titian? — perguntou Daemon serenamente, embora a sua voz vibrasse de tensão.

Ele estremeceu, e Surreal soube que aquilo nada tinha a ver com a leve brisa fresca que soprava.

— É a Rainha das Harpias. Ela me disse que o nome da filha era Surreal, a descreveu e também me disse que o engaste da Joia poderia ser parecido com o brasão da família. Os Dea al Mon geralmente usam engastes de prata, mas o ouro fica bem em você. — Jaenelle olhou para os dois. Estava satisfeita por ter conseguido transmitir a mensagem, mas as reações daqueles dois não faziam sentido.

Surreal queria sair correndo, queria fugir, queria se agarrar a essa criança que não achava estranho agir como uma ponte entre os vivos e os mortos. Tentou dizer alguma coisa, o que quer que fosse, mas apenas conseguiu produzir um som indistinto, por isso olhou para Daemon em busca de auxílio, percebendo que ele também parecia sem chão.

Por fim, Daemon despertou, passou um braço em volta dos ombros de Jaenelle e encaminhou-a em direção aos jardins privados.

— Esperem — chamou Surreal. Cambaleou, mas manteve-se em pé. Seus olhos encheram-se de lágrimas que lhe embargaram a voz. — Se voltar a ver Titian, diga a ela que também sinto muitas saudades.

O sorriso que conseguiu vislumbrar entre as lágrimas era dócil e compreensivo.

— Está bem, Surreal. Não me esquecerei disso.

E desapareceram.

Surreal cambaleou até uma árvore e abraçou-a, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Dea al Mon. O nome de família? O povo do qual Titian descendia? Não sabia, mas era mais do que alguma vez tinha sabido. Sentiu-se dilacerada por dentro, mas, pela primeira vez desde que entrara naquele quarto e vira Titian morta, não se sentia sozinha.

4 / Terreille

Ao abrir o armário onde guardava as taças de vinho, Cassandra sentiu a presença masculina das trevas à porta da cozinha, o odor inequívoco da Negra. Sem se virar, estendeu a mão para alcançar uma taça e disse:

— Imaginei que fosse chegar mais tarde.

— Estou surpreso que estivesse à minha espera.

Não conseguiu alcançar a taça. Somente o odor psíquico de um macho poderia ser confundido com o de Saetan. Tentando ganhar tempo para fazer desaparecer a Joia Vermelha e invocar a

Negra, tirou duas taças do armário e colocou-as sobre o balcão, antes de se virar.

Ele estava encostado à soleira da porta com as mãos nos bolsos.

Ah, Saetan, veja a sua descendência. O coração de Cassandra batia num ritmo estranho enquanto admirava o corpo de Daemon e seu rosto quase bonito demais. Se tivesse havido o menor vestígio de sedução no ar, seu velho pulso estaria desenfreado. No entanto, não existia nele senão um frio de rachar e uma expressão nos olhos que ela não conseguia decifrar.

Pense, mulher, pense. Era uma Guardiã, fazia parte dos mortos-vivos, mas ele não sabia disso. Se ele danificasse seu corpo, poderia se transformar em demônio e continuar a lutar. Duvidava que ele possuísse os conhecimentos e a capacidade de destruí-la por completo. Negra contra Negra. Poderia enfrentar sozinha contra ele.

Mirou de relance os olhos de Daemon e soube, com uma certeza impressionante, que não era verdade. Ele viera matar e sabia exatamente quem e o que ela era.

— Estou decepcionado com você, Cassandra. As lendas a retratam de outro jeito — disse Daemon suavemente, a voz carregada de malevolência.

— Sou uma Sacerdotisa que serve este Altar — disse, esforçando-se por manter a voz firme. — Está enganado se acha...

Daemon riu com delicadeza. Cassandra recuou diante daquele som e viu-se encostada no balcão.

— Acha que não consigo diferenciar uma Sacerdotisa de uma Rainha? E as Joias, minha querida, mostram quem você é.

Inclinou ligeiramente a cabeça em reconhecimento.

— Está bem, sou Cassandra. O que quer, Príncipe?

Ele se afastou da porta e dirigiu-se a ela.

— Mais precisamente, Senhora — colocou uma intensidade sórdida na palavra —, o que *you* quer?

— Não entendo. — O treinamento exigia que não cedesse. O instinto gritava para que fugisse.

Daemon continuou caminhando em direção a Cassandra, sorrindo, enquanto ela se movimentava de forma que a mesa ficasse entre os dois. Era um sorriso sedutor, afável e quase dócil, tirando o fato de ser esculpido em gelo.

— Está esperando quem? — Ele tirou as mãos dos bolsos.

Cassandra olhou de soslaio para as mãos de Daemon. O alívio momentâneo por não ver um anel na sua mão direita foi anulado ao ver o tamanho de suas unhas. Mãe Noite, tal pai, tal filho! Continuou andando lentamente em volta da mesa. Se conseguisse alcançar a porta...

Daemon mudou de direção, bloqueando a saída.

— Quem?

— Um amigo.

Ele balançou a cabeça, com uma tristeza zombeteira.

Cassandra parou.

— Aceita uma taça de vinho? — Ele era perigoso, perigoso, perigoso.

— Não. — Fez uma pausa e examinou as unhas da mão direita. — Acha que não sou capaz de cavar uma sepultura suficientemente funda para enterrá-la? — Sua voz era suave, um cântico, quase letárgico. Terrível. E familiar. Outra voz profunda com uma cadência ligeiramente diferente, mas a raiva entoadada era igual. — Para sua informação, caso tenha considerado a hipótese, *sei* que não consegue cavar uma sepultura suficientemente funda para *mim*.

Cassandra ergueu o queixo e encarou-o. Tinha aproveitado a pausa para colocar um feitiço fortalecedor nas unhas, tornando-as tão fortes e afiadas como punhais.

— Talvez não, mas vou tentar.

Daemon ergueu uma sobrancelha.

— Por quê? — perguntou com extrema delicadeza.

Cassandra perdeu a calma.

— Porque você é perigoso e cruel. É o fantoche de Hekatah e o bichinho de estimação de Dorothea, e foi enviado para destruir uma feiticeira extraordinária. Não permitirei que isso aconteça. Talvez você me mande para a cova de vez, mas terá também um gostinho.

Cassandra lançou-se sobre ele, a mão curvada e pronta para o ataque, a Joia Negra em chamas. Daemon segurou-a pelos pulsos, mantendo-a à distância com uma facilidade que a fez gritar. Atingiu os escudos Negros das barreiras internas de Cassandra com tal força que ela teve de se esforçar para mantê-las intactas, mas não conseguiria prolongar a defesa por muito tempo. Estava esgotando suas Joias e ele ainda nem tinha usado as dele. Quando a Negra de Cassandra estivesse esgotada, não haveria como impedi-lo de estilhaçar sua mente.

Tentou se livrar dele, tentou eliminar o perigo físico imediato para que pudesse se concentrar em proteger a mente. Foi então que ficou paralisada ao sentir o dente de serpente encostado ao pulso. Acreditava que o veneno não seria mortal para um Guardião, mas, se ele injetasse uma descarga completa, ficaria imobilizada tempo suficiente para que ele a destroçasse com facilidade.

Cassandra ergueu os olhos, fitando-o com um ar de desafio, os dentes cerrados, preparada para lutar até o fim. Foi a expressão em seu rosto, a alteração nos olhos, que a deteve. Havia cautela ali. E esperança?

— Você não gosta de Dorothea — disse Daemon devagar, como se estivesse decifrando um problema complexo.

— E menos ainda de Hekatah — vociferou Cassandra.

— Hekatah. — Daemon largou-a, praguejando baixinho ao caminhar de um lado para outro.
— Hekatah ainda existe? Como você?

Cassandra fungou.

— Não como eu. Eu sou uma Guardiã. Ela é uma demônia.

— Peço perdão — disse friamente, perambulando pelo cômodo.

— Está me dizendo que não foi enviado a este lugar para matar a menina? — Cassandra friccionou os pulsos machucados.

Daemon parou.

— Aceito um pouco de vinho, se a oferta ainda estiver de pé.

Cassandra foi buscar as taças, uma garrafa de vinho tinto e o decantador de yarbarah. Servindo uma taça de cada, ofereceu-lhe o vinho.

Daemon testou-o, cheirou-o e bebeu um pequeno gole. Levantou uma sobrancelha.

— A Senhora tem um excelente gosto para vinho.

Cassandra deu de ombros.

— Não é o meu gosto. Foi um presente. — Como Daemon não disse nada, perguntou: — É por isso que está aqui?

— Talvez — disse devagar, refletindo. Depois, sorriu friamente.

— Achei que tivesse sido enviado por ter criado muitos problemas nos últimos tempos e por não haver outra corte que me aceitasse ou outra Rainha que Dorothea estivesse disposta a

sacrificar para abrandar o meu temperamento. — Bebeu o vinho, saboreando. — No entanto, se aquilo em que você acredita for verdade, e os acontecimentos recentes parecem corroborar com essa convicção, ela cometeu um erro muito grave. — Riu suavemente, porém o som que emitiu continha uma brutalidade que arrepiou Cassandra.

— Por que é um erro? Se ela lhe ofereceu algo de valor em...

— Como a minha liberdade? — A cautela estava de volta ao seu olhar. — Como um século sem ter de me ajoelhar e servir?

Cassandra cerrou os lábios. Estava indo na direção errada, e, se ele se voltasse novamente contra ela, não se compadeceria uma segunda vez.

— A menina é tudo para nós, Príncipe, e não significa nada para você.

— Nada? — Sorriu com amargura. — Acha realmente que alguém como eu, tendo vivido como vivi, sendo o que sou, seria capaz de destruir a única pessoa pela qual esperou toda a vida? Acha que sou tão estúpido assim que não reconheceria o que ela é, no que irá se tornar? Ela é mágica, Cassandra. Uma singela flor desabrochando num deserto sem fim.

Cassandra olhou espantada para Daemon.

— Você está apaixonado por ela. — Uma raiva repentina inundou-a com o pensamento que se seguiu. — É apenas uma criança.

— Esse fato não me escapou — disse, friamente, voltando a encher o copo. — Quem é “nós”?

— O quê?

— Você disse que a “menina significa tudo para nós”. Nós quem?

— Para mim... — Cassandra hesitou e respirou fundo. — E para o Sacerdote.

Na expressão de Daemon misturavam-se alívio e sofrimento. Umedeceu os lábios.

— Ele... *ele* pensa que quero fazer mal a ela? — Balançou a cabeça. — Não importa. Pensei o mesmo sobre ele.

Cassandra bufou, encolerizada.

— Como pôde... — Deteve-se. Se tinham julgado Daemon dessa maneira, por que não poderiam ser julgados por ele do mesmo jeito? Sentou-se à mesa da cozinha. Daemon hesitou, mas acabou se sentando no lado oposto. — Escute — disse Cassandra seriamente —, compreendo a amargura que sente em relação a ele, mas isso não é sequer metade da amargura que ele mesmo sente. Nunca quis abandoná-lo, mas não teve opção. Não importa o que possa pensar sobre ele devido à maneira como teve de viver, mas uma coisa é verdade: ele a adora. Com todo o seu ser, com todas as gotas do seu sangue, ele a adora.

Daemon brincava com a taça de vinho.

— Não é um pouco velho para ela?

— Eu diria experiente — respondeu Cassandra com mordacidade. — Ela será uma Rainha poderosa e deve ter a seu lado um Administrador mais velho e experiente.

Daemon olhou-a de relance, entretido.

— Administrador?

— Claro. — Examinou-o. — Você pretende usar o anel de Administrador?

Daemon fez que não com a cabeça. Seus lábios crispavam-se.

— Não, não tenho qualquer pretensão de usar o anel de *Administrador*.

— Ótimo, então. — Cassandra arregalou os olhos. Agora que o frio tinha passado, agora que ele estava um pouco mais descontraído... — Você é mesmo filho do seu pai — disse friamente, surpreendendo-se com o imediato riso caloroso. Estreitou os olhos. — Estava pensando... isso é

perverso!

— É mesmo? — Os olhos dourados de Daemon acariciaram-na com uma vivacidade inquietante. — Talvez seja.

Cassandra sorriu. Sem a raiva e a insensibilidade, era realmente um homem encantador.

— O que ela pensa de você?

— Fogo do Inferno, como vou saber? — resmungou.

Seus olhos se estreitaram quando Cassandra riu dele.

— Ela leva sua paciência até o limite? Deixa você furioso a ponto de querer gritar? Faz você se sentir como se não pudesse saber se o próximo passo o levará a tocar terra firme ou o fará cair num abismo sem fundo?

Ele olhou para ela, interessado.

— É assim que se sente?

— Ah, não — disse Cassandra, suavemente. — Mas eu não sou macho.

Daemon rosnou.

— Esse som é familiar. — Era divertido implicar com Daemon, pois, apesar da força que tinha, não a assustava da mesma forma que Saetan. — Você e o Sacerdote podem ter mais em comum do que pensam no que diz respeito a Jaenelle.

Daemon riu, e Cassandra percebeu que era a ideia de Saetan ter ficado tão desnorteado quanto ele que o divertia, que o consolava, que o ligava a eles.

Daemon terminou o vinho e levantou-se.

— Estou... feliz... por tê-la conhecido, Cassandra. Espero que não seja a última vez.

Cassandra deu o braço a Daemon e o acompanhou até a porta externa do Santuário.

— Será sempre bem-vindo, Príncipe.

Daemon levou a mão de Cassandra aos lábios e beijou-a delicadamente.

Ela o observou até sumir de vista, para depois voltar à cozinha e lavar as taças.

Restava a delicada questão de explicar esse encontro ao pai de Daemon.

5 / Terreille

Há coisas que o corpo nunca esquece, pensou Saetan ironicamente, enquanto Cassandra se aconchegava junto a ele, a mão desenhando pequenos círculos inquietos em seu peito. Até essa noite, tinha se recusado educadamente a ficar com ela, desconfiado de que ela poderia querer mais dele do que ele estava disposto a — ou do que era capaz de — lhe dar. Entretanto, ela também era uma Guardiã, e esse tipo de amor já não fazia parte das suas preocupações. Havia, afinal de contas, algumas penalizações na semivida. Ainda assim, ele achava agradável sentir a pele em contato com a pele, acariciar as curvas de um corpo feminino. Se ao menos Cassandra fosse direto ao assunto e parasse com aqueles malditos círculos; lembrava-se muito bem do que significavam.

Agarrou a mão dela, mantendo-a junto ao peito.

— E então?

Ao virar a cabeça para beijar seus cabelos, sentiu Cassandra franzindo a testa. Cerrou os lábios, aborrecido. Será que ela teria esquecido como era fácil para ele ler o corpo de uma mulher, detectar os estados de espírito mais sutis? Negaria o que lhe tinha sido gritado no preciso momento em que entrou na cozinha?

— E então? — Cassandra beijou seu peito levemente, provocando-o.

Saetan respirou fundo. Sua paciência tinha se esgotado.

— Quando é que vai me contar o que aconteceu esta tarde?

Ela ficou tensa.

— O que aconteceu esta tarde? — Ele cerrou os dentes. — As paredes se lembram, Cassandra. Também sou Viúva Negra. Quer que extraia das paredes o que aconteceu ou vai me contar você mesma?

— Na verdade, não há muito...

— Não há muito! — Saetan praguejou ao afastar-se dela, encostando-se à cabeceira da cama.

— Os séculos confundiram a sua cabeça, mulher?

— Não...

Saetan encarou-a.

— Assusto você — disse, com amargor. — Nunca machuquei você, nunca toquei em você quando estava enfurecido, poucas vezes levantei a voz. Amei-a, servi-a adequadamente e usei minha força para manter o voto que lhe fiz ao longo de todos aqueles anos de desolação. E você tem medo de mim. Desde o dia em que voltei com a Negra que você tem medo de mim. — Recostou a cabeça e fixou o teto. — Tem medo de mim e, ainda assim, tem o descaramento de levar *o meu filho* a uma fúria assassina e tentar ignorar isso como se nada tivesse acontecido. O que não consigo entender é como este lugar continua de pé, por que não estou à procura dos seus restos mortais ou por que ele não estava na entrada à minha espera. Contou a ele sobre mim? Fui o trunfo que usou para fazê-lo hesitar tempo suficiente para que tentasse acalmá-lo?

— Não foi assim que aconteceu! — Cassandra puxou os lençóis.

— Então como foi? — Sua voz parecia neutra devido ao esforço que fazia para manter a calma.

— Ele veio aqui porque achava que eu... que nós queríamos fazer mal a Jaenelle.

Saetan balançou a cabeça.

— Talvez você, não eu. Ele já sabia sobre mim.

Desviou o olhar. Não queria ver a confusão que Cassandra sentia, não queria considerar o que poderia acontecer se a tênue ligação entre ele e Daemon fosse destruída.

— Saetan... me escute. — Cassandra estendeu-lhe a mão.

Ele hesitou um momento antes de estender o braço e permitir que ela encostasse em seu ombro. Escutou-a sem interrupções enquanto ela descrevia o encontro com Daemon, suspeitando que tinha aparado algumas pontas, que lhe tinha servido o osso completamente descarnado.

— Você teve muita sorte — disse, quando Cassandra terminou.

— Bem, eu sei que ele usa a Negra.

Saetan bufou e balançou a cabeça.

— Existe uma amplitude de forças em cada Joia. Sabe disso tão bem quanto eu.

— Ele não foi devidamente treinado.

— Não confunda competência com educação. Pode não conseguir fazer tudo o que quer com

delicadeza, mas isso não significa que não seja capaz.

Cassandra se remexeu, irritada por Saetan não ter ficado satisfeito com a descrição do encontro. Havia ainda toda aquela carne que não tinha lhe servido.

— Parece que você tem medo dele — disse, mal-humorada.

— E tenho.

Cassandra espantou-se.

Subitamente, Saetan pareceu cansado. Cansado de Cassandra, cansado de Hekatah, cansado de todas as feiticeiras que tinha conhecido e que, independentemente do que sentiam ou não por ele como homem, contemplavam as suas Joias e viam ali o potencial para atingir os seus objetivos. Somente aquela com os olhos cor de safira o via como Saetan. Apenas Saetan.

— Por quê? — perguntou Cassandra, observando o rosto de Saetan com atenção.

Saetan fechou os olhos. Tão cansado. E havia outro homem, um homem bem mais desesperado, que tinha vivido apenas dezessete séculos, mas que estava igualmente cansado.

— Porque é mais forte do que eu, Cassandra. E não somente porque está vivo. É mais forte do que eu era no meu auge, e mais... implacável.

Cassandra mordeu o lábio.

— Ele sabe de Jaenelle. Tive a impressão de que sabe onde ela está.

Saetan soltou uma gargalhada aguda.

— Ah, imagino que sim. Não deve ser uma longa caminhada do quarto dele até o de Jaenelle.

— *O quê?*

— Está servindo a família dela, Cassandra. Vivem na mesma casa. — Inclinou-se para a Guardiã, segurando seu queixo entre os dedos. — Está começando a entender? Sabe sobre mim porque Jaenelle lhe contou, sem ter noção de que o faria subir pelas paredes, não tenho dúvidas. E eu sei sobre ele porque ele mesmo me enviou uma mensagem por meio de Jaenelle. Uma mensagem educada avisando-me, basicamente, para ficar longe do seu território.

— Ele não quer ser Administrador da corte.

Saetan riu, divertindo-se de verdade.

— Claro que não. Está no auge, viril, vivo e bem treinado na arte da sedução. Deve estar enlouquecendo com aquele corpo de doze anos.

Cassandra hesitou.

— Daemon pensava que você pretendia ser Consorte de Jaenelle.

Saetan olhou-a de lado.

— O que você lhe disse?

— Que ela precisava de um Administrador mais velho e mais experiente.

— Foi gentil da sua parte.

Cassandra suspirou.

— Ainda está zangado por eu ter falado com ele.

— Não, não estou. Só queria... — *Tê-lo visto, falado com ele, sentido a força da sua mão, ouvido o som da sua voz. Ter tido a oportunidade de nos avaliarmos honestamente. Somos forçados a confiar um no outro porque Jaenelle está nos pedindo, porque ela confia.*

Acariciou o cabelo de Cassandra.

— Prometa-me que terá cuidado. Hekatah está à procura de Jaenelle. Se Dorothea estiver ao lado dela, ele saberá bem onde detectar o perigo vindo desse lado. Se virá ou não pedir nossa ajuda, dependerá se confia ou não em nós. Eu quero ganhar essa confiança, Cassandra, e não é só

por causa de Jaenelle. Você me deve isso.

CAPÍTULO DEZ

1 / Terreille

*P*or que ela faz tantas perguntas desagradáveis? Pensou Daemon, cerrando os dentes e olhando para a frente enquanto caminhavam pelo jardim. Quase sentia falta de Wilhelmina, que estava de cama, resfriada. Pelo menos na presença da irmã, Jaenelle não lhe colocava perguntas que o faziam corar.

— Você não vai responder, não é? — questionou Jaenelle após um minuto nervoso de silêncio.

— Não.

— Não sabe a resposta?

— Se eu sei ou não a resposta, não importa. Não é algo que um homem discuta com uma menina.

— Mas você sabe a resposta.

Daemon rosnou.

— Se eu fosse mais velha, você me diria? — insistiu Jaenelle.

Parecia ainda haver uma saída.

— Sim, se fosse mais velha.

— De que idade?

— O quê?

— Que idade eu precisaria ter?

— Dezenove — repetiu rapidamente, começando a relaxar. Não sabia que tipo de perguntas ela poderia ter nesses sete anos até lá, mas pelo menos não precisaria responder essa agora.

— Dezenove?

O estômago de Daemon se remexeu. Ele apressou o passo. O jeito agradável como ela dissera aquele número deixou-o claramente incomodado.

— O Sacerdote disse que não iria responder até eu ter vinte e cinco anos — disse Jaenelle alegremente —, mas você irá me dizer seis anos antes.

Daemon parou de repente. Seus olhos se estreitaram ao fitar o rosto feliz, o nariz arrebitado e os límpidos olhos cor de safira.

— Você perguntou ao Sacerdote?

Jaenelle pareceu ligeiramente incomodada, o que fez com que Daemon se sentisse ligeiramente melhor.

— Bem... sim.

Daemon imaginou Saetan tentando lidar com a mesma pergunta e lutou contra o impulso de rir. Pigarreou, tentando parecer severo.

— Você sempre me pergunta as coisas que pergunta a ele?

— Depende se obtenho ou não uma resposta.

Daemon cerrou os dentes para não deixar escapar uma resposta maravilhosamente expressiva.

— Entendo — disse com a voz estrangulada. Voltou a andar.

Jaenelle saltitou à sua frente e examinou algumas folhas.

— Às vezes faço a mesma pergunta a muitas pessoas.

A cabeça de Daemon começou a doer.

— E o que faz se as respostas forem diferentes?

— Penso sobre o assunto.

— Mãe Noite — murmurou.

Jaenelle juntou algumas folhas e fez cara feia.

— Algumas perguntas só vou poder voltar a fazer quando tiver cem anos. Não acho que seja justo, e você?

Acho!

— Quer dizer — prosseguiu ela —, como é que vou aprender o que quer que seja se ninguém me disser?

— Há perguntas que não se deve fazer até a pessoa ser suficientemente madura para poder apreciar as respostas.

Jaenelle mostrou a língua para ele. Ele fez o mesmo.

— Só porque você é um pouco mais velho do que eu não quer dizer que precisa ser tão mandão — queixou-se.

Daemon olhou em volta para ver se havia mais alguém por perto. Mas era a ele mesmo que ela estava se referindo. Quando é que tinha deixado de ser mais velho para se tornar *um pouco* mais velho... e mandão?

Fedelha insolente. Exasperante, impossível... como é que o Sacerdote conseguia aguentar? Como...

Daemon exibiu seu melhor sorriso, o que se revelou difícil pois tinha os dentes ainda cerrados.

— Vai se encontrar com o Sacerdote hoje?

Jaenelle franziu a testa, desconfiada.

— Sim.

— Pode entregar a ele uma mensagem?

Os olhos de Jaenelle se estreitaram.

— Está bem — disse prudentemente.

— Venha, tenho papel no meu quarto.

Enquanto Jaenelle aguardava à porta do quarto, Daemon redigiu a pergunta e selou o envelope. Jaenelle olhou para o pedaço de papel, deu de ombros e enfiou-o no bolso do casaco. Então despediram-se. Daemon foi acompanhar Alexandra nas suas visitas matutinas e Jaenelle para as suas aulas.

Saetan levantou os olhos do livro.

— Você não deveria estar com Andulvar? — perguntou quando Jaenelle entrou de rompante no escritório.

Saetan e Andulvar tinham decidido que, sob o pretexto de estudar armas eyrienas, Andulvar lhe ensinaria autodefesa física enquanto Saetan se concentraria nas armas da Arte.

— Sim, mas queria lhe entregar isto primeiro. — Passou a Saetan um envelope branco simples.

— Prothvar vai ajudar com a lição?

— Imagino que sim — respondeu Saetan, examinando o envelope.

Jaenelle torceu o nariz.

— Os meninos são brutos, não são?

Ele a está pressionando porque tem medo de você, criança-feiticeira.

— Sim, acho que são. Agora vá.

Ela o abraçou com força.

— Vejo você depois?

Ele beijou-a na face.

— Nem tente ir embora sem falar comigo.

Ela abriu um sorriso largo e saiu pulando.

Saetan virou e revirou o envelope antes de abri-lo cuidadosamente. Retirou a única folha de papel, leu-a, leu-a mais uma vez... e começou a rir.

Quando Jaenelle voltou, depois de devorar os sanduíches e os bolinhos de avelã que a aguardavam, Saetan lhe entregou o envelope, selado novamente com cera preta. Ela o enfiou no bolso, educada o bastante para não demonstrar curiosidade em relação à troca de correspondência entre Saetan e Daemon.

Depois que Jaenelle foi embora, Saetan sentou-se na sua cadeira, com um sorriso nos lábios, perguntando-se o que faria o seu belo e jovem Príncipe com a resposta que lhe tinha enviado.

Daemon estava ajudando Alexandra a vestir a capa quando Jaenelle apareceu de repente no corredor. Passara o dia oscilando entre a curiosidade e a preocupação, lamentando a reação impulsiva que o fizera enviar aquela mensagem. Nesse momento, Daemon e Alexandra estavam de saída para o teatro, e não era nem o momento nem o lugar para questionar a menina sobre a mensagem.

— Você está maravilhosa, Alexandra — disse Jaenelle, admirando o elegante vestido.

Alexandra sorriu, mas franziu ligeiramente a testa. Irritava-a que Jaenelle insistisse em chamar todo mundo pelo primeiro nome. Exceto ele.

— Obrigada, minha querida — disse, um pouco rispidamente. — Você não devia estar na cama?

— Só queria dar boa-noite — disse Jaenelle educadamente, mas Daemon reparou na pequena alteração em seu rosto, a tristeza sob a máscara de criança. Reparou também que não lhe dirigiu a palavra.

Estavam caminhando em direção à porta quando Daemon sentiu algo no bolso do casaco. Enfiando os dedos no bolso, sentiu o envelope e um aperto na garganta.

Passou a noite tocando furtivamente no envelope, desejando encontrar uma desculpa para ficar sozinho por um minuto e poder puxá-lo. Anos de autocontrole e disciplina acabaram prevalecendo, e foi só quando deixou Alexandra embalada por um sono satisfeito e se encontrou sozinho no próprio quarto que se permitiu olhar para o envelope.

Olhou fixamente para a cera preta. O Sacerdote lera a mensagem. Umedeceu os lábios, respirou fundo e partiu o selo.

A caligrafia era robusta, clara e masculina com um floreado arcaico. Leu a resposta, voltou a lê-

la... e riu.

Daemon tinha escrito: “O que você faz quando ela pergunta alguma coisa que um homem nunca deveria responder a uma criança?”

Saetan respondeu: “Fico esperando que seja amável o bastante para responder por mim. No entanto, se ficar encurralado, recomende que ela me consulte. Já me habituei ao choque.”

Daemon deu um sorriso largo, balançou a cabeça e escondeu o bilhete entre seus papéis pessoais. Nessa noite, bem como nas noites que se seguiram, adormeceu sorrindo.

2 / Terreille

Daemon estava debaixo do bordo, no caramanhão, com a testa franzida. Tinha visto Jaenelle entrar ali alguns minutos antes, podia senti-la por perto, mas não conseguia encontrá-la. Onde...

Um ramo agitou-se sobre a sua cabeça. Daemon olhou para cima e engoliu em seco para evitar que o coração saltasse pela boca. Voltou a engolir — em seco — para reprimir a censura que formava bolhas em sua garganta num esforço para se libertar. Toda aquela deglutição tinha lhe deixado com dor de cabeça. Quando as suas narinas se dilataram, respirando com dificuldade, e os seus pulmões lançaram baforadas brancas no ar frio, Jaenelle soltou a sua gargalhada prateada e aveludada.

— Os dragões sabem fazer isso mesmo quando não está frio — disse jovialmente, olhando para baixo do ramo mais baixo, cerca de dois metros e meio acima da cabeça de Daemon. Estava agachada no galho, abraçando as pernas, e parecia não haver nenhum lugar onde se segurar caso se desequilibrasse.

Daemon não estava interessado em dragões, e o seu coração já não estava tentando saltar para fora do corpo — tentava, agora, rastejar para o estômago e esconder-se.

— Por acaso se importaria de descer daí, Senhora? — perguntou, surpreendido pelo tom descontraído da sua voz. — Alturas me deixam enjoado.

— Verdade? — As sobranceiras de Jaenelle ergueram-se de espanto. Ela encolheu os ombros, levantou-se e pulou.

Daemon saltou para a frente a fim de segurá-la, mas recuou a tempo, sendo contemplado com um espasmo de protesto de um músculo das costas. Ficou observando, de olhos arregalados, enquanto Jaenelle flutuava para o chão, de forma tão graciosa quanto as folhas que dançavam à sua volta, pousando por fim no gramado a alguns centímetros dele.

Daemon endireitou-se, retraiu-se em virtude de um novo espasmo muscular e olhou para a árvore. *Fique calmo. Se gritar com ela, não irá responder a nenhuma pergunta.*

Respirou fundo, expirando uma baforada de vapor.

— Como subiu ali?

Jaenelle deu um sorriso hesitante, mas como se quisesse participar do jogo.

— Do mesmo jeito como descí.

Daemon sorriu e sentou-se no banco de ferro batido que circundava a árvore.

— Mãe Noite — murmurou, encostando a cabeça à árvore e fechando os olhos.

O silêncio prolongou-se durante algum tempo. Sabia que Jaenelle o observava, passando a mão no cabelo e tentando decifrar o seu comportamento aparentemente estranho.

— Não sabe flutuar, Príncipe? — perguntou Jaenelle, hesitante, como se receasse ofendê-lo.

Daemon abriu ligeiramente os olhos. Conseguia ver os próprios joelhos — e os pés dela. Sentou-se devagar e estudou os pés plantados firmemente sobre o nada.

— Parece que faltei a essa lição — disse friamente. — Pode me ensinar?

Jaenelle hesitou, subitamente tímida.

— Por favor? — Odiou o anseio presente na voz.

Odiava se sentir tão vulnerável. Ela tinha começado a elaborar uma desculpa, mas aquele tom na voz de Daemon a interrompeu, a fez olhar para ele com atenção. Daemon não tinha ideia do que Jaenelle viu no seu rosto. Sentiu-se simplesmente cru, despido e impotente diante do olhar fixo daqueles olhos cor de safira.

Jaenelle sorriu com timidez.

— Posso tentar — hesitou. — Nunca experimentei ensinar um adulto.

— Os adultos são como as crianças, só que mais crescidos — disse Daemon animadamente, pondo-se de pé num salto.

Jaenelle suspirou, em sua expressão uma ansiedade animada.

— Aqui em cima — disse enquanto subia no banco de ferro.

Daemon subiu, colocando-se a seu lado.

— Consegue sentir o banco debaixo dos seus pés?

Claro que conseguia. Era um dia frio que prometia neve pela manhã, e ele podia sentir o frio do banco de ferro penetrando pelos sapatos.

— Sim.

— Tem que *sentir* o banco de verdade.

— Senhora — disse Daemon, secamente —, *estou sentindo* o banco de verdade.

Jaenelle franziu o nariz.

— Bem, o que você precisa fazer é prolongar o banco ao longo de todo o caramanchão. Você dá um passo — avançou um pé e parecia que estava realmente pisando algo sólido — e continua sentindo o banco. Assim. — Passou o outro pé para a frente e ficou pairando no ar, exatamente na altura do banco. Olhou para Daemon por cima do ombro.

Daemon respirou fundo, expirando uma baforada de vapor.

— Está bem. — Imaginou o banco prolongando-se à sua frente, colocou um pé à frente, no ar, e caiu já que não havia nada embaixo. O pé bateu no chão duro, sacudindo-o do tornozelo aos ouvidos.

Levou o outro pé ao chão e testou o tornozelo com cuidado. Ficaria um pouco dolorido, mas estava inteiro. Manteve as costas ligeiramente voltadas para Jaenelle, rangendo os dentes, aguardando a risadinha insolente que ouvira em tantas outras cortes sempre que o tinham levado a fazer papéis ridículos. Estava furioso por ter falhado, furioso pelo desespero súbito que sentia por temer que Jaenelle o julgasse um companheiro inadequado.

Tinha se esquecido de que Jaenelle era Jaenelle.

— Desculpe, Daemon — uma voz trêmula e sussurrante surgiu atrás dele. — Desculpe. Machucou?

— Só o meu orgulho — disse Daemon ao se virar, os lábios formando um sorriso pesaroso. —

Senhora? — Em seguida, alarmado: — Senhora!

Jaenelle, não, querida, não chore. — Puxou-a para os seus braços enquanto os ombros de Jaenelle tremiam devido ao esforço de não emitir qualquer som. — Não chore — sussurrou Daemon, acariciando os seus cabelos. — Não chore, por favor. Não me machuquei. De verdade, não mesmo. — Uma vez que a cabeça de Jaenelle estava enterrada no seu peito, permitiu-se um sorriso angustiado ao beijar os seus cabelos. — Devo ser crescido demais para aprender magia.

— Não, não é — disse Jaenelle, afastando-se dele e limpando as lágrimas do rosto com as costas das mãos. — Só que até agora eu nunca tinha tentado explicar isto a ninguém.

— Ora, ora — disse Daemon, com uma animação exagerada. — Se nunca mostrou a ninguém...

— Ah, *mostrei* a muitos dos meus outros amigos — disse Jaenelle, bruscamente. — Só que nunca tentei explicar.

Daemon estava intrigado.

— Como foi que mostrou a eles?

De imediato, sentiu que ela se afastava dele. Não fisicamente — nem tinha se mexido —, mas interiormente.

Jaenelle olhou para Daemon de relance, nervosa, antes de se esconder atrás do véu de cabelos.

— Eu... toquei neles... para que entendessem.

A brasa nas suas entranhas, que o aquecia desde a primeira vez que a vira, flamejou por um breve momento e voltou a diminuir de intensidade. Tocá-la, mente com mente, penetrar sob as sombras... Nunca teria se atrevido a sugerir isso, nunca teria se atrevido a lhe fazer a primeira proposta até que ela fosse muito, muito mais velha. Mas agora. Ligar-se a ela, mesmo que por breves instantes, além da primeira barreira interna — ah, tocar Jaenelle.

Daemon ficou com água na boca.

Existia o risco, claro. Mesmo que fosse Jaenelle a iniciar o toque, poderia ser cedo demais. Ele era o que era, e, mesmo na primeira barreira, estava presente o redemoinho de raiva e de astúcia de predador que constituía o Príncipe dos Senhores da Guerra chamado Daemon Sadi. E era macho, adulto. Também isso seria evidente.

Daemon respirou fundo.

— Se tiver medo de me machucar com o toque, eu...

— Não — disse ela prontamente. Fechou os olhos, e Daemon podia sentir o seu sofrimento. — É que eu sou... diferente... e algumas pessoas, quando as toquei... — A sua voz se perdeu, e Daemon compreendeu.

Wilhelmina. Wilhelmina, que amava a irmã e ficara feliz por tê-la de volta, tinha, por alguma razão, rejeitado o toque tão pessoal.

— Só porque algumas pessoas acham que você é diferente...

— Não, Daemon — disse Jaenelle suavemente, olhando para ele com aqueles olhos antigos, melancólicos e perturbados. — *Todos* sabem que sou diferente. Só que para alguns não tem importância, e para outros tem uma enorme importância. — Uma lágrima escorreu pela sua face. — Por que sou diferente?

Daemon desviou o olhar. Ah, criança. Como poderia explicar que eram os sonhos tornados realidade? Que, para alguns, fazia com que o sangue nas veias cantasse? Que era o tipo de magia que os Sangue já não viam há muito, muito tempo?

— O que o Sacerdote diz?

Jaenelle fungou.

— Diz que crescer é difícil.

Daemon sorriu compreensivamente.

— É isso mesmo.

— Diz que todos os seres vivos lutam para sair do casulo ou da concha para que se tornem aquilo a que estão destinados. Diz que dançar pela glória da Feiticeira é celebrar a vida. Diz que é bom sermos *todos* diferentes, senão o Inferno seria um lugar horivelmente desinteressante.

Daemon riu, mas não iria deixar que o distraísse.

— Me ensine. — Tinha sido uma ordem arrogante, suavizada apenas pela maneira dócil com que fora proferida.

Ali estava ela. Imediatamente. Mas de um modo que nunca tinha sentido antes. Sabia que ela havia percebido a confusão dele, sentiu que chorava de desespero diante da sua reação.

— Espere — disse Daemon ríspidamente, erguendo uma mão. — Espere.

Jaenelle ainda estava ligada a ele. Sentiu o batimento rápido do seu coração, a respiração nervosa. Cautelosamente, explorou.

Jaenelle não tinha ultrapassado a primeira barreira, onde os pensamentos e as sensações eram analisados, e, ainda assim, aquilo era mais do que a simples ligação interior para comunicação utilizada pelos Sangue. E estava além da vigilância física que normalmente fazia na cama. Era o compartilhamento da experiência física. Sentiu o cabelo dela a roçar o próprio rosto como se fosse o dele, sentiu a textura do seu vestido junto à pele.

Ah, as potencialidades desse tipo de ligação durante...

— Muito bem — disse, passado um momento. — Acho que já me ambientei. E agora? — Sentiu o rosto ardendo enquanto Jaenelle o observava cautelosamente.

Por fim, ela disse:

— Agora caminhamos no ar.

Era estranha a sensação de que as pernas eram ao mesmo tempo compridas e curtas, e ele teve que tentar algumas vezes para subir novamente no banco. Animado, balançou a cabeça diante da expressão de espanto de Jaenelle. Naturalmente, se todos os outros amigos fossem crianças, seriam, provavelmente, todos de idades próximas, bem como de tamanhos parecidos. E do mesmo sexo? Afastou o pensamento antes de ter tempo de sentir ciúmes.

Depois disso, fora extraordinariamente simples e Daemon se deleitou. Aprendeu ao sentir os movimentos de Jaenelle. Era como fazer um objeto flutuar no ar, mas o procedimento era em si mesmo. Praticaram caminhadas retas, desfiles em volta do caramanchão. Depois para cima e para baixo. Fingir que subia escadas levou mais tempo, porque Daemon queria uma distância mais compatível com as suas pernas e não parava de tropeçar em nada.

Foi então que a ligação sumiu e Daemon ficou pairando no ar, sozinho, Jaenelle a observá-lo, os olhos reluzentes de orgulho e deleite. Quando Daemon desceu até o chão com um floreio gracioso, Jaenelle bateu palmas, encantada.

Daemon abriu os braços. Jaenelle deslizou na sua direção e envolveu-lhe o pescoço com os braços. Ele abraçou-a com força, o rosto mergulhado nos seus cabelos.

— Obrigado — disse com a voz rouca. — Obrigado.

— De nada, Daemon. — Sua voz era uma carícia adorável e sensual.

Abraçado a ela, com os lábios tão próximos do pescoço de Jaenelle, não queria largá-la, mas a cautela venceu o desejo.

Não a afastou. Agarrou-a pelos ombros, delicadamente, e recuou.

— É melhor voltarmos antes que alguém venha nos procurar.

O brilho de felicidade de Jaenelle desvaneceu. Deixou-se cair no chão, des preocupadamente.

— Pois é. — Olhou para o canteiro de sangues-de-feiticeira. — Pois é. — Foi saindo do caramanchão, sem esperar por Daemon.

Daemon aguardou um minuto. É melhor não entrarmos juntos. É melhor não ser tão óbvio. Para a segurança de Jaenelle, tinha de ser cauteloso.

Olhou de soslaio para o canteiro de sangues-de-feiticeira e saiu rapidamente do caramanchão. Ao deslizar pelas trilhas do jardim, seu rosto voltou a ostentar a familiar máscara de frieza, a felicidade que sentira poucos minutos antes afiando a lâmina do seu temperamento de tal maneira que poderia fazer o ar sangrar.

Se você cantar a melodia certa, elas lhe dirão os nomes das que já morreram.

Tudo tem um preço.

Qualquer que fosse o preço, o que quer que tivesse de fazer, garantiria que não houvesse uma daquelas plantas para ela.

3 / Terreille

Daemon vestiu o suéter de lã vermelho e ajeitou o colarinho da camisa xadrez dourada e branca. Satisfeito, examinou o próprio reflexo. Seus olhos pareciam manteiga derretida pelo bom humor e disposição, o rosto sutilmente alterado pelo sorriso rasgado e descontraído de um garoto. A mudança na própria aparência o espantou, mas, passado um momento, ele balançou a cabeça e se penteou.

A diferença devia-se a Jaenelle e às incontáveis maneiras que ela tinha de o deixar preocupado, intrigado, fascinado, encolerizado e encantado. Mais ainda, agora que esse período estava tão distante no tempo, ela estava lhe proporcionando — ao Sádico entediado e exausto — uma infância. Jaenelle coloria os dias de magia e de encantamento e Daemon via agora, como se fossem novidade, todas as coisas a que deixara de prestar atenção.

Sorriu para o próprio reflexo. Sentia-se como uma criança de doze anos. Não, doze não. Pelo menos uns experientes catorze anos. Ainda suficientemente jovem para brincar com uma menina como amigo, porém já com idade para imaginar o dia em que lhe roubaria o primeiro beijo.

Daemon colocou o casaco, dirigiu-se à cozinha, pegou um par de maçãs na fruteira, piscou para a Cozinheira e abandonou-se a uma manhã com Jaenelle.

O jardim estava debaixo de vários centímetros de neve seca que desprendia vapor ao redor das suas pernas. Seguiu as pegadas menores que pareciam caminhar, saltitar e pular ao longo do caminho. Ao chegar à curva que o deixava fora da visão de quem quer que olhasse pelas janelas do andar mais alto da casa, as pegadas desapareceram.

Daemon verificou na mesma hora todas as árvores em volta e soltou um suspiro ruidoso de alívio por não a encontrar em nenhuma delas. Teria retrocedido usando as próprias pegadas,

esperando que ele passasse por ela?

Com um grande sorriso, tentou juntar um pouco de neve nas mãos enluvadas, mas estava mole demais. Ao se endireitar, foi atingido no pescoço por algo mole. Uivou ao sentir o montinho de neve descendo pelas costas.

Daemon girou nos calcanhares, semicerrando os olhos enquanto contraía os lábios. Jaenelle estava a poucos metros dele, com o rosto brilhando com um ar travesso e divertido, e o braço levantado para mandar a segunda bola de neve. Daemon pôs as mãos no quadril. Jaenelle baixou o braço, olhando-o por entre os cílios, tentando ficar séria enquanto aguardava a reprimenda.

E Daemon repreendeu-a.

— É totalmente injusto — disse com a sua voz mais severa — iniciar uma guerra de bolas de neve quando apenas um dos combatentes consegue fazê-las. — Aguardou, adorando o brilho nos olhos de Jaenelle. — Então?

Mesmo sem ler os pensamentos, podia sentir que o seu toque estava repleto de riso. Daemon curvou-se, pegou um pouco de neve e aprendeu a fazer bolas de neve com neve mole demais para juntar. Era como uma lição de Arte básica — criar uma bola de luz encantada —, mas requeria um conhecimento mais sutil e intrínseco de Arte, e Daemon nunca conhecera alguém que o tivesse.

— Foi o Sacerdote que lhe ensinou isto? — perguntou ao se levantar, encantado com a bola de neve perfeita que segurava nas mãos.

Jaenelle olhou para ele chocada. E depois deu uma gargalhada.

— Nãooooo. — Levantou o braço rapidamente, atingindo-o no peito com uma bola de neve.

Os minutos seguintes foram de guerra total, em que se crivaram de bolas de neve, tão rapidamente quanto as conseguiam produzir.

Quando terminaram, Daemon estava salpicado de montinhos brancos. Curvou-se, apoiando as mãos nos joelhos.

— O campo é todo seu, Senhora — disse ele, ofegante.

— É o melhor que pode fazer — respondeu ela, mordazmente.

Daemon ergueu a cabeça, franzindo a testa.

Jaenelle torceu o nariz e correu em direção ao caramanchão.

Daemon deu um salto atrás dela, correu alguns passos, parou e olhou para trás. As únicas pegadas eram as dele. Agachou-se, examinando a neve. Quer dizer, não era bem assim. *Havia* marcas na neve que levavam até a trilha para o caramanchão. Daemon riu e pôs-se de pé.

— Bruxinha esperta. — Levantou um pé e colocou-o sobre a neve, concentrando-se até sentir que estava pisando chão firme. Posicionou o outro pé. Passo, passo, passo. Olhou para trás e sorriu rasgadamente ao não ver pegadas. Então correu para o caramanchão.

Jaenelle estava se esforçando para empurrar a parte de baixo de um boneco de neve para o centro do caramanchão. Ainda com um largo sorriso no rosto, Daemon ajudou-a. Começou a trabalhar na parte do meio enquanto Jaenelle criava uma bola para a cabeça. Trabalharam num silêncio de camaradas, Daemon preenchendo os espaços vazios enquanto Jaenelle pairava no ar e moldava a cabeça.

Jaenelle recuou, observou o que tinham feito e começou a rir. Daemon deu alguns passos atrás, olhou para o boneco e começou a tossir e a gemer e a rir. Embora toscamente moldado, não havia dúvidas em relação ao rosto sobre o corpo grosseiramente rechonchudo.

— Sabe — ele mal conseguia falar —, se algum dos guardas vir isto e se chegar aos ouvidos de

Graff... vamos ter sérios problemas.

Jaenelle olhou-o de esguelha, cheia de malandragem, e Daemon não se importou com os problemas que pudessem surgir.

Tirou as maçãs do bolso e ofereceu uma a Jaenelle, que deu uma dentada, mastigou pensativamente e suspirou.

— Não vai durar muito, sabe — disse, com pesar.

Daemon olhou para ela, perplexo.

— Nunca duram. — Olhou para o sol que começava a espreitar por trás das nuvens. — Não acredito que a neve vá durar. Parece que está ficando mais quente.

Jaenelle balançou a cabeça e deu outra dentada na maçã.

— Não — disse, engolindo. — Vai desaparecer antes de derreter. Não consigo mantê-la por muito tempo. — Franziu a testa e ajeitou o cabelo enquanto observava a Graff de neve. — Falta alguma coisa. Alguma coisa que ainda não sei e que poderia fazê-lo aguentar mais tempo...

O simples fato de conseguir fazer isto já está além do que a maioria alcança, Senhora.

— ... que poderia tecer...

Daemon sentiu um arrepio. Atirou o caroço da maçã para os arbustos, de modo que os pássaros o encontrassem.

— Nem pense nisso — disse, sem se preocupar se a sua voz parecia severa.

Jaenelle olhou para ele, surpresa.

— Nem pense em fazer experiências com a tecelagem de sonhos sem a orientação de alguém que saiba fazer isso corretamente. — Colocou mãos nos ombros de Jaenelle, apertando-os ligeiramente. — Tecer uma teia de sonhos pode ser muito perigoso. As Viúvas Negras só aprendem a tecê-la na segunda fase do treinamento porque é muito fácil deixarem-se enredar por ela. — Manteve Jaenelle à distância dos braços esticados e perscrutou o rosto da menina. — Me prometa, por favor, que não tentará fazer isso sozinha. Que será ensinada por quem de melhor existir nesta área. — *Porque eu não aguentaria se existisse apenas uma carapaça vazia e de olhar inexpressivo para amar e soubesse que você estava perdida em algum lugar fora do meu alcance, sem chance de retorno.*

As mãos de Daemon apertaram um pouco mais os ombros de Jaenelle. A expressão pensativa da menina o assustou.

— Sim — assentiu Jaenelle, por fim. — Claro que você tem razão. Se vou aprender, tenho de pedir a quem nasceu com esse dom que me ensine. — Examinou a Graff de neve. — Viu? Já está se desfazendo.

A neve começava a perder a forma, escorrendo para um monte esponjoso no centro do caramanchão.

Juntos, eles caminharam pelo ar até a trilha principal do jardim. Descendo até a neve, e sempre com dificuldade para andar, Jaenelle afastou-se da casa alguns metros, virou-se e voltou, chutando a neve, deixando um rastro bastante perceptível. Daemon olhou para trás, para o caminho sem marcas, pensou nas consequências se os outros descobrissem que Jaenelle podia se movimentar sem deixar rastro, desceu até o chão e arrastou-se atrás dela, de volta para a casa.

4 / Terreille

Daemon entrou de rompante no quarto, bateu a porta, despiu-se, tomou banho e voltou ao quarto.

Vagabunda. *Vagabunda* estúpida e chorona. Como se atrevia? Como se *atrevia*?

As palavras de Leland ardiam dentro dele. *Hoje à noite vamos ter uma reunião, só algumas das minhas amigas. Você irá nos servir, é claro, por isso espero que se vista apropriadamente.*

O frio o arrebatava, incrustando nele uma calma glacial. Respirou fundo e sorriu.

Se a vagabunda queria um prostituto hoje à noite, teria um prostituto.

Levantando a mão, Daemon invocou dois baús. Para onde quer que fosse, os baús que continham as suas roupas e os seus bens “pessoais” eram sempre deixados à vista, e seu conteúdo podia ser esquadrinhado por qualquer Rainha ou Administrador. Aqueles dois baús, porém, ele nunca dava a conhecer. Os baús pessoais continham os artigos que, de algum modo, tinham grande valor para Daemon.

Um desses baús estava meio vazio e continha recordações pessoais, um testemunho da penúria que era a sua vida. Continha também os estojos forrados de veludo e fechados a chave onde guardava as suas Joias — a Vermelha de Direito por Progenitura e a fria e gloriosa Negra. O outro baú continha vários trajes aos quais se referia sarcasticamente como “roupas de prostituto” — roupas de uma dúzia de culturas diferentes, concebidas para excitar os sentidos femininos.

Abriu o baú dos trajes e examinou seu conteúdo. Sim, aquele serviria perfeitamente.

Retirou um par de calças pretas de um couro tão suave e corte tão perfeito que se ajustavam ao corpo como uma segunda pele. Vestiu-as, ajeitando a protuberância na frente da forma mais favorável. Em seguida vieram as botas pretas de couro, de cano e saltos altos. A camisa de seda branca, perfeitamente talhada, formava um V oblíquo do decote à cintura, onde era fechada por dois botões em madrepérola, com mangas ondulantes e punhos justos. Em seguida, puxou os estojos de maquiagem e, com uma deliberação fria e cruel, aplicou uma cor sutil nas bochechas, pálpebras e lábios. Fez isso com tanta perícia que ficou parecendo andrógino, se bem que mais selvagememente macho, uma mistura inquietante. Arrumando os estojos de maquiagem no baú, tirou de dentro dele uma pequena argola de ouro e enfiou-a na orelha. Penteou-se, usando Arte para ficar com um estilo descontraidamente desalinhado. Por último, um chapéu de feltro preto com uma fita preta de couro e uma grande pena branca. Em frente ao espelho de corpo inteiro, pôs o chapéu com cuidado e examinou o próprio reflexo.

Sorrindo ao prever a reação de Leland ao seu traje, Daemon ouviu uma batida rápida na porta antes que esta se abrisse para logo se fechar.

Viu-a pelo espelho. Por um breve momento, a vergonha ameaçou estilhaçar a crosta gelada de raiva, mas conseguiu detê-la. Ela era, apesar de tudo, uma fêmea. O sorriso cruel e sensual de Daemon floresceu quando se virou.

Jaenelle encarou-o espantada, de olhos arregalados e boca aberta. Daemon não disse nada, não fez nada. Simplesmente aguardou a inspeção, as palavras condenatórias.

Ela começou pelos pés, os olhos viajando lentamente para cima. A respiração de Daemon ficou suspensa quando o olhar chegou ao quadril. Ele aguardou pela especulação tão familiar sobre o que haveria entre aquelas pernas, ou então pelo olhar envergonhado que, depois de passar apressadamente, voltava a dar um breve relance. Jaenelle não pareceu reparar. Sua inspeção não

sofreu alterações de velocidade enquanto ela examinava a camisa, o brinco, o rosto e, por fim, o chapéu. Então, recomeçou no chapéu e fez o percurso inverso.

Daemon aguardou.

Jaenelle abriu a boca, fechou-a e, por fim, disse timidamente:

— Acha que, quando eu crescer, poderei usar uma roupa como essa?

Daemon mordeu a bochecha. Não sabia se ria ou chorava. Para ganhar tempo, baixou a cabeça para olhar para si mesmo.

— Bem — disse, refletindo com calma —, a camisa teria de ser um pouco alterada para se ajustar a um corpo feminino, mas não vejo qualquer impedimento.

Jaenelle irradiou alegria.

— Daemon, o chapéu é maravilhoso.

Levou um momento para admiti-lo, mas sentiu-se ofendido. Ali estava, diante dela, exposto, por assim dizer, e o que mais a fascinou foi o *chapéu*.

Você sabe bem como ferir o ego de um homem, não sabe, minha pequena?, pensou friamente ao dizer:

— Quer experimentá-lo?

Jaenelle saltou para o espelho, roçando nele ao passar.

O calor repentino, o sobressalto de prazer, o desejo intenso de agarrá-la junto a si surpreenderam-no o suficiente para que se afastasse, deixando-a passar. Com as mãos trêmulas, colocou o chapéu na cabeça de Jaenelle, para logo em seguida ouvi-la rir, uma vez que o chapéu ficava enterrado até a ponta do seu nariz, deixando apenas entrever o queixo da menina.

— Precisar crescer um pouco até poder usá-lo, Senhora — disse calorosamente.

Usando a Arte, posicionou o chapéu sobre a cabeça de Jaenelle, suspendendo-o no ar.

Arrependeu-se na mesma hora.

Ela seria deslumbrante, percebeu ao olhar para o rosto que olhava para o reflexo dele, cravando as unhas nas palmas das mãos.

Naquele momento visualizou o rosto de Jaenelle dentro de alguns anos, quando as feições pontiagudas se harmonizassem. As sobrancelhas e os cílios. Eram de um dourado fuliginoso ou de um negro coberto de pó de ouro? Os olhos, que já não se escondiam por trás da máscara infantil, atraíam-no para uma estrada mais escura do que ele jamais soubera existir, uma estrada que queria desesperadamente seguir.

Pela primeira vez na vida, Daemon sentiu uma ânsia entre as pernas. Fechou os olhos, cerrou os dentes e enterrou as unhas ainda mais fundo nas palmas das mãos.

Não, implorou em silêncio. Agora não. Não podia, não devia reagir ainda. Ninguém podia saber que *conseguia* reagir. Seria a perdição de ambos se alguém sentisse aquela resposta física pelo Anel. Por favor, por favor, por favor.

— Daemon?

Daemon abriu os olhos. Jaenelle, a criança, observava-o, a testa franzida de preocupação. Sorriu, inseguro, ao abrir as mãos lentamente, pegando o chapéu.

— Os convidados de Leland devem estar chegando a qualquer momento e eu ainda tenho de me vestir, por isso vamos logo.

Havia algo estranho na forma como olhava para ele, mas não conseguia perceber o quê. Depois que Jaenelle saiu, Daemon afundou-se na cama, olhando fixamente para o baú aberto. Passado um minuto, tirou a camisa, as calças e as botas, devolvendo-os, bem como o chapéu, ao baú. Fez

desaparecer os dois baús, certificando-se de que estavam seguramente guardados, antes de vestir um traje de cerimônia.

O rosto maquiado e o brinco teriam de bastar para Leland. As roupas naquele baú só seriam usadas para o prazer de uma única mulher.

5 / Terreille

Daemon acordou de imediato. Havia alguma coisa errada, algo que tinha feito estremecer os seus nervos. Estava deitado de costas, ouvindo a chuva forte e fria a bater nas janelas. Sentindo arrepios, jogou os cobertores para trás, pegou o roupão e abriu as cortinas para olhar para fora.

Somente chuva. No entanto...

Respirando fundo e de maneira regular, iniciou uma descida lenta em direção ao abismo, experimentando cada categoria das Joias, aguardando o estremecimento correspondente nos próprios nervos.

Acima da Vermelha, nada. A Vermelha, nada. A Cinza, a Cinza-Ébano. Nada. Chegou ao nível da Negra e seus nervos foram inundados de dor, e um lamento sinistro dominou sua mente, um hino fúnebre repleto de ira, dor e pesar. A voz que entoava o hino era pura e robusta — e familiar.

Daemon fechou os olhos, encostando a cabeça ao vidro, enquanto ascendia à Vermelha. Ninguém aqui conseguiria ouvi-lo. Ninguém mais saberia.

Desde o momento em que a conhecera sabia que era a Feiticeira — e a Feiticeira usava as Joias Negras. Sabia disso, mas fora capaz de se iludir, acreditando que ela usaria a Negra quando atingisse o pleno desenvolvimento, não *agora*. Ao longo da extensa história dos Sangue, apenas umas poucas feiticeiras tinham usado a Negra, que lhes fora atribuída após a Oferenda às Trevas. *Ninguém* jamais usara a Negra como a de Direito por Progenitura.

Fora uma ilusão tola, sobretudo quando as provas estavam bem diante do seu nariz. Ela conseguia fazer coisas que os outros Sangue nem sequer haviam sonhado. Tinha procurado o Senhor Supremo do Inferno para que fosse seu mentor. Havia facetas em Jaenelle que eram terríveis e de tirar o fôlego.

Negra de Direito por Progenitura. Usava a Negra de Direito por Progenitura. Doces Trevas, o que seria dela quando fizesse a Oferenda?

Daemon abriu os olhos e vislumbrou uma pequena silhueta branca movendo-se lentamente pela trilha do jardim. Abriu a janela e foi na mesma hora encharcado pela chuva fria, mas nem reparou. Assobiou uma vez, suave e rapidamente, enviando o assobio por um fio auditivo dirigido à silhueta.

Ela virou-se na sua direção, conformada, e caminhou para a janela.

Daemon inclinou-se para a frente enquanto Jaenelle flutuava na sua direção, agarrou-a por baixo dos braços e puxou-a para dentro. Pousou-a no chão, fechou e trancou a janela, cerrou as cortinas. Olhou então para ela e sentiu um aperto no coração.

Ali estava, tremendo, pingando no tapete, os olhos vidrados e repletos de dor. A camisola, os pés descalços e as mãos estavam enlameados.

Daemon pegou-a no colo, levou-a até o banheiro e encheu a banheira de água quente. Ficara estranhamente sossegada o dia todo e Daemon receava que estivesse ficando doente. Nesse momento, temia que estivesse em choque. Havia manchas escuras sob seus olhos e ela parecia não reconhecer onde estava.

Debateu-se quando Daemon tentou tirar sua camisola pela cabeça.

— Não — disse debilmente, tentando puxar a roupa para baixo.

— Eu sei como as moças são — disse Daemon ríspidamente ao tirar sua camisola e tomá-la nos braços para colocá-la banheira. — Sente-se aí. — Apontou um dedo para ela, que parou de tentar sair da banheira.

Daemon voltou ao quarto e pegou o conhaque e o copo que mantinha escondidos na última gaveta da mesinha de cabeceira. De volta ao banheiro, sentou-se na borda da banheira, serviu uma boa dose e entregou o copo a ela.

— Beba isto. — Observou-a enquanto provava uma pequena quantidade, fazendo uma careta, levando então, ele mesmo, a garrafa aos lábios e bebendo um trago generoso. — Beba — disse furiosamente quando ela tentou lhe devolver o copo.

— Não gosto. — Era a primeira vez que lhe parecia tão jovem e vulnerável. Queria gritar.

— O que... — Sabia. Subitamente, distintamente, sabia. A lama, o hino fúnebre, as mãos cortadas enquanto escavava o chão duro, a sujeira sob as unhas. Sabia.

Daemon bebeu outro longo trago de conhaque.

— Quem?

— Rose — respondeu Jaenelle com uma voz cavernosa. — Ele matou a minha amiga Rose. — Uma luz selvagem inflamou seus olhos e seus lábios curvaram-se num tímido e amargo sorriso. — Cortou o pescoço dela porque ela se recusou a chupar o pirulito. — Os olhos de Jaenelle deslizaram para a genitália de Daemon antes de se perderem no seu rosto. — É assim que se chama, Príncipe?

Daemon ficou sem ar. O sangue latejava dentro de si, latejava, rebentação enfurecida contra o rochedo. Era tão difícil, tão difícil respirar.

A voz sepulcral. A voz de meia-noite, cavernosa, ancestral, irada, que continha um sussurro de loucura. Não a tinha imaginado daquela outra vez. Não a tinha imaginado.

Negra de Direito por Progenitura.

Feiticeira.

Queria matá-lo porque era macho. Aceitar esse fato tornava mais fácil manter a calma.

— Chama-se pênis, Senhora. Não utilizo eufemismos. — Fez uma pausa. — Quem a matou?

Jaenelle bebericou o conhaque.

— O tio Bobby — murmurou. Balançava-se para a frente e para trás enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto. — O tio Bobby.

Daemon tirou o copo das mãos de Jaenelle e colocou-o de lado. Não importava se ela iria matá-lo, não importava se iria odiá-lo por tocá-la. Levantou-a da banheira e embalou-a nos braços, deixando-a chorar até as lágrimas se esgotarem.

Ao sentir que a respiração de Jaenelle estava voltando ao normal e que o cansaço a estava vencendo, envolveu-a numa toalha, levou-a para o quarto dela, descobriu uma camisola limpa e aconchegou-a na cama. Observou-a durante alguns minutos para se certificar de que estava

dormindo antes de voltar ao seu quarto.

Andou de um lado para outro, bebendo conhaque e sentindo que as paredes se fechavam sobre ele.

Tio Bobby. Rose. Pirulito. Como é que ela sabia? Já devia saber durante todo o dia, esperando pela noite para que pudesse plantar o seu *memento mori* vivo. Todo o dia, enquanto Robert Benedict tinha estado em casa tão manifestamente.

Se você cantar a melodia certa, elas lhe dirão os nomes das que já morreram.

Rosnou baixinho. Diminuiu o passo enquanto era invadido por uma raiva fria.

Havia alguma coisa errada nesse lugar. Alguma coisa malévola. Chaillot tinha segredos demais. Além disso, Dorothea e Hekatah estavam à caça de Jaenelle e Greer ainda estava farejando em Beldon Mor.

Tersa dissera que o Sacerdote seria o seu melhor aliado ou o seu pior inimigo.

Em breve, teria de chegar a uma decisão, antes que fosse tarde demais.

Finalmente, exausto, tirou o roupão e deixou-se cair na cama. E sonhou com cálices de cristal estilhaçados.

CAPÍTULO ONZE

1 / Terreille

O único objeto na cela além do balde de dejetos transbordante era uma pequena mesa sobre a qual havia um prato de comida e um jarro metálico de água.

Lucivar olhava o jarro fixamente, cerrando e abrindo os punhos. As correntes que prendiam seus tornozelos e pulsos à parede tinham o comprimento suficiente para permitir que chegasse a uma das extremidades da mesa bem como à comida, mas não eram longas o bastante para que conseguisse estender a mão e cortar o pescoço do guarda que a trazia.

Precisava comer. Estava desesperado por água. Esses pequenos fornos que Zuultah chamava, em tom jocoso, de quartos de “esclarecimento” ficavam no Deserto de Arava, onde o sol era voraz. Ao meio-dia, o calor já era suficiente para fazer evaporar os seus dejetos.

Nos primeiros três dias de encarceramento, os guardas tinham trazido água e comida e esvaziavam o balde de dejetos. Nos primeiros dois dias, comera o que lhe trouxeram. No terceiro dia, a comida e a água estavam misturadas com *safframate*, um afrodisíaco violento que mantinha um homem com tesão e desejo suficientes para satisfazer toda uma assembleia numa das suas reuniões. Também levava um homem à beira da loucura, pois, embora propiciasse uma participação duradoura, não permitia o alívio físico.

Ele havia detectado o afrodisíaco antes de consumir o que quer que fosse. Um homem menos alerta não teria percebido, mas Lucivar já tinha experimentado o *safframate* e não iria experimentá-lo novamente para a diversão de Zuultah.

Passou a língua pelos lábios rachados, olhando para o jarro de água, com a língua a espetar-se nas rachaduras, umedecendo-se com o próprio sangue.

Sua resposta, naquele terceiro dia, tinha sido atirar o prato e o jarro contra a parede. As ratazanas-víboras — roedores enormes e venenosos capazes de viver onde quer que fosse — precipitaram-se dos cantos sombrios e atacaram a comida. Lucivar passou o resto do dia observando aqueles animais se acasalando freneticamente ao ponto de se despedaçarem.

Nos dois dias seguintes, ninguém apareceu. Não havia comida nem água. O balde dos dejetos ia se enchendo. Nada mais havia a não ser as ratazanas e o calor.

Uma hora atrás, um guarda tinha entrado com a comida e a água. Lucivar rosnou para ele, desfraldando as asas negras até as pontas tocarem nas paredes. O guarda fugiu apressadamente, demonstrando menos dignidade do que as ratazanas.

Lucivar aproximou-se da mesa com as pernas trêmulas. Pegou o jarro e lambeu a condensação da parte de fora.

Não era de modo algum suficiente.

Olhou para o prato. O cheiro nauseabundo do balde guerreava com o cheiro da comida, mas o seu estômago se contorcia de fome e, acima de tudo, precisava da água que estava tão perto. Muito perto.

Agarrando o jarro com as duas mãos para não deixá-lo cair, bebeu um gole de água.

O *safframate* percorreu-o, como gelo inflamável.

A boca de Lucivar contorceu-se num esgar. As rachaduras nos lábios rebentaram e sangraram.

Havia uma única razão para comer, para se submeter ao que viria, e não era para se manter vivo. Amava a vida intensamente, mas era eyrieno, um caçador, um guerreiro. O fato de ter crescido com a morte abrandara o medo em relação à mesma, e parte dele apreciava a ideia de se tornar um demônio.

Havia uma única razão. Uma razão de olhos cor de safira.

Lucivar ergueu o jarro novamente e bebeu.

2 / Terreille

Lucivar cerrou os dentes e fechou os olhos com força. Odiava ficar de costas. Todos os machos eyrienos odiavam ficar de costas, o que os impedia de usar as asas. Era o gesto máximo de submissão. Mas uma vez que estava atado para o “jogo da cama”, não podia fazer nada a não ser suportar.

Enquanto uma das feiticeiras de Zuultah se movia em cima dele, absorta no próprio prazer, Lucivar rogou em silêncio as mais cruéis pragas de que conseguiu se lembrar. Suas mãos estavam agarradas com força às barras metálicas da cabeceira da cama; tinha estado agarrado a elas com tanta força ao longo de toda a noite que o formato dos seus dedos ficara gravado no metal.

De novo e de novo e de novo. Depois de cada uma delas, a dor aumentava. Odiava-as pela dor, pelo prazer que extraíam daquilo, pelo riso, pela comida e pela água com que o atormentavam, tentando levá-lo a implorar.

Era Lucivar Yaslana, um Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra. Não iria implorar. Não imploraria. Não.

Lucivar abriu os olhos para o silêncio. As cortinas da cama estavam fechadas de maneira que não pudesse ver o quarto. Tentou mudar de posição e aliviar os músculos entorpecidos, mas estava esticado e imóvel.

Umedeceu os lábios. Tinha tanta sede, estava tão cansado. Era tão fácil se afastar da dor, das memórias.

Vozes masculinas murmuravam no corredor. Movimento no quarto, encoberto pelas cortinas da cama. Por fim, Zuultah gritou:

— Tragam-no.

O quarto era cinza, um cinza agradável e turvo onde a luz dançava através de fragmentos de vidro e as vozes pareciam ser ouvidas debaixo d'água.

Os guardas soltaram suas mãos e pés, e depois voltaram a prender suas mãos atrás das costas.

Lucivar rosnou para eles, mas era um som distante e sem importância, sem qualquer importância.

Por um breve momento, ao ver a senhora de mármore, a visão de Lucivar desanuviou-se e a dor fez com que as suas pernas cedessem. Os guardas o arrastaram até as correias de couro para as pernas, o forçaram a se ajoelhar e o amarraram ao chão por trás dos joelhos e nos tornozelos. O cilindro de mármore, com seus orifícios suavemente esculpidos, foi girado até ficar na posição correta. Ao ser instalado num dos orifícios, foi preso por uma correia de couro abaixo das nádegas para que se mantivesse naquela posição. Tinha espaço suficiente para se mover para a frente, mas não para se afastar.

O cinza. O cinza agradável e sinuoso.

— É tudo — disse Zuultah de maneira arrogante, acenando aos guardas com a chibata para que saíssem do quarto e trancando a porta.

O chão machucava seus joelhos. Dor. Doce dor.

A chibata atingiu-lhe as nádegas. O sangue gotejou da correia de couro. Uma seda perfumada tocou levemente seus ombros e rosto.

— Está com sede, Yasi? — arrulhou Zuultah, ao balançar-se na superfície plana da parte de cima da senhora de mármore. — Quer leitinho? — Abriu o robe e afastou as pernas, revelando o triângulo escuro de pelos.

O chicote acertou seu ombro.

— É esta a sua recompensa, Yasi. É este o seu prazer.

Riscas vermelhas no cinza. Riscas vermelhas e um triângulo escuro.

— Mexa-se, bastardo. — O chicote fustigando, cortando na articulação de uma das asas às costas.

Mexa-se, mexa-se, mexa-se em direção ao cinza. Lábios no molhado. Língua obediente. Mexa-se, mexa-se. Cada vez mais fundo na dor, a umidade, as trevas, as trevas, a dor girando em doçura, fragmentos de vidro, girando, a umidade, as trevas, as trevas com riscas de vermelho, a fome, a dor, dentes, prazer, dor, gemidos, gemidos, dentes, prazer, aumentando, fervendo, dor, prazer, gemidos, fome, dentes, gemidos, dentes, gritos, gritos, gritos, vermelho, vermelho, vermelho doce e feroso, fervendo, em torrente, em liberdade.

Lucivar balançou, confuso. Zuultah rolava pelo chão, gritando, gritando. Tentou lambe a umidade que sentia nos lábios, mas alguma coisa o impedia. Virou a cabeça e cuspiu.

Durante muito tempo, enquanto os guardas batiam à porta trancada e Zuultah gritava, olhou espantado para a pequena coisa que os seus dentes haviam encontrado para acalmar a fome. De início não entendeu do que se tratava. Quando o seu órgão flácido deslizou para fora orifício e Lucivar reconheceu o vermelho, ergueu a cabeça e soltou uma gargalhada monstruosa e selvagem.

3 / Terreille

— Você tem visita — disse Philip secamente, ajeitando pilhas de papéis em montinhos ordenados, algo que fazia quando estava irritado.

Daemon franziu a testa.

— Ah?

Philip olhou de relance na direção de Daemon, recusando-se a sustentar o olhar.

— No salão dourado. Seja breve, se possível. Hoje a sua agenda está cheia.

Daemon deslizou para o salão dourado. Sentiu o odor psíquico antes de tocar a porta. Colocou no rosto a máscara fria, trancou o coração e abriu a porta.

— Senhor Kartane — saudou com uma voz enfadada, ao fechar a porta, encostando-se a ela, as mãos nos bolsos das calças.

— Sadi. — Os olhos de Kartane estavam repletos de uma satisfação maliciosa. Ainda assim, recuou, nervosamente, um passo.

Daemon aguardou, observando Kartane andar para a frente e para trás num dos lados do salão.

— Provavelmente não passou pela cabeça de ninguém lhe dizer, por isso tomei a iniciativa de trazer as notícias — disse Kartane.

— Sobre o quê?

— Yasi.

A precação nos olhos de Kartane fez com que o coração de Daemon disparasse e a sua boca ficasse seca. Deu de ombros.

— A última vez que ouvi sobre ele, estava a serviço da Rainha de Pruul. Zuultah, não é?

— Parece que ele a serviu melhor do que a qualquer uma antes — disse Kartane, maliciosamente.

Vá direto ao assunto, seu desgraçado.

Kartane continuou a andar de um lado para o outro.

— A história é um pouco confusa, sabe, mas parece que, sob a influência de uma dose substancial de *safframate*, Yasi enlouqueceu e mordeu Zuultah. — Kartane soltou uma gargalhada aguda e nervosa.

Daemon suspirou. O temperamento de Lucivar no quarto era lendária. Nos melhores momentos, era imprevisível e violento. Sob a influência de *safframate*...

— Então ele a mordeu. Não foi a primeira.

Kartane riu novamente. Era quase uma risadinha histérica.

— Bem, na verdade, *raspar* talvez seja uma palavra mais adequada. O que quer que Zuultah monte a partir de agora, não será para o prazer *dela*.

Não, Lucivar, não. Pelas Trevas, não.

— Eles o mataram — disse Daemon, com indiferença.

— Não teve essa sorte. Zuultah bem que queria, quando voltou a si e percebeu o que ele tinha feito. Também matou também dez dos melhores guardas dela quando tentaram dominá-lo. — Kartane limpou o suor nervoso da testa. — Prythian interveio assim que soube. Por alguma razão insana, ainda pensa que um dia irá domá-lo e fazê-lo procriar. Mas Zuultah não poderia deixá-lo impune, sem *qualquer* tipo de castigo. — Kartane aguardou, mas Daemon não mordeu a isca. —

Mandou-o para as minas de sal.

— Então ela o matou. — Daemon abriu a porta. — Tinha razão — disse, com uma delicadeza extrema, virando-se para olhar Kartane —, ninguém mais se atreveria a me contar.

Fechou a porta tão silenciosamente que toda a casa tremeu.

Daemon tinha esgotado todas as lágrimas e sentia-se tão seco e vazio como o Deserto de Arava.

Lucivar era eyrieno. Jamais sobreviveria nas ilhas de sal de Pruul. Naqueles túneis, com o sal e o calor, sem espaço para abrir as asas, sem ar para secar o suor. Havia uma dezena de fungos que poderiam infectar a pele membranosa e corroê-la. E sem asas... Um guerreiro eyrieno não era nada sem as suas asas. Lucivar uma vez lhe dissera que preferia perder as bolas do que as asas e falava sério.

Ah, Lucivar, Lucivar, o seu irmão corajoso, arrogante, insensato. Se tivesse aceitado aquela oferta, Lucivar agora estaria caçando em Askavi, planando ao crepúsculo, em busca de presas. Mas eles sabiam que as coisas poderiam chegar a esse ponto. O ato mais sensato de Lucivar seria acabar com tudo rapidamente, enquanto sua força ainda estava intacta. Seria bem recebido no Reino das Trevas. Daemon tinha certeza disso.

Ela não ficará impune, eu prometo. Não importa o tempo que leve, farei com que pague a dívida integralmente.

— Lucivar — sussurrou Daemon. — Lucivar.

— Está todo mundo procurando você.

Não a ouvira entrar, o que não era surpresa. Não surpreendia que ela estivesse ali mesmo que ele tivesse trancado a porta da biblioteca.

Daemon virou-se no sofá. Estendeu uma mão, observando os pequenos dedos se enrolando nos seus. Aquele toque delicado, carregado de compreensão, era uma agonia.

— O que aconteceu com ele?

— Ele quem? — perguntou Daemon, lutando contra o pesar.

— Lucivar — disse Jaenelle com uma paciência impassível.

Daemon reconheceu aquele traço estranho e perturbador no rosto e na voz de Jaenelle — a Feiticeira se concentrando. Hesitou por um momento, e, em seguida, tomou-a nos braços. Precisava abraçá-la, sentir o seu calor junto a si, precisava se certificar de que o sacrifício valia a pena. Não percebeu como ou quando as lágrimas voltaram a cair.

— É meu amigo, meu irmão — sussurrou no ombro dela. — Está morrendo.

— Daemon. — Jaenelle afagou o cabelo dele suavemente. — Daemon, temos de ajudá-lo. Eu podia...

— Não! — *Não me tente com a esperança. Não me tente a assumir esse tipo de risco.* — Você não pode ajudá-lo. Nada poderá ajudá-lo agora.

Jaenelle tentou se soltar para poder olhá-lo, mas Daemon não a largou.

— Eu sei que prometi que não vagaria por Terreille, mas...

Daemon lambeu uma lágrima.

— Você o conheceu? Esteve com ele alguma vez?

— Uma vez. — Fez uma pausa. — Daemon, talvez eu consiga...

— *Não* — gemeu Daemon, encostado ao ombro de Jaenelle. — Lucivar não iria querer você

naquele lugar, e, se lhe acontecesse alguma coisa, ele jamais me perdoaria. Jamais.

A Feiticeira perguntou:

— Tem certeza, Príncipe?

O Príncipe dos Senhores da Guerra respondeu:

— Tenho certeza, Senhora.

Passado um momento, Jaenelle começou a entoar um cântico de morte no Idioma Antigo, não o hino fúnebre que cantou para Rose, mas uma agradável canção de feiticeira sobre o sofrimento profundo e o amor. A voz de Jaenelle entrelaçou-se em Daemon, celebrando e reconhecendo a sua dor e o seu pesar, tocando levemente nos poços profundos que ele teria mantido fechados.

Quando a voz de Jaenelle se extinguiu, Daemon enxugou as lágrimas do rosto. Deixou que Jaenelle o levasse às cegas até o seu quarto, que o vigiasse enquanto lavava o rosto e que o persuadissem a tomar um copo de conhaque. Jaenelle nada disse. Não precisava. O silêncio generoso e a compreensão nos olhos dela eram suficientes.

Lucivar teria tido orgulho em servi-la, pensou Daemon enquanto se penteava, preparando-se para enfrentar Alexandra e Philip. Teria tido orgulho dela.

Daemon inspirou de tal forma que o seu corpo estremeceu, e saiu para procurar Alexandra.

Tudo tem um preço.

CAPÍTULO DOZE

1 / Terreille

O Winsol aproximava-se rapidamente. O feriado mais importante no calendário dos Sangue era celebrado quando os dias de inverno eram mais curtos; era a celebração das Trevas, a celebração da Feiticeira.

Daemon perambulava pelos corredores vazios. Os empregados tinham ganhado meio dia de folga e saído para fazer compras ou iniciar os preparativos para as festas, deixando a casa vazia. Alexandra, Leland e Philip estavam fora com seus próprios compromissos. Robert, como de hábito, não estava em casa. Até Graff tinha saído, deixando as moças ao cuidado da Cozinheira. E ele... Bem, não tinha sido por bondade que o deixaram para trás. Da última vez que tinha acompanhado Alexandra a uma festa, o temperamento de Daemon revelara-se impetuoso demais, a sua língua afiada demais. Foram embora precipitadamente depois de Daemon dizer a uma jovem e afetada feiticeira da aristocracia que o corte do seu vestido faria inveja a qualquer mulher de uma casa da Lua Vermelha, mas que o mesmo não se podia dizer daquilo que ele revelava.

Daemon subiu as escadas que levavam à ala das crianças. O único alívio para a dor que sentia desde que Kartane lhe trouxera as notícias de Lucivar era estar com Jaenelle.

A porta da sala de música estava aberta.

— Não, Wilhelmina, não é assim — disse Jaenelle no seu tom atormentado e divertido.

Daemon sorriu ao olhar para dentro da sala. Ao menos não era o único a fazê-la falar daquela forma.

As meninas estavam no centro da sala. Wilhelmina parecia um pouco mal-humorada, e Jaenelle, pacientemente exasperada. Ela olhou em direção à porta e seus olhos se iluminaram.

Daemon reprimiu um suspiro. Também conhecia aquele olhar. Estava prestes a se meter em confusão.

Jaenelle correu na sua direção, agarrou seu pulso e o arrastou para a sala.

— Vamos participar de um dos bailes do Winsol e estou tentando ensinar Wilhelmina a valsar mas não consigo explicar bem porque não sei conduzir, mas você vai saber, porque são os garotos...

Garotos?

— ... que conduzem, por isso você pode mostrar a Wilhelmina, não é?

Como se tivesse escolha. Daemon olhou para Wilhelmina. Jaenelle afastou-se, os dedos entrelaçados, sorrindo de ansiedade.

— Sim, os homens — disse secamente, enfatizando ligeiramente a palavra — é que realmente conduzem a dança.

Wilhelmina corou, percebendo de imediato a distinção.

Jaenelle pareceu desconcertada. Deu de ombros.

— Homens. Garotos. Qual é a diferença? São todos machos.

Daemon olhou-a de maneira contemplativa. Dentro de alguns anos, poderia lhe mostrar a diferença. Sorriu para Wilhelmina e explicou pacientemente os passos.

— Música, Senhora? — dirigiu-se a Jaenelle.

Jaenelle ergueu a mão. A esfera de música de cristal cintilou no suporte de bronze e a sala encheu-se de melodia solene.

Ao valsar com Wilhelmina, observou a sua expressão mudar de concentrada para descontraída, e então para deleitada. O esforço ruborizou as bochechas da menina e conferiu brilho aos seus olhos azuis. Daemon sorriu para ela calorosamente. A dança era a única atividade que gostava de partilhar com as mulheres, e por isso lamentava que as danças de corte já não estivessem na moda.

Se quiser levar uma mulher para a cama, faça isso no quarto. Se quiser seduzi-la, faça isso por meio da dança.

Era difícil imaginar o Sacerdote dizendo isso a um garotinho, mas era como tantas outras coisas que vinha recordando ao longo dos anos naqueles momentos entre sonhar e estar acordado, e já não se questionava sobre a quem pertencia aquela voz que parecia sussurrar em algum lugar bem fundo dentro de si, uma voz que sabia não ser a sua.

Quando a música terminou, Daemon largou Wilhelmina e fez uma reverência elegante e formal. Virou-se para Jaenelle. A estranha expressão nos olhos dela fez disparar o seu coração. A capa de civilização atrás da qual vivia, todas as regras e normas falharam sob aquele olhar contemplativo. O odor psíquico de Jaenelle o distraiu. Sua mente ficou aguçada, voltou-se para o interior, revelando a profunda consciência do próprio corpo, a maneira felina e graciosa como se movia.

A música recomeçou. Jaenelle levantou uma das mãos. Daemon levantou a mão oposta. Caminhando na direção um do outro, as pontas dos dedos tocaram-se e a dança de corte começou.

Daemon não precisava se concentrar nos passos. Eram naturais, sensuais, sedutores. A música o acariciava, restringindo os seus sentidos ao jovem corpo que se movia com ele. As pontas dos dedos tocavam as pontas dos dedos, as mãos tocavam as mãos, nada mais. A Negra cantava em Daemon, desejando mais, desejando muito, muito mais, porém agradava-lhe a provocação aos sentidos, a sensação de estar vivo, de ser macho.

Quando a música terminou de novo, Jaenelle recuou, quebrando o encantamento. Saltitou até o suporte de bronze, mudou a esfera de música e começou a dançar uma animada dança popular, mãos nos quadris e pés no ar.

Daemon e Wilhelmina aplaudiam quando a Cozinheira entrou, trazendo uma bandeja.

— Achei que gostariam de uns sanduíches...

Suas palavras desvaneceram quando Daemon, com um sorriso resplandecente, tirou a bandeja de suas mãos, colocando-a sobre uma mesa, e a conduziu até o centro da sala. Fez uma medida; com um sorriso de satisfação, a Cozinheira retribuiu. Arrebatou-a nos braços e valsaram ao som de uma melodia de Chaillot que Daemon já ouvira em alguns bailes. Girando pela sala, Daemon sorria abertamente para as meninas, que, por sua vez, rodopiavam em volta deles.

Foi então que a Cozinheira tropeçou e gemeu, com os olhos fixos na entrada.

— O que significa isto? — perguntou Graff chocada ao entrar na sala. Fulminou a Cozinheira com um olhar frio. — Você é encarregada de cuidar das moças por algumas horas e chego aqui e

os encontro entretidos com um tipo de diversão questionável. — Seus olhos saltaram para o braço de Daemon, ainda em volta da cintura da Cozinheira. Graff fungou, maliciosamente satisfeita. — Quando souber disso, é provável que a Senhora Angeline encontre alguém com talentos culinários.

— Não aconteceu nada, Graff.

Daemon sentiu calafrios ao perceber a fúria aterradora na voz excessivamente calma de Jaenelle.

Graff virou-se.

— Ora, isso é o que veremos, senhorita.

— Graff. — Era um sussurro trovejante e malévolo.

Daemon estremeceu. Todos os seus instintos de autodefesa gritavam para que invocasse a Negra e se escudasse.

Quando Graff apareceu, sentira um estranho redemoinho que o fez pensar que estava sendo arrastado para uma espiral. Nunca sentido nada assim e não percebeu que Jaenelle deslizava em direção ao abismo. Nesse momento, algo se erguia muito abaixo dele, algo que transportava uma ira extrema e muito, muito fria.

Graff virou-se lentamente, com os olhos arregalados e vazios.

— Não aconteceu nada, Graff — disse Jaenelle naquele sussurro frio que estrepitava nos nervos de Daemon. — Eu e Wilhelmina estávamos na sala de música treinando uns passos de dança. A Cozinheira nos trouxe sanduíches e estava de saída quando você chegou. Você não viu o Príncipe, que estava no quarto dele. Entende?

As sobranceiras de Graff juntaram-se.

— Não, eu...

— Olhe para baixo, Graff. Olhe para baixo. Está vendo?

Graff choramingou.

— Caso não se lembre do que eu disse, é isso que você vai ver... para sempre. Entende?

— Entendo — murmurou Graff enquanto saliva lhe escorria pelo queixo abaixo.

— Pode ir, Graff. Vá para o seu quarto.

Assim que ouviram uma porta se fechando ao longe no corredor, Daemon conduziu a Cozinheira até uma cadeira e ajudou-a a se sentar. Jaenelle não disse mais nada, mas havia dor e tristeza em sua expressão quando olhou para eles antes de se retirar para o quarto. Wilhelmina tinha feito xixi nas calças. Daemon limpou-a, limpou o chão, levou a bandeja de sanduíches de volta para a cozinha e serviu uma dose generosa de conhaque à Cozinheira.

— É uma criança estranha — disse a Cozinheira com cautela, após o segundo copo de conhaque —, mas há nela mais bem do que mal.

Daemon respondeu com calma e previsibilidade, permitindo que a Cozinheira encontrasse a própria maneira de justificar o que tinha sentido naquela sala. Da mesma forma, Wilhelmina, embora envergonhada por Daemon ter testemunhado o seu acidente, transformou o confronto em algo que pudesse aceitar. Somente Daemon, sentado no seu quarto a olhar o vazio, relutava em libertar o medo e a reverência. Somente Daemon apreciava a beleza aterradora de poder tocar sem limitações. Somente Daemon sentia um desejo agudo.

2 / Terreille

Daemon estava sentado à beira da cama, com um sorriso angustiado e suave a tocar seus lábios. Apesar dos feitiços de conservação, o papel da fotografia estava gasto nas pontas e as cores começavam a desvanecer. Ainda assim, nada poderia desvanecer o sorriso impertinente insinuado no rosto e o brilho pronto-para-confusão nos olhos de Lucivar. Era a única fotografia que tinha dele. Fora tirada há séculos, quando Lucivar ainda possuía uma aura de esperança própria da juventude, antes de os anos e corte após corte terem transformado um rosto jovem e belo num rosto em tudo semelhante às montanhas de Askavi que ele amava — brutalmente belo, conservando um vestígio de sombra mesmo sob a mais intensa luz do sol.

Ele ouviu uma batida tímida na porta e, logo em seguida, Jaenelle entrou no quarto.

— Olá — disse, incerta de ser bem-vinda.

Quando se aproximou, Daemon passou um braço em volta da sua cintura. Jaenelle colocou as mãos nos ombros de Daemon, apoiando-se nele. A pele sob os seus olhos parecia machucada, e ela tremia ligeiramente.

Daemon franziu a testa.

— Está com frio?

Jaenelle fez que não com a cabeça e Daemon puxou-a ainda mais para si. Não havia calor externo capaz de aquecer aquilo que a gelava, mas, depois de abraçá-la por alguns momentos, Jaenelle parou de tremer.

Daemon perguntou a si mesmo se Jaenelle teria contado a Saetan o episódio da sala de música. Voltou a olhar para ela e logo soube a resposta. Não contara nada. Tinha vagueado durante três dias. Fechara-se na própria angústia glacial, sozinha, perguntando-se se existiria algum ser vivo que não a temesse. Daemon tinha atingido a Negra ainda jovem, mas já completamente desenvolvido e preparado, e, mesmo nesse momento, viver tão profundamente nas Trevas fora uma experiência inquietante. Para uma criança que não tinha conhecido mais nada, que caminhará por estradas estranhas e solitárias desde o seu primeiro pensamento consciente, que tinha tentado tão arduamente tocar outras pessoas, reprimindo a própria essência... Mas não conseguia reprimi-la. Ao ser desafiada, sempre estilharia a ilusão, sempre revelaria o que se encontrava sob a superfície.

Daemon examinou com atenção o rosto que, por sua vez, examinava a fotografia que ele ainda tinha nas mãos. Inspirou quando finalmente percebeu. Ele usava a Negra; Jaenelle *era* a Negra. Mas, com ela, a Negra não era apenas trevas, poder selvagem, mas riso e travessuras e compaixão e cura... e bolas de neve.

Daemon beijou os cabelos dela e olhou para a fotografia.

— Você e Lucivar teriam se dado bem. Ele estava sempre se metendo em confusão. — Foi recompensado com um vestígio de sorriso.

Jaenelle examinou a fotografia.

— Agora ele se parece mais com o que é. — Semicerrou os olhos para, em seguida, lançar um olhar acusador a Daemon. — Espere um momento. Você disse que ele era seu irmão.

— Era. — É. Seria eternamente.

— Mas é eyrieno.

— Tivemos mães diferentes.

Nos seus olhos surgiu um brilho estranho.

— Mas o mesmo pai.

Daemon observou-a juntando as peças do quebra-cabeças mental e testemunhou o momento em que as encaixou.

— Isso explica bastante coisa — murmurou, ajeitando o cabelo. — Ele não está morto, sabe. A Cinza-Ébano continua em Terreille.

Daemon piscou.

— Como... Como é que você sabe? — tropeçou nas palavras.

— Dei uma olhada. Não fui a lugar nenhum — acrescentou apressadamente. — Não quebrei a minha promessa.

— Então como... — Daemon balançou a cabeça. — Esqueça o que eu disse.

— Não tem nada a ver com tentar separar Opalas ou Vermelhas à distância para encontrar uma determinada pessoa. — Jaenelle tinha aquele ar atormentado e divertido. — Daemon, o único que também usa a Cinza-Ébano é Andulvar, mas ele já não vive em Terreille. Quem mais poderia ser?

Daemon suspirou. Não compreendia, mas estava aliviado por saber.

— Pode me dar uma cópia dessa fotografia?

— Por quê? — Jaenelle olhou-o de uma forma que o fez estremecer. — Está bem.

— E uma sua, também?

— Não tenho uma minha.

— Podemos tirar uma.

— Para quê... Deixe pra lá. Existe alguma razão para isto?

— Claro.

— Não vai me dizer qual?

Jaenelle levantou uma sobrancelha. Era uma imitação perfeita. Daemon reprimiu uma gargalhada. *É para eu aprender*, pensou friamente.

— Está bem — disse, balançando a cabeça pesarosamente.

— Para breve?

— Sim, Senhora, para breve.

Jaenelle afastou-se saltitando, virou-se, deu-lhe um beijo leve no rosto e desapareceu.

Erguendo uma sobrancelha, Daemon fitou a porta fechada. Olhou para a fotografia.

— Sacana estúpido — disse afetuosamente. — Ah, Lucivar, você teria se divertido muito com ela.

3 / Inferno

Saetan recostou-se na cadeira, unindo os dedos das mãos.

— Por quê?

— Porque gostaria de ter uma.

— Já disse isso. Por quê?

Jaenelle entrelaçou os dedos, olhou para o teto e disse, com um tom de voz afetado e autoritário.

— Não é hora para perguntas.

Saetan engasgou-se. Quando conseguiu voltar a respirar, disse:

— Muito bem, criança-feiticeira. Você vai ter uma fotografia.

— Duas?

Saetan olhou-a demorada e severamente. Jaenelle sorriu como se estivesse entrando no jogo. Saetan suspirou. Havia uma verdade inabalável sobre ela: às vezes era melhor não saber.

— Duas.

Jaenelle puxou uma cadeira até a mesa de madeira escura. Apoiando os cotovelos na superfície reluzente, com o queixo nas mãos, disse, de maneira solene: — Queria comprar duas molduras, mas não sei onde.

— De que tipo?

Jaenelle se empertigou.

— Bonitas, daquelas que se abrem como um livro.

— Molduras articuladas?

Ela deu de ombros.

— Uma que tenha espaço para duas fotografias.

— Vou providenciá-las. Mais alguma coisa?

Novamente o aspecto solene.

— Eu mesma quero comprá-las, mas não sei quanto custam.

— Criança-feiticeira, isso não é um problema...

Jaenelle enfiou a mão no bolso e tirou alguma coisa de dentro dele. Colocando o punho entreaberto em cima da mesa, abriu a mão.

— Acha que, se vendesse isto, daria para comprar as molduras?

Saetan engoliu em seco, mas manteve a mão firme ao pegar a pedra e levantá-la contra a luz.

— Onde conseguiu isto, criança-feiticeira? — perguntou calmamente, num tom vago.

Jaenelle colocou as mãos no colo, concentrando o olhar na mesa.

— Bem... sabe... Estava passeando com uma amiga numa aldeia e umas rochas tinham caído na estrada, e uma menina ficou com o pé preso debaixo de uma delas. — Deu de ombros. — Estava ferido. Quero dizer, o pé, por causa da rocha e eu... o curei, e o pai da menina me deu essa pedra em agradecimento. — Acrescentou apressadamente: — Mas não disse que eu precisava guardá-la. — Hesitou. — Acha que vale o suficiente para comprar duas molduras?

Saetan segurava a pedra entre o polegar e o indicador.

— Ah, claro — disse friamente. — Acho que é mais do que suficiente para o que você quer.

Jaenelle sorriu, intrigada.

Saetan esforçou-se para manter a voz calma.

— Mas me diga, criança-feiticeira, tem recebido outros presentes desse tipo de pais agradecidos?

— Ahã. Draca está guardado as pedras para mim, porque eu não sabia o que fazer com elas. — Animou-se. — Ela me deu um quarto na Fortaleza, assim como você me deu um quarto no Paço.

— Sim, ela me disse que ia fazer isso. — Sorriu ao perceber o evidente alívio de Jaenelle ao ver que ele não estava ofendido. — Até o final da semana terei as fotografias e as molduras. Está bem

assim?

Jaenelle pulou em volta da mesa, abraçou-o bem forte e beijou seu rosto.

— Obrigada, Saetan.

— Não tem nada que agradecer, criança-feiticeira. Pode ir.

Jaenelle esbarrou em Mephis ao sair.

— Olá, Mephis — disse, dirigindo-se aonde quer que fosse.

Até Mephis. Saetan sorriu ao notar a expressão perplexa e afetuosa no rosto do filho mais velho, sempre tão formal e sério.

— Venha ver isto — chamou Saetan — e me diga o que pensa.

Mephis ergueu o diamante contra a luz e assobiou baixinho.

— Onde conseguiu isto?

— Foi um presente, para Jaenelle, de um pai agradecido.

Mephis Tateou à procura da cadeira. Olhou estupefato para o diamante, incrédulo.

— Está brincando.

Saetan voltou a pegar o diamante, segurando-o entre o polegar e o indicador.

— Não, Mephis, não estou brincando. Ao que parece, uma menina ficou com o pé preso debaixo de uma rocha e se machucou. Jaenelle a curou e o pai agradecido presenteou-a com isto. E, pelo visto, este não é o primeiro presente que ela recebeu por tais serviços. — Examinou a pedra preciosa, grande e perfeita.

— Mas... como? — balbuciou Mephis.

— É uma Curandeira nata. É instintivo.

— Sim, mas...

— A verdadeira questão é: o que aconteceu realmente? — Os olhos dourados de Saetan semicerraram-se.

— O que quer dizer? — perguntou Mephis, intrigado.

— O que quero dizer — prosseguiu Saetan, devagar — é que, da forma como Jaenelle contou, a história não parece ter nada de especial. Mas que tamanho teria a rocha sobre os pés da menina? Que ferimento seria esse que, uma vez curado, levaria um pai a ficar tão agradecido a ponto de se desfazer disto?

4 / Kaeleer

— Criança-feiticeira, uma vez que a lista dos seus amigos seria tão comprida quanto você, não seria possível oferecer a todos eles um presente de Winsol. Não estão contando com isso. Você não está esperando receber presentes de todos eles, não é?

— Claro que não — respondeu Jaenelle calorosamente. Deixou-se cair na cadeira. — Mas são meus amigos, Saetan.

E você é o melhor presente que poderiam ter em cem vidas.

— Winsol é a celebração da Feiticeira, a comemoração dos Sangue em memória daquilo que

somos. Os presentes são apenas o acompanhamento da refeição principal.

Jaenelle olhou para ele com ceticismo — e tinha razão. Quantas vezes nos últimos dias vira-se sonhando acordado sobre como seria celebrar o Winsol com Jaenelle? Estar na sua presença ao pôr do sol quando os presentes fossem abertos? Partilhar com ela um minúsculo cálice quente de rum misturado com sangue? Dançar, como os Sangue dançavam somente naquela época do ano, pela glória da Feiticeira? Sonhar acordado tinha um sabor agri-doce. Ao percorrer os corredores do Paço em Kaeleer, observando os empregados a decorar os cômodos, rindo e sussurrando segredos; ao elaborar, com Mephis, a lista de donativos para os funcionários e para todos os aldeões que serviam direta ou indiretamente o Paço; ao proceder como um Príncipe virtuoso em relação aos que o serviam, um pensamento o assolava repetidamente: Jaenelle passaria aquele dia especial com a família em Terreille, longe daqueles que eram realmente os seus.

A única pequena gota de conforto era saber que ela também estaria com Daemon.

— O que devo fazer?

A pergunta de Jaenelle trouxe-o de volta ao presente. Passou os dedos levemente nos lábios.

— Acho que você deve escolher um ou dois amigos que por qualquer razão talvez sejam excluídos das celebrações e das festividades e presenteá-los. Um pequeno gesto para quem, de outra forma, nada teria valerá muito mais do que apenas mais um presente entre tantos outros.

Jaenelle ajeitou o cabelo e sorriu.

— Sim — disse baixinho —, sei exatamente quem são os que mais precisam.

— Está decidido, então. — Um pacote embrulhado em papel ergueu-se do canto da mesa e veio pousar à frente de Jaenelle. — Como você pediu.

Jaenelle sorriu abertamente ao pegar o pacote e desembulhá-lo com cuidado. O suave brilho dos seus olhos dissolvia séculos e séculos de solidão.

— Você está magnífico, Saetan.

Saetan sorriu ternamente.

— Faço o melhor que posso para servi-la, Senhora. — Mudou de posição na cadeira. — A propósito, a pedra que você me deu para vender...

— Foi o bastante? — perguntou Jaenelle, com ansiedade. — Se não...

— Foi mais do que suficiente, criança-feiticeira. — Recordando a expressão no rosto do joalheiro quando lhe mostrou a pedra preciosa, era difícil não rir diante da preocupação de Jaenelle. — Na verdade, sobraram uns bons marcos de ouro. Tomei a liberdade de abrir uma conta em seu nome com o que sobrou. Assim, sempre que você quiser comprar algo em Kaeleer, só precisa assinar, pedir ao dono da loja que envie a conta para mim aqui no Paço e eu deduzirei o valor da sua conta. De acordo?

O sorriso rasgado de Jaenelle fez com que Saetan desejasse ter mordido a língua. Só as Trevas sabiam o que lhe passaria pela cabeça comprar. Ah, bem. Seria uma dor de cabeça tão grande para os comerciantes como para ele mesmo — e achou a ideia tão engraçada que nem se importou.

— Acho que se você quisesse *mesmo* comprar um presente diferente, poderia comprar dois ou três saleiros para os unicórnios — disse, provocante.

Ficou espantado diante do repentino olhar perturbado de Jaenelle.

— Não — murmurou Jaenelle, empalidecendo. — Não, sal não.

Ficou sentado por um longo tempo depois que Jaenelle foi embora, olhando para o vazio, perguntando-se o que teria o sal para deixá-la tão transtornada.

5 / Kaeleer

Draca deu um passo para o lado a fim de deixar Saetan entrar.

— O que você acha?

Saetan assobiou baixinho. Como todos os cômodos da Fortaleza, o espaçoso quarto tinha sido talhado na rocha viva. No entanto, diferentemente dos outros cômodos, incluindo a suíte que outrora pertencera a Cassandra, as paredes desse quarto tinham sido trabalhadas e alisadas de maneira a brilhar como vidro escuro. O chão de madeira aparecia entre enormes e espessos tapetes com padrões vermelho e creme que certamente teriam vindo de Dhara, o Território de Kaeleer célebre por seus tecidos e tecelagens. Na cama de madeira escura com dossel poderiam dormir, confortavelmente, quatro pessoas. Os móveis restantes — mesas, mesinhas de cabeceira, estantes, aparador — também eram de madeira escura. Havia ainda um closet com guarda-roupas e aparadores de cedro, bem como um banheiro privado com uma banheira de mármore — preta com riscas vermelhas —, um espaçoso boxe, dois lavatórios e uma cômoda. Do outro lado do quarto havia uma porta que levava a uma sala de estar.

— É magnífico, Draca — disse Saetan enquanto os seus olhos se deleitavam com as bugigangas espalhadas pelas mesas: os tesouros de uma menina.

Passando os dedos na tampa de uma caixa com um desenho complexo criado a partir de várias madeiras exóticas, abriu-a e balançou a cabeça, entretido e, ao mesmo tempo, espantado. Com um dedo remexeu o conteúdo da caixa, as pequenas conchas que, com certeza, viriam de praias extremamente distantes, os diamantes, os rubis, as esmeraldas e as safiras que para uma criança não eram mais do que pedras bonitas. Fechou a caixa e virou-se, franzindo a testa com um ar divertido.

Draca fez menção de dar de ombros.

— Você faria de outro jeito? — perguntou

— Não — disse Saetan e olhou em volta. — Ela vai gostar deste quarto. É verdadeiramente um santuário negro, algo de que irá necessitar mais à medida que os anos forem passando.

— Nem todoss oss ssantuárioss ssão negross, Ssenhor Ssupremo. Oss aposentoss que ofereceu a ela no Paço em Kaeleer também a agradaram. — Pela primeira vez em todos os anos que a conhecia, Draca sorriu. — Devo desscrevê-loss? Já ouvi falar muito ssobre eless.

Saetan desviou o olhar, para evitar que Draca visse como estava satisfeito.

— Queria lhe mostrar o presente de Winssol que tenho para ela. — Draca seguiu até o quarto de vestir e voltou com um pedaço de tecido preto. Estendeu-o sobre a colcha de cetim da cama.

— O que acha?

Saetan olhou embasbacado para o vestido longo. Havia algo em sua garganta que não conseguia engolir, e o quarto ficou repentinamente enevoado. Tocou a seda de aranha negra.

— O seu primeiro luto de Viúva — disse com a voz rouca. — Deveria usá-lo nas festividades de Winsol. — Deixou que a seda escorregasse pelos dedos enquanto se afastava. — Ela deveria ficar com a gente.

— Ssim, deveria ficar com a ssua família.

— Ela vai estar com a família dela — disse Saetan amargamente. Riu, mas o riso também era

amargo. — Vai estar com a avó e a mãe... e o pai.

— Não — disse Draca suavemente. — Não com o pai. Agora, finalmente, ela tem um pai.

Saetan respirou fundo.

— Antes eu era o desgraçado mais frio que jamais caminhou sobre os Reinos. O que aconteceu?

— Você se apaixonou... pela filha da vossa alma. — Draca fez um breve som que poderia ter sido uma gargalhada. — E nunca foi assim tão frio, Ssaetan, não tão frio como parecia.

— Você poderia poupar o meu orgulho deixando que eu tenha as minhas ilusões.

— Com que objetivo? Ela permite que você seja frio?

— Pelo menos permite que eu tenha as minhas ilusões — disse Saetan, reconfortando-se no agradável argumento. — Porém — prosseguiu secamente —, não me deixa muito mais. — Suspirou, com uma expressão de divertimento angustiado. — Preciso ir. Preciso falar com alguns comerciantes preocupados.

Draca acompanhou-o até a porta.

— Já fazia tempo que você não celebrava o Winssol. Esse ano, quando as velas negras estiverem acesas, beberá o rum com sangue e dançará pela glória da Feiticeira.

— Sim — disse ele baixinho, lembrando-se do vestido de seda de aranha —, este ano dançarei.

6 / Inferno

Saetan pôs a capa sobre os ombros. No chão do seu escritório privado havia seis caixas cheias de presentes embrulhados em cores vivas que tinha comprado para as *cildru dyathe*. Como as crianças tinham medo dos adultos, era impossível saber quantas havia na ilha. O melhor que podia fazer era encher uma caixa para cada grupo etário e deixar que Char distribuisse os presentes. Havia livros e brinquedos, jogos e quebra-cabeças, de todos os Territórios de Kaeleer a que tinha acesso. Se fora excessivamente complacente esse ano, era para preencher um vazio no coração, para compensar os presentes que queria dar a Jaenelle mas não podia. Não poderia haver qualquer indício dele em Beldon Mor, nem qualquer presente que pudesse levantar dúvidas. A sabedoria era a única coisa que podia dar a Jaenelle, a única coisa que ela podia levar consigo para Terreille.

Saetan fez desaparecer as caixas, uma a uma, saiu do escritório e pegou o Vento Negro para a ilha das *cildru dyathe*.

Mesmo para o Inferno, era um lugar desolado feito de rochas, areia e campos áridos. Um lugar onde nem a flora nem a fauna nativa do Inferno conseguiam se desenvolver. Sempre se perguntou por que Char teria escolhido aquele local em vez de algum outro menos árido. E Jaenelle havia, irrefletidamente, respondido a sua pergunta: a ilha, na sua dureza, na sua desolação inflexível, não tinha lugar para enganos nem ilusões. Os venenos não eram disfarçados com uma dose extra de açúcar, a brutalidade não era dissimulada pela seda e pelas rendas. Não havia espaço para que a crueldade se ocultasse.

Não se apressou para chegar ao local rochoso que era o mais próximo que havia de um abrigo que as crianças permitiam. Ao alcançar a curva final no caminho sinuoso e preparar-se mentalmente para ver as crianças fugindo dele, ouviu uma risada — uma risada inocente e encantada. Apertou a capa em volta do corpo, na esperança de se confundir com os rochedos e passar despercebido por um momento. Ouvi-los rir daquela forma...

Saetan reduziu o passo ao contornar o último rochedo e ofegou.

No centro da área aberta onde funcionava o “conselho” das *cildru dyathe* havia uma sempre-viva magnífica cuja cor não fora obscurecida pelo eterno crepúsculo do Inferno. Ao longo dos ramos, pequenos pontos de luz piscavam como um arco-íris de vaga-lumes numa dança jovial. Char e as outras crianças estavam pendurando sinelos de gelo — sinelos verdadeiros — nos ramos. Pequenos sinos dourados e prateados tiniam ao tocar nos ramos. Havia risos e determinação, uma animação e um fulgor nos jovens rostos que Saetan nunca tinha visto antes.

E foi então que o viram e ficaram paralisados, minúsculos animais flagrados na luz. Em outra circunstância, teriam fugido, mas Char voltou-se nesse preciso momento, com os olhos brilhantes. Dirigiu-se a Saetan, estendendo as mãos numa reverência antiquada.

— Senhor Supremo. — A voz de Char vibrava de orgulho. — Venha ver a nossa árvore.

Saetan avançou devagar e colocou as mãos sobre as de Char. Observou a árvore. Uma lágrima solitária lhe escorreu pela face, seus lábios ficaram trêmulos.

— Ah, crianças — disse, com a voz rouca —, é realmente uma árvore esplêndida. E os enfeites são *maravilhosos*.

Elas sorriram para Saetan, timidamente, com medo.

Sem pensar, Saetan pôs o braço em volta dos ombros de Char e deu-lhe um abraço apertado. O rapaz recuou, recompôs-se e, em seguida, pôs os braços de forma hesitante em volta de Saetan, retribuindo o gesto.

— Sabe quem nos deu a árvore, não sabe? — sussurrou Char.

— Sim, eu sei.

— Eu nunca... a maioria de nós nunca...

— Eu sei, Char. — Saetan apertou o ombro de Char mais uma vez. Pigarreou. — Vão parecer um pouco... bobos... perto disso, mas eu trouxe presentes para colocar sob a árvore.

Char esfregou a mão no rosto.

— Ela disse que só ia durar os treze dias do Winsol, mas é o que sempre acontece, não é?

— Sim, é o que normalmente aguentam.

— Senhor Supremo. — Char hesitou. — Como?

Saetan sorriu ternamente para o rapaz.

— Não sei. Ela é mágica. Sou apenas um Príncipe dos Senhores da Guerra. Não pode esperar que eu explique a magia.

Char retribuiu o sorriso, um sorriso de um homem para outro.

Saetan invocou as seis caixas.

— Vou deixá-las ao seu cuidado. — Com um dedo, acariciou delicadamente o rosto queimado e enegrecido de Char. — Feliz Winsol, Senhor da Guerra. — Voltou-se e deslizou em direção ao caminho. Ao contornar a primeira curva, ouviu o som de meia dúzia de vozes. O som se repetiu, agora em coro.

— Feliz Winsol, Senhor Supremo.

Saetan reprimiu um soluço e apressou-se de volta ao Paço.

7 / Inferno

— Você me disse para dar um presente de Winsol a quem talvez não fosse ganhar nenhum, por isso... bem... — Jaenelle passou os dedos nervosamente ao longo da beirada da mesa de madeira escura de Saetan.

— Venha aqui, criança-feiticeira. — Saetan abraçou-a suavemente. Aproximando os lábios do ouvido de Jaenelle, sussurrou: — Foi a mais bela amostra de magia que já vi. Estou muito orgulhoso de você.

— Sério? — Jaenelle sussurrou de volta.

— Sério. — Segurou-a com os braços esticados para poder ver seu rosto. — Poderia me contar o segredo? — perguntou, mantendo um tom de voz ligeiramente brincalhão. — Poderia contar a um velho Príncipe dos Senhores da Guerra como conseguiu fazer isso?

Os olhos de Jaenelle fixaram a Joia Vermelha de Direito por Progenitura de Saetan, que pendia da corrente de ouro.

— Prometi ao Príncipe, sabe?

— Não, prometeu o quê? — perguntou calmamente, enquanto o seu estômago se revirava.

— Prometi a ele que, se fosse tecer sonhos, aprenderia com os melhores professores.

E não me procurou?

— Então quem foi que a ensinou, criança-feiticeira?

Ela umedeceu os lábios.

— Os Aracnianos — disse baixinho.

A sala ficou desfocada e girou. Quando parou de girar, Saetan notou, agradecido, que continuava sentado na cadeira.

— Aracna é um Território restrito — disse entre dentes.

Jaenelle franziu a testa.

— Eu sei. Da mesma forma que muitos outros lugares onde tenho amigos. Eles não se importam, Saetan. Sério.

Saetan largou-a e entrelaçou as mãos. Aracna. Ela tinha estado em Aracna. Cuidado com a aranha dourada que tece uma teia emaranhada. Não havia, na história dos Sangue, uma única Viúva Negra capaz de tecer teias de sonhos como os Aracnianos. Todo o litoral da ilha estava repleto de teias emaranhadas capazes de atrair mentes confiantes — e mesmo bem treinadas —, deixando o invólucro de carne para ser devorado. Para Jaenelle passar despreocupadamente por aquelas defesas...

— A Rainha Aracniana — disse Saetan lutando contra o impulso de gritar com a menina. — Quem ela incumbiu de ensinar você?

Jaenelle sorriu preocupada.

— Foi ela mesma que me ensinou. Começamos pelas teias simples e retas, a tecelagem do dia a dia. Depois... — Jaenelle deu de ombros.

Saetan pigarreou.

— Só por curiosidade, de que tamanho é a Rainha Aracniana?

— Humm... o corpo dela é mais ou menos desse tamanho. — Jaenelle indicou o punho de

Saetan.

A sala estremeceu. Não se sabia muito sobre Aracna — o que era natural, uma vez que poucos dos que se tinham aventurado por lá haviam voltado intactos —, mas pelo menos uma coisa era sabida: quanto maior a aranha, mais poderosas e fatais eram as teias.

— O Príncipe sugeriu que fosse a Aracna? — inquiriu Saetan, tentando desesperadamente não deixar transparecer um rosnado na voz.

Jaenelle piscou e corou envergonhada.

— Não. Acho que não ficaria muito contente se eu lhe contasse.

Saetan fechou os olhos. O que não tinha remédio, remediado estava.

— Lembre-se bem da cortesia e do Protocolo quando os visitar, está bem?

— Sim, Senhor Supremo — disse Jaenelle, com uma voz duvidosamente submissa.

Saetan abriu um pouco os olhos. Os olhos cor de safira de Jaenelle brilhavam ao olhá-lo. Ele rosnou, vencido. Fogo do Inferno, se uma menina de doze anos conseguia manipulá-lo, o que faria, em nome das Trevas, quando ela fosse adulta?

— Saetan?

— Jaenelle.

Ela estendeu a ele um pacote colorido, embora mal embrulhado, com um laço ligeiramente retalhado.

— Feliz Winsol, Saetan.

Com as mãos um pouco trêmulas, Saetan pegou o embrulho e o pôs delicadamente sobre a mesa.

— Criança-feiticeira, eu...

Jaenelle lançou-se ao pescoço dele e o apertou.

— Draca disse que não tinha problema eu abrir o seu presente antes do Winsol porque só vou poder usá-lo na Fortaleza. Ah, Saetan, obrigada. Obrigada. É o vestido mais maravilhoso do mundo. E é *preto*. — Examinou o rosto de Saetan. — Eu não deveria lhe dizer que já o abri?

Saetan abraçou-a furiosamente. *Você também, Draca, você também não é tão insensível como quer parecer.*

— Fico contente que tenha gostado, criança-feiticeira. — Virou-se para o embrulho.

— Não — disse Jaenelle nervosamente. — Você tem que esperar pelo Winsol.

— Mas você não esperou — provocou docemente. — Além disso, não vai estar aqui no Winsol, então...

— Não, Saetan. Por favor?

Ficou curioso que Jaenelle lhe desse um pacote e não quisesse estar presente quando fosse abri-lo. No entanto, o Winsol era no dia seguinte, e não queria ficar infeliz por causa disso. Desviando habilmente a conversa para a enorme quantidade de comida que estava sendo preparada no Paço em Kaeleer e sugerindo abertamente que Helene e a Senhora Beale poderiam estar dispostas a separar para ela um pouco dessa comida antes do dia seguinte, deixou-a ir e recostou-se na cadeira, suspirando.

O embrulho o atraía.

Saetan trancou o escritório com a Negra antes de desembulhar o pacote com todo o cuidado. Seu coração bateu estranhamente ao reconhecer espantado a parte de trás de uma das molduras articuladas que tinha adquirido para ela. Respirando fundo, abriu a moldura.

Do lado esquerdo estava a foto de um homem jovem com um sorriso impertinente insinuado

no rosto e um brilho nos olhos do tipo pronto-para-confusão. Estaria diferente agora, mudado, endurecido, amadurecido. Ainda assim.

— Lucivar — murmurou, piscando para reprimir as lágrimas e balançando a cabeça. — Você tinha esse olhar aos cinco anos. Parece que há coisas que o tempo não muda. Onde está você agora, meu Príncipe eryrieno?

Olhou para a fotografia da direita, colocou a moldura sobre a mesa, recostou-se na cadeira e cobriu os olhos com as mãos.

— Não admira — murmurou. — Por todas as Joias e pelas Trevas, não admira.

Se Lucivar era uma tarde de verão, Daemon era a noite mais fria de inverno. Afastando as mãos do rosto, Saetan obrigou-se a olhar para a fotografia do seu xará, do seu verdadeiro herdeiro.

Era uma fotografia formal, com um fundo em veludo vermelho. Na superfície, esse seu filho não era um espelho — ultrapassava largamente as belas e esculpidas feições do pai —, mas sob a superfície repousavam as trevas frias e reconhecíveis e uma desumanidade que Saetan sabia, instintivamente, ter sido aguçada por anos de crueldade.

— Dorothea, você recriou o pior de mim.

E apesar disso...

Saetan inclinou-se para a frente e examinou os olhos dourados, tão parecidos com os seus, olhos que pareciam olhá-lo de frente. Sorriu em agradecimento e de alívio. Nada jamais poderia desfazer o que Dorothea tinha feito a Daemon, aquilo em que o transformara, mas havia naqueles olhos dourados uma expressão em torvelinho de resignação, divertimento, exasperação e deleite — uma cacofonia de emoções bastante familiares. Isso só podia significar uma coisa: Jaenelle tinha feito Daemon ceder e fora com ele para se certificar de que ficaria satisfeita.

— Bem, xará — disse Saetan baixinho, colocando a moldura no canto da mesa —, se aceitou as rédeas que ela segura, ainda há esperança para você.

8 / Terreille

Para Daemon, o Winsol era o dia mais amargo do ano, uma lembrança cruel do que fora crescer na corte de Dorothea, do que tinham exigido dele depois que a dança incendiou o sangue de Dorothea e de Hepsabah.

Sentiu um aperto no estômago. A pedra na qual amolava o temperamento já afiado era o conhecimento de que a única feiticeira com a qual queria dançar, a única à qual se entregaria de bom grado e à qual faria todas as vontades, era jovem demais para ele — para qualquer homem.

Celebrava o Winsol porque era o que se esperava dele. Todos os anos enviava uma cesta de iguarias para Surreal. Todos os anos enviava presentes a Manny e Jo — e a Tersa, quando conseguia saber do seu paradeiro. Todos os anos havia os previsíveis e dispendiosos presentes para as feiticeiras que servia. Todos os anos, nada recebia em retribuição, nem mesmo um “obrigada”.

Mas este ano era diferente. Este ano fora apanhado por um furacão chamado Jaenelle Angelline — tão impossível de desviar como era detê-la — e tornara-se cúmplice numa série de esquemas que, ainda que inocentes, haviam sido emocionantes. Quando bateu o pé, recusando-se a participar numa das suas aventuras, fora arrastado como um brinquedo que, de tão amado, já quase não tem mais enchimento. Com as defesas completamente rompidas, o espírito entorpecido e consumido pelo amor, a frieza esmagada pela travessura, tinha pensado por um momento em pedir ajuda ao Sacerdote, até se dar conta, com divertido desânimo, que o Senhor Supremo do Inferno provavelmente não estaria se saindo melhor do que ele.

Agora, porém, ao pensar nos tipos de aventuras que Alexandra e Leland e suas amigas exigiriam dele, a frieza sussurrou novamente em suas veias.

Após uma refeição leve que afastaria a fome até o enorme banquete da noite, reuniram-se na sala de visitas para a troca de presentes de Winsol. Vermelha devido ao trabalho enlouquecido na cozinha, a Cozinheira trouxe a bandeja com a taça de prata que continha o tradicional rum com sangue quente. Serviram-se os pequenos cálices de prata que seriam partilhados.

Robert partilhou o seu com Leland, que tentou não olhar para Philip. Philip dividiu o seu com Wilhelmina. Graff, sarcástica, com a Cozinheira. E Daemon, como não tinha outra opção, partilhou o seu cálice com Alexandra.

Jaenelle ficou sozinha, sem ter com quem partilhar o seu cálice.

Daemon ficou com o coração apertado. Recordava vários Winsols em que ele mesmo era o que ficava sozinho, o proscrito, o indesejado. Teria ignorado a tradição de que só se podia partilhar um cálice, mas viu o brilho estranho e perturbador nos olhos de Jaenelle por um breve momento antes de ela levantar o cálice numa saudação e beber.

Houve um momento de silêncio tenso antes que Wilhelmina interviesse com um sorriso frágil e perguntasse: — Já podemos abrir os presentes?

Enquanto os cálices voltavam para a bandeja, Daemon colocou-se ao lado de Jaenelle.

— Senhora...

— É conveniente, não acha, que eu beba sozinha? — disse, num sussurro de meia-noite. Seus olhos estavam repletos de uma imensa dor. — Afinal, sou parente mas não da mesma casta.

É a minha Rainha, Daemon pensou furiosamente. Seu corpo doía. Era a sua Rainha. Mas com a família dela em volta, observando, nada podia dizer ou fazer para ajudá-la.

Ao longo da hora que se seguiu, Jaenelle desempenhou o papel de criança ligeiramente confusa, elogiando os presentes de um jeito tão em desacordo com a sua maneira de ser que provocou em Daemon uma vontade de pintar as paredes com sangue. Ninguém mais reparou que Jaenelle esforçava-se para tomar fôlego a cada presente que desembulhava até parecer que o papel colorido e os laços eram punhos que esmurravam o seu pequeno corpo. Quando Daemon abriu o presente dela — lenços de bolso —, Jaenelle estremeceu e ficou pálida como a morte. Arquejando, pôs-se de pé num pulo e saiu correndo da sala, enquanto Alexandra e Leland gritavam rispidamente para que voltasse.

Sem se importar com o que pensariam, Daemon saiu da sala, percorrido por uma fúria fria, e dirigiu-se à biblioteca. Jaenelle estava lá, ofegante, tentando debilmente abrir uma janela. Daemon trancou a porta, atravessou a sala em passos largos, girou raivosamente o fecho da janela e abriu-a com tanta força que as paredes tremeram.

Jaenelle inclinou-se sobre o parapeito estreito da janela, inspirando o ar de inverno.

— Dói tanto viver aqui, Daemon — choramingou quando Daemon a embalou nos braços. —

Às vezes dói tanto.

— Shhh. — Afagou seus cabelos. — Shhh.

Assim que a respiração de Jaenelle voltou ao normal, Daemon fechou e trancou a janela. Encostou-se à parede, com uma das pernas esticada ao longo do parapeito, e puxou-a até estar junto dele. Em seguida, colocou o outro pé sob a perna, segurando-a num triângulo firme.

Era uma loucura tê-la puxado para junto de si daquela maneira. Era uma loucura extrair tanto prazer ao sentir as mãos dela pousadas nos seus quadris. Era uma loucura não interromper o lento desenrolar daquelas gavinhas psíquicas de sedução.

— Sinto muito não ter podido partilhar o cálice com você.

— Não tem importância — murmurou Jaenelle.

— Para mim, tem — retorquiu rispidamente, a voz profunda e sedosa com um toque mais enrouquecido do que o habitual.

Os olhos de Jaenelle estavam ficando confusos e enevoados. Fez as gavinhas recuarem um pouco.

— Daemon — disse Jaenelle, hesitante. — O seu presente...

Houve um estrondo na garganta de Daemon — o riso que usava na cama, só que com fogo em vez de gelo, e os seus olhos adquiriram um tom dourado-escuro.

— Foi tanto a sua escolha como o estojo de pintura foi a minha. — Franziu a testa. — Tinha pensado em lhe dar uma sela que servisse tanto a você como ao Dançarino Negro...

Jaenelle arregalou os olhos e deu uma gargalhada.

— ... mas não teria sido muito prático.

Um dedo com unha comprida acariciou indolentemente o braço da menina. Daemon soube que precisava se afastar — agora —, quando tinha tentado distraí-la, mas a dor de Jaenelle torcera algo dentro de si, e não iria permitir que ela pensasse que estava ali sozinha. Isso o fez pensar em outra coisa.

— Jaenelle — disse com cautela ao olhar para o próprio dedo —, o Sacerdote... — Se Saetan não tivesse lhe dado um presente de Winsol, a pergunta a magoaria ainda mais?

— Ah, Daemon, é maravilhoso. Não posso usá-lo aqui, é claro.

Ele começou a se destorcer.

— Usar o quê?

— O meu vestido. — Contorceu-se no apertado triângulo, quase o fazendo atravessar a parede.

— Vai até os pés e é feito de seda de aranha e é preto, Daemon, *preto*.

Daemon concentrou-se na respiração. Quando se certificou de que o coração tinha voltado ao ritmo normal, enfiou a mão no bolso interno do casaco e retirou uma pequena caixa quadrada.

— Então acho que este será um acessório apropriado.

— O que é? — perguntou Jaenelle, pegando a caixa com hesitação.

— O seu presente de Winsol. O seu *verdadeiro* presente de Winsol.

Sorrindo timidamente, Jaenelle desembulhou a caixa, abriu-a e arquejou.

Daemon sentiu um aperto na garganta. Não era um presente adequado para um homem como ele oferecer a uma menina, mas não se importava, não se importava com nada, exceto se lhe agradaria ou não.

— Ah, Daemon — murmurou Jaenelle. Tirou a pulseira de prata da caixa e experimentou no pulso esquerdo. — Vai ficar perfeita com o meu vestido. — Levantou os braços para abraçá-lo e ficou paralisada.

Daemon viu as emoções de Jaenelle girando nos olhos dela, rápido demais para conseguir identificá-las. Em vez de abraçá-lo, ela baixou os braços, pousando-os nos ombros de Daemon, inclinou-se para a frente e beijou-o levemente nos lábios, uma menina-criança experimentando as águas da feminilidade. As mãos de Daemon cerraram-se nos braços dela com pressão suficiente para mantê-la junto a ele. Quando ele se afastou, vislumbrou nos olhos de Jaenelle um sussurro da mulher que viria a ser.

Tendo visto isso, não poderia deixar que terminasse ali.

Tomando seu rosto nas mãos, Daemon inclinou-se para a frente e retribuiu o beijo. Foi um beijo tão suave e com os lábios tão fechados como o dela tinha sido, mas não era inocente nem casto. Quando, por fim, se afastou, soube que estava participando de um jogo perigoso.

Jaenelle balançou, apoiando-se com as mãos nos quadris de Daemon. Passou a língua pelos lábios e olhou para ele com os olhos ligeiramente vidrados.

— Todos... todos os garotos beijam assim?

— Os garotos não beijam assim, Senhora — disse baixinho, seriamente. — Nem a maior parte dos homens. Mas eu não sou como a maioria dos homens. — Recolheu lentamente as gavinhas de sedução. Tinha feito mais do que devia essa noite; se fosse mais além, iria magoá-la. Amanhã seria o companheiro que fora ontem e anteontem. Mas ela recordaria aquele beijo e iria compará-lo aos beijos de cada garoto inseguro de Chaillot.

Não importava quantos garotos beijassem. Afinal, eram garotos. Mas a cama... Quando chegasse a hora, a cama seria *dele*.

Retirou a pulseira do braço de Jaenelle e voltou a colocá-la na caixa.

— Faça ela desaparecer — disse Daemon baixinho, ocupando-se ele mesmo do laço e do papel de presente. Depois que a caixa desapareceu, soltou as pernas e levou-a de volta para sala de visitas; pouco depois Graff se apressou a levar as meninas para a cama.

Philip olhava furiosamente para Daemon. Robert sorria de forma afetada. Leland estava eufórica e pálida. Foi o olhar ciumento e acusatório de Alexandra que desembainhou a sua fúria. Ela se levantou para confrontá-lo, mas nesse preciso momento os convidados começaram a chegar para as festividades que se prolongariam por toda a noite.

Nessa noite, Daemon não esperou que Alexandra lhe “pedisse” para obsequiar uma convidada. Seduziu todas as mulheres da casa — começando por Leland —, provocando-as até o clímax enquanto dançava com elas, vendo-as estremecer enquanto mordiam os lábios até sangrarem, esforçando-se para não gritar com tanta gente em volta. Ou escapulindo com uma das mulheres para uma pequena sacada e, após o primeiro beijo frio e fogo, ficando recostado a uma parede numa pose afetada, com as mãos nos bolsos, enquanto o seu toque fantasma brincava impiedosamente com o corpo da mulher até ela ficar esparramada no chão, implorando a carícia de uma mão real — e, depois, o seu simples toque, o deslizar das unhas na parte interna da coxa, um toque ligeiro na roupa íntima, no lugar certo, e ela ficaria saciada — e esfomeada.

Ainda assim, Daemon não tinha terminado.

Tinha deliberadamente evitado Alexandra, provocando-a com a sedução ostensiva a todas as outras mulheres, frustrando-a para além do tolerável. Antes mesmo que a porta se fechasse atrás do último convidado, arrebatou-a nos braços, subiu as escadas e trancou o quarto. Compensou-a por tudo. Mostrou-lhe o tipo de prazer que podia dar a uma mulher quando estava inspirado. Mostrou-lhe por que o chamavam o Sádico.

Quando entrou cambaleando no seu quarto, o sol já ia alto, e a primeira coisa em que reparou

foi que a sua cama havia sido mexida. Com um exame rápido e irritadiço localizou o embrulho embaixo da almofada. Puxando a coberta cautelosamente e jogando o travesseiro para o lado, Daemon observou o pacote mal embrulhado e o bilhete dobrado sob o laço. Sorriu ternamente, deixando-se cair na cama, agradecido.

Ela devia tê-lo colocado ali assim que ele saiu do quarto.

O bilhete dizia: “Não pude lhe dar o presente que queria porque os outros não iriam entender. Feliz Winsol, Daemon. Com amor, Jaenelle.”

Daemon desembulhou o presente e abriu a moldura articulada. O lado esquerdo estava vazio, aguardando a fotografia de Lucivar. À direita...

— Engraçado — disse Daemon baixinho para a fotografia. — Sempre achei que você tivesse um ar mais formal, mais... distante. Mas, apesar de todo o seu esplendor, de toda a Arte e todo o poder, não se importaria de pôr-se de pé e tomar uma caneca de cerveja, não é? Eu nunca imaginaria quanto de você está presente em Lucivar. Ou em mim. Ah, Sacerdote. — Daemon fechou a moldura com delicadeza. — Feliz Winsol, Pai.

CAPÍTULO TREZE

1 / Terreille

— Deveríamos ter trazido os outros — disse Cassandra enquanto apertava o braço de Saetan.

Saetan pousou sua mão na dela, apertando-a levemente.

— Ele não pediu para ver os outros. Pediu para me ver.

— Não pediu — retrucou Cassandra. Olhou de relance para o Santuário e baixou a voz. — Não pediu, Senhor Supremo, *exigiu*.

— E aqui estou eu.

— Sim — disse com uma irritação subjacente —, aqui está você.

Às vezes é difícil lembrar por que a amei tanto por tanto tempo.

— É meu filho, Cassandra. — Sorriu tristemente. — Está ofendida com os modos dele por minha causa ou porque ele não foi suficientemente adulator e feriu a sua vaidade?

Cassandra soltou de forma brusca o braço de Saetan.

— Ele é encantador quando quer — disse desagradavelmente. — E não tenho dúvidas de que os seus modos na cama são impecáveis, uma vez que teve tanto tempo para se aperfeiçoar... — Suas palavras desvaneceram ao reparar no olhar glacial de Saetan.

— Se os modos dele deixam a desejar, Senhora, ficaria agradecido caso se recordasse de quem o treinou na corte.

Cassandra ergueu o queixo.

— É a mim que você culpa, não é?

— Não — disse Saetan, baixinho, amargo. — Eu sabia o preço a pagar pelo que me tornei. A responsabilidade em relação a ele é unicamente minha. Mas não permitirei que ninguém, *ninguém*, o condene pelo que se tornou por causa disso. — Saetan respirou fundo, tentando dominar os nervos esgotados. — Por que não vai para o seu quarto? É melhor eu me encontrar com ele a sós.

— Não — disse Cassandra rapidamente. — Ambos usamos a Negra. Juntos poderemos...

— Não vim aqui para lutar com ele.

— Mas ele vem lutar com você!

— Como pode saber?

— Não foi você que ele encostou na parede enquanto fazia as suas exigências.

— Vou dar um tapa nele. Isso a satisfaz? — Saetan rosnou ao caminhar para as ruínas do Santuário, dirigindo-se à cozinha e a outro confronto.

No meio do caminho para a cozinha, Saetan diminuiu o passo. Tinha mantido a promessa feita a Draca. No Winsol dançara pela glória da Feiticeira. Graças ao sangue que Jaenelle continuava a insistir em lhe dar, já não precisava de uma bengala nem mancava, mas a dança havia entorpecido a sua perna ruim, diminuído a circulação de fluidos. Lamentou que pudesse parecer velho ou enfermo no primeiro encontro com Daemon após tantos, tantos anos.

Quando Saetan se aproximou da porta da cozinha, sentiu a fúria a jorrar. Pois bem. Cassandra não tinha exagerado. Pelo menos, a raiva era ardente. Talvez conseguissem conversar.

Daemon perambulava pela cozinha com a graciosidade de uma pantera, as mãos nos bolsos das calças, o corpo envolto numa raiva fragilmente refreada. Ao lançar um olhar cortante em direção à porta e avistar Saetan, não alterou o seu passo; girou nos calcanhares, dirigindo-se diretamente ao Senhor Supremo.

Aquela fotografia revelava apenas uma meia verdade, pensava Saetan enquanto observava Daemon se aproximando agilmente, aguardando para verificar se haveria derramamento de sangue.

Daemon parou à distância de um braço, as narinas dilatadas, os olhos lancinantes, silencioso.

— Príncipe — disse Saetan com calma.

Observou Daemon lutando para se controlar, lutando contra a raiva abrasadora para conseguir retribuir o cumprimento.

— Senhor Supremo — disse Daemon entre dentes.

Aproximando-se lentamente da mesa, ciente de que Daemon observava todos os seus movimentos, Saetan tirou a capa e colocou-a numa cadeira.

— Vamos tomar uma taça de vinho e depois falaremos.

— Não quero vinho.

— Eu quero. — Saetan foi buscar o vinho e as taças. Sentando-se numa cadeira, abriu o vinho, serviu duas taças e aguardou.

Daemon avançou, colocando as mãos cautelosamente sobre a mesa.

Dorothea estava cega se não viu o que Daemon era, pensava Saetan ao bebericar o vinho. Ansioso por vê-las, Saetan achou as longas unhas de Daemon menos desconcertantes que os dedos sem anéis. Se conseguia ser tão admirável sem usar uma Joia que o ajudasse a concentrar a força...

Não admirava que Cassandra tivesse ficado aterrorizada. Joias Negras ou não, não era adversária à altura para esse seu filho.

— Sabe onde ela está? — perguntou Daemon, esforçando-se para não gritar.

Saetan estreitou os olhos. Medo. Toda aquela fúria encobrindo uma avalanche de medo.

— Quem?

Daemon saltou da mesa, praguejando.

Ao ver que a torrente de impropérios não dava sinais de arrefecimento, Saetan disse secamente: — Xará, percebe que está tornando este lugar verdadeiramente inabitável?

— *O quê?* — Daemon girou sobre os calcanhares e saltou de volta para a mesa.

— Domine a sua raiva, Príncipe — disse Saetan calmamente. — Você pediu que eu viesse e aqui estou. — Olhou por cima do ombro para a janela. — Mas a madrugada irá chegar em algumas horas e você não pode se dar ao luxo de estar aqui depois disso, não é?

Quando Daemon se deixou cair numa cadeira à sua frente, Saetan lhe ofereceu uma taça de vinho. Daemon esvaziou-a. Saetan voltou a enchê-la. Após encher a taça pela terceira vez, disse secamente: — Pela experiência que tenho, posso lhe garantir que ficar bêbado não diminuirá o medo. Mas a agonia da ressaca pode fazer maravilhas pelo discernimento de um homem.

Nos olhos de Daemon podia perceber um divertimento consternado.

— Em outras palavras, e sem rodeios, meu belo e jovem Príncipe, esta é obviamente a primeira vez que a nossa Senhora loura o fez se cagar de medo.

Daemon franziu a testa diante da garrafa de vinho vazia, descobriu uma garrafa cheia no armário e voltou a encher as taças.

— Não é a primeira vez — resmungou.

Saetan soltou um riso abafado.

— Mas é uma questão de graus, não é?

Havia uma sugestão de afeto no sorriso relutante de Daemon.

— É.

— E dessa vez a coisa é feia.

Daemon fechou os olhos.

— É.

Saetan suspirou.

— Comece do início e veremos se conseguimos decifrar esta confusão.

— Ela não está na propriedade da família.

— Estamos na época do Winsol. Talvez a família... — Saetan engasgou-se com a palavra — a tenha levado para visitar amigos?

Daemon negou com a cabeça.

— Há *alguma coisa* lá, mas não é Jaenelle. Parece com ela, fala como ela, faz o papel da filha obediente. — Daemon olhou para Saetan, com um olhar perturbado. — Mas a verdadeira Jaenelle não está ali. — Riu desdenhosamente. — A família dela está muito satisfeita por ela estar se portando tão bem e por não envergonhá-los quando apresentam as meninas aos convidados. — Começou a brincar com a taça. — Receio que alguma coisa tenha acontecido a ela.

— É pouco provável. — Fascinado, Saetan observou a ira se dissipando do rosto de Daemon. Gostava do homem que via surgir.

— Como pode ter certeza? — perguntou Daemon, esperançoso. — Alguma vez viu algo assim?

— Assim exatamente, não.

— Então, como...

— O que você está descrevendo, xará, é chamado de sombra, mas não existe ninguém em nenhum dos Reinos, nem mesmo eu, que possua a Arte para criar uma sombra tão real, à exceção de Jaenelle.

Daemon bebericou o vinho e refletiu por alguns momentos.

— O que é, exatamente, uma sombra?

— Basicamente, uma sombra é uma ilusão, uma recriação da forma física de um objeto. — Saetan encarou Daemon, que se encolheu um pouco na cadeira. — Algumas crianças criam sombras para que os outros pensem que estão dormindo nas suas camas quando, na verdade, estão vivendo aventuras que, se descobertas, implicariam castigos desconfortáveis. — Vislumbrou uma breve e vacilante lembrança nos olhos de Daemon, e o início de um sorriso sarcástico. — É uma sombra de primeiro grau e não tem movimento. Uma sombra de segundo grau pode se mexer, mas tem de ser manipulada como uma marionete. Esse tipo de sombra parece sólida mas não é possível tocá-la, não tem capacidades táteis. A sombra de terceiro grau, que é a mais forte de que já tive conhecimento, tem capacidades táteis mas somente numa via. Pode tocar mas não pode ser tocada. No entanto, também tem de ser manipulada.

Daemon refletiu sobre essas informações e balançou a cabeça.

— É mais do que isso.

— Sim, é muito, muito mais. É uma sombra criada com tanta habilidade que consegue agir

independentemente nas atividades do dia a dia. Não creio que as conversas sejam estimulantes — isso fez Daemon bufar —, o que significa que o criador pode estar ocupado com algo completamente diferente.

— Como por exemplo?

— Ah — exclamou Saetan, voltando a encher as taças —, *essa* é a questão interessante.

Os olhos de Daemon brilharam de raiva contida.

— Por que ela criaria uma sombra assim?

— Como eu disse, *essa* é a questão interessante.

— Então é só isso? Aguardamos, simplesmente?

— Por ora. Mas quem a encontrar primeiro terá de ser bem ríspido. Sem concessões.

Nos lábios de Daemon surgiu, devagar, um sorriso.

— Você está preocupado.

— É claro que estou preocupado — vociferou Saetan. Como não precisava mais refrear a fúria de Daemon, sentiu que agora podia soltar a sua. — Quem é que sabe, em nome do Inferno, o que ela estará inventando desta vez? — Deixou-se cair na cadeira, resmungando.

Daemon recostou-se e riu.

— Não ria desse jeito, garoto. *Você* merece um belo chute no traseiro.

Daemon pestanejou.

— *Eu?*

Saetan inclinou-se para a frente.

— Você. Da próxima vez que sugerir que ela obtenha instruções adequadas antes de tentar fazer alguma coisa, é bom que se lembre, maldito seja, de acrescentar que sou eu que lhe transmitirei os ensinamentos adequados.

— O que...

— Tecer sonhos. Lembra da tecelagem de sonhos, xará?

Daemon empalideceu.

— Lembro. Mas...

— Você disse a Jaenelle que ela deveria ser ensinada pelos melhores professores. Foi o que ela fez.

— Então o que...

— Já ouviu falar de Aracna?

Daemon empalideceu ainda mais.

— É uma lenda — murmurou.

— Quase tudo em Kaeleer é uma lenda, garoto — trovejou Saetan. — E isso não a impediu de se encontrar com indivíduos *muito* interessantes.

Olharam-se furiosamente. Por fim Daemon disse com uma calma ameaçadora:

— Como você?

Maldição, esse rapaz era divertido! Saetan respirou fundo e suspirou de maneira dramática.

— Já fui interessante — disse, com pesar. — Era respeitado, até temido. Meu escritório era um santuário privado no qual ninguém entrava de bom grado. Mas já perdi os dentes de leite há muito tempo — Daemon olhou de relance, surpreendido, para a boca de Saetan —, e agora demônios vêm bater à minha porta, alguns incomodados porque ela não foi visitá-los, outros porque ela os visitou. Minha cozinha está sempre me encurralando nos cantos, querendo saber se a Senhora virá hoje para que possa preparar sua torta de carne preferida. E os comerciantes

amontoam-se à entrada da minha casa, suplicando por uma audiência, aliviados por estarem na minha presença enquanto contorcem as mãos de desespero e despejam os seus rosários de desgraças.

Daemon, que estava cada vez mais animado, franziu ligeiramente a testa.

— Os demônios e a cozinheira, consigo entender. Mas os comerciantes?

Saetan suspirou novamente de maneira teatral, mas seus olhos brilhavam repletos de negro divertimento.

— Abri uma conta para ela em Kaeleer.

Daemon prendeu a respiração.

— Quer dizer...

— Sim.

— Mãe Noite.

— Essa foi a expressão mais simpática que ouvi no que diz respeito a este assunto. —
Apreciando o drama, Saetan prosseguiu: — E ainda vai piorar. Percebe?

— Piorar? — disse Daemon, desconfiado. — Por que irá piorar?

— Ela só tem doze anos, xará.

— Eu sei — Daemon quase gemeu.

— Pense bem nas confusões em que poderá se meter quando tiver dezessete e a própria corte.

Daemon resmungou, mas o seu olhar arguto continha esperança.

— Ela poderá estabelecer a própria corte aos dezessete anos? E constituí-la?

Ah, xará. Saetan ficou parado por um momento, pensando numa forma delicada de explicar.

— Quando chegar o momento, a maior parte das posições poderá ser preenchida. — O imediato rancor de Daemon deixou-o aturdido.

— É claro que desejará para ela algo melhor do que um prostituto que já serviu quase todas as Rainhas de Terreille — disse Daemon, enchendo a taça mais uma vez.

— Não foi isso que eu quis dizer — atalhou Saetan desesperado, pois qualquer explicação pareceria fraca.

— O que queria dizer, então? — perguntou Daemon, bruscamente.

— E se, aos dezessete anos, não estiver preparada para ter um consorte? — Saetan argumentou com suavidade. — E se levar mais alguns anos até que esteja preparada para a cama? Você ficará num escritório vazio, acomodado e confortável, enquanto homens de menor importância despertam a curiosidade dela por serem estranhos? O tempo encerra uma grande magia, xará, se você souber as regras do jogo.

— Você fala como se estivesse decidido — disse Daemon calmamente, com um leve amargor.

— E está... até onde sei.

O olhar desamparado e agradecido de Daemon era agonizante.

Mantiveram-se em silêncio, sociavelmente, por alguns minutos. Foi então que Daemon disse: — Por que me chama de xará o tempo todo?

— Porque é isso que você é. — Saetan desviou o olhar, incomodado. — Nunca pretendi dar esse nome a nenhum dos meus filhos. Eu sabia o que era. Já seria difícil me terem como pai. Mas, quando o peguei no colo pela primeira vez, soube que nenhum outro nome seria adequado. Por isso, o chamei de Saetan Daemon SaDiablo.

As lágrimas nos olhos de Daemon os faziam brilhar.

— Então chegou mesmo a reconhecer a paternidade? Manny disse que o registro dos Sangue

em Hayll tinha sido alterado, mas fiquei na dúvida.

— Não sou responsável pelas mentiras de Dorothea, Príncipe — disse Saetan, amargurado. — Ou pelo que o registro de Hayll apresenta ou não. Mas no registro que é mantido em Ebon Askavi, você e Lucivar têm o meu nome e são reconhecidos.

— Por isso me chamou de Daemon?

Saetan sabia que havia muito, muito mais que Daemon teria gostado de saber, mas estava agradecido que o filho tivesse decidido recuar, optando por uma conversa mais agradável nos poucos momentos que lhes restavam.

— Não — disse Saetan, secamente —, *eu* nunca o chamei de mais nada a não ser Saetan. Manny e Tersa — hesitou, perguntando-se se Daemon teria conhecimento de Tersa, mas ele não demonstrou qualquer surpresa — é que o chamavam de Daemon. Um dia, quando chamei atenção para o erro, Manny me informou que, se eu pensava que ela gritaria aquele nome à porta dos fundos para chamar um garoto para jantar, teria de pensar melhor.

Daemon deu uma gargalhada.

— Ah, Manny é uma querida.

— Para *você*. — Saetan soltou um riso abafado. — Eu sempre achei que ela queria simplesmente evitar que nós dois respondêssemos ao chamado.

— Você teria respondido? — perguntou Daemon, afetuosamente.

— Considerando o tom de voz dela, não me atreveria a contrariá-la.

Ambos gargalharam.

A despedida foi desconfortável. Saetan queria abraçá-lo, mas Daemon ficou tenso, quase assustado. Saetan imaginou se, após todos aqueles anos na corte de Dorothea, Daemon teria desenvolvido uma aversão ao toque.

E faltava Lucivar. Queria ter perguntado por Lucivar, mas a expressão perturbada de Daemon quando mencionou o nome do irmão eliminou essa possibilidade. Uma vez que queria conhecer os filhos, teria de ser paciente e permitir que se aproximassem quando se sentissem preparados.

2 / Terreille

Jaenelle voltou um dia e meio depois.

Após uma tarde desgastante de visitas com Alexandra, Daemon perambulava pelos corredores, impaciente demais para se deitar e desfrutar de um descanso merecido, quando viu as meninas voltando de um passeio no jardim.

— Mas você com certeza se lembra de como foi divertido — disse Wilhelmina enquanto Daemon se aproximava. Parecia desorientada. — Isso foi ontem.

— Ah, foi? — respondeu Jaenelle, distraída. — Ah, é, me lembrei.

Daemon fez uma mesura exagerada.

— Senhoras.

Wilhelmina deu uma risadinha. Jaenelle ergueu a cabeça para encontrar o olhar de Daemon.

Não gostou do cansaço no rosto de Jaenelle, não gostou do aspecto envelhecido dos olhos, embora fossem dissimulados pelo azul-celeste, mas não desviou o olhar.

— Senhora, podemos conversar por um momento?

— Como desejar — disse Jaenelle, quase deixando escapar um suspiro.

Aguardaram até que Wilhelmina subisse as escadas para a ala das crianças, dirigindo-se depois à biblioteca. Daemon trancou a porta. Antes mesmo de decidir o que iria dizer, Jaenelle protestou: — Não seja ranzinza, Príncipe.

Sentindo um arrepio, Daemon enfiou as mãos nos bolsos e foi sem pressa na direção de Jaenelle.

— Mas eu não disse nada.

Jaenelle tirou o casaco e o chapéu e os jogou no sofá, deixando-se cair ao lado deles.

— Já fui repreendida hoje.

Então o Sacerdote a tinha encontrado primeiro. Melhor assim. Tudo o que Daemon queria era abraçá-la. Sentou-se a seu lado, desejando, perversamente, abrandar a reprimenda que ele mesmo tinha desejado aplicar.

— A reprimenda foi muito ruim? — perguntou docemente.

Jaenelle olhou para Daemon com o semblante carregado.

— Não teria sido repreendida se não tivesse contado a ele. Por que fez isso?

— Estava assustado. Pensei que alguma coisa tivesse acontecido com você.

— Ah — exclamou Jaenelle, aliviada. — Esforcei-me tanto para criar aquela sombra para que ninguém se preocupasse, para que não existisse qualquer diferença. Ninguém mais reparou na diferença.

Repararam, minha Senhora. Ficaram gratos pela diferença. Achava — um pouco — divertido que ela estivesse mais preocupada com o fato de a sua Arte não ter sido tão eficaz quanto pensava do que com a preocupação que tinha provocado.

— Precisei usar a Negra para perceber a diferença, e mesmo assim só tive certeza depois de um dia inteiro.

— Sêrio? — Jaenelle animou-se.

— Sêrio. — Daemon tentou sorrir, mas não conseguiu chegar a tanto. — Não acha que tenho direito a uma explicação?

Jaenelle escondeu o rosto atrás do véu de cabelos louros.

— Eu ia contar a você. Prometi que contaria. E tinha de contar ao Sacerdote porque ele precisa tratar de algumas coisas.

Daemon franziu a testa.

— Prometeu a quem?

— A Tersa.

Daemon contou até dez.

— Como conheceu Tersa?

— Já estava na hora, Daemon — disse Jaenelle, ignorando a pergunta.

Daemon voltou a contar até dez.

— Tersa é muito especial para mim.

— Eu sei — disse Jaenelle baixinho. — Mas agora você é adulto, Daemon. Não precisa mais dela. E já estava na hora de Tersa deixar o Reino Distorcido... Mas ela estava lá há tanto tempo que não conseguia encontrar o caminho de volta sozinha.

O quarto estava gelado — não era o frio da raiva, o frio do medo. Daemon pegou nas mãos de Jaenelle, segurando-as entre as suas, extraindo um pequeno conforto do calor delas. Não queria compreender. Não queria, realmente, compreender. Mas compreendia.

— Você entrou no Reino Distorcido, não foi? — disse, tentando desesperadamente manter a voz calma. — Caminhou pelas estradas da loucura para encontrá-la e guiá-la de volta à sanidade; ou pelo menos até onde isso for possível.

— Sim.

— Não pensou... — A voz ficou embargada devido ao esforço. — Não passou pela sua cabeça que pudesse ser perigoso?

Jaenelle pareceu intrigada.

— Perigoso? — Balançou a cabeça. — Não. É apenas uma forma diferente de ver, Daemon.

Daemon fechou os olhos. Não teria medo de nada? Nem mesmo da loucura?

— Além disso, já tinha ido lá antes, sabia o caminho de volta.

Daemon sentiu o gosto de sangue no lugar onde tinha mordido a língua.

— Mas demorei um pouco para encontrá-la e convencê-la de que estava na hora de sair dali, de que não havia necessidade de ficar no interior das visões o tempo todo. — Jaenelle apertou ligeiramente as mãos de Daemon. — O Sacerdote vai comprar um chalé para ela numa aldeiazinha perto do Paço em Kaeleer. Ali, terá quem cuide dela e um jardim para trabalhar, além de Irmãs Viúvas Negras com quem conversar.

Daemon puxou-a para os seus braços e abraçou-a com força.

— Conseguiu convencê-la a viver lá? — sussurrou nos cabelos de Jaenelle. — Irá realmente viver numa casa decente, com roupas decentes, comida saudável e pessoas compreensivas? — A cabeça de Jaenelle movia-se para baixo e para cima. Daemon suspirou. — Nesse caso, valeu a preocupação. Cem vezes isso e ainda valeria.

— Foi o que o Sacerdote disse... depois do sermão.

Daemon sorriu encostado aos cabelos de Jaenelle.

— Disse mais alguma coisa?

— Muitas coisas — resmungou Jaenelle. — Algo sobre sentar-se confortavelmente, mas eu não entendi e ele não quis repetir.

Daemon tossiu. Jaenelle ergueu a cabeça, olhando com desconfiança. Tentou manter uma expressão neutra. Jaenelle pareceu ainda mais desconfiada.

O som de passos no corredor o fez voltar-se, o corpo tenso, os olhos fixos na porta.

— É melhor ir se juntar à sua irmã. — Entregou a Jaenelle o casaco e o chapéu. Antes de abrir a porta, fez uma pausa. — Obrigado. — Estava longe de ser suficiente, mas não conseguiu pensar em outra coisa para dizer.

Jaenelle acenou com a cabeça e saiu.

Daemon tinha acabado de se pentear, pronto para mais um dia de atividades de Winsol, quando ouviu Jaenelle batendo levemente na porta e pulando para dentro do quarto. Não tinha certeza sobre quando o seu quarto havia se tornado território comum, mas já não era tão descontraído na forma de se vestir — e se despir — como antigamente.

Jaenelle saltitou a seu lado, os olhos fixos no rosto dele. Daemon sorriu.

— Tenho sua aprovação?

Ela ergueu o braço, passou os dedos no rosto de Daemon e franziu a testa.

— Seu rosto é macio.

Levantando uma sobrançelha, Daemon virou-se para o espelho a fim de verificar o colarinho.

— Os homens hayllianos não têm pelos faciais. — Fez uma pausa. — Nem os dhemlanos e os eyrienos.

Jaenelle continuava com a testa franzida.

— Não entendo.

Daemon deu de ombros.

— É uma questão de diferença entre as raças.

— Não. — Jaenelle balançou a cabeça. — Se você não precisa tirar os pelos como o Philip, por que Graff disse que serviria melhor se fosse raspado? Philip faz soz...

O punho de Daemon atingiu a superfície da cômoda, rachando a madeira de uma ponta à outra. Ele agarrou as bordas enquanto lutava para manter o controle. A vagabunda. A *vagabunda*, para sugerir uma coisa dessas!

— Quer dizer algo diferente, não é? — perguntou Jaenelle com a sua voz de meia-noite.

— Não é nada — rosnou Daemon entre dentes.

— O que significa, Daemon?

— Não queira saber, Jaenelle.

— Príncipe.

O punho de Daemon esmurrou novamente a cômoda.

— Se tem tanta curiosidade assim, pergunte ao se maldito mentor! — Virou-se, forçando-se a recuperar o controle. Passado um momento, virou-se de novo: — Perdão, Jaenelle.

Mas ela já tinha ido embora.

4 / Inferno

Saetan e Andulvar estavam sentados em volta da mesa de madeira escura, bebendo yarbarah enquanto aguardavam Jaenelle. Saetan tinha voltado ao escritório particular embaixo do Paço para poder dispor de algum tempo em particular e de concentração com Jaenelle para as aulas, depois de descobrir que os empregados em Kaeleer pareciam se dirigir ao seu escritório público sob um ou outro pretexto, apenas para dizer olá a Jaenelle.

— Qual é o tema da lição de hoje? — perguntou Andulvar.

— Como vou saber? — retrucou Saetan secamente.

— É o responsável.

— Fico contente que alguém pense assim.

— Ah. — Andulvar voltou a encher a taça e aqueceu o vinho de sangue. — Ainda está aborrecido por causa de Tersa?

Saetan examinou a taça de prata.

— Aborrecido? Não. — Apoiou a cabeça no encosto da cadeira. — Mas, fogo do Inferno, Andulvar, tentar acompanhar esses saltos dela... a enormidade da força bruta que deve ser necessária para realizar algumas dessas coisas. Quero que ela tenha uma infância. Quero que faça todas as bobagens que as meninas fazem, o que quer que sejam. Quero que seja jovem e despreocupada.

— Ela nunca terá uma infância normal, SaDiablo. Conhece a gente, conhece as *cildru dyathe*, Geoffrey e Draca... e Lorn, o que quer que seja e onde quer que esteja. Já conheceu mais de Kaeleer do que qualquer um em mil anos. Como pode esperar que tenha uma infância normal?

— Essas coisas *são* normais, Andulvar — disse Saetan com cansaço na voz, ignorando o grunhido de negação de Andulvar. — Preferia nunca tê-la conhecido? Não me faça cara feia; eu sei a resposta. — Debruçou-se, pousando as mãos entrelaçadas na mesa. — A questão é: uma criança brinca com os unicórnios em Sceval. Uma criança visita amigos em Scelt e Philan e Glacia e Dharo e Narkhava e Dea al Mon, e no Inferno, e quem sabe em quantos outros lugares. Tenho ouvido as histórias dela, as aventuras inocentes, ainda que de rachar os nervos, de feiticeiras jovens e fortes que estão crescendo e aprendendo a Arte. Onde quer que esteja quando faz essas andanças, é uma criança.

— Então qual é o problema?

— O único lugar que ela nunca menciona, o único lugar que nunca consta destas suas aventuras, é Beldon Mor. Ela não fala nada sobre a família.

Andulvar refletiu sobre essas palavras.

— SaDiablo, você já é bastante ciumento. Quer mesmo saber que as pessoas que têm mais direitos sobre ela a adoram tanto quanto você? Uma criança como Jaenelle, sensível ao estado de espírito dos outros, estaria disposta a lhe contar?

— Ciumento? — Saetan silvou. — Acha que é o ciúme que me faz querer despedaçá-los?

Andulvar estudou o amigo antes de dizer cautelosamente:

— Sim, acho.

Saetan afastou-se de forma brusca da mesa e começou a se levantar da cadeira, mas reconsiderou.

— Não são ciúmes — disse, fechando os olhos. — Medo. Fico sempre pensando no que acontece depois que Jaenelle sai daqui. Fico pensando em algumas das coisas que ela me pede para lhe ensinar, me perguntando por que uma criança iria querer saber sobre esses assuntos, fico pensando por que às vezes percebo o desespero na sua voz ou, o que é pior, a raiva assustadora. — Olhou para Andulvar. — Sobrevivemos a infâncias brutais e nos mantivemos fiéis aos Sangue porque é o que somos. Sangue. Mas ela... Ah, Andulvar, dentro de poucos anos fará a Oferenda e, quando isso acontecer, ficará fora de alcance. Caso se sinta isolada de nós... Quer mesmo ver Jaenelle na sua plena e obscura glória governando a partir do Reino Distorcido?

— Não — disse Andulvar baixinho, com um ligeiro tremor na voz. — Não, não quero ver a nossa fedelha no Reino Distorcido.

— Então... — Ouviu-se uma leve batida na porta. Saetan e Andulvar entreolharam-se. Andulvar adotou um semblante carregado enquanto Saetan passava para um ar de indiferença. — Entre.

Ficaram tensos assim que Jaenelle entrou no escritório, sendo a disposição dos ombros dela o aviso de que necessitavam.

— Senhor Supremo — disse, cumprimentando-o com um aceno próprio da realeza. — Príncipe Yaslana.

— Um pouco formal, não é, fedelha? — disse Andulvar com uma grosseria bem-humorada.

Saetan cerrou os lábios, preocupado. Pode-se confiar num eyrieno para levar a batalha para o campo aberto. O que o preocupou foi que Jaenelle não respondeu.

Dirigiu-se a Saetan, seus olhos azul-safira pregando-o à cadeira.

— Senhor Supremo, quero fazer uma pergunta e não quero ouvir que sou nova demais para saber a resposta.

Saetan viu que Andulvar ficou imóvel, reunindo força caso viesse a ser necessária.

— E qual é a pergunta, Senhora?

— O que significa ser raspado?

Andulvar reprimiu um arquejo. Saetan sentiu-se caindo num abismo infindável. Umedeceu os lábios e disse calmamente: — Significa remover os órgãos genitais de um homem.

Por um breve momento, o escritório parecia um céu riscado de relâmpagos. Saetan não se atreveu a desviar o olhar de Jaenelle, não se atreveu a perder o que quer que pudesse interpretar neles.

Isso fez com que ele se sentisse mal.

Depois do lampejo de raiva, observou-a considerando, ponderando, decidindo. Embora soubesse o que Jaenelle iria dizer, Saetan temia ouvir aquelas palavras.

— Me ensine.

— Vamos com calma, fedelha!

Jaenelle ergueu a mão. Nem mesmo o Príncipe Demônio se atreveria a desafiar aquela ordem impositiva para se manter em silêncio.

— Senhor Supremo?

Era assim que devia se sentir uma casca seca e envelhecida.

— Existem duas maneiras — disse Saetan com a voz inflexível. — A mais fácil exige perícia com a faca. Exige também o contato físico. A outra maneira é mais sutil mas exige que se tenha conhecimento da anatomia masculina para que seja eficaz. Qual delas prefere aprender?

— As duas.

Saetan desviou o olhar.

— Pode me dar até amanhã para me preparar?

Jaenelle assentiu com a cabeça.

— Senhor Supremo. Príncipe Yaslana.

Ficaram olhando enquanto ela ia embora. Durante algum tempo, não disseram nada, nenhum dos dois desejando encontrar o olhar do outro.

Finalmente, Andulvar disse, tenso:

— Vai ensiná-la?

Saetan recostou-se na cadeira e fechou os olhos, massageando as têmporas para aliviar uma dor de cabeça lancinante.

— Sim, vou.

— Está louco! — rugiu Andulvar, saltando da cadeira. — Só tem doze anos, Saetan. Como pode entender o que significa para um homem ser raspado?

Saetan abriu lentamente os olhos.

— Você não viu a expressão dela. Já tem consciência do que envolve o ato de raspar um homem. É por isso que quer saber como se faz.

— E quem vai ser a primeira vítima? — rosnou Andulvar.

Saetan balançou a cabeça.

— A questão, meu amigo, é *por que* haverá uma vítima? E onde?

5 / Terreille

Quando Surreal percebeu que tipo de festa seria essa, por pouco não disse ao seu acompanhante que queria ir embora, mas o fizera prometer levá-la a uma festa de Winsol nas circunstâncias mais distrativas — e convincentes — e não queria lhe dar uma desculpa para sair dali correndo. Em outros tempos, teria sido divertido observar a sua impudência exacerbada, tentando parecer indiferente em relação à mulher que o acompanhava, uma mulher cujo nome jamais seria pronunciado em qualquer família de boa reputação — pelo menos enquanto as mulheres estivessem por perto. Mas isso... Surreal tinha vontade de invocar o punhal e cravá-lo entre algumas costelas.

Era a festa das crianças, das meninas. E os tios estavam presentes em grande número, praticamente babando enquanto devoravam com os olhos suas perspectivas futuras.

Pior ainda, Sadi estava presente, parecendo entediado como de hábito, embora o olhar letárgico e a maneira indolente como se movia pelo salão a deixassem apreensiva. Enquanto bebericava um espumante e acariciava o braço do acompanhante de um jeito que lhe incendiava as orelhas, observava Sadi, percebendo, por fim, que também ele mantinha alguém sob vigilância discreta mas contínua. O olhar de Surreal percorreu o salão, reconhecendo e sustentando o olhar dos homens durante uma desconfortável batida de coração, passando por eles até chegar ao grupo de meninas apinhadas num canto, trocando sussurros e dando risadinhas.

Exceto uma.

Por um instante, Surreal foi arrebatada por aqueles olhos azul-safira desconfiados. Quando teve permissão para desviar o olhar, deparou-se com Sadi a observá-la.

— Preciso de ar fresco — disse Surreal ao jovem Senhor da Guerra, escapulindo dele a fim de procurar um terraço, uma janela aberta, qualquer coisa.

O terraço estava vazio. Surreal invocou um xaile e o enrolou em volta dos ombros. Era uma tolice ficar ali fora, mas o odor de luxúria nas salas apinhadas era insuportável.

— Surreal.

Surreal ficou tensa. Não o tinha ouvido sair, nem o menor som de passos. Olhava fixamente para o jardim na escuridão, sem ver vendo nada, aguardando.

— Um cigarro? — perguntou Daemon, oferecendo o estojo dourado.

Surreal tirou um cigarro e aguardou que Daemon criasse a pequena labareda de fogo encantado para acendê-lo. Fumaram em silêncio durante alguns momentos.

— O seu acompanhante não sabe muito bem o que fazer com ele mesmo esta noite — disse Daemon, com um toque de diversão mordaz.

— É um idiota. — Surreal jogou o cigarro no jardim. — Além disso, se eu soubesse o tipo de festa que seria, não teria vindo.

— E que tipo de festa é?

Surreal deixou escapar um ruído pouco feminino.

— Com os diletos de Briarwood por aqui? Que tipo de festa você acha que vai ser?

A noite estava silenciosa e fria. Agora estava repleta de algo ainda mais silencioso — e ainda mais frio.

— O que você sabe sobre Briarwood, Surreal? — sussurrou Daemon.

Surreal se encolheu quando Daemon caminhou na sua direção.

— Só o que qualquer um que trabalha numa casa da Lua Vermelha sabe — disse, defensivamente.

— E o que seria?

— Por quê? — retrucou Surreal rispidamente, ansiando pelo punhal mas não se atrevendo a invocá-lo. — Virou um tio, Sadi?

A voz de Daemon soava afável demais, letárgica demais.

— E o que é um tio?

Surreal estivera atenta os olhos de Daemon, paralisada pelo que viu neles, por isso só percebeu a mão de Daemon fechando-se em volta do seu pulso quando já era tarde demais.

Ira. A ira era a única defesa.

— Um tio é um homem que gosta de brincar com menininhas — disse com um veneno adocicado.

A expressão de Daemon não se alterou.

— E o que isso tem a ver com Briarwood?

— Kartane ajudou a construí-lo — vociferou Surreal. — Isso não responde à sua pergunta? — Puxou o pulso, soltando-se da mão de Daemon, um pouco surpresa que ele o tivesse soltado em vez de partido. — Nenhuma casa da Lua Vermelha respeitável venderia uma menina tão jovem ou permitiria que fosse... — Massageou o pulso. — As prostitutas de Chaillot o chamam de zona de ruptura. As meninas “emocionalmente instáveis” de boas famílias às vezes são enviadas de volta para casa, para se casar. As outras... As casas da Lua Vermelha de classe baixa estão cheias de meninas que ficaram velhas demais para proporcionar diversão.

— Isso explica tanta coisa — murmurou Daemon, tremendo. — Tanta, tanta coisa.

Surreal pousou uma mão hesitante no braço de Daemon.

— Sadi?

Ele tomou-a nos braços. Surreal se debateu, apavorada por estar tão perto dele sem saber o que poderia vir a fazer em seguida. Os braços de Daemon a apertaram ainda mais forte.

— Surreal — sussurrou-lhe ao ouvido. — Me deixe abraçá-la. Por favor. Só por um momento.

Surreal fez um esforço para relaxar, e, quando conseguiu, o aperto afrouxou um pouco, permitindo que respirasse. Apoiando a cabeça no ombro de Daemon, tentou raciocinar. Por que estaria tão perturbado em relação a Briarwood? Não era o primeiro lugar que Kartane tinha

ajudado a construir com aquele propósito. Conheceria alguém em Briarwood? Ou que tivesse estado lá...

— Não. — Surreal balançou a cabeça furiosamente, querendo negar o que vira mas não tinha compreendido naqueles olhos azul-safira desconfiados. — Não. — Afastou-se dele o suficiente para agarrar as lapelas do seu casaco. — Ela não. — Continuou balançando a cabeça. — Ela não.

— Ela vai e vem desde os cinco anos — disse Daemon com a voz trêmula.

— Não — gemeu Surreal, escondendo o rosto no peito de Daemon, agradecida pelos braços que a envolviam. De repente, afastou-se dele com um empurrão, limpando as lágrimas do rosto, os olhos de um verde-dourado como pedra. — Você precisa tirá-la daqui. Precisa mantê-la afastada deles.

— Eu sei — disse Daemon, ajeitando o casaco. — Eu sei. Anda, eu a acompanho de volta para dentro.

— Não entende o que vão fazer com ela? O que... — Surreal passou as mãos pelo cabelo, sem se dar conta dos grampos caindo e se quebrando no chão de pedra do terraço. — Não podem ter completado o tratamento ainda. Ela não age como se já tivesse sido quebrada. — Agarrou o braço de Daemon e tentou sacudi-lo. Era como tentar sacudir o edifício. — Você precisa tirá-la daqui. Ela é especial, Sadi. Ela...

— Shh — fez Daemon, passando os dedos nos lábios de Surreal. Suas mãos percorreram o cabelo dela, tentando deixá-lo com o mesmo arranjo de antes. — Fique calma, Surreal.

— Como...

— Fique calma.

Conhecia-o há bastante tempo para entender uma ordem quando a ouvia. Calma. Sim. Os de fora não deviam saber da festinha extra que teria lugar.

Daemon levou-a de volta ao salão principal, a mão levemente apoiada no ombro de Surreal.

— Diga ao seu acompanhante que está com dor de cabeça. Calor demais, espumante demais. Qualquer coisa.

— Não será difícil. — Da soleira da porta, Surreal perscrutou a multidão no salão de baile, à procura do jovem Senhor da Guerra. Em vez dele, viu um Senhor da Guerra haylliano junto a um grupo de homens discutindo calmamente um assunto qualquer enquanto observavam algumas das meninas que dançavam pela primeira vez, com pares escolhidos. — Quem é aquele? — perguntou, apontando o queixo na direção do haylliano. A mão de Daemon pressionou seu ombro.

— Aquele, minha querida Surreal, é Kartane SaDiablo.

O punhal já estava na sua mão antes que Daemon tivesse terminado. Kartane! Finalmente via Kartane.

Surreal tentou dar um passo à frente, pretendendo deslizar através da multidão até ficar perto o suficiente para ter certeza de que o mataria, mas não conseguiu se livrar da garra firme de Daemon.

— Não, Surreal — disse Daemon baixinho.

— Ele tem de pagar por Titian — silvou por entre os dentes cerrados.

— Aqui não. Não em Beldon Mor.

— *Ele tem de pagar, Sadi.*

A dor no ombro piorou.

— Se você o matar agora, Dorothea vai começar a fazer perguntas. Não quero ninguém

fazendo mais perguntas. Entende?

Surreal fez o punhal desaparecer. Não estava contente, mas entendia. No entanto, isso não significava que não pudesse estudar a sua presa.

— Agora vá, Surreal.

— Acho que...

— Vá. — Mais uma vez, era uma ordem.

Surreal foi embora, ciente de que Daemon a observava. Não encontrou o Senhor da Guerra que acompanhava. Provavelmente estava bêbado demais para perceber com quem fora para a cama.

Chaillot tinha segredos demais, Daemon pensava ao observar a festa. E esse em particular era um segredo maldoso e perverso.

Por que Saetan não tinha feito nada em relação a Briarwood? Por que tinha deixado Jaenelle correr tamanho perigo?

Daemon ficou paralisado. As palavras de Jaenelle, da primeira vez que mencionou o Sacerdote, giraram na sua cabeça. *Não pode vir aqui. Não pode descobrir que...*

Saetan não tinha conhecimento de Briarwood.

O que também explicava por que Cassandra nunca viera a Beldon Mor. Jaenelle fizera alguma coisa para mantê-los afastados, para evitar que Saetan descobrisse o que era Briarwood.

Por quê? *Por quê?* Pensava que Saetan se afastaria dela por causa *disso*? Ou tinha medo da vingança dele contra a sua família se descobrisse que tinham colocado uma criança intencionalmente naquele local?

Não. Alexandra não podia saber. Nem Philip nem Leland. Robert?

Rose. Pirulito. *Tio Bobby*.

Sim, Robert Benedict sabia sobre Briarwood e, intencionalmente, colocou a filha nesse lugar.

Precisava falar com Alexandra. Se soubesse a verdade sobre Jaenelle e sobre Briarwood, ajudaria a proteger a neta. Estava lutando para manter o seu povo afastado da influência de Hayll. Compreenderia e daria valor a uma Rainha capaz de se opor a Dorothea.

Daemon viu Alexandra junto a uma arcada com cortinas, conversando com várias mulheres. Passou por elas, deu meia-volta e estava prestes a surgir por trás das cortinas quando ouviu Alexandra dizer: — A Feiticeira é apenas um símbolo dos Sangue, um ideal que celebramos, um mito.

— Mas a Feiticeira realmente governou os Reinos uma vez, muito tempo atrás — disse outra voz que Daemon não identificou. — Me lembro de ouvir histórias sobre Cassandra, uma Rainha de Joia Negra. Era chamada Feiticeira.

— Também me lembro de ouvir histórias — disse Alexandra. — Mas é isso mesmo que são: histórias turvadas pelo tempo e romantizadas sobre uma mulher que provavelmente nem existiu. Mas, se tiver existido, acreditam realmente que, com tanto poder, era uma Rainha generosa e benévola? É pouco provável. Seria um monstro ainda pior do que Dorothea SaDiablo.

— Brrr — ouviu-se outra mulher encenando um calafrio teatral.

— Mas e se a Feiticeira realmente surgisse? — insistiu a primeira mulher.

As palavras que Alexandra disse em seguida o cortaram, de novo e de novo e de novo.

— Nesse caso, esperaria, para o bem de todas nós, que alguém tivesse coragem de estrangulá-la no berço.

Daemon voltou ao terraço, grato pelo ar frio que engolia em seco a fim de reprimir o grito de raiva e desespero. Por que tentara se iludir pensando que Alexandra ajudaria?

Porque não havia mais ninguém. Ele estava Anelado e poderia ser incapacitado. Levaria tempo, mas não tanto assim. Mesmo que conseguisse se libertar do Anel, seria declarado nocivo e não haveria lugar adequado para uma menina onde estivessem seguros. A única saída era levar Jaenelle para junto de Saetan e convencê-la a não voltar.

Primeiro, precisava tirá-la dali.

A oportunidade veio quando Jaenelle saiu do salão de baile, dirigindo-se pelo corredor até o banheiro. Encoberto por um escudo de visão, ele a seguiu de perto, aguardando impaciente junto à porta enquanto ela cuidava das suas necessidades. Quando abriu a porta para sair, Daemon empurrou-a novamente para dentro, trancou a porta e deixou cair o escudo.

Jaenelle franziu a testa, esforçando-se para achar graça.

Daemon ajoelhou-se à sua frente, segurando as suas mãos.

— Ouça, Jaenelle. Aqui você corre perigo, muito perigo.

— Sempre estive em perigo aqui, Daemon — disse Jaenelle calmamente, com a sua voz de Feiticeira.

— Agora o perigo é maior. Você não sabe o que vai acontecer aqui.

— Não mesmo? — A sua voz era como um trovão sussurrado.

— Jaenelle... — Daemon fechou os olhos, inclinando-se para a frente até a sua cabeça ficar encostada ao pequeno peito, frágil e magro demais. Sentiu o coração de Jaenelle batendo e ficou desesperado. Faria qualquer coisa para que aquele coração continuasse batendo. — Jaenelle, por favor. O Sacerdote... O Sacerdote permitiria que ficasse com ele, não? Quer dizer, você não precisaria viver no Reino das Trevas. Encontraria outro lugar, como encontrou para Tersa, não é? Jaenelle... querida... você não pode mais ficar aqui.

— Preciso ficar, Daemon — disse Jaenelle docemente. Afagou a cabeça de Daemon, emaranhando os dedos no seu cabelo.

— Por quê? — gritou Daemon. Levantou a cabeça, com os olhos suplicantes. — Eu sei que você se preocupa com a sua família...

— Família? — Jaenelle soltou uma pequena e amarga gargalhada. — A minha família vive no Inferno, Príncipe.

— Então por que não vai para lá? Se acha que o Sacerdote não irá recebê-la, pelo menos vá ao encontro de Cassandra. Um Santuário oferece alguma proteção.

— Não.

— *Por quê?*

Jaenelle afastou-se de Daemon, perturbada.

— Saetan me pediu para ir viver com ele e eu prometi que iria, mas ainda não posso.

Daemon recuou sobre os calcanhares. Era brutal e era chantagem, mas ela não lhe deixava outra alternativa.

— Eu sei sobre Briarwood.

Jaenelle estremeceu.

— Então sabe por que ainda não posso ir.

Daemon agarrou-a com força e a sacudiu.

— Não, não sei por quê. Se eu contar a Saetan...

Jaenelle encarou-o com os olhos arregalados e aterrorizados.

— Por favor não lhe diga nada, Daemon — murmurou. — Por favor.

— Por quê? — vociferou. — Ele não irá se voltar contra você pelo que já está feito. Acha mesmo que deixará de gostar de você se descobrir?

— É possível.

Daemon inclinou-se para trás, aturdido. Uma vez que para ele mesmo não fazia diferença — na verdade o fazia querer protegê-la ainda mais —, partia do princípio de que Saetan se sentiria da mesma maneira. *Faria* alguma diferença?

— Daemon — suplicou Jaenelle. — Se ele descobrir que estive... doente... se ele achar que não sirvo para ensinar a Arte...

— O que quer dizer com “doente”?

Mas Daemon sabia. Um hospital para crianças “com distúrbios emocionais”. Uma criança que conta histórias sobre unicórnios e dragões, que visita amigos que mais ninguém vê, uma vez que, onde quer que existam, não é em Terreille. Uma criança cujo sentido de realidade vinha sendo distorcido em Briarwood há tantos anos que ela não sabia no que acreditar ou em quem confiar.

Daemon abraçou-a, acariciando os seus cabelos. Sentiu as lágrimas no pescoço e seu coração sangrou. Tinha apenas doze anos. Apesar de toda a Arte, de toda a magia, de toda a força, tinha apenas doze anos. Acreditava em todas as mentiras que lhe contavam. Embora lutasse contra eles, embora tentasse duvidar das palavras que lhe tinham martelado ao longo de tantos anos, acreditava nas mentiras. E era porque acreditava nelas que tinha mais medo de perder o seu mentor e amigo do que a própria vida.

Beijou a bochecha dela.

— Se eu prometer não contar, você promete ir e não voltar?

— Não posso — sussurrou Jaenelle.

— Por quê? — questionou Daemon, irado. Estava perdendo a paciência. Estava perdendo tempo precioso.

Jaenelle afastou-se e olhou para Daemon com aqueles olhos antigos e perturbados.

— Wilhelmina — disse, com uma voz monótona. — Wilhelmina é forte, Daemon, mais do que ela pensa, forte o suficiente para usar a Safira, se não for quebrada. Preciso ajudá-la até fazer a Oferenda. Aí ficará mais forte do que a maioria dos homens daqui e não poderão quebrá-la. Somente então irei viver com o Sacerdote.

Daemon desviou o olhar. Faltavam, no mínimo, quatro anos até que Wilhelmina pudesse realizar a Oferenda. Jaenelle, se permanecesse em Beldon Mor, já estaria morta há muito tempo.

Uma batida repentina na porta sobressaltou-os. Uma mulher gritou:

— Está tudo bem aí, menina? Anda logo. As meninas estão escolhendo os pares para a dança.

Daemon levantou-se devagar. Sentia-se envelhecido, exausto. Mas se conseguisse mantê-la a salvo até o dia seguinte, Saetan talvez dispusesse de armas mais persuasivas. Envolvendo-se no escudo de visão, abriu a porta e saiu atrás de Jaenelle. A mulher, que aguardava impaciente, agarrou o braço dela com força, conduzindo-a de volta ao salão de baile.

Daemon deslizou pelas paredes do salão, invisível e em silêncio. Era tão simples fazer parar o coração de um homem, penetrar e rasgar uma artéria. Haveria aqui algum homem que não fosse dispensável, incluindo ele mesmo? Não, não quando o gelo sussurrava nas suas veias, não quando a espada de dois gumes estava desembainhada. Deslizou por trás do seu primo e ouviu Kartane

dizer: — Aquela? É uma vadiazinha pálida. A irmã é mais bonita.

Daemon sorriu. Ainda envolto no escudo de visão, estendeu a mão direita na direção do ombro de Kartane. Por um momento, antes que sua mão se fechasse num aperto malévolo, sentiu Kartane encostando-se a ele, desfrutando da carícia sensual e arrepiante das longas unhas. Gostou de sentir o arrepio sensual se transformar em calafrios de medo no momento em que suas unhas perfuraram o casaco e a camisa de Kartane.

— Primo — murmurou Daemon no ouvido de Kartane. — Venha comigo até o terraço, primo.

— Fique longe de mim — rosnou Kartane, tentando se livrar da mão de Daemon. — Estou tratando de negócios.

Daemon continuou a sorrir. Que tolo era Kartane se pretendia blefar quando ele podia sentir o cheiro do medo.

— Primeiro tem negócios a tratar comigo. — Girou lentamente, puxando Kartane.

— Bastardo — disse Kartane baixinho, caminhando em direção ao terraço para não ser arrastado.

— Por nascimento e temperamento — concordou Daemon com uma indiferença afável.

Quando chegaram ao terraço, Daemon deixou cair o escudo de visão. Comparado ao frio ardente que sentia dentro de si, o ar parecia brando. Enquanto aguardava que Kartane deixasse de olhar para o jardim e o encarasse, roçou distraidamente nos ramos de um pequeno arbusto plantado num vaso. Sorriu ao ver que se cobriram de gelo na mesma hora. Continuou tocando o arbusto até ficar todo coberto. Em seguida, encolhendo os ombros, tirou o estojo dourado do bolso, acendeu um cigarro e aguardou. Estava entre Kartane e a porta. Seu primo não iria embora antes que ele permitisse.

Tremendo violentamente, Kartane se virou.

— A vadiazinha pálida? — sussurrou Daemon enquanto a fumaça do cigarro fazia anéis.

— O que tem ela? — perguntou Kartane, nervoso.

— Fique longe dela.

— Por quê? — perguntou Kartane sarcasticamente. — Você a quer?

— Sim.

Daemon observou Kartane cambaleando para trás e a apoiando-se nas grades do terraço. Enfim, a verdade. Ele a queria. Já era seu amante, de uma maneira que Kartane e a sua espécie jamais iriam compreender.

— Se quiser experimentar, há outras mais bonitas — elogiou Kartane.

— O corpo é irrelevante — respondeu Daemon. — O meu desejo é mais profundo. — Arremessou longe o cigarro, vendo-o passar junto ao rosto de Kartane antes de cair no jardim. — Mas, primo, se algum dia mencionar o meu... lapso... ou a minha escolha...

A ameaça tácita pairou no ar.

— Você me mataria? — Kartane riu, incrédulo. — A *mim*? O filho de Dorothea?

Daemon sorriu.

— Matar o seu corpo seria a menor das minhas preocupações. Lembra-se de Cornelia? Quando chegou a hora, ficou grata pelo que fiz ao seu corpo. — Não demorou mais do que um momento para Daemon deslizar por baixo das barreiras internas de Kartane e, com a delicadeza de um floco de neve, deixar cair na sua mente a memória do aspecto do quarto de Cornelia no preciso minuto em que Daemon o deixou. Aguardou pacientemente até que Kartane deixasse de se sentir nauseado. — Agora...

Foi interrompido por um guincho de raiva e pelo som de vidros se estilhaçando num dos quartos acima do salão de baile.

Daemon balançou. Por que o chão — não era o chão —, por que *ele* mesmo estava girando daquele jeito, na direção de algo que o fazia sentir calafrios?

Em espiral.

A última vez que tinha sentido algo assim foi quando...

Daemon correu através do salão de baile, pelo corredor, e subiu depressa as escadas. Hesitou ao ver Alexandra, Philip, Leland e Robert junto a um grupo de pessoas do lado de fora de uma das portas, mas outro estrondo e um grito o impeliram. Correu contra a porta e explodiu na sala.

A única luz ali provinha da porta aberta. As luminárias tinham sido estilhaçadas. Uma pequena cama de ferro, que chamava atenção por não combinar com uma sala de estar, estava retorcida ao ponto de ser praticamente irreconhecível. Debaixo dos pés podia sentir os cacos de vidro de vasos partidos. Um grupo de homens apinhados no centro da sala, todos pálidos como a morte, olhava para alguma coisa no canto.

Daemon virou-se nessa direção.

Wilhelmina estava encolhida no canto, tremendo e a choramingando. Seu vestido, parcialmente desabotoado, tinha caído e revelava um ombro roliço e jovem.

Jaenelle estava diante da irmã, segurando o gargalo de uma garrafa de vinho partida de maneira tão natural que era possível perceber uma familiaridade com a faca. Seus olhos azul-safira em chamas fixavam o grupo de homens.

Daemon moveu-se na direção de Jaenelle, devagar, tomando cuidado para não bloquear sua linha de visão. Parou à distância de um braço. Se ela quisesse, poderia destruí-lo. Não lhe ocorreu ter medo dela. A voz sombria que podia agora identificar sussurrou-lhe das profundezas do seu próprio ser: Protocolo. Protocolo. Protocolo.

Jaenelle falou.

Daemon olhou de relance para os homens, para Philip e Alexandra e para os que entravam pela porta. Pareciam chocados diante da destruição. Perguntou-se quantos deles teriam ficado chocados com o que, supostamente, teria acontecido ali. Philip e Alexandra olharam espantados para Jaenelle e ele percebeu que não entendiam o que ouviam. Nem mesmo ele sabia o suficiente do Idioma Antigo para poder traduzir todas as belas e mortíferas palavras.

— Dr. Carvay? — disse Philip, mantendo o olhar fixo em Jaenelle.

Dr. Carvay, o diretor de Briarwood, surgiu do grupo de homens, olhou de soslaio para Jaenelle e balançou a cabeça.

— Temo que a criança tenha se descontrolado por causa de toda a euforia — disse, solícito.

Senhora Daemon enviou os pensamentos por um fio Negro. Protocolo. *Senhora, não conseguem compreendê-la.*

Jaenelle parou de falar. Enquanto Philip e Alexandra conferenciavam com o Dr. Carvay, lutou para encontrar o idioma comum.

O Dr. Carvay caminhou na direção de Jaenelle.

— Jaenelle — disse, com uma voz tranquila demais que fez com que Daemon se virasse para o encarar —, venha com o Dr. Carvay, querida. Você está agitada. Precisa dos seus remédios.

— Não se aproxime dela — rugiu Daemon.

Em seguida, sentiu o aperto doloroso entre as pernas. Olhou fixamente para Alexandra, que parecia assustada, mas decidida. Estava usando o Anel. Agora que Jaenelle precisava dele,

Alexandra ameaçava deixá-lo de joelhos. Cerrou os dentes diante da dor e aguardou.

— Venha, Jaenelle — disse novamente o Dr. Carvay.

— Não podem ter a minha irmã — disse Jaenelle, por fim, com a voz enrouquecida pela raiva.
— Jamais.

Todos os homens na sala estremeceram ao som da sua voz.

— Não queremos a sua irmã. Queremos que você fique melh...

— Vou mandar vocês para as entranhas do Inferno — disse Jaenelle, a voz subindo de tom com a raiva. — Vou dar vocês para as Harpias comerem, as Harpias que vocês ajudaram a criar. Vou raspar vocês se algum dia tocarem na minha irmã. Vou raspar todos vocês!

— JAENELLE! — Alexandra avançou, com os olhos relampejando. — Você põe a família em desgraça com este comportamento. Pare com isso. — Apontou para a garrafa partida.

Daemon observou, desolado, Jaenelle baixando o braço e deixando cair a garrafa, a raiva e a confusão digladiando-se nos seus olhos.

Alexandra agarrou Jaenelle pelo ombro e levou-a para fora do quarto. Quando Daemon se moveu para segui-la, Alexandra virou-se repentinamente e apontou-lhe um dedo.

— Você — disse rancorosamente — fica com o Príncipe Alexander e toma conta de Leland e Wilhelmina.

Vagabunda, pensou Daemon. Estava agindo assim por ciúmes. Começou a argumentar com ela para levar as moças para casa, mas uma outra onda de dor através do Anel o fez prender a respiração. Argumentar só iria piorar as coisas.

Daemon viu Jaenelle deixando o quarto acompanhada por Alexandra, Dr. Carvay e Robert Benedict. Parecia tão frágil, tão vulnerável. Voltaria a falar com ela assim que Wilhelmina estivesse em casa, a levá-la à força para o Altar de Cassandra se fosse necessário. Saetan devia ter influência suficiente sobre ela para mantê-la afastada de Chaillot.

Saetan. Uma vez afastada de Beldon Mor, teria alguém para ajudá-lo a protegê-la.

Quando a dor provocada pelo Anel diminuiu a ponto de ele conseguir andar, Philip já tinha erguido Wilhelmina e tentava ajeitar o seu vestido, sem muito sucesso. Rosnando baixinho, Daemon virou-a, colocou-lhe o vestido sobre os ombros e abotoou-o nas costas com habilidade. Os olhos da menina estavam vidrados e entorpecidos, e ela tremia, mais pelo medo do que pelo frio.

— Wilhelmina — disse Philip, segurando seu braço.

Wilhelmina gritou, agitando os braços e cambaleando de volta para o canto.

Empurrando Philip para o lado, Daemon ficou à frente de Wilhelmina e estalou os dedos duas vezes. Quando os olhos de Wilhelmina se fixaram na sua mão, levantou-a lentamente até a altura do seu rosto. Depois, baixou a mão e estendeu-a para ela.

— Venha, Senhora Benedict — disse, com uma voz formal e respeitosa. — O Príncipe Alexander e eu a acompanharemos até em casa. — Manteve a mão firme, dando-lhe tempo para decidir se a aceitaria ou não. Quando, por fim, ela se decidiu, atirou-se contra ele, colocando o outro braço em volta da cintura de Daemon.

Finalmente, e apesar do olhar irritado de Philip, conseguiu se desvencilhar do abraço de Wilhelmina e descer com ela no colo até a carruagem que os aguardava. Em casa, Daemon esperava ardentemente que houvesse alguém para tomar conta dela.

CAPÍTULO CATORZE

1 / Terreille

Andando de um lado para outro no quarto, Alexandra girava, nervosa, o anel de controle secundário que usava na mão direita. Tinha feito o que devia. A menina estava visivelmente descontrolada. O Dr. Carvay disse que Jaenelle provavelmente estivera sob pressão excessiva por algum tempo, mas esse último episódio — ameaçar membros do conselho de Chaillot com uma garrafa partida e falando de uma forma incompreensível!

Alexandra sabia de quem era a culpa. Não tinha querido acreditar nas insinuações de Robert, não tinha querido acreditar que o interesse de Sadi nas moças nada tinha de inocente, não tinha querido acreditar que ele pudesse de fato... com Jaenelle! Levando em consideração todas as perversidades de que Sadi era capaz, não admirava que Jaenelle tivesse confundido o propósito dos homens que tinham levado Wilhelmina para cima para que pudesse descansar um pouco, depois de abusar da sua primeira experiência com vinho espumante. Mas ameaçar o conselho, colocar todos em risco na presença do Senhor Kartane, que, sem dúvida, enviaria o seu relatório sem demora para Hayll! É claro que a Sacerdotisa Suprema de Hayll ficaria satisfeítíssima em enviar auxílio extra, até que Chaillot se tornasse um mero fantoche controlado por Dorothea.

Sadi. Teria de mandá-lo de volta para...

A porta do quarto de Alexandra fez um estalido quando a fechadura voltou ao lugar. Ela girou, a mão direita erguida, mas, antes de conseguir usar o anel de controle, já estava estatelada no chão, uma das faces ardendo devido ao golpe de uma mão fantasma.

Esforçando-se para se sentar, Alexandra olhou espantada para Daemon, descontraidamente encostado à porta.

— Minha querida — disse, com uma voz suave, repleta de raiva assassina, que a aterrorizou mais do que o berro mais violento —, se voltar a usar o Anel contra mim, vou decorar as paredes com os seus miolos.

— Se eu usar o Anel...

Daemon riu. Era um som arrepiante — cavernoso, malévolo, frio.

— Consigo sobreviver à dor extrema. E você? — Sorriu de forma brutal. — Vamos testar? A sua resistência contra a minha? A sua capacidade de suportar o que farei com o seu corpo, para não falar da mente, enquanto você tenta me impedir com esse patético pedaço de metal? — Caminhou na direção de Alexandra. — A confiança das mulheres no Anel é tão equivocada. Não aprendeu isso com as histórias que correm sobre mim?

— O que você quer? — Alexandra tentou fugir, mas Daemon pisou na sua camisola, pregando-a ao chão.

— O que quis desde que cheguei aqui. O que sempre quis. E você vai trazê-la de volta para mim. Hoje.

— Não sei a que...

— Voltou a colocá-la naquele... lugar, não foi, Alexandra? Voltou a colocá-la naquele pesadelo.

— Ela está doente! — protestou Alexandra. — Ela está...

— Ela não está doente — rosnou Daemon. — Nunca esteve doente. E você sabe disso. Agora vamos tirá-la de lá. — Sorriu. — Se não for buscá-la, irei eu. Mas, se tiver de fazer isso, as ruas de Beldon Mor ficarão encharcadas de sangue, e você, minha querida, será um dos cadáveres arrastados para o esgoto. Tire-a de Briarwood, Alexandra. Depois disso, não precisará mais se incomodar com ela. Tomarei conta de Jaenelle.

— Tomará conta? — cuspiu Alexandra. — Quer dizer, distorcê-la, usá-la para as suas necessidades perversas. É por isso que passeia com ela pelas regiões mais afastadas do jardim? Para acariciá-la... — Alexandra sufocou, mas as palavras continuaram a sair. — Não admira que não consiga agir como um homem de verdade quando está com uma mulher. Tem de forçar crianças...

— Antes de começar a me acusar, preste atenção à sua própria casa, Senhora. — Daemon puxou-a para cima, segurando seus pulsos atrás das costas com uma das mãos enquanto com a outra agarrava seus cabelos, forçando a cabeça para cima.

— Tire-a de lá, Alexandra — disse, suave demais. — Tirei-a de lá antes do sol nascer.

— Não posso! — gritou Alexandra. — O Dr. Carvay é o diretor de Briarwood. Terá de assinar os papéis da alta. Assim como Robert.

— Foi você que a colocou lá.

— Com Robert! Além disso, ela estava tão enlouquecida que precisou ser fortemente sedada. Não devíamos movê-la.

— Quanto tempo? — vociferou Daemon, deixando-a cair no chão.

— O quê? — Sentia-se fraca e indefesa com Daemon à sua frente, como uma torre.

— Quanto tempo para trazê-la de volta?

Tempo. Precisava de algum tempo.

— Amanhã à tarde.

Passados longos momentos de silêncio, Alexandra atreveu-se a olhar para cima, mas, de imediato, desviou o olhar. Retraiu-se quando Daemon se agachou ao seu lado.

— Ouça, Alexandra, ouça com atenção. Se Jaenelle não estiver aqui, sã e salva, até amanhã à tarde, você, minha querida, viverá tempo suficiente para se arrepender de me trair.

Alexandra deixou-se cair no chão, cobrindo a cabeça com as mãos. Não conseguia parar de ver aquele olhar e ficaria louca se não parasse de ver aquele olhar. Mesmo depois de ouvi-lo atravessando o quarto, depois de ouvir a porta se abrindo e se fechando silenciosamente, ainda estava assustada demais para se mexer.

Estava tão escuro.

Alexandra acordou, abrindo os olhos devagar. Estava deitada de costas numa cama úmida, fria e granulosa.

Alguma coisa fazia cócegas na sua testa.

Ao levantar o braço para afastar o cabelo do rosto, bateu com a mão em algum objeto sólido, alguns centímetros acima da cabeça.

Caiu terra, que se alojou no pescoço e nos ombros.

Com a outra mão tocou a cama — e encontrou terra.

Tentou esticar os braços, machucando-se — e encontrou terra.

Os dedos dos pés, quando esticou as pernas um pouco, tocaram em terra.

Não, pensou, esforçando-se para não entrar em pânico, é apenas um sonho. Um pesadelo. Não era possível que estivesse... enterrada. Não era possível.

Fechando os olhos para evitar que encontrassem terra, começou a explorar às cegas.

Era um retângulo impecavelmente recortado. Uma sepultura bem-feita. Se fosse uma sepultura, a terra por cima estaria solta. Quem quer que tivesse feito isso teria de ter cavado para colocá-la ali.

Soluçando e arquejando, Alexandra enfiou os dedos na terra sobre o seu rosto. Ao deparar com raízes de árvores, parou, estupefata.

Aquilo não estava certo. Alguém teria de ter cavado em volta das raízes.

Desviou-se um pouco e tentou novamente enfiar as mãos na terra. Era sólida e compacta.

Pense, *pense*. Uma feiticeira podia passar através de objetos sólidos. Era perigoso, sem dúvida, mas se não entrasse em pânico conseguiria.

Alexandra esforçou-se para respirar devagar e regularmente, concentrando-se. Levantando uma das mãos, passou-a devagar pela terra, subindo, subindo, devagar, devagar. Levantou a outra mão.

Suas mãos estavam passando pela terra, para cima, em direção à liberdade.

Alexandra deu um pequeno riso de alívio.

Foi então que as suas mãos tocaram em alguma coisa ainda mais sólida do que a terra.

Com os dedos, tocou, empurrou. Não sentiu nada, porém havia *algo* ali.

Concentrando a energia na passagem, empurrou contra esse nada enquanto a Joia Opala brilhava devido ao esforço, valendo-se das suas reservas, concentrando as forças. Enviou a força da Joia para as mãos e empurrou.

Uma energia obscura, crepitante, avassaladora serpenteou pelos seus dedos até os braços. Alexandra tombou para trás, batendo com a cabeça em uma parede de terra.

Já não tinha forças. A Joia pendurada ao seu pescoço estava vazia e escura. Se tivesse forçado aquela energia por mais um momento, a Joia teria se partido e a sua mente provavelmente teria se estilhaçado com ela.

— Não — gemeu Alexandra. Bateu com as mãos no chão do seu caixão de terra. — Não. — Sentiu-se tonta. O ar. O ar tinha acabado. Juntando as pernas o melhor que pôde, saltou, tentando se libertar da terra.

— *Não!*

O queixo de Alexandra bateu na cabeceira da cama.

Ficou deitada de barriga para baixo, arquejando e tremendo.

Um sonho. Tinha sido, afinal de contas, um sonho.

Uma gargalhada suave e fria encheu sua mente.

Não foi um sonho, minha cara. Era a voz de Daemon, como um trovão sensível. *Uma amostra. Sou um coveiro muito bom, muito discreto. Tenho séculos de prática. Lembre-se, Alexandra. Se Jaenelle não voltar sã e salva até amanhã à tarde, farei de você comida de verme.*

E partiu.

Alexandra rolou, ficando deitada de costas. Era um truque, um sonho. Não era *possível*.

Ergueu uma mão trêmula e fechou os olhos perante a débil luz da vela.

Um sonho. Um sonho ruim.

Alexandra apoiou-se num cotovelo — e olhou, atônita, para as mãos.

As unhas estavam partidas, as mãos cobertas de arranhões. A camisola estava rasgada e suja de terra. Um calor repentino e úmido escorreu pelas suas pernas. Ficou olhando durante um minuto para a poça que se espalhava, até perceber que tinha se urinado.

Passada quase uma hora, arrastou-se da cama, lavou-se e vestiu uma camisola limpa. Aconchegou-se numa cadeira e enrolou uma colcha em volta de si, olhando fixamente pela janela e aguardando, desesperada, que a madrugada chegasse.

2 / Terreille

Kartane inseriu uma chave numa pequena porta embutida e dissimulada por uma fileira de arbustos. Os pais que vinham a Briarwood durante as horas de visita não tinham conhecimento daquela entrada — a não ser que o pai também fosse um membro selecionado. Não tinham conhecimento desses corredores mal iluminados, com tapetes grossos para abafar os sons. Não tinham conhecimento da sala de jogos ou da sala de estar ou dos pequenos cubículos à prova de som nos quais havia unicamente uma cadeira, uma cama e outros elementos de diversão. Não tinham conhecimento das lágrimas e dos gritos e da dor. Não tinham conhecimento dos “medicamentos” especiais.

Não tinham conhecimento de muitíssimas coisas.

Kartane passou pelos corredores até o “parque”, sedento por algum tipo de diversão. Estava furioso com Sadi e com aquela vagabundinha por terem estragado o jogo da noite. Já era bastante difícil trazer meninas. Oh, podiam comprar Sangue de classe baixa — a bebida certa durante o tipo de jogo certo e uma bela menina tornava-se um marcador na mesa de jogos. Mas eram as aristocratas, as meninas de sensibilidade frágil que chegavam, as mais divertidas — e as mais difíceis de se obter. Normalmente, era necessário aliciar o pai para se chegar à menina... Exceto durante o Winsol, quando era possível adicionar um pouco de *safframate* no vinho espumante. Assim, a moça poderia ser quebrada e ajeitada antes de ser trazida de volta aos ingênuos pais. No dia seguinte, quando a histeria se iniciasse, o Dr. Carvay só precisava ligar casualmente e explicar aos perturbados pais sobre uma histeria pré-adolescente que estava atingindo várias meninas da aristocracia dos Sangue. A menina seria afetuosamente levada para uma estadia em Briarwood e, passados um ou dois meses — ou um ou dois anos —, devolvida à família, que, enfim, lhe arranjará um casamento, e a menina passaria o resto da vida com aquele olhar ligeiramente vitrificado, jamais entendendo a desilusão do marido, jamais se lembrando da bela companheira de jogos que fora uma vez.

É claro que algumas meninas realmente perturbadas também eram internadas. Aquela

vadiazinha da Rose tinha sido uma delas. E a vagabunda pálida de Sadi.

Kartane sentiu um calafrio ao entrar no “parque”, o quarto vigiado no qual as meninas selecionadas para aquela noite aguardavam os tios, vestidas com camisolas rendadas. As meninas pareciam não se dar conta do frio, mas o vigilante estava com os ombros encolhidos e não parava de esfregar as mãos para aquecê-las. Às vezes era assim. Nem sempre, só às vezes.

A inspeção foi interrompida quando Kartane encontrou um olhar azul-safira vitrificado e fixo. O vigilante seguiu o olhar de Kartane, estremeceu e desviou o olhar.

— Encheram essa aí de *safframate* assim que a trouxeram, mas tem alguma coisa errada. Ela deveria estar ofegando e roçando em tudo o que se aproximasse dela, mas ficou quietinha. — Deu de ombros.

Não tinha nada de especial, pensou Kartane. O que haveria nela que interessava Sadi? O que teria de tão especial que o levaria a arriscar a vingança de Dorothea?

Kartane ergueu o queixo na direção de Jaenelle.

— Quero ele no meu quarto dentro de dez minutos.

O vigilante retraiu-se, mas assentiu.

Enquanto aguardava, Kartane fortaleceu-se com conhaque. Estava curioso, era tudo. Se Daemon tivesse lhe ensinado as brincadeiras da cama, ela deveria conhecer alguns truques divertidos. Não que fosse realmente se divertir com ela, não depois da ameaça de Sadi. As pessoas tinham o dom de desaparecer misteriosamente depois de algum tempo junto a Sadi. E o quarto de Cornelia...

O conhaque deu voltas no estômago de Kartane. Não, estava apenas curioso. Queria apenas uns minutos a sós com ela para tentar entender o interesse de Daemon, e nada faria que o levasse a perder a calma.

O ferrolho dos cubículos ficava bem no alto da parede, tanto no corredor quanto no quarto. Isto evitava que as ansiosas garotinhas escapassem nos momentos mais inconvenientes. Kartane entrou no quarto. No entanto, assim que entrou, não conseguia parar de tremer.

Jaenelle estava sentada na cama, olhando fixamente para a parede, como se fosse uma boneca que alguém tivesse tentado posicionar de uma maneira realista. Kartane sentou-se na cadeira. Passados alguns momentos em que a estudou, disse ríspidamente:

— Olhe para mim.

A cabeça de Jaenelle girou devagar até que os seus olhos se fixaram no rosto de Kartane.

Kartane passou a língua nos lábios.

— Ouvi dizer que Sadi é seu amigo.

Não obteve resposta.

— Ensinou-lhe como ser uma boa menina?

Não obteve resposta.

Kartane franziu a testa. Teriam dado a ela mais do que *safframate*? As meninas mais tímidas e perturbadas já tinham rastejado por cima dele, choramingando e suplicando, fazendo tudo o que ele queria, quando se encontravam sob o efeito do afrodisíaco. Não deveria ser possível estar sentada na cama daquela maneira. Não deveria conseguir ficar quieta.

O olhar carregado de Kartane diluiu-se num sorriso. Tinha decidido não tocá-la fisicamente, mas isso não significava que não pudesse tocá-la. Usava uma Joia Vermelha. Ela não usava nada.

Enviou uma ligação exploratória à mente de Jaenelle, pretendendo forçar a abertura, no mínimo, da primeira barreira interna e descobrir o que Sadi achava tão intrigante. A primeira

barreira abriu-se imediatamente antes que a tocasse e Kartane encontrou...

Nada.

Nada a não ser uma bruma negra repleta de relâmpagos. Kartane tinha a sensação de estar à beira de um abismo profundo, sem saber se seria um passo para a frente ou um passo para trás que o faria mergulhar no vazio. Manteve-se ali, irresoluto, enquanto a bruma serpenteava à sua volta, deslizando pela ligação psíquica até a sua mente.

A bruma não estava vazia.

Bem abaixo dele, pressentiu algo obscuro, algo terrível e selvagem que se virava lentamente na sua direção, atraído pela sua presença. Estava preso no covil de uma fera, cego e sem saber se o ataque viria pela frente ou por trás. O que quer que fosse, estava saindo da bruma, movendo-se em espiral. Se pudesse vê-lo...

Kartane quebrou a ligação. Tinha as mãos estendidas à sua frente, tentando manter algo invisível à distância. A camisa estava ensopada de suor. Respirando irregularmente, forçou-se a baixar as mãos.

Jaenelle sorriu.

Kartane saltou da cadeira e encostou-se à parede, assustado demais para se lembrar de como se destrancava a porta.

— É um de nós — disse Jaenelle com uma voz cavernosa e satisfeita. — É por isso que nos odeia. É um de nós.

— Não sou! — Não poderia abrir a porta sem se virar de costas, e não se atrevia a fazer isso.

— Faz com a gente o que fizeram com você. Ela deixa que seja a ferramenta dela. Mesmo agora, embora a odeie tanto como a teme, serve Dorothea.

— *Não!*

— O sangue dela é o único que poderá quitar essa dívida. Mas a sua dívida é maior. Você deve a tantas. No final, pagará a todas.

— O que é você? — gritou Kartane.

Jaenelle olhou fixamente para ele durante um longo momento.

— Sou o que sou — disse calmamente, com uma voz que cantava as Trevas.

A porta trancada abriu-se suavemente.

Kartane correu para o corredor.

A porta voltou a se fechar.

Kartane encostou-se à parede, tremendo. Vadiazinha malvada. Putinha de Sadi. O que quer que fosse, caso se juntasse ao Sádico...

Kartane ajeitou a roupa e sorriu. Não se daria o trabalho de ensinar àquela vagabundazinha o seu devido lugar. Mas Greer. Greer tinha achado sua visita a Briarwood bastante satisfatória, e perguntara a Kartane se ele reparara em alguma menina diferente.

Essa deveria ser diferente o bastante para o seu gosto.

Surreal ajoelhou-se ao lado de uma árvore no final do gramado coberto de neve de Briarwood. Tinha visto Kartane desaparecendo por trás de arbustos e ele não voltara a aparecer, por isso tinha certeza de que havia ali uma entrada secreta.

Surreal franziu a testa. O extenso gramado não oferecia qualquer proteção, e se alguém circundasse o edifício em vez de sair por aquela porta, poderia ser descoberta cedo demais. À direita do gramado estava o que tinha sobrado de uma grande horta, mas ali também não havia proteção. Poderia usar um escudo de visão, mas não tinha muita experiência em criá-lo e mantê-lo ao mesmo tempo que se movia. Durante um momento, o vento noturno soprou em rajadas e Surreal sentiu um arrepio de frio, apertando ainda mais o casaco junto ao corpo.

Sentiu alguma coisa roçando suavemente no ombro.

Virando-se, perscrutou o jardim de arbustos. Não encontrando nada, olhou rapidamente para a árvore antes de voltar a concentrar a atenção na porta escondida.

A árvore tinha um ramo perfeito. Com todas aquelas meninas trancadas ali, os tios poderiam pelo menos pendurar um balanço.

O vento morreu. No ar calmo da noite, Surreal ouviu o estalido de uma porta se fechando e ficou tensa. O luar era suficiente para vislumbrar Kartane inclinando-se contra o edifício por um momento antes de se afastar depressa.

Mais do que qualquer outra coisa, queria persegui-lo, encontrá-lo num canto sombrio e ver o sangue a jorrar-lhe da garganta. Sadi estava sendo pouco razoável. Ele...

O ar crepitou. O gramado e o edifício pareciam envoltos numa suave névoa. Surreal sentiu um estranho rodopio.

Sentiu algo roçando no ombro.

Olhou para cima, arregalou os olhos e levou a mão à boca.

A menina que balançava na corda presa ao ramo perfeito da árvore retribuía o olhar com as órbitas vazias. Tanto ela como a corda eram transparentes, fantasmagóricas, mas Surreal não duvidou da sua presença, não duvidou das manchas de sangue escurecido que escorriam pelas bochechas da menina, não duvidou das manchas escuras no vestido.

— Olá, Surreal — sussurrou uma voz de meia-noite. — Esta é Marjane. Certa vez, disse a um tio que não suportava mais vê-lo, por isso colocaram bastante mel nos olhos dela e a penduraram aí. Não era para matá-la, mas ela se debateu tanto quando os corvos vieram e bicaram os seus olhos que o laço deslizou e a corda acabou estrangulando-a.

— Não... não pode tirá-la dali? — murmurou Surreal, sentindo-se despreparada para se virar e enfrentar o que quer que estivesse atrás de si.

— Ah, o corpo já desapareceu há muitos e muitos anos. Marjane agora não passa de um fantasma. Mesmo assim, quando estou aqui, ela ainda mostra alguma força. As meninas estão seguras perto desta árvore. Os tios não gostam de ser chutados.

Surreal virou-se e abafou um grito.

— Shh — fez Jaenelle com um sorriso docemente selvagem.

Estava tão transparente quanto Marjane, e a camisola rendada que vestia não se mexia quando o vento soprava. Só os olhos azul-safira pareciam ter vida.

Surreal desviou o olhar. Sentia-se atraída por aqueles olhos e soube instintivamente que o que quer que fosse atraído para aqueles olhos jamais voltaria.

— Não é você que tem que pagar a dívida, Surreal — disse Jaenelle com o seu sussurro de

meia-noite. — Ele não deve o sangue a você.

— Mas aquelas a quem ele deve não podem exigir o pagamento! — ciciou Surreal, mantendo a voz baixa.

Jaenelle riu. Era como ouvir o vento de inverno rindo.

— Acha que não? Há morte e há morte, Surreal.

— Está em dívida comigo por Titian — insistiu Surreal.

— Está em dívida com Titian por Titian. Quando chegar a hora, ela mesma acertará as contas com ele.

— Ele a matou.

— Não, ele a quebrou, fecundou. Um homem chamado Greer, o cão de caça de Dorothea, é que a matou.

Surreal limpou as lágrimas que lhe caíam pelo rosto.

— Está morta, não está? — perguntou, pesarosa.

— Não. Meu corpo ainda está ali. — Jaenelle indicou Briarwood e franziu a testa. — Me deram um daqueles “remédios” especiais, o que supostamente faz com que as meninas se comportem bem, mas alguma coisa deu errado. Ainda estou ligada ao meu corpo. Não consigo quebrar a ligação e abandoná-lo, mas este lugar enevoado é muito agradável. Consegue ver a névoa, Surreal?

Surreal balançou a cabeça.

— Quando estou na névoa, consigo ver todos eles. — Jaenelle sorriu e estendeu uma mão transparente. — Anda, Surreal. Deixe-me apresentá-la a Briarwood.

Surreal se levantou, sacudindo a neve dos joelhos. Jaenelle riu suavemente. Era o som mais inquietante e terrível que jamais ouvira.

— Briarwood é o veneno bonito — disse Jaenelle baixinho. — Não existe cura para Briarwood. Cuidado com a aranha dourada que tece uma teia emaranhada. — A mão de Jaenelle tocou no braço de Surreal, puxando-a para o jardim. — Rose disse que eu devia construir uma armadilha, alguma coisa que dispare de repente se o meu sangue for derramado. Foi o que fiz. Se acionarem a armadilha... a morte é o que desejaram, mas esse desejo levará tempo para ser realizado.

— Mas você continuaria morta — disse Surreal com a voz rouca.

Quando reparou nas sombras do jardim ganhando forma, tentou parar, tentou virar-se e correr, mas as pernas não lhe obedeceram.

Jaenelle deu de ombros.

— Já andei entre as *cildru dyathe*. O Inferno não me assusta.

— Ela é velha demais para ser uma de nós — disse uma voz que Surreal sabia ter vivido uma vez numa zona pobre de Beldon Mor.

Surreal virou-se. Alguns minutos atrás, se visse uma menina andando na sua direção com o vestido cheio de sangue e o pescoço cortado, teria sido um choque. Agora, era algo que a sua mente entorpecida catalogava simplesmente como algo que fazia parte de Briarwood.

— Esta é Rose — Jaenelle disse a Surreal. — É demônia-morta.

— Não é assim tão ruim — disse Rose, dando os ombros. — A diferença é que agora só posso me meter em confusão depois que o sol se põe. — Riu. Era um som sinistro. — E quando faço cócegas num pirulito, eles ficam *tão* esquisitos.

Jaenelle deu um puxão na manga de Surreal. Seu sorriso era docemente perverso.

— Anda. Vou apresentar você a alguns dos meus amigos.

Surreal seguiu Jaenelle até a horta, grata por Rose ter desaparecido.

As risadinhas de Jaenelle encerravam o eco da loucura.

— Este é o canteiro das cenouras. É aqui que enterram as ruivas.

Duas meninas ruivas estavam sentadas lado a lado, com os vestidos ensanguentados.

— Não têm mãos — disse Surreal, baixinho. Sentiu-se febril e ligeiramente zozza.

— Myrol não estava se comportando com um tio e ele a machucou. Rebecca bateu nele para que parasse de machucar Myrol, e quando ele começou a bater na Rebecca, Myrol começou a bater nele também. — Jaenelle ficou em silêncio por um momento. — Ninguém tentou parar a hemorragia. Tinham sido compradas de uma família pobre, entende? Os pais não esperavam que voltassem, por isso não fazia qualquer diferença. — Jaenelle fez um gesto abrangendo toda a horta, repleta de silhuetas indistintas. — Ninguém quis saber o que aconteceu com elas. “Fugiram” ou “desapareceram”.

Caminharam até o final da horta.

Surreal franziu a testa.

— Por que algumas se distinguem tão nitidamente e outras parecem mais difusas?

— Depende do tempo que passaram aqui, da força que tinham quando morreram. Rose foi a única com força suficiente para se tornar *cildru dyathe* que quis ficar. As outras *cildru dyathe* seguiram para o Reino das Trevas. Char toma conta delas. Estas meninas sempre foram fantasmas, fortes demais para deslizarem para a noite eterna, mas não o bastante para deixar o lugar onde estão os seus corpos. — Jaenelle apontou com a cabeça para uma menina no fundo da horta. Aos olhos de Surreal, parecia mais vívida, mais “real” do que Jaenelle. — Esta é Dannie — a voz de Jaenelle embargou-se de dor. — Uma noite, serviram a sua perna ao jantar.

Surreal correu até os arbustos mais próximos e vomitou. Quando se virou, a horta estava vazia. Uma leve brisa soprava sobre a neve, apagando as suas pegadas. Quando parou, restava apenas o edifício, o gramado vazio e a horta com os seus segredos.

4 / Terreille

Daemon Sadi observou o nascer do sol.

Durante toda a longa, longa noite, escutara os fios Negros de uma teia psíquica que criara ao redor de Beldon Mor para detectar qualquer agitação, qualquer indicação de que Jaenelle pudesse correr perigo. Sem o auxílio das Joias Negras, era com grande esforço que mantinha a teia funcionando; mas, como uma aranha determinada, manteve-se no centro, ciente da menor vibração ao longo de cada filamento.

Deixá-la em Briarwood tinha sido uma decisão arriscada. Não confiava em Alexandra, mas, se Jaenelle tivesse sido drogada, especialmente com uma substância como o *safframate*, era mais seguro que despertasse no mesmo ambiente. Tinha visto muitas jovens feiticeiras escapando para o Reino Distorcido quando suas mentes não conseguiram entender a mudança de ambiente, que estavam a salvo. A ideia de Jaenelle perdida na loucura era insuportável, por isso só podia esperar

que o sono sedado a tornasse uma presa desinteressante. Caso contrário...

Não havia razão para se manter entre os vivos sem Jaenelle, mas, se fosse realmente para o Reino das Trevas, prometeu a si mesmo que não seria o único novo súdito a se ajoelhar perante o Senhor Supremo.

Daemon despiu-se, tomou banho, vestiu os trajes de equitação e foi em silêncio para a cozinha. Pôs uma chaleira no fogo para o café e preparou o desjejum. Quando Jaenelle voltasse teriam de sair depressa, para que Philip ou Alexandra não tivessem tempo de apresentar obstáculos. Não haveria despedidas. Raramente tinha tempo para despedidas. Além disso, na sua vida, não havia muitas pessoas que lamentassem a sua partida. Mas aqui existia alguém que merecia saber que a Senhora estava partindo para sempre.

Quando já tinha lavado a louça do café da manhã e já bebia a segunda xícara de café, a Cozinheira entrou cambaleando na cozinha, afundando-se em uma das cadeiras. Quando Daemon pôs uma caneca de café à sua frente, olhou tristemente para ele.

— Está naquele hospital de novo, não é? — A Cozinheira enxugou as lágrimas dos olhos.

Daemon sentou-se a seu lado.

— Sim — disse calmamente. Pegou nas mãos dela, massageando-as delicadamente. — Mas não por muito tempo. Sairá hoje à tarde.

— Acha mesmo? — Sorriu para ele, com um sorriso trêmulo e agradecido. — Nesse caso, vou...

— Não. — Daemon apertou as mãos dela. — Sairá de Briarwood, mas não voltará.

A Cozinheira puxou as mãos. Seus lábios estremeceram.

— Vai levá-la daqui, não vai?

Daemon tentou ser amável.

— Há um lugar onde poderá viver, onde tomarão conta dela e estará segura.

— Aqui tomamos conta dela — a Cozinheira protestou rispidamente.

Era doloroso ver os seus olhos se enchendo de lágrimas.

— Mas não está segura. Se continuar assim, vai acabar cedendo à pressão ou morrendo. — Limpou as lágrimas do rosto da Cozinheira. — Prometo que ela vai estar num lugar seguro e que ninguém a trancará novamente.

A Cozinheira enxugou os olhos com o avental.

— São boas as pessoas dessa família que encontrou para ela? Não irão... criticar... os seus modos estranhos?

— Não acham que os modos dela sejam estranhos. — Daemon bebeu um gole de café. Isto também era arriscado. — No entanto, eu ficaria agradecido se não mencionasse esta conversa até termos partido. Existem pessoas aqui que querem fazer mal a ela, que fariam o que quer que fosse para nos deter se percebessem que vou levá-la para longe do seu alcance.

A Cozinheira ponderou, assentiu com a cabeça, fungou e levantou-se bruscamente.

— Sendo assim, você precisa tomar o café da manhã.

— Já tomei, obrigado. — Daemon colocou a xícara no balcão. Pôs as mãos nos ombros da Cozinheira, virou-a para si e beijou-a levemente na boca. — Você é um amor — disse, com a voz rouca. E saiu pela porta dos fundos, na direção do estábulo.

Mesmo de manhã tão cedo, o lugar estava um rebuliço. Assim que ele entrou, os cavaleiros lançaram-lhe um olhar carrancudo. Guinness estava no centro do pátio, com uma garrafa debaixo do braço, rosnando ordens e praguejando baixinho. Quando viu Daemon, sua testa

formou uma linha feroz por cima dos olhos turvos.

— E o que o ilustre e poderoso senhor quer a esta hora da manhã? — perguntou Guinness rudemente. Levou a garrafa aos lábios e deu um longo trago.

Sabiam, pensou Daemon ao tirar a garrafa de Guinness para beber. O que quer que Jaenelle trouxesse a este lugar já estava desaparecendo, e eles sabiam. Devolvendo a garrafa a Guinness, disse calmamente:

— Prepare o Dançarino Negro.

— Levou alguma pancada na cabeça recentemente? — gritou Guinness, fulminando Daemon com o olhar. — Esse aí, ontem à noite, derrubou metade da baia na base do coice, e tentou reduzir Andrew a pó. Uma refrescante cavalgada matutina não será possível, se é isso que tem em mente.

Daemon olhou por cima do ombro. Andrew estava encostado à porta da cocheira do Dançarino Negro, tratando de uma perna.

— Eu mesmo colocarei a sela. — Daemon passou pelos cavaliços, ignorando os resmungos baixinhos de Guinness.

Quando Daemon puxou o ferrolho para abrir a parte de cima da porta, Andrew estendeu uma mão trêmula para detê-lo.

— Ele quer matar alguma coisa — sussurrou Andrew.

Daemon olhou para aqueles olhos encovados no rosto pálido e assustado.

— Eu também. — Abriu a porta.

O garanhão investiu contra a abertura.

— Calma, Irmão, calma — disse Daemon suavemente. — Precisamos conversar, você e eu. — Daemon abriu a parte inferior da porta. O cavalo estremeceu. Daemon passou a mão pelo pescoço do Dançarino, lamentando ter lavado o odor de Jaenelle da pele quando o cavalo virou a cabeça para ele, em busca de conforto. Os movimentos de Daemon eram lentos. Depois de colocar a sela no Dançarino, levou-o até o pátio e montou.

Foram até a árvore.

Daemon desmontou e encostou-se à árvore, com o olhar fixo na direção da casa. O garanhão agitava o freio, lembrando-o de que não estava só.

— Queria me despedir — disse Daemon baixinho.

Pela primeira vez, conseguiu ver realmente a inteligência — e a solidão — nos olhos do cavalo. Em face disso, não conseguiu falar sem que a voz se embargasse, ao tentar explicar por que Jaenelle nunca mais voltaria à árvore, não haveria mais cavalgadas, nem carícias, nem conversas. Por um momento, algo se agitou na sua mente. Tinha a estranha sensação de que era a ele que estavam explicando aquilo, e as suas palavras, ressoando de volta, dilaceravam-lhe o coração. Ficar novamente sozinho. Nunca mais poder ver aqueles braços estendidos para recebê-lo. Nunca mais ouvir aquela voz a pronunciar o seu nome. Nunca...

Daemon arquejou quando o Dançarino Negro se libertou das rédeas e correu livre pela trilha em direção ao campo. Lágrimas de pesar ardiam nos olhos de Daemon. O cavalo podia ter uma mente mais simples, mas seu coração era grande.

Daemon caminhou para o campo, olhando o vazio por um longo momento antes de seguir até o fosso na extremidade oposta.

Teria sido melhor não ter dito nada a ele? Deixá-lo esperar ao longo dos solitários dias e semanas e meses que se seguissem? Ou, pior ainda, prometer voltar para levá-lo e não poder

cumprir a promessa?

Não, Daemon pensou ao alcançar o fosso. Jaenelle era a Rainha do Dançarino. Merecia a verdade. Merecia o direito de poder fazer escolhas.

Daemon deslizou pela lateral do fosso extenso e profundo. O Dançarino jazia no fundo, contorcido e agonizante. Daemon sentou-se ao seu lado, colocando a cabeça do cavalo delicadamente no colo. Acariciou seu pescoço, murmurando palavras de pesar no Idioma Antigo.

Concluir a matança. As forças do Dançarino estavam esmorecendo. Uma sondagem minuciosa e cauterizante na mente do cavalo terminaria com tudo. Daemon respirou fundo... e não conseguiu fazê-lo.

Se o Inferno era o lugar onde os Sangue caminhavam quando o corpo morria mas o Eu continuava poderoso o bastante para desaparecer na noite eterna, será que os parentes que Jaenelle mencionara também iriam para lá? Existiria uma manada de cavalos demônios-mortos a cavalgar numa paisagem desolada?

— Ah, Dançarino — murmurou Daemon, sem parar de afagar o pescoço do cavalo. Uma ligação de mentes não iria ajudar agora, mas...

Daemon olhou para o pulso. Sangue. De acordo com as lendas, os demônios-mortos conservavam as forças com sangue dos vivos. Era por isso que se faziam oferendas de sangue ao se rogar ajuda ao Reino das Trevas.

Daemon moveu-se ligeiramente. Levantando a manga direita, colocou o pulso sobre a boca do Dançarino. Concentrando-se para que oferecesse o que possuía de mais poderoso, cortou uma veia com uma unha comprida e observou o sangue jorrando para a boca do Dançarino. Contou até quatro e, em seguida, pressionou a ferida com o polegar, curando-a através da Arte.

Tudo o que podia fazer agora era aguardar com o seu Irmão quadrúpede.

Durante muito tempo, o Dançarino manteve o olhar vidrado e nada aconteceu. De repente, alguma coisa atitou Daemon, fez o chão tremer e tremeluzir. Já não via o fosso nem sentia o frio e a umidade do chão coberto de neve. À sua frente havia um enorme portão de ferro batido. Além dele, uma névoa repleta de relâmpagos. Enquanto olhava, o portão se abriu devagar, com um silêncio arrepiante. Um som vago, abafado, se aproximava. Daemon viu o Dançarino correndo para o portão, de cabeça erguida, com a crina e o rabo ondulando no ar. Em seguida, o cavalo se perdeu na névoa e o portão se fechou.

Daemon olhou para baixo, para os olhos fixos. Colocou a cabeça do cavalo suavemente no chão e escalou o fosso, caminhando penosamente de volta para o estábulo.

Vieram todos correndo quando o viram entrar sozinho. Daemon olhou para Andrew e apenas para Andrew, quando conseguiu controlar a voz o suficiente para dizer:

— Está no fosso. — Sem se sentir confiante para acrescentar o que quer que fosse, Daemon virou-se bruscamente e voltou para a casa.

— Compreendo as suas dificuldades, Senhora Angelline, mas entenda que nem eu nem o embaixador estamos autorizados a retirar Sadi do serviço sem a autorização da Sacerdotisa Suprema. — Greer apoiou-se na mesa, tentando parecer solidário. — Talvez se se esforçasse mais para o disciplinar — sugeriu.

— Não ouviu o que eu lhe disse? — vociferou Alexandra. — Ontem à noite ameaçou me matar. Está incontrolável.

— O anel de controle...

— Não funciona — disse Alexandra rispidamente.

Greer estudou o rosto de Alexandra. Estava pálida e tinha olheiras escuras. Sadi a tinha aterrorizado bastante. Após tantos meses de sossego, em que Sadi estivera quase acomodado demais, o que ela poderia ter feito para provocar essa explosão?

— O anel de controle na verdade funciona, Senhora Angelline, se usado com violência e cedo o bastante. Nem mesmo ele consegue ignorar a dor de um Anel de Obediência.

— É por isso que morreram tantas das Rainha que serviu? — indagou Alexandra, de forma contundente. Massageou as têmporas com as pontas dos dedos. — Não é só comigo. É perverso, depravado.

Ah?

— Não deveria deixá-lo executar qualquer serviço que não seja do seu agrado, Senhora — disse Greer com uma austeridade sarcástica.

Alexandra arregalou os olhos.

— E como evitarei que execute serviços nas minhas netas que não sejam do meu agrado?

— Mas são apenas crianças — protestou Greer.

— Sim — Alexandra quase não conseguia falar —, crianças. — Havia uma irritação na sua voz que fez com que Greer lutasse para reprimir um sorriso. — Com a mais velha se comporta bem, mas com a outra...

Com o semblante carregado, como se tomasse uma decisão difícil, Greer disse devagar:

— Enviarei uma mensagem à Sacerdotisa Suprema solicitando que retire Sadi de Chaillot tão depressa quanto possível. É o melhor que posso fazer. — Levantou a mão boa para interromper o protesto de Alexandra. — Entretanto, entendo como deve ser difícil ter que viver sob o mesmo teto que ele, sobretudo se ele por acaso descobrir que esteve aqui. Sendo assim, irei buscá-lo esta tarde, acompanhado de uma escolta armada, e ele será mantido na embaixada até recebermos a autorização da Sacerdotisa Suprema para mandá-lo de volta a Hayll. — Estendeu a mão, com um sorriso. — Precisarei, é claro, do seu anel de controle para incapacitá-lo rapidamente e garantir a sua segurança.

Greer prendeu a respiração enquanto Alexandra hesitava. Por fim, ela tirou o anel de controle secundário do dedo, deixando-o cair na mão de Greer. Greer acenou para o embaixador, que estivera rondando a porta. O homem apressou-se a acompanhar Alexandra até a saída, murmurando mentiras tranquilizadoras.

Greer aguardou até a porta se fechar atrás deles antes de enfiar com dificuldade o anel no dedo mínimo. Estendeu a mão, admirando o círculo dourado.

Bastardo, pensou Greer alegremente, *agora você é meu, bastardo*. Primeiro, Kartane, borrado de medo, veio convidar Greer para participar de uma “festa especial” em Briarwood, e agora essa Rainha vinha aqui reclamar do interesse de Sadi nas suas netas. E durante todo o tempo em que

Greer procurava a presa da Sacerdotisa das Trevas, o Sádico se divertia com a prostitutazinha enquanto o mestiço transpirava e sangrava em Pruul. *Se contássemos a ele sobre a oferta que você recusou tão desdenhosamente e o prendêssemos entre duas traves e entregássemos a ele o chicote, quanto da sua pele restaria até que ele ficasse cansado demais para mais uma chicotada? E que parte da sua anatomia deixaria de existir quando ele terminasse?*

Greer ficou mentalmente agitado. Essas perspectivas tentadoras teriam de esperar. Aqui estava a oportunidade pela qual tinha esperado, a oportunidade de ferir Daemon até o âmago e agradar a Sacerdotisa das Trevas ao mesmo tempo.

Alexandra era uma tola por renunciar à única defesa contra o Sádico. Se tivesse usado o anel de controle com a brutalidade que ele mesmo pretendia empregar, poderia ter levado Sadi a ficar de joelhos, esgotando-o o suficiente para reduzir a ameaça. E a ameaça precisava ser reduzida.

Essa noite, não queria Daemon Sadi em condição de ir aonde quer que fosse.

6 / Terreille

Daemon lançou um olhar rápido ao seu quarto. Os baús que o acompanhariam na viagem estavam arrumados e logo ficariam invisíveis. Tinha se esgueirado até a ala das crianças e feito uma pequena mala para Jaenelle. Preocupava-o que pudesse ter deixado para trás algo que ela considerasse de valor. O canto gelado no guarda-roupas continha, provavelmente, os seus bens mais pessoais, mas Daemon não tinha tempo ou energia para tentar desfazer o bloqueio que ela criara ali. Esperava que, uma vez a salvo, longe de Beldon Mor, ele e Saetan pudessem recuperar esses bens.

Daemon abriu a porta, assustando a Cozinheira, que estava com a mão levantada, prestes a bater.

— O senhor está sendo chamado ao pátio de entrada. — disse, aflita.

Daemon semicerrou os olhos. Por que mandar a mensagem pela Cozinheira?

— Jaenelle voltou?

— Não sei. A Senhora Angelline saiu por um tempo esta manhã, mas, desde que voltou, ela e a Senhora Benedict estão na ala das crianças com a Senhorita Wilhelmina e Graff. Acho que o Senhor Benedict não está em casa e o Príncipe Alexander passou o dia todo fechado no escritório do administrador.

Daemon abriu a mente, deixando entrar os odores psíquicos que o rodeavam. Aflição. Medo. Era o que seria de esperar. Alívio? Seus olhos dourados escureceram ao passar pela Cozinheira e deslizar para o pátio de entrada. Se Alexandra estava fazendo joguinhos...

Entrou no pátio principal e viu Greer com vinte homens hayllianos armados. No instante seguinte, a dor proveniente do Anel quase fez com que as suas pernas cedessem. Lutou para se manter de pé enquanto apunhalava Alexandra com os olhos. Ela estava num canto com Leland e Philip.

— Não, Sadi — disse Greer com a sua voz gordurosa —, agora é a mim que você responde. —

Levantou a mão de forma que a luz incidisse no anel de controle de ouro.

— Vagabunda — disse Daemon baixinho, sem desviar os olhos de Greer. — Eu lhe fiz uma promessa, Senhora Angelline, e sempre cumpro as minhas promessas.

— Desta vez não — disse Greer. Fechou a mão e impulsionou-a para a frente. O anel de controle brilhou.

Daemon cambaleou para trás, apoiando-se na parede, à medida que a dor do Anel aumentava.

— Desta vez não — repetiu Greer, andando na direção de Daemon.

O frio. O doce frio.

Daemon contou até três, impeliu a mão direita para a frente na direção de Greer e libertou uma grande faixa de energia negra. Philip, usando a Joia Cinza, impeliu a mão para a frente ao mesmo tempo. As duas forças se encontraram, fazendo explodir o lustre e incendiando a mobília. Três dos guardas caíram ao chão, contorcendo-se de dor. Greer guinchou de raiva. Leland e Alexandra gritaram. Philip continuava canalizando a força através da Joia Cinza, tentando quebrar o ataque de Daemon, mas a Negra infiltrou-se em volta da Cinza e, nesses pontos, as paredes ficaram chamuscadas e rachadas.

Daemon forçou-se contra a parede. Greer continuava canalizando potência para o Anel, intensificando a dor. Era melhor morrer do que se entregar a Greer, mas havia uma possibilidade — se conseguisse chegar ali intacto o suficiente para fazer o que precisava ser feito.

Libertando uma enorme bola de fogo encantado, Daemon enviou um último impulso contra a Cinza, esperando que Philip respondesse ao ataque. Quando o fogo encantado atingiu o escudo Cinza, explodiu numa parede de fogo.

Daemon usou a parede para impulsioná-lo e saiu correndo em direção aos fundos da casa. A dor aumentava enquanto apressava-se pelos corredores para a cozinha. Já era tarde demais quando reparou na jovem criada de joelhos e a poça d'água cheia de sabão. Saltou, conseguindo evitar a moça, mas seu pé aterrissou na beirada da poça, fazendo-o derrapar até bater com o quadril na mesa da cozinha, arremessando-o para a frente.

A dor na virilha era agonizante.

Daemon cerrou os dentes, valendo-se da raiva, pois não se atrevia a recorrer às Joias. Ainda não.

Dois pares de braços agarraram-no pelos ombros e pela cintura. Rosnando, ele tentou se libertar, mas, ao ouvir a Cozinheira dizer, “Depressa, vá”, sua cabeça desanuviou-se o suficiente para se dar conta de que ela e Wilhelmina estavam tentando ajudá-lo. A jovem criada, tensa e pálida, correu à frente deles e abriu a porta.

— Estou bem — arfou Daemon segurando-se à porta. — Estou bem. Saiam daqui. Todas vocês.

— Depressa — disse a Cozinheira.

Empurrou-o de um jeito que quase o fez cair. Enquanto cambaleava, ele virou-se ligeiramente para trás e a última coisa que viu antes de a porta da cozinha se fechar foi a Cozinheira pegando o balde de água com sabão e derramando-a no chão da cozinha.

Outra explosão de dor vinda do Anel forçou-o a ficar de joelhos. Reprimiu um grito, levantou-se sem demora e cambaleou para a frente, lançando-se numa corrida em direção ao estábulo e ao caminho que o levaria até o campo.

A dor. A dor.

Cada passo era uma facada na virilha de Daemon enquanto Greer continuava canalizando a

energia através do anel de controle para o Anel de Obediência.

Daemon correu pelo caminho dos cavalos depois de passar pelo estábulo, e teve a vaga impressão de ver Guinness e os cavaleiros saindo em massa do pátio para formar uma parede sólida e furiosa atrás de si. Correu pelo caminho coberto de neve até que outra explosão de dor tirou a força de suas pernas. Voou pelo ar, impulsionado pela inércia, antes de bater no chão com um baque que fez seus ossos trepidarem.

Tentou ficar de joelhos, chorando. Ouviu um som débil, abafado, vindo de trás. Virou a cabeça, tentando vislumbrar através das lágrimas de dor. Não havia nada ali, mas o som continuava dirigindo-se a ele, parando a seu lado. Daemon estendeu um braço para se equilibrar.

A mão bateu numa perna.

Não via nada, mas podia sentir...

— Dançarino? — sussurrou Daemon enquanto a sua mão subia.

Sentiu um bafo quente e úmido no rosto.

Cerrando os dentes, Daemon ficou de pé. Não tinha tempo. Suas mãos encontraram o dorso do animal. Daemon impulsionou-se para a garupa do garanhão demônio, respirando com dificuldade ao passar a perna para o outro lado. Com a cabeça deitada sobre o pescoço do Dançarino e as mãos entrelaçadas na crina para se segurar, Daemon apertou os joelhos, instigando o Dançarino para a frente.

— Para a árvore, Irmão — gemeu Daemon. — Tão depressa quanto conseguir, me leve até a árvore.

Daemon quase caiu quando o Dançarino se lançou para a frente, mas conseguiu se segurar, sinistramente determinado em alcançar a única escapatória que lhe restava.

Quando chegaram, Daemon deslizou do cavalo, lembrando-se a tempo do que Jaenelle lhe tinha ensinado sobre caminhar no ar. Por um momento, ficou deitado de lado, suspenso no ar, com os joelhos dobrados junto ao peito, lutando contra a dor e reunindo forças.

Bem abaixo da árvore havia um retângulo impecavelmente recortado e protegido por um escudo Negro, que iria manter os outros à distância, tal como tinha mantido Alexandra lá dentro.

Daemon olhou para trás. Pelo visto, os demônios não deixavam pegadas. E ele, felizmente, não tinha deixado nenhum indício na neve. Tudo de que precisava agora era de alguns momentos sem ser interrompido, para realizar a passagem.

Lutando para ter paciência, Daemon aguardou pela explosão seguinte de dor. Assim que passasse, poderia deslizar para debaixo da terra. Ouvia gritos e sons de luta atrás de si. Esperou, sentindo as forças se esvaindo ao mesmo tempo que o frio e a dor se infiltravam.

Quando finalmente decidiu não esperar mais, a dor voltou a atingi-lo. Contorceu-se e rolou, tentando escapar. Dessa vez, porém, não houve abrandamento. Greer estava enviando um impulso contínuo através do anel de controle.

Daemon rastejou pelo ar, até estar sobre o local apropriado. Não havia mais tempo. Com os punhos cerrados com tanta força que as unhas perfuraram a pele, respirou fundo, fechou os olhos e mergulhou na terra.

No momento em que sentiu o vazio em vez da terra, puxou os pés para a frente para que não ficassem presos no chão gelado, interrompendo a passagem. Sentiu as pernas das calças prendendo-se na terra, sentiu a pele nos joelhos sendo rasgada ao romper a última camada de terra. Caiu de costas e demorou um pouco para recuperar a respiração.

Só tinha um momento. Podiam não ser capazes de alcançá-lo fisicamente, mas a dor ainda

pulsava pelo Anel. Nem mesmo o escudo da Negra poderia protegê-lo disso.

Com as mãos trêmulas, afrouxou o cinto, abriu o zíper e fechou a mão direita sobre o órgão e o Anel de Obediência. Gritou quando os dedos tocaram, acidentalmente, os testículos. Respirando irregularmente, manteve a mão firme e invocou as Joias Negras.

Há muito tempo não sentia uma Joia no pescoço ou no dedo. Elas pulsaram no mesmo ritmo dos batimentos do seu coração à medida que Daemon absorvia a energia ali armazenada. Era arriscado. Sempre soube que seria arriscado. Mas havia algo mais importante do que o corpo em jogo. Respirando fundo, Daemon voltou-se para dentro de si e mergulhou em direção à Negra.

Era um mergulho suave e prolongado que ganhava velocidade em direção às Trevas, cada vez mais depressa, precipitando-se rumo à teia negra tremeluzente que era o seu próprio ser, ganhando velocidade ao libertar a raiva. Continuou o mergulho nas profundezas ao mesmo tempo que a teia parecia se precipitar para cima, ao seu encontro. Não havia tempo para controlar a descida. Se errasse uma curva e estilhaçasse a teia, o mínimo que aconteceria seria quebrar-se a si mesmo, privando-se da capacidade de usar a Negra ou, possivelmente, até mesmo a Vermelha de Direito por Progenitura. Se não conseguisse frear a descida e continuasse caindo para o abismo, morreria ou enlouqueceria.

Daemon acelerou, atento ao momento em que poderia fazer a curva e extrair o máximo de si. A uma grande distância, ainda conseguia sentir a agonia nos calcanhares e os músculos tensos do pescoço que suportavam o corpo arqueado e destruído pela dor. Apesar disso, continuou mergulhando ainda mais fundo. No último momento, virou, bem próximo à teia, extraiu todo o poder de reserva das suas Joias Negras e precipitou-se para cima, uma onda gigante de raiva negra e fria, uma seta negra dirigindo-se em grande velocidade para o centro de um círculo dourado.

Durante toda a subida, Daemon manteve sua força concentrada e afilada como um florete, mas, no momento em que penetrou no centro do círculo, libertou toda a força Negra. Explodiu para o exterior, forçando o círculo a se expandir e a se quebrar devido à pressão.

Daemon abriu os olhos devagar. Tremia de cansaço e de frio. O menor movimento, até mesmo respirar, provocava uma dor atroz. Estendeu a mão esquerda para baixo e procurou o Anel de Obediência. Quando levantou as mãos até o peito, cada uma delas segurava metade de um Anel.

Estava livre.

Uma vez que as Joias Negras estavam completamente esgotadas, fez com que desaparecessem e invocou a Vermelha de Direito por Progenitura para uma última tarefa.

Se Dorothea e Greer tivessem escapado da explosão do Anel, poderiam usar um dos anéis de controle para rastrear os estilhaços até seu esconderijo.

Daemon fechou os olhos, concentrou-se num lugar que conhecia bem e fez desaparecer os dois pedaços do Anel de Obediência.

Num pequeno caramanchão, as duas metades do Anel pairaram no ar por um momento antes de caírem no canteiro de sangues-de-feiticeira coberto de neve.

O último pensamento consciente de Daemon foi o de invocar um cobertor, aquecê-lo com um feitiço e enrolá-lo o melhor que podia em volta do corpo. A teia psíquica que tinha criado desaparecera. Não havia forma de saber se Jaenelle ainda estaria ilesa. Não podia fazer nada por

ela nesse momento. Não podia fazer mais nada por si mesmo. Até que o corpo descansasse um pouco, não tinha forças para deixar a sepultura.

7 / Terreille

Cassandra andava de um lado para outro.

A névoa em volta de Beldon Mor impedia que os Guardiões e os demônios-mortos entrassem. Mas não impedia que coisas saíssem.

Felizmente, estava usando a Joia Negra e não a Vermelha de Direito por Progenitura, quando foi atingida pelas ondas do abalo provocadas pela precipitação de Sadi em direção às Trevas. Apesar de toda aquela proteção, o seu corpo tinha vibrado com a intensidade do mergulho.

Enquanto se levantava do chão, perguntou-se quantos dos Sangue, sem treino suficiente para saber que se deve fluir com aquelas ondas psíquicas em vez de tentar se proteger delas, teriam sido estilhaçados ou, no mínimo, quebrados, voltando à Joia de Direito por Progenitura.

E Jaenelle? Teria ele se voltado contra ela? Estaria lutando contra ele pela vida?

Cassandra balançou a cabeça e continuou a andar. Não, ele amava a menina. Mas por que, então, teria descido? Temia-o agora tanto quanto temia o pai dele, mas será que ele não tinha entendido que ficaria a seu lado, lutaria com ele para proteger Jaenelle?

Ao descer lentamente para a Negra, fechou os olhos e abriu a mente, enviando um feixe de sondagem num fio Negro em direção a oeste. A sonda se chocou com a névoa, penetrando um pouco, por um breve momento, antes de se dissipar.

Era o suficiente.

Passou a hora seguinte limpando o Altar, polindo os candelabros de quatro velas, retirando cera negra velha dos encaixes e colocando velas novas. Quando terminou, o Altar estava novamente preparado para ser o que fora outrora, o que não tinha sido durante séculos.

Um Portão.

Tomou banho em água morna e perfumada, lavou-se e penteou os cabelos. Vestiu um vestido preto simples de seda de aranha que caía bem em seu corpo. A Joia Negra no velho suporte preenchia o decote do vestido. O anel com a Joia Negra, no suporte ilusoriamente feminino, entrou com facilidade no dedo. As duas pulseiras de prata com lascas da Joia Vermelha incrustadas no centro de uma ampulheta se encaixavam sobre as mangas justas do vestido. Por fim, os chinelos pretos, feitos por artesãos já esquecidos, que nunca revelavam um passo.

Estava pronta. Fosse qual fosse a tempestade que a noite trouxesse, estava pronta.

Com uma expressão pensativa e atenta e um ar distante nos olhos esmeralda, Cassandra pôs-se a esperar.

8 / Terreille

Enquanto os escravos eram trazidos das minas de sal de Pruul, Lucivar virou-se para oeste. A transpiração salgada fazia com que os novos cortes nas costas ardessem. As correntes pesadas agrilhoavam os pulsos à cintura, puxavam os já doloridos braços. Ainda assim, manteve-se imóvel, respirando o ar puro de final de tarde, observando a última faixa de sol a desaparecer além do horizonte.

Tinha se deixado levar pelas ondas negras que atingiram Pruul com a paixão de um amante, usando a força da Cinza-Ébano para fortalecer as ondas e mantê-las fluindo em direção ao leste por um pouco mais de tempo. Lamentava apenas não poder se juntar a Sadi no derramamento de sangue. Não que o Sádico precisasse de ajuda. Não que fosse seguro estar na mesma cidade que um homem enfurecido daquele jeito.

Enquanto um guarda assustado brandia o chicote aos escravos a fim de dirigi-los para as suas celas escuras e fedorentas, Lucivar sorriu e murmurou:

— Mande-os para o Inferno, Bastardo. Mande *todos* eles para o Inferno.

9 / Terreille

Philip Alexander estava sentado à mesa, a cabeça apoiada nas mãos, olhando, espantado, para a Joia Cinza estilhaçada.

Tinha levado — quanto — um minuto? Um simples minuto para provocar tanta destruição? Alguns guardas sentiram primeiro, uma sensação arrepiante, como tentar se manter de pé contra um vento forte que não para de aumentar. Em seguida, Leland. Logo depois, Alexandra. Tinha ficado intrigado, nesses momentos, imaginando o que as teria deixado tão pálidas e imóveis, por que todo mundo se esforçava para ouvir alguma coisa. Quando se precipitou pela Cinza, com um movimento descendente, teve um momento, e apenas um momento, para perceber o que era, um momento para lançar os braços em volta de Leland e de Alexandra e puxá-las para o chão, um momento para tentar criar um escudo Cinza ao redor dos três. Um momento.

Foi então que o seu mundo explodiu.

Tinha conseguido resistir menos de um minuto antes da explosão titânica de força Negra estilhaçando a Cinza e arrastando-o como um pedaço de madeira flutuante apanhado numa onda antes de ser lançado contra a areia. Sentiu que Alexandra tentava segurá-lo antes de ser, também ela, arrastada.

Um minuto.

Quando terminou, quando a cabeça se desanuviou...

Dos guardas hayllianos que tinham permanecido no pátio de entrada, à exceção de dois, todos estavam mortos ou tinham tido as mentes destruídas. Leland e Alexandra, protegidas desde o primeiro impacto, estavam bem, embora abaladas. Philip fora quebrado, voltando à Verde, a Joia

de Direito por Progenitura.

Ainda em estado de choque, os três deixaram o pátio de entrada, cambaleando. Encontraram Graff na ala das crianças, com o olhar vazio e fixo no teto, o corpo contorcido e despedaçado, quase irreconhecível.

A maior parte dos empregados tinha escapado ilesa à explosão psíquica, embora estivessem assustados. Encontraram-nos amontoados na cozinha, onde a Cozinheira, com as mãos trêmulas, enchia generosos cálices de conhaque.

Wilhelmina os assustara. Estava sentada, imóvel, na cadeira da cozinha, com as bochechas ruborizadas e os olhos brilhando. Quando Philip lhe perguntou se estava bem, sorriu e disse:

— Ela me disse para fluir, e foi o que fiz. Ela me disse para fluir.

Naquele momento logo antes da explosão do mundo, ouvira uma voz feminina, jovem e imperiosa, a gritar: “Fluam, fluam”, mas não tinha compreendido, e continuava sem compreender. O mais assustador era que Wilhelmina usava agora uma Joia Safira. De alguma forma, no meio daquele caos, tinha realizado a Oferenda às Trevas, embora fosse muito nova. Agora aquela moça inexperiente era mais forte do que qualquer um deles.

Pior ainda foi a traição de Guinness e dos cavaleiros, sobretudo Andrew. Tinham lutado contra os guardas hayllianos, atrasando-os. Se não tivessem interferido, Sadi poderia ter sido apanhado, e Beldon Mor... Bem, demitira Guinness, Andrew e os outros sobreviventes. Não havia razão alguma para manter os traidores, especialmente os que disseram... que o chamaram... Que ficariam ao lado de Sadi contra a *família* dela!

Philip fechou os olhos e massageou as têmporas doloridas. Quem imaginaria que um homem pudesse causar tamanha destruição num minuto? Metade dos Sangue em Beldon Mor estariam mortos, loucos ou quebrados.

Philip suspirou, soluçando. O corpo quase não tinha forças para usar a Verde, mas iria se recuperar. Pelo menos um pouco.

Metade dos Sangue. Se Sadi tivesse atacado novamente...

Porém, quando a ondulação finalmente se dissipou, não havia sinal de Daemon Sadi.

E ninguém sabia o que tinha sido feito de Greer.

10 / Terreille

Surreal estava sentada, recostada à cabeceira da cama e bebericava da garrafa de uísque que abraçava junto ao peito.

Deje e ela tinham passado as últimas horas cuidando das outras moças, sedando as que precisavam, deixando que as outras se embriagassem. Deje, com o rosto pálido de tensão, estava agradecida que Surreal se ocupasse dos corpos. Felizmente, não eram muitos, visto que o dia seguinte às festas do Winsol era tradicionalmente fraco nas casas da Lua Vermelha. Ainda assim, teve de envolver os corpos em cobertores antes de os funcionários masculinos de Deje, mais fortes, entrarem nos quartos e levá-los para fora.

Todos, inclusive ela mesma, cheiravam a medo.

Afinal, ele era o Sádico.

Teria sido pior, pensou enquanto bebia o uísque. Teria sido muito, muito pior se Jaenelle não tivesse gritado para que fluíssem. Engraçado. Todas as feiticeiras na casa de Deje que usavam Joias ouviram aquele aviso e souberam, instintivamente, o que fazer. Os homens... Não tinha havido tempo para Jaenelle ser seletiva. Alguns ouviram, outros não. Era tudo. Os que não a ouviram estavam mortos.

O que teria acontecido para desencadear tamanha raiva? Que tipo de perigo teria provocado aquela eclosão?

Talvez a pergunta a fazer fosse: *quem* estaria em perigo?

Serenada pela própria raiva crescente, Surreal pousou a garrafa na mesinha de cabeceira e invocou um pequeno retângulo de couro. Quando terminasse, dormiria um pouco. Era pouco provável que alguma coisa acontecesse antes do anoitecer. O Sádico tinha cuidado disso, intencionalmente ou não.

Com o mais ligeiro dos sorrisos, Surreal cantarolou baixinho enquanto tirava a pedra de amolar da bolsa de couro e começava a afiar as facas.

11 / Terreille

Dorothea observava as chamasa dançando na lareira. A qualquer momento a Sacerdotisa das Trevas chegaria ao velho Santuário. Poderia, então, transmitir a mensagem à vagabunda e voltar para casa.

Quem imaginaria que pudesse quebrar um Anel de Obediência? Quem poderia imaginar, estando ele do outro lado do Reino, que estilhaçar o Anel fosse...

Que felicidade ter permitido que cada uma das jovens feiticeiras da assembleia usasse o anel de controle principal por um dia, deixando que experimentassem a “sensação” de dominar um homem poderoso, mesmo ele estando tão distante que elas nada conseguiam sentir. Que infortúnio que a sua feiticeira preferida, o seu pequeno prêmio que *tanto* potencial tinha demonstrado, tivesse sido a escolhida para usá-lo hoje.

Uma vez que o corpo, apesar de esvaziado da própria feiticeira, ainda vivia, teria de mantê-lo por perto durante algum tempo para que as outras não percebessem quanto eram descartáveis. Um ou dois meses bastariam. Naturalmente, a feiticeira seria enterrada com dignidade, com todas as honras adequadas às suas Joias e classe social.

Dorothea estremeceu. Sadi estava em algum lugar lá fora, totalmente livre. Poderiam tentar usar o mestiço eyrieno como isca para trazê-lo de volta, mas Yasi estava bem instalado nas minas de sal de Pruul e seria uma vergonha tirá-lo de lá antes que estivesse suficientemente quebrado no corpo e no espírito. Além disso, nesse momento, duvidava que o eyrieno fosse uma isca boa o suficiente.

A porta da sala de estar abriu-se, deixando entrar uma silhueta encapuzada.

— Mandou me chamar, Irmã? — perguntou Hekatah, sem tentar disfarçar a contrariedade na voz. Olhou sem rodeios para a mesinha, sem a esperada garrafa de sangue. — Deve ser importante se a fez esquecer de uma coisa tão irrisória como uma bebida refrescante.

— Sim, é. — *Saco de ossos. Parasita. Hayll inteira está em perigo. Eu estou em perigo!* Com cautela para não deixar que seus pensamentos se tornassem evidentes, Dorothea lhe estendeu um bilhete, deslizando-o entre os dedos. — De Greer.

— Ah — exclamou Hekatah com uma excitação mal disfarçada. — Tem notícias?

— Melhor ainda — respondeu Dorothea, devagar. — Diz que descobriu uma forma de cuidar do seu probleminha.

12 / Terreille

Greer estava sentado na cama de lençóis brancos de um dos quartos privados de Briarwood, tentando imobilizar o que tinha sobrado da sua mão boa.

Poderia ter sido pior. Se aquele fedelho manco do estábulo não o tivesse golpeado com a faca, cortando seu dedo mínimo até ele ficar preso unicamente por um fio de pele, não teria tido tempo de tirar o anel de controle secundário quando Sadi partiu o Anel de Obediência. No preciso momento em que sentiu a explosão da Negra, arrancou o dedo e atirou-o longe. Um guarda, vendo que algo vinha na sua direção, agarrou o dedo instintivamente.

Homem tolo. Muito tolo.

Uma vez que o Anel de Obediência estava partido e não havia como saber se Sadi tinha ficado ferido pelo esforço, Greer correria para Briarwood, onde seria curado sem perguntas. Era também o único local que Sadi não atacaria às cegas. Aqui possuíam alguma vantagem — pelo menos por algumas horas. Depois disso ele partiria a toda velocidade de volta para Hayll e se dissiparia entre os outros, rodeado pela corte de Dorothea. Briarwood e os seus clientes ainda estariam aqui para saciar a sede de Sadi por vingança.

Greer deitou-se na cama, deixando que os analgésicos o embalassem para um descanso necessário. Dentro de poucas horas, o probleminha da Sacerdotisa das Trevas já não existiria, e Sadi...

Deixe o bastardo gritar.

13 / Inferno

Saetan completou outra volta errática no escritório privado.

Olhou fixamente para o retrato de Cassandra.

Olhou fixamente para a teia emaranhada que terminara há pouco tempo, para o aviso que poderia ter surgido tarde demais.

Balançou a cabeça devagar, negando o que a visão na teia emaranhada lhe tinha mostrado.

Uma teia interna ainda intacta. Um cálice de cristal estilhaçado. E sangue. Tanto sangue.

Nunca invadira a privacidade de Jaenelle. Agindo contra o bom senso e os seus instintos, nunca invadiu a privacidade de Jaenelle. Mas agora...

— Não — disse com uma leve malevolência. — Não irá tirar minha Rainha de mim. Não irá tirar minha filha de mim.

Havia um único lugar na bruma por onde poderia penetrar. Um único lugar que poderia usar a fim de aumentar a sua força para atravessar o Reino. E uma única feiticeira com o conhecimento para ajudá-lo.

Colocando a capa sobre os ombros, lançou um rápido olhar à porta, arrancando-a das dobradiças. Deslizando pelos vastos corredores do Paço, gelando as pedras brutas com a raiva, passou por Mephis e Prothvar, sem ver ninguém, sem ver mais nada a não ser aquela teia.

— Onde vai, SaDiablo? — interpelou Andulvar, caminhando a passos largos para interceptá-lo.

Saetan rosnou baixinho.

O Paço estremeceu.

Andulvar hesitou por um breve instante antes de se colocar com convicção no caminho do Senhor Supremo do Inferno.

— Yaslana. — A raiva tinha se tornado calma e silenciosa.

Era isso que receavam nele.

— Vai me dizer para onde está indo ou terá de passar por mim — disse Andulvar calmamente.

Somente um tique quase imperceptível no músculo do queixo o traiu.

Saetan sorriu, levantando a mão direita para uma carícia de amante. Lembrando-se a tempo de que aquele homem era seu amigo e também amava Jaenelle, embainhou o dente de serpente e pressionou suavemente o ombro de Andulvar.

— Para Ebon Askavi — murmurou, tomando o Vento Negro e desaparecendo.

CAPÍTULO QUINZE

1 / Terreille

Surreal sonhava.

Ela e Titian caminhavam por uma floresta. Titian tentava avisá-la sobre alguma coisa, mas Surreal não conseguia ouvir. A floresta, Titian, tudo estava sobreposto pelo bater retumbante e contínuo de um tambor.

Quando chegaram à borda da floresta, Surreal reparou numa árvore com um ramo perfeito, uma árvore que sangrava uma seiva vermelho-escura.

Titian passou pela árvore e seguiu até um campo cheio de flores compridas e prateadas. Quando apanhava uma flor, ela se transformava numa faca, afiada e reluzente. Com um sorriso no rosto, ofereceu o ramo a Surreal.

O tambor rufava cada vez mais alto, com mais força.

Alguém gritava.

Titian continuou em direção a um grande retângulo, repleto de névoa, apontando aqui e ali. Toda vez que apontava, a névoa se afastava. Duas ruivas. Uma menina sem olhos. Uma menina com o pescoço degolado cujos olhos fulminavam com uma fúria impotente. Uma menina com uma perna só.

Na extremidade oposta do retângulo havia um montículo de terra recentemente escavada.

O tambor rufou mais depressa.

Alguém berrava, enfurecido e em sofrimento.

Surreal se aproximou do montículo, atraída por alguma coisa sobre a terra. Quando se aproximou, sangues-de-feiticeira começaram a geminar e a desabrochar, formando uma coroa em volta de um fio de cabelo dourado.

— Não! — gritou Surreal, saltando da cama.

O rufar do coração batia contra as costelas.

Os gritos dentro da sua cabeça não paravam.

2 / Inferno

— Você vai me ajudar — disse Saetan, virando-se para encarar Draca.

— A fazer o quê, Ssenhor Ssupremo? — perguntou Draca. Seus olhos vidrados de réptil nada revelavam.

— A penetrar na névoa ao redor de Beldon Mor. — Os olhos dourados de Saetan fitaram os de Draca, sugerindo que cedesse.

Draca examinou-o por um longo tempo.

— Existe perigo?

— Creio que sim.

— Vai quebrar a confiança dela.

— Prefiro que me odeie a perdê-la para todos nós — vociferou Saetan.

Draca ponderou.

— Nem a Negra pode alcançar uma distância tão grande. Pelo menos, não a Negra que usa, Ssenhor Ssupremo. A ajuda que posso oferecer irá apenas ajudá-lo a ver além da bruma; ver, mas não agir. Para agir, terá de se ligar a outro, de homem para homem.

Saetan umedeceu os lábios e respirou fundo.

— Há alguém que pode ajudar, que possivelmente me deixará usá-lo.

— Venha — Draca conduziu-o pelos corredores de Ebon Askavi em direção a um largo poço de escada que descia até o fundo da montanha.

Ao chegarem ao poço, o som de passos apressados fez com que Saetan se virasse em desafio.

Geoffrey surgiu dobrando uma esquina, seguido de Andulvar, Prothvar e Mephis. Andulvar e Prothvar envergavam uniformes de combate. A fúria de Mephis radiava da Joia Cinza.

Saetan desferiu um olhar cortante para cada um deles antes de fixar os olhos e a fúria em Andulvar.

— Por que está aqui, Yaslana? — indagou Saetan, com o seu sussurro suave e perigoso.

Andulvar cerrou os punhos.

— Aquela teia no seu escritório.

— Ah, então agora é capaz de ler as teias da Ampulheta?

— Poderia partir você como a um galho seco!

— Primeiro teria de me alcançar.

Um sorriso irônico fez aparecer os dentes cerrados de Andulvar e logo em seguida morreu.

— A fedelha está em apuros, não é? Foi sobre isso que a teia o avisou.

— Não lhe diz respeito.

— Ela não pertence somente a você, Senhor Supremo! — rugiu Andulvar.

Saetan fechou os olhos. Doces Trevas, dai-me forças.

— Não — concordou, deixando que Andulvar testemunhasse a sua dor —, não pertence somente a mim. Mas sou o único com força suficiente para fazer o que precisa ser feito e — levantou uma das mãos para reprimir os protestos, sem desviar os olhos do rosto de Andulvar —, se alguém tem de se responsabilizar pelo que vai acontecer, se alguém vai ganhar o ódio dela, permitam que seja apenas um de nós, para que os outros possam continuar estimando-a, e servindo-a.

— Saetan — disse Andulvar, com a voz roufenha. — Ah, Saetan. Não há nada que possamos fazer?

Saetan piscou rapidamente.

— Desejem-me sorte.

— Venha — disse Draca com urgência. — Ass Trevass... precisamos nos apressar.

Saetan seguiu-a pelo poço de escada até a porta trancada ao fundo. Puxando uma grande chave da manga, Draca destrancou a porta e empurrou-a para abri-la.

No chão da enorme caverna estava gravada uma imensa teia revestida de prata. Ao centro, onde todas as linhas de orientação se encontravam, havia uma Joia iridescente do tamanho da mão de Saetan, uma Joia que combinava as cores de todas as outras. No final de cada linha de orientação de prata havia uma lasca de Joia iridescente do tamanho da unha do polegar.

Enquanto caminhavam ao longo da orla da teia, as Joias ficaram incandescentes. Um zunido lento surgiu da teia, crescendo em intensidade, até toda a caverna vibrar com o som.

— Draca, que lugar é este? — sussurrou Saetan.

— Nenhum lugar e todo lugar. — Draca apontou para os pés de Saetan. — Tem de ficar descalço. A pele deve tocar a teia. — Depois de Saetan descalçar os sapatos e as meias, Draca indicou uma linha de orientação. — Comece aqui. Caminhe devagar até o centro, deixando que a teia o atraia. Quando atingir o centro, posicione-se atrás da Joia para ficar de frente para a linha de orientação mais próxima de Beldon Mor.

— E depois?

Draca examinou Saetan, os seus pensamentos ocultos.

— E o Ssangue cantará ao Ssangue. O seu sangue, obscurecido pela força, irá alimentar a teia. Você deve direcionar a energia desta oferta de forma que ela seja canalizada para a linha de orientação de que precisa. Uma vez iniciado, não pode quebrar o contato com a teia.

— E depois?

— E depois verá aquilo que veio aqui ver.

Saetan bateu levemente na força de reserva das Joias Negras e avançou para a linha de orientação. A energia da teia perfurou seu calcanhar como uma agulha. Inspirou e começou a andar.

Cada passo dirigia a energia da teia para cima. Quando chegou ao centro, todo o seu corpo vibrava com o zunido. Mantendo um pé em contato com a teia, Saetan posicionou-se atrás da Joia, com os olhos e a determinação concentrados naquela linha de orientação.

Estendeu a mão direita e abriu a veia.

O sangue silvou ao tocar na Joia do centro da teia, formando uma névoa avermelhada. A névoa se enrolou, formando um fio perfeito, e começou a se mover lentamente ao longo da linha de orientação.

Gota a gota, o fio deslocou-se em direção a Chaillot, em direção a Beldon Mor.

Parou por um momento, à distância de um dedo da lasca da Joia, bloqueado. Em seguida, deslizou por cima, como uma videira vermelha trepando por uma parede invisível, até que, a um palmo do chão, parou, fluindo de volta pela linha de ligação.

Tinha atravessado a névoa de Jaenelle. No instante em que o fio de sangue tocasse na lasca da Joia, poderia começar a perscrutar Beldon Mor.

O fio tocou na lasca da Joia.

Saetan arregalou os olhos.

— Fogo do Inferno, o que...

— Não se mexa — a voz de Draca soava muito distante.

O que Daemon teria feito? Saetan pensou ao sentir o travo de raiva. Descendo além da

cacofonia das Joias menores, Saetan procurou pela Negra, a Negra silenciosa demais. Esperava que houvesse três mentes ao alcance da sua capacidade exploratória. Detectou apenas uma, a que estava mais afastada, no Altar das Trevas.

Mantendo o olhar fixo na lasca de Joia, Saetan enviou um pensamento pelo fio, de homem para homem.

Xará?

A resposta foi um bruxuleio vacilante e irritado.

Saetan voltou a tentar, homem para mulher.

Criança-feiticeira?

Durante alguns instantes, nada.

Saetan ouviu Draca ofegando quando uma luz tremeluziu em volta dele. Do canto do olho, viu todas as lascas das Joias começarem a brilhar, todos os feixes de prata da teia resplandecerem com uma luz fria e flamejante.

Alguma coisa vinha a toda velocidade na direção de Saetan. Não era um pensamento. Parecia mais uma bolha de sabão envolta em névoa. Vinha cada vez mais depressa na direção da teia.

A súbita luz da Joia a seus pés o cegou. Cobriu os olhos com o braço.

A bolha atingiu a lasca da Joia e explodiu, e a caverna...

A caverna vibrou com o som de uma criança gritando.

3 / Terreille

Os gritos pararam.

Surreal correu pelo gramado vazio de Briarwood em direção à porta secreta. A Joia Cinza ao pescoço resplandecia de raiva. Hoje não haveria uma fechadura em Beldon Mor suficientemente forte para mantê-la do lado de fora. Contudo, uma vez lá dentro, não fazia ideia de como encontrar quem procurava.

A alguns passos da porta, alguém lhe gritou:

— Depressa! Por aqui. Depressa! — Virando para a direita, viu Rose gesticulando de maneira frenética. — São muito fortes — disse Rose, agarrando Surreal pelo braço. — Kartane e tio Bobby estão deixando que ele extraia a força deles. O quarto está protegido, por isso não consigo passar.

— Onde? — Surreal sentiu uma pontada no flanco por ter corrido, e o ar frio da noite ardia-lhe nos pulmões. Isso a enfurecia ainda mais.

Rose apontou para a parede.

— Consegue passar?

Surreal olhou a parede. Dor e confusão. Raiva e desespero. E coragem.

— Por que não está oferecendo resistência?

— Muitos remédios. Está na zona enevoadada e não consegue sair. — Rose puxou a manga de Surreal. — Ajude-a, por favor. Não queremos que morra. Não queremos que se torne uma de nós!

Os lábios de Rose cerraram-se, repletos de raiva. Surreal fez menção de alcançar a faca junto à coxa direita, mas sua mão deu a volta e puxou a faca embainhada do lado esquerdo.

A faca de Titian.

Um lento sorriso invadiu os lábios de Surreal. Sem tirar os olhos da parede, estendeu a outra mão a Rose.

— Venha comigo — disse, enquanto dava um passo para a frente, fundindo-se com a parede.

As paredes externas de Briarwood eram grossas. Surreal não percebeu.

Dessa vez... Dessa vez iria inundar as paredes de sangue.

Ali estava o escudo, entrelaçado por uma força dupla. Tolos. Duas Vermelhas poderiam tê-la atrasado se tivessem consciência da sua presença. Mas Kartane e tio Bobby? Nunca. *Nunca*.

Surreal desferiu um pequeno raio de energia da Joia Cinza. O escudo em volta do quarto se estilhaçou.

Surreal saltou. Aterrissando no pequeno quarto, girou para encarar o homem na cama. Enquanto investia contra o corpo imóvel que tinha debaixo de si, o homem levantou a cabeça, o rosto contorcido pelo ódio e pela lascívia.

Investindo, Surreal agarrou o homem pelos cabelos com uma das mãos e, com a faca de Titian, golpeou seu pescoço.

O sangue vibrava enquanto as paredes brancas eram coloridas de vermelho.

Surreal dirigiu a faca para o coração do homem, erguendo-o da cama com a força da sua fúria.

O homem caiu no chão, a faca de Titian ainda cravada no coração e as mãos desfiguradas tateando debilmente durante uma, duas batidas de coração.

Termine a matança.

Agachando-se sobre o corpo imóvel, Surreal puxou a outra faca para fazê-la penetrar no cérebro do homem, pretendendo usar o aço como condutor para que a Cinza quebrasse e destruísse o que o invólucro ainda pudesse conter. Ao erguer o braço para o golpe final, o gemido baixinho de Rose a fez olhar para a cama.

Entre as pernas de Jaenelle havia uma poça de sangue. Sangue demais.

Surreal se inclinou sobre a cama. Seu estômago se revirou.

Jaenelle olhava fixamente para o teto, os olhos impassíveis e inalteráveis quando Surreal passou a mão na frente do rosto dela. Seu corpo era um amontoado de manchas negras; sangue escorria de um corte em seu lábio.

Surreal olhou de relance para o Senhor da Guerra e reparou nos arranhões no pescoço e nos ombros. Ora. Ela lutara durante algum tempo.

Surreal procurou sentir o pulso de Jaenelle e percebeu que estava fraco e enfraquecendo.

Ouviu-se uma batida na porta trancada.

— Greer! — alguém gritou. — Greer, o que está acontecendo?

— Maldição!

A palavra saiu junto com a respiração enquanto trancava rapidamente a porta com a Cinza. Puxando a faca de Titian do coração de Greer, Surreal hesitou por um instante, depois balançou a cabeça. Não dispunha do minuto de que precisava. Cortou as cordas que prendiam os tornozelos e os pulsos de Jaenelle à cama, enrolou a menina no lençol ensanguentado, ergueu-a junto de si e, protegendo-se com a Cinza, fez a passagem pelas paredes.

Uma vez do lado de fora, Surreal saiu correndo. Assim que quebrassem o bloqueio Cinza e encontrassem Greer, saíam no seu encalço. E, seguindo o cheiro de sangue, iriam encontrá-la.

Só havia um lugar para onde ir, e, uma vez lá, precisaria de ajuda.
Reunindo toda a sua energia, Surreal enviou um chamado pela Cinza.

* Sadi!*

Sem resposta.

* Sadi!*

4 / Inferno

— *N*ão!

O rugido de Saetan trovejou pela caverna, abafando o som de passos correndo escada abaixo.

— SaDiablo! — gritou Andulvar saltando para a caverna. — Ouvimos um grito. O que...

Saetan girou sobre os calcanhares, com os dentes cerrados e trespassando Draca com os olhos repletos de raiva fria.

— E agora? — disse, com suavidade excessiva.

— Iremos pelos Ventos — disse Prothvar, puxando a faca.

— Não há tempo — refutou Mephis. — Será tarde demais.

— Draca — disse Geoffrey.

Draca não pestanejou nem vacilou perante o olhar fixo e vidrado de Saetan.

— Saetan — começou Andulvar.

Draca fechou os olhos.

Uma voz inundou as suas mentes, um ribombar como se a própria Fortaleza suspirasse.

Uma voz masculina.

* De homem para homem, Ssenhor Ssupremo. Agora é a única forma. O ssangue dela foi derramado. Sse morrer agora...*

— Caminhará entre as *cildru dyathe*.

Tanta mágoa naquela voz.

* Oss sonhoss tornadoss realidade não sse tornam *cildru dyathe*, Ssenhor Ssupremo. Também a perderemoss.*

— Quem é você para me dizer isso? — rosnou Saetan.

* Lorn.*

O coração de Saetan parou por um instante.

* Você tem a coragem, Ssenhor Ssupremo, para fazer o que tem de sser feito. O outro macho sserá o sseu insstrumento.*

O ribombar suspirante se extinguiu.

A caverna ficou em completo silêncio.

Virando-se com cuidado, Saetan encarou novamente a linha de orientação envolta numa névoa avermelhada.

E o Sangue cantará ao Sangue.
Não pense. Seja um instrumento.
Tudo tem um preço.

Fechado na raiva fria e serena, Saetan reuniu lentamente a energia na teia, a energia nas suas Joias e a própria energia até conseguir formar uma ligação psíquica masculina de três pontas. Com os olhos e a determinação concentrados na lasca da Joia, enviou um único e trovejante chamado.

SADI!

5 / Terreille

Sadi!

Sadi!

SADI!

Daemon acordou bruscamente, a cabeça latejando, o coração batendo acelerado, o corpo pulsando. Gemendo, esfregou o punho pela testa.

E se lembrou.

Sadi, por favor.

Daemon franziu a testa. Até mesmo esse movimento provocava dores.

Surreal?

Um arquejo soluçante.

Depressa. Para o Altar.

Surreal, o que...

*Ela está *sangrando*!*

Não se recordou de ter feito a passagem. Num momento estava apertado naquele retângulo subterrâneo, e, no seguinte, apoiado à árvore, com os olhos fechados, aguardando que o mundo parasse de girar.

Surreal, vá para o Altar. Agora.

Os tios virão atrás de nós.

O Sádico cerrou os dentes e sorriu cruelmente.

Deixe que venham.

A ligação caiu. Surreal já caminhava nos Ventos até o Altar de Cassandra.

Daemon agarrou-se à árvore. O corpo não reagia. As Joias Negras ainda estavam esgotadas e por ora de nada serviam. Como precisava de forças, drenou avidamente a energia de reserva na Vermelha de Direito por Progenitura.

SADI!

O poder encerrado naquela voz trovejante atingiu a força da Vermelha, absorvendo-a tão

facilmente como um lago absorve um balde de água.

Daemon pôs as mãos na cabeça e caiu de joelhos. Aquele poder o comprimia como um laço de ferro dentro da sua cabeça, ameaçando esmagar suas barreiras internas. Rosnando, debateu-se com a ínfima força que lhe restava.

* Daemon.*

Uma raiva glacial o aguardava logo antes da primeira barreira, mas agora reconhecia a voz.

* Sacerdote? * Daemon arquejou de alívio. * Pai, recue um pouco. Não consigo... É forte demais. *
O poder recuou — um pouco.

* Você é o meu instrumento.*

* Não.*

O laço psíquico apertou-se.

* Não sirvo a ninguém senão à Feiticeira. Nem mesmo a você, Sacerdote.* Daemon disse rispidamente.

O laço afrouxou, transformando-se numa carícia.

* Também a sirvo, Príncipe. É por isso que preciso de você. Ela está sangrando.*

Daemon levantou com dificuldade, respirou com dificuldade.

* Eu sei. Está sendo levada para o Altar de Cassandra.* Sentia dores. Fogo do Inferno, como doía.

* Deixe-me entrar, xará. Não vou machucá-lo.*

Daemon hesitou, e em seguida se abriu totalmente. Cerrou os dentes para não gritar quando a raiva fria varreu a sua mente. Sua visão ficou duplicada. Sentiu a árvore nas costas. Sentiu também uma pedra fria sob pés descalços.

A pedra desvaneceu, mas não completamente. Daemon abriu e fechou a mão, num movimento lento. Teve a impressão de estar usando uma luva sob a pele. Também essa sensação desvaneceu, mas não de todo.

* Você está controlando o meu corpo* disse Daemon com um vestígio de ressentimento.

* Não estou. Unindo-nos desta forma, a minha força será um poço de onde você poderá extrair força, e eu poderei ver e entender o que é possível fazer para ajudá-la.*

Daemon se impulsionou para longe da árvore. Balançou, mas outro par de pernas o manteve estável. Respirando fundo, entrou no Vento Negro e precipitou-se para o Altar de Cassandra.

Daemon correu pelas ruínas dos quartos externos do Santuário. Os passos que ouvira um momento antes tinham cessado. E agora uma parede Cinza irada bloqueava o corredor que levava ao labirinto dos aposentos internos.

— Surreal? — Daemon chamou baixinho.

Em resposta, ouviu um soluço. A parede Cinza caiu.

Daemon correu na direção dela. Surreal o esperava, lágrimas rolando pelo rosto.

— Não cheguei a tempo — soluçou enquanto Daemon tirava dos seus braços trêmulos a trouxinha enrolada no lençol e a segurava junto ao peito. — Não cheguei a tempo.

Daemon voltou pelo mesmo caminho por onde tinha vindo.

— Cassandra deve ter um quarto em algum...

Vá para o Altar, xará.

Ela precisa...

O Altar.

Daemon virou-se outra vez, correndo para o Altar no centro do Santuário. Surreal correu à frente para abrir o grosso portão de ferro batido da sala onde ficava o Altar. Daemon entrou precipitadamente e colocou Jaenelle ali com todo o cuidado.

— Precisamos de luz — disse, a voz enrouquecida pelo desespero.

De súbito, havia sobre eles fogo encantado.

Cassandra estava atrás do Altar. As Joias Negras brilhavam. Os olhos cor de esmeralda o trespassavam.

Daemon olhou para baixo e viu o sangue na camisa.

Coragem, xará.

— Ora — disse Cassandra calmamente, sem tirar os olhos do rosto de Daemon —, estão os dois aqui.

Daemon assentiu com a cabeça enquanto puxava rapidamente o lençol.

Cassandra levou a mão à boca, abafando um grito.

O sangue jorrava entre as pernas de Jaenelle. As mãos de Daemon estavam escorregadias, uma vez que os seus dedos repousavam na junção das coxas de Jaenelle, tornando-se um canal para uma delicada gavinha de energia e para a reduzida Arte medicinal que conhecia. Procurou, sondou.

As feiticeiras sangravam mais na Noite da Virgem do que qualquer outra mulher, e as Feiticeiras de Joia Negra eram as que mais sangravam. Pagavam a força que possuíam com momentos de fragilidade, momentos em que o equilíbrio de poder era transferido em benefício do macho, deixando-as vulneráveis.

Mas nem isso explicava todo aquele sangue.

Procurando, sondando.

Um abalo frio o percorreu quando descobriu a resposta. Uma raiva glacial se seguiu.

— Usaram algo para abri-la. Os desgraçados a *rasgaram*. — Deslizou as mãos pelo torso de Jaenelle, por seus cortes e feridas.

Até que ponto domina a Arte medicinal? Perguntou bruscamente a Saetan.

Tenho conhecimentos profundos, mas um dom de cura menor do que o seu. Não é o bastante, Daemon.

*Então quem *tem* o bastante?*

Os olhos inexpressivos de Jaenelle fixavam Daemon.

Daemon colocou as mãos em concha sobre o rosto da moça.

— Não — disse Cassandra, circundando o Altar. — Deixe-me. Uma Irmã não representará uma ameaça.

Daemon odiou-a por dizer aquilo. Odiou-a ainda mais por que, nesse preciso momento, era verdade.

Deixe-a tentar, xará disse Saetan, forçando Daemon a recuar.

Cassandra pressionou os dedos nas têmporas de Jaenelle e olhou fixamente para os olhos impassíveis. Após um minuto, recuou e abraçou-se a si mesma, como se precisasse ser

reconfortada. Seus lábios tremiam.

— Está fora de alcance — disse, num murmúrio enrouquecido e derrotado.

Isso não significava nada. Jaenelle era mais forte do que todos eles. Podia descer ainda mais fundo. Não significava nada.

No entanto, a visão de Tersi do cálice de cristal estilhaçado zombava dele. *Você sabe*, dizia. *Você sabe por que ela não responde.*

— Não. — Daemon não tinha certeza se a negação era dele ou de Saetan.

Surreal avançou. Seu rosto estava pálido, mas os olhos verde-dourados faiscavam de determinação.

— A menina Rose disse que deram remédios demais para Jaenelle e que ela não conseguia sair da zona enevoada. Certamente uma mistura repulsiva de *safframate* e tranquilizantes.

A voz de Saetan soou calma e firme.

* Não consigo detectar uma ligação entre o corpo e o Eu dela. Ou é muito frágil ou ela a rompeu completamente. Se não a trouxermos de volta agora, iremos perdê-la.*

* Quer dizer que eu a perderei? * Daemon retrucou. * Se o corpo morrer, *você* ainda a terá, não é mesmo?*

Pela ligação, sentiu a dor de um coração despedaçado.

* Não * sussurrou Saetan. * Alguém que sabe me disse que os sonhos tornados realidade não se tornam *cildru dyathe*.*

Daemon fechou os olhos e respirou fundo.

* Qual a profundidade do seu poço, Sacerdote?*

* Não sei.*

* Então, vamos descobrir.* Daemon virou-se para Surreal. * Vá para fora. Fique vigiando. Aqueles filhos da mãe irão chegar em breve. Ganhe tempo, Surreal.*

Surreal olhou de relance para o Altar.

— Cuidarei deles até você me chamar. — Deslizou pelo portão de ferro batido e desapareceu no labirinto de corredores na penumbra.

— Vá com Surreal — disse Daemon a Cassandra. — Isto é particular.

Antes mesmo que ela pudesse protestar, Saetan confirmou:

* Vá, Senhora.*

Daemon aguardou até se certificar de que Cassandra tinha saído. Em seguida, estendeu-se sobre o Altar e abraçou Jaenelle.

A energia de Saetan fluiu para Daemon, envolvendo-o.

* Mantenha a descida num ritmo regular * avisou Saetan.

Era tão fácil deslizar para aquele corpo abandonado, tão fácil escorregar naquele vazio até alcançar a profundidade da sua própria teia interior. Manteve-se ali, tentando perscrutar a profundidade.

Lá embaixo, muito, muito abaixo, o clarão de um relâmpago iluminou uma névoa negra que rodopiava.

* Jaenelle! * gritou Daemon. * Jaenelle!*

Não houve resposta.

Esticando a ligação para torná-la mais fina e extensa, Daemon passou suavemente pelo íntimo

da sua teia interior.

Daemon! A preocupação de Saetan vibrou pela ligação.

Um pouco mais fundo. Um pouco mais fundo.

Sentiu a pressão, mas continuou esticando a ligação.

Para baixo para baixo para baixo.

Como mergulhar em águas profundas, o abismo o pressionou, pressionou sua mente. O centro do ser poderia ir mais fundo. Um pouco mais fundo e o poder mesmo que fizera os Sangue Sangue iria ser derramado num recipiente muito pequeno para contê-lo, esmagando o espírito, destruindo a mente.

Para baixo para baixo para baixo. Planando pelo vazio, esticando a ligação com Saetan até ficar cada vez mais fina.

Daemon! A voz de Saetan soava como um trovão rouco e distante. *Está fundo demais. Suba, Daemon. Suba.*

Uma minúscula pluma psíquica emergiu da névoa ainda muito abaixo, roçou nele e se afastou, sobressaltada e intrigada.

Jaenelle! gritou Daemon. Sem obter resposta, enviou um fio masculino. *Senti-a, Sacerdote! Senti-a!*

Ao mesmo tempo sentiu um sofrimento atroz pela ligação e percebeu que estava sendo puxado para cima.

Não! gritou, debatendo-se contra o que o puxava para cima. *NÃO!*

A ligação se partiu.

Desligado da energia que Saetan canalizava, Daemon tornou-se um recipiente vazio que a energia do abismo se apressou a encher. Em excesso. Rápido demais. Com força demais.

Gritou ao sentir a mente sendo dilacerada, estraçalhada, estilhaçada.

Em estilhaços, caiu, gritando, e desapareceu na névoa negra riscada por relâmpagos.

Surreal deu os toques finais no feitiço que estava tecendo no corredor que levava aos aposentos internos, brincando com a ideia de empurrar Cassandra ali para ver o que aconteceria. Pessoalmente, não tinha nada contra a mulher, mas aquele ar carrancudo e os olhares lancinantes que sempre lançava na direção da sala do Altar estavam lhe dando nos nervos, ela que já estava à flor da pele.

Recuou e passou as mãos na parte de trás das calças. Invocando um cigarro negro, acendeu-o com uma pequena labareda de fogo encantado, deu um trago e ofereceu-o a Cassandra, que simplesmente negou com a cabeça e fulminou-a com o olhar.

— O que estão tentando fazer que tem de ser em particular? — perguntou Cassandra pela décima vez nos últimos minutos.

— Fique longe, querida — vociferou Surreal. — Aquele comentário convencido sobre ela confiar mais em você do que nele era razão suficiente para mandá-la porta afora.

— É verdade — disse Cassandra, iradamente. — Uma Irmã...

— Irmã, uma ova. E não estou ouvindo você reclamar sobre o outro.

— Confio no Sacerdote.

Surreal deu algumas baforadas no cigarro. Então aquele era o Sacerdote. Não era um macho com quem desejasse se meter. Por outro lado, Sadi também não era um macho com quem quisesse se meter.

Jogou fora o cigarro e o fez desaparecer.

— Venha, querida. Vamos criar mais algumas surpresas para os adoráveis tios de Briarwood.

Cassandra olhou para o corredor.

— O que é isso?

— Um feitiço de morte. — Os olhos de Surreal cintilaram com crueldade. — O primeiro que caminhar por ali... O coração explodirá, depois as bolas, e a matança será concluída com um golpe da Cinza. O feitiço é sugado para o corpo para que ninguém consiga detectá-lo. Normalmente uso um feitiço de retardamento junto, mas agora queremos atingi-los rápido e de forma suja.

Cassandra pareceu chocada.

— Onde foi que aprendeu a criar algo assim?

Surreal balançou a cabeça e dirigiu-se a outro corredor para montar mais uma armadilha. Não era o momento indicado para dizer a Cassandra que fora Sadi que lhe ensinara aquele feitiçozinho em particular. Especialmente porque desejava que o tivesse ensinado a Jaenelle.

Daemon abriu os olhos devagar.

Sabia que estava deitado de costas. Sabia que não conseguia se mover. Sabia, também, que estava nu. Por que estava nu?

A névoa girava à sua volta, provocando-o, não lhe oferecendo nenhum ponto de referência. Não esperava encontrar nada que lhe fosse familiar, mas até a mente possuía pontos de referência. Contudo, essa era a mente de Jaenelle, não a sua, num local profundo demais para ser alcançado pelos outros Sangue.

Lembrou-se de ter sentido um vestígio de Jaenelle ao perscrutar o abismo, lembrou-se de mergulhar de cabeça, de cair. Estilhaçando-se.

Um movimento no nevoeiro. Ouviu um tinido baixinho, como vidro tocando em vidro.

Virou a cabeça na direção do som, sentindo que tinha de usar nesse movimento toda a força que possuía.

Não se mexa disse uma voz melodiosa e lírica, que encerrava também cavernas e céus de meia-noite.

A névoa afastou-se um pouco, permitindo que ele a visse em pé, ao lado de lajes de pedra empilhadas, improvisando um altar.

O choque percorreu Daemon em pequenas ondas. Os fragmentos de cristal no altar retiniram em resposta.

Não se mexa disse Jaenelle, parecendo irritada enquanto colocava cuidadosamente mais um fragmento do cálice estilhaçado no lugar.

Era a voz de Jaenelle, mas...

Era de estatura mediana, esguia e branca. Sua cabeleira loura — não era exatamente cabelo nem exatamente pelo — estava penteada para cima e para trás, deixando ver o rosto exótico, as orelhas delicadamente pontiagudas. No centro da testa havia um pequeno chifre em espiral. Uma

estreita faixa de pelo louro percorria a coluna, terminando numa pequena cauda loura e branca de corça, que se movia sobre as nádegas desnudas. As pernas eram humanas e bem-proporcionadas, mas transformavam-se abaixo da panturrilha. Em vez de pés, possuía graciosos cascos de cavalo. As mãos humanas tinham garras recolhidas, como um gato. Ao mudar de posição para colocar outro fragmento, Daemon pôde ver os pequenos e arredondados seios, a curva feminina da cintura e do quadril, o triângulo dourado-escuro de pelos entre as pernas.

Quem...?

Porém, já sabia. Antes mesmo de Jaenelle caminhar até ele e olhá-lo, antes mesmo de vislumbrar a inteligência selvagem naqueles olhos azul-safira antigos e perturbados, já sabia.

Terrível e bela. Humana e Outra. Dócil e violenta. Inocente e sagaz.

Sou a Feiticeira disse, com uma ligeira palpitação desafiadora na voz.

Eu sei. A voz de Daemon possuía uma vibração sedutora, um desejo ardente que não conseguia controlar ou disfarçar.

Olhou para ele com curiosidade, deu de ombros e voltou ao altar.

Você estilhaçou o cálice. É por isso que ainda não pode se mexer.

Tentou erguer a cabeça mas desmaiou. Quando conseguiu voltar a ver nitidamente, Jaenelle já tinha reconstruído quase todo o cálice e Daemon percebeu que não era o mesmo que Tera havia lhe mostrado.

Esse não é o seu cálice gritou, feliz, tão aliviado que nem se preocupou por a ter sobressaltado ao ponto de ela cerrar os dentes e rosar.

Não, macho tonto e teimoso, é o seu.

Aquilo o deixou um pouco mais calmo, mas a resposta de Jaenelle parecia tanto com a de Jaenelle, a criança, que também não se importou.

Devagar, apoiou-se num cotovelo.

Então o seu cálice não se estilhaçou.

Escolheu outro pedaço, colocou-o no lugar. Os olhos encheram-se de desespero e a voz ficou demasiadamente calma.

Estilhaçou.

Daemon deitou e fechou os olhos. Levou algum tempo reunindo coragem para lhe perguntar:

Consegue restaurá-lo?

Não respondeu.

Depois disso, ficou à deriva. Minutos, anos, qual a diferença? À frente dos seus olhos fechados rodopiavam imagens. Corpos em carne e osso e sangue. Teias que delimitavam as fronteiras internas. Cálices de cristal que continham as mentes. Joias para poder. As imagens rodopiavam e se alternavam várias vezes. Quando, por fim, pararam, formaram o triângulo de quatro lados dos Sangue. Três lados — corpo, cálice e Joias — encerravam o quarto lado, o Eu, o espírito que une os outros três.

As imagens voltaram a rodopiar, transformando-se em nevoeiro. Dentro de si, sentiu alguma coisa se encaixando no seu devido lugar enquanto o nevoeiro ganhava a forma de um cálice de cristal, os pedaços estilhaçados cuidadosamente colocados. Uma névoa negra enchia as fendas entre cada pedaço, bem como os locais onde faltavam fragmentos ínfimos.

Sentiu-se debilitado e frágil.

Um dedo tocou o seu peito.

Uma fina camada de névoa negra revestiu o cálice por dentro e por fora, formando um escudo delicado à sua volta.

O dedo voltou a tocá-lo. Com mais força.

Ignorou-o.

O toque que se seguiu tinha uma garra para fora.

Praguejando, levantou-se repentinamente, apoiando-se nos cotovelos. Esqueceu-se do que queria dizer pois Jaenelle estava montada sobre as suas coxas e Daemon podia jurar que tinha visto pequenas faíscas de relâmpago na profundidade daqueles olhos cor de safira.

Macho rabugento disse, tocando de novo o seu peito. *O cálice está inteiro de novo, mas ficou muito fragilizado. Ficaré forte de novo se o mantiver protegido por tempo o suficiente para que se recupere. Você tem de levar o corpo para um lugar seguro até o cálice sarar.*

Não saio daqui sem você.

Ela balançou a cabeça.

A zona enevoadada é escura demais, profunda demais para você. Não pode ficar.

Daemon cerrou os dentes.

Não saio daqui sem você.

Macho rabugento e teimoso!

Consigo ser tão rabugento e teimoso quanto você.

Jaenelle fez uma careta.

Daemon reagiu da mesma forma.

Jaenelle pestanejou, ofendida, e, em seguida, começou a rir.

Aquele riso prateado e aveludado fez o coração de Daemon doer, estremecendo-o.

Antes, via a Feiticeira sob a criança Jaenelle. Agora, via Jaenelle sob a Feiticeira. Agora, via a diferença — e nenhuma diferença.

Ela olhou para ele, com os olhos repletos de dócil tristeza.

Você precisa voltar, Daemon.

Você também disse, baixinho.

Ela balançou a cabeça.

O corpo está agonizando.

Você poderia curá-lo.

Balançou a cabeça mais enfaticamente.

Deixe que morra. Deixe que fiquem com o corpo. Não quero o corpo. Este, agora, é o meu lugar. Posso ver todos eles quando estou aqui. Todos os sonhos.

Que sonhos?

Os sonhos na Luz. Os sonhos nas Trevas e nas Sombras. Todos os sonhos. Hesitou. Pareceu confusa. *Você é um dos sonhos na Luz. Um sonho bom.*

Daemon engoliu com dificuldade. Era assim que os via? Como sonhos? Ela era o mito vivo, os sonhos tornados realidade.

Tornados realidade.

Não sou um sonho, Senhora. Sou real.

Os olhos de Jaenelle reluziram.

* O que é real? * Perguntou. * Vejo coisas belas, posso ouvi-las, tocá-las com a mão física, e eles dizem menina má por inventar histórias, essas coisas não são reais. Vejo coisas más, cruéis, trevas distorcidas que corrompem a terra, trevas que não são as Trevas e dizem menina má por inventar histórias, menina má por dizer mentiras. Os tios dizem que ninguém vai acreditar numa menina com problemas mentais, por isso riem e ferem o corpo, então eu vou para a zona enevoadada e vejo os que são amáveis, os belos, e deixo a eles gelo que queima ao ser tocado. * Abraçou a si mesma, balançando para a frente e para trás. * Não me querem. Não *me* querem. Não *me* amam. *

Daemon abraçou-a e apertou-a bem forte, balançando-se com ela enquanto as palavras continuavam a jorrar. Ouviu a solidão e a confusão. Ouviu os horrores de Briarwood. Ouviu fragmentos de histórias sobre amigas que pareciam reais mas não eram. Ouviu e compreendeu o que ela não compreendia, o que não conseguia compreender.

Se não restaurasse a mente estilhaçada, se não voltasse a estabelecer ligação com o corpo, se não voltasse a formar o triângulo de quatro lados, ficaria aqui, encurralada, perdendo-se e enredando-se nos próprios fragmentos, a ponto de nunca mais conseguir encontrar uma forma de alcançar o que mais amava.

* Não * disse carinhosamente quando por fim ela parou de falar, * não querem você. Não a amam, não a conseguem amar. Mas eu *amo*. O Sacerdote ama você. Os belos e amáveis *também*. Esperamos tanto tempo por você. Precisamos de você junto de nós. Precisamos que caminhe entre nós. *

* Não quero o corpo * choramingou. * Dói. *

* Nem sempre, querida. Nem sempre. Sem o corpo, como irá ouvir o canto de um pássaro? Como irá sentir a chuva morna de verão na pele? Como irá saborear os bolinhos de avelã? Como irá caminhar pela praia ao pôr do sol e sentir a areia e a rebentação debaixo dos teus... cascos? *

Sentiu que ela ficava mais leve antes de ouvir a risadinha e a fungadela. Ao levantar a cabeça para olhá-lo, mudou as coxas de posição.

As virilhas de Daemon pegaram fogo.

Jaenelle inclinou-se para trás e observou-o inchar e crescer.

Daemon pôde ver a inocência no rosto, a curiosidade de um gatinho. Viu uma silhueta feminina que, embora não completamente desenvolvida, também já não era uma criança.

Cerrou os dentes e praguejou em silêncio quando Jaenelle começou a acariciá-lo levemente.

Acariciar. Observar a reação como se nunca tivesse visto um homem excitado. Acariciar. Observar.

Queria tirá-la dali. Queria tirá-la de cima dele. Aquilo o estava matando. Era maravilhoso.

Ao alcançar a mão de Jaenelle para que parasse, ela disse, com uma voz calma e surpresa:

* A sua masculinidade não tem espinhos. *

A raiva o congelou. Os fragmentos do cálice fizeram um estrépito ao libertar a fúria que aqui não tinha escoamento. Por um instante tentou acreditar com todas as suas forças que ela o estaria comparando a outra espécie de machos, mas conhecia bem demais os machos depravados que sentiam prazer em quebrar feiticeiras jovens e fortes na Noite da Virgem.

Mãe Noite! Não admirava que ela não quisesse voltar.

Jaenelle examinou-o, intrigada.

* O corpo masculino tem espinhos? *

Daemon engoliu a raiva. O Sádico transformou-a em seda mortífera.

* Não * sussurrou. * A minha masculinidade não tem espinhos. *

* Macio * disse Jaenelle ao afagar e explorar.

As mãos de Daemon sussurravam sobre as coxas e os quadris de Jaenelle.

* Poderia lhe proporcionar prazer * murmurou suavemente.

* Prazer? * Os olhos iluminaram-se de curiosidade e de expectativa.

A confiança infantil apunhalou-o no coração.

Jaenelle deve ter percebido alguma mudança em Daemon. Antes que conseguisse impedi-la, Jaenelle explodiu, chutando sua coxa ao saltar para longe dele. Fora do alcance de Daemon, abraçou a si mesma e olhou furiosamente para ele.

* Quer acasalar com o corpo. Assim como os outros. Quer que eu a cure para poder enfiar a sua masculinidade dentro *dela*. *

Daemon foi tomado de raiva.

* Quem é *ela*? * Perguntou, com excessiva afabilidade.

* Jaenelle. *

* Você é Jaenelle. *

* SOU A FEITICEIRA! *

Daemon estremeceu com o esforço que fez para não investir sobre ela.

* Jaenelle é a Feiticeira e a Feiticeira é Jaenelle. *

* Nunca me querem. * Socou o peito dele com o punho. * Não *eu*. Não me querem dentro do corpo. Querem acasalar com Jaenelle, não com a Feiticeira. *

Daemon sentiu que Jaenelle se fragmentava cada vez mais.

* Esta é a Feiticeira * ela gritou. * Era quem vivia dentro do corpo. *Quer acasalar com a Feiticeira?* *

A fúria o fez disparar violentamente.

* Não, não quero acasalar com você. Quero *fazer amor* com você. *

O que quer que fosse responder, não chegou a ser dito. Ela olhou para ele, de olhos arregalados, como se fosse algo desconhecido. Deu um passo vacilante na direção de Daemon.

Vai morder a isca, sussurrou o Sádico dentro de si. *Vai morder a isca e caminhar para a bela armadilha.*

Outro passo.

Seda mortífera. Mortífera.

Outro.

Uma doce armadilha tecida com amor e mentiras... e verdades.

* Esperei setecentos anos por você * sussurrou. * Por *você*. * Os lábios formaram um sorriso sedutor. * Nasci para ser seu amante. *

* Amante? *

Quase ao alcance.

Sem o corpo, as gavinhas de sedução não eram tão potentes, mas pôde observar a alteração nos olhos de Jaenelle quando a atingiram.

Ainda assim, ela pairava fora do seu alcance.

Então por que quer o corpo?

Porque esse corpo pode me abrigar de maneira que eu possa lhe proporcionar prazer.
Daemon observou-a enquanto ela ponderava. *Gosta do meu corpo?*

É lindo disse, com relutância, acrescentando apressadamente: *Mas sua aparência aqui é a mesma. E a Feiticeira não pode abrigar a sua masculinidade.*

O Sádico estendeu a mão.

Vamos descobrir?

Jaenelle pegou a mão de Daemon e instalou-se graciosamente sobre ele, abrindo as coxas. Depois olhou para ele, expectante.

Daemon sorria enquanto as suas mãos exploravam Jaenelle, relaxando-a e excitando-a. Quando os dedos tocaram na parte de baixo do rabo de corça, ela guinchou e saltou. Voltou a puxá-la para mais perto e passou um braço em volta de suas coxas para que não se movesse enquanto a outra mão deslizava pela cabeleira loura e segurava a cabeça dela com a mão em concha. E foi então que a beijou. Um beijo suave. Um beijo abrasador. Jaenelle suspirou quando Daemon acariciou seus seios. Estremeceu quando lambeu seu pequeno chifre em espiral.

Quando ele estava confiante de que tinha mordido a isca, sussurrou:

Querida, você tem razão. Este lugar é escuro demais para mim. O cálice está muito frágil e estou... sofrendo.

Ela olhou para ele com pesar, mas assentiu com a cabeça.

Espere disse quando Jaenelle fez menção de partir. *Pode subir comigo? Para a minha teia interior?* Lambeu a orelha dela. Sua voz transformou-se num ronronar palpitante. *Ainda estaríamos seguros lá.*

Dominou a urgência que sentia e aguardou a resposta. Não havia como dizer quanto tempo tinha passado no Altar, não havia como saber se os corpos deles ainda estariam lá, não havia como saber se o dela ainda tinha vida, não havia como saber se aqueles monstros de Briarwood tinham chegado ao Santuário. Não havia como saber o que o seu corpo estaria fazendo.

Tentou afastar esses pensamentos. Agora não tinha ligação; o Sacerdote tinha. O que quer que estivesse fazendo, era problema de Saetan.

O ímpeto da subida o pegou de surpresa. Agarrou-a no preciso momento em que ela o envolveu com as pernas.

Amante disse, sorrindo para Daemon. E deu uma risadinha.

Daemon se perguntou se, depois de toda uma vida passada naquela estranha mescla de inocência e conhecimento descomunal, saberia qual o significado da palavra.

Não importa, sussurrou o Sádico. *Mordeu a isca.*

Subiram até a Negra, confortavelmente acima da teia interior de Daemon.

Sente-se melhor? Jaenelle perguntou timidamente.

Muito melhor Daemon respondeu, ajustando a sua boca à dela.

Beijou-a até ela ficar relaxada e, em seguida, voltou a suspirar.

Depressa, sussurrou o Sádico.

Encostou a testa à de Jaenelle e deu um grito quando o pequeno chifre em espiral o espetou.

Jaenelle riu e beijou sua testa.

* Com beijinhos melhora? *

Por alguns instantes, foi inundado pela repulsa. Era a voz de uma criança. A voz de uma criança muito *nova*.

Olhou por cima do ombro de Jaenelle, tentando conciliar a silhueta feminina abraçada a ele com aquela voz, e vislumbrou fragmentos de cristal estilhaçado que flutuavam pela Negra.

Pedaços dela. Pedaços e pedaços dela. Uma parte dela ainda estava intacta. Tinha de estar. A parte que continha o conhecimento da Arte. Como poderia tê-lo reunido, se não fosse assim? Mas se continuasse a deslizar para dentro e para fora daqueles fragmentos...

Como Tersa. Pior do que Tersa.

* Daemon? *

A voz de meia-noite, com uma intensidade implacável.

Lembre-se desta faceta dela, avisou o Sádico. *Ignore o resto*.

Daemon sorriu para ela.

* Amante * disse, mordiscando-lhe o lábio inferior. Em seguida usou todos os truques que conhecia para adoçar a isca.

Mas não deixou que ela erguesse os quadris para abrigá-lo.

* Ainda está muito escuro * arquejou quando ela começou a se lamuriar e rosnar. * Vamos até a Vermelha. É a minha de Direito por Progenitura. *

Jaenelle tentou se livrar das gavinhas de sedução que Daemon tinha tecido à sua volta, mas ele tinha construído bem a armadilha.

* Ali poderemos ter uma cama * aliciou.

Ela estremeceu. Choraminguou. Nesse som, não havia prazer.

Surgiu uma imagem. Uma cama suficientemente grande para o jogo. Uma cama com tiras de couro para prender os pulsos e tornozelos.

Daemon dissolveu a imagem, substituindo-a pela sua. Um quarto espaçoso com tapetes macios e felpudos. Uma cama larga, com o dossel feito de gaze e veludo. Lençóis de seda e cobertas fofas. Várias almofadas. A única luz provinha de uma lareira que ardia lentamente e de dezenas de velas perfumadas.

Iludida pelo romance, suspirou e fundiu-se com Daemon.

Ele manteve a imagem, provocando, tentando, enquanto subiam para a Vermelha.

Quando se instalaram entre a seda e as almofadas, Daemon tentou alcançar alguma ligação — ao seu corpo, ao Sacerdote, a qualquer coisa — e sufocou de frustração. Tão perto. Tão perto e não havia nada onde pudesse tocar para terminar com isso — à exceção da energia que Jaenelle tinha formado em volta do cálice para manter os fragmentos juntos.

Acariciando-a e relaxando-a, amando-a e mentindo para ela, manteve-a concentrada no prazer enquanto sugava a energia que formava o revestimento no interior do cálice.

O revestimento se contraiu. Os fragmentos do topo balançaram, mas conseguiram se manter.

Era suficiente.

Tentou alcançar Saetan. Deparou-se com a exaustão e uma fúria de morte.

Investiu primeiro.

* Silêncio, Sacerdote. * Aguardou alguns instantes, extraiu um pouco mais da energia que mantinha o cálice. * Use o que puder para formar uma linha de orientação. E prepare-se para uma luta. Estou levando-a de volta. *

Em seguida, tentou alcançar seu corpo. Ainda estava deitado no Altar, junto a Jaenelle. Fortaleceu a ligação o suficiente para que o corpo imitasse os seus movimentos.

Sorrindo, Daemon rolou devagar para cima de Jaenelle. Com delicadeza, prendeu as mãos dela junto às laterais da cabeça.

Beijou-a, aninhou-se nela à medida que subiam cada vez mais.

Jaenelle roçava-se em Daemon.

* Amante * gemeu.

* Em breve * mentiu. * Em breve. *

Para cima e para cima.

Estava a poucos momentos de voltar ao seu corpo quando Jaenelle arregalou os olhos, sentindo a armadilha à sua volta.

* Não! * gritou.

Com os dentes cerrados, usando toda a sua força, Daemon empurrou os dois de volta para os corpos.

Os gritos de Jaenelle encheram a sala do Altar. O sangue jorrava entre as suas pernas.

— Cure o corpo, Jaenelle! — gritou Daemon, lutando para que ela mantivesse a ligação ao corpo enquanto Jaenelle tentava se libertar dele. *Cure-o!*

O medo de Jaenelle esmagava a mente de Daemon.

* Você mentiu para mim. MENTIU! *

* Teria dito o que quer que fosse, faria qualquer coisa para ter você de volta * rugiu, as unhas cravando-se para segurá-la. * Cure-o. *

* Deixe-me ir deixe-me ir deixe-me ir. *

Os corpos lutaram. Os Eus lutaram. Enquanto se emaranhavam furiosamente, Daemon sentiu Saetan passando a linha de orientação em volta da perna de Jaenelle.

Uma pequena gota do poder que continha poderia despedaçá-lo e libertá-la. Em vez disso, Jaenelle implorou, suplicou.

* Daemon, por favor. Você é meu amigo. *Por favor.* *

Doía ouvi-la suplicar.

* Criança-feiticeira. * A voz de Saetan, rouca e trêmula.

Jaenelle parou de lutar.

* Saetan? *

* Não queremos perdê-la, criança-feiticeira. *

* Não irão me perder. Posso ver todos você na zona enevoadada. *

As palavras de Saetan chegaram devagar, como se cada uma delas o ferisse.

* Não, Jaenelle. Não nos verá na zona enevoadada. Se não curar o seu corpo, Daemon e eu seremos destruídos. *

A respiração de Daemon silvou ao passar entre os dentes. O Sádico não era o único que conseguia tecer uma armadilha mortal.

O pranto de Jaenelle encheu a mente dos dois, encheu os ouvidos de Daemon quando o corpo da criança ecoou o som.

Sentiu uma onda gigante de poder negro subindo rapidamente do abismo, sentiu-a atingindo o

jovem corpo que segurava nos braços, sentiu-a curando a carne dilacerada.

O corpo relaxou, ficou flácido.

Daemon ergueu uma mão trêmula para acariciar os cabelos louros.

— Estou doente — disse Jaenelle, com a voz abafada contra o peito de Daemon.

— Não, querida— corrigiu com doçura. — Está ferida. É diferente. Mas vamos levá-la para um lugar seguro e...

O Santuário estremeceu quando alguém libertou uma Joia escura.

Uma voz masculina zangada converteu-se num berro aterrorizado.

Jaenelle gritou.

Daemon mergulhou no abismo um segundo antes dela, alcançando-a na Vermelha, quando tentava abandonar o corpo.

Sugando o poder do cálice, não a largou.

Os fragmentos oscilaram.

Não, Daemon guinchou Jaenelle. *Não pode. Não pode.* De súbito, tombou contra o peito de Daemon. *Curei o corpo. Ainda está machucado, mas vai ficar bom. Deixe-me ir. Por favor, deixe-me ir. Pode ficar com o corpo. Pode usá-lo.*

Daemon apertou-a contra o peito. Pousou o rosto na cabeleira loura.

Não, querida. Ninguém irá usar o seu corpo a não ser você mesma. Fechou os olhos e apertou-a com força. *Escute, minha Senhora Feiticeira. Menti para você e lamento. Lamento muito. Mas menti porque a amo. Espero que um dia consiga entender.*

Ela encostou-se a ele, sem dizer nada.

Escute disse Daemon suavemente. *Vamos levar o seu corpo daqui. Vamos mantê-lo a salvo. Existe algum ponto de referência na zona enevoada que você consiga encontrar a qualquer momento?*

Cansada, Jaenelle assentiu com a cabeça.

Há uma linha de orientação em volta da sua perna. Tire-a e ate-a a esse ponto de referência. Assim, quando se sentir preparada, indicará a você o caminho de volta. Demorou um instante para verbalizar o que faltava. *Por favor, Jaenelle, por favor, reconstrua o cálice. Procure os fragmentos e junte-os. Volte ao corpo quando o Sacerdote lhe disser que é seguro. Cresça e viva uma vida magnífica. Precisamos de você, Senhora. Volte e viva entre aqueles que a amam, aqueles que a desejaram ardentemente.*

Soltou-a.

Hesitou por um momento antes de saltar para longe dele. Quando estava a alguma distância, virou-se.

Daemon engoliu com dificuldade.

Tente se lembrar de que a amo. E, se conseguir, por favor, me perdoe.

Sentiu que Jaenelle tocava de leve na sua mente, sentiu o seu poder negro reconstruindo o fino revestimento que o mantinha intacto.

Ela fechou os olhos cor de safira.

Ele observou-a mudando de forma.

Quando Jaenelle abriu os olhos, estava à sua frente, e, embora não fosse exatamente uma mulher, já não era uma criança.

Daemon disse, com uma voz que era como uma carícia suave e suspirante.

Em seguida ela mergulhou no abismo, e o coração de Daemon se partiu.

Ele subiu uma última vez e caiu dentro do corpo.

Ouviu vozes masculinas iradas vindo de fora. Ouviu gritos de dor. Ouviu pedras explodindo. Ouviu o chiado de energia contra energia.

Não se mexeu. Não tentou. Deitou a cabeça no peito de Jaenelle e chorou em silêncio, amargamente.

Daemon Saetan roçou a mente de Daemon e recuou. *Daemon, o que você fez?*

Deixei-a ir disse Daemon, chorando. *Disse que você faria contato quando fosse seguro voltar. Indiquei a ela a linha de orientação. Deixei-a ir, Sacerdote. Doces Trevas, deixei-a ir.*

O que fez consigo mesmo?

*Estilhacei o cálice. Menti para ela. Seduzi-a para que confiasse em mim e *menti para ela*.*

Um toque breve, delicado e hesitante.

Ela irá entender, xará. Com o tempo, irá entender. Saetan desvaneceu, depois voltou. *Não consigo manter a ligação por mais tempo. Cassandra vai abrir o portão e levá-lo...*

Saetan desapareceu.

Daemon limpou o rosto na manga. Mais um pouco. Tinha de se aguentar mais um pouco. Mas sentia-se tão vazio, tão incrivelmente sozinho.

Os sons de luta aproximaram-se. Cada vez mais perto.

Cassandra entrou de rompante na sala.

— Não temos mais tempo.

Daemon deslizou do Altar e sucumbiu.

Ignorando-o, Cassandra correu para o Altar e passou a mão sobre a cabeça de Jaenelle.

— Não a trouxe de volta.

A raiva de Cassandra rompia o frágil revestimento de energia que mantinha o cálice, criando pontos fracos.

— O corpo está convalescendo — disse Daemon com a voz rouca. — Se o mantiver seguro, irá sarar. E...

Cassandra fez um gesto brusco e altivo.

Daemon retraiu-se. A sala do Altar saiu de foco. Os sons tornaram-se abafados. Debateu-se para conseguir focar. Debateu-se para pôr-se de pé.

Quando, por fim, conseguiu se apoiar no Altar, o lençol ensanguentado estava no chão, Jaenelle, embrulhada num cobertor limpo, as velas negras, acesas e a parede atrás do Altar havia se transformado numa névoa.

— De quanto tempo precisa? — perguntou Daemon.

Cassandra segurou Jaenelle nos braços, com cuidado, e olhou de relance para a névoa.

— Não vai atravessar o Portão?

Queria ir com elas. Doces Trevas, como precisava ir com elas. Mas Surreal continuaria lutando até receber um sinal de Daemon ou seria destruída.

E havia Lucivar.

Daemon balançou a cabeça.

— Vá — murmurou, com lágrimas nos olhos. — Vá.

— Conte até dez — disse Cassandra. — Depois destrua as velas. Não conseguirão abrir o

Portão sem elas. — Segurando Jaenelle firmemente, entrou na névoa e desapareceu.

Uma voz masculina gritou:

— Estou vendo uma luz!

Surreal entrou precipitadamente na sala do Altar.

— Criei alguns escudos para atrasá-los, mas, a menos algo que alguma coisa destrua este local, eles não desistirão.

... quatro, cinco, seis...

O Santuário balançou com a detonação da energia combinada de várias Joias contra um dos escudos.

— Sadi, onde...

Outra detonação de energia.

— Maldição — silvou Surreal, desembainhando a faca.

As vozes encolerizadas se aproximaram.

... oito, nove, dez.

Daemon tentou fazer as velas negras desaparecerem. Nem esse poder lhe restava.

— Faça as velas desaparecerem, Surreal. Depressa.

Surreal fez desaparecer as velas, agarrou Daemon pelo pulso e arrastou-o pela parede de pedra no momento em que os tios de Briarwood alcançaram o portão de ferro batido da sala do Altar.

Não estava preparado para uma longa passagem por paredes de pedra, e as tentativas de Surreal para protegê-lo não foram suficientes. Quando, por fim, saíram pela parede exterior, as roupas de Daemon estavam em farrapos e grande parte da sua pele tinha sido esfolada e estava agora em carne viva.

— Merda, Sadi — xingou Surreal, segurando-o quando as pernas cederam. Usando a Arte para mantê-lo direito, examinou seu rosto. — Ela está segura?

Segura? Precisava desesperadamente acreditar que estava segura, que iria voltar.

Começou a chorar.

Surreal abraçou-o.

— Anda, Daemon. Vou levá-lo para a casa de Deje. Jamais se lembrarão de procurar você numa casa da Lua Vermelha de Chaillot.

Antes que Daemon tivesse oportunidade de dizer o que quer que fosse, Surreal entrou na Teia Verde, levando-o com ela, primeiro na direção de Pruul, depois dando meia-volta por outras Teias e, finalmente, dirigindo-se a Chaillot e à casa da Lua Vermelha de Deje.

Daemon agarrou-se bem a Surreal enquanto ela voava pelos Ventos, enfraquecido demais para discutir, extenuado demais para se importar. Contudo, o seu coração... O seu coração agarrou-se ferozmente à carícia suave e suspirante de Jaenelle ao pronunciar o seu nome.

Tudo tem um preço.

TRECHODE

A HERDEIRADA SOMBRA

LIVRO DOIS DA TRILOGIA DAS JOIAS NEGRAS

CAPÍTULO UM

1 / Terreille

Cercado por guardas, o mestiço Lucivar Yaslana, Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra, dirigiu-se ao pátio, convicto de que iria ouvir a ordem para a sua execução. Não havia qualquer outro motivo para que um escravo das minas de sal fosse trazido a este lugar, e Zuultah, a Rainha de Pruul, tinha fortes razões para querer vê-lo morto. Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Askavi, desejava mantê-lo vivo, na esperança de que ainda conseguisse transformá-lo num reprodutor. Mas não era Prythian quem estava no pátio ao lado de Zuultah.

Era Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll.

Lucivar abriu as asas negras e membranosas em toda a sua envergadura, aproveitando a brisa do deserto para secá-las.

A Senhora Zuultah olhou de relance para o Mestre da Guarda. Logo em seguida, o chicote deste assobiava pelo ar, penetrando profundamente nas costas de Lucivar.

Lucivar silvou por entre os dentes cerrados e fechou as asas.

— Qualquer outro ato de provocação irá lhe custar cinquenta chicotadas — disse Zuultah rispidamente e, em seguida, virou-se para conferenciar com Dorothea SaDiablo.

Qual seria o jogo?, perguntou-se Lucivar. O que teria feito Dorothea deixar seu covil em Hayll? E quem seria o irritado Príncipe de Joia Verde que estava afastado das mulheres, segurando nas mãos um quadrado de tecido dobrado?

Enviando cautelosamente uma sonda psíquica, Lucivar detectou todos os odores emocionais. Em Zuultah havia excitação e a maldade subjacente de hábito. De Dorothea emanava uma sensação de premência e medo. Sob a raiva do Príncipe desconhecido existia sofrimento e culpa.

O medo de Dorothea era o mais interessante, uma vez que significava que Daemon Sadi ainda

não tinha sido recapturado.

Um sorriso cruel e satisfeito torceu os lábios de Lucivar.

Reparando no sorriso, o Príncipe de Joia Verde ficou agressivo.

— Estamos perdendo tempo — disse bruscamente, dando um passo na direção de Lucivar.

Dorothea girou sobre os calcanhares.

— Príncipe Alexander, estes assuntos têm que ser tr...

Philip Alexander desdobrou o pedaço de tecido, segurando-o em duas pontas enquanto abria os braços.

Lucivar olhou com espanto para o lençol manchado. Tanto sangue. Sangue demais. O sangue era o rio que corria — e o fio psíquico. Se enviasse uma sonda psíquica e tocasse aquela mancha...

Bem fundo dentro de si, algo se aquietou e se tornou frágil.

Lucivar se forçou a retribuir o olhar fixo e hostil de Philip Alexander.

— Há uma semana, Daemon Sadi raptou minha sobrinha de doze anos e a levou para o Altar de Cassandra, onde a violou e esquartejou. — Philip moveu os pulsos, fazendo com que o lençol ondulasse.

Lucivar engoliu com dificuldade, tentando manter o conteúdo do estômago no devido lugar. Balançou a cabeça lentamente.

— Não poderia ter feito isso — disse, mais para si próprio do que para Philip. — Não é capaz... Nunca foi capaz de desempenhar nessa área.

— Talvez antes não houvesse sangue suficiente — retrucou Philip. — Este sangue é de Jaenelle e Sadi foi reconhecido pelos Senhores da Guerra que tentaram socorrê-la.

Lucivar se virou relutantemente para Dorothea.

— Tem certeza?

— Fui informada — infelizmente, tarde demais — de que Sadi tinha desenvolvido um interesse anormal pela criança. — Dorothea encolheu os ombros ligeiramente e com elegância. — Talvez tenha ficado ofendido quando ela tentou se esquivar. Você sabe tão bem quanto eu do que é capaz quando está enfurecido.

— Encontraram o corpo?

Dorothea hesitou.

— Não. Isto foi tudo que os Senhores da Guerra encontraram — apontou para o lençol. — Mas não precisa acreditar em mim. Vamos ver se tem estômago para aguentar o que aquele sangue guarda.

Lucivar respirou fundo. A vadia estava mentindo. *Sem dúvida* estava mentindo. Porque, doces Trevas, se não estivesse...

Tinham oferecido a liberdade a Daemon em troca do assassinato de Jaenelle. Ele recusara a oferta — ou foi o que disse. E se *não* tivesse recusado?

Logo depois de abrir a mente e tocar no lençol manchado de sangue, Lucivar caiu de joelhos e vomitou o parco café da manhã que havia tomado uma hora antes. Tremia, ao mesmo tempo que algo no seu mais profundo interior se partia.

Maldito Sadi. Maldita seja a alma do bastardo nas entranhas do Inferno. Era uma *criança*! O que poderia ter feito para merecer tal coisa? Era a Feiticeira, o mito vivo. Era a Rainha a quem tinham sonhado servir. Era a sua Gatinha assanhada. *Maldito seja, Sadi!*

Os guardas levantaram Lucivar.

— Onde está ele? — questionou Philip Alexander.

Lucivar fechou os olhos dourados para não ter que olhar para o lençol. Nunca se sentira tão abatido, tão exausto. Nem quando era um rapaz mestiço nos campos de caça eyrienos, nem nas intermináveis cortes onde, desde então, tinha servido ao longo dos séculos, nem mesmo aqui em Pruul, como um dos escravos de Zuultah.

— Onde está ele? — Philip voltou a perguntar.

Lucivar abriu os olhos.

— Em nome do Inferno, como é que eu vou saber?

— Quando os Senhores da Guerra perderam seu rasto, Sadi estava vindo para sudeste... em direção a Pruul. Sabe-se que...

— Ele não viria aqui. — Aquilo que se partira no seu mais profundo interior começou a se inflamar. — Não se atreveria.

Dorothea SaDiablo se dirigiu a Lucivar.

— Por que não? Vocês ajudaram um ao outro no passado. Não há qualquer razão...

— Existe uma razão — disse Lucivar ferozmente. — Se eu vir aquele bastardo insensível de novo vou lhe arrancar o coração!

Dorothea recuou, abalada. Zuultah observava-o, circunspecto.

Philip Alexander baixou os braços devagar.

— Foi declarado potencialmente perigoso. Sua cabeça está a prêmio. Quando for encontrado...

— Receberá o devido castigo — interrompeu Dorothea.

— Será executado! — respondeu Philip acaloradamente.

Seguiu-se um momento de silêncio pesado.

— Príncipe Alexander — ronronou Dorothea —, até os habitantes de Chaillot deveriam saber que, entre os Sangue, não existe qualquer lei que proíba o homicídio. Se você não teve bom senso suficiente para evitar que uma criança emocionalmente perturbada brincasse com um Príncipe dos Senhores da Guerra da índole de Sadi... — Encolheu os ombros delicadamente. — Bem, talvez a criança tenha tido o que merecia.

Philip empalideceu.

— Ela era uma boa menina — disse, mas a voz estremeceu com uma insinuação de dúvida.

— Sim — ronronou Dorothea. — Uma boa menina. Tão boa que a família de tempos em tempos a mandava para longe, para ser... reeducada.

Criança emocionalmente perturbada. As palavras eram um fole que aticava o fogo em Lucivar, transformando-o em raiva gélida. Criança emocionalmente perturbada. *Fique longe de mim, Bastardo. É melhor ficar longe de mim, pois, se tiver oportunidade, corto você em pedacinhos.*

Em certo momento, Zuultah, Dorothea e Philip retiraram-se a fim de prosseguir a discussão nos recessos mais frescos da casa de Zuultah. Lucivar não reparou. Quase nem se deu conta de estar sendo levado para as minas de sal, mal notou a picareta nas mãos, quase nem sentiu a dor quando o suor escorreu para a nova ferida de chicote nas costas.

Tudo o que via era o lençol manchado de sangue.

Lucivar bateu com a picareta.

Mentiroso.

Não via a parede nem o sal. Via o peito moreno e dourado de Daemon, via o coração a bater sob a pele.

Melífluo... educado na corte... *mentiroso!*

2 / Inferno

Andulvar se sentou de lado num canto da grande mesa de madeira escura.

Saetan levantou os olhos da carta que estava escrevendo.

— Achei que ia voltar para o seu ninho na colina.

— Mudei de ideia. — O olhar de Andulvar vagueou pelo escritório particular, detendo-se, por fim, no retrato de Cassandra, a Rainha de Joia Negra que caminhara nos Reinos há mais de 50 mil anos. Cinco anos antes, Saetan tinha descoberto que Cassandra forjara a derradeira morte e que tinha se tornado uma Guardiã a fim de aguardar a próxima Feiticeira.

E vejam só o que tinha acontecido à próxima Feiticeira, pensou Andulvar desanimado. Jaenelle Angelline era uma criança poderosa e extraordinária, mas, ainda assim, tão vulnerável como qualquer outra. Todo aquele poder não tinha impedido que fosse esmagada por segredos de família sobre os quais Andulvar e Saetan podiam apenas conjecturar, assim como pelas maquinacões maldosas de Dorothea e de Hekatah com o objetivo de eliminar a única rival que poderia pôr fim ao jugo que exerciam no Reino de Terreille. Ele não tinha dúvida de que eram elas que estavam por trás da brutalidade que havia levado o espírito de Jaenelle a abandonar o seu corpo.

Tarde demais para evitar a violação, uma amiga conseguiu resgatar Jaenelle de seus aniquiladores e levou-a para o Altar de Cassandra. Foi aí que Daemon Sadi, auxiliado por Saetan, conseguiu fazer com que a menina saísse do abismo psíquico por tempo suficiente para curar os próprios ferimentos físicos. Contudo, quando os Senhores da Guerra de Chaillot chegaram para “resgatá-la”, ela entrou em pânico e fugiu novamente para o abismo.

Seu corpo se recuperava lentamente, mas só as Trevas sabiam onde se encontrava o seu espírito — ou se jamais regressaria.

Afastando tais pensamentos, Andulvar olhou para Saetan, respirou fundo e expirou devagar.

— É a sua carta de demissão do Conselho das Trevas?

— Já devia ter feito isso há muito.

— Você sempre insistiu que era bom ter alguns demônios-mortos ao serviço do Conselho, porque eles possuíam experiência mas nenhum interesse pessoal nas decisões.

— Bem, o meu interesse nas decisões do Conselho é bastante pessoal agora, não é? — Depois de assinar o nome com o floreado habitual, Saetan pôs a carta num envelope e selou-o com cera preta. — Pode entregar a carta para mim?

Andulvar recebeu o envelope com relutância.

— E se o Conselho das Trevas decidir procurar a família dela?

Saetan se recostou na cadeira.

— O Conselho das Trevas não se reúne em Terreille desde a última guerra entre os Reinos. Não existe qualquer razão para o Conselho de Kaeleer procurar para além do Reino das Sombras.

— Se verificarem os registros de Ebon Askavi, vão descobrir que não é oriunda de Kaeleer.

— Sendo o bibliotecário da Fortaleza, Geoffrey já concordou em não encontrar qualquer entrada de grande utilidade que possa levar a Chaillot. Além do mais, Jaenelle nunca foi registrada; o que não vai acontecer até que exista uma razão para isso.

— Você vai ficar na Fortaleza?

— Sim.

— Por quanto tempo?

Saetan hesitou.

— O tempo que for preciso. — Ao ver que Andulvar não tomava a iniciativa de sair, perguntou: — Mais alguma coisa?

Andulvar fixou os olhos na elegante caligrafia masculina na parte da frente do envelope.

— Há um demônio lá em cima na recepção que solicitou uma audiência com você. Diz que é importante.

Saetan desviou a cadeira da escrivaninha e alcançou a bengala.

— Todos dizem isso — quando têm coragem suficiente para vir aqui. Quem é ele?

— Nunca o vi antes — disse Andulvar. Em seguida, acrescentou com relutância: — É novo no Reino das Trevas e é de Hayll.

Saetan claudicou em volta da mesa.

— O que quer comigo então? Há setecentos anos que não tenho nada a ver com Hayll.

— Ele não quis revelar a razão da visita. — Andulvar fez uma pausa. — Não gosto dele.

— É claro — retrucou Saetan com frieza. — É haylliano.

Andulvar balançou a cabeça.

— É mais do que isso. Parece estar apodrecendo.

Saetan ficou imóvel.

— Nesse caso, vamos lá falar com o nosso Irmão haylliano — disse, com uma docilidade maldosa.

Andulvar não conseguiu reprimir o arrepio que o percorreu de alto a baixo. Felizmente, Saetan já estava a caminho da porta e não reparou. Eram amigos há milhares de anos, tinham servido juntos, rido juntos, sofrido juntos. Andulvar não queria ofendê-lo, pois, às vezes, até mesmo um amigo receava o Senhor Supremo do Inferno.

Porém, quando Saetan abriu a porta e olhou para ele, Andulvar vislumbrou nos seus olhos o faiscar de raiva em reconhecimento do arrepio. E o Senhor Supremo saiu do gabinete ao encontro do tolo que o aguardava.

O Senhor da Guerra haylliano, demônio-morto há pouco tempo, estava em pé no centro da sala de recepção, com as mãos atrás das costas. Estava todo vestido de preto, incluindo um lenço de seda preta enrolado em volta do pescoço.

— Senhor Supremo — disse, curvando-se respeitosamente.

— Não conhece sequer as reverências mais básicas ao se aproximar de um Senhor da Guerra desconhecido? — perguntou Saetan com toda a calma.

— Senhor Supremo? — balbuciou o homem.

— Um homem não oculta as mãos, a menos que esconda uma arma — disse Andulvar ao entrar na sala. Então abriu as asas negras, bloqueando a porta por completo.

Como um relâmpago, a fúria surgiu no rosto do Senhor da Guerra para logo desaparecer. Ele estendeu os braços à sua frente.

— As minhas mãos não têm grande utilidade.

Saetan olhou de relance para as mãos cobertas por luvas pretas. A direita estava transformada numa garra distorcida. Na esquerda, faltava um dedo.

— Como se chama?

O Senhor da Guerra hesitou por um momento demasiado longo.

— Greer, Senhor Supremo.

Até mesmo o nome do homem conspurcava o ar de alguma forma. Não, não era apenas o homem, embora o fedor de carne em decomposição só fosse desaparecer dentro de algumas semanas. Havia outra coisa. O olhar de Saetan foi atraído para o lenço de seda preta. Suas narinas se dilataram ao sentir o odor do qual se recordava com demasiada clareza. Pois bem. Hekatah ainda apreciava aquele perfume.

S O B R E A A U T O R A



Anne Bishop mora no norte do estado de Nova York, onde gosta de passar o tempo ouvindo música, fazendo jardinagem e escrevendo. É autora de 17 livros, entre eles a premiada *Trilogia das Joias Negras*. Seu romance mais recente, *Twilight's Dawn*, entrou na lista de mais vendidos do *The New York Times*. Bishop está escrevendo uma nova série sobre a qual adianta apenas tratar-se de uma história urbana fantástica e sombria, com grandes reviravoltas.

Para mais informações consulte:



www.sdebrasil.com.br



[/editora.sde.brasil](https://www.facebook.com/editora.sde.brasil)



[@SdE_Brasil](https://twitter.com/SdE_Brasil)



[/SdE_Brasil](https://www.instagram.com/SdE_Brasil)



1. Mago – Aprendiz – Livro Um
Raymond E. Feist

2. A Corte do Ar
Stephen Hunt

3. Tigana – A Lâmina na Alma –
Livro Um
Guy Gavriel Kay

4. Mago – Mestre – Livro Dois
Raymond E. Feist

5. A Filha do Sangue – Livro Um –
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop

Próximos Títulos

A Espada de Shannara – Livro Um
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks

Tigana – A Voz da Vingança –

Guy Gavriel Kay

REVISTA BANG!

a sua dose diária de fantasia, ficção
científica e horror



Já conhece a revista especializada na
cultura do fantástico, da literatura ao
cinema e HQs, não faltando entrevistas,
ensaios e ficção? Venha descobrir em:

www.revistabang.com

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



www.sdebrasil.com.br



[Facebook: /editora.sde.brasil](https://www.facebook.com/editora.sde.brasil)



[Twitter: @SdE_Brasil](https://twitter.com/SdE_Brasil)



[Instagram: /SdE_Brasil](https://www.instagram.com/SdE_Brasil)

SUMÁRIO

[Carta do Editor](#)

[Prefácio](#)

[Dedicatória](#)

[Resumo de Personagens](#)

[Joias](#)

[Hierarquia dos Sangue / Castas](#)

[Prólogo](#)

[Primeira Parte](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Segunda Parte](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Terceira Parte](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Trecho de *A Herdeira das Sombras* – Livro dois](#)

[Sobre a autora](#)

[Ficha da Coleção Bang!](#)